

VENHA DESCOBRIR A OBRA-PRIMA DA FANTASIA ÉPICA

MAGO

LIVRO UM

APRENDIZ

Raymond E. Feist



{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by [convertEPub](#)

Uma cabeça do tamanho de uma carroça repousava no chão. Viam-se enormes asas dobradas nas costas, com as pontas caídas tocando o solo. No alto da cabeça havia duas orelhas pontiagudas, separadas por uma crista de aspecto delicado, salpicada de prateado. O focinho comprido trazia um trejeito lupino, exibindo presas do tamanho de espadas. Uma comprida língua bifurcada zurziu no ar por um instante.



manifesto da coleção bang!

*Este é o nosso compromisso com você:
Queremos ser a melhor coleção de
literatura fantástica do Brasil.
Vamos publicar apenas os grandes
livros dos grandes autores.
Todas as obras são válidas, desde que
ignorem as limitações do realismo.
Queremos mexer com a sua cabeça.
Mas um click não basta.
É preciso um Bang!*

mago aprendiz
a saga do mago / livro um
raymond e. feist

Tradução de Cristina Correia





SAÍDA DE EMERGÊNCIA

livros para fugir da rotina

TÍTULO: *Mago Aprendiz / nº1 da Coleção Bang!*

AUTOR: *Raymond E. Feist*

EDITOR: *Luís Corte Real*

© 2013 por Saída de Emergência Brasil Editora Ltda.

The Magician © 1982, 1992 Raymond E. Feist. Publicado originalmente em Londres por Voyager, 1997.

TRADUÇÃO: *Cristina Correia*

ADAPTAÇÃO PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO: *Gabriel Oliva Brum e Ana Cristina Rodrigues*

PREPARAÇÃO DE TEXTO: *Bruno Anselmi Matangrano*

COTEJO: *Carol Chiovatto*

REVISÃO: *Tomaz Adour, Marcela Rossi Monteiro, Bruno Anselmi Matangrano, Rhamyra Toledo, Luís Américo Costa e Ana Grillo*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA: *Saída de Emergência*

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: *Martin Deschambault*

PRODUÇÃO DIGITAL: *SBNigri Artes e Textos Ltda.*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F332a

Feist, Raymond E.

Aprendiz: a saga do mago [recurso eletrônico] / Raymond E. Feist
[tradução de Cristina Correia]; Rio de Janeiro: Saída de Emergência, 2013.
recurso digital; il; (Mago; 1)

Tradução de: Magician: apprentice

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-67296-01-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Correia, Cristina. II.

Título. III. Série

13-04965

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil,
por Saída de Emergência Brasil Editora Ltda.
Rua Luiz Câmara, 443
Suplementar: Rua Felizardo Fortes, 420 – Ramos
21031-160 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2538-4100
www.sdebrasil.com.br

CARTA DO EDITOR

“Sei que você vai achar isso estranho mas, para mim, é extremamente excitante não saber o que vai acontecer em seguida.”

— Raymond E. Feist, *Trevas de Sethanon*

Segundo Neil Gaiman, voltar a ler um livro favorito é uma das coisas mais infelizes e absurdas que podemos fazer. Afinal, um livro é como uma arca do tesouro da memória: apenas por pensarmos nele evocamos o lugar onde o lemos, as circunstâncias sob as quais o lemos, a música que estávamos ouvindo, a pessoa que éramos quando o lemos da primeira vez. Eu não podia concordar mais. Regressar a um livro favorito, ainda mais se lido na nossa juventude, é arriscar destruir de forma irremediável uma memória doce e inspiradora.

A primeira vez que li *Mago*, de Raymond E. Feist foi há mais de vinte anos. Na época, tinha acabado de ler *O Senhor dos Anéis*, passava várias horas por semana em animadas sessões de *Dungeons & Dragons* e recordo-me que foi uma leitura épica e absolutamente recompensadora. Para preparar esta edição tive de voltar a lê-lo, mas o fiz com o aviso de Gaiman bem presente na minha mente. Felizmente, *Mago* recebeu-me de braços abertos. Não é tão bom como me recordava, é melhor.

É nossa intenção que a coleção *Bang!* seja a casa da melhor literatura fantástica do Brasil. Como tal, o título que inaugura a coleção tem de ser escolhido com muito critério. Não basta um bom livro de fantasia,

precisamos de um livro realmente especial. Um clássico moderno que supere modas ou tendências do gênero e que tenha conquistado o crítico mais impiedoso de todos: o tempo. *Mago* é esse livro. E duvido que haja melhor porta de entrada para a fantasia épica do que esta obra-prima de Raymond E. Feist.

Se nos primeiros capítulos a juventude das personagens e a descrição do seu dia a dia nos pode fazer pensar que o livro foi escrito para um público adolescente, cedo nos damos conta de que isso é um truque de Feist. O tom juvenil está presente enquanto as personagens são jovens e serve apenas para tornar ainda mais dramáticos os eventos com que o autor cedo nos defronta na narrativa. Com o passar do tempo e o envelhecimento das personagens, nada sobra da inocência das primeiras páginas. E Feist consegue, em algumas passagens, levar o leitor às lágrimas.

Com uma estrutura e linguagem acessível, *Mago* conta-nos as vidas épicas de homens e mulheres fascinantes, heróis orgulhosos, de honra e lealdade inquestionável. Estão presentes elementos da fantasia clássica, como os elfos sábios e graciosos, os anões corajosos e festeiros, dragões de um poder inimaginável, magia complexa, batalhas épicas, vitória, perda, amor e ódio, numa rede extensa e intricada sem pontas soltas.

Mas o ponto forte de qualquer livro, como todos os grandes autores sabem, são as personagens. E Raymond E. Feist consegue a proeza de criar uma infinidade delas que se tornaram ícones da fantasia épica. Pug, Tomas e Arutha jamais serão esquecidos. Sofremos com as decisões difíceis que têm de tomar, rimos com o seu humor inteligente e seguimos ao seu lado na estrada que os leva de uma juventude cheia de sonhos para um destino que abalará, não um, mas dois mundos.

Não é à toa que a BBC escolheu *Mago* como um dos 100 melhores livros de todos os tempos, na companhia exclusiva de nomes incontornáveis do gênero, como Terry Pratchett, Neil Gaiman e, claro, J. R. R. Tolkien, cuja inspiração Feist reconhece no maravilhoso mundo de Midkemia com que nos recebe.

Caros leitores, mais do que uma boa leitura, desejo a todos uma excelente viagem.

Luís Corte Real

*Este livro é dedicado à memória do meu pai, Felix E. Feist,
um mago em todos os sentidos.*

Prefácio à edição revisada

É com alguma hesitação e uma grande dose de ansiedade que um autor encara a tarefa de revisar a edição anterior de uma obra de ficção. Isso é especialmente verdadeiro caso o livro tenha sido sua primeira tentativa, considerada bem-sucedida pela maior parte dos critérios, e que venha sendo reeditado ao longo de uma década.

Mago foi tudo isso e muito mais. No final de 1977, decidi tentar escrever em meio período enquanto trabalhava na Universidade da Califórnia em San Diego. Passaram-se cerca de quinze anos e há catorze sou escritor em tempo integral, com tal sucesso nesse ofício que ultrapassou todos os meus sonhos. *Mago*, o primeiro romance do que viria a ficar conhecido como *A Saga do Mago*, foi um livro que logo ganhou vida própria. Hesito em admitir publicamente, mas a verdade é que parte do sucesso do livro se deve à minha ignorância quanto ao que torna um romance um sucesso comercial. O meu anseio de mergulhar cegamente numa história que abrange dois mundos diferentes, cobrindo doze anos das vidas de várias personagens principais e dezenas de secundárias, quebrando diversas regras de enredo pelo caminho, parece ter encontrado almas gêmeas entre os leitores do mundo inteiro. Depois de uma década à venda, acredito que o que torna o livro cativante tem a ver com o fato de se basear no que era conhecido como “narrativa arrebatadora” (*ripping yarn*). Eu tinha poucas ambições além de criar

uma boa história que contentasse meu senso de encantamento, de aventura e de fantasia. Ao que parece, milhões de leitores — muitos dos quais leram traduções em idiomas que sequer consigo imaginar — também acharam que ela satisfazia o seu gosto por tais narrativas.

Apesar de ser uma primeira tentativa, algumas pressões do mercado surgiram enquanto eu trabalhava na versão final do livro. Independentemente do critério, não há dúvida de que *Mago* é uma obra extensa. Quando a penúltima versão do manuscrito chegou à mesa do meu editor, fui informado de que teria de cortar cerca de cinquenta mil palavras. E assim fiz. Na maioria das vezes, linha a linha, embora também tenha eliminado ou fundido algumas cenas.

Ainda que conseguisse seguir minha vida sabendo que o manuscrito original tal como fora publicado seria a única edição a ser lida, sempre achei que parte do material cortado acrescentava uma determinada sonoridade, diria até mesmo certo contraponto, a elementos fundamentais da narrativa. Relações entre personagens, detalhes adicionais de um mundo estranho, momentos secundários de reflexão e júbilo que atuam para equilibrar os momentos mais frenéticos de conflitos e aventuras, tudo isso estava “quase lá, mas não era exatamente o que eu tinha em mente”.

Seja como for, para celebrar o décimo aniversário da publicação original de *Mago*, tive permissão de regressar a esta obra, reconstruí-la e alterá-la, adicionar e cortar como achasse melhor, para produzir o que é conhecido no mundo editorial como a “Edição Preferida do Autor”. Assim, com a antiga advertência “se não está quebrado, não conserte” soando nos ouvidos, regresso à primeira obra que realizei, quando não tinha pretensões de fazer disso uma profissão, ainda não era um autor de sucesso e, basicamente, não fazia ideia do que estava compondo. Meu desejo é recuperar alguns desses pedaços extirpados, alguns detalhes que pareciam contribuir para o vigor da narrativa, bem como para o valor do livro. O restante do material estava diretamente relacionado aos volumes seguintes, definindo uma parte do ambiente mítico por trás de *A Saga do Mago*. As discussões ligeiramente demoradas sobre sabedoria popular

entre Tully e Kulgan no Capítulo 3, bem como alguns dos pormenores revelados a Pug na Torre das Provas, sem dúvida entram nessa área. Na época, o meu editor não aprovara a ideia de uma sequência, por isso algumas dessas partes foram eliminadas. Restaurá-las poderá parecer uma satisfação pessoal, mas, como eu sentia que esse material pertencia ao livro original, tive de recuperá-lo.

Aos leitores que já descobriram *Mago* e que perguntam se será do seu interesse adquirir esta edição, gostaria de tranquilizá-los dizendo que as alterações não foram profundas. Nenhuma das personagens que morreu está viva, nenhuma batalha perdida foi transformada numa vitória e dois garotos encontram o mesmo destino. Peço que não se sintam forçados a ler este novo volume, pois a memória que possuem do trabalho original é válida, talvez ainda mais do que a minha. Porém, caso desejem regressar ao mundo de Pug e Tomas e voltar a descobrir velhos amigos e aventuras esquecidas, considerem esta edição a oportunidade de ver um pouco mais do que foi visto na última leitura. Ao novo leitor, dou as boas-vindas. Creio que esta obra será do seu agrado.

É com profundo reconhecimento que desejo agradecer a todos, novos leitores e antigos conhecidos, pois sem seu apoio e encorajamento esses dez anos de “narrativas arrebatadoras” não teriam sido possíveis. Se tenho a oportunidade de lhes proporcionar uma parte do prazer que sinto em poder partilhar as minhas aventuras fantásticas com vocês, somos recompensados da mesma forma, pois ao receberem as minhas obras vocês me permitiram conceber muitas outras. Sem vocês, *Silverthorn* [*Espinho de Prata*], *A Darkness at Sethanon* [*Trevas de Sethanon*] e *Faerie Tale* [*Conto de Fadas*] não teriam existido, assim como não haveria uma *Empire Trilogy*. As cartas são lidas, ainda que não as responda — mesmo que às vezes demorem meses para chegar às minhas mãos —, e os comentários simpáticos, quando me apresento publicamente, enriqueceram-me grandemente. Acima de tudo, proporcionaram-me a liberdade de exercer um ofício que começou por “vamos ver se consigo”, enquanto trabalhava nos Residence Halls do John Muir College na UCSD.

Por isso, obrigado. Parece que “consegui”. Com esta obra, espero que concordem que *desta vez* consegui escrevê-la com um pouco mais de elegância, com um pouco mais de cor, valor e sonoridade.

Raymond E. Feist
San Diego, Califórnia,
Agosto de 1991

Clique aqui se preferir visualizar o mapa no site da editora.



LIVRO 1 – APRENDIZ

PUG E TOMAS

“A vontade de um menino é a vontade do vento,

E os pensamentos da juventude

São pensamentos que duram muito tempo.”

— LONGFELLOW, *My Lost Youth* [Minha juventude perdida]

Tempestade

A tempestade cessara. Pug saltava pelas rochas, encontrando pouco apoio para os pés no caminho entre as poças deixadas pela maré baixa. Os seus olhos escuros iam de um lado para outro ao examinar cada poça d'água debaixo da parte externa da falésia, procurando as criaturas espinhosas arrastadas para os bancos de areia pela tempestade que ali havia passado. Os músculos do garoto contraíam-se sob a leve camiseta ao levar o saco com rastejadores de areia e caranguejos apanhados naquele jardim marinho.

O sol da tarde fazia cintilarem as ondas que rebentavam à sua volta, ao mesmo tempo que o cabelo queimado pelo sol esvoaçava ao vento oeste. Pug largou o saco, verificou se estava bem fechado e agachou-se em um trecho de areia limpa. O saco não estava exatamente cheio, mas Pug gostava de ter mais ou menos uma hora para descansar. Megar, o cozinheiro, não o atormentaria pela demora se o saco chegasse praticamente cheio. Repousando encostado em um enorme rochedo, não demorou muito para que Pug cochilasse sob o calor do sol.

Um borrifo fresco e úmido o acordou horas mais tarde. Abriu os olhos, sobressaltado, ciente de que descansara ali tempo demais. A oeste, sobre o mar, sombrias tormentas formavam-se acima do contorno negro

das Seis Irmãs, as pequenas ilhas no horizonte. As nuvens turvas e carregadas traziam a chuva consigo, como um véu sujo de fuligem, e anunciam o tempo de tempestade repentina, como era habitual naquela zona costeira no início do verão. Mais ao sul, as altas falésias da Mágua dos Marinheiros se erguiam para o céu, enquanto as ondas batiam na base do pináculo rochoso. Atrás das ondas, formavam-se cristas alvas, um sinal indubitável de que a tormenta não demoraria a chegar. Pug sabia que corria perigo, uma vez que as tempestades de verão poderiam afogar quem se encontrasse na praia ou, se fossem mais violentas, mesmo quem se encontrasse no terreno baixo mais afastado.

Pegou o saco e rumou para o norte, em direção ao castelo. Enquanto passava entre as poças, sentiu o vento fresco ficar mais frio e úmido. O dia começou a ser interrompido por retalhos de sombras quando as primeiras nuvens taparam o sol e as cores vivas deram lugar a tons acinzentados. À distância, sobre o mar, relâmpagos brilhavam na escuridão das nuvens e o ribombar distante dos trovões sobrepunha-se ao som das ondas.

Pug acelerou o passo ao chegar ao primeiro trecho de praia aberta. A tempestade se aproximava a uma velocidade maior do que julgara possível, trazendo a maré que subia. Quando alcançou outro trecho de poças deixadas pela maré, pouco mais de três metros de areia seca dividiam a beira da água da falésia.

Pug avançou pelos rochedos o mais depressa que conseguiu sem colocar-se em perigo, quase prendendo os pés por duas vezes. Ao chegar ao trecho seguinte, errou o cálculo do salto e caiu de mau jeito. Tombou na areia, agarrado ao tornozelo. Como se estivesse aguardando o incidente, a maré precipitou-se, cobrindo-o momentaneamente. Estendeu a mão sem conseguir ver nada e sentiu a sacola ser levada. Na agitação para tentar agarrá-la, Pug se atirou para a frente e o tornozelo cedeu. Afundou-se, engolindo água. Levantou a cabeça, cuspido e tossindo. Começou a se levantar, mas uma segunda onda, mais alta que a anterior, atingiu-o no peito, derrubando-o. Pug tinha crescido brincando nas ondas e era um nadador experiente, mas a dor no tornozelo e a força

das sucessivas vagas o deixavam à beira do pânico. Debateu-se e emergiu para respirar quando a onda recuou. Nadando desajeitado, dirigiu-se à parte exterior da falésia, pois sabia que lá a água teria poucos centímetros de profundidade.

Ao alcançar a falésia, Pug se apoiou nela, tentando não colocar o peso do corpo sobre o pé machucado. Avançou devagar junto à rocha, enquanto a maré subia um pouco mais a cada onda. Quando chegou aonde conseguiria, por fim, começar a subir, a água já lhe batia pela cintura. Teve de usar todas as suas forças para escalar até o caminho. Ofegante, ficou deitado por um momento, para depois começar a arrastar-se ao longo do caminho, sem querer confiar no teimoso tornozelo para atravessar aquela passagem pedregosa.

As primeiras gotas de chuva começaram a cair. Avançando com dificuldade, ferindo os joelhos e as canelas nas rochas, alcançou o topo coberto de grama da falésia. Exausto, Pug caiu para a frente, ofegando devido ao esforço da escalada. As gotas dispersas deram lugar a uma chuva leve e constante.

Depois de recuperar o fôlego, Pug sentou-se e examinou o tornozelo inchado. Estava sensível ao toque, mas ficou mais tranquilo quando conseguiu movê-lo: não estava quebrado. Teria de mancar todo o caminho de volta, mas diante da ameaça de afogamento na praia atrás dele, sentiu-se relativamente otimista.

Pug chegaria à vila como um coitado, ensopado e com frio. Lá teria de encontrar um lugar para passar a noite, pois os portões de acesso ao castelo já estariam fechados. Com o tornozelo machucado, sequer tentaria subir no muro atrás das cavalariças.

Além disso, se esperasse e entrasse escondido na fortaleza no dia seguinte, somente Megar o repreenderia; mas, se fosse apanhado subindo no muro, Fannon, o Mestre de Armas, ou Algon, o Estribeiro-Mor, certamente lhe dariam muito mais do que uma reprimenda.

Enquanto descansava, a chuva tornou-se insistente, e o céu escureceu à medida que o sol de fim de tarde foi sendo completamente engolido pelas nuvens de tempestade. O alívio momentâneo deu lugar a uma raiva

contra si mesmo por ter perdido o saco de animais rastejadores. O descontentamento duplicou ao pensar na loucura de ter adormecido. Se tivesse ficado acordado, teria feito a viagem de volta sem preocupações, não teria torcido o pé e teria tido tempo para explorar o leito do riacho acima da falésia, em busca dos seixos lisos que tanto gostava de jogar. Agora estava sem seixos e levaria pelo menos uma semana até que pudesse voltar lá. Isso se Megar não enviasse outro garoto no seu lugar, o que era provável, já que regressaria de mãos vazias.

Pug voltou sua atenção para o desconforto de estar sentado na chuva e decidiu que estava na hora de seguir em frente. Levantou-se e testou o tornozelo, que reclamou do tratamento; Pug, porém, achava que dava para aguentar. Mancou pela relva até o local onde tinha deixado seus pertences e pegou a mochila, o cajado e a funda. Deixou escapar um palavrão, que ouvira da boca dos soldados do castelo, ao descobrir a mochila rasgada, e ao perceber que o pão e o queijo haviam desaparecido. Guaxinins, ou talvez lagartos da areia, pensou. Atirou a mochila inutilizada para o lado e pensou na sua pouca sorte.

Respirando fundo, apoiou-se no cajado e começou a atravessar as baixas colinas ondulantes que separavam a falésia da estrada. Havia arvoredos baixos espalhados pela paisagem e Pug lamentou não ter um abrigo melhor por perto, uma vez que nada havia no alto da falésia. Não ficaria mais encharcado arrastando-se até a vila do que se ficasse debaixo de uma árvore.

O vento voltou a soprar e ele sentiu o primeiro arrepião de frio nas costas geladas. Tiritou e apressou o passo tanto quanto conseguiu. As pequenas árvores começaram a dobrar com o vento, e Pug teve a sensação de que uma enorme mão o empurrava. Ao alcançar a estrada, virou para o norte. Ouviu o som arrepiante da grande floresta a leste, o vento assobiando nos ramos dos velhos carvalhos, contribuindo para o seu aspecto detestável. As clareiras sombrias da floresta não seriam mais perigosas do que a estrada do Rei, mas lembranças de lendas de criminosos e outros malfeiteiros, de características pouco humanas, puseram os cabelos da nuca do garoto em pé.

Atravessando a estrada do Rei, Pug conseguiu algum abrigo no pequeno barranco ao longo desta. O vento se intensificou e a chuva feria-lhe os olhos, fazendo escorrer lágrimas pelo rosto já molhado. Foi atingido por uma rajada e caminhou aos tropeços por um instante. A água estava subindo no barranco paralelo à estrada, e ele teve de avançar com cautela para não perder o equilíbrio em poças fundas e inesperadas.

Ao longo de quase uma hora, abriu caminho através da tempestade que ganhava força. A estrada virava para noroeste, fazendo-o ficar praticamente de frente para o vento sibilante. Pug se inclinou na direção do vento, com a camiseta sendo agitada para trás. Engoliu em seco, tentando reprimir o pânico sufocante que crescia dentro dele. Sabia que corria perigo, pois a tempestade estava atingindo uma violência muito além do normal para aquela época do ano. Gigantescos relâmpagos irregulares iluminavam a paisagem sombria, contrastando por breves instantes as árvores e a estrada, branco brilhante e preto opaco. As ofuscantes imagens residuais, preto e branco invertidos, permaneciam vivas durante algum tempo, confundindo-lhe os sentidos. Os enormes estrondos dos trovões acima da sua cabeça pareciam agressões físicas. Naquele momento, o medo da tormenta ultrapassava o medo de supostos salteadores e goblins. Decidiu caminhar entre as árvores na beira da estrada; o vento diminuiria um pouco devido aos troncos dos carvalhos.

Quando a floresta já estava próxima, um estouro o fez parar subitamente. Na escuridão da tempestade, mal conseguiu distinguir a forma de um javali negro da floresta quando este surgiu repentinamente do matagal. O animal saiu dos arbustos aos tropeços, perdeu o equilíbrio e arrastou-se por alguns metros. Pug conseguiu vê-lo nitidamente, enquanto o animal o fitava, balançando a cabeça de um lado para outro. As duas enormes presas pareciam brilhar na luz baça, enquanto delas escorriam gotas de chuva. O medo arregalava-lhe os olhos e as patas raspavam o chão. Os porcos da floresta tinham mau temperamento, na melhor das hipóteses, ainda que normalmente evitassem humanos. O

javali estava em pânico devido ao temporal e Pug sabia que, se o animal atacasse, poderia se ferir seriamente, talvez até morrer.

Imóvel, Pug preparou-se para girar o cajado, embora tivesse esperança de que o porco voltasse para a floresta. O javali ergueu a cabeça, averiguando o cheiro do garoto, levado pelo vento. Os seus olhos cor-de-rosa pareciam refletir, enquanto estremecia, indeciso. Um som fez com que se virasse por um instante na direção das árvores, para depois baixar a cabeça e atacar.

Pug rodopiou seu cajado, fazendo-o descer num golpe que atingiu de lado a cabeça do porco, virando-a. O animal deslizou no solo enlameado, atingindo as pernas do garoto. Pug caiu ao chão quando o javali passou por ele, virando-se para uma nova investida.

De repente, o porco estava prestes a alcançá-lo e Pug já não tinha tempo de se levantar. Jogou o cajado à sua frente na vã tentativa de fazer o animal mudar mais uma vez de direção. O javali esquivou-se e Pug tentou rolar para fugir, mas sentiu um peso cair em cima de seu corpo. Cobriu o rosto com as mãos, mantendo os braços junto ao peito, esperando ser perfurado pelas presas.

Pouco depois, percebeu que o porco estava imóvel. Descobrindo o rosto, viu o animal estendido sobre a parte inferior de suas pernas, com uma flecha de cerca de um metro, com uma pena preta na ponta, fincada no flanco. Pug olhou para a floresta. Um homem, trajando couro marrom, estava junto às árvores, enrolando velozmente um arco longo de soldado com uma cobertura oleada. Assim que a arma valiosa ficou protegida do clima, o homem avançou até o garoto e o animal.

De capa e capuz, seu rosto estava escondido. Ajoelhou-se ao lado de Pug e gritou para se fazer ouvir acima do ruído do vento, enquanto levantava com destreza o javali morto das pernas de Pug:

— Tudo bem, garoto? Ossos quebrados?

— Acho que não — Pug também gritou, concentrando-se no corpo. O flanco direito estava dolorido e as pernas pareciam igualmente machucadas. Com o tornozelo ainda dolorido, ele se sentia maltratado

naquele dia, mas não parecia ter nenhum osso quebrado, nem qualquer dano irreversível.

Grandes mãos musculosas o colocaram de pé.

— Tome — ordenou o homem, passando-lhe o cajado e o arco que trazia. Pug segurou-os, enquanto o desconhecido estripava velozmente o javali com uma enorme faca de caça. Concluiu o trabalho e virou-se para Pug: — Venha, garoto. É melhor passar a noite comigo e com o meu amo. Não é longe, mas é melhor apertarmos o passo. Esta tempestade ainda vai piorar antes de acalmar. Consegue andar?

Dando um passo inseguro, Pug confirmou. Sem uma palavra, o homem colocou o porco no ombro e pegou o arco.

— Ande — disse, virando-se na direção da floresta. Partiu num passo rápido que Pug teve dificuldade em acompanhar.

A floresta pouco abrigava da violência da tempestade, o que impossibilitava qualquer diálogo. Um relâmpago iluminou momentaneamente a cena e Pug viu de relance o rosto do homem. Tentou recordar-se se já havia visto o desconhecido em outra ocasião. Tinha a aparência comum dos caçadores e habitantes que viviam na floresta de Crydee: ombros largos, alto e corpulento. Tinha barba e cabelo escuros e o aspecto grosseiro e desgastado de alguém que passa grande parte do tempo ao ar livre.

Durante um breve devaneio, o garoto imaginou que aquele homem pudesse pertencer a um bando de salteadores escondido no coração da floresta. Mudou de ideia, pois nenhum salteador se preocuparia com um servo do castelo, nitidamente sem nem um tostão.

Recordando-se de que o homem mencionara um amo, Pug desconfiou ser um homem livre, que vivia nas terras de um senhor.

Podia estar ao seu serviço, sem ser um servo. Homens livres de nascimento cediam uma parte da colheita ou algumas cabeças de gado em troca do uso da terra. Pug chegou a essa conclusão, já que nenhum servo teria permissão para andar com um arco, um objeto extremamente valioso — e perigoso. Ainda assim, Pug não se lembrava de nenhuma propriedade desse gênero na floresta. Era um mistério para o garoto, mas

o preço das desventuras do dia afastava rapidamente qualquer tipo de curiosidade.

Após o que pareceram horas, o homem embrenhou-se na mata. Pug quase o perdeu na escuridão, pois o sol se havia posto há algum tempo, levando com ele a tênue luz permitida pela tempestade. Seguiu o homem mais pelo som dos passos e pela consciência da sua presença do que pela visão. Pug sentiu estar num caminho entre árvores, pois os passos não encontravam resistência de arbustos nem de detritos da terra. Olhando de onde estavam momentos antes, o caminho seria difícil de ser encontrado à luz do dia, e impossível à noite, a menos que já fosse conhecido. Pouco depois, chegaram a uma clareira, no meio da qual havia um pequeno chalé. Via-se luz numa única janela e fumaça saía da chaminé. Atravessaram a clareira e Pug ficou intrigado com a relativa calma da tempestade naquele exato ponto da floresta.

Uma vez diante da porta, o homem afastou-se para o lado, dizendo:

— Entre, garoto. Tenho de preparar o porco.

Acenando com a cabeça em silêncio, Pug empurrou a porta e entrou.

— Feche essa porta, garoto! Vai me fazer apanhar um resfriado que será a minha morte.

Pug apressou-se em obedecer, batendo a porta com mais força do que pretendia.

Virou-se, olhando o que estava à sua frente. O interior do chalé era composto por um único cômodo. Em uma das paredes estava a chaminé, com uma lareira espaçosa embaixo. Nela ardia um fogo vivo e reconfortante, lançando um brilho acolhedor. Ao lado, ficava uma mesa, atrás da qual se via uma figura corpulenta de vestes amarelas. A barba e os cabelos grisalhos quase lhe cobriam por completo a cabeça, deixando de fora apenas um par de intensos olhos azuis que tremeluziam à luz da lareira. Um cachimbo comprido surgia da barba, produzindo grandes baforadas de fumaça pálida.

Pug conhecia o homem.

— Mestre Kulgan... — começou, pois o homem era o mago e conselheiro do Duque, um rosto familiar na torre do castelo.

Kulgan concentrou o olhar em Pug para depois proferir com uma voz grave, propensa a profundos sons retumbantes e entonações poderosas:

- Quer dizer então que me conhece?
- Sim, senhor. Do castelo.
- Qual é seu nome, garoto do castelo?
- Pug, Mestre Kulgan.

— Agora me lembro de você. — O mago acenou com a mão distraidamente. — Não me chame de “Mestre”, Pug, ainda que eu seja justamente designado como mestre das minhas artes — disse, com um alegre enrugar ao redor dos olhos. — Tive um nascimento superior ao seu, é verdade, mas a diferença não é grande. Vamos, há um cobertor junto à lareira e você está encharcado. Pendure as suas roupas para que sequem e depois venha sentar-se aqui. — Indicou o banco do outro lado da mesa.

Pug fez como lhe foi ordenado, mantendo um olho no mago o tempo todo. Ele fazia parte da corte do Duque, mas não deixava de ser mago, alvo de desconfiança, geralmente tido em baixa consideração pelo povo. Se a vaca de um fazendeiro paria um monstro ou se as plantações eram atacadas pela praga, os aldeões costumavam atribuir esses acontecimentos a algum mago à espreita nas sombras. Em tempos não muito distantes, provavelmente teriam apedrejado Kulgan de Crydee. A posição de que gozava junto ao Duque valia-lhe a tolerância dos habitantes, mas, na verdade, os medos antigos não desapareciam de um dia para outro.

Depois de pendurar a roupa, Pug sentou-se. Assustou-se ao reparar num par de olhos rubros que o fitavam além da mesa do mago. Uma cabeça coberta de escamas ergueu-se acima do tampo de madeira e examinou o garoto.

Kulgan riu de seu desconforto:

— Ora, rapaz, Fantus não vai comer você. — Ele deixou cair a mão até a cabeça da criatura sentada ao seu lado no banco, e coçou a saliência acima de seus olhos. Ela os fechou e emitiu um suave som arrastado, não muito diferente do ronronar de um gato.

Pug fechou a boca, que tinha se escancarado de surpresa, e perguntou:

— É mesmo um dragão, senhor?

O mago, bem-disposto, deu uma gargalhada sonora.

— Às vezes ele julga que é, garoto. Fantus é um dragonete-de-fogo, um primo do dragão, embora menor. — A criatura abriu um único olho, fixando-o no mago. — Mas de igual coragem — Kulgan acrescentou imediatamente, e o dragonete voltou a fechar o olho. Kulgan falou em voz baixa, num tom de conspiração: — É muito inteligente, por isso tenha cuidado com o que fala. É uma criatura de sensibilidade extremamente apurada.

Pug acenou com a cabeça, confirmado que assim faria.

— Ele consegue cuspir fogo? — perguntou, os olhos arregalados de espanto. Para qualquer garoto de treze anos, mesmo o primo de um dragão era digno de reverência.

— Quando lhe dá vontade, consegue expelir uma ou outra chama, embora seja raro estar com disposição para tanto. Creio que isso se deva à dieta abundante que lhe proporciono. Há anos não tem necessidade de caçar, por isso está um tanto fora de forma. Na verdade, estrago-o desavergonhadamente com mimos.

Pug achou aquela explicação de certa forma tranquilizadora. O fato de o mago gostar tanto daquela criatura, por mais bizarra que fosse, a ponto de estragá-la com mimos, fazia Kulgan parecer mais humano, menos misterioso. Pug examinou Fantus, admirando o modo como as chamas realçavam suas escamas verde-esmeralda, conferindo-lhes tons dourados. Do tamanho aproximado de um pequeno cão de caça, o dragonete possuía um longo e sinuoso pescoço, no alto do qual repousava uma cabeça semelhante à de um jacaré. Tinha as asas dobradas nas costas e duas patas com garras estendidas à sua frente, golpeando o ar sem alvo específico, enquanto Kulgan coçava por detrás das saliências ossudas de seus olhos. A cauda comprida movia-se para trás e para a frente, a poucos centímetros do chão.

A porta abriu-se e o corpulento arqueiro entrou, com o lombo do javali preparado em um espeto. Sem proferir uma só palavra, atravessou o chalé até a lareira e pôs a carne para assar. Fantus ergueu a cabeça, usando o pescoço comprido para espreitar por cima da mesa. Estalando a língua bifurcada, o dragonete saltou para o chão e, de um modo imponente e vagaroso, avançou até a lareira. Escolheu um ponto quente diante do fogo e enroscou-se para cochilar até o jantar.

O homem livre desamarrou a capa, pendurando-a em um cabide junto à porta.

— A tempestade passará antes de o dia raiar, eu acho. — Retornou à lareira e preparou um molho de vinho e ervas aromáticas para a carne. Pug ficou surpreso com a enorme cicatriz que percorria o lado esquerdo do rosto do homem, avermelhada e inflamada à luz do fogo.

Kulgan acenou com o cachimbo em sua direção.

— Conhecendo bem esse carrancudo, estou certo de que não foram devidamente apresentados. Meecham, este é Pug, da torre do Castelo de Crydee. — Meecham fez um ligeiro aceno com a cabeça, e voltou a dar atenção ao lombo que assava.

Pug devolveu o aceno, embora um pouco tarde para que Meecham reparasse.

— Esqueci de agradecer por ter me salvado do javali.

Ao que Meecham replicou:

— Não é preciso agradecer, garoto. Se eu não tivesse assustado o animal, provavelmente ele não teria atacado. — Deixou a lareira e atravessou para outra parte da casa, tirou uma massa marrom de um recipiente coberto por um pano e começou a sová-la.

— Bem, senhor — disse Pug a Kulgan —, foi a flecha dele que matou o porco. Foi uma sorte Meecham estar seguindo o animal.

Kulgan deu uma gargalhada.

— A pobre criatura, que é o convidado mais desejado da noite, foi tão vítima das circunstâncias quanto você.

Pug ficou perplexo.

— Não entendo, senhor.

Kulgan levantou-se e retirou um objeto da última prateleira da estante, colocando-o na mesa, diante do rapaz. Estava coberto por um pano de veludo azul-escuro, Pug soube imediatamente que deveria se tratar de um objeto valioso, visto que estava protegido por um tecido tão caro. Kulgan retirou o veludo, revelando um globo de cristal que refulgia à luz do fogo. Pug emitiu um *ah!*, maravilhado com a beleza do objeto, pois não tinha imperfeições visíveis e era magnífico na simplicidade de sua forma.

Kulgan apontou para a bola de cristal, dizendo:

— Este instrumento foi concebido como um presente por Althafain de Carse, um poderoso artífice de magia, que me julgou digno de tal objeto por ter-lhe prestado um ou dois favores no passado, mas isso pouco importa. Acabei de retornar de uma visita a Mestre Althafain e estava testando esta lembrança. Olhe profundamente para o globo, Pug.

Pug fixou o olhar na bola e tentou seguir o bruxulear das chamas que pareciam brincar nas profundezas da sua estrutura. Os reflexos da sala, multiplicados, fundiam-se e dançavam enquanto o seu olhar tentava se fixar em cada aspecto da esfera. Derivavam e mesclavam-se, tornando-se turvos e obscuros. Um suave brilho branco no centro do orbe substituiu o vermelho das chamas e Pug sentiu o olhar aprisionado pelo calor agradável que emitia. Como o quentinho da cozinha na torre, pensou distraidamente.

De repente, o branco leitoso dentro da esfera esvaiu-se e Pug conseguiu ver uma imagem da cozinha na frente dos seus olhos. Alfan Gordo, o cozinheiro, estava fazendo bolos, lambendo as migalhas doces das pontas dos dedos. Isso desencadeou a fúria de Megar, o mestre cozinheiro, que a descarregou sobre Alfan, pois considerava o gesto um hábito repugnante. Pug riu da cena, à qual tinha assistido diversas vezes, mas logo ela desapareceu. Subitamente, sentiu-se cansado.

Kulgan envolveu o globo de cristal no pano e o guardou.

— Você se comportou bem, garoto — disse, com um ar pensativo. Ficou observando Pug por alguns momentos, como se estivesse ponderando, e depois se sentou. — Não desconfiava de que era capaz de

obter uma imagem tão nítida logo na primeira tentativa, mas você parece ser mais do que aparenta à primeira vista.

— Senhor?

— Deixe estar, Pug. — Depois de uma breve pausa, acrescentou: — Eu estava usando aquele brinquedo pela primeira vez, avaliando até que distância conseguiria enviar a minha visão, quando vi você indo para a estrada. Pela forma como mancava e pelo aspecto maltratado, imaginei que nunca conseguiria chegar até a vila, por isso enviei Meecham para buscá-lo.

Pug pareceu envergonhado com a atenção incomum que lhe era dispensada; seu rosto começou a enrubescer. Disse, com o orgulho que um garoto de treze anos tem de suas próprias capacidades:

— Não precisava ter feito isso, senhor. Eu teria chegado à vila a tempo.

Kulgan sorriu.

— Talvez sim, mas, por outro lado, talvez não. A tempestade está muito rigorosa para a época e perigosa para quem viaja.

Pug ouviu o leve tamborilar da chuva no telhado do chalé. A tempestade parecia ter diminuído e ele duvidava das palavras do mago. Como se tivesse lido o pensamento do garoto, Kulgan disse:

— Não duvide das minhas palavras, rapaz. Esta clareira está protegida por mais do que enormes troncos. Caso ultrapassasse o círculo de carvalhos que marca o limite de minhas terras, sentiria a fúria da tempestade. Meecham, como avalia este vento?

Meecham largou a massa de pão que estava sovando e pensou por um momento.

— Quase tão forte quanto a tormenta que fez seis embarcações encalharem há três anos. — Parou por um instante, como se estivesse reconsiderando o cálculo, e então acenou uma confirmação. — Sim, quase tão grave, ainda que não dure tanto tempo.

Pug voltou três anos na memória, até se lembrar da tempestade que tinha arrastado uma frota mercante de Queg, com destino a Crydee, contra os rochedos da Mágua dos Marinheiros. No auge da tormenta, os

guardas das muralhas do castelo tinham sido forçados a permanecer nas torres, a fim de não serem arrastados pelas rajadas. Se a tempestade fosse dessa gravidade, a magia de Kulgan era impressionante, pois fora do chalé não parecia mais grave do que uma chuva de primavera.

Kulgan recostou-se no banco, entretido em tentar acender o cachimbo apagado. Ao produzir uma enorme baforada de fumaça branca e suave, a atenção de Pug desviou-se para a estante de livros atrás do mago. Os lábios moveram-se em silêncio, enquanto tentava discernir o que estava escrito nas encadernações, sem sucesso.

Kulgan arqueou uma sobrancelha e disse:

— Quer dizer que sabe ler?

Pug assustou-se, alarmado diante da hipótese de ter ofendido o mago, intrometendo-se em seu domínio. Kulgan, pressentindo o desconforto, disse:

— Não faz mal, garoto. Não é crime conhecer as letras.

Pug sentiu o mal-estar atenuar-se.

— Consigo ler um pouco, senhor. Megar, o cozinheiro, ensinou-me a ler os letreiros dos suprimentos reservados à cozinha nos porões. Também sei alguns números.

— E números também — exclamou o mago, afavelmente. — Bem, você é como um pássaro raro. — Voltou-se e retirou da prateleira um tomo, encadernado em couro vermelho-acastanhado. Abriu-o, dando uma olhada de relance na página, depois em outra, até, por fim, encontrar a que satisfazia suas exigências. Virou o livro ao contrário e o colocou na mesa à frente de Pug. Kulgan apontou para uma página decorada por uma magnífica ilustração de serpentes, flores e videiras entrelaçadas num desenho colorido ao redor de uma letra enorme no canto superior esquerdo.

— Leia isto, garoto.

Pug nunca havia visto nada vagamente parecido com aquilo. Tivera aulas com o auxílio de um pergaminho simples e letras escritas a carvão, na caligrafia rude de Megar. Sentou-se, fascinado pelo detalhe do

trabalho, até perceber que o mago o olhava fixamente. Concentrando-se, começou a ler.

— Foi então que chegou um chama... chamamento de... — Ficou olhando a palavra, esbarrando nas combinações complexas que surgiam como novidade. — ... Zacara. — Fez uma pausa, olhando para Kulgan de modo a confirmar se havia pronunciado a palavra corretamente. O mago acenou para que prosseguisse. — Pois o norte ameaçava cair no esquec... esquecimento, não fosse o centro do império def... definhar e tudo se perder. E, ainda que nascidos em Bosania, aqueles soldados continuavam leais ao Grande Kesh, a quem serviam. Assim, por necessidade extrema, pegaram em armas, vestiram armaduras e deixaram Bosania, embarcando rumo ao sul, para salvarem a todos da destruição.

Kulgan interrompeu:

— É o bastante. — E fechou delicadamente a capa do livro. — Você é muito dotado nas letras para um garoto da torre.

— Este livro, senhor, o que é? — perguntou Pug enquanto Kulgan o retirava de suas mãos. — Nunca vi outro igual.

Kulgan o olhou por um instante, deixando-o novamente desconfortável, e logo sorriu, quebrando a tensão. Ao guardar o livro no lugar, disse: — É uma história desta terra, meu rapaz. Foi um presente do abade de um mosteiro ishapiro. É a tradução de um texto keshiano com mais de cem anos.

Pug acenou com a cabeça dizendo:

— Parecia tudo muito estranho. O que conta?

Kulgan voltou a encará-lo como se tentasse ver algo dentro do garoto, dizendo, em seguida:

— Há muito tempo, Pug, todas estas terras, desde o Mar Interminável, passando pela Cordilheira das Torres Cinzentas, até o Mar Amargo, faziam parte do Império do Grande Kesh. Mais longe, a leste, existia um pequeno reino, numa ilhota chamada Rillanon. Cresceu a ponto de engolir os reinos das ilhas vizinhas, tornando-se o Reino das Ilhas. Depois, expandiu-se novamente para o continente e, ainda que continue

a ser o Reino das Ilhas, a maioria de nós o chama, simplesmente, de “o Reino”. Nós, que vivemos em Crydee, fazemos parte do Reino, pois permanecemos dentro das suas fronteiras, ainda que nos encontremos no ponto mais distante da capital de Rillanon. A certa altura, muitos, muitos anos atrás, o Império do Grande Kesh abandonou estas terras, pois estava envolvido em um longo e sangrento conflito com os seus vizinhos do sul, a Confederação Keshiana.

Pug estava arrebatado pela grandiosidade de impérios perdidos e, ainda assim, também esfomeado o bastante para reparar que Meecham colocava vários pãezinhos de massa escura na fornalha da lareira. Voltou a prestar atenção no mago.

— O que era a Confederação Kesh...?

— A Confederação Keshiana — terminou Kulgan por ele — era um grupo de pequenas nações que existiam há séculos como estados tributários do Grande Kesh. Doze anos antes de aquele livro ser escrito, elas uniram-se contra o opressor. Cada uma, por si só, não conseguiria competir com o Grande Kesh, mas unidas provaram estar à altura dele, de tal forma que a guerra acabou por se arrastar ano após ano. O Império se viu obrigado a retirar as legiões das províncias do norte e enviá-las para o sul, deixando o norte vulnerável aos avanços do novo e jovem Reino. Foi o avô do Duque Borric, o filho mais novo do Rei, que levou o exército para oeste, expandindo o Reino Ocidental. Desde então, tudo o que pertenceu anteriormente à antiga província imperial de Bosania, com exceção das Cidades Livres de Natal, é designado como Ducado de Crydee.

Pug pensou um instante, para depois dizer:

— Acho que gostaria de viajar até esse Grande Kesh um dia.

Meecham resfolegou, produzindo um som que se aproximou de uma gargalhada.

— E de que forma viajaria? Como flibusteiro?

Pug sentiu o rosto corar. Os flibusteiros eram homens sem terra, mercenários que combatiam por dinheiro e eram considerados pouco melhores do que os salteadores.

Kulgan prosseguiu:

— Talvez um dia possa fazê-lo, Pug. O caminho é longo e repleto de perigos, mas não seria a primeira vez que uma alma corajosa e sincera conseguiria sobreviver à viagem. Já houve acontecimentos mais estranhos.

A conversa ao redor da mesa desviou-se para tópicos mais comuns, pois o mago estivera mais de um mês no castelo ao sul, em Carse, e queria ouvir as novidades de Crydee. Quando o pão ficou pronto, Meecham serviu-o quente, cortou o lombo de porco e trouxe pratos de queijo e legumes. Pug nunca comera tão bem na vida. Mesmo quando trabalhava na cozinha, a posição de garoto da torre assegurava-lhe parcias refeições. Por duas vezes no decorrer do jantar, Pug reparou que o mago o olhava com um ar pensativo.

Quando a refeição terminou, Meecham levantou-se da mesa e começou a lavar os pratos com areia limpa e água doce, enquanto Kulgan e Pug ficaram sentados conversando. Restava um único pedaço de carne na mesa, que Kulgan atirou para Fantus, deitado diante da lareira. O dragonete abriu um olho para observar o pedaço de carne. Por um instante, pesou a escolha entre o repouso confortável e o naco suculento, até que se deslocou meia dúzia de centímetros, o que lhe permitiu devorar a carne, e voltou a fechar o olho.

Kulgan acendeu o cachimbo e, assim que ficou satisfeito com a fumaça, perguntou:

— Quais são os seus planos para a idade adulta, rapaz?

Pug estava lutando contra o sono, mas a pergunta de Kulgan o despertou. Aproximava-se o momento da Escolha, em que os garotos da vila e do castelo eram selecionados como aprendizes, e Pug entusiasmou-se ao dizer:

— No próximo Solstício de Verão espero ficar a serviço do Duque, sob a orientação do Mestre de Armas Fannon.

Kulgan fitou o hóspede franzino.

— Imaginei que ainda lhe faltava um ano ou dois até se tornar aprendiz, Pug.

Meecham emitiu um som que ficava entre uma gargalhada e um grunhido.

— Não acha que é muito fracote para andar carregando espadas e escudos, garoto?

Pug corou. No castelo, era o menor menino da sua idade.

— Megar, o cozinheiro, disse que devo crescer mais tarde — justificou, num tom muito sutil de desafio. — Ninguém sabe quem eram os meus pais, por isso não sabem o que esperar.

— Quer dizer que é órfão? — perguntou Meecham, erguendo uma sobrancelha, o seu gesto mais expressivo até então.

Pug assentiu.

— Fui deixado com os Sacerdotes de Dala, na abadia da montanha, por uma mulher que disse ter me encontrado na estrada. Eles me trouxeram para o castelo, pois não tinham como cuidar de mim.

— Sim — atestou Kulgan —, recordo-me do dia em que aqueles que veneram o Escudo dos Fracos levaram você para o castelo. Não passava de um bebê que acabava de ter sido desmamado. O fato de ser hoje um homem livre deve-se unicamente à bondade do Duque. Ele julgou que não seria tão grave libertar o filho de um escravo quanto escravizar o filho de um homem livre. Sem provas, teria direito de declará-lo escravo.

Meecham disse, numa voz cautelosa:

— Bom homem, o Duque.

Pug ouvira mais de cem vezes a história das suas origens contada por Magya, na cozinha do castelo. Sentiu-se completamente esgotado, mal conseguindo manter os olhos abertos. Kulgan reparou e chamou a atenção de Meecham. O enorme homem retirou alguns cobertores de uma prateleira e começou a preparar um catre. Quando acabou, Pug já havia adormecido com a cabeça em cima da mesa. As enormes mãos de Meecham ergueram-no delicadamente do banco e o colocaram nos cobertores, cobrindo-o em seguida.

Fantus abriu os olhos e observou o garoto adormecido. Com um bocejo que fez lembrar um lobo, moveu-se rapidamente até Pug, aninhando-se junto do garoto. Adormecido, Pug mudou de posição e

passou um braço por cima do pescoço do dragonete. O animal emitiu um grunhido de aprovação, vindo das profundezas de sua garganta, e voltou a fechar os olhos.

Aprendiz

Afloresta estava calma. A ligeira brisa da tarde agitava os altos carvalhos e reduzia o calor do dia enquanto rumorejava levemente nas folhas. As aves que cantavam em coro rouco ao nascer do dia e ao pôr do sol estavam quase emudecidas àquela hora da manhã. O leve odor acre do mar misturava-se com o perfume adocicado das flores e com a acidez de folhas em decomposição.

Pug e Tomas andavam devagar pelo caminho, com passos sem destino de garotos que não iam a lugar algum e que tinham bastante tempo para chegar lá. Pug arremessou uma pedrinha num alvo imaginário e se virou para o companheiro.

— Não acha que a sua mãe ficou zangada, acha?

Tomas sorriu.

— Não, ela entende como são as coisas. Já acompanhou outros garotos no dia da Escolha. E, para falar a verdade, hoje na cozinha íamos atrapalhar mais do que ajudar.

Pug balançou a cabeça. Tinha derramado um precioso pote de mel ao levá-lo a Alfan, o confeiteiro. Depois, deixou cair um tabuleiro cheio de pães quentes ao tirá-lo do forno.

— Hoje fiz papel de bobo, Tomas.

Tomas deu uma gargalhada. Era um garoto alto, de cabelo alourado e vivos olhos azuis. Sempre com um sorriso no rosto, era estimado na torre, apesar da tendência própria dos garotos para se meter em confusão. Era o melhor amigo de Pug, praticamente um irmão, e, por isso, Pug conseguira ganhar algum respeito dos outros garotos, já que todos eles consideravam Tomas o líder não oficial.

— Não foi pior do que eu. Você não se esqueceu de pendurar a carne no alto — disse Tomas.

Pug sorriu abertamente.

— Seja como for, pelo menos os cães de caça do Duque estão satisfeitos. — Deu uma risadinha que virou uma gargalhada. — Ela está mesmo chateada, não está?

Tomas achou graça do amigo.

— Está furiosa. Ainda assim, os cães só comeram um pedacinho antes de serem enxotados. Além disso, está mais zangada com meu pai. Diz que a Escolha não passa de uma desculpa para que os Artesãos se juntem para fumar cachimbo, beber cerveja e contar histórias o dia todo. Diz que todos já sabem qual é o garoto que irão escolher.

Pug disse:

— Pelo que disseram as outras mulheres, ela não é a única que tem essa opinião. — Sorriu para o amigo. — E é capaz de não estarem enganadas.

O sorriso de Tomas desapareceu.

— Ela não gosta mesmo quando ele não está na cozinha para orientar as coisas. Acho que ela sabe disso e foi por isso que nos expulsou da cozinha da torre pela manhã, para não descontar em nós. Ou em você, pelo menos — acrescentou, com um sorriso de curiosidade. — Tenho certeza de que você é o preferido dela.

O sorriso rasgado de Pug reapareceu, e ele voltou a dar uma gargalhada.

— Bem, é verdade que não me meto em tantas confusões.

Com um soco amigável no braço, Tomas lhe disse:

— Quer dizer que não é apanhado muitas vezes.

Pug tirou a funda que trazia guardada dentro da camisa.

— Se voltássemos com umas perdizes ou codornas, talvez ela recuperasse um pouco do bom humor.

Tomas sorriu.

— Pode ser — concordou, pegando a sua própria funda. Ambos eram excelentes atiradores, sendo que Tomas era o campeão incontestável entre os garotos, ultrapassando Pug por pouco. Não era provável que algum deles conseguisse derrubar uma ave em pleno voo, mas caso encontrassem uma pousada, tinham boas chances de acertar. Além disso, estariam ocupados enquanto as horas passavam e talvez esquecessem a Escolha.

Avançaram, adotando uma atitude furtiva exagerada e assumindo o papel de caçadores. Tomas tomou a dianteira quando saíram do caminho na direção do lago, que sabiam estar a curta distância. Era improvável que avistassem caça àquela hora do dia, a menos que esbarrassem nela; contudo, caso encontrassem algo, seria certamente junto à água. Os bosques a nordeste do povoado de Crydee eram menos sinistros do que a grande floresta ao sul. Muitos anos de exploração de árvores para obter madeira tinham providenciado aos caminhos verdejantes clareiras banhadas pelo sol que não existiam nas profundezas da floresta ao sul. Ao longo dos anos, os garotos da torre sempre haviam brincado ali. Com um pouco de imaginação, os bosques transformavam-se em um lugar espantoso, um mundo verde de nobres aventuras. Dizia-se que algumas das maiores façanhas tinham ocorrido ali. Fugas audaciosas, perseguições terríveis e batalhas renhidamente disputadas, testemunhadas pelas árvores mudas enquanto os garotos extravasavam os sonhos juvenis de chegada à idade adulta. Criaturas abomináveis, monstros poderosos e cruéis fora da lei, todos eram combatidos e subjugados, frequentemente acompanhados da morte de um grande herói, proferindo as apropriadas palavras derradeiras aos companheiros de luto, tudo conseguido a tempo de voltarem à torre para jantar.

Tomas chegou a uma pequena elevação de onde era possível vigiar o lago, encoberto por faias em crescimento, e afastou alguns arbustos para que pudessem ficar de tocaia. Parou, fez um ar admirado e disse em voz baixa:

— Pug, veja!

Parado à beira d'água estava um veado, cabeça erguida, procurando a origem do que o havia perturbado enquanto bebia. Era um animal velho, com os pelos em volta do focinho quase todos esbranquiçados e ostentando magníficos chifres.

Pug contou depressa:

— Tem catorze pontas.

Tomas acenou com a cabeça, concordando.

— Deve ser o macho mais velho da floresta. — O veado olhou na direção dos garotos, mexendo uma orelha de modo nervoso. Não moveram um dedo, receosos de espantar a admirável criatura. Durante um longo e silencioso minuto, o veado examinou a elevação, com as narinas bufando, e acabou abaixando a cabeça até a água, bebendo-a.

Tomas apertou o ombro de Pug, inclinando a cabeça para o lado. Pug seguiu o movimento do amigo e viu uma silhueta entrando furtivamente na clareira. Era um homem alto, trajando couro tingido de verde da floresta. Trazia um arco nas costas e, no cinto, uma faca de caçador. Não estava com o capuz erguido e dirigia-se ao veado com um passo firme e regular.

— É o Martin — disse Tomas.

Pug também reconheceu o Mestre de Caça do Duque. Órfão, tal como Pug, fora apelidado de Martin do Arco pelos habitantes do castelo, pois poucos igualavam-se a ele no manejo da arma. Envolto em mistério, Martin do Arco não deixava de ser estimado pelos garotos, pois ainda que se mostrasse distante em relação aos adultos do castelo, era sempre amigável e acessível com os mais jovens. Sendo Mestre de Caça, era também o Guarda-caça do Duque. Os deveres afastavam-no do castelo vários dias a fio, às vezes semanas seguidas, uma vez que mantinha os seus batedores ocupados à procura de sinais de caça clandestina,

possíveis riscos de incêndios, goblins migratórios ou fora da lei acampados nos bosques. No entanto, quando permanecia no castelo e não tinha de organizar uma caçada para o Duque, tinha sempre tempo para os garotos. Os seus olhos escuros alegravam-se quando o bombardeavam com questões a respeito do seu conhecimento sobre os bosques ou quando lhe pediam que contasse lendas das terras perto da fronteira de Crydee. Parecia possuir uma paciência interminável, o que o diferenciava de grande parte dos Artesãos do povoado e do castelo.

Martin aproximou-se do veado, estendeu a mão devagar e tocou-lhe o pescoço. A enorme cabeça subiu e o veado encostou o focinho no braço de Martin. Em voz baixa, Martin disse:

— Se saírem daí devagar, sem falar, pode ser que ele deixe que se aproximem.

Pug e Tomas trocaram olhares de espanto, saindo depois para a clareira. Avançaram devagar, seguindo a beira do lago, enquanto o veado seguia os movimentos dos garotos com a cabeça, estremecendo levemente. Martin afagava-o de modo tranquilizador e o animal se acalmou. Tomas e Pug colocaram-se ao lado do caçador, que disse:

— Podem tocá-lo, mas sem movimentos bruscos para não o assustarem.

Tomas foi o primeiro a estender a mão e o veado estremeceu sob os dedos do garoto. Pug também se aproximou e o veado deu um passo para trás. Martin falou a meia-voz em uma língua que Pug jamais tinha ouvido e o animal ficou imóvel. Pug tocou-o e ficou maravilhado com a sensação da pelagem — assemelhava-se muito às peles curtidas que já havia tocado, ainda que fosse diferente devido à sensação da vida que pulsava debaixo das pontas dos seus dedos.

De repente, o veado recuou e virou-se. Com um único salto, desapareceu entre as árvores. Martin do Arco soltou um riso abafado e disse:

— É melhor assim. Não é aconselhável que se habitue muito à presença dos homens. Aqueles chifres rapidamente acabariam enfeitando a lareira de um caçador furtivo.

— Ele é lindo, Martin — sussurrou Tomas.

Martin concordou com um aceno, mantendo o olhar preso no ponto onde o veado desaparecera no bosque.

— Ele é, Tomas.

— Achei que caçava veados, Martin. Como... — disse Pug.

— O velho Barba Branca e eu temos uma espécie de acordo, Pug — disse Martin. — Caço apenas veados sem fêmeas ou fêmeas que já não tenham idade para parir. No dia em que o Barba Branca perder o harém para um macho jovem, poderei abatê-lo. Por ora, cada um deixa o outro seguir o seu caminho. Chegará o dia em que o terei sob a mira de minha flecha. — Sorriu para os garotos. — Só então saberei se a atirarei ou não. Talvez sim, talvez não. — Ficou calado por algum tempo, como se a perspectiva de ver Barba Branca envelhecer o entristecesse, até que, enquanto uma leve brisa fustigava os ramos, quis saber:

— Agora, o que traz dois destemidos caçadores aos bosques do Duque a esta hora da manhã? Devem faltar mil preparativos para o festival do Solstício de Verão logo à tarde.

— A minha mãe colocou-nos para fora da cozinha — respondeu Tomas. — Estávamos dando mais trabalho do que ajudando. Como hoje é o dia da Escolha... — A voz sumiu e o garoto sentiu-se subitamente envergonhado. Em grande parte, a misteriosa reputação de Martin provinha do momento da sua chegada a Crydee. No momento da Escolha, tinha sido colocado pelo Duque diretamente como aprendiz do velho Mestre de Caça, sem apresentar-se perante os Artesãos reunidos, como os outros garotos de sua idade. Essa violação de uma das mais antigas tradições ofendera muita gente no povoado, embora ninguém se atrevesse a expressar tais sentimentos a Lorde Borric. Como era de se esperar, Martin tornou-se então o alvo da ira. Ao longo dos anos, Martin justificou plenamente a decisão de Lorde Borric; ainda assim, a maioria das pessoas permaneceu perturbada por ele ter recebido um tratamento especial do Duque naquele dia. Passados doze anos, alguns ainda consideravam Martin do Arco diferente e, como tal, merecedor de desconfiança.

— Desculpe, Martin — disse Tomas.

Martin fez um aceno com a cabeça, aceitando as desculpas, mas não sem um pouco de humor:

— Eu entendo, Tomas. Posso não ter sido obrigado a passar pela incerteza que o aflige, mas vi muitos meninos aguardando o dia da Escolha. E, durante quatro anos, estive junto aos outros Mestres, então comprehendo um pouco a sua preocupação.

Ocorreu algo a Pug, que deixou escapar:

— Mas você não está com os outros Artesãos.

Martin sacudiu a cabeça, uma expressão pesarosa nas feições uniformes.

— Pensei que, por causa da sua preocupação, não conseguiria perceber o óbvio. Mas você é muito perspicaz, Pug.

Por alguns instantes, Tomas não entendeu do que falavam, até que, repentinamente, comprehendeu.

— Então não poderá escolher aprendizes!

Martin levou um dedo aos lábios.

— Nem um pio, garoto. Não, tendo escolhido o jovem Garret no ano passado, a minha companhia de batedores está completa.

Tomas ficou desiludido. Mais do que tudo, desejava ficar a serviço de Fannon, o Mestre de Armas, mas caso não fosse escolhido como soldado, preferiria a vida de guarda-caça a serviço de Martin. Via agora a segunda escolha lhe ser negada. Após um momento de pensamentos tristes, animou-se: talvez Martin não o tivesse escolhido por Fannon já tê-lo feito.

Vendo o amigo entrar em um ciclo de exaltação e depressão ao considerar todas as possibilidades, Pug disse:

— Faz quase um mês que não vem ao castelo, Martin. — Guardou a funda que ainda tinha na mão e perguntou: — Por onde tem andado?

Martin olhou para Pug, que se arrependeu imediatamente de ter feito a pergunta. Por mais amigável que fosse, Martin não deixava de ser o Mestre de Caça, membro da casa senhorial, e os garotos da torre não

tinham o hábito de questionar as idas e vindas do pessoal a serviço do Duque.

Martin aliviou o embaraço de Pug com um leve sorriso.

— Estive em Elvandar. A Rainha Aglaranna terminou os vinte anos de luto pela morte do marido, o Rei dos Elfos. As celebrações foram grandiosas.

Pug ficou surpreso com a resposta. Para ele, assim como para a maioria das pessoas em Crydee, os elfos eram pouco mais do que uma lenda. Martin, contudo, tinha passado a juventude perto das terras dos elfos e era um dos poucos humanos que atravessavam as florestas ao norte a seu bel-prazer. Era mais um fator que distanciava Martin do Arco dos demais. Embora noutras ocasiões Martin tivesse partilhado histórias de elfos com os garotos, esta era a primeira vez que Pug recordava-se de ouvi-lo falar acerca da relação que mantinha com esse povo.

— Esteve num banquete com a Rainha dos Elfos? — gaguejou Pug.

Martin assumiu uma atitude de modesta importância.

— Bem, fiquei na mesa mais afastada do trono, mas, sim, estive presente. — Vendo a pergunta implícita nos olhos dos dois garotos, prosseguiu: — Sabem que fui criado pelos monges da Abadia de Silban, próximo à floresta dos elfos. Brinquei com crianças elfas e, antes de vir para cá, cacei com o Príncipe Calin e com seu primo, Galain.

Tomas quase pulava de excitação. Os elfos eram um assunto que o fascinava.

— Conheceu o Rei Aidan?

A expressão de Martin ficou sombria. Ele estreitou os olhos e suas feições tornaram-se rígidas. Tomas notou a reação de Martin e disse:

— Perdão, Martin. Disse alguma coisa que não devia?

Martin acenou com a mão, dispensando o pedido de desculpas.

— Você não tem culpa, Tomas — disse, atenuando um pouco a expressão. — Os elfos não proferem o nome daqueles que partiram para as Ilhas Abençoadas, em especial dos que morreram prematuramente. Acreditam que, assim, aqueles cujos nomes são proferidos regressam da

viagem que empreenderam até esse local, negando-lhes o descanso final. Respeito as suas crenças. Bem, para responder-lhe, não, nunca o conheci. Assassinaram-no quando eu era pequeno. Mas ouvi histórias dos seus feitos e, pelo que dizem, foi um Rei bom e sensato.

Martin olhou em volta.

— É quase meio-dia. Temos de voltar para a torre.

Começou a dirigir-se ao caminho e os garotos juntaram-se a ele.

— Como foram os festejos, Martin? — perguntou Tomas.

Pug suspirou quando o caçador começou a falar das maravilhas de Elvandar. Também sentia certo fascínio pelas histórias dos elfos, mas nada que se comparasse a Tomas. O amigo conseguia ouvir lendas sobre o povo das florestas dos elfos por horas, independentemente da credibilidade do narrador. Pelo menos, ponderou Pug, o Mestre de Caça era uma testemunha ocular confiável. A voz de Martin prosseguia monotonamente e a atenção de Pug desviou-se, voltando a pensar na Escolha. Não valia a pena tentar convencer-se de que era em vão, mas estava bastante preocupado. Descobriu que estava encarando a chegada da tarde com um sentimento semelhante ao pavor.

Os garotos estavam reunidos no pátio. Era o Solstício de Verão, o dia que marcava o final de um ano e o início de outro. Nesse dia, todos os habitantes do castelo passariam a ser um ano mais velhos. Para os rapazes agrupados, era um dia de extrema importância, pois aquele seria o último dia da adolescência. Aquele era o dia da Escolha.

Pug ajeitou o colarinho da túnica nova. Na verdade, era uma das túnicas usadas de Tomas, mas era a mais nova que Pug já possuía. Magya, a mãe de Tomas, apertara-a para caber no corpo mais frouxo do garoto, de modo a certificar-se de que estaria apresentável perante o Duque e a respectiva corte. Magya e o marido, Megar, o cozinheiro, eram quem mais se aproximavam do conceito de pais para o órfão em toda a torre. Cuidavam dele quando estava doente, averiguavam se estava se alimentando e puxavam-lhe as orelhas quando merecia. Também o amavam como se fosse irmão de Tomas.

Pug olhou ao redor. Os outros garotos estavam vestidos com a melhor roupa que possuíam, pois esse era um dos dias mais importantes das suas jovens vidas. Cada um deles iria apresentar-se perante os Mestres Artesãos e membros da corte do Duque e seriam designados para um posto de aprendiz. Era um ritual, cujas origens se perderam no tempo, pois as escolhas já haviam sido feitas. Os Artesãos e os membros da casa do Duque haviam passado muitas horas discutindo os méritos de cada um dos jovens e sabiam quais garotos chamar.

A prática que permitia aos garotos entre oito e catorze anos trabalharem nos ofícios e serviços provara ser um rumo sensato ao longo dos anos para integrar os que mais se adequavam a cada ofício. Além disso, também fornecia um conjunto de indivíduos com alguma especialização para outros ofícios, caso se julgasse necessário. O inconveniente do sistema residia no fato de alguns não serem escolhidos para nenhum ofício ou posição no castelo. Por vezes, eram jovens demais para um único posto ou ninguém era considerado adequado, ainda que existisse uma vaga. Mesmo quando o número de garotos e o de vagas parecesse proporcional, como era o caso daquele ano, não havia garantia. Para aqueles que permaneciam na dúvida, era uma época de grande ansiedade.

Pug passou os pés descalços distraidamente na terra. Ao contrário de Tomas, que parecia se sair bem com o que quer que tentasse fazer, Pug em geral era culpado de tentar fazer suas tarefas com muito afinco, acabando sempre metendo os pés pelas mãos. Olhou ao redor e reparou que os demais garotos também mostravam sinais de tensão. Alguns gracejavam grosseiramente, fingindo despreocupação quanto a serem ou não escolhidos. Outros agiam como Pug, perdidos em seus pensamentos, tentando não pensar no que fariam caso não fossem escolhidos.

Se não fosse escolhido, Pug — assim como os demais — teria liberdade para deixar Crydee e encontrar um ofício em outro povoado ou cidade. Se ficasse, teria que cultivar as terras do Duque como homem livre ou trabalhar em um dos barcos de pesca da vila. Ambas as

perspectivas eram igualmente desinteressantes, embora não conseguisse se imaginar indo embora de Crydee.

Pug lembrou-se das palavras de Megar na noite anterior. O velho cozinheiro advertira-o quanto a uma preocupação desmedida com a Escolha. Afinal, salientou, eram muitos os aprendizes que nunca tinham avançado para a categoria de artesão emancipado e, em última análise, os homens sem ofício em Crydee eram em maior número do que aqueles que o tinham. Megar omitira o fato de que muitos dos filhos dos agricultores e dos pescadores abriam mão da escolha, optando por seguir os passos dos pais. Pug imaginou se Megar estaria tão distante do momento em que passara pela escolha a ponto de ter se esquecido que os garotos que não eram escolhidos ficavam perante os Artesãos, os chefes de família e os novos aprendizes escolhidos, sob o olhar de todos, até que o derradeiro nome fosse chamado e finalmente saíssem dali humilhados.

Mordendo o lábio inferior, Pug tentou ocultar o nervosismo. Caso não fosse escolhido, não era do tipo que saltaria do alto da Mágua dos Marinheiros, como alguns tinham feito no passado, mas não suportava a ideia de encarar aqueles que o foram.

Tomas, ao lado do seu amigo mais baixo, sorriu para Pug. Sabia que o amigo estava atormentado, mas não conseguia sentir-se muito solidário, já que a sua própria excitação estava aumentando. O pai tinha admitido que seria o primeiro a ser chamado por Fannon, o Mestre de Armas. Além disso, Fannon confidenciara que, caso Tomas se saísse bem durante o treino, era provável que tivesse lugar na guarda pessoal do Duque. Seria uma honra notável e melhoraria as possibilidades de Tomas progredir, quem sabe até vir a conseguir uma categoria de oficial após quinze ou vinte anos na guarda.

Deu uma cotovelada nas costelas de Pug, porque o arauto do Duque surgira na varanda que dava para o pátio. O arauto fez sinal para um guarda, que abriu uma pequena porta no colossal portão, e os Artesãos entraram. Atravessaram o pátio, indo postar-se ao fundo da grande escadaria da torre. De acordo com a tradição, ficaram de costas para os garotos, aguardando o Duque.

As gigantescas portas de carvalho da torre começaram a abrir-se pesadamente e vários guardas vestidos de marrom e dourado, as cores do Duque, precipitaram-se para assumir as respectivas posições nos degraus. Cada tabardo tinha um brasão ornado com a gaivota dourada de Crydee e, acima dela, uma pequena coroa dourada, que distingua o Duque como membro da família real.

— Ouçam todos! — gritou o arauto. — Sua Graça, Borric conDoin, terceiro Duque de Crydee, Príncipe do Reino; Senhor de Crydee, Carse e Tulan; Governador do Oeste; General da Corte dos Exércitos do Rei; provável herdeiro do trono de Rillanon. — O Duque aguardou pacientemente até a conclusão da enumeração de cargos, avançando em seguida para a luz do sol.

Com mais de cinquenta anos, o Duque de Crydee ainda se deslocava com a graça fluida e o passo firme de um guerreiro nato. Seu cabelo era castanho-escuro e, à exceção de suas têmporas grisalhas, parecia cerca de vinte anos mais novo do que realmente era. Trajava negro do pescoço às botas, uma constante nos últimos sete anos, pois ainda chorava a perda da sua adorada esposa, Catherine. Ao seu lado, pendia uma espada de bainha preta e punho prateado, e na mão usava o anel com o sinete ducal, o único adorno que se permitia.

O arauto fez-se ouvir:

— Suas Altezas Reais, os Príncipes Lyam conDoin e Arutha conDoin, herdeiros da Casa de Crydee; Capitães da Corte do Exército Ocidental do Rei; Príncipes da Casa Real de Rillanon.

Ambos os filhos avançaram, colocando-se atrás do pai. Os dois jovens eram seis e quatro anos mais velhos do que os aprendizes, visto que o Duque casara tarde, se bem que a diferença entre os acanhados candidatos a aprendizes e os filhos do Duque ia muito além de alguns anos de diferença. Ambos os príncipes tinham um ar sereno e controlado.

Lyam, o mais velho, à direita do pai, era um homem louro e de constituição forte. O sorriso franco lembrava o da mãe e parecia sempre prestes a dar uma gargalhada. Vestia uma túnica azul-clara e calças de

malha amarela e usava uma barba curta aparada, tão loura quanto o cabelo que lhe caía até os ombros.

Arutha tinha tanto a ver com as sombras e a noite quanto Lyam tinha com a luz e o dia. Era quase da altura do irmão e do pai, mas enquanto os dois eram robustos, Arutha era esguio a ponto de parecer macilento. Vestia uma túnica marrom e calças de malha castanho-avermelhadas. O cabelo era escuro e tinha o rosto barbeado. Tudo em Arutha transmitia a sensação de agilidade. A sua força residia na velocidade: rapidez com o florete, rapidez de entendimento. Tinha um humor seco e muitas vezes mordaz. Enquanto Lyam era sinceramente amado pelos súditos do Duque, Arutha era respeitado e admirado pela sua competência, embora não fosse olhado com afeto pelo povo.

Juntos, os dois filhos pareciam capturar grande parte da natureza complexa do progenitor, pois o Duque podia passar do humor robusto de Lyam aos sombrios estados de espírito de Arutha. Ambos eram quase opostos no temperamento, ambos homens capazes que beneficiariam o Ducado e o Reino nos anos vindouros. O Duque amava os dois filhos.

O arauto voltou a anunciar:

— A Princesa Carline, filha da Casa Real.

A garota esguia e graciosa que entrou era da mesma idade dos garotos que estavam mais abaixo, embora já se começasse a vislumbrar a distinção e a graciosidade daqueles que nascem para governar, bem como a beleza da sua falecida mãe. O comprido vestido claro contrastava evidentemente com o cabelo quase negro. Tal como os da mãe, seus olhos eram azuis como os de Lyam, que irradiou alegria quando ela deu o braço ao pai. Até Arutha arriscou um dos seus raros semissorrisos, pois também estimava a irmã.

Vários garotos no castelo acalentavam um amor secreto pela Princesa, um fato do qual ela tirava proveito sempre que arquitetava diabruras.

Foi a vez da entrada da corte do Duque. Pug e Tomas conseguiram perceber que estavam presentes todos os membros a serviço do Duque, incluindo Kulgan. De tempos em tempos, desde a noite da tempestade, Pug vislumbrava-o no castelo, e ambos trocaram algumas palavras em

uma ocasião em que Kulgan quis saber como Pug estava, mas o mago ficava fora de vista na maior parte do tempo. Pug ficou um pouco surpreso ao vê-lo, uma vez que não era considerado membro de fato da corte do Duque, e sim um conselheiro esporádico. Kulgan ficava quase sempre recolhido em sua torre, afastado dos olhares, enquanto se dedicava ao que os magos faziam em tais lugares.

O mago estava absorto conversando com o Padre Tully, um sacerdote de Astalon, o Construtor, e um dos ajudantes mais antigos de Lorde Borric. Tully fora conselheiro do pai do Duque e já então parecia idoso. Agora parecia muito velho — pelo menos na perspectiva jovem de Pug —, ainda que seus olhos não dessem qualquer mostra de senilidade. Muitos garotos do castelo tinham sido transpassados pelo olhar aguçado daqueles límpidos olhos cinzentos. A sua perspicácia e oratória eram igualmente vigorosas, e não era de se estranhar que os garotos do castelo preferissem uma sessão com a correia de couro de Algon, o Estribeiro-Mor, a um sermão contundente do Padre Tully. O sacerdote de cabelo grisalho seria capaz de esfolar as costas de um herege só com suas palavras cáusticas.

Próximo ao Padre, estava alguém que sentia a ira de Tully ocasionalmente, Roland, o Escudeiro, filho do Barão Tolburt de Tulan, um dos vassalos do Duque. Era companheiro de ambos os Príncipes, e o único garoto, além deles, de linhagem nobre na torre. O pai enviara-o para Crydee no ano anterior, com o intuito de aprender os costumes da corte do Duque e como administrar o ducado. Naquela corte um tanto rude próxima à fronteira, Roland descobriu um lar longe de casa. Quando ali chegou, já era malvisto, mas seu contagioso senso de humor e sua perspicácia serviam frequentemente para atenuar a raiva que resultava de suas diabruras. Era Roland, na maior parte das vezes, que servia de cúmplice da Princesa Carline em suas travessuras. De cabelo castanho-claro e olhos azuis, Roland era alto para a idade que tinha. Como era somente um ano mais velho do que os garotos reunidos, brincara muitas vezes com eles ao longo do último ano, visto que Lyam e Arutha andavam sempre ocupados demais com os deveres da corte.

Tomas e Roland haviam sido inicialmente rivais, passando rapidamente a amigos; Pug tornou-se amigo de Roland por tabela, pois onde Tomas estivesse, Pug certamente estaria por perto. Roland viu Pug impaciente junto à beira do grupo de garotos reunidos e fez um ligeiro aceno com a cabeça, piscando o olho. Pug sorriu brevemente; afinal, ainda que, como qualquer outro, fosse muitas vezes alvo das piadas de Roland, gostava do jovem e rebelde Escudeiro.

Assim que toda a corte estava presente, o Duque falou:

— Ontem foi o último dia do décimo primeiro ano do reinado do Senhor nosso Rei, Rodric IV. Hoje, ocorre o Festival de Banapis. O dia que se seguirá verá estes jovens aqui reunidos incluídos entre os homens de Crydee, não mais garotos, e sim aprendizes e homens livres. Chega o momento de indagar se algum de vocês deseja ser libertado do serviço ao Ducado. Alguém entre vocês assim o deseja? — A pergunta fazia parte das formalidades, não sendo esperada qualquer resposta, porque eram poucos os que desejavam deixar Crydee. Contudo, um garoto deu um passo à frente.

— Quem deseja ser libertado deste serviço? — perguntou o arauto.

O garoto baixou os olhos, nitidamente nervoso. Pigarreando, disse:

— Sou Robert, filho de Hugen. — Pug não o conhecia muito bem. Era o filho de um tecedor de redes, um garoto do povoado, que, como tal, raramente se misturava com os garotos do castelo. Pug já brincara com ele algumas vezes e percebera que o garoto era bem-visto. A recusa do serviço era algo raro, e Pug estava tão curioso quanto os restantes para saber suas razões.

O Duque falou de modo benevolente:

— Quais são os seus propósitos, Robert, filho de Hugen?

— Vossa Graça, o meu pai não tem como me aceitar no seu ofício, pois os meus quatro irmãos estão em condições de serem artesãos e mestres como ele, tal como acontece com tantos outros filhos de tecedores de redes. O meu irmão mais velho já se casou e tem um filho, por isso a minha família já não tem lugar para mim em casa. Se não

posso ficar vivendo com a minha família e aprender o ofício do meu pai, peço a licença de Vossa Graça para aceitar servir como marinheiro.

O Duque ponderou a questão. Robert não era o primeiro garoto da vila a sentir o chamado do mar.

— Encontrou algum mestre disposto a recebê-lo?

— Sim, Vossa Graça. O Capitão Gregson, mestre da embarcação *Verde Profundo* do Porto de Margrave, está disposto a me receber.

— Conheço esse homem — disse o Duque, e com um leve sorriso prosseguiu: — É um homem bom e justo. Confio-o ao seu serviço e desejo-lhe viagens bem-aventuradas. Será bem-vindo em Crydee sempre que regressar no seu navio.

Robert, rígido, fez uma pequena reverência e deixou o pátio, terminada a sua função na Escolha. Pug pensou na opção aventureira de Robert. Em menos de um minuto, o garoto renunciara aos laços familiares e ao lar, e agora era cidadão de uma cidade que jamais vira. O costume ditava que um marinheiro passava a dever lealdade ao povoado em que se encontrava o porto da sua embarcação. O Porto de Margrave era uma das Cidades Livres de Natal, no Mar Amargo, e passara a ser a terra de Robert.

O Duque fez sinal ao arauto para que prosseguisse.

O arauto anunciou o primeiro dos Artesãos, Holm, o Mestre Veleiro, que chamou o nome de três garotos. Todos aceitaram o serviço e nenhum pareceu descontente. A Escolha prosseguiu sem percalços, pois ninguém recusou o serviço oferecido. Cada um dos escolhidos juntava-se ao seu novo mestre.

À medida que a tarde ia passando e o número de garotos diminuía, Pug começou a ficar cada vez mais preocupado. Pouco tempo depois, restavam apenas dois jovens além de Pug e Tomas no centro do pátio. Todos os artesãos tinham chamado os aprendizes e, além do Mestre de Armas, ainda não tinham falado dois outros membros da corte. Pug estudou o grupo no patamar da escadaria, com o coração pulando de ansiedade. Os dois Príncipes olhavam para os garotos, Lyam com um sorriso amistoso, Arutha absorto em algum pensamento. A Princesa

Carline estava entediada com tudo aquilo e pouco se esforçava para ocultar esse fato, pois estava sussurrando algo a Roland, o que lhe valeu um olhar de reprovação de Lady Marna, preceptora da Princesa.

Algon, o Estribeiro-Mor, avançou, com o seu tabardo marrom e dourado ostentando uma pequena cabeça de cavalo bordada no peito do lado esquerdo. Chamou Rulf, filho de Dick, e o atarracado filho do Capitão da Cavalaria foi colocar-se atrás do mestre. Ao se virar, sorriu de modo condescendente para Pug. Os dois nunca tinham se dado bem, sendo que o garoto bexiguento passava muitas horas atormentando e implicando com Pug. Embora ambos tivessem trabalhado nas estrebarias sob as ordens de Dick, o Capitão da Cavalaria sempre fingia não ver que o filho pregava uma peça em Pug, e o órfão era constantemente responsabilizado por qualquer transtorno que surgisse. Esse foi um período horrível para Pug, que tinha jurado recusar o serviço perante a possibilidade de trabalhar o resto da vida ao lado de Rulf.

Samuel, o Mordomo-Mor, chamou o nome do outro garoto, Geoffrey, que se tornaria um dos serviços do castelo, deixando Pug e Tomas sozinhos. Foi então que Fannon, o Mestre de Armas, deu um passo à frente e Pug sentiu o coração parar ao ouvir o antigo soldado chamar:

— Tomas, filho de Megar.

Fez-se uma pausa e Pug aguardou que o seu nome fosse chamado, mas Fannon recuou e Tomas atravessou o pátio para se colocar ao lado dele. Pug sentiu-se minúsculo com todos os olhares voltados para ele. O pátio parecia maior do que se lembrava e sentiu-se deselegante e malvestido. Sentiu um aperto no peito ao perceber que não restava nenhum Artesão nem membro da Casa Real ali presente que já não tivesse escolhido um aprendiz. Seria o único garoto a não ser chamado. Reprimindo as lágrimas, aguardou que o Duque desse ordem ao séquito para que saísse.

Quando Lorde Borric começou a falar, a compaixão pelo garoto visível em seu rosto, foi interrompido por outra voz:

— Vossa Graça, o senhor se importaria?

Todos os olhares viraram-se para Kulgan, o mago, que avançava.

— Preciso de um aprendiz e chamo Pug, órfão da torre, ao meu serviço.

Uma onda de murmúrios passou pelos Artesãos reunidos. Algumas vozes diziam que não era adequado que um mago participasse da Escolha. O Duque silenciou-os com um olhar severo. Nenhum Artesão se atreveria a desafiar o Duque de Crydee, o terceiro nobre mais importante do Reino, por causa de um garoto. Lentamente, todos os olhos voltaram-se para Pug.

— Uma vez que Kulgan é um mestre reconhecido no seu ofício, tem todo o direito de escolher um aprendiz — disse o Duque. — Pug, órfão do castelo, aceita o serviço?

Pug ficou petrificado. Imaginara-se liderando o exército do Rei em combates como Tenente da Corte, ou um dia descobrir ser o filho perdido de um membro da nobreza. Nos seus devaneios de criança, navegara em navios, perseguiu monstros enormes e salvara a nação. Nos momentos mais reservados de reflexão, tinha imaginado se passaria a vida construindo navios, fazendo peças de barro ou aprendendo as aptidões de mercador, especulando sobre o sucesso que alcançaria em cada um desses ofícios. Contudo, o único pensamento que jamais tivera, o único sonho que nunca atraíra as suas fantasias, fora o de tornar-se mago.

Saiu do estado de choque, ciente de que o Duque aguardava pacientemente uma resposta. Olhou para os rostos de quem estava à sua frente. O Padre Tully mostrou um dos seus raros sorrisos, tal como o Príncipe Arutha. O Príncipe Lyam acenou ligeiramente com a cabeça, confirmando, e Kulgan olhava-o atentamente. Conseguia perceber sinais de preocupação no rosto do mago, e, de repente, Pug se decidiu. Poderia não ser uma vocação propriamente dita, mas qualquer ofício era melhor do que nenhum. Deu um passo à frente e tropeçou no próprio pé, caindo de cara na terra. Levantou-se e, quase correndo, quase caindo, dirigiu-se ao mago. O tropeço quebrou a tensão e a gargalhada ribombante do Duque invadiu o pátio. Corado de vergonha, Pug

colocou-se atrás de Kulgan. Olhou ao redor do amplo perímetro do seu novo mestre e deparou-se com o Duque a olhá-lo, mostrando uma expressão suavizada pelo aceno afável dirigido a um enrubesido Pug. O Senhor de Crydee virou-se para todos os que aguardavam o encerramento da Escolha.

— Declaro que cada garoto aqui presente está agora aos cuidados do respectivo mestre, ao qual deverá obedecer em todos os assuntos consagrados nas leis do Reino, e que cada um será considerado como um legítimo e digno homem de Crydee. Que os aprendizes sirvam os seus mestres. Até os festejos, a todos desejo um bem-aventurado dia. — Virou-se e ofereceu o braço esquerdo à filha. A Princesa pousou delicadamente a mão no braço do pai e entraram na torre entre as fileiras de cortesãos, que se afastavam. Seguiram-se os dois Príncipes e os membros restantes da corte. Pug viu Tomas partir na direção das casernas dos guardas, seguindo o Mestre Fannon.

Voltou-se para Kulgan, perdido em pensamentos. Passado um momento, o mago disse:

— Espero que nenhum de nós tenha cometido um erro hoje.

— Senhor? — perguntou Pug, sem perceber o significado das palavras do mago. Kulgan acenou distraidamente com a mão, fazendo o manto amarelo-pálido se mexer como ondas agitando o mar.

— Não importa, garoto. O que está feito, está feito. Vamos tirar o melhor proveito da situação. — Pousou a mão no ombro de Pug. — Ande, vamos nos recolher na torre onde moro. Há um quartinho debaixo do meu que deve servir. Tinha-o guardado para um projeto qualquer, mas nunca tive tempo de prepará-lo.

Pug ficou assombrado.

— Um quarto só para mim? — Tal coisa para um aprendiz era algo sem precedentes. A maior parte dos aprendizes dormia nas oficinas dos mestres, ou guardava rebanhos, ou algo parecido. Somente quando um aprendiz tornava-se artífice lhe era concedido um quarto particular.

Kulgan levantou uma sobrancelha espessa.

— Claro. Não posso ter você sempre no meu caminho. Nunca conseguiria fazer nada. Além disso, a magia requer solidão para que se possa meditar. Precisará de um lugar onde não seja perturbado, tanto ou mais do que eu preciso. — Tirou o seu longo e fino cachimbo de uma dobra do manto e começou a enchê-lo com o tabaco que tirou de uma bolsa que também surgira do manto.

— Não vamos nos ocupar muito com discussões sobre deveres e coisas do tipo, meu rapaz. Para dizer a verdade, não estou preparado para recebê-lo. Mas, em breve, terei tudo pronto. Até lá, poderemos usar o tempo para nos conhecermos. Combinado?

Pug ficou admirado. Não tinha uma ideia muito concreta sobre a ocupação dos magos, apesar da noite que tinha passado com Kulgan semanas antes, mas sabia, sem qualquer dúvida, como eram os Mestres Artesãos, e nenhum deles teria pensado em perguntar se um aprendiz concordava ou não com os seus planos. Sem saber o que dizer, Pug limitou-se a concordar com a cabeça.

— Muito bem, então — disse Kulgan —, vamos para a torre ver se encontramos roupas novas para você e depois passaremos o resto do dia nos festejos. Depois teremos muito tempo para aprendermos a ser mestre e aprendiz. — Com um sorriso dirigido ao garoto, o corpulento mago virou Pug e o levou dali.

O final da tarde estava límpido e luminoso. Soprava uma leve brisa do mar, que refrescava o calor de verão. Dentro das muralhas do Castelo de Crydee e no povoado abaixo, ocorriam os preparativos do Festival de Banapis.

Banapis era a festividade mais antiga de que se tinha conhecimento, sendo que suas origens já se tinham perdido em tempos remotos. Era realizada no Dia do Solstício de Verão, um dia que não pertencia nem ao passado, nem ao novo ano. Banapis, conhecido por outras designações em outras nações, era celebrado por todo o mundo de Midkemia em

conformidade com a lenda. Havia quem acreditasse que o festival era uma apropriação dos elfos e dos anões, pois se dizia que as raças de longevidade prolongada celebravam a festa do Solstício desde tempos imemoriais, tanto quanto as duas raças tinham memória. A maioria das autoridades contestava essa alegação, defendendo como única razão a improbabilidade de os humanos terem adotado o que quer que fosse de tais povos. Constava que até os nativos das Terras do Norte, as tribos de goblins e os clãs da Irmandade da Senda das Trevas celebravam o Banapis, ainda que ninguém declarasse ter presenciado essas celebrações.

O pátio estava agitado. Mesas gigantescas haviam sido montadas para a incontável variedade de comida que estava sendo preparada havia mais de uma semana. Barris gigantes de cerveja dos anões, importada da Montanha de Pedra, foram içados das adegas e repousavam em estruturas de madeira que protestavam sob o peso excessivo. Os trabalhadores, alarmados com a aparência frágil das pilhas de barris, despejavam apressadamente parte do seu conteúdo. Megar apareceu, vindo da cozinha, e mandou-os embora irado.

— Já chega, nesse ritmo não restará nada para a ceia! Voltem para a cozinha, seus idiotas! Ainda há muito que fazer.

Os trabalhadores se foram, resmungando, e Megar encheu uma caneca para verificar se a cerveja estava na temperatura adequada. Depois de esvaziá-la e ficar satisfeito por estar tudo como esperado, retornou à cozinha.

A festa não tinha um início definido. Tradicionalmente, as pessoas, a comida, o vinho e a cerveja iam se juntando e, subitamente, os festejos estavam em pleno andamento.

Pug saiu correndo da cozinha. O seu quarto na torre mais ao norte, a torre do mago, como era conhecida, fornecia-lhe um atalho através da cozinha, que usou no lugar das portas principais do castelo. Irradiava alegria ao atravessar o pátio correndo, de túnica e calças novas. Nunca usara roupas tão requintadas e tinha pressa em mostrá-las a seu amigo Tomas.

Encontrou-o saindo do quartel comum dos soldados, quase tão apressado quanto Pug. Quando se encontraram, falaram ao mesmo tempo.

— Olha a túnica nova — disse Pug.

— Olha o meu tabardo de soldado — disse Tomas.

Os dois pararam e desataram a rir.

Tomas foi o primeiro a recuperar a compostura.

— São trajes muito elegantes, Pug — disse, passando o tecido caro da túnica vermelha de Pug entre os dedos. — E a cor lhe cai bem.

Pug devolveu o elogio, uma vez que Tomas ficava impressionante vestido com o longo capote de capuz e mangas marrom e dourado. Não importava que, por baixo, vestisse as habituais calças e túnica de confecção caseira. Só receberia o uniforme de soldado quando Mestre Fannon o considerasse merecedor como homem de armas.

Os dois amigos foram de uma mesa cheia para outra. Pug ficou com água na boca devido aos deliciosos aromas que pairavam no ar. Chegaram a uma mesa repleta de queijos de cheiros fortes, pão quente e empadas de carne, de cujas crostas ainda saía fumaça. Junto à mesa, um rapazinho da cozinha estava com um abanador para afastar as moscas. Tinha como tarefa manter a comida a salvo de pragas, fossem insetos ou aprendizes permanentemente esfomeados. Como na maioria das situações que envolviam garotos, a relação entre esse protetor do banquete e os aprendizes mais velhos era rigorosamente sujeita à tradição. Seria falta de educação e de mau gosto simplesmente ameaçar ou intimidar o garoto mais novo para que se afastasse da comida antes do início do festim. No entanto, era considerado justo que se usasse a astúcia, a dissimulação ou a agilidade para obter uma recompensa da mesa.

Pug e Tomas observavam com interesse enquanto Jon, o protetor da mesa, dava uma palmada cruel na mão de um jovem aprendiz que tentara puxar uma grande empada. Com um aceno de cabeça, Tomas mandou Pug para o lado mais afastado. Pug atravessou com cautela o campo de visão de Jon, observando-o atentamente. Com um movimento

brusco, simulou lançar-se à mesa, e Jon inclinou-se na sua direção. De repente, Tomas arrebatou uma empada da mesa e fugiu antes que o abanador começasse a descer. Enquanto corriam para longe da mesa, Pug e Tomas conseguiam ouvir os gritos consternados do garoto cuja mesa haviam pilhado.

Tomas deu metade da empada para Pug quando viram que estavam a uma distância segura e o aprendiz mais baixo riu.

— Aposto que você tem as mãos mais rápidas do castelo.

— Ou o jovem Jon foi lento para perceber, porque estava vigiando você.

Gargalharam juntos. Pug meteu na boca a metade inteira da empada. Tinha um tempero suave e o contraste entre o recheio salgado de carne de porco e a adocicada crosta folhada era delicioso.

Do pátio lateral ouviu-se o som de gaitas e tambores, significando que os músicos do Duque estavam chegando ao pátio principal. Assim que surgiram dando a volta no torreão, uma mensagem silenciosa parecia ter sido passada entre a multidão. De repente, os garotos da cozinha estavam todos ocupados distribuindo travessas de madeira para que os foliões as enchessem de comida e viam-se canecas de cerveja e de vinho saídos dos barris.

Os garotos correram para colocarem-se na fila da primeira mesa. Pug e Tomas usavam o tamanho e a agilidade que possuíam a seu favor, passando entre a multidão, pegando comida de todas as variedades e conseguindo uma grande caneca de cerveja coberta de espuma para cada um.

Encontraram um canto relativamente sossegado e começaram a comer com um apetite voraz. Pug provou cerveja pela primeira vez e ficou surpreendido pelo sabor encorpado e ligeiramente amargo. Parecia esquentá-lo ao descer e, depois de experimentar outro gole, decidiu que gostava da bebida.

Pug conseguia ver o Duque e a família se misturando com o povo. Nas filas para as mesas, eram visíveis outros membros da corte. Naquela tarde, não se obedecia a qualquer cerimônia, ritual ou classe. Cada um

era servido quando chegasse a sua vez, pois o Dia do Solstício de Verão era a época em que todos compartilhavam igualmente das dádivas da colheita.

Pug viu a Princesa de relance e sentiu um ligeiro aperto no coração. Estava radiante e inúmeros rapazes a elogiavam. Usava um adorável vestido azul-escuro comprido e um simples chapéu de aba larga da mesma cor. Agradecia a todos os autores de comentários lisonjeiros e usava da melhor forma os cílios escuros e o sorriso radiante, deixando para trás um séquito de apaixonados.

Malabaristas e bobos surgiram no pátio, a primeira de muitas trupes de artistas itinerantes que se encontravam no povoado por causa do festival. Os atores de outra companhia haviam montado um palco na praça do vilarejo e apresentariam uma peça à noite. As festividades continuariam até altas horas da madrugada. Pug sabia que muitos dos garotos no ano anterior tinham sido dispensados dos seus trabalhos na manhã seguinte ao Banapis, pois não tinham cabeça nem estômago para executarem direito seus ofícios. Estava certo de que tal cena se repetiria.

Estava ansioso para que a noite chegasse, pois era costume que os novos aprendizes visitassem muitas das casas na vila, recebendo felicitações e canecas de cerveja. Era também um momento oportuno para conhecer as moças do povoado. Embora namoros não fossem incomuns, não deixavam de ser malvistos. Contudo, as mães não eram tão cuidadosas durante o Banapis. Agora que os garotos tinham um ofício, já não eram considerados pestes chatas, mas sim como possíveis genros, e sabia-se de casos em que a mãe fingia não ver enquanto a filha usava os seus dons naturais para apanhar um jovem marido. Pug, por ter baixa estatura e feições de criança, recebia pouca atenção das garotas da torre. Por sua vez, Tomas era cada vez mais alvo do interesse feminino, já que estava crescendo e ficando mais bonito, e ultimamente Pug tinha começado a perceber que o amigo estava sendo avaliado por algumas das garotas do castelo. Pug ainda era novo o bastante para achar tudo aquilo uma tolice, mas também já tinha idade para ficar fascinado.

Ele mastigou um enorme pedaço de comida e olhou em volta. Os habitantes do vilarejo e do castelo passavam e felicitavam os jovens pelos ofícios que tinham abraçado, desejando-lhes um feliz ano-novo. Pug sentiu que tudo estava como deveria ser. Era aprendiz, ainda que Kulgan não parecesse fazer a mínima ideia do que isso significava. Tinha a barriga cheia e estava prestes a ficar um pouco embriagado — o que também contribuía para a sensação de bem-estar. E, o que era mais importante, estava entre amigos. Concluiu que não devia haver nada melhor na vida.

A Torre

Pug estava sentado no seu catre, amuado. Fantus, o dragonete, estendeu a cabeça, convidando Pug a coçá-lo por detrás das saliências oculares. Vendo que não seria atendido, o dragonete dirigiu-se à janela da torre e, com um som de desagrado, seguido de uma pequena baforada de fumaça negra, lançou-se em pleno voo. Pug não reparou na partida da criatura, tão absorto que estava no seu mundo de preocupações. Desde que aceitara o posto de aprendiz de Kulgan, havia catorze meses, tudo o que fazia parecia dar errado.

Deitou-se no catre, cobrindo os olhos com o braço. Sentia no rosto a brisa salgada do mar que entrava pela janela e, nas pernas, o calor do sol. Tudo na sua vida melhorara desde que se iniciara como aprendiz, com exceção do elemento mais importante: os estudos.

Durante meses, Kulgan esforçou-se para transmitir os fundamentos das artes dos magos, mas alguma coisa sempre frustrava os seus esforços. Pug aprendia depressa a teoria de lançamento de feitiços, entendendo bem os conceitos fundamentais. Porém, sempre que tentava fazer uso desses conhecimentos, algo parecia impedi-lo. Era como se uma parte da sua mente se recusasse a completar a magia, como se existisse um bloqueio que o impedisse de ultrapassar um determinado ponto no feitiço. Sempre que tentava, sentia que se aproximava desse ponto, mas,

tal como o cavaleiro montado num cavalo obstinado, parecia não conseguir saltar o obstáculo.

Kulgan relativizava as preocupações de Pug, dizendo que tudo se resolveria a seu tempo. O corpulento mago mostrava-se sempre compreensivo com o garoto, nunca o repreendendo por não fazer melhor, pois sabia que ele se esforçava.

Pug abandonou os devaneios quando ouviu alguém abrir a porta. Ao olhá-la, viu o Padre Tully entrando com um grande livro debaixo do braço. As vestes clericais brancas foram arrastadas ao fechar a porta. Pug sentou-se.

— Pug, está na hora da aula de caligrafia... — Interrompeu-se ao ver a expressão cabisbaixa do garoto. — O que se passa, meu jovem?

Pug passara a gostar do idoso sacerdote de Astalon. Apesar de ser um mestre rigoroso, era justo. Tanto elogiava o garoto pelos seus sucessos como o repreendia por seus fracassos. Tinha uma mente perspicaz e um senso de humor sempre receptivo a perguntas, por mais estúpidas que Pug as achasse.

Pondo-se de pé, Pug suspirou.

— Não sei, Padre. Parece que nada está dando certo. Estrago tudo o que tento fazer.

— Nem tudo pode ser ruim — disse o sacerdote, pousando a mão no ombro do garoto. — E se me contasse o que está preocupando-o e deixássemos a prática de caligrafia para outra hora? — Dirigiu-se a um banco junto à janela e ajeitou as vestes ao seu redor enquanto se sentava. Colocando o grande livro junto aos pés, observou atentamente o garoto.

Pug crescera ao longo do último ano, mas ainda era pequeno. Os ombros começavam agora a alargar ligeiramente e o rosto mostrava sinais do homem que viria a ser. Era uma figura desanimada, com a túnica e as calças feitas em casa, de estado de espírito tão cinzento como o tecido que o vestia. O quarto, habitualmente limpo e arrumado, era agora uma confusão de pergaminhos e livros, refletindo a desordem na sua cabeça.

Pug ficou sentado em silêncio por um instante, mas como o sacerdote nada dizia, começou a falar:

— O senhor se lembra de quando lhe contei que Kulgan estava tentando me ensinar os três encantamentos básicos para acalmar a mente, para poder praticar os feitiços menos tenso? Bem, a verdade é que aprendi a dominar esses exercícios há meses. Já consigo me elevar rapidamente a estados de serenidade, sem grande esforço. Mas é o máximo que consigo fazer. Depois, tudo parece desmoronar.

— O que você quer dizer?

— O passo seguinte é aprender a disciplinar a mente a fazer aquilo que não lhe é natural, como pensar em um único elemento, excluindo todo o resto, ou não pensar em um determinado elemento, o que é bastante difícil depois de ele ter sido mencionado. Na maioria das vezes, consigo fazer essas tarefas, mas de vez em quando sinto que existem forças na minha cabeça, barulhentas, que exigem que eu faça coisas diferentes. É como se tivesse outra coisa acontecendo na minha cabeça que não é o que Kulgan me disse que devia esperar.

“Sempre que tento fazer um dos feitiços simples que Kulgan me ensinou, como mover um objeto ou levitar, essas coisas na minha cabeça me desconcentram e perco o controle. Não consigo sequer dominar o mais simples dos feitiços.”

Pug sentiu que tremia, pois essa era a primeira oportunidade que tinha de falar sobre esse assunto com outra pessoa além do próprio mestre.

— Kulgan me diz para não desistir e não me preocupar. — Sentindo as lágrimas se aproximarem, prosseguiu: — Tenho talento. Kulgan fala que soube disso desde a primeira vez que nos encontramos, quando usei a bola de cristal. O senhor também já me disse o mesmo. Mas não consigo fazer com que os feitiços saiam como deviam. Fico tão confuso com tudo isso...

— Pug — disse o sacerdote —, a magia tem muitas propriedades e pouco sabemos sobre como funciona, mesmo aqueles de nós que a praticam. Nos templos, nós somos ensinados que a magia é um dom dos

deuses e a aceitamos em nossa fé. Não compreendemos como pode ser assim, mas não questionamos. Cada ordem tem a sua própria especialidade mágica, sendo que não há duas semelhantes. Sou capaz de realizar magias que aqueles que seguem outras ordens não são. Contudo, ninguém sabe explicar por quê. Os magos usam um tipo de magia diferente e as suas práticas também diferem das realizadas nos templos. Muito daquilo que fazem, não conseguimos fazer. São eles que estudam a arte da magia, buscando a sua natureza e formas de funcionamento, mas nem eles conseguem explicar como ela funciona. Eles sabem apenas como usá-la e transmitem esses conhecimentos aos alunos, tal como Kulgan está fazendo com você.

— Está tentando fazer, Padre. Acho que ele se enganou sobre mim.

— Não creio, Pug. Tenho alguns conhecimentos destas coisas, e desde que se tornou aprendiz de Kulgan sinto o poder crescendo dentro de você. Talvez você o alcance tardeamente, como já aconteceu com outros, mas estou convencido de que encontrará o caminho certo.

Pug não se sentia melhor. Não duvidava da sabedoria do sacerdote, nem sequer da sua opinião, mas sentia que poderia estar enganado.

— Espero que o senhor esteja certo, Padre. Só que não consigo compreender o que há de errado comigo.

— Acho que sei qual é o problema — ouviu-se uma voz vindia da porta. Sobressaltados, Pug e o Padre Tully viraram-se e encontraram Kulgan na soleira da porta. Os seus olhos azuis estavam cercados por rugas de preocupação e as espessas sobrancelhas grisalhas formavam um V bem acima do nariz. Nenhum dos dois ouvira a porta abrir. Kulgan levantou o comprido manto verde e entrou no quarto, deixando a porta aberta.

— Venha cá, Pug — chamou o mago com um breve aceno de mão. Pug aproximou-se do mago, que colocou ambas as mãos nos ombros do garoto. — Quem fica no quarto, dia após dia, remoendo as razões pelas quais nada dá certo, faz com que nada dê certo. Vou lhe dar o dia de folga. Como é o Sexto Dia, deve haver por aí muitos garotos para lhe ajudar nas confusões em que os jovens costumam se meter. — Sorriu e

seu pupilo ficou mais aliviado. — Você precisa descansar dos estudos. Agora vá. — Dito isso, deu uma palmada brincalhona na cabeça de Pug, que correu escada abaixo. Indo até o catre, Kulgan abaixou o corpo pesado até se sentar e olhou para o sacerdote.

— Garotos — disse Kulgan, sacudindo a cabeça. — Faz-se um festival, recebem o emblema de um ofício e esperam se tornar homens da noite para o dia. No entanto, ainda são garotos e, por mais que tentem, continuam a comportar-se como garotos, e não como homens. — Tirou o cachimbo e começou a enchê-lo. — Os magos são considerados jovens e inexperientes aos trinta anos, mas em outro ofício qualquer os trinta marcam a passagem para artesão ou mestre. Provavelmente até estarão preparando o filho para a Escolha. — Pegou um pauzinho do carvão que ainda ardia no braseiro de Pug e acendeu o cachimbo.

Tully concordou:

— Compreendo, Kulgan. O sacerdócio também é ofício de idosos. Com a idade de Pug, eu ainda tinha à minha frente mais treze anos como acólito. — O velho sacerdote inclinou-se para a frente. — Kulgan, o que me diz do problema do garoto?

— Ele tem razão, sabe? — declarou Kulgan, sem rodeios. — Não há qualquer explicação para ele não conseguir executar os feitiços que tentei ensinar-lhe. O que ele consegue fazer com pergaminhos e instrumentos me deixa surpreso. O garoto tem tanto talento para isso que eu apostaria que ele possui o potencial de um mago das artes mais poderosas. Mas essa incapacidade de usar os poderes interiores...

— Você acha que conseguirá encontrar uma solução?

— Assim espero. Detestaria ter de liberá-lo da função de aprendiz. Seria ainda mais devastador do que se não o tivesse escolhido. — O rosto mostrava uma preocupação genuína. — É desconcertante, Tully. Creio que concorde que ele possui grande potencial. Quando o vi usar a bola de cristal na minha cabana naquela noite, soube, pela primeira vez em muitos anos, que talvez tivesse finalmente encontrado o meu aprendiz. Quando ele não foi escolhido por nenhum mestre, soube que o destino levara os nossos caminhos a se cruzarem. No entanto, há algo mais na

cabeça daquele garoto, algo que nunca vi e que é poderoso. Não sei do que se trata, Tully, mas o que quer que seja rejeita os meus exercícios, como se, de alguma forma... não fossem corretos ou... não se adequassem a ele... Não sei se consigo explicar melhor o que encontrei em Pug. Não há uma explicação simples.

— Pensou sobre o que o garoto disse? — perguntou o sacerdote, com uma expressão preocupada e pensativa.

— Refere-se ao fato de eu poder ter me equivocado?

Tully confirmou. Kulgan rejeitou a questão com um aceno de mão.

— Tully, você conhece tão bem a natureza da magia quanto eu, talvez mais. Não é à toa que chamam o seu deus de “O Deus que Trouxe Ordem”. Sua seita desvendou muito a respeito do que rege este universo. Em algum momento você duvidou que o garoto possui talento?

— Talento, nunca duvidei. Mas a questão no momento é habilidade.

— Bem dito, como sempre. Bem, tem alguma ideia? Talvez devêssemos transformar o garoto em um clérigo?

Tully recostou-se, com uma expressão de desaprovação estampada no rosto.

— Você sabe que o sacerdócio é uma vocação, Kulgan — disse rispidamente.

— Abaixe a crista, Tully. Eu estava brincando. — Suspirou. — Ainda assim, se ele não tem vocação para sacerdote nem jeito para o ofício de mago, o que podemos fazer com esse talento natural do garoto?

Tully considerou a pergunta por um momento, antes de dizer:

— Já pensou na arte perdida?

Kulgan arregalou os olhos.

— Aquela lenda antiga? — Tully confirmou com um aceno de cabeça.

— Duvido que exista um mago vivo que não tenha, uma vez ou outra, pensado na lenda da arte perdida. Caso tenha existido, explicaria muitas lacunas do nosso ofício. — Depois encarou Tully, semicerrando um olho em desaprovação. — Mas as lendas são bastante comuns. Chute um seixo na praia e encontrará uma. Por mim, prefiro procurar justificativas concretas para as nossas lacunas a culpar superstições antigas.

A expressão de Tully tornou-se severa e ele falou num tom de repreensão:

— Nós, do templo, não a temos como lenda, Kulgan! É considerada parte da verdade revelada, ensinada pelos deuses aos primeiros homens.

Irritado pelo tom de Tully, Kulgan retorquiu:

— E assim era a noção de que o mundo era plano, até Rolendirk, um mago, devo lembrar-lhe, enviar a sua visão mágica a tal altura que descobriu a curvatura no horizonte, demonstrando claramente que o mundo é um globo! Desde o início dos tempos, isso é um fato conhecido por quase todos os marinheiros e pescadores que viam as velas surgir no horizonte antes de se ver o resto da embarcação! — Erguera a voz, quase gritando.

Vendo que Tully ficara ressentido pela referência ao antigo cânone da igreja há muito abandonado, Kulgan atenuou o tom de voz:

— Com todo o respeito, Tully, mas não tente ensinar um velho ladrão a roubar. Bem sei que a sua ordem discute somente por discutir com os melhores e que metade dos seus irmãos clérigos tem ataques de riso quando ouve os jovens acólitos debatendo com a maior seriedade questões teológicas abandonadas um século atrás. Além disso, a lenda da arte perdida não se trata de um dogma ishapiano?

Foi a vez de Tully fixar Kulgan com um olhar de desaprovação. Num tom de desespero divertido, disse:

— A sua educação no que diz respeito à religião ainda é deficiente, Kulgan, apesar da compreensão considerável e inexorável quanto ao funcionamento interno da minha ordem. — Sorriu ligeiramente. — No entanto, tem razão quanto aos tribunais de debate doutrinários. A maioria de nós os acha divertidos por lembrarem como éramos por demais sombrios na época em que éramos acólitos. — Com um ar circunspecto, disse: — Mas falo sério quando digo que a sua educação é deficiente. Os ishapianos têm algumas crenças peculiares, sem dúvida, e são um grupo isolado, mas também são a ordem mais antiga de que se tem conhecimento e são reconhecidos como a igreja principal em questões que dizem respeito a diferenças entre religiões divergentes.

— Guerras religiosas, melhor dizendo — disse Kulgan, com um sorriso animado.

Tully ignorou o comentário.

— Os ishapianos são os guardiões do saber e da história mais antigos do Reino, possuem a maior biblioteca. Já a visitei no Templo de Krondor e é muito impressionante.

Kulgan sorriu e, com um ligeiro tom de condescendência, disse:

— Eu também a visitei, Tully, e percorri as prateleiras na Abadia de Sarth, que é dez vezes maior. Aonde quer chegar?

Inclinando-se para a frente, Tully disse:

— A questão é: diga o que quiser sobre os ishapianos, mas quando apresentam algo como pertencente à história e não ao folclore, normalmente eles têm a capacidade de apresentar volumes antigos que corroboram essas afirmações.

— Não — disse Kulgan, rejeitando os comentários de Tully com um aceno de mão. — Não minimizo as suas crenças, nem as de qualquer outro homem, mas não posso aceitar esses disparates acerca de artes perdidas. Posso até me dispor a acreditar que Pug poderá, sabe-se lá como, estar em melhor sintonia com algum aspecto da magia que ignoro, talvez algo que envolva conjuração de espíritos ou ilusões, áreas que admito desconhecer, sem nenhum problema, mas não posso aceitar que ele nunca aprenderá a dominar o seu ofício porque o deus da magia, há muito desaparecido, pereceu nas Guerras do Caos! Não, que existe folclore desconhecido, ainda admito. O nosso ofício possui lacunas demais para que se possa sequer pensar que o nosso entendimento da magia está remotamente completo. Contudo, se Pug não consegue aprender magia, isso se deve apenas ao meu fracasso como professor.

Tully encarou Kulgan enfurecido, repentinamente ciente de que o mago não estava pensando nas possíveis lacunas de Pug, e sim nas suas.

— Agora está sendo insensato. Você é um homem dotado, e se tivesse sido eu a descobrir o talento de Pug, não poderia ter imaginado melhor professor do que você. Mas o fracasso não existe se não souber o que precisa lhe ensinar. — Kulgan começou a retorquir, mas Tully o

interrompeu: — Não, deixe-me concluir. O que nos falta é entendimento. Você parece esquecer que existiram outros como Pug, talentos selvagens incapazes de dominar os dons que possuíam, e outros que falharam como sacerdotes e magos.

Kulgan deu uma baforada no cachimbo, com as sobrancelhas unidas devido à concentração. De repente, começou a rir disfarçadamente, até que desatou a gargalhar. Tully lançou um olhar severo para o mago. Kulgan acenou o cachimbo descontraído.

— Ocorreu-me a ideia de que, se um guardador de porcos não conseguir ensinar ao filho a vocação da família, poderá alegar que foi devido ao desaparecimento dos deuses dos porcos.

Os olhos de Tully arregalaram-se diante do pensamento quase blasfemo, para em seguida rir, com um latido breve.

— Essa é boa para os tribunais de debates doutrinários! — Os dois homens riram, uma gargalhada prolongada e aliviadora de tensões. Tully suspirou e levantou-se. — Ainda assim, não feche a mente por completo ao que eu lhe disse, Kulgan. Pug pode vir a se revelar um desses talentos selvagens. E você terá de se resignar a deixá-lo partir.

Kulgan sacudiu a cabeça com tristeza perante a ideia.

— Recuso-me a acreditar que existe uma explicação tão simples para esses outros fracassos, Tully. E também para as dificuldades de Pug. A falha encontrava-se em cada homem ou mulher, e não na natureza do universo. Muitas vezes sinto que falhamos com Pug, pois não sabemos como chegar até ele. Talvez fosse mais sensato de minha parte procurar outro mestre para o garoto, colocá-lo junto de alguém que possuísse mais competência para explorar as suas capacidades.

Tully suspirou.

— Dei a minha opinião sobre o assunto, Kulgan. Não sei mais como aconselhá-lo. No entanto, como costumam dizer, um mestre medíocre é melhor do que mestre nenhum. O que teria acontecido ao garoto se ninguém tivesse decidido ensiná-lo?

Kulgan ficou em pé de um salto.

— O que você disse?

— Eu disse: o que teria acontecido ao garoto se ninguém tivesse decidido ensiná-lo?

Os olhos de Kulgan ficaram desfocados enquanto contemplava o vazio. Começou a dar baforadas furiosas no cachimbo. Depois de alguns momentos observando-o, Tully disse:

— O que se passa, Kulgan?

— Não estou certo, Tully, mas é possível que você tenha me dado uma ideia — disse Kulgan.

— Que tipo de ideia?

Kulgan acenou em resposta.

— Não sei bem. Dê-me um tempo para pensar. Mas pense no que disse e se pergunte: como os primeiros magos aprenderam a usar o poder que possuíam?

Tully voltou a recostar-se e ambos ponderaram a questão em silêncio. Pela janela, ouviam o som de jovens brincando no pátio do castelo.

Em todos os Sextos Dias, os garotos e as garotas que trabalhavam no castelo tinham permissão para passar a tarde como quisessem. Os rapazes, tanto aqueles na idade de serem aprendizes como também os mais novos, constituíam um grupo barulhento e tumultuoso. As moças trabalhavam a serviço das damas do castelo, limpando e costurando, além de ajudarem na cozinha. Trabalhavam a semana toda, do nascer ao pôr do sol e além, todos os dias, mas no sexto dia da semana reuniam-se no pátio do castelo, próximo ao jardim da Princesa. Grande parte dos garotos jogava um bruto pega-pega, que envolvia a captura de uma bola de couro, cheia de trapos, por um dos lados, entre empurrões e gritos, pontapés e murros ocasionais. Usavam suas roupas mais velhas, pois rasgões, manchas de sangue e de lama eram comuns.

As garotas sentavam-se no muro baixo junto ao jardim, entretendo-se com as fofocas sobre as senhoras da corte. Quase sempre vestiam suas melhores saias e blusas, e seus cabelos brilhavam por terem sido lavados e penteados. Os dois grupos faziam questão de ignorarem-se e ambos eram igualmente pouco convincentes nisso.

Pug correu para o local onde ocorria o jogo. Como era habitual, Tomas estava no centro da balbúrdia, o cabelo ruivo esvoaçando como um estandarte, gritando e rindo acima do barulho. Entre cotoveladas e pontapés, parecia ferozmente feliz, como se a dor tornasse a competição ainda mais compensadora. Correu em meio ao amontoado de corpos, chutando a bola para o ar, tentando desviar os pés daqueles que tentavam dar-lhe rasteiras. Ninguém tinha certeza sobre a origem do jogo, nem sequer sabiam as regras exatas, mas os garotos jogavam com uma intensidade digna do campo de batalha, tal como os pais tinham feito anos antes.

Pug correu para o campo e pôs um pé à frente de Rulf no exato instante em que ele ia derrubar Tomas por trás. Rulf caiu no meio de outros jogadores e Tomas ficou livre. Correu para a baliza e, deixando cair a bola à sua frente, chutou-a para um enorme barril virado, pontuando para a sua equipe. Enquanto os demais comemoravam, Rulf pôs-se em pé de um salto e afastou outro garoto de modo a ficar na frente de Pug. Fulminando-o com o olhar através de espessas sobrancelhas, berrou:

— Faça isso de novo e quebro as suas pernas, seu vesgo-da-areia! — O vesgo-da-areia era uma ave de hábitos sórdidos, sendo que um deles era deixar os ovos nos ninhos de outros pássaros para que os seus filhotes fossem criados por eles. Pug não deixaria um insulto de Rulf passar sem desafiá-lo. Com as frustrações dos últimos meses vindo à tona, estava sentindo-se particularmente sensível naquele dia. Com um salto, voou na cabeça de Rulf, lançando seu braço esquerdo ao redor do pescoço do garoto mais corpulento. Levou o punho direito ao rosto de Rulf, sentindo o nariz se esborrarchar com aquele primeiro golpe. No momento seguinte, os dois garotos rolavam pelo chão. O peso de Rulf começou a fazer diferença e não demorou muito para que ele montasse no peito de Pug, esmurrando o rosto do garoto menor com seus punhos gordos.

Tomas estava de mãos atadas, observando, pois, por mais que quisesse ajudar o amigo, o código de honra dos garotos era tão rígido e inviolável

como o da nobreza. Caso interferisse a favor do amigo, Pug jamais conseguiria superar a vergonha. Tomas saltava para cima e para baixo, incentivando-o, fazendo caretas sempre que Pug era golpeado, como se fosse ele próprio que sentisse os socos.

Pug contorceu-se, tentando sair de baixo do garoto maior, o que fez vários murros de Rulf errarem o alvo, acertando a terra em vez do rosto do rival. Contudo, eram muitos os que o acertavam e Pug começou a sentir um afastamento esquisito de tudo o que se passava. Achou estranho começar a ouvir as vozes à distância e o fato de os golpes de Rulf parecerem não machucar mais. Sua visão começava a toldar-se de vermelho e amarelo quando deixou de sentir o peso no peito.

Após um breve instante, o mundo voltou a ficar nítido e Pug viu o Príncipe Arutha sobre ele, com as mãos segurando firmemente o colarinho de Rulf. Ainda que não tivesse o porte poderoso do irmão ou do pai, mesmo assim o Príncipe conseguiu segurar Rulf a uma altura em que os dedos dos pés do cavalariço mal tocavam no chão. O Príncipe sorriu, mas sem achar graça.

— Creio que o garoto já teve o bastante — disse em voz baixa, com um olhar furioso. — Não concorda? — O tom gélido deixou claro que não esperava uma resposta. O sangue ainda escorria pela cara de Rulf devido ao primeiro soco de Pug quando emitiu um som abafado que o Príncipe interpretou como assentimento. Arutha largou o colarinho do cavalariço, que caiu para trás, para diversão dos que observavam. O Príncipe estendeu a mão e ajudou Pug a erguer-se.

Apoiando o menino cambaleante, Arutha disse:

— Admiro a sua coragem, garoto, mas não queremos que o mais exímio jovem mago do Ducado perca as suas capacidades mentais com tantos murros, não é? — O tom foi levemente zombeteiro, mas Pug estava entorpecido demais para reagir além de ficar parado olhando para o filho mais novo do Duque. O Príncipe esboçou um sorriso e entregou-o a Tomas, que se aproximara com um pano úmido na mão.

Pug conseguiu sair do estado de desorientação enquanto Tomas lhe passava o pano pelo rosto, sentindo-se ainda pior ao ver a Princesa e

Roland a poucos metros quando o Príncipe se juntou a eles. Levar uma surra na frente das garotas do castelo já era ruim; ser sovado por um paspalho como Rulf diante da Princesa era uma catástrofe.

Emitindo um gemido que pouco tinha a ver com o estado físico em que se encontrava, Pug tentou com todas as suas forças parecer outra pessoa. Tomas agarrou-o com força.

— Tente não se mexer muito. Não está tão mal assim. Boa parte desse sangue é de Rulf. Amanhã o nariz dele vai parecer um horrível repolho vermelho.

— Assim como a minha cabeça.

— Não é tão grave. Um olho roxo, talvez dois, com uma bochecha inchada de quebra. No geral, você até se saiu bem, mas da próxima vez que quiser se meter com Rulf, espere até crescer um pouco mais, está bem? — Pug ficou observando o Príncipe conduzir a irmã para longe do local da briga. Roland sorriu-lhe de orelha a orelha e Pug desejou cair morto ali mesmo.

Pug e Tomas saíram da cozinha com os pratos do jantar nas mãos. A noite estava agradável e preferiam a brisa fresca marítima ao calor da copa. Sentaram-se no alpendre e Pug mexeu o maxilar de um lado para outro, sentindo os estalidos. Tentou mastigar um pedaço de cordeiro e pôs o prato de lado.

Tomas observou-o.

— Não consegue comer?

Pug balançou a cabeça.

— O meu maxilar dói muito. — Inclinou-se para a frente, colocando os cotovelos nos joelhos e o queixo nos punhos. — Eu deveria ter ficado quieto. Teria sido melhor.

Tomas falou, com a boca cheia de comida:

— O Mestre Fannon diz que um soldado deve manter a cabeça fria o tempo todo ou poderá perdê-la.

Pug suspirou.

— Kulgan disse algo parecido. Tenho alguns exercícios para me acalmar. Devia tê-los usado.

Tomas engoliu uma grande porção de comida.

— Praticar esses exercícios sozinho no quarto é uma coisa. Colocá-los em prática enquanto alguém o insulta é outra bem diferente. Acho que eu faria o mesmo.

— Mas você teria ganhado.

— Provavelmente. E é por isso que o Rulf nunca viria para cima de mim. — A sua atitude indicava que não estava se gabando, mas simplesmente constatando os fatos. — Ainda assim, você se saiu bem. O nariz de repolho irá pensar duas vezes antes de voltar a se meter com você, tenho certeza, e, seja como for, é disso que se trata.

— O que quer dizer? — perguntou Pug.

Tomas largou o prato e arrotou. Satisfeito com o som, disse:

— Com arruaceiros é sempre assim: não importa se você consegue vencê-los. O que importa é conseguir enfrentá-los. Rulf pode ser grande, mas por baixo daquela bravura toda não passa de um covarde. Agora, vai voltar a atenção para os mais novos e implicar com eles. Acho que não vai querer mais nada com você. Não gosta do preço que tem de pagar. — Tomas olhou para o amigo com um sorriso largo e afetuoso. — Aquele primeiro murro que você deu foi uma beleza. Bem na fuça.

Pug sentiu-se um pouco melhor. Tomas devorou com os olhos o jantar intacto do amigo.

— Vai comer isso?

Pug olhou para o prato. Estava cheio de carne quente de cordeiro, legumes e batatas. Apesar do aroma delicioso, Pug estava sem apetite.

— Não, sirva-se.

Tomas pegou o prato e começou a enfiar tudo na boca. Pug sorriu. Tomas não era conhecido por se privar de comida.

Pug voltou o olhar para a muralha do castelo.

— Eu me senti um perfeito idiota.

Tomas parou de comer, com um pedaço de carne a meio caminho da boca. Observou Pug por um instante.

— Você também?

— Eu também o quê?

Tomas riu.

— Está envergonhado porque a Princesa viu Rulf lhe dar uma surra.

Pug indignou-se.

— Não foi uma surra. Bati tanto quanto apanhei!

Tomas gritou:

— Aí está! Eu sabia. É a Princesa!

Pug recostou-se, resignado.

— Suponho que sim.

Tomas não disse mais nada e Pug olhou para o amigo, que estava ocupado acabando com seu jantar. Por fim, Pug disse:

— E imagino que você não gosta dela.

Tomas encolheu os ombros. Entre dentadas, disse:

— Lady Carline é bastante bonita, mas sei qual é o meu lugar. Seja como for, estou de olho em outra garota.

Pug endireitou-se.

— Em quem? — perguntou, com a curiosidade atiçada.

— Não digo — disse Tomas com um sorriso malicioso.

Pug riu.

— É a Neala, não é?

O queixo de Tomas caiu.

— Como soube?

Pug tentou parecer misterioso:

— Nós, os magos, temos os nossos métodos.

Tomas bufou.

— Belo mago. É tão mago quanto eu sou um Capitão da Corte dos Exércitos do Rei. Diga, como soube?

Pug riu.

— Não é mistério nenhum. Sempre que você a vê, estufa o peito naquele tabardo e fica vaidoso como um galo de Bantam.

Tomas pareceu preocupado.

— Não acha que ela percebeu, acha?

Pug sorriu como um gato de barriga cheia.

— Ela não sabe, tenho certeza. — Fez uma pausa. — Se for cega e se todas as outras garotas da torre já não tiverem falado disso para ela uma centena de vezes.

Uma expressão desolada tomou conta do rosto de Tomas.

— O que ela deve estar pensando disso?

— Vai saber o que as garotas pensam. Pelo que sei, provavelmente deve gostar — disse Pug.

Tomas olhou para o prato com um ar pensativo.

— Você já pensou em ter uma esposa?

Pug piscou como uma coruja apanhada pela claridade.

— Eu... eu nunca pensei nisso. Não sei se os magos casam. Acho que não.

— Nem os soldados, em geral. O Mestre Fannon diz que um soldado que pensa na família não pensa nas suas funções. — Tomas ficou calado durante um minuto.

— Isso não parece incomodar o Sargento Gardan ou alguns dos outros soldados — disse Pug.

Tomas bufou, como se essas exceções apenas comprovassem o seu ponto de vista.

— Às vezes tento imaginar o que seria ter uma família.

— Você tem uma família, seu idiota. O órfão aqui sou eu.

— Estou falando de uma esposa, cabeçudo. — Tomas tentou fazer o seu melhor olhar “você é idiota demais para viver”. — E também de filhos, um dia. Não estou falando de mãe e pai.

Pug encolheu os ombros. A conversa estava tomando rumos que o perturbavam. Nunca pensava nesses assuntos, uma vez que estava menos ansioso para crescer do que Tomas.

— Suponho que iremos casar e ter filhos, se é isso que é esperado de nós — disse Pug.

Tomas olhou para Pug com um ar de extrema seriedade, para que o garoto mais novo não julgasse se tratar de um assunto de menor importância.

— Imaginei um pequeno quarto em algum lugar no castelo e... não consigo imaginar quem seria a garota. — Mastigou a comida. — Há alguma coisa errada nisso, acho.

— Errada?

— Como se houvesse algo mais que não consigo compreender... não sei.

— Bem, se você não comprehende, como espera que eu vá? — perguntou Pug.

De repente, Tomas mudou de assunto:

— Somos amigos, não somos?

Pug foi apanhado de surpresa.

— Claro que somos amigos. Você é um irmão para mim. Os seus pais sempre me trataram como se fosse filho deles. Por que perguntar uma coisa dessas?

Tomas largou o prato, inquieto.

— Não sei. É que, às vezes, penso que isso tudo vai mudar, seja lá como for. Você vai ser mago, talvez viajar pelo mundo, visitar outros magos em terras distantes. Eu vou ser soldado, obrigado a seguir as ordens do meu senhor. Provavelmente não irei conhecer mais do que uma parte do Reino, e isso só acontecerá se eu fizer parte da escolta da guarda pessoal do Duque, isto é, se tiver sorte.

Pug ficou alarmado. Nunca vira Tomas tão sério. O garoto mais velho era sempre o primeiro a rir e parecia não ter uma única preocupação na vida.

— Não me importa o que acha, Tomas — disse Pug. — Nada irá mudar. Seremos amigos, aconteça o que acontecer.

Tomas sorriu ao ouvir as palavras do amigo.

— Espero que você esteja certo. — Recostou-se e os dois garotos contemplaram as estrelas sobre o mar e as luzes do povoado, emolduradas como um quadro pelo portão do castelo.

Pug tentou lavar o rosto na manhã seguinte, mas descobriu que essa era uma tarefa difícil de ser realizada. O olho esquerdo estava tão

inchado que não conseguia abri-lo e o direito apenas entreabria. Grandes inchaços azulados decoravam-lhe o rosto e o maxilar estalava sempre que o mexia de um lado para outro. Fantus estava deitado no catre de Pug, com os olhos vermelhos brilhando devido ao sol da manhã que entrava pela janela da torre.

A porta do quarto do garoto se abriu de repente e Kulgan entrou, o corpo robusto coberto por um manto verde. Detendo-se por um segundo para contemplar o garoto, sentou-se no catre e coçou o dragonete atrás dos olhos, provocando um ronronar satisfeito que vinha do fundo da garganta de Fantus.

— Estou vendo que não passou o dia de ontem sentado sem fazer nada — disse.

— Eu me meti em uma encrenca, senhor.

— Ora, as lutas fazem parte da vida dos jovens, bem como da dos adultos, mas espero que o outro garoto esteja com um aspecto no mínimo tão ruim quanto o seu. Seria uma pena não ter tido o prazer de bater como teve ao apanhar.

— O senhor está zombando de mim.

— Só um pouco, Pug. A verdade é que na minha juventude tive a minha cota de arranhões, mas o tempo das brigas de crianças faz parte do passado. Você deve fazer melhor uso das suas energias.

— Eu sei, Kulgan, mas nos últimos tempos tenho andado tão frustrado que, quando aquele idiota do Rulf me ofendeu por eu ser órfão, senti a raiva ferver dentro de mim até transbordar.

— Bom, estar ciente do seu papel em tudo isso é um sinal favorável de que você está se tornando um homem. A maioria dos garotos tentaria justificar os seus atos, culpando os outros ou invocando algum imperativo moral para brigar.

Pug puxou o banco e sentou-se de frente para o mago. Kulgan tirou o cachimbo e começou a enchê-lo.

— Pug, no seu caso, creio que temos abordado a sua educação da forma errada. — Procurou um pauzinho para acender o cachimbo no pequeno fogo que ardia no braseiro. Não encontrando nenhum, o rosto

de Kulgan se fechou ao concentrar-se por um minuto; foi então que surgiu uma pequena chama no dedo indicador da sua mão direita. Levando-a ao cachimbo, demorou pouco para que o quarto ficasse quase repleto de grandes nuvens de fumaça branca. A chama desapareceu assim que Kulgan sacudiu a mão. — Uma habilidade útil, caso goste de fumar cachimbo.

— Daria tudo para conseguir fazer pelo menos isso — disse Pug, descontente.

— Como eu estava dizendo, é possível que tenhamos abordado isso da forma errada. Talvez devêssemos pensar numa abordagem diferente no que diz respeito à sua educação.

— Como assim?

— Pug, antigamente, os primeiros magos não tinham mestres nas artes da magia. Foram eles que desenvolveram as habilidades que aprendemos hoje. Algumas das habilidades antigas, como sentir o odor das mudanças de tempo ou ter a capacidade de encontrar água com a ajuda de um galho, vêm desde os tempos mais remotos. Tenho pensado que, por algum tempo, vou deixá-lo fazer o que achar melhor. Estude o que desejar nos livros que posso. Continue com as outras disciplinas, como aprender as artes da escrita com Tully, mas eu não o incomodarei com lições durante algum tempo. Responderei a quaisquer perguntas que você tiver, todavia acredito que, por ora, você precisa se descobrir.

Abatido, Pug perguntou:

— Sou um caso perdido?

Kulgan sorriu de maneira tranquilizadora.

— De modo algum. Há outros casos de magos que tiveram inícios lentos. Lembre-se de que você será aprendiz por mais nove anos. Não se deixe abater pelos insucessos dos últimos meses. A propósito, gostaria de aprender a montar?

O estado de espírito de Pug mudou por completo, levando-o a gritar:

— Oh, sim! Posso?

— O Duque decidiu que gostaria que a Princesa fosse acompanhada por um garoto de tempos em tempos. Agora que os filhos estão

crescidos, possuem muitos deveres, e o Duque acha que esta seria uma boa opção para quando estiverem ocupados demais para acompanhá-la.

A cabeça de Pug estava rodando. Não só aprenderia a montar, uma habilidade geralmente limitada à nobreza, como também estaria na companhia da Princesa!

— Quando começo?

— Hoje mesmo. A missa matinal está quase terminando.

Como era o Primeiro Dia, os fiéis assistiam aos cultos na capela do Castelo ou no pequeno templo do povoado. O resto do dia destinava-se a trabalhos leves, somente o necessário para levar a comida à mesa do Duque. Os rapazes e as moças podiam obter um meio dia adicional no Sexto Dia, mas os mais velhos repousavam no Primeiro Dia.

— Vá ver o Algon, o Etribeiro-Mor. O Duque já deu ordens a ele e você começará as suas lições imediatamente.

Sem mais uma palavra, Pug deu um salto e correu até as cavalariças.

Assalto

Pug cavalgava em silêncio.

O cavalo avançava devagar pelas falésias junto ao mar. A brisa cálida trazia o aroma das flores e, a leste, as árvores da floresta balançavam lentamente. O sol de verão provocava um reflexo quente sobre o oceano. Acima das ondas, gaivotas podiam ser vistas pairando no ar, e depois mergulhando na água em busca de alimento. Lá no alto, vagavam grandes nuvens brancas.

Pug lembrou-se dessa manhã enquanto fitava as costas da Princesa em seu delicado palafrém branco. Ficara esperando nas cavalariças durante quase duas horas até a Princesa aparecer com o pai. O Duque instruiu Pug detalhadamente sobre a responsabilidade que tinha para com a senhora do castelo. Pug ficou calado enquanto o Duque repetia todas as instruções que Algon, o Estripeiro-Mor, transmitira-lhe na noite anterior. Fazia uma semana que o mestre das cavalariças o vinha treinando e já o considerava preparado para montar com a Princesa — ainda que não muito bem.

Pug a seguiria pelo portão, ainda deslumbrado com essa felicidade inesperada. Estava entusiasmado, apesar de ter passado a noite em claro e de não ter tomado o café da manhã.

O seu estado de espírito estava prestes a passar da adoração juvenil para uma irritação absoluta. A Princesa recusava-se a responder a qualquer tentativa educada de conversa, limitando-se a dar-lhe ordens. O tom que usava era autoritário e grosseiro, insistindo em chamá-lo de “garoto”, ignorando vários lembretes delicados de que o seu nome era Pug. Agora, ela parecia muito pouco com a moça distinta da corte, lembrando mais uma criança mimada e impertinente.

No início, sentira-se incomodado montado na velha égua cinzenta que puxava carroças e que tinha sido considerada adequada às suas habilidades. A égua tinha uma natureza calma e não mostrava vontade de andar mais depressa do que a situação exigia.

Pug escolhera a sua túnica vermelho-claro, aquela que lhe fora oferecida por Kulgan, e, ainda assim, estava pobramente vestido em comparação com a Princesa. Ela trajava um vestido de equitação amarelo com detalhes em preto, simples, embora refinado, que combinava com seu chapéu. Mesmo sentada de lado, Carline parecia ter nascido para montar, enquanto Pug sentia que devia vir atrás da égua com um arado. Sua égua tinha uma tendência irritante de querer parar a cada dúzia de passos para pastar ou mordiscar arbustos, ignorando os chutes frenéticos de Pug em seu flanco, enquanto a montaria excelentemente treinada da Princesa reagia de imediato ao menor estalo do chicote. Ela cavalgava em silêncio, ignorando os grunhidos de esforço vindos do garoto que tentava, com força de vontade e a arte de cavalaria, manter a teimosa montaria em movimento.

Pug sentiu os primeiros sinais de fome, os sonhos românticos vencidos pelo apetite comum a um garoto de quinze anos. Enquanto cavalgavam, os pensamentos de Pug concentravam-se cada vez mais no cesto do almoço que pendia da sua sela. Após o que lhe pareceu uma eternidade, a Princesa dirigiu-se a ele:

— Garoto, qual é o seu ofício?

Surpreendido pela pergunta após o silêncio tão prolongado, Pug balbuciou a resposta:

— Eu... eu sou aprendiz do Mestre Kulgan.

Ela lançou-lhe um olhar que seria adequado se tivesse visto um inseto rastejando pelo prato do jantar.

— Oh, você é o tal garoto.

Qualquer breve centelha de interesse por Pug que tivesse existido se extinguiu e a Princesa voltou a virar-se. Cavalgaram mais um pouco até que a Princesa disse:

— Garoto, paramos aqui.

Pug parou a égua e, antes de conseguir se aproximar da Princesa, ela já havia desmontado com agilidade, sem esperar pela mão de Pug, tal como Mestre Algon disse que ela faria. Entregou-lhe as rédeas do cavalo e dirigiu-se à beira da falésia.

Contemplou o mar por um minuto e, sem olhar para Pug, perguntou:

— Você acha que sou bonita?

Ele ficou em silêncio, sem saber o que dizer. A Princesa virou-se para ele:

— Então?

— Sim, Vossa Alteza — disse Pug.

— Muito bonita?

— Sim, Vossa Alteza. Muito bonita.

A Princesa pareceu pensar na resposta por um instante, voltando a atenção para a paisagem abaixo.

— Para mim é muito importante ser bonita, garoto. Lady Marna diz que tenho de ser a dama mais linda do Reino, pois um dia terei de encontrar um marido poderoso, e somente as mais belas damas do Reino têm opção de escolha. As mais feias terão de aceitar quem as queira. Ela diz que terei muitos pretendentes, uma vez que meu pai é importante. — Virou-se e, por um segundo, Pug julgou ter vislumbrado uma expressão apreensiva nas adoráveis feições da Princesa. — Você tem muitos amigos, garoto?

Pug encolheu os ombros.

— Alguns, Vossa Alteza.

Ela o examinou por um momento para depois dizer:

— Deve ser agradável — disse ela, afastando distraidamente uma mecha de cabelo que se soltara do chapéu de equitação de abas largas. Naquele momento, algo nela pareceu tão ferido e solitário que Pug voltou a sentir um aperto no coração. Obviamente, a expressão dele revelou algo à Princesa, pois ela apertou os olhos repentinamente e mudou de humor, passando de uma atitude pensativa para outra própria de um membro da realeza. Com um tom ainda mais autoritário, anunciou:

— Passemos de imediato ao almoço.

Sem demora, Pug prendeu os cavalos e retirou o cesto. Colocou-o no chão e o abriu.

Carline avançou e afirmou:

— Eu preparam a refeição, garoto. Não quero mãos desastradas derrubando pratos e derramando vinho. — Pug deu um passo para trás quando a menina se ajoelhou e começou a desembrulhar o almoço. Aromas apetitosos de queijo e pão invadiram as narinas de Pug, que ficou com água na boca.

A Princesa olhou para ele.

— Leve os cavalos até o riacho da colina para que bebam. Você poderá comer no caminho de volta. Irei chamá-lo quando terminar. — Reprimindo um resmungo, Pug pegou as rédeas dos animais e começou a andar. Chutou algumas pedras soltas, com as emoções em conflito enquanto os conduzia. Sabia que não deveria deixar a garota sozinha, mas também não podia desobedecer-lhe. Não se via ninguém e era improvável que ocorressem problemas a essa distância da floresta. Além disso, estava feliz por se afastar por algum tempo.

Chegou ao riacho, tirou as selas das montarias e alisou as marcas úmidas da sela e da cilha, deixando as rédeas soltas no chão. O palafrém estava acostumado a esse tipo de restrição, e a égua não mostrava sinais de querer se afastar. Eles começaram a pastar e Pug procurou um lugar confortável para sentar-se. Pensou na situação e ficou abismado. Carline não deixara de ser a garota mais bela que já vira, mas suas ações estavam apagando rapidamente o brilho daquele fascínio. No momento, estava

mais preocupado com o seu estômago do que com a garota dos seus sonhos. Pensou que talvez houvesse mais a respeito dos assuntos amorosos do que imaginara.

Entreteve-se por um tempo enquanto especulava sobre o tema. Quando se aborreceu, foi procurar seixos na água. Nos últimos tempos, não tinha tido oportunidade de praticar com a funda, e aquele momento parecia adequado. Encontrou vários seixos lisos e pegou a funda. Treinou escolhendo alvos entre as árvores pequenas a alguma distância, assustando os pássaros que ali viviam. Acertou em vários cachos de bagas azedas, errando apenas um alvo em seis. Satisfeito por ver que a pontaria estava tão boa como de costume, enfiou a funda no cinto. Encontrou vários outros seixos que pareciam promissores, guardando-os na bolsa. Calculou que a garota já deveria estar acabando seu almoço e foi em direção aos cavalos para colocar-lhes as selas. Quando ela o chamasse, já estaria pronto.

Ao se aproximar do cavalo da Princesa, ouviu um grito vindo do outro lado da colina. Deixou cair a sela e correu até o topo do morro e, ali chegando, deteve-se, horrorizado. Os pelos do pescoço e dos braços eriçaram-se.

A Princesa fugia e, quase a alcançando, corriam dois trolls. Habitualmente, os trolls não se aventuravam tão longe da floresta, e Pug não esperavavê-los ali. Eram semelhantes a um homem, embora baixos e largos, com braços compridos e grossos que quase chegavam ao chão. Corriam tanto de quatro como de pé, parecendo uma imitação cômica de macacos, tendo o corpo coberto por um espesso pelo grisalho e lábios arreganhados, que deixavam entrever presas compridas. As horrendas criaturas raramente perturbavam os seres humanos, mas de tempos em tempos perseguiam um viajante solitário.

Pug hesitou por um momento e logo tirou a funda do cinto, carregando-a com um dos seixos que recolhera; em seguida, correu encosta abaixo, girando a arma acima da cabeça. As criaturas estavam quase alcançando a Princesa quando Pug lançou uma pedra. Acertou em um dos lados da cabeça do troll que estava mais na frente, fazendo-o dar

uma cambalhota. O segundo tropeçou no parceiro e ambos caíram, embolados um no outro. Pug parou quando começaram a se levantar, deixando de dar atenção a Carline e virando-se para os agressores, que rugiram para o garoto e investiram. Pug voltou a subir a colina correndo. Sabia que, se conseguisse alcançar os cavalos, poderia deixá-los para trás, circundá-los até chegar à garota e afastarem-se em segurança. Olhou por cima do ombro e viu que se aproximavam — com enormes caninos à mostra e compridas garras arrancando pedaços do solo. A favor do vento, conseguia sentir o odor fétido de carne em putrefação.

Transpôs o topo da colina, ofegando de modo irregular. Seu coração quase parou quando viu que os cavalos tinham atravessado o riacho e estavam agora afastados cerca de vinte metros. Descendo a encosta a toda a velocidade, esperou que essa diferença não se mostrasse fatal.

Ao entrar no riacho, conseguia ouvir os trolls às suas costas. Ali, a água era rasa, mas nem por isso diminuiu o passo.

Chapinhando pelo riacho, Pug prendeu o pé em uma pedra e caiu. Lançou os braços para a frente e amparou-se com as mãos, mantendo a cabeça acima da linha da água. Sentiu um choque percorrer-lhe o braço ao tentar recuperar o equilíbrio. Voltou a tropeçar, virando-se quando os trolls se aproximaram da beira do riacho. Rugiram aovê-lo tropeçar na água, detendo-se por instantes. Pug sentiu um genuíno terror enquanto se debatia para colocar uma pedra na funda com os dedos dormentes. Atrapalhando-se, deixou-a cair e ser levada pela corrente. O garoto sentiu um grito formando-se na garganta.

Assim que os trolls entraram na água, um clarão explodiu atrás dos olhos de Pug. Uma dor abrasadora rompeu por sua testa enquanto letras cinzentas pareciam formar-se em sua mente. Pug reconheceu-as de um pergaminho que Kulgan lhe mostrara diversas vezes. Sem pensar, pronunciou o feitiço, cada palavra desaparecendo de sua mente assim que a proferia.

Ao terminar a última palavra, a dor cessou e Pug ouviu um enorme estrondo à sua frente. Abriu os olhos e viu os dois trolls se contorcendo

na água, os olhos arregalados devido ao intenso sofrimento enquanto se debatiam inutilmente, gritando e gemendo.

Arrastando-se para fora da água, Pug ficou vendo as criaturas agonizarem. Pareciam estar sufocando e emitiam chiados enquanto afundavam. Pouco tempo depois, um deles estremeceu e parou de se mexer, ficando de barriga para baixo na água. O outro levou mais alguns segundos para morrer, mas, tal como o companheiro, também se afogou, incapaz de manter a cabeça à tona na água rasa.

Sentindo-se atordoado e fraco, Pug voltou a atravessar o riacho. Tinha a mente entorpecida e tudo lhe parecia enevoado e deslocado. Parou depois de alguns passos, lembrando-se dos cavalos. Olhou em volta e não os viu. Deviam ter fugido assim que sentiram o cheiro dos trolls e já deveriam estar em pastagens seguras.

Pug retomou o caminho para onde a Princesa ficara. Chegou ao monte e não a avistou em lugar algum, então se dirigiu ao cesto de comida derrubado. Estava com dificuldade para pensar e ainda morto de fome. Sabia que deveria estar fazendo ou pensando alguma coisa, mas a comida era tudo o que conseguia distinguir no caleidoscópio dos seus pensamentos.

Caindo de joelhos, pegou uma fatia de queijo e enfiou na boca. Havia uma garrafa caída por perto, e ele umedeceu o queijo com o vinho que restava. O queijo condimentado e o vinho branco apimentado reanimaram-no e Pug sentiu a mente desanuviar-se. Arrancou um grande pedaço de pão e mordiscou-o enquanto tentava organizar os pensamentos. Relembrando os acontecimentos, um detalhe destacou-se. Sabe-se lá como, tinha conseguido lançar um feitiço. E fizera isso sem o auxílio de qualquer livro, pergaminho ou instrumento. Não tinha certeza do motivo, mas, de certa forma, isso lhe parecia estranho. Voltou a ficar com a mente anuviada. Desejava, mais do que tudo, deitar-se e dormir, mas mastigando a comida, um pensamento abriu um caminho por suas loucas impressões fragmentárias. A Princesa!

Ficou de pé com um salto e sentiu a cabeça girar. Equilibrando-se, pegou mais um pedaço de pão e um pouco de vinho e partiu rumo ao

local onde a vira correndo pela última vez. Tentou avançar, arrastando os pés com dificuldade. Em poucos minutos, sentiu a cabeça desanuviar-se e o cansaço passar. Começou a chamar o nome da Princesa até que ouviu soluços abafados vindos de um amontoado de arbustos. Abrindo caminho, deu com Carline aninhada atrás dos arbustos, com os punhos fechados sobre o estômago. Tinha os olhos arregalados de pavor e seu vestido estava sujo e rasgado. Sobressaltou-se ao ver Pug, ficou de pé com um salto e voou para os braços do garoto, encostando a cabeça em seu peito. Grandes soluços atormentados faziam seu corpo estremecer enquanto agarrava com força o tecido da camisa de Pug. Tal era a confusão na cabeça do rapaz que, com os braços ainda estendidos, vinho e pão nas mãos, não sabia o que fazer. Passou um dos braços desajeitadamente em volta da garota aterrorizada e disse:

— Está tudo bem. Eles se foram. Você está a salvo.

Ela não o largou por um tempo até que, quando suas lágrimas diminuíram, acabou se afastando. Fungando, disse:

— Pensei que eles o tinham matado e que estavam voltando para me pegar.

Pug achou que essa era a situação mais desconcertante que já vivera. Tendo acabado de passar pela experiência mais angustiante de sua jovem vida, era agora obrigado a enfrentar outra que fazia a sua cabeça rodar devido a outro tipo de confusão. Sem pensar, abraçou a Princesa, de repente, ciente do contato e do encanto suave e afetuoso da garota. Um sentimento masculino de proteção brotou dentro de seu peito e o garoto começou a aproximar-se dela.

Como se tivesse sentido a mudança do estado de espírito de Pug, Carline recuou. Apesar do modo cortês e da educação, não deixava de ser uma menina de quinze anos, e ficou perturbada pelo ímpeto de emoções que tinha sentido quando Pug a abraçara. Refugiou-se na única coisa que conhecia bem, o seu papel de Princesa do castelo. Tentando soar autoritária, disse:

— Fico feliz em ver que não está ferido, garoto.

Pug retraiu-se visivelmente ao ouvir isso. A Princesa esforçou-se para recuperar o porte aristocrático, mas o nariz vermelho e o rosto molhado de lágrimas frustravam sua tentativa.

— Vá encontrar o meu cavalo para regressarmos à torre.

Pug sentiu os nervos à flor da pele. Tentando a custo manter a voz controlada, disse:

— Lamento, Vossa Alteza, mas os cavalos fugiram. Teremos de voltar a pé.

Carline sentiu-se insultada e maltratada. Pug não tinha culpa de nenhum dos acontecimentos daquela tarde, mas em razão de seu temperamento mimado, ela descontava tudo em quem estava mais próximo.

— A pé? Não podemos andar o caminho todo até o castelo — retrucou, fitando-o como se ele devesse tomar alguma providência imediata em relação ao assunto, sem levantar objeções.

Pug sentiu toda a ira, confusão, dor e frustração daquele dia tomarem conta de si.

— Sendo assim, pode ficar aqui sentada até que deem pela sua falta e mandem alguém vir buscá-la. — Estava gritando agora. — Isso deve acontecer umas duas horas depois de o sol se pôr.

Carline recuou, o rosto lívido, com ar de quem tinha levado uma bofetada. Seu lábio inferior tremeu e ela parecia estar novamente prestes a se desfazer em lágrimas.

— Não admito que falem comigo dessa forma, garoto!

Pug arregalou os olhos e avançou para ela, gesticulando com a garrafa de vinho.

— Quase morri tentando manter você viva — gritou. — Eu recebi alguma palavra de agradecimento? Não! Só ouvi a queixa lamuriosa de que não pode voltar a pé ao castelo. Nós, que vivemos na torre, podemos ter origem humilde, mas pelo menos temos educação para agradecer a alguém que merece. — Enquanto falava, sentia a raiva jorrar. — Pode ficar aqui, se quiser, mas eu estou voltando... — Percebeu, de repente, que estava de pé com a garrafa de vinho erguida acima da cabeça, em

uma pose ridícula. Os olhos da Princesa fitavam o pedaço de pão e o garoto se deu conta de que o segurava no cinto, com o polegar preso como um gancho, o que aumentava o aspecto embarracoso. Disse qualquer coisa atabalhoadamente, sentindo a raiva evaporar, e baixou a garrafa. A Princesa olhou para ele, com os enormes olhos espreitando por detrás dos punhos que ela erguera diante do rosto. Pug começou a dizer algo, julgando que a garota o temesse, quando reparou que ela estava rindo. Era um som melodioso, afetuoso e desprovido de zombaria.

— Desculpe-me, Pug — disse a Princesa —, mas está ridículo nessa posição. Parece uma daquelas estátuas horríveis que erguem em Krondor, com a garrafa bem alta em vez de uma espada.

Pug sacudiu a cabeça.

— Eu é que peço perdão, Vossa Alteza. Não tinha o direito de gritar daquela forma. Por favor, perdoe-me.

A expressão da Princesa mudou de imediato para um ar preocupado.

— Não, Pug. Você teve todo o direito de dizer o que disse. É verdade que lhe devo a minha vida e agi de forma horrível. — Aproximou-se de Pug e colocou a mão no braço do garoto. — Obrigada.

Pug sucumbiu diante da visão do rosto da Princesa. As resoluções que tomara para livrar-se de suas fantasias juvenis sobre ela foram levadas pela brisa marinha. O extraordinário fato de ter conseguido usar magia foi substituído por considerações mais urgentes e elementares. Começou a estender o braço para tocá-la, porém a consciência da posição social de Carline intrometeu-se e Pug ofereceu-lhe a garrafa.

— Vinho?

Carline riu, sentindo a mudança súbita de intenção. Estavam ambos exaustos e um pouco zonzos devido à provação pela qual passaram, mas a Princesa não perdeu a compostura e compreendeu os efeitos que estava exercendo no garoto. Com um aceno de cabeça, pegou a garrafa e bebeu um gole. Recuperando um mínimo de controle, Pug disse:

— Temos de nos apressar. Talvez cheguemos ao anoitecer.

Carline balançou a cabeça, sem desviar os olhos do garoto, e sorriu. Pug estava sentindo-se constrangido sob seu olhar e virou-se na direção do castelo.

— Bom, sendo assim, é melhor partirmos.

A Princesa andava ao lado do garoto. Pouco tempo depois, perguntou:

— Posso comer também um pouco de pão, Pug?

Pug tinha percorrido a distância entre as falésias e o castelo várias vezes, mas a Princesa não estava acostumada a vencer tais distâncias a pé e suas macias botas de montar não eram adequadas para isso. Quando avistaram o castelo, ela apoiava um braço no ombro de Pug e mancava bastante.

Um grito veio da torre do portão e guardas vieram correndo na direção dos dois. Em seguida, veio Lady Marna, a preceptora da garota, segurando o vestido vermelho enquanto corria na direção da Princesa. Ainda que tivesse o dobro do tamanho das senhoras da corte — bem como de alguns dos guardas —, ultrapassou todos eles. Avançava como uma ursa cujo filhote estava sendo atacado. O enorme peito palpitava com o esforço quando se aproximou da delicada jovem, envolvendo-a num abraço que ameaçava engolir Carline por completo. Em pouco tempo, as senhoras da corte rodearam a Princesa, enchendo-a de perguntas. Antes de o tumulto diminuir, Lady Marna virou-se e atacou Pug como a ursa que parecia ser:

— Como você se atreve a permitir que a Princesa chegue em tal estado? Mancando, com o vestido todo rasgado e sujo? Eu mesma irei açoitá-lo de uma ponta a outra do castelo. Antes de terminar, desejará nunca ter visto a luz do dia.

Recuando diante do ataque violento, Pug foi tomado pela confusão, incapaz de dizer uma palavra. Percebendo que Pug, de alguma forma, era responsável pelo estado da Princesa, um dos guardas avançou e o agarrou pelo braço.

— Deixe-o em paz!

Fez-se silêncio quando Carline abriu caminho entre a preceptora e Pug. Seus pequenos punhos acertaram o guarda, que largou o jovem e retrocedeu com uma expressão de espanto no rosto.

— Ele salvou a minha vida! Quase morreu para me salvar! — As lágrimas escorriam-lhe pelo seu rosto. — Ele não fez nada de errado e não admito que alguém o ameace! — A multidão reuniu-se ao redor deles, fitando Pug com um respeito recém-adquirido. Ouviam-se sussurros de todos os lados e um dos guardas correu para levar as notícias ao castelo. A Princesa voltou a colocar a mão no ombro de Pug e começou a andar para o portão. A multidão afastou-se e os dois exaustos viajantes viram que as tochas e as lanternas da muralha estavam sendo acesas.

Quando chegaram ao portão, a Princesa consentiu que duas senhoras a amparassem, o que foi um alívio para Pug. Não conseguia acreditar que uma garota tão franzina pudesse ser tão pesada. O Duque correu até ela, tendo sido avisado do regresso da filha. Abraçou-a, começando a falar com ela. Pug perdeu-os de vista quando pessoas curiosas e cheias de perguntas o cercaram. Tentou abrir caminho até a torre do mago, mas a multidão não permitia.

— Ninguém tem trabalho a fazer? — bradou uma voz.

As cabeças viraram-se para ver Fannon, o Mestre de Armas, seguido de perto por Tomas. Todos se retiraram rapidamente, deixando o rapaz diante de Fannon, de Tomas e dos membros da corte do Duque com posição social o bastante para permitir-lhes ignorar o comentário de Fannon. Pug conseguia ver a Princesa falando com o pai, Lyam, Arutha e o Escudeiro Roland.

— O que aconteceu, garoto? — perguntou Fannon.

Pug tentou falar, mas se deteve ao ver o Duque e os filhos aproximarem-se. Kulgan surgiu depressa por detrás deles, alertado pelo alvoroço do pátio. Todos fizeram uma medida para o Duque que se aproximava, e Pug viu Carline livrar-se das súplicas de Roland e seguir Lorde Borric, colocando-se ao lado de Pug. Lady Marna lançou um olhar em direção aos céus, e Roland seguiu a garota, com o espanto

nitidamente estampado no rosto. Quando a Princesa deu a mão a Pug, a expressão de Roland ganhou contornos negros de ciúmes.

— A minha filha contou-me sobre os seus feitos extraordinários, garoto. Gostaria de ouvir o seu relato — disse o Duque.

Pug sentiu-se subitamente constrangido e soltou com delicadeza a mão de Carline. Relatou os acontecimentos do dia, com Carline acrescentando floreios entusiasmados. Entre os dois, o Duque ficou com uma noção bastante precisa do que se passara. Quando Pug terminou, Lorde Borric perguntou:

— Como é que os trolls se afogaram no riacho, Pug?

Pug pareceu pouco à vontade.

— Lancei-lhes um feitiço e não conseguiram alcançar a margem — respondeu, em voz baixa. Continuava confuso pela façanha e não tinha pensado muito no assunto, pois a Princesa o afastara de todos os outros pensamentos. Viu a surpresa espelhada no rosto de Kulgan. Pug começou a falar, mas foi interrompido por um comentário do Duque:

— Pug, nem sei como recompensar o serviço que você prestou à minha família. No entanto, descobrirei uma forma adequada de agradecer-lhe por sua coragem.

Numa explosão de entusiasmo, Carline jogou os braços em volta do pescoço de Pug, abraçando-o com força. O rapaz ficou envergonhado, olhando freneticamente ao redor, como se tentasse comunicar que essa familiaridade não era culpa sua.

Lady Marna parecia prestes a desmaiar e o Duque tossiu intencionalmente, fazendo sinal com a cabeça para que a filha se retirasse. Quando ela saiu com a preceptora, Kulgan e Fannon deixaram que a alegria que sentiam transparecesse, assim como Lyam e Arutha. Roland lançou um olhar irado e invejoso para Pug, virou-se e foi para os seus aposentos. Lorde Borric dirigiu-se a Kulgan:

— Leve este garoto para o quarto dele. Parece cansado. Vou dar ordens para que lhe levem comida. Amanhã, quero que ele venha me ver após a refeição da manhã. — E, virando-se para Pug: — Mais uma vez, obrigado.

O Duque fez sinal aos filhos para que o seguissem e afastou-se. Fannon agarrou Tomas pelo cotovelo, pois o garoto de cabelo ruivo tinha começado a falar com o amigo. O velho Mestre de Armas gesticulou com a cabeça indicando ao garoto que o acompanhasse e deixasse Pug em paz. Tomas assentiu, ainda que quisesse fazer mil perguntas.

Quando todos partiram, Kulgan passou o braço por cima dos ombros de Pug.

— Venha, Pug. Você está cansado e temos muito o que conversar.

Pug deitou-se no catre, com os restos da comida em um prato ao seu lado. Não se recordava de alguma vez ter sentido tanto cansaço. Kulgan andava de um lado para outro no quarto.

— É absolutamente incrível. — Agitou uma mão no ar e o manto vermelho ondulou sobre a pesada figura como água passando por um pedregulho. — Você fecha os olhos e surge a imagem de um pergaminho que viu semanas atrás. Você lança o feitiço, como se estivesse segurando o pergaminho na sua frente, e os trolls tombam. Absolutamente incrível.
— Sentando-se no banco junto à janela, prosseguiu: — Pug, nunca aconteceu nada deste gênero. Você sabe o que fez?

Pug despertou do limiar de um sono quente e suave e olhou para o mago.

— Somente o que disse que fiz, Kulgan.

— Sim, mas tem ideia do que isso significa?

— Não.

— Nem eu. — O mago pareceu sucumbir por dentro quando a excitação o deixou, substituída por uma incerteza absoluta. — Não faço a mínima ideia do que significa tudo isso. Os magos não lançam feitiços assim de cabeça. Os clérigos conseguem, mas eles possuem concentração e magia diferentes. Você se lembra do que lhe ensinei sobre concentração, Pug?

Pug fez uma careta, pois não estava com vontade de recitar a lição, mas fez um esforço e sentou-se.

— Quem quer que use magia precisa se concentrar para usar seu poder. Os sacerdotes têm a capacidade de concentrar a magia que possuem pelas orações; os feitiços que usam são uma forma de prece. Os magos usam seus corpos, ou instrumentos, ou livros e pergaminhos.

— Correto — concordou Kulgan —, mas você acabou de violar essa verdade incontestável. — Pegou o cachimbo comprido e começou a colocar tabaco distraidamente no fornilho. — O feitiço que você lançou não recorre ao corpo de quem o lança como ponto de convergência. Ele foi desenvolvido de modo a infligir dor intensa em outro ser. Pode revelar-se uma arma terrível. Mas ele só pode ser lançado ao ser lido em um pergaminho no exato momento em que é proferido. Qual a razão disso?

Pug forçou as pálpebras pesadas a abrirem.

— O próprio pergaminho é mágico.

— Verdade. Certa magia é intrínseca ao mago, tal como adquirir a forma de um animal ou sentir o odor do tempo que vai fazer. Contudo, lançar feitiços fora do corpo, dirigidos a outros, precisa de um ponto externo. A tentativa de realizar o feitiço que você usou de memória deveria ter provocado uma dor intensa em você, e não nos trolls, e isso se viesse a funcionar! É por isso que os magos desenvolveram pergaminhos, livros e outros instrumentos, para poderem concentrar esse tipo de magia de modo a não prejudicar quem lança o feitiço. E, até o dia de hoje, eu teria jurado que ninguém vivo seria capaz de realizar tal proeza sem um pergaminho nas mãos.

Encostado no parapeito da janela, Kulgan deu baforadas no cachimbo por uns momentos, olhando o vazio.

— É como se você tivesse descoberto uma forma completamente nova de magia — disse em voz baixa. Sem ouvir resposta, Kulgan olhou para o garoto, que dormia profundamente. Sacudindo a cabeça de espanto, o mago cobriu seu exausto aprendiz com o cobertor. Apagou a lanterna pendurada na parede e saiu do aposento. Enquanto subia as escadas até o seu quarto, sacudiu a cabeça e disse:

— Absolutamente incrível.

Pug aguardou que o Duque terminasse de receber a corte no salão. Estavam presentes todos os habitantes do castelo e do povoado que tinham encontrado uma forma de assistir à audiência. Também tinham comparecido os Mestres Artesãos, mercadores e nobres de menor importância, todos suntuosamente vestidos. Olhavam para o garoto com expressões que iam do espanto à incredulidade. O boato da sua façanha se espalhara pela vila e crescia a cada relato.

Pug vestia roupas novas, que encontrara no quarto ao despertar. Em sua glória recém-descoberta, sentia-se constrangido e desajeitado. A túnica amarelo-clara era de seda luxuosa e as calças de malha eram de um azul-pastel suave. Tentou mexer os dedos dos pés dentro das botas novas, as primeiras que calçava. Andar com esse tipo de calçado era estranho e desconfortável. Levava ao lado do corpo um punhal incrustado com joias que pendia de um cinto de couro preto de fivela dourada com a forma de uma gaivota em pleno voo. Pug desconfiava de que o traje havia pertencido outrora a um dos filhos do Duque e fora posto de lado quando deixara de servir, mantendo o aspecto novo e bonito.

O Duque estava terminando os assuntos matinais: um pedido de um construtor naval para que cedesse guardas para o acompanharem em uma expedição em busca de madeira na grande floresta. Borric estava trajado de preto, como sempre, mas os filhos e a filha vestiam os melhores trajes reais. Lyam escutava atentamente o que ia se passando diante do pai. Roland encontrava-se atrás, como de costume. Arutha estava com raro bom humor, rindo de algum gracejo que o Padre Tully acabava de proferir por detrás de sua mão erguida. Carline estava sentada em silêncio, mantendo um sorriso cordial no rosto e olhando diretamente para Pug, o que contribuía para aumentar o mal-estar que ele sentia — e para irritar Roland.

O Duque deu permissão para que uma companhia de guardas acompanhasse os artesãos à floresta. O Mestre dos Artesãos agradeceu e fez uma mesura, regressando para junto da multidão e deixando Pug sozinho diante de Lorde Borric. O garoto avançou, tal como Kulgan lhe

recomendara, e fez uma medida apropriada, ainda que um pouco rígida, perante o Senhor de Crydee. Borric sorriu para o garoto e gesticulou ao Padre Tully. O sacerdote retirou um documento da manga das suas largas vestes e entregou-o a um arauta. Este avançou e desenrolou o pergaminho. Em voz alta, leu:

— A todos os habitantes do nosso domínio: visto que o jovem Pug, do castelo de Crydee, mostrou uma coragem exemplar ao se arriscar a ficar gravemente ferido ou até mesmo a perder a própria vida em defesa da pessoa real da Princesa Carline, e visto que somos eternamente gratos ao jovem Pug de Crydee, é meu desejo que ele seja reconhecido por todos do reino como nosso estimado e leal súdito, e também é meu desejo conceder-lhe um lugar na corte de Crydee como Escudeiro, o que implica todos os direitos e privilégios que tal posto acarreta. Ademais, perante todos, é-lhe conferido o título de propriedade de Floresta Profunda, bem como aos seus descendentes, enquanto viverem, para seu total usufruto, incluindo os servos e o patrimônio lá existentes. O título da referida propriedade será mantido pela coroa até que atinja a maioridade. Decidido neste dia, com a minha assinatura e o selo real, Borric conDoin, terceiro Duque de Crydee; Príncipe do Reino; Senhor de Crydee, Carse e Tulan; Governador do Oeste; General da Corte dos Exércitos do Rei; provável herdeiro do trono de Rillanon.

Pug sentiu os joelhos bambos, mas conseguiu se equilibrar antes de cair. O salão irrompeu em vivas. As pessoas empurravam-no, felicitando-o e dando-lhe palmadinhas nas costas. Era Escudeiro e proprietário de terras, com homens livres, casa e gado. Era rico. Ou assim seria dali a três anos, quando chegasse à maioridade. Embora fosse considerado homem do Reino aos catorze anos, as concessões de terra e os títulos só lhe poderiam ser conferidos aos dezoito. A multidão afastou-se quando o Duque se aproximou, com a família e Roland a segui-lo. Ambos os Príncipes sorriram para Pug, e a Princesa estava visivelmente radiante. Roland sorriu para Pug com uma expressão pesarosa, como se estivesse incrédulo.

— É uma honra, Vossa Graça — balbuciou Pug. — Não sei o que dizer.

— Então não diga nada, Pug. Isso faz que pareça sábio quando os outros não param de tagarelar. Venha, vamos conversar. — O Duque fez sinal para que colocassem uma cadeira junto à sua, colocou o braço nos ombros do garoto e o conduziu pela multidão. Sentando-se, disse:

— Podem nos deixar a sós. Desejo falar com o Escudeiro. — A multidão apertada em sua volta murmurou desapontada, mas começou a sair do salão aos poucos. — Exceto vocês dois — acrescentou o Duque, apontando para Kulgan e Tully.

Carline ficou junto à cadeira do pai, com um Roland hesitante ao seu lado.

— Você também, minha filha — disse o Duque.

A Princesa começou a protestar, mas foi interrompida pela advertência inflexível do pai:

— Poderá importuná-lo mais tarde, Carline.

Os dois Príncipes estavam na porta, claramente se divertindo com a indignação da irmã. Roland tentou oferecer o braço à Princesa, mas ela se afastou de repente, passando rapidamente pelos irmãos sorridentes. Lyam deu uma palmada no ombro de Roland quando o Escudeiro envergonhado se juntou a eles e Roland lançou um olhar furioso para Pug, que sentiu sua raiva como um golpe.

Quando ouviram o som das portas se fechando e o salão ficou vazio, Lorde Borric disse:

— Ignore Roland, Pug. A minha filha o enfeitiçou. Ele considera-se apaixonado por ela e deseja um dia pedir a sua mão. — Olhando demoradamente a porta fechada, acrescentou, distraído: — Contudo, se espera ter o meu consentimento, terá de mostrar que é mais do que o libertino que está se revelando.

O Duque abandonou o assunto com um aceno de mão.

— Agora vamos a outros assuntos, Pug. Tenho outro presente para você, mas primeiro preciso lhe explicar algo.

“Minha família encontra-se entre as mais antigas do Reino. Eu mesmo descendo de um Rei, pois o meu avô, o primeiro Duque de Crydee, era o terceiro filho do Rei. Possuindo sangue real, muito nos preocupamos com assuntos relacionados ao dever e à honra. Você agora é tanto membro da minha corte como aprendiz de Kulgan. Em questões relacionadas ao dever, você responde a Kulgan. Em questões relacionadas à honra, responde a mim. Este salão ostenta os troféus e os estandartes dos nossos triunfos. Seja resistindo à Irmandade da Senda das Trevas nas suas tentativas incessantes de nos destruir, seja expulsando piratas, sempre lutamos com bravura. A nossa herança é gloriosa e nunca conheceu a mácula da desonra. Nenhum membro desta corte envergonhou este salão e espero o mesmo de você.”

Pug acenou afirmativamente com a cabeça, com as histórias de glória e honra que se lembrava dos tempos de criança rodopiando na cabeça. O Duque sorriu.

— Agora tratemos do outro presente. O Padre Tully tem em sua posse um documento que lhe pedi para redigir ontem à noite. Vou pedir a ele que o guarde, até chegar a época em que ele julgue conveniente entregá-lo a você. Nada mais direi sobre o assunto, apenas que espero que, quando ele lhe entregar esse documento, você se lembre deste dia e pondere demoradamente sobre o que está escrito.

— Assim farei, Vossa Graça. — Pug tinha a convicção de que o Duque estava lhe transmitindo algo de grande importância, mas, em razão de tudo o que se passara na última meia hora, não registrou as palavras com muita precisão.

— Aguardo-o para a ceia, Pug. Como membro da corte, deixará de fazer as refeições na cozinha. — O Duque sorriu. — Iremos transformá-lo em um jovem fidalgo, garoto. E um dia, quando viajar até a cidade do Rei de Rillanon, ninguém desdenhará das boas maneiras daqueles que vêm da corte de Crydee.

Naufrágio

Abris soprava fresca. Os últimos dias de verão haviam passado e em pouco tempo chegariam as chuvas de outono. Poucas semanas depois, viriam as primeiras neves de inverno. Pug estava sentado no quarto, estudando um antigo livro de exercícios cujo objetivo era preparar a mente para lançar feitiços. Voltara à velha rotina assim que passou a excitação de ter sido elevado à corte do Duque.

A sua maravilhosa façanha com os trolls continuava a ser alvo de especulação por parte de Kulgan e do Padre Tully. Pug percebeu que ainda não conseguia fazer muito do que seria de se esperar de um aprendiz, mas começava a realizar outras proezas. Determinados pergaminhos eram agora mais fáceis de usar e, numa ocasião, em segredo, tentou repetir seu feito.

Memorizara o feitiço, descrito em um livro, que se destinava a levitar objetos. Sentia os já familiares bloqueios da sua mente quando tentou recitá-lo de memória. Não fora capaz de deslocar o objeto, um castiçal, mas ele estremeceu por alguns segundos, e Pug sentiu uma breve sensação, como se tivesse tocado no suporte do objeto com parte da sua mente. Satisfeito por ver que estava conseguindo certo progresso, Pug

abandonou muito do pessimismo anterior e retomou os estudos com ânimo.

Kulgan continuava a permitir que o garoto encontrasse o seu próprio ritmo. Haviam tido muitas e demoradas discussões sobre a natureza da magia, mas Pug trabalhava sozinho na maioria das vezes.

Ouviram-se gritos no pátio abaixo. Pug foi até a janela. Vendo uma silhueta familiar, inclinou-se e gritou:

— Ei! Tomas! O que está acontecendo?

Tomas olhou para cima.

— Ei, Pug! Um navio naufragou durante a noite. Os destroços apareceram na praia debaixo da Mágua dos Marinheiros. Venha ver.

— Já vou descer.

Pug correu até a porta e vestiu um manto, pois, embora o dia estivesse límpido, poderia estar frio à beira d'água. Correndo escada abaixo, cortou caminho pela cozinha, quase derrubando Alfan, o confeiteiro. Ao sair pela porta como um furacão, ouviu o robusto padeiro gritar:

— Escudeiro ou não, vai levar um puxão de orelha se não prestar atenção por onde passa, garoto! — Apesar do orgulho que sentiam pelo feito do garoto, os serviços da cozinha não tinham mudado de atitude em relação a Pug, a quem ainda consideravam como um deles.

Pug gritou também, numa voz divertida:

— Minhas desculpas, Mestre Cozinheiro!

Alfan acenou-lhe amigavelmente e logo Pug desapareceu, saindo pela porta da rua e contornando a esquina onde Tomas o aguardava. Tomas virou-se para o portão assim que viu o amigo.

Pug agarrou-o pelo braço.

— Espere. Já avisaram alguém da corte?

— Não sei. A notícia acabou de chegar da aldeia de pescadores — disse Tomas, impaciente. — Vamos, senão os aldeões vão limpar todos os destroços. — Era de conhecimento geral que os objetos salvos podiam ser legalmente retirados antes que alguém da corte do Duque chegasse. Por causa disso, os aldeões e os moradores da cidade não tinham pressa para informar as autoridades sobre tais ocorrências. Havia também o

risco de derramamento de sangue, caso o navio encalhado ainda estivesse ocupado por marinheiros determinados a manter a carga do patrão intacta para assim conseguirem obter uma justa gratificação pela viagem. Confrontos violentos e até mortes já haviam sido o resultado de tais disputas. Somente a presença de soldados poderia evitar que o povo fosse ferido pelos marinheiros que permanecessem no navio.

— Oh, não — disse Pug. — Se houver algum problema lá embaixo e o Duque descobrir que não contei a ninguém, ficarei em maus lençóis.

— Veja, Pug. Você acha que com todas estas pessoas correndo o Duque vai demorar para descobrir o que aconteceu? — Tomas passou a mão pelo cabelo. — Agora mesmo alguém deve estar no grande salão contando as novidades a ele. O Mestre Fannon está em uma patrulha e Kulgan ainda demorará a chegar. — O Mago devia voltar ao final do dia; passara a última semana em sua cabana na floresta, acompanhado por Meecham. — Pode ser a nossa única oportunidade de ver um navio naufragado. — Uma expressão de inspiração repentina invadiu-lhe o rosto. — Pug, já sei! Você agora é membro da corte. Venha e, quando chegarmos lá, reivindique em nome do Duque. — Uma expressão calculista passou-lhe pelo rosto. — E, se encontrarmos uma ou duas bugigangas valiosas, quem ficará sabendo?

— Eu saberei. — Pug pensou por um instante. — Não posso reivindicar em nome do Duque e depois tirar uma parte para mim... — E fitou Tomas com uma expressão de desaprovação. — ...ou deixar que um dos seus soldados leve alguma mercadoria.

Quando o rosto de Tomas revelou o seu embaraço, Pug disse:

— Mas ainda assim podemos ver os destroços! Vamos!

Pug foi subitamente acometido pela ideia de fazer uso do seu novo cargo, e, caso conseguisse chegar lá antes de levarem muita coisa ou de alguém se machucar, o Duque ficaria satisfeito com ele.

— Muito bem — Pug disse —, vou selar um cavalo para podermos ir até lá embaixo antes que pilhem tudo.

Pug virou-se e correu para as cavalariças. Tomas o alcançou quando abria as enormes portas de madeira.

— Mas, Pug, nunca montei num cavalo na vida. Não sei cavalgar.

— É simples — assegurou Pug, retirando uma rédea e uma sela do depósito. Viu a grande égua cinzenta que tinha montado no dia em que vivera a aventura com a Princesa. — Eu monto e você vai atrás. Mantenha os braços em volta da minha cintura para não cair.

Tomas parecia indeciso.

— Vou depender de você? — Sacudiu a cabeça. — Afinal, quem tomou conta de você todos esses anos?

Pug sorriu maliciosamente.

— Sua mãe. Agora, vá buscar uma espada para o caso de haver alguma complicação. Pode ser que você ainda consiga brincar de soldado.

Tomas ficou satisfeito com a perspectiva e saiu correndo. Passados poucos minutos, a grande égua cinzenta, com dois garotos montados em seu dorso, atravessou pesadamente o portão principal, descendo a estrada que levava à Mágua dos Marinheiros.

As ondas quebravam quando os garotos avistaram os destroços. Eram poucos os aldeões que se aproximavam do local, e eles se espalharam depressa assim que o cavalo e os cavaleiros surgiram, pois só podia tratar-se de um nobre da corte para reclamar os objetos salvos do naufrágio para o Duque. Quando Pug puxou a rédea e o cavalo parou, não havia ninguém por perto.

— Vamos. Temos alguns minutos para dar uma olhada antes que alguém chegue — disse Pug.

Desmontando, os garotos deixaram a égua pastando em um pequeno pedaço de grama a cerca de cinquenta metros das rochas. Correndo pela areia, os garotos riam, e Tomas ergueu a espada, tentando parecer feroz enquanto bradava velhos gritos de guerra que aprendera nas sagas. Não tinha quaisquer ilusões quanto à sua capacidade para fazer uso da

espada, mas poderia levar alguém a pensar duas vezes antes de atacá-los — pelo menos até a chegada dos guardas do castelo.

Quando se aproximaram do barco naufragado, Tomas assobiou baixinho.

— Este navio não se limitou a encalhar nas rochas, Pug. Parece que foi pego por uma tempestade.

— Não restou muito, não é? — comentou Pug.

Tomas coçou atrás da orelha direita.

— Não, só uma parte da proa. Não entendo. Não houve nenhuma tempestade ontem à noite, apenas uma grande ventania. Como pode o navio estar destruído dessa forma?

— Não sei. — De repente, Pug pareceu ter reparado em algo. — Olhe para a proa. Veja como foi pintada.

A proa estava sobre as rochas, presa até que a maré subisse. Da linha do convés para baixo, o casco estava pintado de verde vivo, brilhando com os reflexos da luz do sol, como se tivesse sido envernizado. Em vez de uma figura de proa, viam-se desenhos elaborados pintados em amarelo vivo até a linha-d'água enegrecida e opaca. Um enorme olho azul e branco fora pintado a pouco mais de um metro atrás da proa, e todo o parapeito visível do convés estava pintado de branco.

Pug agarrou Tomas pelo braço.

— Olhe! — Apontou para a água atrás da proa e Tomas conseguiu ver um mastro branco despedaçado que se erguia a poucos metros acima da espuma da ondulação.

Tomas deu um passo à frente.

— Com certeza não é uma embarcação do Reino. — Virou-se para Pug. — Talvez fosse de Queg.

— Não — respondeu Pug. — Você viu tantos navios de Queg quanto eu. Não é proveniente de Queg nem das Cidades Livres. Não creio que um navio desses alguma vez tenha cruzado estas águas. Vamos dar uma olhada.

Tomas pareceu repentinamente receoso.

— Tome cuidado, Pug. Há algo muito estranho aqui e estou com um mau pressentimento. Ainda pode haver alguém por perto.

Ambos olharam ao redor por um minuto até Pug concluir:

— Acho que não. O que quer que tenha arrebentado aquele mastro e trazido esse navio até a costa com tanta força a ponto de destruí-lo desse modo deve ter provocado a morte de quem tentava controlá-lo.

Aventurando-se mais perto do navio, os garotos encontraram pequenos objetos espalhados ao seu redor, atirados entre as rochas pelas ondas. Viram louças quebradas e tábuas, pedaços de lona vermelha rasgada e de corda. Pug parou e apanhou uma adaga de aspecto estranho, feita de um material desconhecido. Era cinzenta, opaca e mais leve do que o aço, ainda que bastante afiada.

Tomas tentou subir até o parapeito, mas não encontrou um apoio adequado nas rochas escorregadias. Pug avançou ao longo do casco do navio, correndo o risco de molhar as botas com a maré. Eles poderiam subir no casco se entrassem na água, mas Pug não estava disposto a arruinar as roupas boas que vestia. Voltou para o ponto onde Tomas estava examinando os destroços.

Tomas apontou atrás de Pug.

— Se subíssemos até aquela saliência, poderíamos deslizar até o convés.

Pug viu o recife, um único pedaço saliente de pedra a seis metros atrás deles, à esquerda, estendendo-se para cima e para fora, pairando sobre a proa. Parecia uma escalada fácil, e Pug concordou. Subiram e moveram-se devagarinho, com as costas grudadas na base da rocha escarpada. O caminho era estreito, mas se caminhassem cuidadosamente, o risco de cair seria pequeno. Chegaram ao ponto sobre o casco e Tomas apontou:

— Veja, corpos!

No convés, jaziam dois homens, ambos vestidos com uma armadura de um azul vivo que desconheciam. Um deles tinha a cabeça esmagada por uma verga caída, mas o outro, de barriga para baixo, não apresentava sinais de ferimentos além da imobilidade. Presa às costas do homem,

via-se uma espada com uma aparência incomum, de lâmina larga e fio estranhamente serrilhado. Sua cabeça estava coberta por um elmo azul igualmente inusitado, assemelhando-se a um pote, com um rebordo bojudo que sobressaía nos lados e na parte posterior. Tomas subiu o tom de voz para se sobrepor à rebentação:

— Vou deslizar até lá. Assim que eu estiver no convés, passe-me a espada, e depois desça para que eu possa segurar você.

Tomas passou a espada para Pug e virou-se devagar. Ajoelhou-se com o rosto virado para a escarpa. Deslizando para trás, deixou-se cair até ficar quase pendurado. Com um impulso, caiu o metro e vinte que restava, pousando em segurança. Pug virou a espada e passou-a para Tomas, seguindo o exemplo do amigo, e pouco depois já estavam os dois no convés. A parte da frente deste estava assustadoramente inclinada em direção à água, e os garotos sentiam o navio movendo-se sob os pés.

— A maré está subindo — gritou Tomas. — Vai erguer o que resta do navio e esmagá-lo contra as rochas. Vamos perder tudo.

— Olhe em volta — gritou também Pug. — Podemos tentar atirar para o recife tudo o que pareça que vale a pena resgatar.

Tomas assentiu e os dois começaram a examinar o convés. Pug afastou-se o máximo possível dos cadáveres quando passou por eles. Em todo o convés, os destroços criavam um espetáculo confuso para os olhos. Discernir entre o que podia vir a ser valioso e o que não seria era difícil. Na parte de trás do convés, encontrava-se um corrimão, partido de ambos os lados, de uma escada que levava ao que restava do convés principal mais abaixo; cerca de dois metros de tábuas permaneciam acima da água. Pug estava certo de que somente mais alguns centímetros estavam submersos, caso contrário o navio chegaria muito mais acima nas rochas. A traseira do navio já deveria ter sido levada pela maré.

Pug deitou-se no convés e olhou pela beirada. Viu uma porta à direita da escada. Gritando para que Tomas se juntasse a ele, desceu a escada com cautela. O primeiro convés estava balançando, uma vez que o apoio inferior tinha desabado. Ele agarrou-se ao corrimão para se apoiar. Pouco depois, Tomas já estava ao seu lado; passou por Pug e dirigiu-se à

porta. Estava entreaberta e o garoto entrou, com Pug logo atrás. A cabine estava às escuras, pois não havia mais do que uma portinhola na antepara junto à porta. Na escuridão, conseguiram discernir vários pedaços de tecido aparentemente luxuosos e os resquícios destroçados de uma mesa. O que parecia um berço ou uma cama baixa encontrava-se virado ao contrário em um canto. Viram vários cofres pequenos, seus conteúdos espalhados pelo cômodo como se tivessem sido atirados ali por uma mão gigante.

Tomas tentou procurar algo em meio à confusão, mas nada aparentava ter importância ou valor. Encontrou uma pequena tigela de formato insólito, com figuras de cores vivas dos lados, e a colocou dentro da túnica.

Pug ficou parado, pois algo na cabine chamara sua atenção. Uma sensação estranha e urgente tomara conta dele logo que entrara ali.

O navio oscilou, desequilibrando Tomas, que se apoiou num baú, deixando a espada cair.

— O navio está subindo. É melhor irmos.

Pug não respondeu, concentrado na estranha sensação. O amigo agarrou-lhe o braço.

— Vamos. O navio vai se partir num minuto.

Pug sacudiu o braço para se soltar.

— Um momento. Há alguma coisa... — A voz se perdeu. Bruscamente, atravessou o quarto em desordem e abriu uma das gavetas de uma arca com ferrolho. Estava vazia. Abriu outra com um puxão, depois uma terceira. Nela encontrou o objeto que procurava. Um pergaminho enrolado com uma fita negra, onde se via um selo negro, que colocou dentro da camisa.

— Vamos! — gritou ao passar por Tomas. Correram escada acima e precipitaram-se com dificuldade pelo convés. A maré havia levantado o navio a uma altura que permitiu aos garotos subirem para o recife com facilidade, e ali ficaram sentados.

O navio boiava ao sabor da maré, balançando para a frente e para trás, enquanto as ondas borrifavam o rosto dos garotos. Viram a proa deslizar

por entre as rochas, as madeiras cederem com um dilacerante e profundo ruído, como um gemido moribundo. A proa ergueu-se a grande altura e os garotos foram molhados pelas ondas que batiam no penhasco abaixo do recife.

A carcaça do navio flutuou mar adentro, inclinando-se devagar para bombordo, até que a maré ondulante do exterior parou.

Pesadamente, começou a regressar às rochas. Tomas deu um puxão no braço de Pug, indicando que o seguisse. Levantaram-se e regressaram à praia. Quando chegaram ao ponto onde havia uma rocha sobre a areia, saltaram.

Um ruidoso som de esmagamento fez com que se virassem para testemunharem o navio ser atirado contra as rochas. As madeiras quebraram-se, separando-se com um guincho. O casco elevou-se para estibordo e escombros começaram a deslizar pelo convés até o mar.

De repente, Tomas estendeu a mão e agarrou o braço de Pug.

— Veja. — Indicou os destroços que recuavam com a maré.

Pug não conseguiu perceber para onde o amigo apontava.

— O que é?

— Por um momento, pareceu-me que só havia um corpo no convés.

Pug olhou para ele. O rosto de Tomas revelava uma expressão de preocupação. Subitamente, ficou com um ar enraivecido.

— Maldição!

— O que foi?

— Quando tropecei na cabine, deixei cair a espada. Fannon vai me arrancar as orelhas.

Ouviu-se um ruído como o estrondo de um trovão que assinalou a destruição final do navio naufragado quando a maré voltou a lançá-lo contra a falésia. Agora os fragmentos da outrora esplêndida, ainda que desconhecida, embarcação seriam levados para o mar e arrastados pela corrente, acabando por aparecer nas costas ao longo de quilômetros para o sul no decorrer dos dias seguintes.

Um demorado gemido que terminou em um grito estridente levou os garotos a se virarem. Atrás deles estava o homem que havia desaparecido

do navio, a estranha espada frouxa na mão esquerda, arrastando-a pela areia. Seu braço direito estava junto ao corpo; era possível ver o sangue escorrendo sob a couraça azul e sob o elmo. Deu um passo cambaleante para a frente. Estava pálido e com os olhos arregalados de dor e confusão. Gritou palavras incompreensíveis para garotos. Eles recuaram devagar, erguendo as mãos lentamente para mostrarem que estavam desarmados.

Deu outro passo à frente e os joelhos cederam. Cambaleou para endireitar-se e fechou os olhos por um instante. Era baixo e atarracado, com braços e pernas bastante musculosos. Abaixo do peitoral da armadura, vestia uma saia curta de malha azul. Trazia anteparos nos antebraços, e nas pernas, grevas, que pareciam ser de couro, por cima de sandálias de tiras. Levou a mão ao rosto e sacudiu a cabeça. Abriu os olhos e voltou a contemplar os garotos. De novo falou em seu idioma estrangeiro. Sem obter resposta dos garotos, pareceu ficar irritado, e gritou outra série de palavras estranhas, que pareciam perguntas, pela entonação.

Pug calculou a distância que precisariam para passar correndo pelo homem, que estava bloqueando a estreita faixa de areia. Decidiu que não valia a pena correr o risco de descobrir se o homem estava em condições de usar aquela espada de aspecto malévolos. Como se tivesse entendido os pensamentos do garoto, o soldado cambaleou alguns centímetros para a direita, impedindo qualquer tentativa de fuga. Voltou a fechar os olhos e a pouca cor que ainda tinha no rosto esvaiu-se. O seu olhar começou a desviar-se e a espada escorregou-lhe dos dedos frouxos. Pug começou a avançar até ele, pois era óbvio que já não lhes poderia fazer mal.

Ao aproximarem-se do homem, ouviram gritos na praia. Pug e Tomas viram o Príncipe Arutha a cavalo à frente de um esquadrão de cavalaria. O soldado ferido virou a cabeça com dificuldade ao ouvir o som de cavalos chegando e arregalou os olhos. Um olhar de puro pavor atravessou-lhe o rosto e ele tentou fugir. Deu três passos cambaleantes em direção à água e caiu de bruços na areia.

Pug estava junto à porta da sala do conselho do Duque. A vários metros de distância, um grupo inquieto estava sentado à mesa redonda do conselho de Lorde Borric. Além do Duque e de seus filhos, o Padre Tully, Kulgan, que regressara havia apenas uma hora, Fannon, o Mestre de Armas, e Algon, o Estribeiro-Mor, estavam reunidos em assembleia. O tom era solene, pois a chegada do navio estrangeiro era encarada como uma potencial ameaça ao Reino.

Pug olhou de relance para Tomas, que se encontrava do outro lado da porta. Tomas nunca estivera na presença da nobreza, a não ser quando servia no salão de banquetes, e estar na sala do conselho do Duque o estava deixando nervoso. O Mestre Fannon falou e Pug voltou a dar atenção à mesa.

— Recapitulando tudo o que sabemos — disse o velho Mestre de Armas —, é óbvio que essas pessoas nos são completamente desconhecidas. — Pegou a tigela que Tomas pegara no navio. — Esta tigela foi feita de uma forma que o nosso Mestre Oleiro desconhece. A princípio, julgou tratar-se apenas de um barro cozido e envernizado, mas, ao examiná-la com mais atenção, isso não se confirmou. Foi moldada a partir de um tipo de couro cru e foram enroladas finas faixas de pergaminho em volta de um molde — talvez madeira —, tendo sido posteriormente laminada com uma espécie de resina. É muito mais resistente do que tudo aquilo que conhecemos.

Para demonstrar, bateu a tigela com força na mesa. Em vez de se partir, como aconteceria com uma tigela de argila, ela produziu um som abafado.

— Ora, estas armas e a armadura ainda são mais desconcertantes. — Indicou a carapaça azul, o elmo, a espada e a adaga. — Parecem ter sido feitas da mesma maneira. — Ergueu a adaga e largou-a. O som que produziu foi idêntico ao som da tigela. — Apesar da leveza, é quase tão resistente quanto o nosso melhor aço.

Borric acenou com a cabeça.

— Tully, você está aqui há mais tempo do que qualquer um de nós. Alguma vez ouviu falar de uma embarcação construída dessa forma?

— Não. — Tully passou a mão distraidamente no queixo barbeado. — Jamais ouvi falar de tais navios, fossem eles oriundos do Mar Amargo, do Mar do Reino ou até do Grande Kesh. Posso enviar um recado ao Templo de Ishap em Krondor. Eles possuem registros muito mais antigos do que qualquer outro. Pode ser que saibam de algo sobre esse povo.

O Duque assentiu.

— Faça isso, por favor. Também devemos enviar uma mensagem aos elfos e aos anões. Já povoavam esta terra muitas eras antes de nós e seria aconselhável procurar a sua sabedoria.

Tully concordou.

— Caso sejam viajantes que venham do outro lado do Mar Interminável, a Rainha Aglaranna os conhecerá. Talvez já tenham visitado estas costas.

— Que absurdo — resfolegou Algon, o Estribeiro-Mor. — Não existem nações do outro lado do Mar Interminável. Caso contrário, não se chamaria assim.

Kulgan assumiu uma expressão indulgente.

— Há teorias quanto à existência de outras terras para além do Mar Interminável. Porém, nossos navios não permitem uma viagem tão demorada.

— Teorias. — Foi tudo o que Algon disse.

— Quem quer que sejam esses estrangeiros — disse Arutha —, será melhor descobrirmos tudo o que for possível sobre eles.

Algon e Lyam olharam-no com uma expressão de indagação, enquanto Kulgan e Tully permaneciam inexpressivos. Borric e Fannon acenaram a cabeça enquanto Arutha prosseguia:

— Pela descrição dos garotos, era indiscutivelmente um navio de guerra. A proa compacta com um gurupés é projetada para abalroar, e o convés superior elevado é o lugar perfeito para arqueiros, tal como o primeiro convés é adequado para a abordagem de outras embarcações quando são abordadas. Calculo que o convés traseiro também fosse elevado. Se o casco não tivesse ficado tão destruído, certamente também teríamos encontrado bancos de remadores.

— Uma galera de guerra? — perguntou Algon.

Fannon respondeu com impaciência:

— Claro, seu tolo. — Havia uma rivalidade amigável entre os dois mestres, que por vezes acabava numa discussão desagradável. — Olhe bem para o equipamento do nosso hóspede. — Indicou a espada. — Gostaria de cavalgar ao encontro do homem que brandisse essa arma? Ele cortaria o cavalo debaixo de você. A armadura é leve e elaborada de modo eficiente, apesar das cores vistosas. Diria que pertence à infantaria. Robusto como é, não duvido que conseguisse correr meio dia seguido e ainda assim lutar. — Cofiou o bigode com um ar distraído. — Havia alguns guerreiros dentre eles.

Algon fez um aceno lento com a cabeça. Arutha recostou-se na cadeira, formando uma tenda com as mãos ao dobrar as pontas dos dedos.

— O que não consigo entender — disse o filho mais novo do Duque — é por que ele tentou fugir. Não tínhamos armas desembainhadas nem estávamos atacando. Não tinha motivos para fugir.

Borric olhou para o idoso padre.

— Será que um dia saberemos?

Tully parecia preocupado, de testa franzida.

— Ele tinha um pedaço comprido de madeira cravado no flanco direito, sob a couraça, assim como um golpe grave na cabeça. O elmo protegeu-lhe o crânio. Está com febre alta e perdeu muito sangue. Pode ser que não sobreviva. Talvez eu precise recorrer ao contato mental, se ele recobrar a consciência o suficiente para estabelecê-lo.

Pug sabia da existência do contato mental; Tully já lhe explicara. Era um método só permitido a alguns clérigos, extremamente perigoso tanto para o alvo quanto para aquele que estabelecia o toque. O velho padre devia reconhecer a extrema necessidade de se obter informações do homem ferido para arriscar tal método.

Borric desviou a atenção para Kulgan:

— E quanto ao pergaminho que os garotos encontraram?

Kulgan acenou vagamente.

— Fiz uma inspeção preliminar e breve. É óbvio que possui características mágicas. Acho que foi por isso que Pug se sentiu impelido a examinar a cabine e o baú. Qualquer pessoa com a sensibilidade dele para magia teria sentido. — Olhou diretamente para o Duque. — Contudo, estou relutante em quebrar o selo até conseguir submetê-lo a um estudo mais rigoroso e determinar melhor o seu propósito. A quebra de lacres encantados pode ser perigosa se não for executada adequadamente. Se o lacre for adulterado, o pergaminho poderá se destruir, ou pior, destruir quem tentou rompê-lo. Não seria a primeira armadilha que vi em um pergaminho de grande poder.

O Duque tamborilou os dedos na mesa por um momento.

— Muito bem. Suspendamos a assembleia. Assim que se descobrir alguma novidade, quer relacionada com o pergaminho, quer com o homem ferido, voltaremos aqui. — Virou-se para Tully. — Veja em que estado está o homem, e, caso ele desperte, faça uso da sua arte para extrair tudo o que puder. — Levantou-se e os outros o seguiram. — Lyam, envie uma mensagem à Rainha dos Elfos e aos anões da Montanha de Pedra e das Torres Cinzentas contando o que aconteceu. Peça-lhes conselhos.

Pug abriu a porta. O Duque passou e os outros seguiram atrás. Pug e Tomas foram os últimos a sair, e, enquanto percorriam o corredor, Tomas inclinou-se para Pug.

— Demos início a um grande acontecimento.

Pug sacudiu a cabeça.

— Fomos apenas os primeiros a encontrar o homem. Se não tivéssemos sido nós, alguém o encontraria.

Tomas parecia aliviado por ter saído da sala do conselho e de sob o olhar atento do Duque.

— Se isso acabar mal, espero que se lembrem disso.

Kulgan subiu as escadas para o seu quarto na torre, enquanto Tully foi em direção aos seus aposentos, onde o homem ferido estava sendo tratado pelos acólitos do sacerdote. O Duque e os filhos viraram-se e

passaram por uma porta que levava aos seus aposentos particulares, deixando os garotos sozinhos no corredor.

Pug e Tomas cortaram caminho por uma despensa e entraram na cozinha. Megar estava supervisionando os trabalhadores da cozinha e vários acenaram para os garotos. Quando Megar viu o filho e o filho adotivo, sorriu e disse:

— Ora, em que confusão se meteram agora? — Ele era um homem elástico, de cabelo ruivo e semblante sincero. Era parecido com Tomas, tal como um esboço se assemelha a um desenho acabado. Era um homem de meia-idade de boa aparência, mas carecia dos traços delicados que distinguiam Tomas.

Com um enorme sorriso, Megar disse:

— Ninguém fala nada sobre aquele homem nos aposentos de Tully, e os mensageiros correm por todos os lados, de um lugar para outro. Desde a visita do Príncipe de Krondor, há sete anos, não se via tanto alvoroço!

Tomas tirou uma maçã de uma travessa de louça e sentou-se na mesa com um salto. Entre dentadas, relatou ao pai o que acontecera.

Pug encostou-se no balcão enquanto escutava Tomas contar a história com poucos floreios. Ao terminar, Megar sacudiu a cabeça.

— Ora, ora. Forasteiros, é? Só espero que não sejam piratas saqueadores. Ultimamente temos tido tempos de paz. Passaram-se dez anos desde que a Irmandade da Senda das Trevas — ele simulou uma cuspida —, malditas sejam as suas almas assassinas, causaram aqueles problemas com os goblins. Não posso dizer que gostaria desse tipo de confusão mais uma vez, tendo de enviar tantos suprimentos para as povoações mais afastadas, e tendo de cozinhar com base no que poderia estragar primeiro e no que iria aguentar mais tempo. Não consegui preparar uma refeição decente por meses.

Pug sorriu. Megar tinha a capacidade de pegar as possibilidades mais complexas e torná-las uma questão simples: o quanto inconveniente elas poderiam se revelar para os empregados da copa.

Tomas saltou do balcão.

— É melhor voltar à caserna e esperar pelo Mestre Fannon. Até mais.
— Saiu correndo da cozinha.
— É algo sério, Pug? — perguntou Megar.
Pug sacudiu a cabeça.
— Não sei dizer ao certo. Sei que Tully e Kulgan estão preocupados e o Duque acha o problema importante a ponto de querer falar com os elfos e os anões. Pode ser grave.

Megar olhou para a porta que Tomas havia atravessado.

— Seria uma época terrível de guerra e mortes. — Pug podia ver a preocupação mal disfarçada no rosto de Megar e não conseguiu pensar em nada para dizer a um pai cujo filho acabara de se tornar soldado.

O garoto afastou-se do balcão.

— Também é melhor eu ir, Megar. — Despediu-se com um aceno dos outros que se encontravam na cozinha e saiu para o pátio. Não estava com disposição para estudar, tendo ficado alarmado pelo tom sério da reunião na sala do conselho do Duque. Ninguém dissera muito, mas era óbvio que estavam considerando a possibilidade de que o navio estrangeiro fosse a vanguarda de uma frota invasora.

Pug caminhou até a lateral da torre e subiu os três degraus até o pequeno jardim da Princesa. Sentou-se em um banco de pedra, as sebes e as fileiras de botões de rosa ocultando boa parte do pátio. Conseguia ver ainda o alto das passarelas, com os guardas patrulhando os baluartes. Perguntou-se se estaria imaginando ou se os guardas pareciam mais alertas naquele dia.

O som de uma tosse baixa fez com que se virasse. Do outro lado do jardim estava a Princesa Carline, acompanhada pelo Escudeiro Roland e por duas das suas mais jovens aias. As garotas ocultaram os sorrisos, pois Pug ainda era uma espécie de celebridade no castelo. Carline mandou-os embora dizendo:

— Gostaria de falar em particular com o Escudeiro Pug.

Roland hesitou, para em seguida fazer uma mesura rígida a ela. Pug ficou irritado com a forma sombria como Roland o olhou ao sair com as jovens.

As duas aias olharam por cima do ombro para Pug e Carline, dando risadinhas, o que pareceu contribuir ainda mais para a irritação de Roland.

Pug levantou-se quando Carline se aproximou e fez uma mesura desajeitada. Ela disse, com pequenas inflexões:

— Oh, sente-se. Essas baboseiras são cansativas e já basta o Roland com elas.

Pug sentou-se. A garota acomodou-se ao seu lado e ficaram em silêncio por um instante. Por fim, ela disse:

— Há mais de uma semana que não o vejo. Tem andado muito ocupado?

Pug sentiu-se pouco à vontade, ainda confuso com a garota e com os seus modos imprevisíveis. Ela só havia se mostrado cordial com ele depois do dia, três semanas antes, em que a salvara dos trolls, alimentando uma tempestade de mexericos entre a criadagem do castelo. Porém, não deixara de ser implicante com os outros, especialmente com o Escudeiro Roland.

— Ando ocupado com os meus estudos.

— Ora, você passa tempo demais naquela torre horrível.

Pug não considerava o quarto da torre nem um pouco horrível — fora algumas correntes de ar. Era seu e sentia-se bem quando estava lá.

— Podemos ir cavalgar, se Vossa Alteza assim o desejar.

A garota sorriu.

— Gostaria muito. Mas temo que Lady Marna não permita.

Pug ficou surpreso. Depois da forma como protegera a Princesa, pensou que a mãe substituta da garota já o considerava um acompanhante adequado.

— Por que não?

Carline suspirou.

— Ela diz que, quando era plebeu, você sabia o seu lugar. Agora que pertence à corte, ela desconfia de que você tenha ambições. — Um sorriso tímido surgiu em seus lábios.

— Ambições? — perguntou Pug, sem compreender.

— Ela acha que você almeja um posto mais elevado — disse Carline timidamente. — Pensa que você procura me influenciar em algumas escolhas.

Pug olhou atônito para Carline. De repente, compreendeu e exclamou:

— Oh — seguido de — Oh! Vossa Alteza. — Levantou-se. — Eu jamais faria tal coisa. Quer dizer, nunca pensaria em... quer dizer...

Carline levantou-se bruscamente e olhou para Pug irritada:

— Garotos! São todos idiotas. — Levantando a bainha do comprido vestido verde, afastou-se em um rompante.

Pug sentou-se, mais desorientado do que nunca. Era quase como se... Deixou o pensamento se perder. Quanto mais lhe parecia possível que ela gostasse dele, mais essa perspectiva o deixava ansioso. Carline era muito mais do que a Princesa de contos de fadas que imaginara até pouco tempo. Batendo seu pezinho, ela podia causar uma tempestade em um copo d'água, a ponto de fazer a torre estremecer. A Princesa era uma garota de mente complexa e com uma natureza contraditória, ainda por cima.

Os seus devaneios foram interrompidos por Tomas, que passou correndo. Vendo o amigo de relance, saltou três degraus e parou sem fôlego na frente dele.

— O Duque está nos chamando. O homem do navio morreu.

Reuniram-se às pressas na sala do conselho do Duque, com exceção de Kulgan, que não respondera quando o mensageiro bateu em sua porta. Acreditavam que deveria estar por demais envolvido no problema do pergaminho mágico.

O Padre Tully estava pálido e tinha um ar abatido. Pug ficou chocado com o aspecto do homem. Pouco mais de uma hora tinha-se passado, mas o velho clérigo parecia ter ficado várias noites insones. Os seus olhos estavam vermelhos e encovados em círculos escuros. O seu rosto estava pálido e um ligeiro brilho de transpiração percorria-lhe a testa.

Borric serviu um cálice de vinho de um jarro que se encontrava em um aparador e ofereceu ao sacerdote. Tully hesitou, pois era abstêmio, mas logo bebeu com gosto. Os outros retomaram os lugares anteriores à mesa.

O Duque olhou para Tully e limitou-se a dizer:

— E então?

— O soldado da praia recuperou os sentidos por poucos minutos, a última melhora antes do fim. Nesse momento, tive oportunidade de estabelecer contato mental. Permaneci com ele até o derradeiro sonho delirante, tentando saber o máximo possível sobre ele. Quase não consegui interromper o contato a tempo.

Pug empalideceu. Durante o contato mental, a mente do sacerdote e a do estrangeiro tornaram-se uma só. Se Tully não tivesse interrompido o contato quando o homem morreu, poderia ter ido junto ou enlouquecido, pois ambos partilhavam sentimentos, medos e sensações, bem como pensamentos. Compreendia agora seu cansaço: o velho padre tinha gasto muita energia mantendo a ligação com o homem tão pouco cooperativo e havia partilhado o sofrimento e pavor do moribundo.

Tully bebeu mais um pouco de vinho e prosseguiu:

— Se os sonhos do moribundo não foram produtos de delírios febris, receio que sua aparição prenuncie uma situação de enorme gravidade. — Tully bebeu outro gole de vinho e afastou o cálice. — Chamava-se Xomich. Era um simples soldado de uma nação, Honshoni, parte de um lugar denominado Império de Tsuranuanni.

— Nunca ouvi falar nem dessa nação nem desse Império — interveio Borric.

O Padre fez um aceno com a cabeça e disse:

— Ficaria admirado se tivesse ouvido falar. O navio desse homem não veio de mar algum de Midkemia. — Pug e Tomas entreolharam-se, e ambos sentiram um arrepio; Tomas empalideceu.

Tully prosseguiu:

— Só nos resta especular quanto ao modo como essa façanha foi realizada, mas estou certo de que aquele navio era originário de outro

mundo, afastado do nosso tempo e espaço. — Antes de surgirem perguntas, acrescentou: — Deixem-me explicar: aquele homem estava febril e sua mente delirava. — O rosto de Tully estremeceu ao se recordar do sofrimento. — Fazia parte da guarda de honra de alguém a quem ele chamava unicamente de “O Grandioso”. Surgiram imagens contraditórias, por isso posso estar errado, mas parece que a viagem que empreendiam era considerada incomum, quer pela presença daquele Grandioso, quer pela natureza da missão. O único pensamento palpável que consegui reter foi que esse Grandioso não precisava viajar de navio. Fora isso, restam impressões breves e incoerentes. Surgiu uma cidade a que chamava Yankora, depois, seguiu-se uma terrível tempestade e um brilho repentino e ofuscante, que pode ter sido um relâmpago atingindo o navio, embora eu esteja certo de que não foi. Pensou no capitão e nos companheiros sendo levados por uma onda. Em seguida, um estrondo nas rochas. — Deteve-se por um momento. — Não sei ao certo se essas imagens estão na ordem correta, pois acho mais provável que a tripulação tenha se perdido antes dessa luz ofuscante.

— Por quê? — perguntou Borric.

— Estou me adiantando — explicou Tully. — Primeiro, gostaria de explicar o que me leva a crer que esse homem vem de outro mundo. Esse Xomich cresceu numa terra governada por grandes exércitos. Eles são uma raça de guerreiros, cujos navios dominam os mares. Mas que mares? Nunca, que eu saiba, se ouviu falar de algum contato com esse povo. E surgiram outras visões ainda mais convincentes. Grandes cidades, muito maiores do que as que existem no centro de Kesh, as maiores que conhecemos. Exércitos desfilando em grandes celebrações, marchando diante de um palanque cujos ocupantes os passavam em revista. Guarnições urbanas que superam o Exército Ocidental do Rei.

— Ainda assim, não há nada que indique que eles não venham... — interveio Algon. Fez uma pausa, como se esse reconhecimento fosse custoso — do outro lado do Mar Interminável. — Essa possibilidade parecia perturbá-lo menos do que a ideia de um lugar que não fizesse parte do seu mundo.

Tully pareceu ter ficado irritado com a interrupção.

— Há mais, muito mais. Segui-o em seus sonhos, muitos deles em sua pátria. Recordou-se de criaturas que não se assemelham a nenhuma que eu já tenha visto ou ouvido falar, coisas com seis pernas, que puxam carroças como bois, e outras criaturas, algumas parecidas com insetos ou répteis, mas que falam como os homens. A terra dele era quente, e a memória que ele tinha do sol era de um maior do que o nosso e de tom esverdeado. Esse homem não pertencia ao nosso mundo. — A última frase foi proferida de modo definitivo, afastando qualquer dúvida que ainda pudesse permanecer na mente de alguém naquela sala. Tully jamais faria tal afirmação se não tivesse certeza absoluta.

O ambiente ficou em silêncio enquanto cada pessoa refletia sobre o que havia sido dito. Os garotos observavam e partilharam da sensação. Era como se ninguém estivesse disposto a falar, como se ao fazê-lo aceitassem como fato as informações do sacerdote para todo o sempre, enquanto que se ficassem em silêncio talvez tudo passasse, como um pesadelo. Borric levantou-se e caminhou até a janela. Dava para a desinteressante muralha posterior do castelo, mas a fitou como se nela procurasse algo, algo que fornecesse uma resposta para as perguntas que rodopiavam em sua mente. Virou-se de repente e disse:

— Como chegaram aqui, Tully?

O sacerdote encolheu os ombros.

— Talvez Kulgan possa produzir uma teoria com relação a esses meios. É assim que imagino que seja a mais provável sucessão de acontecimentos: o navio naufragou numa tempestade e o capitão e grande parte da tripulação morreram. Como último recurso, esse Grandioso, seja lá quem for, invocou um feitiço, fosse para retirar o navio da tempestade ou para melhorar o tempo que fazia, ou qualquer outra grande proeza. Como consequência, o navio foi arrancado do seu próprio mundo e lançado neste, surgindo ao largo da Mágua dos Marinheiros. Como a embarcação deslocava-se a grande velocidade no seu próprio mundo, talvez tenha surgido aqui com essa mesma velocidade, e, com o vento oeste soprando em rajadas e pouca ou

nenhuma tripulação, o navio foi impelido de encontro às rochas. Ou pode simplesmente ter surgido nas rochas, colidindo no instante em que aqui se materializou.

Fannon sacudiu a cabeça.

— De outro mundo? Como é possível?

O idoso sacerdote ergueu as mãos em um gesto de mistificação.

— Resta-nos especular. Os ishapianos possuem pergaminhos nos templos. Consta que alguns são cópias de obras antigas, que, por sua vez, são cópias de pergaminhos ainda mais antigos. Dizem que os originais datam da época das Guerras do Caos, em uma linha ininterrupta. Neles fala-se de “outros planos” e “outras dimensões” e de conceitos para nós perdidos. Todavia, há algo claro. Falam de terras e de povos desconhecidos e sugerem que outrora a humanidade viajou para outros mundos ou para Midkemia a partir de outros mundos. Essas noções têm estado no centro do debate religioso há séculos e ninguém sabia dizer ao certo qual era a verdade aí presente... — Fez uma pausa, para em seguida acrescentar: — Até agora. Se eu não tivesse visto o que existia na mente de Xomich, não teria aceitado essa teoria para explicar as ocorrências de hoje. Mas agora...

Borric atravessou a sala até a sua cadeira, parando atrás dela, com as mãos nas costas.

— Parece impossível.

— Que o navio e o homem estiveram aqui é um fato, meu pai — proferiu Lyam.

Arutha deu continuidade ao comentário do irmão:

— E temos de refletir sobre a probabilidade de que essa façanha venha a se repetir.

Borric dirigiu-se a Tully:

— Tinha razão quando disse que tudo isso poderia ser o prenúncio de uma situação ainda mais grave. Se algum Império desse porte estiver com a atenção voltada para Crydee e para o Reino...

O Padre sacudiu a cabeça.

— Borric, você está há tanto tempo assim afastado da minha tutela que não comprehendeu a questão? — Levantou uma mão ossuda quando o Duque começou a protestar. — Perdoe-me, meu senhor. Estou velho e cansado, e esqueço as minhas boas maneiras. Porém, a verdade é a verdade. Sem dúvida, são uma nação poderosa, ou melhor, um império de nações, e, se possuem meios de nos alcançar, isso poderá ser terrível. Contudo, ainda mais importante é a possibilidade de esse Grandioso ser um mago ou um sacerdote de grande poder, pois se ele não for o único, se existirem mais como ele naquele Império, e se tentaram efetivamente alcançar este mundo por meio de magia, significa que tempos sombrios de fato nos aguardam.

Como todos na mesa continuavam a aparentar não compreender a que ele estava se referindo, Tully prosseguiu, como um professor paciente ensinando um grupo de alunos promissores, mas por vezes lentos.

— O surgimento desse navio pode resultar de um acaso e, se assim for, não passa de motivo de curiosidade. Mas, se chegou aqui propositadamente, quer dizer que corremos grande perigo, pois deslocar um navio para outro mundo requer um tipo de magia que não consigo sequer imaginar. Se esse povo, os tsurani, como se denominam, souber da nossa existência, e se possuir os meios para chegar até nós, então devemos não só temer exércitos que rivalizam com os do Grande Kesh no auge do seu poder, quando o seu alcance se estendeu até mesmo a este canto do mundo, como devemos também temer uma magia muitíssimo superior a qualquer outra que conhecemos.

Borric balançou a cabeça, pois a conclusão era óbvia, uma vez apresentada.

— Temos de ouvir imediatamente o parecer de Kulgan sobre esse assunto.

— Só mais uma coisa, Arutha — interveio Tully. O Príncipe levantou a cabeça, pois estivera perdido em seus pensamentos. — Sei o que levou Xomich a tentar fugir de você e de seus homens. Ele pensou que se

tratava de criaturas que conhecia do seu mundo, criaturas parecidas com centauros, chamadas thün, temidas pelos tsurani.

— Por que ele teria pensado isso? — perguntou Lyam, com um ar intrigado.

— Ele nunca tinha visto um cavalo ou outra criatura semelhante. Creio que seu povo não os conhece.

O Duque voltou a sentar-se. Tamborilando os dedos na mesa, disse:

— Se o que o Padre Tully afirma for verdade, temos de tomar algumas decisões, e rápido. Se tudo não passar de um incidente isolado que trouxe essas pessoas à nossa costa, pouco haverá para se temer. Contudo, se essa chegada fizer parte de algum propósito maior, então teremos de presumir uma séria ameaça. Aqui temos uma das guarnições mais desprovidas de todo o Reino e seria muito difícil se chegassem aqui com todo o seu poder.

Os outros murmuraram em concordância e o Duque disse:

— Seria vantajoso compreendermos que o que aqui foi dito ainda não passa de especulações, embora eu esteja inclinado a concordar com Tully em grande parte das questões. Devíamos ouvir o que Kulgan pensa sobre esse povo. — Virou-se para Pug. — Garoto, vá ver se o seu mestre pode se juntar a nós.

Pug assentiu e abriu a porta, atravessando o castelo correndo. Precipitou-se até as escadas da torre e subiu os degraus de dois em dois. Levantou a mão para bater na porta e foi invadido por uma estranha sensação, como se estivesse prestes a ser atingido por um raio, ficando com os pelos dos braços e da nuca em pé. Foi tomado por uma súbita sensação de estranheza, o que o levou a bater com força na porta.

— Kulgan! Kulgan! Você está bem? — gritou; não teve resposta. Tentou abrir a porta; ela estava trancada. Levou o ombro à porta para forçá-la a abrir; ela permaneceu firme. A sensação de estranheza o abandonara, mas estava cada vez com mais medo diante do silêncio de Kulgan. Olhou em volta à procura de algum objeto que servisse para abrir a porta à força e, sem encontrar nada, correu escada abaixo.

Precipitou-se para o extenso corredor. Ali havia guardas de uniforme nos seus postos. Gritou para os dois mais próximos:

— Vocês dois, venham comigo. O meu mestre está em apuros. — Sem hesitar, ambos seguiram o garoto pelas escadas, ouvindo-se o estrondo das botas nos degraus de pedra.

Ao chegarem à porta do mago, Pug bradou:

— Derrubem-na!

Sem demora, os guardas largaram lanças e escudos e encostaram os ombros na porta. Lançaram-se uma, duas, três vezes, e, com um gemido de protesto, a madeira rachou ao redor da chapa da fechadura. Mais um encontrão e a porta escancarou-se. Os guardas conseguiram equilibrar-se e recuaram, com o assombro e a confusão estampados no rosto. Pug abriu caminho entre os dois e olhou para o quarto.

Kulgan estava deitado no chão, inconsciente. O seu manto azul estava desalinhado e ele tapava o rosto com um braço, como se estivesse se protegendo. A meio metro dele, onde deveria estar a mesa de estudo, pairava uma abertura tremeluzente. Pug olhou embasbacado para o ponto no ar. Uma enorme esfera cinzenta, mas não exatamente cinzenta, tremeluzia com traços de um espectro intermitente. Não conseguia ver do outro lado; a abertura, porém, nada tinha de sólido. Havia dois braços humanos saindo do espaço acinzentado, tentando alcançar o mago. Ao tocar o tecido de seu manto, as mãos pararam e tatearam o material. Como se uma decisão tivesse sido tomada, as mãos avançaram pelo corpo, até identificarem o braço de Kulgan. Uma mão agarrou-o e tentou levá-lo para o vazio. Pug ficou horrorizado, pois quem quer ou o que quer que estivesse do outro lado da abertura tentava levantar e levar o robusto mago. Surgiu outro par de mãos que pegou o braço do mago junto ao ponto onde o primeiro o segurava e Kulgan começou a ser arrastado para o vazio.

Pug virou-se e agarrou uma das lanças encostadas na parede onde os guardas, horrorizados, as tinham deixado. Antecipando-se a alguma reação por parte dos soldados, mirou no vazio cinzento e a arremessou.

A lança voou os três metros que os separavam de Kulgan e desapareceu no vazio. Depois de um breve segundo, os braços largaram Kulgan e afastaram-se. De repente, a abertura acinzentada bruxuleou e desapareceu, ouvindo-se um ruído enquanto o ar se precipitava para preenchê-la. Pug correu até Kulgan, ajoelhando-se ao lado do seu mestre.

O mago respirava, mas seu rosto estava lívido e coberto de gotas de suor. Sua pele estava fria e úmida. Pug correu até o catre de Kulgan e pegou um cobertor. Enquanto cobria o mago, gritou para os guardas:

— Vão buscar o Padre Tully.

Pug e Tomas ficaram acordados naquela noite, incapazes de dormir. Tully havia tratado o mago e o prognóstico era favorável. Kulgan estava em estado de choque, mas iria se recuperar dentro de um ou dois dias.

O Duque Borric questionou Pug e os guardas sobre o que tinham testemunhado e agora o castelo estava em alvoroço. Todos os guardas haviam sido chamados e as patrulhas nas mais remotas áreas do Ducado tinham sido reforçadas. O Duque ainda não sabia qual era a ligação entre o aparecimento do navio e a estranha manifestação nos aposentos do mago, mas não queria correr riscos no que dizia respeito à proteção do seu reino. Archotes foram acesos ao longo das muralhas do castelo, e guardas foram enviados ao farol de Ponta Longa e ao povoado mais abaixo.

Tomas estava sentado ao lado de Pug em um banco no jardim da Princesa Carline, um dos poucos lugares sossegados no castelo, e olhava com ar pensativo para Pug.

— Parece que os tsurani estão vindo.

Pug passou uma mão pelo cabelo.

— Não sabemos.

Tomas parecia cansado.

— Tenho um pressentimento.

Pug sacudiu a cabeça.

— Amanhã saberemos, quando Kulgan contar o que aconteceu. Tomas olhou para a muralha.

— Não me lembro de ver este lugar com um ar tão estranho. Nem sequer quando a Irmandade da Senda das Trevas e os goblins atacaram... Nós éramos pequenos, lembra?

Pug assentiu, calado por um momento, para depois dizer:

— Naquela época, sabíamos o que estávamos enfrentando. Volta e meia os elfos negros atacavam castelos e isso ocorre desde que é possível se lembrar. E os goblins... bem, são goblins.

Ficaram em silêncio durante muito tempo; então o som de botas no pavimento anunciou a chegada de alguém. Fannon, o Mestre de Armas, de cota de malha e tabardo, parou diante dos dois.

— O quê? Acordados a esta hora? Já deviam estar deitados. — O velho combatente virou-se para inspecionar as muralhas do castelo. — São muitos os que não conseguem dormir esta noite. — Voltou a atenção para os garotos. — Tomas, um soldado tem de aprender a dormir sempre que lhe for possível, pois são muitos os dias em que ele deve ficar acordado. E o Escudeiro Pug também devia estar dormindo. Por que não tentam descansar?

Os garotos concordaram, desejaram boa-noite ao Mestre de Armas e foram embora. O comandante grisalho da guarda do Duque ficou observando-os enquanto se afastavam e permaneceu em silêncio no pequeno jardim por algum tempo, sozinho com seus pensamentos inquietantes.

Pug despertou com o som de passos junto à porta. Vestiu depressa uma calça e uma túnica e subiu correndo os degraus até o quarto de Kulgan. Passando pela porta que fora substituída às pressas, deparou-se com o Duque e o Padre Tully ao lado do catre do mago. Pug ouviu a voz do mestre, muito fraca, queixando-se por ser obrigado a ficar na cama.

— Já disse, estou bem — insistiu. — Deixem-me andar um pouco e logo voltarei ao normal.

Tully, ainda abatido, disse:

— Voltará à cama, é o que quer dizer. Você sofreu um golpe perigoso, Kulgan. O que o deixou inconsciente tinha a mão pesada. Você teve sorte, podia ter sido muito pior.

Kulgan reparou em Pug, que ficara discretamente à porta, sem querer perturbar ninguém.

— Ah, Pug — disse, com uma voz que tinha pouco de seu timbre habitual. — Entre, entre. Parece que tenho de lhe agradecer por não ter sido obrigado a empreender uma viagem inesperada com companheiros desconhecidos.

Pug sorriu, pois Kulgan parecia ter recuperado a sua maneira jovial, apesar do aspecto macilento.

— Na verdade, não fiz nada, senhor. Só achei que havia algo errado e agi.

— Agiu depressa e bem — disse o Duque, sorrindo. — O garoto mais uma vez é responsável pelo bem-estar de um membro da minha casa. Nesse ritmo, ainda terei de lhe outorgar o título de Defensor da Casa Ducal.

Pug sorriu, satisfeito com o elogio do Duque, que se dirigiu ao mago:

— Bem, como parece que você está cheio de energia, creio que devemos conversar sobre o dia de ontem. Sente-se bem para isso?

A pergunta provocou uma expressão irritada em Kulgan.

— Claro que me sinto bem. É o que venho tentando dizer há dez minutos. — Kulgan começou a levantar-se da cama, mas ao ser acometido por tonturas, Tully colocou a mão em seu ombro, deitando-o de volta no monte de almofadas onde estivera descansando.

— Você pode muito bem conversar aqui, obrigado. Agora, fique deitado.

Kulgan não protestou. Logo sentiu-se melhor e disse:

— Tudo bem, mas passe o meu cachimbo, por favor.

Pug foi buscar o cachimbo e a bolsa de tabaco e, enquanto o mago enchia o forninho, acendeu no braseiro um pauzinho comprido e o entregou ao mestre. Kulgan acendeu o cachimbo e, quando estava do seu agrado, recostou-se com um ar de satisfação.

— Agora — disse —, por onde começamos?

O Duque apressou-se a colocá-lo a par do que Tully revelara, com o sacerdote acrescentando alguns detalhes que o Lorde deixava passar. Ao terminarem, Kulgan sacudiu a cabeça.

— A sua suspeita a respeito da origem desse povo é plausível. Pensei nisso quando vi os artefatos trazidos da embarcação, e os acontecimentos que se deram ontem neste quarto confirmaram essa hipótese. — Parou por um instante, organizando os pensamentos. — O pergaminho era uma carta pessoal de um mago desse povo, os tsurani, à sua esposa, mas mais do que isso. Foi lacrado magicamente para forçar o leitor a recitar um feitiço contido no final da mensagem. É um feitiço notável que permite que qualquer um, que saiba ou não ler, leia o pergaminho.

— Que coisa estranha — disse o Duque.

— É surpreendente — comentou Tully.

— Desconheço por completo os conceitos envolvidos — concordou Kulgan. — De qualquer forma, eu havia neutralizado o feitiço para poder ler a carta sem receio de ciladas mágicas, comuns em mensagens pessoais escritas por magos. Obviamente, o idioma era estranho e recorri a um feitiço de outro pergaminho para traduzi-lo. Ainda que tenha compreendido o idioma, não entendi bem tudo o que era discutido.

“Um mago chamado Fanatha estava viajando de barco até uma cidade do mundo de onde é originário. Após vários dias no mar, foram atingidos por uma tempestade violenta. O navio perdeu o mastro e muitos membros da tripulação foram levados pelas ondas. O mago redigiu o pergaminho rapidamente, estava escrito numa caligrafia apressada, e lançou-lhe os feitiços. Ao que parece, esse homem podia ter abandonado o navio quando desejasse e regressado à sua terra ou a qualquer outro lugar seguro, mas foi impedido de fazê-lo devido à preocupação com o navio e sua carga. Não estou certo quanto a esse ponto, mas o tom da carta sugere que a opção de arriscar a vida pelos outros no navio seria, de certa forma, incomum. Outro aspecto intrigante é a referência do seu dever a alguém a quem chamou de

‘Senhor da Guerra’. Posso estar tirando conclusões precipitadas, mas o tom empregado me faz pensar que era uma questão de honra ou uma promessa, não um dever pessoal. Seja como for, ele redigiu a carta, lacrou-a e depois iria mover o navio por magia.”

Tully sacudiu a cabeça, incrédulo.

— Incrível.

— E, da forma como entendemos a magia, impossível — acrescentou Kulgan com excitação.

Pug reparou que o interesse profissional do mago não era partilhado pelo Duque, que parecia visivelmente preocupado. O garoto recordou-se do comentário de Tully sobre o significado de uma magia daquela grandeza caso aquele povo planejasse invadir o Reino. O mago prosseguiu:

— Essas pessoas possuem poderes sobre os quais apenas podemos especular. O mago foi bastante claro em relação a várias questões; sua capacidade de resumir tantas ideias numa mensagem tão curta revela uma mente extraordinariamente organizada.

“Ele não poupou esforços para tranquilizar a esposa de que faria de tudo para regressar. Mencionou que abriria um portal para o ‘novo mundo’, pois — e isso não pude entender completamente — já havia sido estabelecida uma ponte, e o dispositivo que ele possuía não tinha... capacidade para deslocar o navio no seu próprio mundo. Ao que tudo indica, foi uma aposta desesperada. Lançou um segundo feitiço no pergaminho — e foi isso que me surpreendeu no final. Pensei que, ao neutralizar o primeiro feitiço, também teria anulado o segundo, mas estava enganado. O segundo feitiço foi concebido para ser ativado assim que alguém terminasse de ler o pergaminho em voz alta, outra amostra inesperada de artes mágicas. O feitiço fez com que outro desses portais se abrisse para fazer chegar a mensagem a um lugar chamado ‘a Assembleia’, e daí à sua esposa. Quase fui apanhado no portal com a mensagem.”

Pug avançou. Sem pensar, deixou escapar:

— Então aquelas mãos podiam ser os amigos que tentavam encontrá-lo.

Kulgan olhou para o aprendiz e balançou a cabeça.

— É uma possibilidade. Seja como for, podemos deduzir muitas coisas com base nesse episódio. Esses tsurani têm uma capacidade de controle da magia que podemos somente entrever nas nossas especulações. Sabemos pouco sobre a ocorrência de portais, nada quanto à sua natureza.

O Duque ficou surpreso.

— Explique, por favor.

Kulgan tragou fundo o cachimbo e disse:

— A magia, por natureza, é instável. Às vezes, um feitiço se deforma — não sabemos o motivo — a tal ponto que... rompe a estrutura do mundo. Por breves instantes, surge um portal e forma-se uma passagem para... outro lugar. Sabe-se pouco a respeito dessas ocorrências, excetuando o fato de que envolvem descargas gigantescas de energia.

Tully interveio:

— Existem teorias, mas ninguém comprehende por que, de vez em quando, um feitiço ou um artefato mágico explode subitamente e o que leva, de fato, à formação dessa instabilidade. Já houve várias ocorrências desse gênero, mas dispomos apenas de observações indiretas para nos basearmos. Aqueles que testemunharam a criação desses portais morreram ou desapareceram.

Kulgan retomou a narrativa:

— Parte-se da evidência de que eles foram destruídos, assim como qualquer outra coisa a vários metros do portal. — Ficou pensativo por um momento. — Pela lógica, eu devia ter morrido quando aquela passagem surgiu no meu gabinete.

— Pela sua descrição, esses portais, como os chama, são perigosos — interrompeu o Duque.

Kulgan confirmou.

— E também imprevisíveis. Constituem uma das forças mais indomáveis já descobertas. Se esse povo sabe forjá-los, assim como

controlá-los, fazendo que sirvam como uma passagem entre mundos, e se conseguem transpô-las em segurança, significa que possuem habilidades muito poderosas.

— Já desconfiávamos antes da natureza dos portais, mas essa é a primeira vez que temos uma prova irrefutável — disse Tully, levando Kulgan a exclamar:

— Bah! Ao longo dos anos, de tempos em tempos surgiam repentinamente pessoas estranhas e objetos desconhecidos, Tully. É certo que tudo isso explicaria a sua origem.

Tully parecia relutante em admitir aquela afirmação.

— Não passa de teoria, Kulgan; não constitui prova. As pessoas chegaram mortas e os mecanismos... ninguém entende os dois ou três que não ficaram carbonizados e retorcidos a ponto de ficarem irreconhecíveis.

Kulgan sorriu.

— É mesmo? E o que me diz do homem que apareceu há vinte anos em Salador? — Dirigiu-se ao Duque: — Esse homem não falava nenhum idioma conhecido e vestia trajes estranhos.

Tully olhou com certo desagrado para Kulgan.

— Ele também estava completamente louco e nunca conseguiu articular uma palavra comprehensível. Os templos investiram bastante tempo nele...

Borric empalideceu.

— Deuses! Uma nação de guerreiros, com exércitos muito maiores que o nosso e acesso livre ao nosso mundo. Esperemos que não tenham voltado os olhares para o Reino.

Kulgan fez um aceno com a cabeça e deu uma baforada.

— Até agora, não voltamos a ouvir falar de outras aparições dessas pessoas e podemos até não precisar temê-las, mas tenho um pressentimento... — Por um instante, deixou o pensamento inacabado. Virou-se ligeiramente para o lado, aliviando algum desconforto, e disse:

— Pode não ser nada, mas a referência a uma ponte na mensagem me preocupa. Sugere que já existe uma passagem permanente entre os

mundos. Espero estar enganado. — O som de passos pesados nas escadas fez com que se virassem. Um guarda surgiu correndo e se pôs em posição de sentido diante do Duque, entregando-lhe um papel.

O Duque mandou o homem embora e abriu o papel dobrado. Leu-o depressa e entregou-o a Tully.

— Enviei os cavaleiros mais rápidos aos elfos e aos anões, com pombos que trariam as respostas. A Rainha dos Elfos mandou uma mensagem dizendo que já está a caminho de Crydee e que chegará aqui dentro de dois dias.

Tully sacudiu a cabeça.

— Em toda a minha vida, não me recordo de ouvir dizer que Lady Aglaranna tivesse saído de Elvandar. Isso me gela até os ossos.

— A situação deve estar perto de uma crise grave para que venha até aqui. Espero estar enganado, mas acho que não somos os únicos com notícias desses tsurani — disse Kulgan.

Um silêncio baixou sobre o quarto e Pug foi tomado por uma sensação de impotência. Afastou-a, mas os seus ecos o seguiram durante vários dias.

Conselho dos Elfos

Pug debruçou-se na janela.

Apesar da chuva torrencial que caía desde manhã cedo, o pátio estava em rebuliço. Além dos preparativos que uma visita importante exigia, somava-se a novidade de serem elfos. Até as raras visitas do elfo mensageiro da Rainha Aglaranna eram alvo de curiosidade, pois raramente os elfos se aventuravam ao sul do rio Crydee. Eles viviam afastados da companhia dos homens e os seus costumes eram tidos como estranhos e mágicos. Habitavam aquelas terras muito antes da chegada do homem ao Oeste, e existia um acordo tácito de que, apesar de quaisquer alegações do Reino, eram um povo livre.

Ao ouvir uma tosse, Pug virou-se e viu Kulgan sentado com um grande livro à sua frente. Com um rápido olhar, o mago indicou que o garoto deveria voltar aos estudos. Pug fechou a janela e sentou-se no catre. Kulgan disse:

— Você terá muito tempo para olhar boquiaberto para os elfos daqui a algumas horas, garoto. Então terá pouco tempo para os estudos. Você precisa aprender a empregar da melhor forma o seu tempo.

Fantus arrastou-se para colocar a cabeça no colo do rapaz. Pug coçou distraidamente atrás de uma de suas saliências oculares, enquanto

pegava um livro e começava a ler. Kulgan incumbira-o de demonstrar as características semelhantes em certos feitiços, tal como haviam sido descritas por diferentes magos, na esperança de que aumentasse a sua compreensão da natureza da magia.

Kulgan era de opinião de que o feitiço que Pug lançara nos trolls fora o resultado de uma imensa pressão do momento. Esperava que o estudo da pesquisa de outros magos pudesse ajudar o garoto a ultrapassar as barreiras que o impediam de prosseguir. A atividade com o livro também se revelara fascinante para Pug, e a leitura do garoto vinha melhorando bastante.

Pug olhou de relance para o mestre, que lia enquanto soltava grandes baforadas de fumaça pelo cachimbo comprido. O mago não mostrava os sinais da debilidade do dia anterior e insistira para que o garoto aproveitasse aquelas horas de estudo, em vez de ficar sentado sem fazer nada à espera da Rainha dos Elfos e de sua corte.

Passados alguns minutos, os olhos de Pug começaram a arder com a fumaça penetrante. Ele foi até a janela e abriu-a.

— Kulgan?

— Sim, Pug?

— Seria muito mais agradável trabalhar com o senhor se conseguíssemos manter o fogo aceso para dar calor, mas fazendo a fumaça sair. — Devido ao braseiro fumegante e ao cachimbo do mago, o quarto estava tomado por uma névoa cinza e branca.

O mago deu uma gargalhada.

— Tem razão. — Fechou os olhos por um instante, suas mãos esvoaçaram em gestos frenéticos e proferiu baixinho uma série de encantamentos. Logo ele estava segurando uma esfera enorme de fumaça branca e cinza, que levou até a janela e atirou para fora, deixando o quarto fresco e límpido.

Pug sacudiu a cabeça, rindo.

— Obrigado, Kulgan. Mas tinha uma solução mais mundana em mente. O que acha de construir uma chaminé para o braseiro?

— Não é possível, Pug — respondeu o mestre, sentando-se. Apontou para a parede. — Se tivesse sido feita quando a torre foi construída, tudo bem. Mas tentar retirar as pedras da torre, daqui, passando pelo meu quarto, até o telhado, seria complicado, para não dizer dispendioso.

— Não estava pensando em uma chaminé na parede, Kulgan. Sabe como a fornalha na oficina do ferreiro tem uma cobertura em pedra que leva o calor e a fumaça para o telhado? — O mago confirmou com um aceno de cabeça. — Bem, se eu conseguisse uma de metal, forjada pelo ferreiro, que saísse da cobertura para levar a fumaça para fora, funcionaria da mesma forma, não é verdade?

Kulgan pensou por um momento.

— Não vejo por que não funcionaria. Mas onde você colocaria essa tal chaminé?

— Ali. — Pug apontou para duas pedras acima e à esquerda da janela. Tinham ficado mal encaixadas quando a torre foi construída e agora era possível ver uma fenda enorme entre as duas, que fazia o vento assobiar quando entrava no quarto. — Aquela pedra podia ser removida — disse o garoto, indicando a que se encontrava mais à esquerda. — Já verifiquei e está solta. A chaminé podia vir de cima do braseiro, dobrar ali — indicou um ponto no ar acima do braseiro e no nível da pedra — e sair aqui. Se tapássemos o espaço ao redor, o vento não entraria.

Kulgan parecia impressionado.

— Ora, aí está uma ideia nova, Pug. Pode funcionar. Amanhã de manhã vou falar com o ferreiro para saber a sua opinião sobre o assunto. Por que é que ninguém pensou nisso antes?

Satisfeito consigo mesmo, Pug retomou os estudos. Voltou a ler uma passagem que já lhe chamara a atenção pela ambiguidade. Por fim, olhou para o mago e chamou:

— Kulgan.

— Sim, Pug? — respondeu ele, desviando os olhos do livro.

— Aqui está, mais uma vez. O Mago Lewton usa o mesmo encantamento que Marsus para desviar os efeitos de um feitiço de quem o lançou, direcionando-os a um destino externo. — Largando o

volumoso tomo de modo a não desmarcá-lo, pegou outro. — Mas aqui Dorcas menciona que o uso desse encantamento atenua o feitiço, aumentando a possibilidade de falha. Como é possível que haja tanto desacordo quanto à natureza de uma única construção como essa?

Kulgan apertou os olhos enquanto contemplava o aluno. Recostou-se, dando uma grande baforada no cachimbo e lançando para a frente uma nuvem de fumaça azulada.

— Só demonstra o que eu disse antes, garoto. Apesar da vaidade que nós, magos, possamos sentir em relação à nossa arte, a verdade é que há pouca ordem ou ciência envolvida. A magia é um conjunto de artes populares e habilidades passadas de mestre para aprendiz desde o início dos tempos. Tentativa e erro, tentativa e erro, é o processo. Nunca houve tentativa alguma de criar um sistema para a magia, com leis, regras e axiomas de compreensão geral e comumente aceitos. — Olhou para Pug com um ar pensativo. — Cada um de nós é como um carpinteiro criando uma mesa. Mas cada um escolhe madeiras diferentes, serras diferentes, alguns usam pinos e encaixes, outros usam pregos, alguns usam tintas, outros não... No fim, o resultado é sempre uma mesa, ainda que os meios para a sua construção não sejam os mesmos em cada caso.

“O que temos aqui é certamente uma ideia acerca dos limites de cada um destes sábios veneráveis que você está estudando em vez de uma espécie de receita para a magia. Para Lewton e Marsus, o encantamento auxiliou na construção do feitiço; para Dorcas, atrapalhou.”

— Compreendo o seu exemplo, Kulgan, mas jamais conseguirei entender como esses magos fizeram a mesma coisa, ainda que de formas tão diferentes. Entendo que todos quiseram alcançar um objetivo e, para isso, encontraram formas diferentes de conquistá-lo, mas há algo faltando na forma como o fizeram.

Kulgan pareceu intrigado.

— O que falta, Pug?

O garoto ficou com um ar pensativo.

— Eu... Eu não sei. É como se esperasse encontrar algo que me dissesse “É assim que tem de ser feito, esta é a única forma”, ou algo

parecido. Faz sentido?

Kulgan assentiu.

— Creio que o conheço o bastante para compreender. Você possui uma mente muito bem organizada, Pug. Compreende a lógica muito melhor do que a maioria, melhor até do que aqueles que são mais velhos. Você vê tudo como um sistema, e não como um amontoado desordenado de acontecimentos. Talvez isso constitua parte da sua dificuldade.

A expressão de Pug demonstrava interesse pelo que o mago estava dizendo. Kulgan prosseguiu:

— Muito do que estou tentando ensinar é baseado em um sistema de lógica, causa e efeito, mas outro tanto não é. É como ensinar alguém a tocar alaúde. Podemos mostrar o dedilhado das cordas, mas não basta esse conhecimento para que alguém se torne um grande trovador. É a arte, e não o saber, que o incomoda.

— Creio que entendo, Kulgan. — Pug mostrou-se desanimado.

Kulgan levantou-se.

— Não pense mais nisso. Você é jovem e ainda tenho esperança em você. — O tom era alegre e Pug sentiu o humor ali presente.

— Quer dizer que não sou um caso completamente perdido? — perguntou sorrindo.

— Claro que não. — Kulgan olhou pensativamente para o pupilo. — Na verdade, tenho o pressentimento de que chegará o dia em que você irá usar essa sua mente lógica para o aperfeiçoamento da magia.

Pug ficou um pouco surpreso. Não se considerava alguém capaz de realizar grandes feitos.

Ouviram-se gritos pela janela e Pug correu para ver o que se passava. Vários guardas corriam em direção ao portão principal. Ele se virou para o Mestre:

— Os elfos devem estar chegando! A guarda já saiu.

— Muito bem. Terminamos os estudos por hoje. Não haveria como segurá-lo até que conseguisse ver os elfos. Vá! — ordenou Kulgan.

Pug correu porta afora e escada abaixo. Saltou dois degraus de cada vez, pulando os últimos quatro até o patamar da torre, e prosseguiu sem parar. Atravessou a cozinha a toda a velocidade e saiu. Ao contornar a torre de menagem até o pátio da frente, encontrou Tomas em cima de uma carroça de palha. Pug subiu ao lado dele, de forma a ver melhor a chegada dos elfos por cima das cabeças do povo curioso do castelo.

— Achei que você não vinha, que ia ficar fechado o dia inteiro com os livros — disse Tomas.

— Eu não podia perder isto. Elfos! — respondeu Pug.

Tomas deu uma cotovelada de brincadeira no amigo.

— Você já não teve a sua dose de excitação esta semana?

Pug lançou-lhe um olhar sério.

— Se está tão pouco interessado, o que está fazendo nesta carroça na chuva?

Tomas não respondeu. Em vez disso, apontou:

— Olhe!

Pug virou-se e viu a companhia de guardas ficar em posição de sentido, enquanto cavaleiros com mantos verdes atravessavam o portão. Avançaram até as portas principais do castelo, onde o Duque aguardava. Os garotos os olhavam maravilhados, pois montavam os cavalos brancos mais perfeitos que já tinham visto, sem selas nem rédeas. Os cavalos pareciam imunes à umidade e as suas pelagens pareciam resplandecer; Pug não sabia dizer se era devido a algum tipo de magia ou a um truque da luminosidade vespertina. O líder montava um animal ainda mais imponente, com um metro e setenta de altura, uma crina comprida e solta e uma cauda semelhante a uma pluma. Os cavaleiros fizeram os animais empinar à guisa de cumprimento e ouviu-se uma exclamação coletiva vindo da multidão.

— Corcéis élficos — disse Tomas, em voz baixa. Eram as lendárias montarias dos elfos. Em uma ocasião, Martin do Arco contara aos garotos que eles viviam em vastas clareiras ocultas perto de Elvandar. Diziam que eram inteligentes, que tinham natureza mágica e que nenhum ser humano poderia montá-los. Também se dizia que somente

alguém com o sangue real dos elfos poderia ordená-los a levar cavaleiros.

Cavalariços vieram correndo para levar os animais, mas uma voz melodiosa disse:

— Não é preciso.

A voz viera do primeiro cavaleiro, aquele que montava o corcel mais magnífico. Saltou com destreza e sem ajuda para o chão e pousou delicadamente, afastando o capuz e revelando uma volumosa cabeleira ruiva e espessa. Mesmo na escuridão da chuva da tarde, parecia ser atravessada por madeixas douradas. Ela era alta, quase tanto quanto Borric. Subiu os degraus enquanto o Duque ia ao seu encontro.

Borric estendeu as mãos e pegou as dela em saudação.

— Bem-vinda, minha senhora; honra-me, assim como à minha casa.

A Rainha dos Elfos disse:

— É muito amável, Lorde Borric. — A voz dela era profunda e surpreendentemente límpida, capaz de se fazer ouvir acima do burburinho da multidão para que todos no pátio pudessem escutá-la. Pug sentiu a mão de Tomas apertando-lhe o ombro. Virou-se e deparou com uma expressão extasiada no rosto do amigo.

— Ela é linda — disse o garoto mais alto.

Pug voltou a dar atenção à recepção. Ainda que de forma um pouco diferente da humana, tinha que admitir que a Rainha era, de fato, linda. Tinha enormes olhos azul-claros, que quase brilhavam na escuridão. As feições eram delicadamente esculpidas, com maçãs do rosto altas e maxilar saliente, embora nada masculino. O sorriso era intenso e os dentes resplandeciam alvos entre lábios próximos do carmim. Usava na testa um diadema simples de ouro, que segurava o cabelo e deixava à vista as orelhas sem lóbulos que formavam uma curva ascendente, traço distintivo da sua raça.

Os outros membros da escolta da Rainha, todos ricamente vestidos, desmontaram. As túnicas eram de cores claras e por baixo usavam calças de malha em tons mais fortes. Um vestia uma túnica castanho-avermelhada, outro, uma túnica amarelo-clara com um manto verde-

claro. Alguns usavam faixas roxas, e outros, ainda, meias escarlate. Apesar das cores chamativas, eram peças elegantes e delicadamente elaboradas, que não ostentavam um ar vistoso nem berrante. Acompanhavam a Rainha onze cavaleiros, todos de aspecto idêntico: altos, jovens e de movimentos ágeis.

A Rainha voltou-se para os cavalos e disse algo no seu idioma musical. Os corcéis élficos empinaram-se em uma saudação e saíram portão afora a galope, passando pelos surpresos espectadores. O Duque acompanhou os convidados para dentro, e, pouco depois, a multidão começou a dispersar-se. Tomas e Pug ficaram sentados na chuva, calados.

— Ainda que eu viva cem anos, acho que nunca vou ver alguém igual a ela — disse Tomas por fim.

Pug ficou admirado, pois o amigo raramente demonstrava tais sentimentos. Sentiu um breve impulso de repreender o amigo pela sua paixonite infantil, mas algo na expressão do companheiro lhe dizia que isso seria inapropriado.

— Vamos — disse —, estamos ficando ensopados.

Tomas seguiu Pug, que disse:

— Vá vestir outra roupa e veja se alguém lhe empresta um tabardo seco.

— Por quê? — perguntou Tomas.

Com um sorriso maldoso, Pug respondeu:

— Ah, não lhe contei? O Duque quer que você jante com a corte. Quer que você conte à Rainha dos Elfos o que viu no navio.

Tomas parecia prestes a entrar em pânico e fugir.

— Eu? Jantar no salão nobre? — Empalideceu. — Falar? Com a Rainha?

Pug riu, divertindo-se.

— É fácil. Você abre a boca e as palavras saem.

Tomas equilibrou-se para dar um murro em Pug, que se esquivou do golpe, agarrando o amigo por trás quando deu a volta completa. Pug tinha força nos braços, ainda que não fosse da altura de Tomas, e ergueu

facilmente o amigo mais pesado do chão. Tomas debateu-se e não demorou até os dois soltarem gargalhadas descontroladas.

— Pug, ponha-me no chão.

— Só quando se acalmar.

— Eu estou bem.

Pug o soltou.

— Qual foi o motivo daquilo?

— A sua maneira presunçosa e por só me contar na última hora.

— Está bem. Desculpe por ter demorado a contar. E quanto ao resto?

Tomas parecia desconfortável, mais do que seria razoável devido à chuva.

— Não sei comer com os nobres. Tenho medo de fazer algo idiota.

— É fácil. Apenas me observe e faça o que eu fizer. Segure o garfo com a mão esquerda e corte com a faca. Não beba das tigelas de água; são para lavar as mãos. Use-as bastante, pois suas mãos ficarão engorduradas por causa das costeletas; certifique-se de jogar os ossos por cima do ombro, para os cães, e não no chão, na frente da mesa do Duque. Não limpe a boca nas mangas. Use a toalha de mesa, que é para isso que serve.

Dirigiram-se à caserna dos soldados, e Pug foi instruindo o amigo nos pontos mais requintados dos modos da corte. Tomas ficou impressionado com o conhecimento do amigo.

Tomas oscilava entre um ar nauseado e um ar angustiado. Sempre que alguém olhava para ele, sentia-se como se tivesse sido acusado da mais repugnante falta de etiqueta, e ficava com um ar nauseado. Sempre que olhava para a mesa principal e o seu olhar recaía na Rainha dos Elfos, sentia um nó no estômago e ficava com um ar angustiado.

Pug havia conseguido que Tomas se sentasse perto dele em uma das mesas mais afastadas da mesa do Duque. O lugar habitual de Pug era à mesa de Lorde Borric, ao lado da Princesa. Ficou contente com aquela oportunidade de ficar longe dela, pois ela ainda se mostrava chateada com ele. Normalmente, ela tagarelava-lhe os mil mexericos que as

senhoras da corte achavam tão interessantes, mas na noite anterior fez questão de ignorá-lo e cobriu de atenções um Roland surpreso e claramente contente. Pug achou confusa a sua própria reação, alívio misturado com uma dose enorme de irritação. Embora se sentisse aliviado por estar livre da ira dela, a adulação de Roland mostrou-se uma coceira incômoda que não conseguia coçar.

Pug sentia-se incomodado com a hostilidade mal disfarçada que Roland vinha lhe dirigindo. Nunca havia sido tão próximo de Roland quanto Tomas, mas nunca antes tiveram razões para ficarem bravos um com o outro. Roland sempre fizera parte do grupo de garotos da idade de Pug. Jamais se escondera por detrás do seu posto quando tinha motivos para discordar dos outros, sempre disposto a resolver o assunto da forma que julgasse necessária. E, como já era um lutador experiente quando chegara a Crydee, eram mais frequentes as vezes em que as suas discordâncias eram resolvidas pacificamente do que o contrário. Agora havia essa tensão pesada entre Pug e Roland, e Pug se viu desejando igualar-se a Tomas nas lutas, já que o amigo era o único garoto que Roland não conseguia superar em uma luta corpo a corpo, sendo que o único encontro entre os dois terminara com Roland levando uma bela surra. Pois, tão certo quanto o nascer do sol a cada manhã, Pug sabia que logo haveria um confronto com o jovem e impetuoso Escudeiro. Temia esse momento, ainda que soubesse que, quando chegasse, ficaria aliviado.

Pug olhou de relance para Tomas, encontrando o amigo perdido em seu próprio mal-estar. Voltou a prestar atenção em Carline. Sentia-se encantado pela Princesa, mas o fascínio era atenuado por um estranho desconforto que o dominava sempre que ela estava por perto. Por mais bela que a achasse — as madeixas pretas e os olhos azuis acendiam algumas chamas inquietantes em sua imaginação —, as imagens eram sempre, de certa forma, irreais, descoloridas no fundo, faltando o brilho âmbar e cor-de-rosa que tais devaneios possuíam quando Carline não passava de uma figura distante, inatingível e desconhecida. A observação de perto, ainda que por tão curto período como acontecera

recentemente, impossibilitara tais devaneios idealizados. Ela estava mostrando ser complicada demais para caber em simples fantasias. Em suma, a questão da Princesa o afligia, mas ver Carline com Roland fez com que esquecesse os conflitos internos, enquanto uma emoção menos intelectual e mais primitiva se evidenciava. Estava com ciúmes.

Pug suspirou, sacudindo a cabeça enquanto pensava no suplício que vivia naquele momento; ignorava o de Tomas. Pelo menos, pensou Pug, não estou sozinho. Para o desconforto óbvio de Roland, Carline estava absorvida na conversa com o Príncipe Calin de Elvandar, filho de Aglaranna. O Príncipe parecia ter a mesma idade de Arutha ou de Lyam, mas o mesmo podia ser dito da mãe dele, que aparentava ter pouco mais de vinte anos. Todos os elfos, à exceção do conselheiro mais velho da Rainha, Tathar, tinham um aspecto bastante jovem, e Tathar não parecia mais velho do que o Duque.

Ao final da refeição, grande parte da corte retirou-se. O Duque levantou-se, oferecendo o braço a Aglaranna, e conduziu à sala do conselho aqueles que tinham recebido ordens para comparecer.

Pela terceira vez em dois dias, os garotos voltaram à sala do conselho do Duque. Pug mostrava-se mais descontraído por estar ali do que antes, em grande parte graças à farta refeição, mas Tomas parecia mais transtornado do que nunca. Tendo passado a hora que antecederá o jantar observando a Rainha dos Elfos, nestes aposentos fechados o garoto mais alto parecia olhar para todo lado, menos na direção da Rainha. Pug achou que Aglaranna notara o comportamento de Tomas e esboçara um sorriso, embora não tivesse certeza.

Os dois elfos que acompanhavam a Rainha, Calin e Tathar, dirigiram-se logo à mesa lateral em que repousavam a tigela e os artefatos retirados do soldado tsurani. Examinaram-nos minuciosamente, fascinados com todos os detalhes.

O Duque deu início à assembleia, e os dois elfos sentaram-se de cada lado da Rainha. Pug e Tomas ficaram em pé junto à porta, como era habitual.

— Descrevemos tanto quanto sabemos o que aconteceu e vocês agora viram provas com os próprios olhos — começou o Duque. — Caso achem útil, os garotos poderão relatar os acontecimentos no navio.

A Rainha inclinou a cabeça, mas foi Tathar quem falou:

— Gostaria de ouvir a história em primeira mão, Vossa Graça.

Borric fez um gesto para que os garotos se aproximassesem. Avançaram e Tathar disse:

— Qual de vocês encontrou esse ser de outro mundo?

Tomas lançou um olhar a Pug que indicava que o garoto mais baixo é quem devia falar, e Pug disse:

— Nós dois o encontramos, senhor. — Desconhecia qual seria a forma adequada de se dirigir ao elfo, mas Tathar pareceu satisfeito com a expressão honorífica geral. Pug relatou os acontecimentos daquele dia, sem omitir nada. Quando terminou, Tathar fez várias perguntas, cada uma delas servindo para estimular a memória de Pug e revelar pormenores de que se esquecera.

Quando terminou, Pug recuou e Tathar repetiu o procedimento com Tomas. Tomas começou titubeante, nitidamente desconcertado, e a Rainha dos Elfos concedeu-lhe um sorriso animador. Isso apenas o deixou ainda mais inquieto e não demorou a ser dispensado.

As perguntas de Tathar mostraram mais detalhes a respeito da embarcação, pequenas coisas esquecidas pelos garotos: baldes de incêndio cheios de areia espalhados pelo convés, suportes de lanças vazios, fundamentando a suposição de Arutha de que fora, de fato, um navio de guerra.

Tathar recostou-se.

— Nunca ouvimos falar de embarcações desse gênero. Sob muitos aspectos, é igual a outros navios, mas não em tudo. Estamos convencidos.

Como se tivesse sido dado um sinal silencioso, Calin falou:

— Desde a morte do Rei, meu Pai, exerço o cargo de Comandante Militar de Elvandar. É meu dever supervisionar os batedores e as patrulhas que vigiam os caminhos das nossas florestas. Já há algum

tempo que vínhamos percebendo ocorrências estranhas na grande floresta, ao sul do rio Crydee. Foram várias as vezes em que os nossos mensageiros encontraram pegadas deixadas por homens em áreas isoladas da floresta. Foram detectadas perto da fronteira de Elvandar e em lugares tão longínquos como a Passagem Norte, próxima à Montanha de Pedra.

“Durante várias semanas, os nossos batedores tentaram encontrar esses homens, mas só conseguiam achar pegadas. Nada encontraram daquilo que seria habitual de um grupo de batedores ou de invasores. Essa gente estava fazendo de tudo para ocultar a sua presença. Não tivessem passado tão perto de Elvandar, é provável que passassem despercebidos, mas ninguém passa tão perto da nossa terra sem que notemos.

“Há muitos dias, um dos nossos batedores avistou um bando de forasteiros atravessando o rio, próximo à orla das nossas florestas e seguindo em direção à Passagem Norte. Ele os seguiu durante meio dia de caminhada até que os perdeu de vista.”

Fannon ergueu as sobrancelhas.

— Um batedor elfo os perdeu?

Calin inclinou ligeiramente a cabeça.

— Não foi por incompetência. Simplesmente entraram em uma clareira e nunca chegaram ao outro lado. Ele seguiu o rastro até o ponto onde desapareceram.

— Creio que agora sabemos para onde foram — interveio Lyam. Mostrava uma expressão sombria incomum, parecendo-se ainda mais com o pai.

— Quatro dias antes de chegar a sua mensagem, chefiei uma patrulha que avistou um bando próximo do lugar onde havíamos visto o outro grupo da última vez — prosseguiu Calin. — Eram homens baixos e atarracados, sem barba. Alguns tinham pele clara; e outros, escura. Eram uma dezena e deslocavam-se pela floresta com dificuldade; ficavam em alerta ao menor som. Contudo, apesar de todas as precauções, não faziam ideia de que estavam sendo seguidos.

“Usavam todos armaduras de cores vibrantes, vermelhas e azuis, umas verdes e outras amarelas, com exceção de um, que trajava negro. Levavam espadas como a que está ali na mesa e outras sem serrilha, escudos redondos e arcos estranhos, curtos e duplamente curvados para trás de forma incomum.”

Algon inclinou-se para a frente.

— São arcos recurvados, como os que os soldados-cães keshianos usam.

Calin abriu as mãos.

— Há muito que Kesh não pisa nestas terras, e, quando conhecíamos o Império, usavam arcos simples de teixo ou freixo.

Algon interrompeu em tom excitado:

— Eles conhecem uma forma, secreta, de elaborar tais arcos a partir de madeira e chifres de animais. São pequenos, mas possuem grande poder, embora não tanto quanto o arco longo. O alcance é surpreendente...

Borric pigarreou intencionalmente, não se mostrando disposto a deixar que o Estribeiro-Mor se entregasse às suas preocupações com armamento.

— Vossa Alteza, prossiga, por favor.

Algon recostou-se, completamente corado, e Calin disse:

— Segui-os durante dois dias. Pararam e acamparam sem acender fogueiras, tomando cuidados extremos para não deixarem sinais de sua passagem. Os restos de comida e os dejetos eram coletados em um saco e levados por um deles. Deslocavam-se com cautela, mas não eram difíceis de seguir.

“Quando alcançaram a orla da floresta, junto à entrada da Passagem Norte, fizeram marcas em um pergaminho, tal como tinham feito várias vezes durante a caminhada. Então, aquele que estava vestido de preto ativou algum dispositivo estranho e desapareceram.”

Houve uma agitação entre a gente do Duque. Kulgan parecia especialmente perturbado.

Calin fez uma pausa.

— Porém, o que me causou mais estranheza foi a língua deles, pois suas falas eram diferentes de todas as que conhecemos. Falavam em um tom sussurrado, mas conseguíamos ouvi-los, e as suas palavras não tinham qualquer significado.

Foi então que a Rainha interveio:

— Ao ouvir esse relato, fiquei alarmada, pois esses forasteiros estão claramente elaborando um mapa do Oeste, percorrendo livremente a vasta floresta, as colinas da Montanha de Pedra, e agora a costa do Reino. Quando nos preparávamos para avisá-los, os relatos tornaram-se mais frequentes. Foram avistados vários outros grupos na área da Passagem Norte.

Arutha inclinou-se para a frente, colocando os braços na mesa.

— Se atravessarem a Passagem Norte, encontrarão o caminho para Yabon e para as Cidades Livres. As nevascas terão começado a cair nas montanhas, e eles poderão descobrir que ficamos efetivamente isolados, sem qualquer ajuda durante o inverno.

Por um instante, viu-se o bruxulear de pânico no rosto do Duque, traendo seu semblante estoico. Ele recuperou a compostura e disse:

— Resta a Passagem Sul, e eles podem não ter conseguido mapear tão longe. Se tivessem passado nessa zona, os anões certamente os teriam avistado, uma vez que as povoações das Torres Cinzentas estão muito mais dispersas do que as da Montanha de Pedra.

— Lorde Borric — disse Aglaranna —, jamais teria corrido o risco de sair de Elvandar se não considerasse a situação crítica. Pelo que nos contaram sobre o Império do outro mundo, se são tão poderosos como dizem, temo por todos os povos livres do Oeste. Ainda que os elfos nutram pouco amor pelo Reino em si, respeitamos o povo de Crydee, pois sempre se mostraram homens honrados e nunca procuraram expandir o seu reino para as nossas terras. Caso esse povo do outro mundo chegue com intenções de conquista, iremos nos aliar a vocês.

Borric ficou em silêncio por algum tempo.

— Agradeço à Senhora de Elvandar a ajuda do povo elfo caso ocorra uma guerra. Da mesma forma, estamos em dívida com vocês pelos

conselhos oferecidos, pois agora podemos agir. Se ficássemos alheios a esses acontecimentos nas vastas florestas, provavelmente teríamos concedido aos forasteiros mais tempo para quaisquer problemas que estejam preparando. — Voltou a fazer uma pausa, como se estivesse pesando as palavras que iria proferir em seguida. — Estou convencido de que esses tsurani têm más intenções. Consigo entender que se observe uma terra estranha e desconhecida, tentando determinar a natureza e o temperamento das pessoas que ali habitam, mas uma cartografia exaustiva realizada por guerreiros só pode ser o prelúdio de uma invasão.

— Julgo provável que cheguem com uma hoste poderosíssima — disse Kulgan, parecendo fatigado.

Tully sacudiu a cabeça.

— Talvez não. — Todos os olhares se viraram para ele, quando disse: — Não tenho tanta certeza. Grande parte do que li na mente de Xomich era confuso, mas esse Império de Tsuranuanni tem algo que o torna diferente de qualquer outra nação que conhecemos; há algo muito estranho sobre o sentimento de dever e alianças deles. Não sei lhes dizer como sei, mas desconfio que nos testem primeiro, somente com uma ínfima parte do seu poderio. É como se as atenções estivessem centradas em outro lugar e nós não passássemos de um pensamento em segundo plano. — Sacudiu a cabeça, admitindo a confusão. — É o que acho, nada mais.

O Duque endireitou-se na cadeira, deixando transparecer autoridade na voz:

— Agiremos. Enviarei mensagens ao Duque Brucal de Yabon e novamente à Montanha de Pedra e às Torres Cinzentas.

— Seria bom ouvir o que o povo anão sabe — disse Aglaranna.

— Esperava já ter notícias deles a esta altura, mas os nossos mensageiros não regressaram, nem os pombos que levavam — disse Borric.

— Falcões, talvez. Nem sempre podemos confiar nos pombos, ou talvez os mensageiros nunca tenham chegado aos anões — sugeriu

Lyam.

Borric dirigiu-se a Calin:

— Passaram-se quarenta anos desde o cerco a Carse e tivemos pouca interação com os clãs dos anões desde então. Quem os comanda agora?

— Os mesmos que comandavam naquela época — respondeu o Príncipe dos Elfos. — A Montanha de Pedra obedece ao estandarte de Harthorn, descendente de Hogar, da cidade de Delmoria. As Torres Cinzentas estão congregadas sob o estandarte de Dolgan, descendente de Tholin, da cidade de Caldara.

— Conheci ambos, ainda que eu fosse apenas um garoto quando ergueram o cerco dos Irmãos das Trevas em Carse — informou Borric.

— Serão aliados ferozes, caso surjam problemas.

— E quanto às Cidades Livres e ao Príncipe de Krondor? — perguntou Arutha.

Borric recostou-se e respondeu:

— Tenho que pensar nessa questão, pois há problemas no Leste, pelo que me chegou aos ouvidos. Esta noite ponderarei o assunto. — Levantou-se. — Agradeço a todos por esta assembleia. Voltem aos seus aposentos e aproveitem o repouso e a comida. Peço-lhes que pensem em planos para enfrentar os invasores, caso cheguem, e amanhã voltaremos a nos reunir.

Quando a Rainha dos Elfos se levantou, o Duque ofereceu-lhe o braço e acompanhou-a pelas portas que Tomas e Pug mantinham abertas. Os garotos foram os últimos a sair. Fannon levou Tomas consigo, conduzindo-o às casernas dos soldados, enquanto Kulgan ficou no corredor com Tully e os dois conselheiros elfos.

O mago virou-se para o aprendiz:

— Pug, o Príncipe Calin manifestou interesse na sua pequena biblioteca de livros de magia. Importa-se de mostrá-la ao Príncipe?

Pug disse que não se importava e levou o Príncipe pelas escadas até a sua porta, segurando-a para que ele entrasse. Calin entrou e Pug o seguiu. Fantus estava dormindo e acordou sobressaltado. Olhou o elfo com um ar desconfiado.

Calin avançou devagar até chegar junto do dragonete e proferiu algumas palavras suaves num idioma que Pug não entendia. Fantus se acalmou e esticou o pescoço para que o Príncipe lhe afagasse a cabeça.

Pouco depois, o dragonete olhou esperançoso para Pug, que disse:

— Sim, o jantar acabou. A cozinha deve estar repleta de restos. — Fantus deslocou-se até a janela com um olhar lupino, abrindo-a com a ajuda do focinho. Bateu as asas e desapareceu, planando até a cozinha.

Pug ofereceu um banco a Calin, mas o Príncipe declarou:

— Agradeço, mas as suas cadeiras e bancos não são confortáveis para a minha raça. Vou me sentar no chão, com sua licença. Você possui um animal de estimação muito incomum, Escudeiro Pug. — Esboçou um sorriso. O garoto não estava muito à vontade em receber o Príncipe dos Elfos no seu modesto quarto, mas os modos do elfo contribuíram para que começasse a ficar mais descontraído.

— Fantus é mais um hóspede permanente do que um animal de estimação. É muito independente. De vez em quando, desaparece durante semanas, mas fica aqui a maior parte do tempo. Tem de comer fora da cozinha, agora que Meecham partiu.

Calin perguntou quem era Meecham. Pug respondeu e acrescentou:

— Kulgan o mandou atravessar as montanhas, até Bordon, com alguns membros da guarda do Duque, antes que a Passagem Norte fique coberta de neve. Não me disse o motivo, Vossa Alteza.

Calin olhou para um dos livros do garoto.

— Prefiro ser chamado de Calin, Pug.

Pug fez um aceno com a cabeça, contente.

— Calin, o que acha que o Duque tem em mente?

O elfo sorriu enigmaticamente.

— Creio que o Duque revelará os seus planos. Suponho que Meecham deva estar preparando o caminho caso o Duque opte por viajar para o leste. É provável que você descubra amanhã. — Pegou o livro que olhara.

— Achou este interessante?

Pug inclinou-se e leu o título.

— O *Tratado sobre Animação de Objetos*, de Dorcas? Achei, embora parecesse um pouco confuso.

— Uma avaliação justa. Dorcas era um homem confuso, ou pelo menos foi o que pensei dele.

Pug ficou surpreso.

— Mas Dorcas morreu há trinta anos.

Calin mostrou um grande sorriso, deixando à mostra dentes brancos e regulares. Os olhos claros brilharam à luz da lanterna.

— Isso significa que os seus conhecimentos sobre os elfos são escassos.

— São — concordou Pug. — É o primeiro elfo com quem falo, embora eu possa ter visto outro uma vez, quando era muito pequeno. Não tenho certeza. — Calin jogou o livro para o lado. — Sei apenas aquilo que Martin do Arco me contou, que vocês conseguem, de algum modo, falar com animais e com alguns espíritos. Que vivem em Elvandar e nas florestas élficas ao redor e que raramente se distanciam da sua raça.

O elfo riu, um som melódico e suave.

— É quase tudo verdade. Conhecendo o amigo Martin, certamente algumas das histórias foram muito coloridas, pois, embora não seja um homem mentiroso, possui o humor de um elfo. — A expressão de Pug demonstrava a sua incompreensão. — A nossa longevidade é bastante prolongada de acordo com os seus padrões. Aprendemos a apreciar a graça no mundo, muitas vezes encontrando motivos para diversão em lugares onde os homens não conseguem. Ou você pode simplesmente chamar de uma forma diferente de ver a vida. Martin aprendeu isso conosco, creio.

Pug balançou a cabeça.

— Um olhar cínico.

Calin levantou uma sobrancelha como se perguntasse, e Pug explicou:

— Muitas pessoas daqui acham difícil conviver com Martin. Ele é diferente, de certa forma. Uma vez ouvi um soldado dizer que ele tinha um olhar cínico.

Calin suspirou.

— A vida não foi fácil para Martin. Ficou sozinho desde muito pequeno. Os Monges de Silban são homens bons e generosos, mas não estão preparados para criar um garoto. Martin vivia nos bosques como uma criatura selvagem sempre que conseguia escapar dos tutores. Encontrei-o um dia, lutando com duas das nossas crianças — não diferimos muito dos humanos quando crianças. Ao longo dos anos, tornou-se um dos poucos humanos que têm permissão para entrar livremente em Elvandar quando lhe aprouver. É um amigo estimado. Contudo, acredito que carrega um fardo especial de solidão, uma vez que não se integra inteiramente no mundo dos elfos nem no dos homens, existindo parcialmente nos dois.

Pug viu Martin sob uma nova luz e decidiu tentar conhecer melhor o Mestre de Caça. Voltando ao tópico original, perguntou:

— É verdade o que ele disse?

Calin assentiu.

— Em alguns aspectos. Somos capazes de falar com animais da mesma forma que os homens, usando tons de voz que os acalmem, embora sejamos melhores nisso do que a maioria de vocês, pois lemos os estados de espírito das criaturas selvagens com maior rapidez. Martin tem bastante jeito. Porém, não falamos com espíritos. Existem criaturas que conhecemos e que os humanos consideram espíritos — dríades, silfos, fadas —, mas são seres da natureza que vivem próximos à nossa magia.

A curiosidade de Pug aumentou.

— Da sua magia?

— A nossa magia faz parte do nosso ser, sendo ainda mais poderosa em Elvandar. É um legado muito antigo, que nos permite viver em paz nas nossas florestas. Lá, trabalhamos como qualquer outro povo, caçando, cuidando dos nossos jardins, celebrando as nossas alegrias, ensinando os nossos jovens. O tempo passa devagar em Elvandar, pois é um lugar atemporal. É por isso que me recordo de falar com Dorcas, pois, apesar da minha aparência jovem, tenho mais de cem anos.

— Cem anos... — Pug sacudiu a cabeça. — Coitado do Tomas, ficou chateado ao saber que você era filho da Rainha. Agora vai ficar desolado.

Calin inclinou a cabeça, um meio sorriso dançando-lhe no rosto.

— O outro garoto que estava conosco na sala do conselho? — Pug confirmou e Calin prosseguiu: — Não é a primeira vez que a minha Mãe, a Rainha, causa esse efeito em um humano, embora os homens mais velhos consigam disfarçá-lo com mais facilidade.

— Você não se importa? — perguntou Pug, sentindo-se protetor em relação ao amigo.

— Não, Pug, claro que não. Em Elvandar, todos amam a Rainha e reconhecem que a sua beleza é sem par. Não me surpreende que o seu amigo tenha se impressionado com ela. Desde a morte do meu Pai, o Rei, mais de um nobre corajoso da sua raça foi pedir a mão de Aglaranna. Agora, o seu luto está terminando, e ela poderá aceitar outro marido, se assim desejar. É pouco provável que seja alguém da sua raça, pois, embora tenham ocorrido alguns casamentos desse tipo, eles são raros e tendem a ser acontecimentos infelizes para a nossa raça. A vida da Rainha se prolongará por muito mais vidas humanas, se os deuses quiserem.

Calin olhou ao redor do quarto, acrescentando em seguida:

— É provável que, com o tempo, nosso amigo Tomas supere os sentimentos pela magnífica Senhora dos Elfos. Tal como a sua Princesa irá mudar os sentimentos por você, imagino.

Pug sentiu-se envergonhado. Estivera curioso sobre o que Carline e o Príncipe dos Elfos tinham conversado durante o jantar, mas não se sentira à vontade para perguntar.

— Reparei que você conversou muito tempo com ela.

— Eu esperava encontrar um herói de dois metros de altura, com raios dançando ao redor dos ombros. Parece que você matou vinte trolls com um simples gesto.

Pug enrubesceu.

— Foram só dois e quase por acaso.

As sobrancelhas de Calin quase saltaram.

— Mesmo dois é uma façanha. Achei que a garota tinha sido tomada por um arroubo de fantasia. Gostaria de saber o que aconteceu.

Pug contou o que se passara. Ao terminar, Calin comentou:

— É uma história singular, Pug. Pouco entendo de magia humana, mas o que sei basta para pensar que o que fez é tão estranho quanto Kulgan afirmou. A magia dos elfos é bastante diferente da humana, mas compreendemos melhor a nossa do que vocês compreendem a de vocês. Nunca ouvi falar de tais ocorrências, mas posso partilhar isto com você. Às vezes, em momentos de grande necessidade, pode ser realizada uma invocação profunda, gerando poderes que jazem adormecidos em nosso âmago.

— Pensei a mesma coisa, mas seria bom compreender um pouco melhor o que aconteceu — disse Pug.

— Isso poderá ocorrer com o tempo.

Pug olhou para o seu convidado e suspirou fundo.

— Quem me dera também poder compreender Carline.

Calin encolheu os ombros e sorriu.

— Quem consegue entender a mente do outro? Creio que durante algum tempo você ainda será alvo da atenção dela. Então será possível que outro vá distraí-la, talvez o jovem Escudeiro Roland. Pareceu-me que ele está encantado por ela.

Pug bufou.

— Roland! Que problema.

Calin sorriu de modo apreciativo.

— Quer dizer que você gosta da Princesa?

Pug olhou para cima, como se estivesse à espera de conselhos de uma entidade superior.

— Gosto dela — admitiu, com um suspiro triste. — Mas não sei se gosto dela dessa forma especial. Às vezes acho que sim, especialmente quando vejo Roland bajulá-la, em outras acho que não. Ela faz com que seja muito difícil pensar com clareza e parece que digo sempre o que não devia.

— Ao contrário do Escudeiro Roland — sugeriu Calin.

Pug assentiu.

— Ele nasceu e foi criado na corte. Sabe o que dizer nos momentos certos. — Pug apoiou-se nos cotovelos e suspirou melancolicamente. — Acho que Roland me incomoda porque tenho inveja dele, mais do que outra coisa. Ele faz com que eu me sinta um estúpido mal-educado, com grandes pedras no lugar das mãos e troncos no lugar dos pés.

Calin sacudiu a cabeça de forma compreensiva.

— Não me considero um grande especialista em todos os costumes do seu povo, Pug, mas já passei bastante tempo com humanos para saber que escolhem o modo como se sentem. Roland o faz se sentir desajeitado somente porque você permite.

“Arrisco-me a dizer que o jovem Roland deve sentir o mesmo quando suas posições são invertidas. Os defeitos que vemos nos outros nunca parecem tão terríveis como os que vemos em nós. Roland pode invejar a forma clara como você se expressa e os seus modos honestos.

“Seja como for, o que quer que você ou Roland façam, pouco impacto terá sobre a Princesa, desde que ela esteja decidida a levar adiante a sua vontade. Ela o idealizou de modo muito parecido ao do seu amigo em relação à nossa Rainha. A não ser que você se torne um ignorante incorrigível, ela não abdicará dessa atitude até estar preparada. Creio que ela planeja tê-lo como seu futuro consorte.”

Pug ficou boquiaberto até conseguir dizer:

— Consorte?

Calin sorriu.

— Os jovens preocupam-se muito com assuntos que só virão a ser resolvidos anos mais tarde. Desconfio que a determinação dela nessa questão se deva tanto à sua relutância como a uma apreciação genuína do seu mérito. Como muitas crianças, ela quer somente o que não pode ter. — Em tom amigável, acrescentou: — O tempo resolverá o assunto.

Pug inclinou-se para a frente, com uma expressão de preocupação no rosto.

— Oh, céus, entendi tudo errado. Metade dos garotos do castelo acha que está apaixonada pela Princesa. Se ao menos soubessem como a

realidade pode ser aterradora. — Fechou os olhos, cerrando-os com força por um momento. — Minha cabeça dói. Achei que ela e Roland...

— Ele pode não passar de um instrumento para provocar o seu interesse — interrompeu Calin. — Infelizmente, isso parece ter resultado em animosidade entre vocês.

Pug fez um aceno lento com a cabeça.

— Creio que sim. Em geral, Roland até é boa pessoa. Temos sido amigos na maior parte do tempo. Mas, desde que subi de posição, ele tem sido claramente hostil. Tento ignorar, mas comecei a me irritar. Talvez eu devesse tentar falar com ele.

— Creio que isso seria uma atitude sensata. Mas não fique surpreso se ele não se mostrar aberto às suas palavras. É muito provável que esteja enfeitiçado por ela.

Pug estava ficando com uma grande dor de cabeça devido ao tema, e a referência a feitiços fez com que perguntasse:

— Poderia me contar mais sobre a magia dos elfos?

— A nossa magia é antiga. Faz parte de quem somos e encontra-se naquilo que criamos. As botas dos elfos conseguem tornar até um humano silencioso ao caminhar, e os arcos élficos têm mais capacidade de atingir os alvos, pois essa é a natureza da nossa magia. Está impregnada em nós, nas nossas florestas, nas nossas criações. Por vezes, pode ser controlada sutilmente por aqueles que a entendem por completo... Conjuradores de feitiços, tais como Tathar. Mas isso não ocorre com facilidade, pois a nossa magia resiste à manipulação. Parece-se com o ar, que nos cerca sempre, ainda que não o vejamos. Porém, assim como o ar, que podemos sentir quando sopra o vento, ela possui substância. Os homens dizem que as nossas florestas são encantadas, pois as habitamos há tanto tempo que a nossa magia criou o mistério de Elvandar. Todos os que lá residem vivem em paz. Ninguém pode entrar em Elvandar sem ser convidado, a não ser por meio de artes poderosas, e até as fronteiras distantes das florestas dos elfos causam mal-estar naqueles que entram com más intenções. Nem sempre foi assim; outrora, dividíamos as nossas terras com outros, os moredhel, a quem

vocês chamam de Irmandade da Senda das Trevas. Desde a grande cisão, quando os expulsamos das nossas florestas, Elvandar vem mudando, tornando-se cada vez mais o nosso lar, o nossa essência.

— Os Irmãos da Senda das Trevas são mesmo parentes dos elfos? — perguntou Pug.

Os olhos de Calin anuviaram-se. Fez uma pausa antes de dizer:

— Não tocamos muito nesses assuntos, pois desejávamos que grande parte não correspondesse à verdade. Posso lhe dizer isto: existe realmente um vínculo entre os moredhel, que vocês chamam de Irmandade, e o meu povo, ainda que antiquíssimo e há muito hostil. Queríamos que não fosse assim, mas são mesmo nossos parentes. Esporadicamente, um deles retorna até nós, o que chamamos de Regresso. — Parecia que o assunto o estava deixando muito incomodado.

— Lamento se... — disse Pug.

Calin acenou com a mão, rejeitando o pedido de desculpas.

— A curiosidade de um estudante não carece de desculpas, Pug. Entretanto, prefiro não falar mais sobre esse assunto.

Conversaram noite adentro sobre muitas coisas. Pug estava fascinado pelo Príncipe dos Elfos e ficou lisonjeado por sentir que muito do que dizia parecia interessar Calin.

Por fim, o Príncipe disse:

— Preciso me recolher. Ainda que não precise de muito repouso, tenho de descansar um pouco. Creio que você também.

Pug levantou-se, dizendo:

— Obrigado por me contar tanto. — Sorriu, meio envergonhado. — E por conversar comigo sobre a Princesa.

— Você precisava conversar.

Pug levou Calin ao longo corredor, onde um serviçal o acompanhou até os seus aposentos. Pug voltou para o quarto e deitou-se para dormir, e a ele juntou-se um Fantus molhado, que resfolegou indignado por ter de voar na chuva. O animal adormeceu quase de imediato. Pug, porém, ficou deitado olhando para a luz tremeluzente do braseiro que dançava

no teto, incapaz de pegar no sono. Tentou afastar da mente as lendas de estranhos guerreiros, mas as imagens de combatentes vestidos em cores vibrantes, caminhando furtivamente pelas florestas das terras ocidentais, impossibilitaram-lhe o sono.

Na manhã seguinte, pairava um ar sombrio sobre o Castelo de Crydee. As fofocas dos serviçais tinham espalhado as notícias sobre os tsurani, ainda que sem muitos detalhes. Todos se dedicavam aos seus afazeres de ouvidos atentos às especulações sobre o que o Duque decidiria fazer. Em um ponto, todos estavam de acordo: Borric conDoin, Duque de Crydee, não era homem de ficar esperando sentado. Alguma atitude seria tomada, e em breve.

Pug estava sentado no alto de um fardo de feno vendo Tomas praticar com a espada, investindo contra um poste, golpeando de revés, depois direto, várias e várias vezes. Os golpes eram displicentes e ele acabou atirando a espada para o chão, frustrado.

— Não estou chegando a lugar nenhum. — Subiu e sentou-se ao lado de Pug. — Gostaria de saber o que eles estão conversando.

Pug encolheu os ombros. “Eles” significava o conselho do Duque; naquele dia, não haviam sido chamados, e as últimas quatro horas haviam passado devagar.

De repente, o pátio ganhou vida quando serviçais começaram a se dirigir rapidamente para o portão principal.

— Venha — disse Tomas. Pug saltou do fardo e seguiu o amigo.

Circundaram a torre a tempo de ver os guardas passando como no dia anterior. Estava mais frio, mas não chovia. Os garotos subiram na mesma carroça e Tomas sentiu um arrepio de frio.

— Acho que a neve vai chegar mais cedo este ano. Talvez amanhã.

— Se chegar, será a queda de neve mais precoce de que se tem notícia. Você devia ter vestido o manto. Está suado por causa do exercício e o ar o está deixando gelado.

Tomas mostrou uma expressão de sofrimento.

— Deuses, você parece a minha mãe.

Pug imitou uma feição exasperada. Em tom estridente e nasalado, disse:

— E não me venha correndo quando estiver todo roxo de frio, tossindo e espirrando, à procura de consolo, pois não terá nenhum da minha parte, Tomas Megarson.

Tomas deu um meio sorriso.

— Agora, você parece mesmo a minha mãe.

Viraram-se quando ouviram as enormes portas se abrindo. O Duque e a Rainha dos Elfos seguiam à frente dos outros convidados, saindo da torre central, ele segurando a mão dela em um amigável gesto de despedida. Então a Rainha levou a mão à boca e cantou uma sequência de palavras musicais, não em um tom alto, mas audível acima do burburinho da multidão. Os serviçais presentes no pátio ficaram calados, e não tardou que se ouvissem cascos fora do castelo.

Doze cavalos brancos entraram a galope pelos portões e empinaram-se em saudação à Rainha dos Elfos. Os elfos montaram depressa, cada um deles saltando para a garupa de um corcel sem nenhuma ajuda. Ergueram as mãos em saudação ao Duque, viraram-se e galoparam portão afora.

Durante alguns minutos após a partida dos elfos, a multidão não se dispersou, como se as pessoas relutassem em admitir que era a última vez que viam os elfos, talvez a última vez em suas vidas. Aos poucos, começaram a voltar aos seus afazeres.

O olhar de Tomas parecia perdido ao longe, e Pug virou-se para ele, perguntando:

— O que foi?

Tomas respondeu em voz baixa:

— Quem me dera um dia conhecer Elvandar.

Pug compreendeu.

— Talvez um dia conheça. — E acrescentou, em tom mais leve: — Mas duvido, pois eu serei mago e você será soldado, e a Rainha continuará a reinar em Elvandar muito depois de morrermos.

Tomas saltou para cima do amigo, de modo brincalhão, derrubando-o na palha.

— Ah! É mesmo? Bom, um dia eu irei até Elvandar. — Imobilizou Pug debaixo dele, sentando-se em cima do peito do garoto. — E quando isso acontecer serei um grande herói, com inúmeras vitórias sobre os tsurani. Ela me receberá como um convidado de honra. O que acha disso?

Pug riu, tentando empurrar o amigo.

— E eu serei o maior mago desta terra.

Ambos riram. Ouviu-se uma voz interromper a brincadeira:

— Pug! Aí está você.

Tomas saiu de cima do amigo e Pug sentou-se. Aproximava-se a figura entroncada de Gardell, o ferreiro. Era um homem de peito largo, quase calvo, mas com uma barba preta cerrada. Tinha os braços enegrecidos devido à fuligem, e seu avental apresentava vários buraquinhos de queimado. Parou ao lado da carroça e colocou os punhos nos quadris.

— Estava procurando você por todo lado. Tenho a tal cobertura que Kulgan me pediu que fizesse para o seu braseiro.

Pug saiu desajeitado da carroça, com Tomas logo atrás. Seguiram Gardell até a oficina atrás da torre central. O corpulento ferreiro disse:

— Uma ideia esperta, aquela cobertura. Trabalho na forja há quase trinta anos e nunca pensei em usar uma cobertura para um braseiro. Tive que fazer uma assim que Kulgan me falou do projeto.

Entraram na oficina, um grande barracão onde havia forjas grandes e pequenas e várias bigornas de tamanhos diferentes. Via-se todo tipo de objetos espalhados aguardando conserto: armaduras, estribos e utensílios de cozinha. Gardell dirigiu-se à forja maior e pegou a cobertura. Tinha cerca de um metro de largura, um metro de altura, e formava um cone com um buraco no topo. Havia pedaços de cano de metal arredondado por perto, forjados propositadamente finos.

Gardell ergueu a sua criação para que pudessem examiná-la.

— Forjei-a bastante fina, usando estanho para ficar mais leve, pois se ficasse muito pesada, acabaria desabando. — Com a ponta do pé, indicou vários pedaços de varetas de ferro. — Vamos fazer uns buracos no chão e usar isso como suporte. Pode levar algum tempo até conseguirmos acertar, mas acho que a sua invenção vai funcionar.

Pug sorriu de orelha a orelha. Sentia um grande prazer em ver uma ideia sua ganhando forma. Era uma sensação nova e gratificante.

— Quando podemos instalá-la?

— Agora, se quiser. Confesso que gostaria muito de vê-la funcionar.

Pug pegou uma parte do cano, e Tomas, o restante, assim como as varetas. Tentando equilibrar a carga complicada de carregar, eles partiram em direção à torre do mago, com o ferreiro, risonho, atrás deles.

Kulgan estava absorto em seus pensamentos quando começou a subir as escadas para o seu quarto. De repente, ouviu um grito vindo de cima:

— Cuidado! — Kulgan olhou para cima a tempo de ver um bloco de pedra rolar escada abaixo, saltando os degraus como se tivesse sido acometido por um acesso de louca embriaguez. Saltou para o lado no momento em que a pedra bateu na parede junto à qual antes ele estava e foi parar ao pé da escada. Uma poeira de argamassa encheu o ar e Kulgan espirrou.

Tomas e Pug desceram a escada correndo, com expressões de preocupação estampadas no rosto. Ao verem que ninguém havia se ferido, ficaram aliviados.

Kulgan fulminou os dois com um olhar terrível e disse:

— O que é tudo isso?

Pug mostrou-se acanhado, enquanto Tomas tentava se enfiar na parede. Pug foi o primeiro a falar:

— Estábamos tentando levar a pedra para o pátio, mas ela meio que escorregou.

— Meio que escorregou? Parecia mais uma corrida desenfreada para a liberdade. E por que estavam carregando a pedra? De onde ela veio?

— É aquela pedra solta da minha parede — respondeu Pug. — Retiramos para que Gardell pudesse encaixar o último cano. — Como Kulgan continuasse com ar de quem não estava entendendo nada, Pug explicou: — É para a cobertura do meu braseiro, lembra?

— Ah — exclamou o mago —, sim. Agora lembro. — Chegou um serviçal para indagar sobre o barulho e Kulgan solicitou que tratasse de ir buscar dois trabalhadores no pátio para tirarem dali o bloco de pedra. O criado partiu e ele voltou-se para os garotos:

— Creio que seria mais sensato deixar alguém um pouco mais forte carregar aquela pedra para a rua. Agora, vamos lá ver essa maravilha.

Subiram as escadas até o quarto do garoto e deram com Gardell instalando a última parte do cano. O ferreiro virou-se quando entraram e disse:

— Bem, o que acham?

O braseiro fora colocado um pouco mais perto da parede e quatro varetas de ferro de igual comprimento sustentavam a cobertura por cima. A fumaça ficava acumulada na cobertura e era levada através do cano de metal leve. Infelizmente, o buraco onde ficava a pedra era muito maior do que o cano, de modo que grande parte da fumaça era trazida de volta para dentro do quarto pelo vento.

— Kulgan, o que acha? — quis saber Pug.

— Bom, garoto. Parece bastante impressionante, mas não vejo grandes melhorias no ar aqui dentro.

Gardell deu uma forte palmada na cobertura, fazendo-a retinir baixinho. Os calos espessos evitaram que queimasse a mão no metal quente.

— Ela vai prestar, assim que eu tapar aquele buraco, mago. Vou pegar um pedaço de couro de boi que costumo usar nos escudos dos cavaleiros e farei um buraco nele, enfiando-o em volta do tubo e pregando-o na parede. Umas pinzeladas de produto para curtimento e o calor irá secá-lo e enrijecê-lo. Aguentará o calor e não deixará entrar chuva nem vento,

muito menos fumaça. — O ferreiro parecia satisfeito com o seu trabalho.
— Bem, vou buscar o couro. Não demoro.

Pug parecia prestes a estourar de orgulho, diante de sua invenção, e Tomas refletia a glória de Pug. Kulgan sorriu para si mesmo por um instante. De repente, Pug virou-se, lembrando-se de onde o mago passara o dia.

— Quais são as novas do conselho?

— O Duque enviará mensagens a todos os nobres do Oeste, explicando em detalhes o que ocorreu e solicitando que os exércitos fiquem a postos. Receio que os escribas de Tully terão uns dias difíceis pela frente, pois o Duque quer tudo terminado o quanto antes. Tully está muito nervoso, pois lhe foi ordenado que fique e desempenhe a função de conselheiro de Lyam, junto com Fannon e Algon, durante a ausência do Duque.

— Conselheiro de Lyam? Ausência? — perguntou Pug, sem entender.

— Sim, o Duque, Arutha e eu vamos viajar até as Cidades Livres e de lá para Krondor, para falarmos com o Príncipe Erland. Esta noite vou enviar uma mensagem através dos sonhos a um colega meu, se conseguir. Belgan vive ao norte de Bordon. Enviará uma mensagem a Meecham, que a esta altura já deve estar lá, para tratar de nos arranjar um navio. O Duque crê que será melhor se for ele a transmitir as notícias pessoalmente.

Pug e Tomas pareciam animados. Kulgan sabia que ambos ansiavam ir também. Visitar Krondor seria a maior aventura de suas jovens vidas. Kulgan afagou a barba grisalha.

— Será complicado continuar as suas lições, mas Tully poderá ajudá-lo a aperfeiçoar um ou outro truque.

Pug parecia prestes a explodir.

— Por favor, Kulgan, posso ir também?

Kulgan fingiu estar surpreso.

— Você ir? Isso nem me ocorreu. — Fez uma pausa enquanto a expectativa aumentava. — Bem... — Os olhos de Pug imploravam. —

Acho que não haverá problema. — Pug soltou um guincho e deu um salto.

Tomas esforçou-se para disfarçar seu desapontamento. Forçou um débil sorriso e tentou mostrar-se feliz pelo amigo.

Kulgan avançou até a porta. Pug reparou na expressão desalentada de Tomas.

— Kulgan? — chamou. O mago virou-se com o vestígio de um sorriso nos lábios.

— Sim, Pug?

— O Tomas também?

Tomas abaixou a cabeça, uma vez que não fazia parte da corte nem estava a cargo do mago, mas os seus olhos fitaram Kulgan suplicantes.

Kulgan mostrou um grande sorriso.

— Acho que será melhor mantê-los juntos, pois assim saberemos que os problemas estarão em um só lugar. Tomas também. Falarei com Fannon.

Tomas gritou, e os dois garotos deram tapinhas nas costas um do outro.

— Quando partimos? — perguntou Pug.

Kulgan gargalhou.

— Daqui a cinco dias. Ou antes, se chegarem ao Duque notícias dos anões. Batedores estão de partida para a Passagem Norte para comprovarem que está desimpedida. Caso contrário, atravessaremos a Passagem Sul.

Kulgan saiu, deixando os garotos dançando de braços dados e exclamando entusiasmados.

Compreensão

Pug correu pelo pátio.

A Princesa Carline enviara um recado pedindo que a encontrasse em seu jardim. Era a primeira vez que recebia notícias dela desde que saíra precipitadamente do último encontro que tiveram, e, por isso, Pug estava nervoso. Não queria que permanecessem brigados, apesar dos conflitos que sentia. Após a breve discussão com Carline, dois dias antes, procurara o Padre Tully e falara demoradamente com ele.

O sacerdote idoso dispôs-se a dedicar um pouco do seu tempo para conversar com o garoto, apesar das exigências do Duque a todos os membros da corte. Esta havia sido uma conversa proveitosa para Pug, pois o deixara mais confiante. A mensagem decisiva do velho clérigo fora: parar de se preocupar com o que a Princesa sentia e começar a pensar para tentar descobrir o que Pug sentia e pensava.

O rapaz seguiu o conselho do clérigo e, agora, estava certo daquilo que diria a Carline, caso ela começasse a mencionar uma espécie de “entendimento” entre os dois. Pela primeira vez nas últimas semanas, sentia algo próximo de um senso de direção — ainda que não estivesse certo quanto ao seu destino se mantivesse esse rumo.

Chegando ao jardim, dobrou uma esquina e estacou, pois em vez de Carline era o Escudeiro Roland que se encontrava junto às escadas. Com

um leve sorriso, Roland fez um aceno com a cabeça.

— Bom dia, Pug.

— Bom dia, Roland. — Pug olhou ao redor.

— Está esperando alguém? — perguntou Roland, forçando uma nota de suavidade que pouco contribuiu para ocultar o tom beligerante. Despreocupadamente, ele colocou a mão esquerda no punho da espada. Além da espada, trajava-se como de costume: calças justas vistosas, túnica verde e dourada e grandes botas de montaria.

— Bem, na verdade, esperava ver a Princesa — disse Pug, com uma leve nota de desafio em seus modos.

Roland fingiu surpresa.

— Verdade? Lady Glynis mencionou um recado, mas me pareceu que as coisas estavam um pouco tensas entre vocês dois...

Ainda que nos últimos dias tivesse tentado compreender a situação de Roland, a atitude despropositada e arrogante do Escudeiro, assim como o antagonismo crônico, contribuíram para irritar Pug. Deixando que a raiva levasse a melhor, Pug vociferou:

— De um *escudeiro* para outro, Roland, deixe-me colocar as coisas deste modo: o estado da relação entre mim e Carline *não lhe diz respeito!*

O rosto de Roland adquiriu uma expressão de raiva evidente. Avançou, olhando de cima para o garoto mais baixo.

— Maldito seja, não me diz respeito! Não sei que brincadeira é essa, Pug, mas se fizer algo que a magoe, eu...

— Eu, magoá-la? — interrompeu Pug. Estava chocado pela intensidade da raiva de Roland e enfurecido pela ameaça. — Ela é que anda nos jogando um contra o outro...

De repente, Pug sentiu o chão inclinar-se debaixo de seus pés, erguendo-se para atingi-lo pelas costas. Luzes explodiram diante dos seus olhos e ouviu o tinido de uma espécie de sino metálico. Demorou até perceber que Roland acabara de golpeá-lo. Sacudiu a cabeça e os olhos voltaram a entrar em foco. Viu o escudeiro mais velho e maior por cima dele, os punhos fechados. Através dos dentes firmemente cerrados, Roland cuspiu as palavras:

— Se voltar a falar mal dela, dou-lhe uma surra.

A cólera de Pug acendeu-se, crescendo a cada segundo. Levantou-se com cautela, os olhos pregados em Roland, que estava preparado para lutar. Sentindo o sabor amargo da raiva na boca, Pug disse:

— Você teve mais de dois anos para conquistá-la, Roland. Deixe-a em paz.

O rosto de Roland ficou lívido e ele investiu, derrubando o outro rapaz. Caíram enrolados, com Roland acertando os ombros e braços de Pug de modo inofensivo. Engalfinhados pelo chão, nenhum deles poderia causar muito dano ao outro. Pug envolveu o pescoço de Roland com o braço e o segurou, enquanto o escudeiro mais velho se agitava enfurecidamente. De repente, Roland firmou o joelho no peito de Pug e o empurrou para longe. O jovem mago rolou e pôs-se em pé. Roland levantou logo em seguida, e eles colocaram-se em posição de combate. A expressão de Roland passou de fúria para uma ira fria e calculista enquanto media a distância entre os dois. Avançou cauteloso, com o braço esquerdo curvado e estendido e o punho direito a postos na frente do rosto. Pug não tinha experiência nessa forma de luta que chamavam de pugilismo, ainda que a tivesse visto ser praticada por dinheiro em espetáculos itinerantes. Roland já havia demonstrado mais de uma vez que conhecia o esporte melhor do que um mero espectador.

Pug procurou ganhar vantagem e desferiu um murro na cabeça do outro. Roland esquivou-se para trás, fazendo Pug rodopiar; foi então que o escudeiro mais velho saltou para a frente, com a mão esquerda preparada, e acertou Pug na bochecha, forçando-lhe a cabeça para trás com o golpe potente. Pug cambaleou, afastando-se, e o punho direito de Roland não o acertou no queixo por pouco.

O jovem mago levantou as mãos para defender-se de outro soco e sacudiu a cabeça para livrar-se das luzes rodopiantes que lhe obscureciam a visão, de modo que mal conseguiu evitar o golpe que se seguiu. Investiu por debaixo da guarda de Roland, atingindo-o no estômago com o ombro e voltando a derrubá-lo. Caiu em cima dele e se contorceu para prender os braços do garoto mais encorpado ao lado do

corpo. Roland soltou o braço e acertou a têmpora de Pug com o cotovelo, e o atordoado aprendiz de mago tombou, momentaneamente confuso.

Enquanto se erguia mais uma vez, Pug sentiu uma dor explodir-lhe no rosto e o mundo voltou a ficar inclinado. Desorientado, incapaz de defender-se, Pug sentia os socos de Roland como acontecimentos remotos, de certo modo abafados e quase irreconhecíveis pelos seus sentidos vacilantes. Uma tênue nota de alerta soou numa parte da mente de Pug. Sem aviso, começaram a ocorrer processos abaixo do nível de sua consciência, amortecida pela dor. O garoto foi tomado por instintos primitivos, animalescos, e, entregue a uma consciência desarticulada e pouco comprehensível, uma nova força despontou. Assim como no encontro com os trolls, surgiram em sua mente letras ofuscantes de luz e labaredas, que recitou em silêncio.

A essência de Pug tornou-se primitiva. No que restava de sua consciência, ele era uma criatura selvagem lutando pela sobrevivência, com intenções assassinas. Conseguia somente conceber a vontade de sufocar o adversário até a morte.

De súbito, soou um alarme na cabeça de Pug. Foi tomado por um sentido profundo de injustiça, de maldade. Meses de treino vieram à tona e foi como se ele conseguisse ouvir a voz de Kulgan gritando: “Esta não é a forma de usar o poder!” Afastando o manto mental que o cobria, Pug abriu os olhos.

Através da visão desfocada e de luzes cintilantes, viu Roland ajoelhado a pouco menos de um metro à sua frente, com os olhos arregalados, debatendo-se em vão com dedos invisíveis que lhe apertavam o pescoço. Pug não sentiu qualquer ligação com o que estava vendo, mas com a clareza que voltava à sua mente, entendeu o que acontecera. Inclinando-se para a frente, agarrou Roland pelos pulsos.

— Pare, Roland! Pare! Não é real. Só as suas mãos estão agarrando o seu pescoço. — Roland, cego de pânico, parecia incapaz de ouvir os gritos de Pug. Reunindo a força remanescente que possuía, Pug puxou as mãos de Roland do próprio pescoço e deu-lhe uma ardida bofetada no

rosto. Roland ficou com lágrimas nos olhos e, de repente, inspirou com um som arquejante e irregular.

Ainda ofegante, Pug disse:

— É uma ilusão. Você estava estrangulando a si mesmo.

Roland arquejou e afastou-se, o medo visível no rosto. Sem forças, tentou desembainhar a espada. Pug avançou e agarrou o pulso de Roland com firmeza. Mal conseguindo falar, sacudiu a cabeça e disse:

— Não há motivo para isso.

Roland olhou Pug nos olhos e o medo presente nos seus começou a diminuir. Algo dentro do escudeiro mais velho pareceu ceder e, sentado no chão, havia apenas um jovem cansado e esgotado. Ofegante, Roland recostou-se, com lágrimas nos olhos, e perguntou:

— Por quê?

A fadiga que Pug também sentia fez com que se reclinasse para trás, apoiando-se nas mãos. Examinou o belo e jovem rosto à sua frente, remoído pela dúvida.

— Porque você foi apanhado pelo feitiço mais forte que eu poderia criar. — Olhou Roland nos olhos. — Você a ama de verdade, não é?

O último vestígio da raiva de Roland evaporou-se lentamente e os seus olhos mostraram o resquício de um leve receio, mas Pug também viu a dor profunda e a angústia, ao mesmo tempo que uma lágrima lhe escorreu pelo rosto. Os ombros de Roland caíram e ele acenou afirmativamente com a cabeça, respirando de modo irregular ao tentar falar. Por um momento, pareceu prestes a chorar, mas combateu o sofrimento e se recompondo. Respirando profundamente, enxugou as lágrimas e suspirou de novo. Olhou diretamente para Pug e perguntou cuidadosamente:

— E você?

Pug esparramou-se no chão, recuperando as forças.

— Eu... eu não sei ao certo. Ela faz com que eu duvide de mim mesmo. Não sei. Às vezes, não penso em mais ninguém, e outras vezes desejo ficar tão longe dela quanto possível.

Roland demonstrou entendê-lo, o último resíduo de medo desaparecendo.

— No que diz respeito a ela, fico sem um grão de razão.

Pug deu uma risadinha. Roland olhou para ele e começou a rir também.

— Não sei por quê — disse Pug —, mas por alguma razão acho o que você disse muito engraçado. — Roland assentiu e gargalhou. Logo estavam sentados com lágrimas escorrendo pelos rostos enquanto o vazio emocional deixado pela raiva que desaparecia era substituído pela bobeira.

Roland recuperou-se ligeiramente, reprimindo as gargalhadas, e então Pug olhou para ele e disse:

— Um grão de razão! — fazendo-os ter outro ataque de riso.

— Ora essa! — disse uma voz ríspida. Viraram-se e deram com Carline, ladeada por duas aias, observando atentamente a cena à sua frente. Os dois garotos ficaram mudos no mesmo instante. Lançando um olhar de desaprovação à dupla esparramada no chão, disse:

— Como os dois parecem estar tão entretidos um com o outro, não irei interromper. — Pug e Roland trocaram olhares e tiveram novamente um ataque de ruidosas gargalhadas. Roland caiu para trás, enquanto Pug permanecia sentado, com as pernas esticadas à frente, rindo com as mãos sobre a boca. Carline ficou vermelha de raiva e arregalou os olhos. Com uma fúria gélida na voz, disse:

— Com licença! — Virou-se, passando veloz pelas damas que a acompanhavam. Ao sair, ainda a ouviram exclamar em voz alta: — Garotos!

Pug e Roland ficaram sentados mais um minuto até passar o acesso quase histérico, então Roland se levantou e estendeu a mão para Pug. Ele aceitou e Roland ajudou-o a se levantar.

— Perdão, Pug. Não tinha direito de ficar irritado com você. — A voz ficou mais suave. — Não consigo dormir à noite porque fico pensando nela. Aguardo os poucos momentos que passamos juntos todos os dias. Desde que você a salvou, só ouço o seu nome. — Tocando no pescoço

dolorido, prosseguiu: — Fiquei tão zangado que achei que iria matá-lo. Em vez disso, quase me matei.

Pug olhou para a esquina onde a Princesa desaparecera, concordando com um aceno de cabeça.

— Também espero que me perdoe, Roland. Ainda não sei controlar bem a magia, e, quando fico irritado, parece que coisas horríveis acontecem. Assim como aconteceu com os trolls. — Pug queria que Roland entendesse que não havia deixado de ser o mesmo garoto de antes, ainda que agora fosse aprendiz de mago. — Jamais faria uma coisa dessas de propósito... Especialmente com um amigo.

Roland examinou o rosto de Pug por um momento e sorriu, entre o irônico e um pedido de desculpas.

— Compreendo. Agi mal. Você tinha razão: a Princesa está nos jogando um contra o outro. Eu é que sou tolo. É de você que ela gosta.

Pug pareceu murchar.

— Acredite, Roland, não sei se estou em posição de ser invejado.

O sorriso de Roland aumentou.

— É uma garota determinada, disso não há dúvida. — Entre uma exibição clara de pena de si mesmo e de falsa bravata, optou pela última.

Pug sacudiu a cabeça.

— O que fazer, Roland?

Roland pareceu surpreso e, em seguida, gargalhou espalhafatosamente.

— Não me peça conselhos, Pug. Mais do que ninguém, faço o que a Princesa quer. No entanto, “são tantas as mudanças no coração de uma jovem como as dos ventos instáveis”, como diz o ditado. Não vou culpá-lo pelos atos de Carline. — Piscou o olho com ar de cumplicidade. — Ainda assim, você não vai se importar que eu fique atento a uma mudança de tempo, vai?

Pug riu apesar do cansaço.

— Bem que achei que havia amabilidade demais nas suas concessões.

— Ficou pensativo. — Sabe, seria mais simples... Não melhor, mas mais simples... Se ela me ignorasse para sempre, Roland. Não sei o que pensar

sobre tudo isso. Tenho que concluir a minha aprendizagem. Um dia, terei propriedades para administrar. E há esta questão dos tsurani. Está acontecendo tudo tão depressa que não sei o que fazer.

Roland contemplou Pug com alguma compreensão. Pousou a mão no ombro do garoto mais novo.

— Esqueço que todos esses assuntos de ser aprendiz e nobre são novos para você. Ainda assim, não posso dizer que perdi muito tempo pensando nisso, embora a minha sorte tivesse sido traçada antes de eu nascer. Essa preocupação com o futuro é um trabalho enfadonho. Acho que lhe faria bem uma caneca de cerveja forte.

Sentindo as dores e as contusões, Pug concordou com a cabeça.

— Seria bom. Mas receio que Megar tenha uma opinião diferente.

Roland encostou o dedo no nariz.

— Neste caso, não deixaremos o Mestre Cozinheiro sentir nosso cheiro. Venha, sei de um lugar onde as tábuas do depósito de cerveja estão soltas. Podemos esvaziar um copo ou dois sozinhos.

Roland começou a andar, mas Pug o deteve, dizendo:

— Roland, lamento termos brigado.

Roland parou, examinou Pug durante um momento e sorriu abertamente.

— Eu também. — Estendeu a mão. — Em paz.

Pug apertou-lhe a mão.

— Em paz.

Dobraram a esquina, deixando o jardim da Princesa para trás, e pararam. Diante dos dois desenrolava-se uma cena de completa bagunça. Tomas atravessava o pátio, vindo da caserna dos soldados, e dirigia-se ao portão lateral, vestido com a armadura completa — cota de malha velha por cima do gibão, elmo e pesadas grevas de ferro por cima das botas de cano alto. Em um braço levava um largo escudo, e com o outro segurava uma pesada lança, de três metros e meio de comprimento e ponta de ferro, que lhe assentava cruelmente no ombro direito. Isso também lhe conferia um aspecto cômico, pois fazia com que

se inclinasse ligeiramente para o lado direito e cambaleasse um pouco enquanto tentava equilibrar-se ao marchar.

O sargento da Guarda do Duque contava os passos para o garoto. Pug conhecia o sargento, um homem alto e amistoso chamado Gardan. Tinha ascendência keshiana, evidente na sua pele escura. Os dentes brancos dividiram a barba preta e fechada, mostrando um largo sorriso ao ver Pug e Roland. Tinha quase a mesma largura de ombros de Meecham, com os mesmos movimentos graciosos de um caçador ou de um guerreiro. Ainda que o cabelo preto tivesse pontos grisalhos, o rosto era jovem e sem rugas, apesar dos trinta anos de serviço. Piscando o olho para os dois garotos, bradou:

— Alto! — E Tomas parou no lugar onde estava.

À medida que Pug e Roland se aproximavam, Gardan ordenava rapidamente:

— Direita, volver! — Tomas obedeceu. — Aproximam-se membros da corte. Apresentar armas! — Tomas estendeu o braço direito e fez uma saudação com a lança, baixando-a. Deixou a ponta baixar demais e quase saiu da posição de sentido ao puxá-la para trás.

Pug e Roland pararam ao lado de Gardan, e o enorme soldado cumprimentou-os descontraidamente, mostrando um sorriso afável.

— Bom dia, Escudeiros. — Virou-se para Tomas por um instante. — Armas ao ombro! Posto de marcha... marchar! — Tomas partiu, marchando pelo “posto” que lhe haviam atribuído, que naquele caso era a extensão do pátio diante da caserna dos soldados.

— O que está acontecendo? Treinamento especial? — perguntou Roland, rindo.

Gardan tinha uma mão na espada e apontou com a outra para Tomas.

— Fannon, o Mestre de Armas, achou que poderia ser bom para o nosso jovem guerreiro ter alguém para assistir ao seu treino e certificar-se de que não deixe a desejar devido ao cansaço ou a outro contratempo sem importância. — Baixando a voz, acrescentou: — É um garoto resistente; ficará bem, fora os pés doloridos.

— Qual o motivo para esse treinamento especial? — perguntou Roland. Pug sacudia a cabeça enquanto Gardan lhes contava.

— O nosso jovem herói perdeu duas espadas. Da primeira vez, foi compreensível, pois a questão do navio era crucial e na agitação do momento tal descuido é perdoável. Já a segunda foi encontrada no chão molhado junto ao poste na tarde da partida da Rainha dos Elfos e da sua escolta, e, do jovem Tomas, não tínhamos nem sinal. — Pug sabia que Tomas se esquecera de voltar aos exercícios quando Gardell chegara com a cobertura para o braseiro.

Tomas chegou ao final do percurso determinado, fez meia-volta e iniciou o regresso. Gardan contemplou os dois garotos machucados e sujos e perguntou:

— O que andaram fazendo estes dois jovens cavalheiros?

Roland pigarreou de modo exagerado e disse:

— Ah... Estava dando uma aula de pugilismo ao Pug.

Gardan segurou o queixo de Pug com a mão, virando a cara do garoto para examiná-la. Avaliando os estragos, disse:

— Roland, lembre-me de nunca lhe pedir para instruir os meus homens na arte da esgrima... Não suportaríamos as baixas. — Largando o rosto de Pug, prosseguiu: — Acordará com um belo olho amanhã de manhã, Escudeiro.

Mudando de assunto, Pug perguntou:

— Como estão os seus filhos, Gardan?

— Muito bem, Pug. Estão aprendendo o ofício deles e sonham enriquecer, exceto o mais novo, Faxon, que ainda está determinado a se tornar soldado na próxima Escolha. Os outros estão ficando peritos na construção de carroças, sob a tutela do meu irmão Jeheil. — Sorriu com tristeza. — A casa está muito vazia só com Faxon, embora a minha mulher esteja contente com o sossego. — Deu um grande e contagiente sorriso que raramente era presenciado sem ser retribuído. — Por outro lado, não demorará muito até que os garotos mais velhos se casem, e depois disso teremos netinhos por toda a casa e muita algazarra, de tempos em tempos.

À medida que Tomas se aproximava, Pug perguntou:

— Posso falar com o condenado?

Gardan riu, afagando a barba curta.

— Acho que posso olhar para outro lado por um instante, mas seja breve, Escudeiro.

Pug deixou Gardan conversando com Roland e foi se colocar ao lado de Tomas, que passava a caminho do lado oposto do pátio.

— Como vai a marcha? — perguntou.

Falando com o canto da boca, Tomas disse:

— Oh, maravilhosa. Mais duas horas disto e estarei pronto para ser enterrado.

— Não pode descansar?

— A cada meia hora tenho cinco minutos para ficar em posição de sentido. — Alcançou o ponto de chegada e fez uma meia-volta repentina, retomando a marcha na direção de Gardan e Roland. — Depois que colocamos a cobertura no braseiro, voltei ao poste e percebi que a espada tinha desaparecido. Achei que o meu coração ia parar. Procurei por todo lado. Quase espanquei o Rulf, pensando que ele a escondera para me aborrecer. Quando voltei à caserna, Fannon estava sentado no meu beliche, lubrificando a lâmina. Achei que os outros soldados iam se machucar de tanto tentarem segurar o riso quando ele disse: “Se você se considera bastante habilidoso com a espada, talvez queira passar o tempo aprendendo o jeito certo de se marchar com uma.” O dia inteiro marchando de castigo — acrescentou com ar lastimoso. — Vou morrer.

Passaram por Roland e Gardan, e Pug esforçou-se para sentir pena. Assim como os outros, achava graça da situação. Ocultando o ar divertido, baixou a voz até que ganhasse um tom de conspiração e disse:

— É melhor eu ir andando. Se o Mestre de Armas aparecer, é capaz de acrescentar mais um dia de marcha.

Tomas gemeu diante da ideia.

— Que os deuses me livrem. Vá embora, Pug.

— Quando acabar, junte-se a nós no depósito de cerveja, se puder — sussurrou Pug. Afastou-se de Tomas, voltando a juntar-se a Gardan e Roland. — Obrigado, Gardan — disse ao sargento.

— De nada, Pug. O nosso jovem cavaleiro em formação ficará bem, ainda que agora se sinta atingido. Também está irritado por ter uma plateia.

Roland sacudiu a cabeça.

— Bem, acredito que não voltará a perder a espada tão cedo.

Gardan riu.

— Sem dúvida. O Mestre Fannon podia perdoar a primeira perda, mas não a segunda. Achou que seria sensato fazer Tomas perceber que isso não pode se tornar um hábito. O seu amigo é o melhor aprendiz que o Mestre de Armas teve desde o Príncipe Arutha, mas não lhe contem isso. Fannon é sempre mais rígido com aqueles que possuem mais talento. Tenham um bom dia, Escudeiros. E, garotos — os dois pararam —, não mencionarei a “lição de pugilismo”.

Agradeceram a discrição do sargento e dirigiram-se ao depósito de cerveja, com a cadêncio ritmada da voz de Gardan invadindo o pátio.

Pug já estava quase no fim da segunda caneca de cerveja e Roland acabava a quarta quando Tomas surgiu através das tábuas soltas. Sujo e suando, já se livrara da armadura e das armas. Mostrando-se extremamente cansado, disse:

— O mundo deve estar acabando. Fannon me dispensou mais cedo do castigo.

— Por quê? — quis saber Pug.

Roland estendeu o braço preguiçosamente até uma prateleira próxima ao local onde estava sentado, sobre um saco de cereais prestes a serem usados na fabricação de cerveja, e pegou uma caneca de uma pilha. Atirou-a para Tomas, que a apanhou e a encheu no barril de cerveja no qual Roland descansava os pés.

Depois de um grande gole, Tomas limpou a boca com as costas da mão e disse:

— Está acontecendo alguma coisa. Fannon apareceu de repente, disse para eu guardar os brinquedos e quase arrastou Gardan dali, tamanha era a pressa.

— Talvez o Duque esteja se preparando para partir para o leste — disse Pug.

— Talvez — respondeu Tomas. Estudou os dois amigos, reparando nas expressões marcadas por hematomas recentes. — Muito bem. O que aconteceu?

Pug fitou Roland, indicando que ele deveria explicar o triste aspecto dos dois. Roland mostrou um sorriso torto para Tomas, dizendo:

— Tivemos um treino de luta como preparação para o torneio de pugilismo do Duque.

Pug quase se engasgou com a cerveja, rindo em seguida. Tomas sacudiu a cabeça.

— Olhem só que dupla. Lutando pela Princesa?

Pug e Roland trocaram olhares e então saltaram ao mesmo tempo para cima de Tomas, fazendo-o cair no chão sob o peso combinado de ambos. Roland segurou Tomas no chão e, enquanto Pug o imobilizava, pegou uma caneca de cerveja meio cheia e a ergueu. Com uma solenidade escarnecedora, Roland disse:

— Por este meio consagro-o, Tomas, Primeiro Vidente de Crydee! — Dito isso, entornou o conteúdo da caneca no rosto do garoto que se debatia.

Pug arrotou, dizendo em seguida:

— E eu também. — Derramou o que restava da sua caneca em cima do amigo.

Tomas cuspiu cerveja, rindo ao mesmo tempo que dizia:

— Acertei! Eu acertei! — Esforçando-se para vencer o peso em cima dele, continuou: — Agora saiam de cima de mim! Ou será que tenho de lembrar-lhe, Roland, quem foi que o brindou com um nariz sangrento da última vez?

Roland levantou-se muito devagar, uma dignidade embriagada forçando-o a movimentar-se com precisão glacial.

— Tem toda a razão. — Virando-se para Pug, que também rolou de cima de Tomas, disse: — No entanto, é preciso esclarecer que, naquele momento, a *única razão* pela qual Tomas conseguiu me deixar com o nariz sangrando foi por ele ter sido injustamente beneficiado durante a nossa briga.

Pug olhou para Roland com olhos turvos e perguntou:

— Como assim?

Roland levou o dedo aos lábios em sinal de silêncio e disse:

— Ele estava ganhando.

Roland caiu para trás em cima do saco de cereais, e Pug e Tomas caíram na gargalhada. Pug achou o comentário tão engraçado que não conseguia parar de rir, e ouvir o riso de Tomas só contribuía para que risse ainda mais. Por fim, sentou-se, ofegante, com a barriga doendo.

Recobrando o fôlego, Pug disse:

— Perdi essa briga. Estava fazendo alguma outra coisa, mas não me lembro o quê.

— Você estava lá embaixo, na aldeia, aprendendo a remendar redes, se não me falha a memória, quando Roland chegou de Tulan.

Com um sorriso enviesado, Roland disse:

— Eu me envolvi em uma discussão com alguém... Você se lembra quem foi? — Tomas sacudiu a cabeça, negando. — Seja como for, eu me envolvi em uma discussão, e Tomas chegou e tentou nos separar. Eu não podia acreditar que este magricela... — Tomas começou a fazer uma objeção, mas Roland o interrompeu, erguendo um dedo e sacudindo-o no ar. — Sim, você era muito magrelo. Eu não podia acreditar que este magricela, este magricela do *povo*, *ousasse* me dizer, a mim, um membro recém-nomeado para a corte do Duque e *um cavalheiro*, devo acrescentar, como eu deveria me comportar. Por isso, tomei a única atitude que um cavalheiro sério poderia tomar naquelas circunstâncias.

— O que você fez? — perguntou Pug.

— Dei-lhe um soco na boca. — Os três riram mais uma vez.

Tomas sacudiu a cabeça ante a lembrança, enquanto Roland dizia:

— Foi então que ele tratou de me dar a pior surra desde a última vez que o meu pai me apanhou aprontando. Foi quando comecei a levar o pugilismo a sério.

Com um ar zombeteiro de seriedade, Tomas acrescentou:

— Bem, nessa época éramos mais novos.

Pug voltou a encher as canecas. Sentindo desconforto ao mover o maxilar, disse:

— Bem, neste momento sinto que tenho cem anos.

Tomas observou-os por algum tempo.

— Sério, qual foi o motivo da briga?

Com uma mistura de humor e de arrependimento, Roland disse:

— A filha do Senhor nosso suserano, uma garota de encantos inefáveis...

— O que significa inefável? — perguntou Tomas.

Roland olhou-o com um desdém ébrio.

— Indescritível, imbecil!

Tomas sacudiu a cabeça.

— Não acho que a Princesa seja uma indescritível imbecil... —

Desviou-se no instante em que a caneca de Roland atravessou o espaço anteriormente ocupado pela sua cabeça. Pug caiu para trás, gargalhando mais uma vez.

Tomas sorriu ironicamente quando Roland, cerimoniosamente, retirou outra caneca da prateleira.

— Como eu estava dizendo — Roland começou, enchendo a caneca no barril —, a nossa senhora, uma garota de encantos inefáveis, ainda que de discernimento um tanto questionável, meteu na cabeça, por razões que somente os deuses conseguem compreender, que desejava favorecer o nosso jovem mago aqui com as suas atenções. O porquê disso, quando poderia passar tempo comigo, eu não consigo imaginar.

— Fez uma pausa para arrotar. — Seja como for, estivemos discutindo a maneira adequada de aceitar tal dádiva.

Tomas olhou para Pug com um enorme sorriso no rosto.

— Você tem o meu apoio, Pug. Sem dúvida vai ter bastante coisa com que se ocupar.

Pug sentiu que estava corando. Depois, com um perverso olhar de soslaio, disse:

— Vou, é? E quanto a certo jovem aprendiz de soldado, muito bem conhecido nas redondezas, que tem sido visto se esgueirando para a despensa com certa garota da cozinha? — Reclinou-se com um ar de falsa preocupação estampado no rosto e acrescentou: — Nem quero pensar no que aconteceria a ele se Neala descobrisse...

Tomas ficou de queixo caído.

— Você não ia... não pode!

Roland rolou de lado, agarrado à barriga.

— Nunca vi uma imitação tão perfeita de um peixe que acaba de morder o anzol! — Sentou-se direito, fingiu-se de vesgo e abriu e fechou a boca rapidamente. Os três voltaram a cair numa gargalhada desenfreada.

Foi servida outra rodada e Roland ergueu sua caneca, dizendo:

— Cavalheiros, um brinde!

Pug e Tomas ergueram as canecas.

A voz de Roland ganhou seriedade ao dizer:

— Não importam as divergências que tivemos no passado, é com gosto que os considero amigos. — Ergueu ainda mais a caneca e continuou: — À amizade!

Os três esvaziaram as canecas e voltaram a enchê-las. Roland disse:

— Deem as mãos.

Os três garotos deram-se as mãos, e Roland voltou a falar:

— Não importa o nosso destino, não importa quantos anos passem, nunca mais deixaremos de ser amigos.

Pug ficou admirado pela repentina solenidade da promessa e exclamou:

— Amigos!

Tomas fez eco às palavras de Pug, e os três apertaram as mãos num gesto de afirmação.

As canecas voltaram a ficar vazias e o sol vespertino rapidamente fugiu para além do horizonte, enquanto os três garotos perdiam a noção do tempo sob o brilho róseo da camaradagem e da cerveja.

Pug despertou zonzo e desorientado. O brilho débil que vinha do braseiro quase apagado projetava na sala pálidos tons pretos e cor-de-rosa. Ouviu baterem à porta de modo suave, mas persistente. Levantou-se devagar e quase caiu, ainda embriagado devido às rodadas de bebida. Ficara com Tomas e Roland no depósito a tarde inteira e noite adentro, faltando à ceia. “Fazendo um belo estrago” no abastecimento de cerveja do castelo, como Roland descreveu. Não haviam ingerido grande quantidade, mas como eram fracos para bebida, parecera uma empreitada heroica.

Vestiu as calças e cambaleou até a porta. Sentia grãos de areia nas pálpebras e tinha a boca seca como algodão. Perguntando-se quem precisaria entrar em seu quarto no meio da noite, abriu a porta com um puxão.

Uma mancha em movimento passou por ele, que se virou e deparou-se com Carline, envolvida em um manto pesado.

— Feche a porta! — sibilou ela. — Pode passar alguém lá embaixo na torre e ver a luz nas escadas.

Pug obedeceu, ainda zonzo. A única coisa que adentrou sua mente trôpega foi o pensamento de que seria improvável que a luz fraca dos carvões alcançasse as escadas. Sacudiu a cabeça, tentando orientar-se, e atravessou o quarto até o braseiro. Acendeu uma vela nos carvões e, com ela, o lampião. De súbito, o quarto ficou alegremente iluminado.

Os pensamentos de Pug recuperavam-se ligeiramente enquanto Carline olhava ao redor do quarto, examinando a pilha desordenada de livros e pergaminhos ao lado do catre. Olhou com atenção para todos os cantos do quarto até dizer:

— Onde está aquele dragãozinho que anda por aqui?

A vista de Pug começou a entrar um pouco em foco e, mobilizando a língua obstinada, respondeu:

— Fantus? Está em algum lugar lá fora, fazendo seja lá o que os dragonetes fazem.

Despindo-se do manto, a garota disse:

— Ainda bem. Ele me dá medo. — Sentou-se no catre desarrumado de Pug e olhou-o com expressão severa. — Quero falar com você. — Pug arregalou os olhos, encarando-a fixamente, pois Carline vestia apenas uma camisola leve de algodão. Ainda que a cobrisse do pescoço aos tornozelos, o tecido era fino e colava-se ao seu corpo com uma *persistência inquietante*. De repente, deu-se conta de que estava vestindo apenas as calças e agarrou apressado a túnica que largara no chão, enfiando-a pela cabeça. Enquanto se debatia com a camisa, os últimos vestígios de neblina alcoólica evaporaram.

— Deuses! — exclamou ele, em um sussurro angustiado. — Se o seu pai souber disso, vai querer a minha cabeça.

— Não se você tiver a inteligência de manter a voz baixa — respondeu a garota, com ar petulante.

Pug dirigiu-se ao banco ao lado do catre, livre da tontura da bebida devido ao recém-descoberto terror. Carline observou seu aspecto desgrenhado e, com um tom de desaprovação na voz, disse:

— Esteve bebendo. — Quando Pug não negou, acrescentou: — Quando você e Roland não compareceram ao jantar, fiquei pensando onde teriam se metido. Ainda bem que meu pai também não esteve presente na refeição com a corte, caso contrário teria mandado alguém à sua procura.

O desconforto de Pug crescia a uma velocidade alarmante à medida que as histórias dos destinos horríveis que esperam os humildes amantes de mulheres da nobreza lhe assaltavam a memória. O fato de Carline ser uma visita que não fora convidada e de nada de impróprio ter ocorrido eram sutilezas que o Duque não iria considerar particularmente atenuantes. Engolindo a seco o pânico, Pug disse:

— Carline, você não pode ficar aqui. Vai nos colocar em mais encrenca do que posso imaginar.

A expressão da garota ficou decidida.

— Não saio até lhe dizer o que vim dizer.

Pug sabia que era inútil discutir. Já vira muitas vezes aquele olhar. Com um suspiro resignado, disse:

— Está certo. Então, o que é?

A garota arregalou os olhos diante do tom do aprendiz.

— Bem, se vai agir assim, não digo!

Pug reprimiu um gemido e recostou-se, de olhos fechados. Sacudindo a cabeça devagar, disse:

— Muito bem, peço perdão. Por favor, o que você quer que eu faça?

Ela deu tapinhas no catre ao seu lado.

— Venha, sente aqui.

Ele obedeceu, tentando ignorar a sensação de que o seu destino — uma vida bruscamente encurtada — estava sendo decidido por essa garota caprichosa. Mais do que se sentar, deixou-se cair ao lado dela. Carline deu risinhos ao ouvir o gemido de Pug.

— Você se embebedou! Como é?

— Neste momento, nada divertido. Eu me sinto como um esfregão usado.

Ela tentou mostrar um ar compreensivo, mas os seus olhos azuis cintilavam de contentamento. Com um beicinho dramático, disse:

— Os garotos podem fazer todas as coisas interessantes, como lutar esgrima e praticar arco e flecha. Ser uma dama digna é entediante. Meu pai teria um ataque se eu bebesse mais do que uma taça de vinho diluído no jantar.

Com o desespero crescente evidenciado na voz, Pug advertiu:

— Nada que se compare ao ataque que ele vai ter se encontrar você aqui. Carline, por que veio?

Ela ignorou a pergunta.

— O que é que você e Roland estavam fazendo esta tarde? Brigando?

— Pug confirmou. — Por minha causa? — perguntou, com um brilho nos olhos.

Pug suspirou.

— Sim, por sua causa. — A expressão de satisfação da garota ao ouvir a resposta o deixou exasperado, e a irritação infiltrou-se em sua voz: — Carline, você usou-o de forma muito desagradável.

— É um imbecil, um fraco! — retorquiu ela. — Se eu pedisse a ele que saltasse da muralha, ele saltaria.

— Carline — Pug quase choramingou —, o que você...

A pergunta foi interrompida quando a garota se inclinou para a frente e cobriu a boca dele com a dela. O beijo não foi retribuído, pois Pug estava aturdido demais para reagir. Carline afastou-se rapidamente, deixando-o boquiaberto, e perguntou:

— Então?

Na falta de uma resposta original, Pug disse:

— Então o quê?

Os olhos dela dardjavam.

— O beijo, seu idiota.

— Ah! — exclamou Pug, ainda em estado de choque. — Foi... bom.

Carline levantou-se e encarou-o de cima, com os olhos arregalados em um misto de raiva e vergonha. Cruzou os braços e começou a bater o pé, produzindo um som semelhante ao granizo de verão batendo nas vidraças das janelas. O tom de voz era baixo e grave:

— Bom! É só isso que tem a dizer?

Pug a observou, sentindo uma variedade de emoções contraditórias dentro de si. Naquele momento, o pânico competia com uma consciência quase dolorosa do quanto adorável ela parecia à luz tênue do lampião, as feições intensas e vivas, o cabelo escuro solto em volta do rosto e o tecido fino apertado junto ao peito devido aos braços cruzados. A confusão do garoto conferiu-lhe uma atitude involuntariamente descontraída, o que contribuiu ainda mais para a impertinência de Carline:

— É o primeiro homem, além de meu pai e meus irmãos, que beijo, e tudo o que você consegue dizer é que foi “bom”?

Pug não estava conseguindo se recompor. Ainda inundado por emoções violentas, deixou escapar:

— Muito bom.

Carline pôs as mãos na cintura, o que repuxou sua camisola para uma posição perturbadora, e ficou olhando para ele de cima a baixo com uma expressão de clara incredulidade. Em tom controlado, disse:

— Vim aqui me entregar a você. Arrisco ser banida para um convento até o fim da minha vida! — Pug reparou que ela omitiu o provável destino dele. — Quase todos os garotos do Oeste, e não poucos nobres mais velhos, fazem de tudo para que eu lhes dê atenção. E tudo o que você faz é me tratar como uma simples serva da cozinha, uma diversão passageira para o jovem senhor!

O juízo de Pug regressou, menos por conta própria do que pela consciência de que Carline estava defendendo o seu caso com uma insistência acima do justificável. Subitamente assaltado pela percepção de que havia uma grande dose de drama misturada com uma irritação genuína, interveio:

— Carline, espere. Um momento.

— Um momento! Eu lhe dei semanas. Pensei... Bem, pensei que tínhamos algo.

Pug tentou parecer compreensivo, enquanto a sua mente corria.

— Sente-se, por favor. Deixe-me tentar explicar.

Ela hesitou, acabando por voltar a sentar-se ao lado dele. Um pouco desajeitado, Pug pegou suas mãos. Foi afetado de imediato pela proximidade da garota, pelo seu calor, pelo cheiro do cabelo e da pele. As sensações de desejo que sentira na falésia retornaram com um impacto atordoante, e ele teve de esforçar-se para manter a mente concentrada no que pretendia dizer.

Forçando os pensamentos a afastarem-se da onda ardente que sentia, falou:

— Carline, eu gosto de você. Muito. Às vezes, chego a pensar que gosto tanto de você quanto Roland, mas na maior parte das vezes fico confuso quando você está por perto. É esse o problema: dentro de mim, a confusão é grande. Na maior parte do tempo, não entendo o que sinto.

A Princesa apertou os olhos, pois era óbvio que não era a resposta que esperava. Com voz estridente, disse:

— Não sei o que quer dizer. Nunca conheci ninguém tão empenhado em entender tudo.

Pug forçou um sorriso.

— Os magos são treinados para procurar explicações. Para nós, é muito importante entender as coisas. — Reparou em uma centelha de compreensão nos olhos da garota e prosseguiu: — Tenho agora dois cargos e ambos são novidade para mim. Posso vir a não me tornar mago, apesar das tentativas de Kulgan para me transformar em um, pois tenho dificuldades em grande parte do meu trabalho. Entenda que eu não evito você, mas com essas dificuldades, tenho que dedicar todo o tempo possível aos estudos.

Percebendo que suas explicações eram pouco convincentes, mudou de tática:

— Seja como for, tenho pouco tempo para dar atenção ao meu outro cargo. Posso acabar tornando-me outro nobre da corte do seu pai, administrando as minhas propriedades, ainda que sejam pequenas, tomando conta dos meus arrendatários, respondendo aos chamados às armas e todo o resto. Mas não posso sequer pensar nisso até resolver esse outro assunto, os estudos de magia. Tenho que continuar a tentar até estar certo de ter feito a opção errada. Ou até Kulgan me dispensar — acrescentou em voz baixa.

Deteve-se e estudou o rosto da garota. Aqueles enormes olhos azuis fitavam-no intensamente.

— Os magos têm pouca importância para o Reino. Quer dizer, se eu me tornasse um Mestre Mago... Bem, você se imagina casada com um mago, não importando o posto que ele ocupasse?

Ela pareceu ficar ligeiramente alarmada. Rapidamente, inclinou-se e voltou a beijá-lo, rompendo a já desgastada compostura de Pug.

— Pobre Pug — disse, afastando-se um pouco. A voz suave da Princesa soou melodiosa aos seus ouvidos. — Não precisa ser. Um mago,

quero dizer. Você possui terras e título, e eu sei que meu pai poderia lhe arranjar mais quando chegasse a hora certa.

— Não se trata daquilo que eu quero, não entende? Trata-se daquilo que sou. Parte do problema pode residir no fato de eu não ter me entregado com afinco ao trabalho. Kulgan me aceitou como aprendiz tanto por pena como por carência, você sabe. No entanto, apesar do que ele e Tully têm dito, nunca me convenci realmente de que tenho um talento especial. Talvez eu precise me dedicar, empenhar-me em virar um mago. — Respirou fundo. — Como poderei fazer isso se estiver preocupado com as minhas propriedades e com os meus cargos? Ou em obter outros? — Fez uma pausa. — Ou com você?

Carline mordiscou o lábio inferior e Pug reprimiu a vontade de abraçá-la e de dizer a ela que iria ficar tudo bem. Se fizesse isso, não tinha dúvida de que a questão ficaria rapidamente fora do seu controle. Nenhuma garota, em sua limitada experiência, mesmo entre as mais bonitas do povoado, tinha despertado sentimentos tão fortes nele.

Baixando um pouco os cílios ao olhá-lo, a Princesa disse, com ternura:

— Eu vou fazer qualquer coisa que me pedir, Pug.

Pug sentiu um alívio momentâneo até ser atingido pelo impacto total do que ela acabara de dizer. “Oh, deuses!”, pensou. Nenhum artifício de mago poderia mantê-lo concentrado diante de uma paixão adolescente. Procurou freneticamente uma forma de afastar o desejo de si e pensou no pai dela. De imediato, a imagem de um Duque de Crydee de olhar carrancudo diante da força do carrasco acabou com grande parte de seu entusiasmo.

Respirando fundo, Pug disse:

— À minha maneira, eu te amo, Carline. — O rosto dela ficou vermelho, e, impedindo uma calamidade, ele apressou-se: — Mas acho que eu deveria tentar saber mais sobre mim mesmo antes de tentar decidir sobre o resto. — A concentração do garoto foi posta à prova, pois a garota parecia ignorar as observações dele, dedicando-se a beijar-lhe o rosto.

Então ela parou, afastando-se. Sua expressão alegre dissipou-se, dando lugar à reflexão, quando a sua inteligência natural se sobrepôs à necessidade infantil de ter tudo o que desejava. A compreensão estava visível em seus olhos quando Pug disse:

— Se escolher agora, Carline, poderei duvidar dessa escolha para sempre. Quer lidar com a possibilidade de eu poder ficar ressentido com você devido à opção que fiz?

Ela manteve-se calada por algum tempo, acabando por dizer, com serenidade:

— Não. Creio que não suportaria.

Pug respirou de alívio ao sentir a tensão se dissipar.

De repente, o quarto pareceu ter ficado mais frio e ambos sentiram arrepios. Carline agarrou as mãos de Pug com uma força espantosa. Ela conseguiu sorrir e disse, com uma calma forçada:

— Eu comprehendo, Pug. — Respirou fundo e demoradamente, acrescentando em seguida, em voz baixa: — Creio que é por isso que o amo. Você jamais seria falso com quem quer que fosse. Muito menos com você mesmo.

— Ou com você, Carline. — Os olhos dela ficaram marejados, mas manteve o sorriso. — Não é fácil — continuou Pug, tomado por sentimentos pela garota. — Por favor, acredite em mim, não é fácil.

De um momento para outro, a tensão dissolveu-se, e Carline riu delicadamente, uma música encantadora para Pug. Entre as lágrimas e o riso, disse:

— Pobre Pug. Deixei-o transtornado.

O rosto dele evidenciou o alívio pela compreensão da Princesa. Sentiu-se encorajado pelo afeto que sentia. Balançando a cabeça devagar, com um sorriso de alívio que lhe conferiu uma expressão um pouco ridícula, disse:

— Você não faz ideia, Carline. Não mesmo. — Esticou a mão e tocou o rosto dela com ternura. — Temos tempo. Não vou a lugar algum.

Sob as pestanas quase fechadas, os olhos azuis contemplaram-no com preocupação.

— Partirá em breve com o meu pai.

— Quer dizer, quando voltar. Permanecerei aqui muitos anos.

Beijou-lhe delicadamente o rosto. Forçando um tom mais leve, disse:

— Faltam ainda três anos para que eu possa receber o que me foi dado. E duvido que o seu pai iria se separar de você tão cedo. — Tentando sorrir com ironia, acrescentou: — Daqui a três anos, é possível que você não suporte nem me ver pela frente.

Carline aninhou-se com suavidade nos braços de Pug, abraçando-o com força e colocando o rosto no seu ombro.

— Nunca, Pug. Jamais gostarei de outro.

Pug só conseguia sentir-se maravilhado com a sensação de tê-la nos braços. O corpo dela tremia ao dizer:

— Não tenho palavras, Pug. Você foi o único que tentou... me compreender. Você enxerga mais do que qualquer outro. — Com suavidade, Pug afastou-se ligeiramente, erguendo-lhe o rosto com as mãos. Voltou a beijá-la, saboreando as lágrimas salgadas nos lábios da Princesa, que reagiu repentinamente, abraçando-o com mais força e beijando-o apaixonadamente. Pug sentia o calor do corpo dela através do fino tecido da camisola e ouviu suaves suspiros junto ao ouvido, sentindo-se deslizar de volta à paixão irracional, percebendo que o seu corpo também estava reagindo. Tomando coragem, separou-se com delicadeza do abraço de Carline. Lentamente, forçou-se a afastar-se dela, e, com tristeza na voz, disse:

— Eu acho que você deve voltar para os seus aposentos.

Carline olhou para Pug com suas bochechas coradas e seus lábios levemente abertos. Sua respiração estava rouca, e Pug lutou com grande esforço para controlar a si mesmo e a situação. Com mais firmeza, ele disse:

— É melhor você voltar para seus aposentos agora.

Levantaram-se lentamente do catre, extremamente conscientes um do outro. Pug segurou-lhe a mão um pouco mais, até que a largou. Dobrou-se e pegou o manto da garota, segurando-o para que ela o vestisse. Levando-a até a porta, abriu uma fresta e examinou as escadas da torre.

Não vendo ninguém por perto, deixou-a sair. Do lado de fora, ela se virou e disse em voz baixa:

— Sei que você às vezes me acha uma garota tola e vaidosa, e há momentos em que sou mesmo, Pug. Mas a verdade é que eu te amo.

Antes que ele conseguisse falar, Carline desapareceu pelas escadas, deixando o leve roçar do seu manto ecoar na escuridão. Pug fechou a porta com cuidado e apagou a luz. Ficou deitado no catre, contemplando a escuridão. Ainda conseguia sentir o perfume fresco da Princesa no ar que o rodeava, e relembrar o toque de seu corpo macio sob suas mãos deixou-as tremendo. Agora que ela havia partido e levado com ela a necessidade de manter o controle, Pug permitiu que o desejo o invadisse. Podia ver o rosto dela ardendo de desejo por ele. Cobrindo os olhos com o braço, resmungou baixinho consigo mesmo e disse:

— Eu vou me odiar amanhã.

Pug acordou com batidas fortes na porta. O primeiro pensamento que teve ao se apressar foi de que o Duque soubera da visita de Carline. “Ele veio me enforcar!”, foi somente o que conseguiu pensar. Ainda estava escuro lá fora, por isso Pug abriu a porta esperando o pior. Em vez do pai furioso da garota à frente de uma companhia de guardas, viu um porteiro do castelo.

— Peço perdão por acordá-lo, Escudeiro, mas Mestre Kulgan solicita que vá imediatamente ao seu encontro — disse, apontando na direção do quarto de Kulgan. — Imediatamente — repetiu, tomando a expressão de alívio de Pug por confusão sonolenta. Pug balançou a cabeça e fechou a porta.

Conferiu se estava tudo em ordem. Ainda estava vestido, tendo adormecido novamente sem ter se despido. Ficou parado enquanto o coração se acalmava. Parecia que tinha os olhos cheios de areia e estava indisposto, o que o deixava com um gosto desagradável na boca. Dirigiu-se à mesinha e jogou água fria no rosto, resmungando que nunca mais voltaria a beber uma caneca de cerveja.

Pug chegou ao quarto de Kulgan e deu com o mago junto a uma pilha de pertences pessoais e livros. Sentado em um banco ao lado do catre do mago encontrava-se o Padre Tully. O sacerdote observava o mago acrescentar objetos à pilha que ia crescendo a olhos vistos e disse:

— Kulgan, você não pode levar todos esses livros. Precisaria de duas mulas de carga para carregá-los e não faço ideia de onde você iria colocá-las a bordo de um navio no qual não teriam qualquer serventia.

Kulgan olhou para os dois livros que tinha na mão como uma mãe contemplaria os filhos.

— Mas preciso levá-los para prosseguir a educação do garoto.

— Bah! Assim você terá algo em que pensar ao redor das fogueiras e a bordo do navio, o que será mais provável. Poupe-me das desculpas. Será difícil atravessar a Passagem Sul antes que ela esteja coberta de neve. E quem consegue ler em um navio que está cruzando o Mar Amargo no inverno? O garoto não ficará afastado dos estudos mais do que um ou dois meses. Depois disso, terá mais oito anos de estudos. Deixe-o descansar.

Pug estava perplexo com a conversa e tentou fazer uma pergunta, mas foi ignorado pelos dois velhos companheiros que continuavam a discutir. Depois de várias outras objeções de Tully, Kulgan se resignou.

— Creio que tem razão — disse, atirando os livros em cima do catre. Viu Pug, que aguardava junto à porta, e disse: — O quê? Ainda está aqui?

— Você ainda não me disse o motivo pelo qual me chamou, Kulgan — respondeu Pug.

— Oh?! — exclamou Kulgan, piscando os olhos arregalados como os de uma coruja de celeiro apanhada pela claridade. — Não disse? — Pug confirmou. — Ah, bem. O Duque ordenou que estejamos preparados para montar aos primeiros raios de sol. Os anões não responderam, mas ele não irá aguardá-los. A Passagem Norte não tardará a ficar intransponível, e ele teme que caia neve na Passagem Sul. — Kulgan acrescentou: — E tem razão em temer. O meu nariz, que adivinha o

tempo, diz que a neve está quase chegando. Um inverno antecipado e rigoroso nos aguarda.

Tully sacudiu a cabeça enquanto se levantava.

— Isso vindo de um homem que previu uma seca há sete anos, quando tivemos as piores cheias que já foram vistas. Magos! Charlatões, todos vocês. — Avançou devagar até a porta e parou, olhando para Kulgan, a irritação zombeteira substituída por uma preocupação genuína. — Mas desta vez tem razão, Kulgan. Os meus ossos doem muito. O inverno não tarda.

Tully saiu e Pug perguntou:

— Estamos de partida?

— Estamos! Não acabei de dizer? — retorquiu Kulgan, exasperado. — Vá buscar as suas coisas, depressa. O dia começa a raiar daqui a menos de uma hora.

Pug virou-se para ir embora, mas então ouviu Kulgan dizer:

— Ah, espere um momento, Pug.

O mago avançou até a porta e olhou para fora, certificando-se de que Tully havia descido as escadas e já não conseguia ouvi-los. Virou-se para Pug e disse:

— Não encontro qualquer falha em seu comportamento... Todavia, caso receba no futuro outra visita tardia, sugiro que não se submeta a mais testes. Não sei se você se sairia tão bem uma segunda vez.

Pug empalideceu.

— Você ouviu?

Kulgan indicou um ponto onde o assoalho e a parede uniam-se.

— Aquela engenhoca que você inventou para o braseiro sai da parede trinta centímetros abaixo daquele ponto, e parece ser um excelente condutor de som. — Distraidamente, prosseguiu: — Quando voltarmos, terei de verificar o que faz com que ela conduza tão bem o som. — Voltando a dirigir-se ao garoto, disse: — Seja como for, estava trabalhando até tarde, e não foi de propósito, mas ouvi todas as palavras.

— Pug corou e Kulgan continuou: — Não tenho intenção de envergonhá-lo, Pug. Você procedeu bem e mostrou um discernimento

admirável. — Colocando a mão no ombro do garoto, acrescentou: — Lamento dizer que não sou a pessoa adequada para conselhos sobre tais assuntos, pois a minha experiência com mulheres é diminuta, sejam de que idade forem, ainda mais as jovens e obstinadas.

Olhando Pug nos olhos, prosseguiu:

— Mas de uma coisa eu sei: no calor do momento, é quase impossível compreender as consequências que virão a longo prazo. Sinto-me orgulhoso por você ter conseguido fazê-lo.

Pug sorriu, constrangido.

— Não foi difícil, Kulgan. Concentrei-me em um pensamento.

— Qual?

— Pena capital.

Kulgan riu um latido estridente para depois dizer:

— Muito bem, mas a possibilidade de desgraça seria igualmente elevada para a Princesa, Pug. Uma aristocrata criada na corte oriental pode entregar-se a quantos amantes quiser, de qualquer classe, desde que seja discreta, mas a única filha do duque, vinda de uma região fronteiriça e com um parentesco tão próximo do rei, não se pode dar a esses luxos. Tem de se manter acima de suspeitas em todas as áreas. Até a dúvida poderia prejudicar Carline. Quem gosta dela teria de levar esse aspecto em consideração. Compreende?

Pug assentiu, absolutamente aliviado por ter resistido à tentação na noite anterior.

— Ainda bem, estou certo de que será cauteloso no futuro. — Kulgan sorriu. — E não ligue para o velho Tully. Está zangado porque o Duque lhe ordenou que ficasse aqui. Ainda se julga tão jovem quanto os seus acólitos. Agora, corra e prepare-se. O dia começa a raiar daqui a menos de uma hora.

Pug fez um aceno com a cabeça e saiu correndo, deixando Kulgan contemplando as pilhas de livros à sua frente. Com grande tristeza, pegou o que estava mais à mão e o colocou numa prateleira que se encontrava perto. Passado um instante, agarrou outro livro e guardou-o em um saco.

— Um só não fará mal nenhum — disse ao espectro invisível de Tully, que sacudia a cabeça em sinal de desaprovação.

Voltou a colocar os livros restantes nas prateleiras, exceto o último volume, que também guardou no saco.

— Está bem — disse desafiadoramente —, dois!

Viagem

Aneve caía pesada e úmida. Montado no cavalo, Pug tremia debaixo do grande manto. Havia dez minutos que estava na sela, aguardando que o resto da companhia do Duque se aprontasse.

O pátio encheu-se de homens apressados e aos gritos, amarrando os mantimentos nas mulas teimosas que faziam parte da caravana de carga. A alvorada começava a despontar, conferindo alguma cor ao pátio em vez dos tons pretos e cinzentos que tinham recebido Pug ao chegar da torre. Os porteiros já haviam trazido sua bagagem para baixo e a estavam prendendo juntamente com outros artigos que iam chegando.

Ouviu-se um “Eia!” de pânico vindo de trás de Pug, que se virou para ver Tomas em desespero, puxando as rédeas de um cavalo baio vivaz, com a cabeça bem erguida. Tal como o cavalo de guerra lustroso e elegante de Pug, o cavalo de seu amigo também era muito diferente do velho animal de carga que tinham montado até o local do naufrágio.

— Não puxe com tanta força — gritou Pug. — Vai machucar a boca dele e isso irá enfurecê-lo. Puxe devagar para trás e largue umas duas vezes.

Foi o que Tomas fez. O cavalo acalmou-se, colocando-se ao lado do de Pug. Tomas estava sentado como se a sela estivesse cravejada de

pregos. O rosto mostrava toda a concentração do garoto, que tentava adivinhar qual seria o próximo movimento do animal.

— Se você não tivesse marchado ontem, podia ter montado para ganhar alguma prática. Agora vou ter que lhe ensinar à medida que formos avançando. — Tomas pareceu agradecido pela promessa de auxílio. Pug sorriu. — Quando chegarmos a Bordon, estará montando como os Lanceiros do Rei.

— E andando como uma solteirona com hérnia. — Tomas mudou de posição na sela. — Já me sinto como se estivesse sentado em uma rocha há horas e acabei de montar.

Pug saltou do seu cavalo e deu uma olhada na sela de Tomas, fazendo com que o garoto desviasse a perna para poder examinar debaixo da aba da sela.

— Quem selou este cavalo para você? — perguntou.

— Rulf. Por quê?

— Imaginei. Está se vingando por tê-lo ameaçado com aquela história da espada ou porque somos amigos. Agora já não se atreve a me ameaçar porque sou Escudeiro, mas não hesita em atar as correias do seu estribo. Duas horas montado desta forma e você teria que ficar em pé durante as refeições por uns bons meses, isto se não caísse de cabeça e morresse. E desça que eu lhe mostro.

Tomas desmontou, em uma mistura de salto e queda. Pug mostrou-lhe os nós.

— Ao fim do dia, elas teriam deixado a parte de dentro das coxas em carne viva, além de não terem o comprimento adequado. — Pug desfez os nós e ajustou as correias. — Vai se sentir estranho por algum tempo, mas precisa manter os calcanhares para baixo. Vou lembrá-lo disso até não aguentar mais me ouvir, mas isso vai mantê-lo longe de problemas quando o fizer já sem pensar. Não tente se agarrar com os joelhos; isso é errado e você ficará com as pernas tão doloridas que mal conseguirá andar amanhã.

Prossseguiu com mais algumas instruções básicas e inspecionou a cilha, que estava larga. Tentou apertá-la e o cavalo inspirou

ruidosamente. Pug deu uma palmada no flanco do animal castrado, que expirou bruscamente. Puxou a correia da cilha com um movimento rápido e disse:

— A certa altura do dia, é provável que você começasse a se inclinar para um lado, e esta seria uma posição nada confortável.

— Aquele Rulf! — Tomas virou-se para a cavalariça. — Vou dar uma surra nele até deixá-lo à beira da morte!

Pug agarrou o amigo pelo braço.

— Espere. Não temos tempo para brigas.

Tomas ficou parado, com os punhos cerrados, acabando por relaxar com um suspiro de alívio:

— Seja como for, não estou em condições de lutar.

Virou-se e viu Pug inspecionando o cavalo. Pug sacudiu a cabeça e estremeceu, dizendo:

— Eu também não.

Terminou a inspeção da sela e das rédeas e o cavalo se assustou. Pug acalmou-o.

— Além disso, o Rulf deu a você uma montaria instável. É provável que esse amiguinho o tivesse derrubado antes do meio-dia e já estivesse a meio caminho de volta à cavalariça antes que você chegasse ao chão. Com as pernas doloridas e as correias do estribo encurtadas, você não teria chance. Troco com você. — Tomas pareceu ficar aliviado e subiu com dificuldade na sela do outro cavalo. Pug reajustou os estribos para ambos os cavaleiros. — Podemos trocar as nossas trouxas quando tomarmos a refeição do meio-dia. — Pug acalmou o nervoso cavalo de guerra e montou agilmente. Sentindo mãos mais seguras nas rédeas e uma perna firme de cada lado, o cavalo tranquilizou-se.

— Eia! Martin! — gritou Tomas quando o Mestre de Caça do Duque apareceu. — Vai viajar conosco?

Um sorriso irônico aflorou ao rosto do caçador, que vestia o pesado manto verde por cima das roupas de couro de Guarda-Caça.

— Até certo ponto, Tomas. Preciso guiar uns batedores ao redor das fronteiras de Crydee. Partirei em direção ao leste quando chegarmos ao

braço sul do rio. Dois dos meus batedores partiram há duas horas, abrindo caminho para o Duque.

— O que acha desse assunto dos tsurani, Martin? — perguntou Pug.

O rosto ainda jovem do Mestre de Caça entristeceu-se.

— Se os elfos consideram motivo de preocupação, é sinal de que essa inquietação tem fundamento. — Virou-se para a frente dos homens reunidos. — Desculpem-me, mas tenho que instruir os meus homens. — Afastou-se e deixou os garotos sozinhos.

— Como está essa sua cabeça hoje? — perguntou Pug a Tomas.

Tomas fez uma careta.

— Cerca de duas vezes menor do que estava quando acordei. — O rosto iluminou-se um pouco. — Ainda assim, esta agitação toda parece ter parado com o chocalhar lá dentro. Eu me sinto quase recuperado.

Pug fitou o castelo. As memórias do encontro da noite anterior não o deixavam em paz e repentinamente lamentou a necessidade de viajar com o Duque.

Tomas reparou no ar pensativo do amigo e disse:

— Por que essa cara fechada? Não está entusiasmado com a viagem?

— Não é nada. Só estava pensando.

Tomas observou Pug com atenção.

— Acho que entendi. — Suspirando profundamente, recostou-se na sela, e o cavalo raspou as patas no chão e relinchou. — Já eu estou contente por partir. Acho que a Neala se deu conta daquele assunto de que falamos ontem.

Pug riu.

— Pode ser que você aprenda a ter cuidado com quem leva para a despensa.

Tomas sorriu com um ar envergonhado.

As portas da torre abriram-se e de lá saíram o Duque e Arutha, acompanhados por Kulgan, Tully, Lyam e Roland. Atrás deles vinha Carline, seguida por Lady Marna. O Duque e os companheiros avançaram até a frente da coluna, mas Carline se apressou até o local onde Pug e Tomas aguardavam. Ao passar, foi saudada pelos soldados,

ignorando-os. Ela parou ao lado de Pug e, quando ele curvou-se cortesmente, ela disse:

— Ah, desça desse cavalo estúpido.

Pug desmontou e Carline lançou os braços em volta do pescoço do garoto, abraçando-o por um instante.

— Tome cuidado e fique bem — disse. — Não deixe que algo de mal lhe aconteça. — Afastou-se e deu-lhe um beijo rápido. — E volte para casa. — Contendo as lágrimas, voltou para a frente da linha, onde a aguardavam o pai e o irmão para se despedirem.

Tomas emitiu uma exclamação teatral e riu, enquanto Pug voltava a montar; os soldados por perto também tentaram conter o riso.

— Parece que a Princesa tem planos para você, meu senhor — escarneceu Tomas. Esquivou-se quando Pug ameaçou lhe dar uma bofetada com as costas da mão. O movimento fez com que o cavalo começasse a andar e, de repente, Tomas teve de se debater para trazê-lo de volta à formação. O animal parecia determinado a seguir qualquer direção, exceto aquela que Tomas queria; era a vez de Pug rir. Por fim, guiou sua montaria até ficar ao lado de Tomas, guiando a égua intratável de volta à formação. Ela abaixou as orelhas e virou-se para mordiscar o cavalo de Pug. O garoto mais baixo disse:

— Nós dois temos contas a acertar com Rulf. Além de todo o resto, ele nos deu dois cavalos que não gostam um do outro. Trocaremos a sua montaria com a de um soldado.

Aliviado, Tomas desmontou atabalhoadamente, quase caindo ao chão, e Pug coordenou a troca com um soldado do final da formação. A troca foi realizada e, enquanto Tomas voltava ao seu lugar, Roland veio até onde os dois estavam e estendeu a mão a ambos.

— Vejam se tomam cuidado. São muitos os problemas que os aguardam lá fora sem precisarem procurar por eles.

Confirmaram que assim fariam e Roland se dirigiu a Pug:

— Tomarei conta de tudo na sua ausência.

Pug reparou em seu sorriso sarcástico, olhou para onde Carline estava com o pai e disse:

— Não tenho dúvida. — E acrescentou: — Roland, aconteça o que acontecer, também lhe desejo boa sorte.

— Obrigado — disse Roland. — Aceitarei essas palavras pelo que significam. — A Tomas, disse: — Sem você, isto aqui vai ser muito monótono.

— Levando em conta o que está acontecendo, a monotonia seria bem-vinda — retorquiu Tomas.

— Desde que não seja monótono demais, certo? — respondeu Roland. — Tenham cuidado! Vocês são uma dupla enfadonha, mas não gostaria nem um pouco de perdê-los.

Tomas riu enquanto Roland se afastava acenando amigavelmente. Observando o Escudeiro se juntar ao séquito do Duque e vendo Carline ao lado do pai, Pug virou-se para Tomas:

— Isso decide. Estou satisfeito em partir. Preciso de um descanso.

O Sargento Gardan aproximou-se a cavalo, ordenando que a coluna avançasse, e eles partiram. O Duque e Arutha seguiam na primeira fileira, com Kulgan e Gardan logo atrás. Martin do Arco e os batedores partiram em passo de corrida ao lado do cavalo do Duque. Seguiam-se vinte pares de guardas montados, com Tomas e Pug aninhados entre eles, e a caravana de cargas na retaguarda, acompanhada por cinco pares de guardas. Devagar, inicialmente, aumentando de velocidade aos poucos, passaram pelos portões do castelo e seguiram pela estrada sul.

Fazia três dias que cavalgavam, sendo que nos últimos dois vinham atravessando bosques densos. Naquela manhã, Martin do Arco e seus homens haviam virado para leste quando cruzaram o braço ao sul do rio Crydee, que chamavam de rio Limiar. Marcava a fronteira entre Crydee e o Baronato de Carse, uma das províncias vassalas de Lorde Borric.

As repentinhas neves do inverno antecipado tinham chegado e enfeitado a paisagem outonal de branco. Muitos dos animais da floresta haviam sido apanhados desprevenidos pelo súbito inverno: coelhos cuja pelagem estava ainda mais acastanhada do que branca e patos e gansos

que se precipitavam em lagos quase gelados, descansando a caminho da migração para o sul. A neve caía em lufadas de flocos úmidos e pesados, derretendo lentamente durante o dia e voltando a congelar à noite, dando origem a uma fina camada de gelo. Quando os cascos dos cavalos e das mulas quebravam o gelo, ouviam-se no ar parado de inverno os estalos das folhas por baixo.

À tarde, Kulgan reparou no voo de um bando de dragonetes que formavam um círculo à distância, quase imperceptível em meio às árvores. Os animais coloridos, de tons vermelhos, dourados, verdes e azuis, passavam velozes por cima das copas das árvores e mergulhavam, desaparecendo e reaparecendo enquanto subiam em espiral, com guinchos e pequenas explosões de labaredas. Kulgan parou o cavalo, deixando passar a caravana e esperando que Pug e Tomas o alcançassem. Quando se encontravam lado a lado, indicou o espetáculo, dizendo:

— Parece um voo de acasalamento. Vejam: quanto mais agressivamente os machos se comportarem, melhor reação obterão por parte das fêmeas. Ah, quem me dera ter tempo para estudar isso com atenção.

Pug seguiu as criaturas com o olhar enquanto atravessavam uma clareira, até que, um tanto surpreso, disse:

— Kulgan, não é o Fantus ali, planando na orla?

Kulgan arregalou os olhos.

— Pelos deuses! Creio que é.

— Devo chamá-lo? — perguntou Pug.

O mago soltou um riso abafado.

— Pela atenção que está obtendo daquelas fêmeas, não creio que adiantasse nada.

Perderam de vista o grupo de dragonetes ao seguirem a caravana do Duque. Kulgan disse:

— Ao contrário de grande parte das criaturas, os dragonetes acasalam quando cai a primeira neve. As fêmeas põem os ovos nos ninhos e depois hibernam no inverno, aquecendo-os com o corpo. Na primavera, os filhotes nascem e são tratados pelas mães. É provável que Fantus passe

os próximos dias... ahn, gerando uma ninhada. Depois regressará à torre e passará o resto do inverno aborrecendo Megar e o pessoal da cozinha.

Tomas e Pug riram. O pai de Tomas afirmava com grande exagero que considerava o dragonete brincalhão uma praga dos deuses que descia sobre a sua organizada cozinha, mas tinham sido várias as ocasiões em que os dois garotos, escondidos, haviam visto o cozinheiro alimentando o animal com os melhores restos do jantar. Nos quinze meses desde que Pug se tornara aprendiz de Kulgan, Fantus convertera-se em um animal de estimação alado e coberto de escamas para grande parte dos serviços do Duque, ainda que alguns, tal como a Princesa, achassem inquietante sua aparência de dragão.

Continuaram seguindo na direção leste pelo sul, tão depressa quanto o terreno permitia. O Duque estava preocupado em chegar à Passagem Sul antes que a neve a deixasse intransitável, impedindo-os de alcançar o leste até a primavera. O sentido meteorológico de Kulgan lhe dizia que tinham boas chances de transpor a Passagem antes das grandes nevadas. Não tardou até alcançarem a orla da parte mais profunda da grande floresta do sul, o Coração Verde.

Nas profundezas das clareiras desta floresta, em locais combinados antecipadamente, aguardavam duas tropas de guardas do castelo de Carse com cavalos novos. O Duque Borric enviara pombos para o sul com instruções destinadas ao Barão Bellamy, que lhe respondera pelo mesmo meio, informando que cavalos os estariam aguardando. Os cavalos de remonta e os guardas acorreriam aos pontos de encontro a partir da guarnição de Jonril, defendida por Bellamy e Tolbert de Tulan, próxima à orla da grande floresta. Trocando de montaria, o Duque pouparia três, talvez quatro dias de viagem até Bordon. Os batedores de Martin do Arco tinham deixado marcas nas cascas das árvores para que o Duque as seguisse e esperava-se que alcançasse o primeiro ponto de encontro ao final do dia.

Pug virou-se para Tomas. O garoto mais alto montava agora um pouco melhor, embora ainda agitasse os braços como uma galinha tentando voar quando eram obrigados a um trote mais rápido. Gardan

surgiu andando em sentido contrário junto à formação até o local onde os garotos estavam posicionados, antes dos guardas dos mantimentos.

— Fiquem atentos — gritou. — Daqui até as Torres Cinzentas é a parte mais sombria do Coração Verde. Até os elfos passam por aqui depressa e em grupos. — O sargento da Guarda do Duque virou o cavalo e regressou a galope até a frente da formação.

Viajaram o resto do dia com todos os olhos pregados na floresta em busca de indícios de problemas. Tomas e Pug conversavam sem preocupações, com Tomas comentando a possibilidade de uma boa luta. Os gracejos dos garotos soavam irreais aos soldados ao redor deles, que se mantinham em silêncio e atentos. Chegaram ao ponto de encontro pouco antes do pôr do sol. Era uma clareira bastante grande, com vários tocos cobertos de vegetação que espreitavam por entre a neve, indicando que as árvores havia muito tinham sido derrubadas.

As montarias para muda encontravam-se presas a estacas por cordas compridas, sendo vigiadas por seis guardas que as rodeavam. Com a chegada do séquito do Duque, apontaram suas armas. Baixaram-nas ao reconhecerem o estandarte de Crydee. Estes eram homens de Carse, vestidos com o tabardo escarlate do Barão Bellamy, entrecortado por uma cruz dourada e com um grifo dourado rampante no peito. O escudo de cada um dos homens carregava o mesmo padrão.

O sargento que liderava os guardas bateu continência.

— Bomvê-lo, senhor.

Borric retribuiu a continência.

— Os cavalos? — perguntou simplesmente.

— Estão prontos, senhor, e agitados pela espera. Tal como os homens.

Borric desmontou e outro dos soldados de Carse tomou as rédeas do seu cavalo.

— Problemas?

— Nenhum, senhor, mas este lugar não é próprio para homens honestos. Fizemos turnos em duplas durante toda a noite e sentimos o rastejar de olhos sobre nós. — O sargento era um veterano marcado por

cicatrizes, que enfrentara goblins e bandidos em outros tempos. Não era do tipo de ceder a arroubos de fantasia, e o Duque reconhecia isto.

— Esta noite, dobrém os turnos. Amanhã levarão os cavalos de volta à sua guarnição. Preferia que repousassem por um dia, mas este é um lugar cruel.

O Príncipe Arutha aproximou-se.

— Nas últimas horas, também senti que nos vigiavam, pai.

Borric virou-se para o sargento:

— É possível que tenhamos sido seguidos por um bando de salteadores, na tentativa de perceber qual seria a nossa missão. Enviarei dois homens de volta com vocês, pois a diferença entre cinquenta homens ou quarenta e oito não é significativa, mas oito é um número muito melhor do que seis.

Se o sargento sentiu algum alívio pelo que fora dito, não o demonstrou, dizendo simplesmente:

— Obrigado, meu senhor.

Borric dispensou o homem e caminhou com Arutha para o centro do acampamento, onde ardia uma grande fogueira. Os soldados erguiam abrigos rudimentares que os protegeriam dos ventos noturnos, tal como tinham feito todas as noites da viagem. Borric viu duas mulas com os cavalos e reparou nos fardos de palha que haviam sido trazidos. Arutha acompanhou o olhar do pai.

— Bellamy é um homem prudente. Ele serve Vossa Graça muito bem.

Kulgan, Gardan e os garotos aproximaram-se dos dois nobres, que se aqueciam junto à fogueira. A noite caía depressa; mesmo ao meio-dia a luz era escassa na floresta coberta de neve. Borric olhou ao redor e sentiu arrepios que não se deviam somente ao frio.

— Este lugar é agourento. Quanto mais cedo sairmos daqui, melhor.

Comeram uma refeição rápida e se recolheram. Pug e Tomas ficaram perto um do outro, sobressaltando-se a cada ruído estranho, até que a fadiga os embalou e adormeceram.

séquito do Duque atravessava as profundezas da floresta através de caminhos tão densos que os batedores eram obrigados a alterar o rumo com frequência, dando meia-volta na tentativa de descobrir caminhos alternativos para os cavalos, marcando o rastro conforme iam avançando. Grande parte dessa floresta era sombria e retorcida, com vegetação rasteira e densa que impedia avanços.

— Duvido que o sol brilhe aqui — disse Pug a Tomas em voz baixa. Tomas acenou devagar com a cabeça, os olhos fixos nas árvores. Desde que se tinham separado dos homens de Carse, três dias atrás, sentiam a tensão se acumular a cada dia que passava. Os ruídos da floresta tinham diminuído à medida que se embrenhavam em meio às árvores, e agora avançavam em silêncio. Era como se os animais e as aves também evitassem aquela parte da floresta. Pug sabia que isso se devia ao fato de restarem poucos animais que não tinham migrado para o sul ou que não tinham hibernado, mas esse conhecimento não diminuía o temor que ele e Tomas sentiam.

Tomas diminuiu o passo.

— Pressinto que vai acontecer algo terrível.

— Você diz isso há dois dias — respondeu Pug. Passado um minuto, acrescentou: — Espero que não sejamos obrigados a lutar. Não sei manejá esta espada, apesar de você ter tentado me ensinar.

— Tome — disse Tomas, oferecendo-lhe um objeto. Pug aceitou e viu que era uma pequena bolsa que continha um conjunto de pequenas pedras lisas e uma funda. — Achei que talvez se sentisse mais à vontade com uma funda. Também trouxe uma.

Prosseguiram por mais uma hora até que pararam para que os cavalos descansassem, e comeram uma refeição fria. Já estavam no meio da manhã e Gardan inspecionou todos os cavalos, certificando-se de que estavam em boas condições. Nenhum soldado tinha permissão de descuidar do menor ferimento nem da menor enfermidade. Se um

cavalo vacilasse, seu cavaleiro ou teria de montar em outro, ou os dois teriam de retornar da melhor forma que conseguissem, pois o Duque não podia aguardar. A essa distância de um refúgio seguro, este era um assunto no qual ninguém queria pensar nem falar em voz alta.

Esperavam ir ao encontro do segundo destacamento de cavalos no meio da tarde. O andamento acelerado dos primeiros quatro dias tinha dado lugar a um passo cauteloso, pois correr entre as árvores seria perigoso. No ritmo em que avançavam, não se atrasariam. Ainda assim, o Duque estava ficando irritado com o progresso vagaroso.

Continuaram a avançar, tendo de parar de vez em quando para que os guardas desembainhassem as espadas e cortassem os arbustos que impediam a passagem, ouvindo-se o eco dos golpes de espada através da quietude da floresta enquanto seguiam o caminho estreito deixado pelos batedores.

Pug estava perdido em pensamentos sobre Carline quando um grito ecoou vindo da frente da coluna, fora do alcance da vista dos garotos. De repente, os cavaleiros próximos a Pug e Tomas precipitaram-se para a frente, ignorando o matagal que os envolvia, esquivando-se dos ramos baixos por instinto.

Pug e Tomas esporearam os cavalos atrás dos outros e não tardou para que os sentidos dos dois registrassem uma mancha branca e castanha, dando ideia de que voavam por eles árvores salpicadas de neve. Abaixaram-se, ficando perto do pescoço de suas montarias, evitando grande parte dos ramos das árvores, enquanto lutavam para não cair. Pug olhou por cima do ombro e viu que Tomas estava ficando para trás. Ramos e galhos prendiam-se no manto de Pug enquanto ele corria pela floresta até chegar a uma clareira. Os sons da batalha invadiram-lhe os ouvidos, e o garoto viu que uma luta se desenrolava. Os cavalos de remonta tentavam arrancar as estacas enquanto os combatentes lutavam ao redor deles. Pug conseguia discernir apenas vagamente quem lutava, formas escuras e encobertas que golpeavam com espadas os cavaleiros montados.

Uma silhueta afastou-se e correu na sua direção, evitando o golpe de um guarda a poucos metros de Pug. O estranho guerreiro arreganhou os dentes maldosamente, sem ver mais nada além do garoto à sua frente. Erguendo a espada para golpeá-lo, o guerreiro gritou e levou as mãos ao rosto enquanto o sangue lhe escorria entre os dedos. Tomas havia controlado seu cavalo atrás de Pug e, com um grito, lançou outra pedra.

— Logo vi que ia meter-se em apuros — gritou. Esporeou o cavalo para que avançasse e passou por cima da figura caída. Pug ficou imóvel por um momento e depois esporeou o cavalo. Pegando a funda, atirou contra alguns alvos, sem saber se as pedras os atingiam.

De repente, Pug viu-se em um local mais calmo da batalha. De todos os lados, observavam-se figuras com mantos cinza-escuro e armaduras de couro surgirem da floresta. Assemelhavam-se a elfos, excetuando-se o cabelo mais escuro, e gritavam em uma língua desagradável aos ouvidos do garoto. Das árvores voavam flechas, que deixaram vazias as selas dos cavaleiros de Crydee.

Ao redor jaziam tanto corpos de atacantes como de soldados. Pug viu os corpos inanimados de uma dúzia de homens de Carse, bem como de dois batedores de Martin do Arco, atados, como se vivos estivessem, a estacas ao redor da fogueira. Manchas de sangue escarlate salpicavam a neve branca ao lado dos homens. O ardil funcionara, pois o Duque entrara sem hesitar na clareira e agora a armadilha fora desencadeada.

Ouviu-se a voz de Lorde Borric acima do tumulto:

— A mim! A mim! Estamos cercados.

Pug olhou ao redor à procura de Tomas, ao mesmo tempo que batia furiosamente com os calcanhares no cavalo em direção ao Duque e aos homens reunidos. O ar encheu-se de flechas e os gritos dos que morriam ecoavam na clareira. Borric gritou:

— Por aqui!

Os sobreviventes o seguiram. Precipitaram-se floresta adentro, atropelando os arqueiros inimigos. Foram perseguidos por gritos enquanto galopavam para longe da emboscada, inclinados junto aos pescoços das montarias, evitando flechas e ramos baixos.

Pug desviou o cavalo para o lado, evitando uma enorme árvore. Olhou em volta, mas não conseguiu ver Tomas. Fixando o olhar nas costas de outro cavaleiro, decidiu concentrar-se apenas em não perder de vista as costas do homem. Ouviam-se gritos estranhos vindos de trás e outras vozes respondiam de um dos lados. Pug estava com a boca seca e as mãos transpiravam dentro das luvas grossas que usava.

Galoparam a toda a velocidade pela floresta; gritos e guinchos ecoando por toda parte. Pug perdeu a noção da distância percorrida, mas julgou que seria cerca de um quilômetro e meio. As vozes não tinham parado de gritar na floresta, alertando outros do rumo da fuga do Duque.

Subitamente, Pug estava abrindo caminho pela densa vegetação, forçando o cavalo ofegante e coberto de espuma a subir uma pequena e íngreme encosta. Ao seu redor havia uma escuridão cinza e verde, interrompida unicamente por fragmentos brancos. No topo, o Duque aguardava, com a espada desembainhada, enquanto outros se aproximavam dele. Arutha estava ao lado do pai, com o rosto banhado de suor, apesar do frio. Cavalos arquejantes e guardas exaustos reuniram-se à sua volta. Pug ficou aliviado ao ver Tomas junto de Kulgan e Gardan.

Quando o último cavaleiro chegou, Lorde Borric perguntou:

— Quantos?

Gardan passou os sobreviventes em revista e respondeu:

— Perdemos dezoito homens, temos cinco feridos e as mulas e os mantimentos foram tomados.

Borric acenou com a cabeça.

— Deixem os cavalos descansar um momento. Eles virão.

— Vamos enfrentá-los, meu pai? — perguntou Arutha.

Borric sacudiu a cabeça.

— São muitos. Foram pelo menos cem os que nos atacaram na clareira. — Cuspiu. — Caímos naquela cilada como um coelho cai em uma armadilha. — Olhou ao redor. — Perdemos quase metade da nossa companhia.

Pug perguntou a um soldado a seu lado:

— Quem eram?

O soldado olhou para Pug.

— A Irmandade da Senda das Trevas, Escudeiro. Que Ka-hooli visite cada um daqueles canalhas com estacas — respondeu, invocando o deus da vingança. Com a mão, o soldado indicou um círculo ao redor de ambos. — Deslocam-se pelo Coração Verde em pequenos bandos, ainda que habitem principalmente as montanhas a leste daqui e as Terras do Norte, bem no alto. Eram mais do que eu esperava que estivessem por perto, maldita sorte.

Ouviram-se gritos vindos de trás e o Duque disse:

— Eles estão vindo. Vamos!

Os sobreviventes deram meia-volta e partiram, galopando uma vez mais por entre as árvores à frente dos perseguidores. O tempo ficou suspenso para Pug enquanto transpunha o caminho perigoso através da densa floresta. Por duas vezes ouviu gritos de homens por perto, sem perceber se eram causados por baterem em galhos ou por flechas.

Entraram novamente em uma clareira e o Duque fez sinal para que parassem.

— Vossa Graça, os cavalos não resistirão muito mais tempo neste ritmo — disse Gardan.

Borric bateu no arção da sela, frustrado, com o rosto tomado pela raiva.

— Malditos! Onde estamos?

Pug olhou em volta. Não fazia a mínima ideia de onde se encontravam e, pelas expressões dos rostos que o cercavam, mais ninguém sabia.

— Temos que rumar para leste, meu pai, em direção às montanhas — disse Arutha.

Borric concordou.

— Para que lado fica o leste?

As árvores altas e o céu nublado, ocultando o sol, conspiravam para negar-lhes um ponto de referência.

— Um momento, Vossa Graça — interveio Kulgan. Ele fechou os olhos. Os gritos da perseguição voltaram a ecoar através das árvores quando Kulgan abriu os olhos e apontou:

— Por ali. O leste fica naquela direção.

Sem perguntas nem comentários, o Duque esporeou o cavalo na direção indicada, gesticulando para que os outros o seguissem. Pug sentiu um enorme anseio de estar junto de alguém que lhe fosse próximo e tentou ir em direção a Tomas, sem conseguir abrir caminho através da turba de cavaleiros. Engoliu em seco e admitiu que estava morto de medo. Os rostos carregados dos cavaleiros mais próximos mostravam que não era o único.

Passaram mais algum tempo correndo através das passagens sombrias do Coração Verde. Cada avanço no trajeto de fuga era acompanhado pelo eco dos gritos dos Irmãos das Trevas, que alertavam outros sobre o percurso dos fugitivos. Às vezes Pug conseguia entrever à distância um vulto aos saltos, logo o perdendo na escuridão das árvores enquanto percorria um caminho paralelo. Os corredores que os acompanhavam não tentavam retardá-los, mas se mantinham por perto.

O Duque ordenou mais uma vez que parassem. Virando-se para Gardan, disse:

— Batedores! Descubram a que distância nos seguem. Temos de descansar.

Gardan indicou três homens, que saltaram prontamente dos cavalos e correram no sentido contrário ao percurso da retirada. Um único choque de aço e um grito abafado anunciaram o encontro deles com o batedor inimigo mais próximo.

— Malditos sejam! — exclamou o Duque. — Estão nos cercando, tentando nos levar de volta ao lugar onde estão com as suas forças concentradas. Já estamos nos deslocando mais para o norte do que para leste.

Pug aproveitou para aproximar-se de Tomas. Os cavalos estavam ofegantes e tremendo, e via-se o vapor da transpiração no frio. Tomas conseguiu esboçar um sorriso, mas nada disse.

Os homens deslocaram-se rapidamente entre os cavalos, verificando ferimentos. Em poucos minutos, os batedores voltaram correndo. Arquejando, um deles disse:

— Senhor, estão muito perto, pelo menos uns cinquenta ou sessenta.

— A quanto tempo daqui?

O suor escorria pelo rosto do homem ao responder:

— Cinco minutos, senhor. — Com um humor negro, disse: — Os dois que matamos os farão parar, mas por pouco tempo.

Borric dirigiu-se ao grupo:

— Descansaremos por um instante e partiremos.

— Um instante ou uma hora, que importa? Os cavalos estão exaustos.

Deveríamos enfrentá-los antes que cheguem mais Irmãos — disse Arutha.

Borric sacudiu a cabeça.

— Tenho de alcançar Erland. Ele precisa ser avisado da chegada dos tsurani.

Uma flecha, logo seguida por outra, voou das árvores próximas e mais um cavaleiro tombou.

— Avante! — gritou Borric.

A meio-galope, embrenharam-se ainda mais, diminuindo a velocidade até seguirem a passo, atentos ao ataque iminente. O Duque recorreu a gestos para organizar os militares em linha de modo a conseguirem virar-se para cada um dos flancos e investir quando chegasse a ordem. Os cavalos sopravam espuma quando suas narinas se distendiam e Pug percebeu que estavam prestes a sucumbir.

— Por que não atacam? — sussurrou Tomas.

— Não sei — respondeu Pug. — Só nos perseguem pelos lados e pela retaguarda.

O Duque levantou a mão e a coluna parou. Não se ouviam ruídos de perseguição. Virou-se e falou em voz baixa:

— Podemos tê-los despistado. Passem adiante a ordem para que vistoriem as montarias... — Uma flecha passou-lhe junto à cabeça,

errando por milímetros. — Avante! — Gritou, e todos partiram em um trote irregular pelo caminho que vinham seguindo.

— Senhor, parece que não querem que paremos — gritou Gandan.

Murmurando com irritação, Borric praguejou para depois perguntar:

— Kulgan, para onde fica o leste?

O mago voltou a fechar os olhos, e Pug percebeu que Kulgan estava ficando cansado devido a esse feitiço em particular. Não seria difícil para alguém que estivesse calmo, mas era desgastante nas condições atuais. Kulgan abriu os olhos e apontou para a direita. A coluna estivera dirigindo-se para o norte.

— Mais uma vez, eles lentamente estão fazendo com que viremos de volta às suas forças principais, meu pai — disse Arutha.

Erguendo a voz, Borric disse:

— Somente tolos ou crianças manteriam este rumo. À minha ordem, virem para a direita e ataquem. — Aguardou que todos os homens aprontassem as armas e rezassem em silêncio aos seus deuses, rogando que os cavalos aguentassem mais um galope. Foi então que o Duque gritou:

— Agora!

Como um todo, a coluna virou para a direita e os cavaleiros esporearam as enfraquecidas montarias. Choveram flechas das árvores e ouviram-se gritos de homens e cavalos.

Pug desviou-se de um galho, agarrando as rédeas em desespero enquanto segurava desajeitadamente a espada e o escudo. Sentiu o escudo escorregar e, enquanto tentava segurá-lo, percebeu que o cavalo diminuía o passo. Não conseguia exercer o controle de que o animal precisava ao mesmo tempo que manejava as armas.

Pug puxou as rédeas, arriscando uma parada momentânea para ajeitar o equipamento. Um ruído o fez olhar para a direita. A menos de cinco metros, estava um arqueiro da Irmandade da Senda das Trevas. Pug ficou imóvel por um instante, assim como o arqueiro. O Escudeiro ficou espantado pela semelhança dele com o Príncipe dos Elfos, Calin. Eram poucas as diferenças entre as raças, de estatura e constituição

idênticas, com exceção dos cabelos e dos olhos. A corda do arco partira-se e os olhos escuros do arqueiro cravaram-se em Pug enquanto reparava o arco com tranquilidade.

O espanto de Pug por deparar-se com o Irmão das Trevas tão perto dele fez com que se esquecesse por um momento da razão pela qual parara. Ali ficou, entorpecido, observando o arqueiro que preparava a arma, fascinado pela habilidade e serenidade do elfo negro.

Vi-o retirar uma flecha da aljava com um movimento fluido e aprontar a haste da flecha na corda do arco. Um alerta súbito levou Pug a reagir. O cavalo cambaleante respondeu aos pontapés desenfreados e partiu. Não viu a flecha do arqueiro, mas a ouviu e a sentiu passar veloz junto ao seu ouvido, e em seguida retomou o galope. O arqueiro ficou para trás enquanto Pug alcançava o séquito do Duque.

O barulho vindo da frente levou Pug a esporear o cavalo, embora o pobre animal estivesse indicando que estava se deslocando tão rápido quanto lhe era possível. Pug ziguezagueou pela floresta, tarefa dificultada pela escuridão.

Subitamente, viu-se atrás de um cavaleiro vestido com as cores do Duque e, como o cavalo de Pug se mostrava menos cansado por levar um cavaleiro mais leve, o ultrapassou. O terreno tornou-se mais acidentado, levando Pug a se perguntar se estariam chegando ao sopé das Torres Cinzentas.

O relincho de um cavalo fez Pug olhar para trás. Viu o soldado pelo qual tinha passado ser atirado ao chão no momento em que sua montaria sucumbiu, jorrando sangue espumoso do nariz. Pug parou, tal como outro cavaleiro que voltou para trás, até o local onde o homem havia parado. Estendeu a mão, oferecendo uma chance para montar em seu cavalo. O soldado caído apenas sacudiu a cabeça e deu uma palmada na garupa do cavalo que ainda se mantinha de pé, fazendo com que ele avançasse. Pug sabia que o cavalo do segundo homem mal conseguia carregar um cavaleiro, quanto mais dois. O cavaleiro caído desembainhou a espada e abateu o cavalo ferido, virando-se em seguida para aguardar os Irmãos das Trevas que os perseguiam. Os olhos de Pug

encheram-se de lágrimas enquanto apreciava a coragem do homem. O outro soldado gritou algo por cima do ombro que o garoto não conseguiu entender e, logo em seguida, o cavaleiro já passava por ele.

— Ande, Escudeiro! — gritou.

Pug levou os calcanhares aos flancos do cavalo, e o animal continuou em um trote vacilante.

A coluna em fuga prosseguiu a retirada difícil e exaustiva, e Pug conseguiu avançar por entre os cavaleiros até um ponto próximo ao Duque. Passados alguns minutos, o Lorde fez sinal para que andassem mais devagar. Entraram em outra clareira. Borric examinou a companhia. Uma expressão de raiva impotente atravessou-lhe o rosto, sendo substituída pelo espanto. Ergueu a mão e os cavaleiros pararam. Ouviam-se gritos na floresta, mas a alguma distância.

Arutha, de olhos arregalados, perguntou:

— Nós os despistamos?

O Duque confirmou com um lento aceno de cabeça, a atenção concentrada nos gritos distantes.

— Por ora. Quando atravessamos a linha de arqueiros, devemos ter escapado por trás da retaguarda da perseguição. Não tardarão a descobrir esse fato e farão meia-volta. Temos dez, quinze minutos na melhor das hipóteses. — Percorreu com o olhar a companhia destroçada. — Se ao menos encontrássemos um esconderijo.

Kulgan avançou com o cavalo cambaleante até ficar ao lado do Duque.

— Senhor, talvez eu tenha uma solução, ainda que arriscada e que se possa revelar fatal.

— Não será mais fatal do que esperar aqui — disse Borric. — Qual é o plano?

— Tenho um amuleto que controla o tempo. Tinha pensado em guardá-lo para nos proteger de possíveis tempestades no mar, pois possui uma utilização limitada. Com ele, talvez consiga ocultar o nosso paradeiro. Ordene que os homens juntem os cavalos na orla mais

distante da clareira, junto àquele afloramento de rochas. Faça com que mantenham os cavalos em silêncio.

Borric assim ordenou e os animais foram levados para o lado oposto da clareira. Mãos tranquilizadoras afagaram os exaustos e nervosos animais, acalmando as montarias após a longa fuga.

Tinham-se reunido na extremidade mais elevada de uma estreita clareira, de costas para um afloramento de granito que se erguia acima deles como um punho cinzento. Em três lados, o chão era ligeiramente inclinado. Kulgan começou a andar junto ao perímetro da companhia reunida.

Entoou o feitiço em voz baixa, agitando o amuleto em um padrão complexo. Aos poucos, a luz pardacenta da tarde extinguiu-se, e uma neblina começou a surgir ao redor do mago. Inicialmente, surgiram apenas finas espirais próximas a ele, formando-se depois outras camadas mais substanciais de umidade, que se tornaram um nevoeiro.

Não demorou para que o ar entre a companhia do Duque e a linha de árvores ficasse enevoado. Kulgan apressou os movimentos e o nevoeiro ficou mais denso, invadindo a clareira com sua alvura, deslocando-se até as árvores, por todos os lados. Em poucos minutos, tornou-se impossível ver além de poucos metros.

Kulgan andava de um lado para outro sem parar, enviando mantos cada vez mais espessos de neblina, que obscureciam a luz já pardacenta nas árvores. A clareira ficou cada vez mais envolta em escuridão enquanto o nevoeiro sombrio se adensava a cada palavra mágica dita pelo mago.

Por fim, Kulgan parou e virou-se para o Duque, sussurrando:

— Todos devem ficar em silêncio. Se os elfos negros andarem às cegas pelo nevoeiro, o declive no terreno irá guiá-los, assim espero, por um lado ou por outro, contornando as rochas. Mas o menor ruído será a nossa derrota.

Todos acenaram em concordância, entendendo o perigo que se aproximava. Ficariam no centro daquele nevoeiro denso na esperança de que os Irmãos das Trevas passassem por eles, posicionando o Duque e os

seus homens novamente à retaguarda. Era tudo ou nada, pois, caso conseguissem escapar, era grande a probabilidade de estarem longe quando a Irmandade mais uma vez fizesse o caminho contrário.

Pug olhou para Tomas e sussurrou:

— Ainda bem que aqui o terreno é rochoso, ou deixaríamos pegadas.

Tomas acenou, assustado demais para falar. Um guarda que estava perto deles fez um gesto a Pug para que não fizesse barulho e o jovem Escudeiro aquiesceu.

Gardan e vários outros guardas, juntamente com o Duque e Arutha, tomaram posições junto da frente da companhia, armas a postos para o caso de o ardil falhar. Os gritos ficavam mais altos à medida que a Irmandade da Senda das Trevas retomava o rastro. Kulgan permaneceu próximo ao Duque, proferindo o encantamento em voz baixa, reunindo ainda mais neblina à sua volta e lançando-a para a frente. Pug sabia que a neblina se expandiria depressa, envolvendo uma área cada vez maior, desde que Kulgan não cessasse de proferir o feitiço. Cada minuto envolveria ainda mais o Coração Verde nessa bruma, tornando cada vez mais complicada a tarefa de encontrá-los.

Pug sentiu o rosto úmido e olhou para cima. Começara a nevar. Apreensivo, olhou para a bruma, verificando se a neve recém-chegada a estaria afetando. Ficou observando durante um tenso minuto até que suspirou aliviado silenciosamente, pois se algo estava acontecendo, era a neve confundindo-se ao nevoeiro.

Ouviu-se uma passada suave por perto. Pug ficou petrificado, tal como os outros homens perto dele. Soou uma voz no estranho idioma da Irmandade.

Pug sentiu uma coceira entre os ombros, mas se recusou a mexer-se, forçando-se a ignorar a sensação enervante nas costas. Olhou de relance para o lado, onde estava Tomas. O amigo estava imóvel, com a mão no focinho do cavalo, lembrando uma estátua na bruma. Tal como todos os outros cavalos, a montaria de Tomas sabia que a mão sob sua cara representava uma ordem de silêncio.

Ouviu-se outra voz na neblina e Pug quase deu um salto, pois estava ali, na sua frente. Uma vez mais, a resposta chegou de mais longe.

Gardan estava na frente de Pug, que viu as costas do sargento se crisparem. Gardan ajoelhou-se devagar, colocando em silêncio a espada e o escudo no chão. Ergueu-se, ainda com movimentos lentos, sacando a faca do cinto. De repente, entrou na neblina, com movimentos tão velozes e fluidos como os de um gato desaparecendo na noite. Ouviu-se um som sutil e Gardan reapareceu.

À sua frente debatia-se a silhueta de um Irmão das Trevas, com uma das enormes mãos negras de Gardan tapando firmemente a boca da criatura. O outro braço a estava estrangulando. Pug conseguia perceber que o sargento não podia se arriscar a largá-la, nem mesmo pelo breve instante necessário para cravar-lhe a faca nas costas. Gardan cerrou os dentes de dor quando a criatura arranhou os seus braços com unhas semelhantes a garras. Os olhos dela pareciam saltar ao tentar respirar. Gardan ficou firme no mesmo lugar, segurando o Irmão das Trevas com toda a força, ao mesmo tempo que o elfo negro lutava para se libertar. O rosto da criatura ficou vermelho, depois roxo, enquanto Gardan o sufocava até a morte. O sangue escorria pelo braço de Gardan; contudo, o forte soldado mal se mexeu. Por fim, o corpo do Irmão das Trevas relaxou, e o sargento deu um último puxão com o braço que lhe quebrou o pescoço, deixando-o deslizar em silêncio até o chão.

Gardan tinha os olhos arregalados devido ao esforço e ofegava baixinho enquanto recobrava o fôlego. Virou-se devagar, ajoelhou-se e voltou a guardar a faca. Reavendo a espada e o escudo, levantou-se e retomou a vigia na neblina.

Pug sentiu profundo respeito e admiração pelo sargento, embora nada mais pudesse fazer do que observar calado, da mesma forma que os outros. O tempo foi passando e as vozes afastaram-se cada vez mais, ouvindo-se perguntas encolerizadas dos elfos negros em busca dos fugitivos. As vozes foram desaparecendo até que, por fim, como um longo suspiro de alívio produzido por todos os presentes na clareira, o silêncio imperou.

— Já passaram. Levem os cavalos. Rumaremos para leste — sussurrou o Duque.

Na penumbra, Pug olhou em volta. À frente, o Duque Borric e o Príncipe Arutha indicavam o caminho. Gardan mantinha-se ao lado de Kulgan, ainda exausto devido à empreitada mágica. Tomas caminhava calado ao lado do amigo. Dos cinquenta soldados da Guarda que tinham partido de Crydee com o Duque, restavam treze. Somente seis cavalos tinham sobrevivido àquele dia. À medida que vacilavam, eram rapidamente abatidos por cavaleiros mudos e tensos.

Arrastavam-se pela encosta, subindo cada vez mais até o pé da colina. O sol já havia se posto, mas o Duque ordenou que avançassem, receando que os perseguidores retornassem. Os homens caminhavam com cautela, hesitando no terreno íngreme e às escuras. A escuridão era pontuada por palavrões em voz baixa sempre que os homens perdiam o equilíbrio nas pedras cobertas de gelo, o que era frequente.

Pug avançava penosamente, sentindo o corpo entorpecido pelo cansaço e pelo frio. O dia parecera uma eternidade, e ele não conseguia se recordar da última vez que tinha parado ou comido. Em uma ocasião, um soldado passara-lhe um odre, mas isso era uma memória vaga. Agarrou um punhado de neve e o levou à boca, porém, o frio glacial proporcionou-lhe pouco alívio. A neve caía com mais intensidade, pelo menos era o que parecia; não conseguia vê-la cair, mas ela batia em seu rosto com mais frequência e força. Estava gelada e o garoto tiritava dentro do manto.

Como um estrondo, o sussurro do Duque soou na escuridão:

— Parem. Duvido que estejam andando por aí às cegas. Descansaremos aqui.

Ouviu-se o sussurro de Arutha vindo da frente:

— A neve deve cobrir nossos rastros antes de o dia raiar.

Pug deixou-se cair de joelhos e cobriu-se melhor com o manto. A voz de Tomas chegou de perto:

— Pug?

— Aqui — respondeu baixinho.

Tomas deixou-se cair pesadamente ao lado do amigo.

— Acho... — disse ofegante — ...que nunca mais... vou me mexer.

Pug só conseguiu acenar com a cabeça. A voz do Duque soou a curta distância:

— Nada de fogueiras.

— Está frio demais para acamparmos sem fogo, Vossa Graça — respondeu Gardan.

— Concordo, mas se aqueles filhos do inferno estiverem por perto, uma fogueira os traria até nós — disse Borric. — Juntem-se para se aquecerem, e ninguém morrerá de frio. Coloque sentinelas e diga ao restante que descanse. Ao amanhecer, quero nos distanciar deles o máximo possível. — Pug sentiu corpos se ajuntarem à sua volta e não se importou com a falta de conforto em troca do calor. Pouco depois já caíra em um cochilo vacilante, acordando sobressaltado diversas vezes ao longo da noite. Até que, de repente, o dia começou a despontar.

Morreram mais três cavalos durante a noite, os corpos enregelados jazendo descobertos na neve. Pug levantou-se, sentindo-se tenso e meio tonto. Tremia descontroladamente enquanto batia os pés, tentando estimular um pouco o corpo gelado e dolorido. Tomas agitou-se e acordou assustado, olhando para ver o que estava acontecendo. Pôs-se em pé desajeitadamente, logo acompanhando Pug a bater os pés e balançar os braços.

— Nunca senti tanto frio na vida — disse, batendo os dentes.

Pug olhou ao redor. Encontravam-se em uma depressão entre enormes afloramentos de rocha granítica ainda despida e cinzenta em alguns pontos, que se erguiam atrás deles até cerca de nove metros, juntando-se no topo a uma saliência. O solo era inclinado, seguindo o caminho da marcha do grupo, e Pug reparou que as árvores não eram tão frondosas.

— Venha comigo — disse a Tomas ao começar a escalar as rochas.

— Maldição! — ouviu-se lá atrás, o que fez com que Pug e Tomas se virassem para ver Gardan se ajoelhando ao lado da silhueta imóvel de um guarda. O sargento olhou para o Duque e disse: — Morreu durante a noite, Vossa Graça. — Sacudindo a cabeça, acrescentou: — Foi atingido e não se queixou.

Pug contou: além dele, Tomas, Kulgan, o Duque e o seu filho, restavam agora doze soldados. Tomas olhou para Pug, que já ia mais acima, e perguntou:

— Aonde vamos?

Pug reparou que o amigo falara em voz baixa. Inclinou a cabeça para baixo e respondeu:

— Vamos ver o que há ali.

Tomas anuiu e os dois prosseguiram a escalada. Os dedos duros protestavam contra a necessidade de agarrarem a rocha dura, mas não tardou para que Pug voltasse a sentir-se quente devido ao esforço. Chegou ao topo e se agarrou à beira da saliência. Içou-se e esperou por Tomas.

Tomas alçou-se à saliência, ofegante, olhou para além de Pug e exclamou:

— Ah, caramba!

Diante deles erguiam-se majestosamente os picos altaneiros das Torres Cinzentas. O sol nascia atrás delas, raiando de cor-de-rosa e dourado o lado norte das montanhas, enquanto o lado ocidental permanecia encoberto por uma penumbra anil. O céu estava límpido, pois a neve não caía mais. Para onde quer que olhassem, a paisagem estava coberta de branco.

Pug acenou para Gardan. O sargento aproximou-se da base das rochas e disse:

— O que é?

Ao que Pug respondeu:

— As Torres Cinzentas! A cerca de oito quilômetros daqui.

Gardan gesticulou para que os garotos voltassem, e eles desceram, deixando-se cair o último metro e aterrissando com um baque. Com o

destino à vista, sentiram-se reanimados. Aproximaram-se do lugar onde Gardan estava reunido com o Duque, Arutha e Kulgan. Borric falava em tom brando e as suas palavras arrastavam-se com nitidez pelo ar fresco da manhã:

— Levem o que resta daquilo que os animais mortos carregavam e dividam a carga entre os homens. Tragam os cavalos que sobraram, mas ninguém deve montá-los. Seja como for, não vale a pena cobrir o rastro dos animais, pois de qualquer forma deixaremos sinais consideráveis.

Gardan bateu continência e começou a circular entre os soldados. Estavam em pares ou isolados, atentos a uma possível perseguição.

— Faz ideia de onde fica a Passagem Sul? — perguntou Borric a Kulgan.

— Tentarei recorrer à minha visão mágica, senhor.

Kulgan concentrou-se e Pug prestou atenção redobrada, pois a visão com o olho da mente era outra das façanhas que lhe escapara nos estudos. Era semelhante ao uso da bola de cristal, mas menos vívida, sendo mais uma impressão do lugar onde algo se encontrava em relação a quem lançava o feitiço. Após alguns minutos de silêncio, Kulgan disse:

— Não sei dizer, meu senhor. Se já tivesse estado lá, talvez conseguisse, mas não me surge qualquer impressão de onde possa estar a passagem.

Borric sacudiu a cabeça.

— Quem me dera que Martin do Arco estivesse aqui. Ele conhece os pontos de referência da área. — Virou-se para leste, como se estivesse vendo as Torres Cinzentas através da saliência que se encontrava no caminho. — Para mim, as montanhas são todas iguais.

— Pai, para o norte? — perguntou Arutha.

Borric esboçou um sorriso diante da lógica do filho.

— Sim. Se a passagem for ao norte, talvez ainda consigamos atravessá-la antes de se tornar intransponível. Uma vez do outro lado das montanhas, o tempo será mais ameno a leste; pelo menos esta é a regra nesta época do ano. Talvez sejamos capazes de marchar até Bordon. Se já estivermos ao norte da passagem, acabaremos por chegar aos anões. Eles

nos darão abrigo e talvez conheçam outro caminho que leve para leste.

— Inspecionou a companhia exausta. — Com três cavalos e neve derretida para bebermos, devemos aguentar mais uma semana. — Olhou em volta, examinando o céu. — Se o tempo permitir.

— Devemos escapar ao mau tempo daqui a dois, talvez três dias. Mais que isso, não consigo prever — disse Kulgan.

Ouviu-se um grito distante ecoando sobre as árvores, vindo das profundezas da floresta abaixo. Imediatamente, todos ficaram petrificados. Borric olhou para Gardan.

— Sargento, a que distância acha que se encontram?

Gardan escutou.

— É difícil dizer, senhor. Um quilômetro e meio, dois, talvez mais. O som é levado de formas estranhas através da floresta, ainda mais com este frio.

Borric acenou com a cabeça.

— Reúna os homens. Partiremos imediatamente.

As pontas dos dedos de Pug sangravam pelas luvas rasgadas. Ao longo do dia, sempre que surgia oportunidade, o Duque levava os homens para caminhar por cima das rochas, impedindo que os batedores da Irmandade da Senda das Trevas os seguissem. De hora em hora, guardas eram enviados para criar rastros falsos sobre os deles, arrastando cobertores tirados dos cavalos mortos, ocultando as pegadas o melhor possível.

Estavam junto à orla de uma clareira, um círculo de rocha despida rodeado de faias e pinheiros dispersos por todos os lados. As árvores tinham ficado cada vez mais escassas enquanto subiam as montanhas, uma vez que escolhiam os terrenos mais íngremes e altos para não correrem o risco de serem seguidos. Avançavam para o norte desde a aurora, seguindo uma crista de colinas escarpadas em direção às Torres Cinzentas, ainda que, para consternação de Pug, não parecesse que estavam mais próximos das montanhas.

O sol estava alto, mas Pug pouco sentia do seu calor com o vento que soprava gelado do topo das Torres Cinzentas. Ouviu a voz de Kulgan a certa distância atrás dele:

— Desde que o vento sopre de nordeste, não nevará, pois a umidade terá caído nos picos. Se o vento mudar e soprar de oeste ou de noroeste, vindo do Mar Interminável, teremos mais neve.

Pug respirava com esforço ao subir as rochas, equilibrando-se na superfície escorregadia.

— Kulgan, ainda por cima temos que ter aulas?

Ouviram-se gargalhadas de vários homens e, por um momento, a tensão deprimente dos últimos dois dias diminuiu. Chegaram a um grande terreno plano, que antecedia outra elevação inclinada, e o Duque ordenou que parassem.

— Acendam uma fogueira e abatam um animal. Vamos aguardar aqui pela retaguarda.

Gardan rapidamente mandou homens catarem lenha nas árvores e entregou dois cavalos a um deles para que os levasse para longe. As montarias, tensas, tinham as patas doloridas, estavam cansadas e mal alimentadas, e, apesar de estarem treinadas, Gardan as queria afastadas do cheiro de sangue.

O cavalo escolhido relinchou, depois ficou subitamente silencioso, e, quando as fogueiras se acenderam, os soldados colocaram espertos por cima das chamas. Logo o aroma de carne assada invadiu o ar. Apesar da aversão antecipada, Pug ficou com água na boca ao sentir aquele cheiro. Não demorou muito para que lhe oferecessem um galho com um grande pedaço de fígado assado, que devorou rapidamente. Ali perto, Tomas também devorava um naco de pernil que chiava.

Quando acabaram de comer, a carne ainda quente que sobrou foi embrulhada em faixas das mantas dos cavalos e dos tabardos rasgados, sendo depois distribuída entre os homens.

Pug e Tomas sentaram-se junto a Kulgan enquanto os homens levantavam acampamento, apagando fogueiras, cobrindo indícios da passagem do grupo e preparando o recomeço da marcha.

Gardan aproximou-se do Duque.

— Meu senhor, a retaguarda está atrasada.

Borric confirmou acenando a cabeça.

— Eu sei. Deviam ter regressado há meia hora. — Perscrutou a encosta até a grande floresta ao longe, envolta em neblina. — Aguardaremos mais cinco minutos antes de partir.

Esperaram em silêncio, mas os guardas não voltaram. Por fim, Gardan deu a ordem:

— Muito bem, rapazes. A caminho.

Os homens enfileiraram-se atrás do Duque e de Kulgan, e os garotos alinharam-se atrás deles. Pug contou: restavam dez soldados.

Passados dois dias, chegaram os ventos sibilantes, lâminas gélidas que rasgavam a carne exposta. Os mantos estavam enrolados em cada uma das figuras que andavam lentamente a passos pesados rumo ao norte, inclinadas na direção do vento. Tinham rasgado trapos nos quais envolveram as botas, em uma tentativa pouco eficaz de evitar queimaduras de frio. Pug tentou em vão manter os cílios sem gelo, mas o rigoroso vento provocava-lhe lágrimas que congelavam depressa, toldando-lhe a visão.

Pug ouviu a voz de Kulgan sobreposta ao vento:

— Senhor, aproxima-se uma tempestade. Temos de encontrar abrigo ou vamos perecer.

O Duque balançou a cabeça e acenou a dois homens mais à frente para que procurassem um abrigo. Os dois partiram, deslocando-se pouco mais depressa do que os outros, ainda que corajosamente dedicassem à tarefa a parca força que lhes restava.

Começaram a chegar nuvens vindas do noroeste e os céus escureceram.

— Quanto tempo temos, Kulgan? — gritou o Duque acima do vento ululante.

O mago agitou a mão por cima da cabeça, enquanto o vento lhe soprava o cabelo e a barba, expondo-lhe a testa larga.

— Uma hora, no máximo.

O Duque voltou a acenar com a cabeça e incitou os homens a prosseguirem.

Um som desconsolado, um relincho, cortou o vento, e um soldado gritou que o último cavalo sucumbia. Borric parou e, rogando pragas, ordenou que fosse abatido o quanto antes. Soldados mataram o animal, cortando nacos quentes de carne que esfriavam na neve onde eram lançados antes de serem embrulhados. Quando terminaram, a carne foi dividida entre os homens.

— Se conseguirmos encontrar abrigo, acenderemos uma fogueira e assaremos a carne — gritou o Duque.

Pug acrescentou para si mesmo que, caso não encontrassem abrigo, a carne de pouco serviria. Retomaram a marcha.

Pouco depois, os dois guardas retornaram com a notícia de que tinham encontrado uma caverna a menos de quatrocentos metros dali. O Duque ordenou que indicassem o caminho.

A neve começou a fustigá-los junto com as rajadas de vento. O céu estava escuro, restringindo a visibilidade a menos de uma centena de metros. Pug sentiu tonturas, tendo de lutar para erguer os pés da neve resistente. Tinha as duas mãos dormentes, o que o levou a pensar se não estariam queimadas pelo frio.

Tomas parecia um pouco melhor por ter a constituição mais forte, ainda que também estivesse exausto demais para falar. Ele se limitou a arrastar-se ao lado do amigo.

De repente, Pug viu-se deitado de barriga para baixo na neve, sentindo-se surpreendentemente quente e sonolento. Tomas ajoelhou-se ao lado do aprendiz de mago caído. Sacudiu Pug e o garoto quase inconsciente gemeu.

— Levante-se! — gritou Tomas. — Já não falta muito.

Pug ergueu-se com extrema dificuldade, auxiliado por Tomas e por um dos soldados. Uma vez em pé, Tomas fez sinal ao soldado indicando que era capaz de tomar conta do amigo. O soldado concordou, mas ficou por perto. Tomas desatou uma das muitas faixas de mantas que o

aqueciam, atou uma das pontas à cintura de Pug e prosseguiu, às vezes guiando, outras puxando o garoto mais baixo.

Os garotos seguiram o guarda que os havia ajudado e contornaram um afloramento de rochas, que se encontrava à entrada de uma caverna. Cambalearam alguns passos na escuridão protetora e deixaram-se cair no chão de pedra. Contrastando com o vento gélido lá fora, a caverna parecia-lhes quente. Sucumbiram à exaustão e adormeceram.

Pug acordou com o cheiro da carne de cavalo sendo cozinhada. Ergueu-se e viu que estava escuro lá fora, do outro lado da fogueira. Ali perto estavam empilhados galhos e lenha, e homens mantinham o fogo aceso cuidadosamente. Outros estavam parados, assando pedaços de carne. Pug dobrou os dedos, percebendo que estavam muito doloridos, mas ao tirar as luvas esfarrapadas não viu sinais de queimaduras. Cutucou Tomas para acordá-lo e o outro garoto apoiou-se nos cotovelos, piscando diante da luz do fogo.

Gardan estava do outro lado da fogueira, falando com um guarda. O Duque estava sentado a curta distância dos dois, conversando calmamente com o filho e Kulgan. Do outro lado de Gardan e do guarda, Pug via somente escuridão. Não conseguia recordar-se em que momento do dia tinham encontrado a caverna, mas ele e Tomas deviam ter dormido horas seguidas.

Kulgan os viu se mexendo e aproximou-se.

— Como se sentem? — perguntou, com uma expressão preocupada. Os garotos indicaram que estavam bem, levando em conta as circunstâncias. Pug e Tomas descalçaram as botas seguindo ordens de Kulgan, que ficou satisfeito em informá-los que não tinham sofrido queimaduras de frio, embora um dos soldados não tivesse tido tanta sorte.

— Dormimos quanto tempo? — perguntou Pug.

— A última noite inteira e hoje o dia todo — disse o mago, suspirando.

Nesse instante, Pug reparou que muita coisa tinha sido feita. Além de o mato ter sido cortado, ele e Tomas tinham sido agasalhados com alguns cobertores. Dois coelhos apanhados em uma armadilha estavam pendurados junto à entrada da caverna e uma fila de odres que haviam sido enchidos há pouco estava amontoada junto à fogueira.

— Vocês podiam ter nos acordado — disse Pug, transparecendo uma nota de preocupação na voz.

Kulgan sacudiu a cabeça.

— O Duque não teria saído daqui sem que o temporal passasse, e isso só aconteceu há poucas horas. Seja como for, você e Tomas não eram os únicos cansados. Duvido que o robusto sargento ali conseguisse andar mais do que alguns quilômetros só com uma noite de descanso. Amanhã, o Duque avaliará a situação. Creio que iremos partir, caso o tempo se mantenha assim.

Kulgan levantou-se, indicando com um gesto que os garotos deveriam voltar a dormir, caso conseguissem, e juntou-se ao Duque. Pug ficou surpreso por estar novamente cansado, uma vez que dormira o dia todo, embora quisesse encher a barriga antes de voltar a adormecer. Tomas acenou com a cabeça, confirmando a pergunta não formulada, e os dois correram até a fogueira. Um dos soldados, que estava ocupado assando carne, ofereceu-lhes pedaços quentes.

Os garotos comeram vorazmente e, quando acabaram, sentaram-se encostados em uma parede da enorme caverna. Pug começou a conversar com Tomas, mas se distraiu quando avistou o guarda na entrada da caverna. Enquanto ele falava com o Sargento Gardan, um olhar esquisito atravessou o rosto do homem e seus joelhos cederam. Gardan o agarrou, deitando-o no chão. Os olhos do enorme sargento arregalaram-se ao ver a flecha que saía do flanco do homem.

O tempo ficou suspenso por um instante, até que Gardan gritou:

— Ataque!

Ouviu-se um clamor do lado de fora da boca da caverna e uma criatura saltou para a luz, transpondo um arbusto baixo e em seguida saltando a fogueira, derrubando o soldado que assava a carne. Caiu em

pé, a curta distância dos garotos, e girou para enfrentar aqueles que deixara para trás. Vestia um manto e calças de peles de animais. Em um braço segurava um broquel marcado pelas batalhas e, com o outro, erguia uma espada.

Pug ficou imóvel enquanto a criatura contemplava a comitiva na caverna, um rosnado nos lábios inumanos, os olhos brilhantes devido às chamas refletidas pela fogueira e as presas visíveis. O treino de Tomas impôs-se e a espada, que não tinha largado durante a longa marcha, saiu de imediato da bainha. Com alarde, a criatura baixou o braço visando Pug, que rolou de lado, evitando o golpe. A lâmina ressoou ao acertar o chão e Tomas investiu inesperadamente, acertando-a abaixo do peito com certa falta de jeito. Ela caiu de joelhos e gorgolejou quando o sangue lhe inundou os pulmões, tombando para a frente.

Outros atacantes já saltavam para a caverna, sendo rapidamente enfrentados pelos homens de Crydee. Ouviam-se pragas e imprecações, e o choque das espadas ecoava nos limitados confins da caverna. Guardas e atacantes defrontavam-se cara a cara, impossibilitados de deslocarem-se mais do que poucos metros. Vários homens do Duque largaram as espadas e tiraram dos cintos adagas, mais adequadas à luta corpo a corpo.

Pug agarrou a espada e procurou um atacante, mas não encontrou nenhum. À luz vacilante da fogueira, conseguia ver que os agressores estavam em menor número do que os guardas que restavam e, como dois ou três homens de Crydee lidavam com um atacante, venciam-no depressa e o matavam.

De repente, a caverna ficou em silêncio, à exceção da respiração ofegante dos soldados. Pug viu um único homem caído, aquele a quem tinham acertado com a flecha. Alguns apresentavam ferimentos leves. Kulgan corria entre os homens examinando seus ferimentos e disse ao Duque:

— Senhor, não há mais ferimentos graves.

Pug olhou para as criaturas mortas. Jaziam seis no chão da caverna. Eram menores do que os homens, mas a diferença não era muita. Acima

da junção das sobrancelhas grossas, as testas inclinadas eram coroadas por um espesso cabelo preto. As peles de coloração azul-esverdeada eram lisas, à exceção de um deles, que tinha o rosto coberto por uma espécie de barba adolescente. Seus olhos, que tinham permanecido abertos ao morrer, eram enormes e arredondados, com íris pretas no meio do amarelo. Todos pareciam ainda rosnar com os rostos medonhos, mostrando dentes compridos, não muito diferentes de presas.

Pug dirigiu-se a Gardan, que perscrutava a escuridão à procura de sinais de mais criaturas.

— O que são, Sargento?

— Goblins, Pug. Embora eu não saiba o que fazem tão longe da sua região.

— Somente meia dúzia, Gardan — disse o Duque juntando-se a eles.

— Nunca ouvi falar de goblins atacando homens armados, a menos que estivessem em vantagem. Foi um autêntico suicídio.

— Senhor, venha ver — chamou Kulgan, ao ajoelhar-se ao lado de um corpo. Afastara o imundo casaco de peles que a criatura tinha vestido e indicava uma comprida ferida irregular, mal protegida por bandagens, no peito. — Não fomos nós. Foi ferido há dois, três dias, e não estava cicatrizando bem.

Os guardas inspecionaram os outros corpos e conferiram que outros três apresentavam ferimentos recentes que não tinham sido causados durante aquela luta. Um deles tinha um braço quebrado e lutara sem escudo.

— Senhor, eles não têm armadura — disse Gardan. — Somente as armas que empunhavam. — Apontou para um goblin morto com um arco às costas e uma aljava vazia presa ao cinto. — Só tinham a flecha com que feriram Daniel.

Arutha contemplou a carnificina.

— Foi uma loucura. Uma loucura desesperada.

— Sim, Vossa Alteza. Loucura — disse Kulgan. — Estavam cansados da batalha anterior, enregelados e esfomeados. O cheiro da comida deve

tê-los enlouquecido. Pelo aspecto, parece que não comiam há algum tempo. Preferiram arriscar tudo em um último e desvairado ataque em vez de nos verem comer enquanto morriam de frio.

Borric voltou a contemplar os goblins e ordenou que os homens levassem os corpos para fora da caverna. Sem dirigir-se a ninguém em particular, perguntou:

- Mas com quem estiveram lutando?
- Com a Irmandade? — interveio Pug.

Borric sacudiu a cabeça.

— São criaturas da Irmandade e, quando não se aliam contra nós, não se envolvem. Não, foram outros.

Tomas olhou ao redor e juntou-se ao grupo que estava na entrada. Não se sentia tão à vontade com o Duque quanto Pug, mas acabou perguntando:

- Senhor, os anões?

Borric anuiu.

— Caso tenha havido um ataque a uma aldeia de goblins aqui perto, isso explicaria por que estavam sem armaduras nem provisões. Teriam agarrado as armas à mão e lutado para libertarem-se, fugindo assim que puderam. Sim, talvez tenham sido os anões.

Os guardas que tinham levado os corpos para a neve correram de volta à caverna.

— Vossa Graça — disse um deles —, ouvimos movimento entre as árvores.

Borric virou-se para os outros.

- A postos!

Todos os homens na caverna empunharam suas armas imediatamente. Não demorou para que todos ouvissem passos que avançavam pela neve gelada. O som foi aumentando enquanto esperavam, aproximando-se cada vez mais. Pug aguardava nervoso, segurando a espada e lutando contra uma sensação fervilhante nas entranhas.

De repente, o som de passadas deixou de ser ouvido quando aqueles que se encontravam fora da caverna pararam. Ouviu-se depois o som de um único par de botas se aproximando. Da escuridão surgiu uma silhueta que se dirigia à caverna. Pug esticou o pescoço para ver além dos soldados e o Duque disse:

— Quem chega esta noite?

Uma figura baixa, que não tinha mais do que um metro e meio de altura, afastou o capuz do manto, revelando um elmo de metal sobre uma cabeleira castanha espessa. Dois olhos verdes e cintilantes refletiam a luz da fogueira. Sobrancelhas carregadas e arruivadas uniam-se acima de um enorme nariz adunco. A figura ficou olhando para o grupo até que gesticulou para trás. Mais silhuetas saíram da escuridão e Pug abriu caminho para vê-las melhor, com Tomas ao seu lado. Na retaguarda conseguiam ver várias mulas junto aos recém-chegados.

O Duque e os soldados ficaram nitidamente descontraídos, e Tomas disse:

— São anões!

Vários guardas riram, tal como o anão mais próximo. Fitou Tomas com um olhar sarcástico, dizendo:

— Estava esperando o quê, garoto? Que uma bela dríade viesse buscá-lo?

O anão da frente avançou até a fogueira. Parou diante do Duque e disse:

— Pelo seu tabardo, vejo que são homens de Crydee.

Bateu com a mão no peito e disse com formalidade:

— Chamo-me Dolgan, chefe da aldeia Caldara e comandante militar do povo anão das Torres Cinzentas. — Tirando um cachimbo do manto, sob uma barba comprida que caía abaixo da cintura, encheu-o enquanto observava os homens que se encontravam na caverna. Depois, em linguagem menos formal, prosseguiu:

— Agora, em nome dos deuses, o que traz um grupo tão maltratado de gente grande a este lugar frio e distante?

Mac Mordain Cadal

Os anões ficaram de sentinela. Pug e os demais homens de Crydee sentaram-se ao redor da fogueira enquanto comiam com voracidade a carne preparada pelos anões de Dolgan. Um caldeirão de ensopado borbulhava junto do fogo. Pães quentes de frutas secas, de crosta grossa aberta para revelar a doce massa coberta de mel, eram devorados depressa. Peixes defumados, vindos da carga que os animais dos anões carregavam, proporcionaram uma mudança bem recebida da dieta de carne de cavalo dos últimos dias.

Sentado ao lado de Tomas, que comia a terceira porção de pão e ensopado com vontade, Pug observou os anões trabalharem com eficiência no acampamento. A maior parte deles estava fora da entrada da caverna, pois pareciam menos afetados pelo frio do que os humanos. Dois tratavam do homem ferido, que sobreviveria, enquanto outros dois serviam a refeição aos homens do Duque e outro ainda enchia canecas de cerveja de um enorme odre cheio de líquido castanho e borbulhante.

Quarenta anões acompanhavam Dolgan. O chefe dos anões era flanqueado pelos filhos, Weylin, o mais velho, e Udell. Ambos eram extremamente parecidos com o pai, embora Udell fosse mais moreno e tivesse cabelo preto, e não ruivo-acastanhado. Ambos pareciam mais

calados se comparados ao pai, que gesticulava de modo expansivo com um cachimbo em uma mão e uma caneca de cerveja na outra enquanto conversava com o Duque.

Os anões andavam em uma espécie de patrulha ao longo da orla da floresta, embora Pug tivesse ficado com a impressão de que uma patrulha àquela distância das aldeias onde habitavam não seria comum. Deram com o rastro dos goblins, que tinham atacado poucos minutos antes, e os seguiram de perto, caso contrário não teriam encontrado o séquito do Duque, pois o temporal noturno extinguira todos os rastros de sua passagem.

— Recordo-me de você, Lorde Borric — disse Dolgan, bebericando a cerveja —, ainda que fosse praticamente um bebê da última vez que estive em Crydee. Jantei com o seu pai. Ele serviu uma farta refeição.

— E no caso de algum dia regressar a Crydee, Dolgan, espero que a refeição que eu ofereça seja também do seu agrado.

Tinham falado sobre a missão do Duque e Dolgan permanecera quase sempre calado durante a preparação da refeição, perdido nos seus pensamentos. De repente, olhou para o cachimbo, que se apagara. Suspirou com ar desolado, guardando-o, até reparar que Kulgan pegara o seu próprio cachimbo e que produzia apreciáveis baforadas. Animando-se visivelmente, disse:

— Teria consigo o necessário para mais um cachimbo, Mestre Mago?
— Falou com a entonação gutural e grave dos anões quando se expressavam no idioma do Rei.

Kulgan pegou a bolsa de tabaco e passou-a para o anão.

— Felizmente — disse Kulgan —, o cachimbo e a bolsa são dois artigos que tenho sempre comigo. Consigo suportar a perda dos meus outros pertences, ainda que a perda dos meus dois livros possa me atormentar profundamente, mas é impensável passar por qualquer circunstância sem o consolo do meu cachimbo.

— Sim — concordou o anão enquanto acendia o seu —, tem toda a razão. Fora a cerveja de outono, e a companhia da minha adorável esposa ou uma boa peleja, é claro, poucas coisas se compararam ao

cachimbo em termos de puro prazer. — Deu uma grande tragada e expeliu uma baforada para acentuar o que havia acabado de dizer. Uma expressão pensativa passou-lhe pelo rosto rude e disse:

— Agora, falemos das novidades que trazem. São notícias estranhas, mas justificam alguns mistérios com os quais temos nos confrontado já há algum tempo.

— Que mistérios? — perguntou Borric.

Dolgan apontou para fora da caverna.

— Como dissemos, tivemos de patrulhar a área por estas redondezas, o que é novidade, pois no passado as terras ao longo das fronteiras das nossas minas e fazendas não tiveram problemas. — Sorriu. — Vez ou outra, uma quadrilha de bandidos muito corajosos de moredhel, os Irmãos das Trevas, como vocês os chamam, ou uma tribo de goblins mais estúpida do que o normal, tendia a nos incomodar durante algum tempo. Mas geralmente a paz impõe. Nos últimos tempos, porém, as coisas têm ficado feias. Há cerca de um mês, ou pouco mais, começamos a perceber grandes movimentações dos moredhel e goblins que saíam de seus povoados, ao norte dos nossos. Enviamos batedores para averiguarem. Encontraram todos os povoados completamente abandonados. Alguns haviam sido pilhados, mas outros estavam apenas vazios, sem sinal de conflitos.

“Não é preciso dizer que o desalojamento desses miseráveis provocou um aumento de problemas para nós. Nossos povoados encontram-se nos prados e nos planaltos mais elevados, de modo que não se atrevem a nos atacar; no entanto, quando passam por perto, atacam os nossos rebanhos nos vales mais baixos, e é por isso que agora patrulhamos as encostas. Com o inverno chegando, os rebanhos estão nos prados mais baixos e temos de nos manter alertas.

“O mais provável é que os seus mensageiros não tenham conseguido alcançar as nossas cidades devido ao grande número de moredhel e goblins que fugiram das montanhas para os prados. Agora, pelo menos, temos uma ideia do que está causando essa migração.”

O Duque confirmou:

— Os tsurani.

Dolgan ficou pensativo por alguns momentos, enquanto Arutha dizia:

— Então se encontram lá em grande número.

Borric olhou para o filho com um ar de curiosidade, ao mesmo tempo que Dolgan ria entre dentes, dizendo:

— Tem aqui um garoto esperto, Lorde Borric. — Fez um aceno pensativo com a cabeça e prosseguiu: — Sim, Príncipe. Encontram-se lá e em grande número. Apesar dos outros graves defeitos, os moredhel são notáveis na arte da guerra. — Voltou a ficar calado, perdido em pensamentos por um minuto. Por fim, batendo o cachimbo para retirar o tabaco que restara, acrescentou: — Não é à toa que os anões são tidos como o mais exímio povo guerreiro do Oeste, mas somos poucos para nos livrarmos dos nossos vizinhos mais incômodos. Expulsar hóspedes como os que têm passado por aqui exigiria uma grande força de homens bem armados e providos de mantimentos.

— Daria tudo para saber como chegaram a estas montanhas — disse Kulgan.

— Eu preferia saber quantos são — retrucou o Duque.

Dolgan voltou a encher o cachimbo e, depois de acendê-lo, fitou a fogueira pensativamente. Weylin e Udell acenaram a cabeça um para o outro e Weylin disse:

— Lorde Borric, podem ser uns cinco mil.

Antes que o alarmado Duque conseguisse reagir, Dolgan despertou dos seus devaneios. Rogando pragas, disse:

— Mais perto de dez mil! — Virou-se e olhou para o Duque, cuja expressão mostrava nitidamente que ele não compreendia o que estava sendo dito.

Dolgan acrescentou:

— Pensamos em todas as razões possíveis para essa migração, com exceção de uma invasão. Uma peste, lutas internas entre bandos, pragas nas colheitas que pudessem ter levado à escassez de alimentos, mas um exército invasor de seres de outro mundo não era uma delas...

“Considerando a quantidade de aldeias vazias, estimamos que alguns milhares de goblins e de moredhel tenham descido até o Coração Verde. Alguns desses povoados possuem apenas um punhado de cabanas que os meus dois garotos poderiam dominar sozinhos. Já outros são fortes, no topo de colinas, rodeados de muralhas, com guarnições militares de cem, duzentos guerreiros. Eles acabaram com uma dúzia delas em pouco mais de um mês. Em sua opinião, de quantos homens você precisaria para realizar este feito, Lorde Borric?”

Pela primeira vez desde que se podia lembrar, Pug viu o medo claramente marcado no rosto do Duque. Borric inclinou-se para a frente, o braço pousado no joelho, enquanto dizia:

— Tenho mil e quinhentos homens em Crydee, contando os que se encontram nas guarnições ao longo da fronteira. Posso recorrer a mais oitocentos ou mil de cada uma das guarnições de Carse e Tulan, embora ficassem completamente vazias. O recrutamento de soldados nas aldeias e burgos somaria mil, no máximo, e grande parte deles seria de veteranos idosos do cerco de Carse ou jovens sem qualificações.

Arutha tinha um ar tão sombrio quanto o pai ao completar:

— Quatro mil e quinhentos, no máximo, um terço sem experiência, contra um exército de dez mil.

Udell olhou para o pai e, em seguida, para Lorde Borric:

— O meu pai não se gaba das nossas capacidades nem das capacidades dos moredhel, Vossa Graça. Sejam cinco ou dez mil, certamente são guerreiros duros e experientes para terem expulsado os inimigos de nosso sangue com tal rapidez.

— Assim sendo — disse Dolgan —, acredito que será melhor enviar uma mensagem ao seu primogênito e aos seus barões vassalos, dizendo-lhes que permaneçam protegidos atrás das muralhas de seus castelos, e que o Duque se apresse para chegar a Krondor. Precisaremos de todos os Exércitos do Oeste para enfrentar esses recém-chegados na próxima primavera.

— É assim tão grave? — perguntou Tomas inadvertidamente. No mesmo instante ficou com um ar embarulado por ter interrompido o

conselho. — Perdão, senhor.

Borric desconsiderou o pedido de desculpas com um aceno de mão.

— Podemos estar tecendo muitos fios de medo em uma tapeçaria maior do que a real, mas um bom soldado se prepara para o pior, Tomas. Dolgan tem razão. Tenho de assegurar a ajuda do Príncipe. — Olhou para Dolgan. — Mas, para convocar os exércitos, preciso alcançar Krondor.

— A Passagem Sul está inacessível e os seus mestres de navios têm demasiado bom senso para se arriscarem pelos Estreitos das Trevas no inverno — explicou Dolgan. — Porém, existe outro caminho, ainda que seja árduo. Existem minas ao longo destas montanhas, túneis antiquíssimos debaixo das Torres Cinzentas. Muitos deles foram escavados pelo meu povo em busca de ferro e ouro. Outros são naturais, formados com a criação das montanhas. Outros ainda já existiam quando o meu povo chegou a elas, escavados só os deuses sabem por quem. Há uma mina que atravessa a montanha, saindo do outro lado da cordilheira, apenas a um dia de marcha da estrada para Bordon. A travessia demorará dois dias e não será desprovida de perigos.

Os irmãos anões olharam para o pai e Weylin disse:

— Meu pai, seria Mac Mordain Cadal?

Dolgan confirmou.

— Sim, a mina abandonada do meu avô e do pai dele. — Dirigiu-se ao Duque. — Escavamos muitos quilômetros de túneis sob a montanha e alguns deles ligam-se às passagens antigas de que lhes falei. Existem lendas sinistras e estranhas sobre Mac Mordain Cadal. Não foram poucos os anões que se aventuraram nas profundezas das minas antigas, procurando riquezas lendárias, e a maior parte regressou. Mas alguns desapareceram. Tendo seguido um caminho, um anão nunca se perde na volta, de modo que não se perderam em suas buscas. Algo lhes aconteceu. Estou lhes contando isso para que não haja qualquer equívoco, mas se nos mantivermos nas passagens escavadas pelos meus antepassados, o risco deverá ser menor.

— Se “nos” mantivermos nelas, amigo anão? — questionou o Duque.

Dolgan sorriu abertamente.

— Se eu apenas lhes indicasse o caminho, ficariam irremediavelmente perdidos em menos de uma hora. Não gostaria nada de ter de viajar a Rillanon e explicar ao seu Rei como consegui perder um de seus melhores Duques. Irei guiá-los de bom grado, Lorde Borric, por um pequeno custo. — Piscou o olho para Pug e Tomas ao proferir as últimas palavras: — Digamos, uma bolsa de tabaco e um belo jantar em Crydee.

O estado de espírito do Duque melhorou um pouco. Sorrindo, disse:

— Combinado, com os nossos agradecimentos, Dolgan.

O anão virou-se para os filhos:

— Udell, leve meia companhia e uma das mulas, assim como os homens do Duque doentes ou feridos e que não estejam em condições de prosseguir. Rume para o Castelo de Crydee. Há um tinteiro de chifre e uma pena, embrulhados em pergaminho, em algum lugar na nossa carga; encontre-os e traga-os para que o nosso Duque possa instruir os seus homens. Weylin, leve os outros da nossa raça de volta a Caldara, e depois avise as outras aldeias antes que cheguem as tempestades de neve. No início da primavera, os anões das Torres Cinzentas entram em guerra.

Dolgan olhou para Borric:

— Jamais alguém conquistou as nossas povoações das terras altas, desde os tempos imemoriais do povo anão. Mas seria exasperante se alguém tentasse. Os anões permanecerão ao lado do Reino, Vossa Senhoria. Há muito são nossos amigos, negociando honestamente e providenciando ajuda quando a solicitamos. E jamais fugimos de uma batalha quando somos chamados.

— E quanto à Montanha de Pedra? — perguntou Arutha.

Dolgan riu.

— Agradeço, Vossa Alteza, por ter-me refrescado a memória. O velho Harthorn e os seus clãs ficariam extremamente incomodados se surgisse uma boa luta e não fossem convidados. Enviarei também mensageiros à Montanha de Pedra.

Pug e Tomas ficaram vendo o Duque redigir mensagens a Lyam e Fannon, até que os estômagos cheios e a fadiga começaram a embalá-los, apesar do longo sono. Os anões emprestaram-lhes capas grossas, com as quais eles envolveram ramos de pinheiros, transformando-as em colchões confortáveis. Às vezes, durante a noite, Pug virava-se, despertando do sono profundo, e ouvia vozes conversando em voz baixa. Mais de uma vez ouviu o nome Mac Mordain Cadal.

Dolgan conduziu o séquito do Duque pelos sopés rochosos das Torres Cinzentas. Tinham saído ao primeiro raio de sol, tendo os filhos do chefe de clã dos anões partido rumo aos seus destinos com os seus homens. Dolgan avançava à frente do Duque e do filho, seguido pelo ofegante Kulgan e pelos garotos. Cinco soldados de Crydee, aqueles que ainda conseguiam andar, seguiam na retaguarda puxando duas mulas, sob supervisão do Sargento Gardan. Caminhando atrás do mago com dificuldade, Pug disse:

— Kulgan, peça uma pausa. Você está esgotado.

— Não, garoto, ficarei bem — retrorquivou o mago. — Assim que estivermos nas minas, o ritmo abrandará, e não deve faltar muito.

Tomas olhou para a atarracada figura de Dolgan marchando à frente do grupo, dando grandes passadas com as pernas curtas e mantendo um ritmo vigoroso.

— Ele nunca se cansa?

Kulgan sacudiu a cabeça.

— O povo anão é famoso pela grande resistência. Na Batalha do Castelo de Carse, quando a fortificação estava quase para ser tomada pela Irmandade da Senda das Trevas, os anões da Montanha de Pedra e das Torres Cinzentas já estavam a caminho para auxiliarem os sitiados. Um mensageiro chegou com a notícia da queda iminente do castelo e os anões correram um dia e uma noite e mais meio dia para atacarem a Irmandade pela retaguarda, sem a mínima redução das suas capacidades

combativas. A Irmandade foi destroçada e nunca mais voltou a se organizar sob as ordens de um único líder. — Arquejou ligeiramente. — Dolgan não estava se vangloriando quando avaliou a ajuda vinda dos anões, pois são indubitavelmente os mais exímios guerreiros do Oeste. Ainda que estejam em menor número se comparados aos homens, somente os montanheses Hadati são comparáveis a eles como guerreiros das montanhas.

Pug e Tomas olharam para o anão que avançava a passos largos com um renovado respeito. Embora o ritmo fosse apressado, a refeição da noite anterior e a daquela manhã tinham revigorado as energias enfraquecidas dos garotos, que não precisavam se esforçar para conseguir acompanhar os outros.

Chegaram à entrada da mina, coberta de arbustos. Os soldados limparam o caminho, que revelou um túnel largo e baixo. Dolgan virou-se para a companhia:

— Talvez tenham de se abaixar um pouco em alguns trechos, mas muitas mulas foram levadas por aqui por mineiros anões. O espaço deve ser amplo.

Pug sorriu. Os anões revelaram-se mais altos do que as histórias o tinham levado a crer, tendo em média de um metro e quarenta a um metro e cinquenta de altura. Tirando as pernas curtas e os ombros largos, eram muito parecidos com as outras pessoas. O Duque e Gardan caberiam apertados no túnel, mas Pug era somente alguns centímetros mais alto do que o anão e não teria problemas.

Gardan deu ordens para que se acendessem tochas, e, quando o grupo estava pronto, Dolgan os levou para o interior da mina. Quando entraram na escuridão do túnel, o anão advertiu:

— Mantenham-se atentos, pois só os deuses sabem o que vive nestes túneis. Não deveremos ser incomodados, mas é melhor avançarmos com cautela.

Pug entrou e, quando a escuridão o envolveu, olhou por cima do ombro. Viu a silhueta de Gardan contra a luz que ficava para trás. Por um breve instante, lembrou-se de Carline e Roland, logo se perguntando

como ela poderia parecer distante tão depressa ou como era indiferente às atenções que o seu rival dedicava à Princesa. Sacudiu a cabeça, voltando o olhar para o túnel sombrio mais à frente.

Os túneis eram úmidos. De vez em quando, passavam por um que se bifurcava para um lado ou para outro. Pug olhava para cada um ao passar, mas rapidamente eram engolidos pela escuridão. As tochas lançavam sombras bruxuleantes que dançavam nas paredes, expandindo-se e contraindo-se à aproximação ou afastamento de cada elemento ou quando o teto subia ou descia. Em vários pontos tiveram de baixar as cabeças das mulas, mas durante a maior parte da passagem havia espaço.

Pug ouviu Tomas, que caminhava à sua frente, resmungar:

— Não gostaria de sair do caminho aqui. Já perdi todo o sentido de direção. — Pug não respondeu, pois as minas lhe transmitiam uma sensação opressiva.

Passado algum tempo, chegaram a uma enorme caverna de onde saíam vários túneis. A coluna parou e o Duque ordenou que montassem guarda. As tochas foram presas às rochas e deram água às mulas. Pug e Tomas ficaram com o último posto de vigia, e Pug pensou uma centena de vezes que via silhuetas se deslocando além do brilho da fogueira. Pouco depois, soldados vieram substituí-los e os garotos juntaram-se aos outros, que estavam comendo. Deram-lhes carne seca e biscoitos.

— Que lugar é este? — perguntou Tomas a Dolgan.

O anão deu uma baforada no cachimbo.

— É uma gruta da glória, rapazinho. Quando o meu povo explorou esta área, talhamos muitos lugares como este. Quando grandes veios de ferro, ouro, prata e outros metais se uniam, muitos túneis eram ligados. À medida que os metais eram extraídos, formavam-se estas cavernas. Aqui embaixo há outras naturais, de igual dimensão, mas de aspecto diferente. Possuem grandes espinhos de rocha que se erguem do chão e outros pendurados no teto, ao contrário desta. Verá quando passarmos por uma.

Tomas olhou para cima.

— Que altura tem?

Dolgan também olhou para cima.

— Não sei dizer ao certo. Talvez trinta metros, quem sabe o dobro ou o triplo. Estas montanhas ainda são ricas em metais, mas quando o avô do meu avô começou a explorá-las, o metal era tão abundante que não conseguíramos nem imaginar. Existem centenas de túneis em todas essas montanhas, com muitos níveis para cima e para baixo. Além daquele túnel — indicou um ao nível do chão —, encontra-se um outro que se une a outro e ainda a outro. Seguindo por ele, você vai dar em Mac Bronin Alroth, outra mina abandonada. Passando por ela, você poderia chegar até Mac Owyn Dur, onde vários membros do meu povo perguntariam como você conseguiu entrar na mina de ouro deles. — Riu. — Embora duvide que você conseguisse encontrar o caminho, a menos que tivesse nascido anão.

Deu uma baforada no cachimbo e os outros guardas chegaram para comer.

— Bem, é melhor irmos andando — disse Dolgan.

Tomas pareceu surpreso.

— Achei que passaríamos a noite aqui.

— O sol ainda vai alto no céu, rapazinho. Ainda temos metade do dia antes de dormirmos.

— Mas eu pensei...

— Eu sei. Aqui embaixo é fácil perder a noção de tempo, a não ser que se tenha jeito para a coisa.

Juntaram o equipamento e partiram novamente. Depois de mais uma caminhada, entraram em uma série de passagens tortuosas e cheias de curvas que pareciam se inclinar. Dolgan explicou que a entrada do lado leste das montanhas ficava várias dezenas de metros abaixo da entrada oeste e que passariam grande parte da jornada descendo pelos túneis.

Mais tarde, passaram por algumas outras grutas, menores do que a primeira, mas, ainda assim, impressionantes devido ao número de túneis que delas saíam. Dolgan escolheu um deles sem hesitar.

Logo ouviram o som de água vindo da frente. Por cima do ombro, Dolgan disse:

— Estão prestes a ver o que nenhum homem vivo e poucos anões presenciaram.

Enquanto avançavam, o som de água corrente tornou-se mais alto. Entraram em outra caverna, esta natural e várias vezes maior do que a primeira. O túnel por onde tinham vindo tornou-se uma plataforma de seis metros de largura, que seguia ao longo do lado direito da caverna. Todos olharam pela beirada e nada viram além de uma escuridão que se estendia até se perder de vista.

O caminho contornava uma curva na parede, e, quando a passaram, foram saudados por uma visão que causou uma exclamação em uníssono. Do outro lado da caverna, uma magnífica cachoeira caía sobre um enorme afloramento de rochas. Jorrava na caverna a cem metros acima do local onde se encontravam, caindo ruidosamente na superfície de pedra da parede oposta e desaparecendo na escuridão abaixo. Enchia a caverna de reverberações que tornavam impossível ouvir a água chegar ao fundo, confundindo qualquer tentativa de avaliar a altura da catarata. Ao longo da cascata, dançavam cores luminosas, resplandecendo a partir de uma luz interior. Vermelhos, dourados, verdes, azuis e amarelos brincavam entre a espuma branca, caindo ao longo da parede, brilhando em breves centelhas de luminosidade intensa nos pontos em que a água colidia com a parede, pintando um quadro feérico na escuridão.

— Antigamente, o rio Wynn-Ula corria das Torres Cinzentas ao Mar Amargo — gritou Dolgan acima do barulho. — Um grande terremoto abriu uma fenda debaixo do rio, que agora cai em um enorme lago subterrâneo. Como corre através das rochas, arrasta os minerais que lhe conferem essas cores cintilantes. — Ficaram em silêncio por alguns instantes, maravilhados pela visão das quedas-d'água de Mac Mordain Cadal.

O Duque gesticulou para que retomassem a marcha e avançaram. Além do espetáculo da catarata, tinham sido refrescados pelo borrifo e pelo vento fresco, pois as cavernas eram úmidas e tinham cheiro de

mofo. Seguiram em frente, cada vez mais embrenhados nas minas, atravessando incontáveis túneis e passagens. Algum tempo depois, Gardan quis saber como estavam os garotos. Pug e Tomas responderam que estavam bem, apesar de cansados.

Mais tarde, chegaram a outra caverna e Dolgan informou que estava na hora de pararem para pernoitar. Acenderam mais tochas e o Duque disse:

— Espero que sejam suficientes para a viagem. Queimam depressa.

— Dê-me alguns de seus homens para recolher madeira velha para uma fogueira — disse Dolgan. — Há muita espalhada por aí se soubermos onde encontrá-la sem que o teto desabe nas nossas cabeças.

Gardan e mais dois homens seguiram o anão por um túnel lateral enquanto os outros descarregavam as mulas e as prendiam a estacas. Foi-lhes dada água dos odres e uma pequena porção de cereais que servia para quando não era possível deixá-las pastar.

Borric sentou-se ao lado de Kulgan.

— Nas últimas horas, tenho tido um mau pressentimento. É minha imaginação ou este lugar é agourento?

Kulgan assentiu enquanto Arutha se juntava a eles.

— Também senti alguma coisa, mas vai e vem. Não é nada que eu possa identificar.

Arutha agachou-se e usou a adaga para desenhar livremente na terra.

— Este lugar daria acessos de sobressaltos a qualquer um. Talvez todos nós sintamos o mesmo pavor, pois os homens não pertencem a este lugar.

— Espero que seja só isso — disse o Duque. — Este seria um lugar inadequado para lutar — fez uma pausa — ou para fugir. — Os garotos estavam de vigia, mas conseguiam ouvir a conversa, tal como os outros homens, pois mais ninguém falava na caverna e o som era conduzido com perfeição. Pug disse em voz baixa:

— Também ficarei contente quando sairmos desta mina.

Tomas sorriu à luz da tocha, em uma expressão mordaz e maldosa.

— Tem medo do escuro, garotinho?

Pug bufou.

— Não mais do que você, se tivesse coragem de admitir. Acha que conseguiria encontrar a saída?

O sorriso de Tomas desapareceu. A conversa foi interrompida pelo retorno de Dolgan e daqueles que o acompanhavam. Traziam um bom estoque de madeira partida, outrora usada para escorar as passagens. Uma fogueira foi acesa prontamente com a madeira velha e seca, e a caverna ficou bem iluminada.

Os garotos foram liberados da vigília e foram comer. Assim que terminaram a refeição, estenderam seus mantos. Pug achou o chão duro de terra desconfortável, mas estava tão cansado que o sono não demorou a tomar conta dele.

Com as mulas, desceram cada vez mais nas profundezas das minas, ouvindo o som dos cascos dos animais batendo na pedra e ecoando pelos túneis escuros. Tinham caminhado o dia todo, descansando apenas para comer no meio do dia. Aproximavam-se agora da caverna onde Dolgan havia dito que passariam a segunda noite. Pug sentiu algo estranho, como se acabasse de se recordar de um arrepião de frio. Já sentira esse arrepião várias vezes ao longo da última hora, o que o deixou preocupado. Cada vez que isso acontecia, olhava para trás. Desta vez, Gardan disse:

— Também estou sentindo, garoto, como se algo estivesse por perto.

Entraram em outra grande gruta e Dolgan se deteve, com a mão erguida. Ninguém se mexeu enquanto o anão escutava algo. Pug e Tomas esforçaram-se para ouvir também, mas nenhum som chegou a eles. Por fim, Dolgan disse:

— Por um momento pensei ter ouvido... mas parece que não. Montaremos aqui o acampamento. — Tinham trazido a madeira que sobrara, que serviu para acender uma fogueira.

Quando Pug e Tomas terminaram seu turno de sentinelas, deram com um grupo abatido ao redor da fogueira. Dolgan dizia:

— Este trecho de Mac Mordain Cadal está mais perto dos túneis mais profundos e antigos. Na próxima caverna haverá vários que levam diretamente às minas antigas. Assim que passarmos essa caverna, o nosso trajeto até a superfície ficará mais rápido. Deveremos sair da mina por volta do meio-dia de amanhã.

Borric olhou ao redor.

— Este lugar pode adequar-se à sua natureza, anão, mas muito me alegrará deixá-lo para trás.

Dolgan riu, e o som rico e caloroso ecoou nas paredes da caverna.

— Não se trata de o lugar se adequar à minha natureza, Lorde Borric, mas antes de a minha natureza se adequar ao lugar. Viajo sem problemas debaixo das montanhas, meu povo sempre foi mineiro. Mas se pudesse escolher, preferiria passar o tempo nos pastos altos de Caldara cuidando do meu rebanho ou sentado no grande salão com os meus irmãos, bebendo cerveja e cantando baladas.

— Passam muito tempo cantando baladas? — perguntou Pug.

Dolgan fitou-o com um sorriso cordial, os olhos brilhando à luz da fogueira.

— Sem dúvida. Os invernos são longos e rigorosos nas montanhas. Quando os rebanhos são colocados em segurança nas pastagens de inverno, pouco há para se fazer, por isso cantamos as nossas canções, bebemos a cerveja de outono e aguardamos pela primavera. É uma boa vida.

Pug concordou com a cabeça.

— Um dia, gostaria de conhecer a sua aldeia, Dolgan.

Dolgan deu uma baforada no cachimbo onipresente.

— Talvez um dia isso aconteça, rapazinho.

Foram se deitar e Pug adormeceu devagar. No meio da noite, quando a fogueira já estava quase apagada, acordou com a mesma sensação arrepiante que o atormentara anteriormente. Sentou-se, o suor frio escorrendo-lhe pelo corpo, e olhou ao redor. Viu os guardas que estavam

de sentinelas junto às tochas. À sua volta, viu as formas de corpos adormecidos. A sensação intensificou-se por um instante, como se algo terrível estivesse se aproximando. Já estava quase acordando Tomas quando a sensação passou, deixando-o cansado e atormentado. Voltou a deitar-se e logo dormia um sono sem sonhos.

Acordou enregelado e tenso. Os guardas preparavam as mulas e em breve todos partiriam. Pug despertou Tomas, que protestou por ter sido arrancado do sonho.

— Estava na cozinha de casa e minha mãe estava preparando um grande prato de salsichas e bolinhos de milho que pingavam mel — disse, sonolento.

Pug atirou-lhe um biscoito.

— Isso vai servir até chegarmos a Bordon. Então comeremos.

Juntaram os seus parcós mantimentos, colocaram-nos em cima das mulas e partiram. Enquanto seguiam pelo caminho, Pug começou a experimentar a sensação gélida da noite anterior. Várias vezes ela chegou e passou. Após algumas horas, chegaram à última enorme caverna. Ali, Dolgan os fez parar enquanto olhava para a escuridão. Pug ouviu-o dizer:

— Por um instante achei...

Subitamente, Pug ficou com os pelos da nuca em pé, e a sensação de terror gélido o invadiu, mais terrível do que antes.

— Dolgan, Lorde Borric! — chamou. — Algo horrível está acontecendo!

Dolgan ficou imóvel, à escuta. Um fraco gemido ecoou do fundo de outro túnel.

— Também sinto algo — gritou Kulgan.

De repente, o som se repetiu mais perto do grupo, um gemido sinistro que ecoava no teto abobado, o que tornava difícil saber de onde vinha.

— Pelos deuses! — gritou o anão. — É um espectro! Depressa! Formem um círculo ou ele nos apanhará e será o nosso fim!

Gardan empurrou os garotos e os guardas levaram as mulas até o centro da caverna. Prenderam-nas rapidamente e formaram um círculo ao redor dos animais agitados. As armas foram desembainhadas. Gardan colocou-se na frente dos dois garotos, forçando-o a recuar até perto das mulas. Ambos tinham as espadas a postos, mas as seguravam com pouca firmeza. Tomas sentia o coração aos saltos e Pug estava banhado em suor frio. O terror que o dominara não se intensificara quando Dolgan lhe dera um nome, mas também não diminuíra.

Ouviram o sibilar cortante de uma inspiração e olharam para a direita. Diante do soldado que produzira o som, começava a desenhar-se uma figura na escuridão: a forma de um homem em transformação, de um preto profundo contra um fundo negro, com duas luzes rubras que brilhavam incandescentes, onde os olhos deveriam estar.

— Mantenham-se juntos e protejam o homem ao seu lado — gritou Dolgan. — Vocês não conseguirão matá-lo, mas os espectros não gostam de sentir o ferro frio. Não deixem que ele toque em vocês, ou ele sugará a vida dos seus corpos. É assim que se alimenta.

O espectro aproximou-se devagar, como se não quisesse se apressar. Deteve-se por um momento, inspecionando a defesa à sua frente. Emitiu outro gemido grave e demorado, como se desse voz a todo o terror e desesperança do mundo. De repente, um dos guardas investiu, golpeando o espectro. Um gemido estridente saiu da criatura ao ser atingida pela espada e, por um instante, um fogo azul e frio dançou na lâmina. A criatura encolheu-se, e então, com uma velocidade repentina, lançou-se ao guarda. Uma sombra semelhante a um braço estendeu-se de seu corpo e o guarda guinchou ao sucumbir no chão.

As mulas ficaram descontroladas e começaram a puxar as estacas, apavoradas pela presença do espectro. Derrubaram guardas e a confusão se instalou. Pug perdeu o espectro de vista por um instante, pois estava mais preocupado com a agitação dos cascos por todo lado. Enquanto as mulas davam coices, Pug esquivava-se em meio à confusão. Ouviu a voz de Kulgan atrás dele e viu o mago ao lado do Príncipe Arutha.

— Mantenham-se todos juntos — ordenou o mago. Obedecendo, Pug aproximou-se de Kulgan com os outros enquanto o grito de mais um guarda ecoava na galeria. Em pouco tempo, uma enorme nuvem de fumaça branca começou a envolvê-los, saindo do corpo de Kulgan.

— Teremos de deixar as mulas para trás — disse o mago. — O morto-vivo não penetrará na fumaça, mas não conseguirei mantê-la por muito tempo ou caminhar até muito longe. Temos de fugir agora!

Dolgan indicou um túnel do lado oposto àquele por onde tinham entrado.

— É por ali que temos de ir.

Mantendo-se unido, o grupo começou a se dirigir ao túnel enquanto se ouvia um zorro apavorado. Corpos jaziam no chão: as duas mulas e os guardas que tinham sucumbido. As tochas caídas bruxuleavam, conferindo à cena um caráter apavorante, enquanto a forma negra avançava para o grupo. Alcançando o limite da fumaça, recuou ao tocá-la. Percorreu-a, incapaz de penetrar na fumaça branca ou relutante em entrar nela.

Pug olhou para além da criatura e sentiu o estômago revirar.

À luz da tocha que segurava na mão, Tomas estava perfeitamente visível atrás do espectro, olhando desamparado para Pug e para o grupo em fuga.

— Tomas! — saiu o grito rasgado da garganta de Pug, seguido por um soluço.

O grupo deteve-se por um breve segundo e Dolgan disse:

— Não podemos parar. Morreríamos todos por causa do garoto. Temos de prosseguir.

Uma mão firme agarrou Pug pelo ombro quando se lançava para ajudar o amigo. Olhou para trás e viu que era Gardan que o detinha.

— Temos de deixá-lo, Pug — disse, mostrando uma expressão sombria no rosto escuro. — Tomas é um soldado. Ele comprehende. — Pug foi arrastado, impotente. Viu o espectro segui-los por um momento, parar e se virar para Tomas.

Alertado pelos gritos de Pug ou por um sentido maléfico, a criatura morta-viva começou a avançar para Tomas, aproximando-se devagar e em silêncio. O garoto hesitou, virou-se e entrou correndo em outro túnel. O espectro guinchou e o seguiu. Pug viu o clarão da tocha de Tomas desaparecer no túnel, tremeluzindo até que restasse somente escuridão.

Tomas viu a expressão angustiada no rosto de Pug ao ser levado por Gardan. Quando as mulas começaram a dar coices, tinha-se esquivado para longe dos outros, separando-se do grupo. Procurou uma forma de contornar o espectro, mas a criatura estava perto demais da passagem para onde os companheiros se dirigiam. Quando Kulgan e os outros fugiram pelo túnel, Tomas viu o espectro se virar para ele. A criatura começou a se aproximar, e, após uma breve hesitação, o garoto correu para outro túnel.

Sombras e luzes dançavam desvairadamente nas paredes enquanto Tomas fugia, ouvindo o eco de suas passadas na escuridão. Tinha a tocha firme na mão esquerda e agarrava a espada com a direita. Olhou por cima do ombro e viu os dois incandescentes olhos rubros seguindo-o, embora não parecessem estar ganhando terreno. Com uma determinação sinistra, pensou: "Se me apanhar, apanha até o corredor mais rápido de Crydee." Alongou o passo, ganhando uma passada comprida e suave, poupando forças e fôlego. Sabia que, se tivesse de se virar e encarar a criatura, certamente morreria. O medo inicial diminuíra e agora ele sentia a mente dominada por uma clareza fria, pela intuição sutil da presa ciente de que é inútil lutar. Concentrou toda a energia na fuga. Tentaria despistar a criatura de todas as formas possíveis.

Desviou-se para um túnel lateral e o percorreu, verificando se o espectro o seguia. Os incandescentes olhos rubros surgiram à entrada do túnel para onde virara, perseguindo-o. A distância entre ambos parecia ter aumentado. Ocorreu-lhe que muitos teriam perecido nas mãos da

criatura por estarem apavorados demais para correr. A força do espectro residia no terror paralisante que provocava.

Outro corredor e outra mudança de direção. O espectro continuou a segui-lo. À frente encontrava-se uma enorme caverna, e Tomas percebeu que entrara no mesmo local onde o espectro atacara o grupo. Andara em círculos, entrando por outro túnel. Ao atravessá-la correndo, viu os corpos das mulas e dos guardas que jaziam no caminho. Parou momentaneamente para pegar outra tocha, pois a sua estava quase no fim, e transferiu a chama.

Olhou para trás, viu a criatura morta-viva ganhando terreno e recomeçou a correr. Sentiu um lampejo de esperança no peito, pois se conseguisse escolher o corredor certo, talvez conseguisse se juntar aos outros. Dolgan dissera que a partir daquela caverna o caminho até a superfície seria sempre reto. Optou pelo túnel que julgava ser o correto, embora estivesse desorientado e não tivesse certeza de nada.

O espectro emitiu um uivo de raiva por ter sido enganado mais uma vez e continuou a segui-lo. Tomas sentiu o terror beirando o entusiasmo à medida que as suas pernas compridas se alongavam, devorando a distância à sua frente. A respiração voltou ao normal e o garoto seguiu em um ritmo constante. Nunca tinha corrido tão bem, mas a verdade é que nunca tivera um motivo tão bom quanto aquele.

Após o que parecera um tempo infinidável sem parar de correr, Tomas chegou a uma série de túneis laterais, muito próximos uns dos outros. Sentiu a esperança esmorecer, pois este não era o caminho reto mencionado pelo anão. Escolhendo aleatoriamente um dos túneis, virou um corredor e encontrou muitos mais. Passando por vários outros, virava tão depressa quanto lhe era possível, ziguezagueando por um labirinto de corredores. Desviando-se de uma parede formada por dois dos túneis, parou por um instante e recuperou o fôlego. Ficou à escuta e apenas ouviu o seu coração batendo. Estivera ocupado demais para olhar para trás e não estava certo quanto ao paradeiro do espectro.

De repente, um guincho de raiva ecoou debilmente pelos corredores, muito distante dele. Tomas deixou-se cair no chão do túnel e sentiu o

corpo relaxar. Ouviu outro guincho ainda mais fraco e teve a certeza de que o espectro perdera o seu rastro e se deslocava em outra direção.

Foi inundado por uma sensação de alívio, que quase o levou a rir como um tonto. Ela foi seguida pela repentina consciência da situação em que se encontrava. Sentou-se e pensou bem. Caso conseguisse encontrar o caminho de volta até os animais mortos, pelo menos teria comida e água. Porém, ao levantar-se, percebeu que não tinha a mínima noção da sua localização na caverna. Amaldiçoando-se por não ter contado as curvas onde virara, tentou recordar-se do padrão geral que seguira. Lembrou-se de que virara quase sempre à direita; logo, se reconstituísse os seus passos virando quase sempre à esquerda, talvez conseguisse encontrar um dos muitos túneis que levavam à gruta da glória. Espreitando com cautela a primeira esquina, Tomas partiu, procurando o caminho no labirinto de corredores.

Depois de algum tempo, Tomas parou e olhou ao redor na segunda grande caverna à qual chegara desde que escapara do espectro. Tal como a primeira, estava livre de mulas e homens — e também de comida e água, tão desejadas. Abriu a bolsa e tirou dela o pequeno biscoito que havia guardado para mordiscar durante a caminhada. Pouco lhe diminuiu a fome.

Acabou de comer e se pôs novamente a caminho, tentando encontrar uma pista que lhe indicasse a saída. Sabia que lhe restava pouco tempo até a tocha se extinguir, mas simplesmente se recusava a sentar-se e aguardar por uma morte inominável na escuridão.

Após algum tempo, Tomas ouviu o som de água ecoando pelo túnel. Apressando o passo, guiado pela sede, entrou em uma enorme caverna, a maior que tinha encontrado até então. Ao longe, ouvia o vago rumorejar da catarata de Mac Mordin Cadal, mas não estava certo de onde o som vinha. Em algum lugar lá em cima na escuridão, encontrava-se o caminho que tinham percorrido dois dias antes. Tomas ficou desanimado, pois se deslocara ainda mais do que imaginara em direção às profundezas da Terra.

O túnel alargava-se até uma espécie de embarcadouro, desaparecendo debaixo do que parecia ser um grande lago, cuja água batia constantemente nas paredes da caverna, enchendo-a de ecos abafados. Prontamente caiu de joelhos e bebeu do lago. A água tinha um sabor rico devido aos minerais, mas era límpida e fresca.

Sentando-se nos calcanhares, olhou ao redor. O embarcadouro era constituído de terra compacta e areia, e não parecia ter sido feito pela natureza. Tomas supôs que os anões tivessem usado barcos para fazer a travessia do lago subterrâneo, mas podia apenas imaginar o que havia do outro lado. Depois, veio-lhe à mente o pensamento de que talvez outros que não os anões tivessem usado barcos para atravessar o lago, e voltou a sentir medo.

À esquerda, avistou uma pilha de lenha, encostada em um ponto de junção do embarcadouro com a parede da caverna. Aproximando-se, retirou vários pedaços e acendeu uma pequena fogueira. Grande parte da lenha consistia em pedaços de madeira usados para escorar os túneis, mas também se encontravam misturados vários ramos e galhos. Devem ter sido arrastados pelas quedas-d'água, onde o rio entra na montanha, pensou. Debaixo da pilha, viu que cresciam algumas ervas fibrosas. Embora surpreso com a capacidade daquelas plantas de crescerem sem a luz do sol, o garoto ficou grato, uma vez que, depois de cortá-las com a espada, conseguiu criar algumas tochas rudimentares com as ervas enroladas nos pedaços de madeira. Atou-as em um feixe com o cinto da espada, o que o forçou a abandonar a bainha. Pelo menos, pensou, terei um pouco mais de luz. Era reconfortante saber que dispunha de mais algum tempo para ver o caminho.

Lançou mais alguns pedaços maiores de madeira na pequena fogueira, que não tardou a crepituar, aumentando a claridade. De repente, a caverna pareceu iluminar-se, e Tomas virou para trás. Toda a caverna brilhava cintilante, pois algum tipo de mineral ou cristal absorvia e refletia a luz, que era novamente absorvida e refletida. Era um arco-íris reluzente e cintilante de cores que descia em cascata pelas paredes e pelo

teto, conferindo a toda a caverna um caráter feérico até onde a vista alcançava.

Tomas ficou maravilhado por um minuto, absorvendo a visão, pois sabia que jamais conseguiria explicar em palavras o que estava contemplando. Lembrou-se de que poderia ser o único humano a testemunhar tal maravilha.

Era difícil tirar os olhos da glória daquela visão, contudo se obrigou a fazê-lo. Aproveitou a iluminação extra para examinar a área onde se encontrava. Não havia nada para além do embarcadouro, mas avistou outro túnel à esquerda, que saía da caverna na extremidade mais distante da areia.

Juntou as tochas e avançou pelo embarcadouro. Ao chegar ao túnel, a fogueira extinguiu-se, pois a madeira seca foi rapidamente consumida. Outra visão magnífica tomou de assalto os seus sentidos, pois as paredes lembravam pedras preciosas, e o teto continuava a cintilar e reluzir. Ficou mais uma vez contemplando o espetáculo em silêncio. Aos poucos, a cintilação diminuiu até a caverna ficar novamente envolta na penumbra, à exceção da tocha que Tomas carregava e do clarão rubro da fogueira que se apagava depressa.

Teve de se esticar para alcançar o outro túnel, mas conseguiu fazê-lo sem deixar cair nem a espada nem as tochas e sem molhar as botas. Afastando-se da caverna, retomou a caminhada.

Andou durante horas, a tocha enfraquecendo. Acendeu uma das novas e viu que produzia uma luz satisfatória. Ainda estava assustado, embora se sentisse bem por ter mantido a cabeça fria naquelas circunstâncias, e estava certo de que Fannon, o Mestre de Armas, aprovaria as suas ações.

Depois de algum tempo, chegou a um cruzamento. Descobriu na terra o esqueleto de uma criatura, cujo destino não podia precisar. Localizou as pegadas de outra pequena criatura que saíam dali, mas elas pareciam apagadas pela ação do tempo. Sem qualquer outra noção a não ser a de que precisava de um caminho aberto, Tomas as seguiu. Em pouco tempo elas também desapareceram no pó.

Não tinha como calcular o tempo, no entanto, pensou que já devia ser noite fechada. Aqueles corredores transmitiam uma sensação atemporal e Tomas sentiu-se irremediavelmente perdido. Reprimindo o que admitia ser um pânico crescente, continuou a andar. Manteve a mente ocupada com pensamentos agradáveis sobre sua terra e sonhou com o futuro. Encontraria uma saída e se tornaria o grande herói da guerra iminente. E o sonho mais estimado de todos: viajaria até Elvandar e veria novamente a bela Senhora dos Elfos.

Seguiu um túnel que levava para baixo. Aquela área parecia diferente das outras cavernas e túneis, concebida de um modo distinto das que tinha visto antes. Pensou que Dolgan poderia confirmar isso e quem fizera aquele trabalho.

Entrou em outra caverna e olhou em volta. Alguns dos túneis que davam nela mal permitiam que um homem caminhasse direito. Outros eram tão largos que por lá poderia passar uma companhia de dez homens lado a lado, com lanças compridas no ombro. Tomas esperava que isso significasse que os anões houvessem feito os túneis menores e que ele poderia seguir um que o levasse à superfície.

Olhando ao redor, avistou uma saliência onde poderia descansar, à distância de um salto. Atravessou até lá e atirou para cima a espada e o feixe de tochas. Com cuidado, lançou a tocha de modo que não apagasse, e subiu. O local era bastante largo para dormir sem o perigo de rolar e cair. A pouco mais de um metro acima na parede viu um pequeno buraco, com cerca de noventa centímetros de diâmetro. Olhando lá para dentro, Tomas percebeu que dava para um local que lhe permitia ficar em pé e que se prolongava na escuridão.

Satisfeito por saber que não havia nada à espreita acima dele e que o que quer que viesse do chão o despertaria, Tomas cobriu-se com o manto, pousou a cabeça na mão e apagou a tocha. Estava assustado, mas o cansaço do dia o embalou e adormeceu depressa. Teve sonhos com brilhantes olhos rubros que o perseguiam por infindáveis corredores escuros e em que se sentia dominado pelo terror. Correu até chegar a um

lugar verde onde pôde descansar, sentindo-se a salvo, sob o olhar atento de uma bela mulher de cabelo louro-arruivado e olhos azul-claros.

Começou a despertar ao ouvir um chamado indefinido. Não fazia ideia de quanto tempo dormira, mas sentiu que fora tempo suficiente para permitir ao corpo voltar a correr, em caso de necessidade. Às escuras, procurou a tocha e tirou as pederneiras da bolsa. Produziu faíscas que deram origem a um clarão. Trazendo a tocha para perto, soprou a chama. Olhando ao redor, percebeu que a caverna não sofrera alterações. Ouviu apenas um tênué eco dos seus próprios movimentos.

Percebeu que poderia ter uma chance de sobrevivência se conseguisse continuar a andar e encontrasse um caminho ascendente. Levantou-se e, quando se preparava para descer da saliência, ouviu um ruído fraco que vinha do buraco acima.

Olhou para dentro, mas não viu nada. Mais uma vez ouviu um som tênué e esforçou-se para perceber do que se tratava. Parecia o som de passos, mas não tinha certeza. Quase gritou, mas se conteve, pois não tinha certeza de que se tratava dos seus amigos que regressavam para encontrá-lo. A sua imaginação forneceu várias outras possibilidades, todas desagradáveis.

Pensou por alguns momentos, até que se decidiu. O que quer que estivesse produzindo o som poderia levá-lo para fora das minas, nem que fosse por meio de um rastro que pudesse seguir. Sem alternativa melhor, subiu pelo buraco e entrou no novo túnel.

Resgate

Foi um grupo desalentado o que surgiu da mina. Os sobreviventes deixaram-se cair no chão, à beira da exaustão. Pug havia contido as lágrimas durante horas depois que Tomas fugira e agora estava deitado no chão úmido olhando para o céu cinzento, sentindo-se anestesiado. Kulgan era o que tinha passado pelo pior, pois ficara completamente esgotado com o feitiço usado para repelir o espectro. Fora carregado nos ombros dos outros na maior parte do caminho, e eles não escondiam o quanto o fardo era pesado. Todos caíram em um sono exausto, à exceção de Dolgan, que acendeu uma fogueira e ficou de sentinela.

Pug acordou com o som de vozes, sob um céu límpido e estrelado. Foi saudado pelo cheiro de comida sendo cozida. Quando Gardan e os três guardas que restavam despertaram, Dolgan os deixou cuidando dos outros e, com uma armadilha, apanhou dois coelhos, que, agora, assavam na fogueira. Os outros acordaram, exceto Kulgan, que roncava profundamente.

Arutha e o Duque viram o garoto acordado e o Príncipe aproximou-se do lugar onde Pug estava sentado. O filho mais novo do Duque, ignorando a neve, sentou-se no chão ao lado de Pug, enrolado em seu manto.

— Como se sente, Pug? — perguntou, mostrando preocupação no olhar.

Era a primeira vez que Pug presenciava o lado mais gentil de Arutha. Tentou falar, mas lágrimas lhe vieram aos olhos. Tomas era seu amigo desde que podia se lembrar, mais que um amigo, era um irmão. Ao tentar falar, grandes soluços amargurados saíram-lhe da garganta, e Pug sentiu lágrimas quentes e salgadas caírem-lhe na boca.

Arutha pôs o braço ao seu redor, deixando que o garoto chorasse no seu ombro. Quando a torrente inicial de dor passou, o Príncipe disse:

— Não é vergonha nenhuma chorar a morte de um amigo, Pug. Eu e o meu pai partilhamos a sua dor.

Dolgan aproximou-se por detrás do Príncipe.

— Eu também, Pug, pois ele era um rapaz simpático. Todos nós partilhamos a sua perda. — O anão pareceu ponderar algo e falou com o Duque.

Kulgan acordou, sentando-se como um urso que acabou de sair da hibernação. Lembrando-se de onde estava e vendo Arutha com Pug, depressa se esqueceu das articulações doloridas e juntou-se a eles.

Pouco havia a dizer, mas Pug sentia algum consolo na proximidade. Por fim, recuperou a compostura e afastou-se do Príncipe.

— Obrigado, Vossa Alteza — disse, entre fungadas. — Ficarei bem.

Reuniram-se a Dolgan, Gardan e ao Duque, perto da fogueira. Borric sacudia a cabeça ao ouvir algo que o anão dissera.

— Agradeço-lhe a coragem, Dolgan, mas não posso permitir.

Dolgan deu uma baforada no cachimbo e sua barba dividiu-se em um sorriso amistoso.

— E como pretende me impedir, Vossa Graça? Certamente não usará de força?

Borric sacudiu a cabeça.

— Não, claro que não. Mas ir seria pura loucura.

Kulgan e Arutha trocaram olhares curiosos. Pug não prestou muita atenção, pois estava perdido em um mundo frio e entorpecido. Apesar

de ter acabado de acordar, estava pronto para voltar a dormir, acolhendo o alívio cálido e agradável.

Borric dirigiu-se ao grupo:

— Este anão louco quer retornar às minas.

Antes que Kulgan e Arutha pudessem protestar, Dolgan disse:

— Bem sei que não passa de uma esperança tênue, mas caso o garoto tenha escapado do espírito maligno, estará vagando perdido e sozinho. Existem túneis lá embaixo onde nunca um anão pôs os pés, quanto mais um garoto. Assim que entrar em um corredor, não terei problemas para fazer o caminho de volta, mas Tomas não tem esse senso natural de orientação. Se eu puder encontrar o seu rastro, conseguirei encontrá-lo. Para ter alguma chance de sair das minas, ele precisa da minha orientação. Trarei o garoto de volta se estiver vivo, palavra de Dolgan Tagarson, chefe da aldeia Caldara. Não serei capaz de descansar no meu grande salão este inverno se não tentar.

Pug despertou da letargia com as palavras do anão.

— Acha que é capaz de encontrá-lo, Dolgan?

— Se há alguém capaz, este alguém sou eu — respondeu e inclinou-se para Pug. — Não tenha muitas esperanças, pois não é provável que Tomas tenha conseguido fugir do espectro. Eu estaria lhe fazendo um desserviço se lhe dissesse o contrário, garoto. — Vendo as lágrimas encherem novamente os olhos de Pug, logo acrescentou: — Mas, se houver uma forma, eu a encontrarei.

Pug assentiu, procurando um meio-termo entre a desolação e a esperança renovada. Entendeu a advertência, mas não conseguiu renunciar ao tremeluzir débil de consolo que a empreitada de Dolgan lhe iria trazer.

Dolgan dirigiu-se ao local onde estavam seu escudo e seu machado e os juntou.

— Quando o alvorecer despontar, sigam velozes pela trilha na encosta através do bosque. Embora não se trate do Coração Verde, este lugar é repleto de perigos para um grupo tão reduzido. Caso se percam, rumem

para leste. Encontrarão o caminho até a estrada de Bordon. De lá, será uma caminhada de três dias. Que os deuses os protejam.

Borric acenou com a cabeça, e Kulgan avançou até o local onde o anão se preparava para partir. Ofereceu uma bolsa a Dolgan.

— Posso adquirir mais tabaco na vila, amigo anão. Aceite, por favor.

Dolgan aceitou e sorriu para Kulgan.

— Obrigado, mago. Fico em dívida com você.

Borric pôs-se diante do anão, colocando uma mão em seu ombro.

— Nós é que estamos em dívida com você, Dolgan. Se for a Crydee, teremos aquela refeição que lhe foi prometida. Isso e ainda mais. Que a boa fortuna o acompanhe.

— Obrigado, Vossa Senhoria. Aguardarei esse momento com ansiedade.

Sem mais uma palavra, Dolgan entrou na escuridão de Mac Mordain Cadal.

Dolgan parou junto às mulas mortas, sem ficar mais tempo do que precisava para recolher a comida, a água e uma lanterna. O anão não precisava de luz para andar pelo subsolo — há muito o seu povo adaptara outros sentidos à escuridão. Porém, pensou, *a luz poderá aumentar as possibilidades de encontrar Tomas, caso ele a veja, apesar do risco de atrair uma atenção indesejável. Supondo que ele ainda esteja vivo,* acrescentou com tristeza.

Entrando no túnel onde vira Tomas pela última vez, Dolgan procurou sinais da passagem do garoto. A poeira era fina, mas aqui e ali conseguia avistar leves perturbações, talvez uma pegada. Seguindo em frente, o anão chegou a corredores com mais poeira, onde as pegadas do garoto eram nítidas. Apresando-se, seguiu-as.

Dolgan entrou na mesma caverna, passados poucos minutos, e praguejou.

Teve pouca esperança de voltar a encontrar as pegadas do garoto entre a confusão causada pela luta com o espectro. Fazendo uma breve pausa, começou a examinar todos os túneis à procura de vestígios. Uma hora

depois, encontrou uma única pegada que saía da caverna, através de um túnel à direita daquele onde entrara da primeira vez. Seguindo por esse túnel, encontrou várias outras pegadas, bastante separadas entre si, e concluiu que o garoto devia ter passado por ali correndo. Avançando depressa, encontrou mais pegadas à medida que o corredor ficava mais empoeirado.

Dolgan chegou à caverna do lago e quase voltou a perder o rastro, até que viu o túnel perto da beira do embarcadouro. Avançou pela água, içando-se para o corredor, e viu as pegadas de Tomas. A luz fraca da lanterna não bastava para iluminar os cristais da caverna. Mas, mesmo que bastasse, Dolgan não teria parado para admirar a vista, tão empenhado estava em encontrar o garoto.

Seguiu descendo, sem descansar. Sabia que Tomas tinha deixado o espectro para trás havia muito. Encontrara indícios de que grande parte do percurso fora percorrido em um ritmo mais lento: as pegadas na terra indicavam que o garoto caminhava, e a fogueira apagada mostrava que ele havia parado. Contudo, muitos perigos, além do espectro, existiam ali embaixo, alguns igualmente terríveis.

Voltou a perder o rastro na última caverna, tornando a encontrá-lo apenas quando avistou a saliência acima do ponto onde as pegadas acabavam. Teve dificuldade para subir, mas, quando conseguiu, viu o ponto enegrecido onde o garoto extinguiu a tocha. Era ali que Tomas devia ter descansado. Dolgan olhou ao redor da caverna vazia. Àquela profundidade debaixo das montanhas, o ar não se mexia. Até o anão, habituado a isso, achou o lugar perturbador. Olhou para a marca preta na saliência. Quanto tempo Tomas ficara ali e para onde fora?

Dolgan viu o buraco na parede e, como não via pegadas indicando que tivesse saído da saliência, concluiu que fora por ali que Tomas devia ter seguido. Atravessou o buraco até o outro lado e seguiu o corredor até chegar a outro maior, que descia para as entranhas da montanha.

Dolgan seguiu o que parecia um grupo de pegadas, como se um bando de homens tivesse passado por ali. As pegadas de Tomas estavam misturadas às outras e o anão ficou preocupado, pois o garoto podia ter

seguido aquele caminho antes, depois ou com os desconhecidos. Dolgan estava ciente de que, se o garoto tivesse sido feito prisioneiro, cada minuto seria crucial.

O túnel descia em zigue-zague e, percorrida uma curta distância, tornou-se um salão criado a partir de enormes blocos de pedra encaixados e polidos. Nunca vira nada assim em toda a sua vida. A passagem era plana e Dolgan avançou calmamente. Não existiam pegadas, pois a pedra era dura e livre de terra. Muito acima, Dolgan entreviu o primeiro de diversos lustres de cristal que pendiam do teto por correntes. Podiam ser baixados por meio de uma roldana para que as velas fossem acesas. O som das botas do anão produziu um eco cavernoso no teto elevado.

Ao fundo, avistou grandes portas de madeira, com junções de ferro e enormes trancas. Estavam entreabertas e era possível ver luz saindo por elas.

Sem fazer barulho, Dolgan aproximou-se das portas e olhou. Ficou boquiaberto com o que viu, erguendo o escudo e o machado por instinto.

Sentado num monte de moedas de ouro e pedras preciosas do tamanho do punho de um homem, estava Tomas, comendo o que parecia ser um peixe. Na frente dele, estava encurvada uma criatura que levou Dolgan a duvidar de seus olhos.

Uma cabeça do tamanho de uma carroça pequena repousava no chão. Escamas do tamanho de escudos e de intenso tom dourado cobriam-na e o comprido e maleável pescoço conduzia a um corpo imenso que se alongava pela penumbra do salão gigante. Viam-se enormes asas dobradas nas costas, com as pontas caídas tocando o chão. No alto da cabeça havia duas orelhas pontiagudas, separadas por uma crista de aspecto delicado, salpicada de prateado. O focinho comprido trazia um trejeito lupino, exibindo presas do tamanho de espadas. Uma comprida língua bifurcada zurziu no ar por um instante.

Dolgan reprimiu o avassalador e raro impulso de fugir, pois Tomas estava sentado e, ao que tudo indicava, partilhando uma refeição com o

mais temido inimigo do povo anão: um grande dragão. Deu um passo à frente e as botas ressoaram no chão de pedra.

Tomas virou-se ao ouvir o barulho, e a enorme cabeça do dragão se ergueu. Olhos gigantes de um tom vermelho-rubi observaram o pequeno intruso. Tomas pôs-se em pé de um salto, com a alegria estampada no rosto.

— Dolgan! — Escorregou do monte de riqueza e correu para o anão.

A voz do dragão ribombou pelo grande salão, ecoando como trovões em um vale:

— Bem-vindo, anão. Seu amigo disse-me que não o abandonaria.

Tomas parou diante do anão, fazendo uma dúzia de perguntas, enquanto os sentidos de Dolgan falhavam. Atrás do garoto, o príncipe de todos os dragões permanecia sereno observando a conversa, e o anão estava com dificuldades para manter a costumeira tranquilidade. Sem prestar grande atenção às perguntas de Tomas, Dolgan afastou-se devagar para o lado, de modo a ver melhor o dragão.

— Vim sozinho — disse ao garoto em voz baixa. — Os outros estavam relutantes em me deixar procurá-lo sem reforços, mas tinham de seguir em frente, pois a missão é primordial.

— Eu entendo — disse Tomas.

— Que espécie de feitiçaria é esta? — perguntou Dolgan com tranquilidade.

O dragão soltou um riso abafado e o salão ressoou com o som.

— Entre em meu lar, anão, e eu contarei. — A enorme cabeça do dragão voltou para o chão, e, ainda assim, seus olhos ficaram acima da cabeça de Dolgan. O anão aproximou-se devagar, de escudo e machado inconscientemente a postos. O dragão riu, produzindo um som grave que ecoava como água caindo em cascata de uma ravina. — Abaixe as armas, pequeno guerreiro. Não o machucarei, nem ao seu amigo.

Dolgan baixou o escudo e prendeu o machado no cinto. Olhou ao redor e viu que se encontravam em um amplo salão, talhado na rocha viva da montanha. Em todas as paredes havia enormes tapeçarias e estandartes, descorados e rasgados. Algo na aparência desses objetos

mexeu com os nervos de Dolgan, pois eram tão estranhos quanto antigos: nenhuma criatura que conhecia, humano, elfo ou goblin, poderia ter criado aquelas flâmulas. Outros gigantescos lustres de cristal pendiam de vigas de madeira no teto. Na extremidade mais distante do salão, havia um trono sobre um palanque e, diante dele, mesas compridas com cadeiras para muitas pessoas. Sobre as mesas, jarros de cristal e pratos de ouro podiam ser vistos. Tudo coberto pelo pó do tempo.

Espalhados por todo o salão havia um monte de tesouros: ouro, pedras preciosas, coroas, pratas, armaduras suntuosas, rolos de tecidos raros e arcas entalhadas em madeiras preciosas, com adornos laqueados de grande perfeição.

Dolgan sentou-se no topo de uma pilha de ouro de toda uma vida, reposicionando-a distraidamente para ficar tão confortável quanto possível. Tomas sentou-se ao seu lado e o anão pegou o cachimbo. Embora não demonstrasse, precisava se acalmar, e o cachimbo tinha o dom de fazê-lo. Acendeu uma vela na lanterna e levou-a ao cachimbo. O dragão observou-o e então disse:

— Pode agora soprar fogo e fumaça, anão? É o novo dragão? Alguma vez houve um dragão tão diminuto?

Dolgan sacudiu a cabeça.

— É só o meu cachimbo. — Explicou para que servia o tabaco.

— É algo muitíssimo estranho, mas, na verdade, o seu povo é estranho — comentou o dragão.

Dolgan ergueu uma sobrancelha ao ouvir aquelas palavras, mas nada disse.

— Tomas, como chegou aqui?

Tomas parecia não dar importância à presença do dragão e Dolgan sentiu-se tranquilizado. Se a imensa besta quisesse lhes fazer mal, já poderia tê-lo feito, sem dificuldades. Os dragões eram, incontestavelmente, as criaturas mais poderosas de Midkemia. E este era o dragão mais poderoso de que Dolgan já ouvira falar, tendo quase o dobro do tamanho daqueles que combatera na sua juventude.

Tomas acabou o peixe que estava comendo e disse:

— Andei durante muito tempo e cheguei a um lugar onde podia dormir.

— Sim, encontrei esse lugar.

— Acordei com um barulho e encontrei pegadas que vieram dar aqui.

— Também vi essas pegadas. Temei que tivesse sido levado.

— Não fui. Era um grupo de goblins e alguns Irmãos das Trevas que vinham para cá. Eles estavam muito preocupados com o que estaria à frente deles e não prestaram atenção ao que vinha atrás, por isso pude segui-los bem de perto.

— Foi uma atitude muito perigosa.

— Eu sei, mas estava desesperado para encontrar uma saída. Achei que talvez me levassem até a superfície e aí eu poderia aguardar até que eles avançassem para depois escapar. Se eu tivesse conseguido sair das minas, teria rumado para o norte, na direção da sua aldeia.

— Um plano ousado, Tomas — disse Dolgan com um olhar de aprovação.

— Chegaram a este lugar e eu os segui.

— O que aconteceu a eles?

— Mandei-os embora para um lugar longínquo, anão, pois não eram companhia que eu desejasse — disse o dragão.

— Mandou-os embora? Como?

O dragão levantou um pouco a cabeça e Dolgan viu que as escamas estavam descoradas e sem brilho em alguns pontos. Os olhos vermelhos estavam encobertos por uma película e, de súbito, Dolgan percebeu que o dragão era cego.

— Os dragões possuem magia desde tempos imemoriais, ainda que diferente de todas as outras. É pela minha Arte que consigo vê-lo, anão, pois a luz há muito me foi negada. Peguei as criaturas odiosas e as mandei para o longínquo norte. Não saberão como ali chegaram nem se recordarão deste lugar.

Dolgan deu uma tragada, pensando no que ouvia.

— Nas histórias do meu povo, há lendas sobre dragões-magos, embora seja o primeiro que vejo.

Devagar, o dragão pousou a cabeça no chão, como se estivesse cansado.

— Pois sou um dos últimos dragões dourados, anão, e nenhum dos dragões inferiores possui a arte da feitiçaria. Jurei que jamais mataria, mas não poderia admitir que gente daquela laia invadisse o meu lugar de repouso.

— Rhuagh foi muito gentil comigo, Dolgan — disse Tomas. — Deixou que eu ficasse aqui até que me encontrasse, pois ele sabia que alguém estava chegando.

Dolgan olhou para o dragão, admirado com sua habilidade premonitória.

— Ele me deu peixe defumado para comer e um lugar para descansar — prosseguiu Tomas.

— Peixe defumado?

— Os kobolds, a quem chama de gnomos, adoram-me como deus e trazem-me oferendas, tais como peixes apanhados no lago subterrâneo e defumados e tesouros extraídos de cavernas ainda mais profundas — explicou o dragão.

— Sim — confirmou Dolgan —, os gnomos nunca foram conhecidos por sua inteligência.

O dragão soltou um riso abafado.

— De fato. Os kobolds são tímidos e só atacam aqueles que os incomodam nos seus túneis profundos. São um povo simples e agrada-lhes terem um deus. Como não tenho capacidade para caçar, é um acordo agradável.

Dolgan ponderou a pergunta que faria em seguida.

— Não quero parecer desrespeitoso, Rhuagh, mas a minha experiência com dragões ensinou-me que não gostam muito de seres de outras espécies. Por que ajudou o garoto?

O dragão fechou os olhos por um momento e depois voltou a abri-los para fitar o anão inexpressivamente.

— Saiba, anão, que nem sempre foi assim. O seu povo é antigo, mas o meu é o mais antigo de todos, à exceção de um. Já existíamos antes dos elfos e dos moredhel. Servíamos aqueles cujos nomes não podem ser pronunciados e éramos um povo feliz.

— Os Senhores dos Dragões?

— Assim são conhecidos nas suas lendas. Eram os nossos mestres e nós seus servos, tal como os elfos e os moredhel. Quando deixaram esta terra, em uma viagem além da imaginação, tornámo-nos o mais poderoso dos povos livres, numa época anterior à chegada dos anões ou dos homens a estas terras. Dominávamos os céus e todas as coisas, pois o nosso poder excedia o de qualquer outro povo.

“Há muito tempo, os homens e os anões chegaram às nossas montanhas, e vivemos em paz durante um período. Mas os hábitos mudam e logo começaram as contendas. Os elfos expulsaram os moredhel da floresta que agora se chama Elvandar, e os homens e os anões combateram os dragões.

“Éramos fortes, mas os humanos são como as árvores da floresta, incontáveis. Aos poucos, o meu povo fugiu para o sul, e eu sou o último habitante destas montanhas. Aqui vivo há séculos, pois jamais abandonaria o meu lar.

“Por magia, poderia não permitir a entrada daqueles que procuram este tesouro e matar aqueles cujas artes evitam a confusão que lhes provoco nas mentes. Cansei-me de matar e jurei que não tiraria mais vidas, mesmo de seres abomináveis como os moredhel. Por isso os enviei para longe e por isso auxiliei o garoto, pois não merece ser maltratado.”

Dolgan estudou o dragão.

— Agradeço, Rhuagh.

— Os seus agradecimentos são apreciados, Dolgan das Torres Cinzentas. Também me alegra que tenha vindo. Pouco tempo me restava para abrigar o garoto, pois convoquei Tomas para perto de mim por artes mágicas, de modo a acompanhá-lo no meu leito de morte.

— O quê? — exclamou Tomas.

— É dado aos dragões saber a hora da sua morte, Tomas, e a minha aproxima-se. Sou velho, mesmo pelos padrões do meu povo, e vivi uma vida plena. Satisfaz-me que assim seja. É assim o nosso costume.

Dolgan pareceu perturbado.

— Ainda assim, não consigo deixar de estranhar estar aqui sentado ouvindo-o falar desse assunto.

— Por que, anão? Não é verdade que, quando alguém do seu povo morre, o que importa é a boa vida que teve em vez dos anos vividos?

— É verdade.

— Pois então, que importa saber ou desconhecer a hora da morte? Nada muda. Tive tudo o que um ser da minha espécie poderia esperar: saúde, companheiras, filhos, riquezas e todo o resto. Foi tudo o que sempre desejei, e tudo isso já tive.

— É sábio saber o que se almeja e ainda mais sábio saber quando se alcança — comentou Dolgan.

— De fato. E ainda mais sensato é saber quando algo é inexequível, pois o esforço passará a ser absurdo. É costume de meu povo velar o leito de morte, mas não existe nenhum membro da minha espécie a quem eu possa chamar e que se encontre nos arredores. Por isso, peço-lhes que aguardem pelo meu falecimento antes de partirem. Aguardarão?

Dolgan olhou para Tomas, que balançou a cabeça concordando.

— Sim, dragão, assim faremos, embora isso não seja algo que nos alegre o coração.

O dragão fechou os olhos. Tomas e Dolgan perceberam que começavam a fechar-se devido ao inchaço.

— Agradeço-lhe, Dolgan, e a você, Tomas.

O dragão ficou deitado e falou-lhes da sua vida, de quando voava pelos céus de Midkemia, de terras longínquas onde tigres viviam nas cidades e de montanhas onde as águias falavam. Noite adentro, foram contadas histórias maravilhosas e outras assombrosas.

Quando a voz começou a vacilar, Rhuagh disse:

— Uma vez, chegou um homem a este lugar, um mago de artes poderosíssimas. Não consegui afastá-lo daqui com a minha magia,

tampouco consegui matá-lo. Combatemos durante três dias, as artes dele contra as minhas, e, ao fim, ele levou a melhor. Julguei que me mataria e que ficaria com o meu tesouro, mas em vez disso, aqui permaneceu, pois pretendia somente aprender a minha magia para que ela não fosse perdida quando eu falecesse.

Tomas estava maravilhado, pois pelo pouco que sabia de magia por meio de Pug, considerou que aquilo era algo fantástico. Na sua cabeça, conseguia imaginar a luta titânica e os enormes poderes em ação.

— Acompanhava-o uma estranha criatura, semelhante a um goblin, ainda que andasse em pé e tivesse feições mais delicadas. O homem permaneceu comigo durante três anos, enquanto seu servo ia e vinha. Aprendeu tudo o que lhe pude ensinar, pois não podia negá-lo. Contudo, ele também me ensinou, e a sua sabedoria proporcionou-me um enorme consolo. Foi com ele que aprendi a respeitar a vida, por mais odioso que o caráter seja, e prometi poupar quem chegassem a mim. Ele também sofrera nas mãos de outros, tal como me acontecera nas guerras contra os homens, pois perdi muito do que estimava. Esse homem tinha a capacidade de curar as chagas do coração e da mente, e, quando partiu, senti-me vencedor e não vencido. — Parou e engoliu em seco. Tomas deu-se conta de que o dragão falava cada vez com mais dificuldade. — Se eu não conseguisse um dragão para acompanhar-me no meu leito de morte, logo o chamaria para que ficasse ao meu lado, pois foi o primeiro da sua espécie, rapaz, que considerei meu amigo.

— Quem era ele, Rhuagh? — perguntou Tomas.

— Chamava-se Macros.

Dolgan ficou pensativo.

— Já ouvi esse nome, um mago de artes poderosas. É quase um mito, viveu em algum lugar no leste.

— Um mito ele não é, Dolgan — contrapôs Rhuagh, com voz pastosa.

— Porém, talvez esteja morto, pois residiu comigo há muito, muito tempo. — O dragão fez uma pausa. — Aproxima-se a minha hora, de modo que tenho de terminar. Peço-lhe um favor, anão. — Deslocou ligeiramente a cabeça e prosseguiu: — Naquela arca encontra-se um

presente do mago para ser usado nesta ocasião. É um bastão feito a partir de magia. Macros o deixou para que não restem ossos para os necrófagos devorarem quando eu morrer. Pode trazê-lo até aqui?

Dolgan dirigiu-se à arca. Abriu-a e descobriu um bastão de metal preto sobre um tecido de veludo azul. Pegou o bastão e ficou surpreso com o grande peso que tinha, apesar do tamanho. Levou-o até o dragão.

O dragão falou, proferindo palavras quase ininteligíveis, pois tinha a língua inchada:

— Daqui a pouco, toque-me com o bastão, Dolgan, pois este será o meu fim.

— Sim — disse Dolgan —, ainda que não me dê prazer ver sua morte, dragão.

— Mas, antes, resta-me dizer algo. Na arca ao lado daquela, encontra-se um presente para você, anão. Poderá levar daqui o que lhe agradar, pois não terei necessidade de nada. Não obstante, de tudo o que se encontra neste salão, o que está na caixa é o que eu gostaria que fosse seu. — Tentou mover a cabeça na direção de Tomas, mas não conseguiu.

— Tomas, agradeço-lhe por ter passado comigo os meus derradeiros momentos. Na arca, juntamente com o presente do anão, encontra-se um para você. Também pode levar o que lhe aprouver, pois tem bom coração. — Respirou fundo e Tomas ouviu o estertor na garganta do dragão. — Agora, Dolgan.

Dolgan estendeu o bastão e o encostou com delicadeza na cabeça do dragão. Inicialmente, nada aconteceu.

— Foi o último presente de Macros — disse Rhuagh em voz baixa.

De repente, começou a formar-se uma suave luz dourada ao redor do dragão. Ouviu-se um murmúrio, como se as paredes do salão ressoassem com uma música sobrenatural. O som intensificou-se enquanto a luz ganhava intensidade, começando a vibrar de energia. Tomas e Dolgan presenciaram as manchas desbotadas desaparecerem das escamas de Rhuagh. A sua pele reluzia com um fulgor dourado e a película começou a desaparecer de seus olhos. Ergueu a cabeça com lentidão, e eles perceberam que o dragão conseguia ver o salão à sua

volta. A crista estava em pé, e as asas, abertas, deixando à vista o esplêndido lustro verde por baixo delas. Os dentes amarelados ganharam uma alvura brilhante, e as garras negras esmaecidas reluziam como ébano polido quando se pôs de pé, erguendo a cabeça para o alto.

— Jamais contemplei visão tão magnífica — disse Dolgan em voz baixa.

Aos poucos, a luz intensificou-se enquanto Rhuagh regressava à imagem do vigor de sua juventude. Ergueu-se em toda a sua plena e impressionante altura, a crista dançando com brilhos prateados. O dragão jogou a cabeça para trás, em um movimento jovem e vigoroso, e, com um grito de júbilo, lançou uma potente chama até o alto teto abobadado. Com um rugido semelhante a cem trombetas, gritou:

— Agradeço-lhe, Macros. É, de fato, um presente esplêndido.

Então o som estranhamente cadenciado e harmônico mudou de timbre, tornando-se mais insistente, mais alto. Por um segundo, tanto Dolgan como Tomas pensaram ter ouvido uma voz entre os tons ritmados, um eco profundo e oco que dizia:

— Não há de quê, meu amigo.

Tomas sentiu os olhos úmidos e levou a mão ao rosto. Lágrimas de alegria pela beleza pura do dragão escorriam. As enormes asas douradas do dragão abriram-se, como se ele estivesse prestes a voar. A luz brilhante ganhou tal força que Tomas e Dolgan mal conseguiam olhá-la, embora não fossem capazes de afastar os olhos daquela visão. O som atingiu um nível tão alto que começou a cair pó do teto nas cabeças dos dois e sentiram o chão tremer. O dragão lançou-se para cima de asas estendidas e desapareceu em um ofuscante clarão de fria luz branca. De repente, o salão voltou ao que era antes e o som extinguiu-se.

O vazio na caverna transmitia uma sensação opressiva após o desaparecimento do dragão, e Tomas olhou para o anão:

— Vamos embora, Dolgan. Não tenho vontade nenhuma de ficar aqui.

Dolgan ficou pensativo.

— Sim, Tomas, também não tenho vontade de ficar aqui. No entanto, resta a questão dos presentes.

Dirigiu-se à arca que o dragão indicara e abriu-a.

Os olhos de Dolgan ficaram arregalados ao estender a mão e tirar dela um martelo anão.

Segurou-o à sua frente e olhou-o com reverência. A cabeça era feita de um metal prateado que reluzia com laivos azulados à luz da lanterna. Dos lados, símbolos anões apareciam entalhados. O cabo era de carvalho esculpido, com arabescos em todo o comprimento. O martelo fora polido, vendo-se a fibra rica da madeira através do acabamento. Dolgan conseguiu dizer, debilmente:

— É o Martelo de Tholin, há muito retirado do meu povo. O seu retorno trará júbilo a todos os salões do povo anão por todo o Oeste. É o símbolo do nosso último rei, perdido há séculos.

Tomas aproximou-se e viu algo mais na arca. Estendeu a mão e tirou dela uma grande trouxa de tecido branco. Desenrolou-a e viu que o tecido era um tabardo branco, ornado à frente com um dragão dourado. Lá dentro encontravam-se um escudo de igual padrão e um elmo dourado. Ainda mais extraordinária era a espada dourada de punho branco. A bainha era feita de um material macio e branco como marfim, mas ainda mais resistente, como metal. Debaixo da trouxa havia uma cota de malha dourada, que Tomas retirou da arca com uma exclamação de espanto:

— Oh!

Dolgan olhou para ele e disse:

— Aceite tudo, garoto. O dragão disse que era o seu presente.

— São requintados demais para mim, Dolgan. Pertencem a um príncipe ou a um rei.

— Creio que o proprietário anterior fará pouco uso deles, rapazinho. Foram dados de bom grado e pode fazer com eles o que quiser, embora acredice que sejam especiais, caso contrário não teriam sido colocados na arca com o martelo. O Martelo de Tholin é uma arma poderosa, forjada nas antigas fundições de Mac Cadman Alair, a mina mais antiga

destas montanhas. Há nele uma magia sem igual na história dos anões. É provável que aconteça o mesmo com a armadura e a espada douradas. Pode ser que haja algum propósito ao virem até você.

Tomas pensou por um momento e, em seguida, despiu seu manto. A túnica não era um gibão, mas a cota de malha dourada assentou-lhe com facilidade, mesmo tendo sido feita para alguém mais alto. Vestiu o tabardo por cima e colocou o elmo na cabeça. Pegando a espada e o escudo, ficou de frente para Dolgan.

— Pareço ridículo?

O anão observou-o com atenção.

— Ficaram um pouco largos, mas você vai crescer, sem dúvida. — Pensou vislumbrar algo na forma como o garoto se apresentava e segurava a espada em uma mão e o escudo na outra. — Não, Tomas, não ficou ridículo. Talvez você não pareça muito à vontade, mas ridículo, não. Eles são grandes, mas você virá a usá-los como foram feitos para serem usados, creio eu.

Tomas assentiu, pegou o manto e virou-se para a porta, embainhando a espada. A armadura era surpreendentemente leve, muito mais leve do que aquela que usara em Crydee.

— Não tenho vontade de levar mais nada, Dolgan — disse o garoto.

— Imagino que isso soe estranho.

Dolgan aproximou-se de Tomas.

— Não, garoto, pois também eu nada desejo das riquezas do dragão.

— Com um último olhar de relance para o salão atrás dele, acrescentou:

— Embora saiba que em noites futuras vou questionar a sensatez desta decisão. Talvez volte aqui um dia, mas duvido. Agora, vamos encontrar o caminho de volta.

Partiram e em pouco tempo chegaram a túneis que Dolgan conhecia bem e que os levariam à superfície.

Dolgan agarrou o braço de Tomas em uma advertência tácita. O garoto sabia bem que não deveria falar. Também sentiu o mesmo alerta que experimentara pouco antes do ataque do espetro, no dia

anterior. Contudo, desta vez quase o sentia fisicamente. A criatura morta-viva estava próxima. Abaixando a lanterna, Tomas fechou-lhe a portinhola. Arregalou os olhos em um assombro repentino, pois, em vez da escuridão esperada, viu vagamente a silhueta do anão avançando devagar. Sem pensar, disse:

— Dolgan...

O anão virou-se e, de repente, uma forma negra surgiu ameaçadoramente por trás dele.

— Atrás de você! — gritou Tomas.

Dolgan girou nos calcanhares para enfrentar o espectro, erguendo o escudo e o Martelo de Tholin instintivamente. A criatura morta-viva tentou alcançar o anão e somente os reflexos de Dolgan, treinados nos campos de batalha, e a capacidade de seu povo de detectar movimento na escuridão cerrada o salvaram, pois o contato ocorreu no escudo de madeira e ferro. A criatura uivou de raiva ao sentir o ferro. Neste instante, Dolgan investiu com a arma lendária dos seus antepassados e a criatura gritou quando o martelo a acertou. Da cabeça do martelo brotou uma luz azul-esverdeada e a criatura recuou, gemendo de dor.

— Fique atrás de mim — gritou Dolgan. — Se o ferro o irrita, o Martelo de Tholin o fere. Acho que serei capaz de afugentá-lo.

Tomas começou a obedecer ao anão, mas a sua mão avançou para desembainhar a espada dourada situada do lado esquerdo do quadril. De um momento para outro, a armadura que não lhe caía bem pareceu se acomodar em volta dos ombros de forma mais confortável, e o escudo equilibrou-se no braço como se o carregasse há anos. Involuntariamente, Tomas deslocou-se para trás de Dolgan e depois lhe passou à frente, com a espada dourada a postos.

A criatura pareceu hesitar, deslocando-se, em seguida, até Tomas. O garoto ergueu a espada, preparado para golpeá-la. Com um gemido de puro terror, o espectro virou-se e fugiu. Dolgan olhou de relance para Tomas e viu algo que o fez hesitar, enquanto Tomas parecia tomar consciência de si, embainhando a espada.

Dolgan se voltou para a lanterna e perguntou:

— O que o levou a fazer aquilo, rapaz?

— Eu... Eu não sei — respondeu Tomas. Sentindo-se subitamente constrangido por ter desobedecido às instruções do anão, acrescentou:

— Mas funcionou. A coisa foi embora.

— Sim, funcionou — concordou Dolgan, abrindo a portinhola da lanterna. À luz, examinou o garoto.

— Acho que o martelo do seu antepassado era mais do que a criatura podia aguentar — disse Tomas.

Dolgan não respondeu, mas sabia que não fora esse o caso. A criatura fugira apavorada ao ver Tomas na sua armadura branca e dourada. Foi então que surgiu outro pensamento na cabeça do anão.

— Garoto, como conseguiu me avisar que a criatura estava atrás de mim?

— Eu a vi.

Dolgan virou-se para fitar Tomas, nitidamente atônito.

— Você a viu? Como? Tinha fechado a portinhola da lanterna.

— Não sei como. Mas vi.

Dolgan voltou a fechar a portinhola da lanterna e levantou-se. Afastando-se alguns metros, perguntou:

— Onde estou agora, rapaz?

Sem hesitar, Tomas veio se colocar diante do anão, pousando-lhe uma mão no ombro.

— Aqui.

— O que...? — Foi a reação de Dolgan.

Tomas tocou o elmo e em seguida o escudo.

— Você disse que eram especiais.

— Disse, rapaz. Mas não achei que fossem *tão* especiais assim.

— Seria melhor tirar? — perguntou o garoto, preocupado.

— Não, não. — Deixando a lanterna no chão, Dolgan disse: — Avançaremos mais depressa se eu não tiver de me preocupar com o que você pode e não pode ver. — Esforçou-se para colocar animação na voz: — Apesar de não existirem dois guerreiros iguais a nós nestas terras, é melhor não anunciamos a nossa presença com a luz. Não fiquei nada

tranquilo depois de o dragão contar que os moredhel estiveram aqui embaixo nas nossas minas. Se um bando teve coragem de arriscar-se a enfrentar a ira do meu povo, poderão surgir outros. Aquele espectro poderá temer a sua espada dourada e o meu antigo martelo, mas vinte moredhel poderão não ser tão fáceis de impressionar.

Tomas não soube o que responder, então avançaram escuridão adentro.

Por três vezes pararam e esconderam-se enquanto grupos apressados de goblins e Irmãos das Trevas passavam por perto. De sua posição estratégica na penumbra, conseguiram ver que muitos dos que passavam apresentavam ferimentos ou mancavam, amparados por seus companheiros. Após a passagem do último grupo, Dolgan virou-se para Tomas:

— Nunca na nossa história os goblins e os moredhel atreveram-se a entrar em nossas minas em tão grande número. Temem tanto o nosso povo que não se arriscam.

— Parecem bastante maltratados, Dolgan, há fêmeas e jovens entre eles, e também carregam grandes trouxas — disse Tomas. — Estão fugindo de algo.

O anão concordou.

— Estão vindo todos do vale ao norte das Torres Cinzentas e dirigem-se ao Coração Verde. Há algo que os impele para o sul.

— Os tsurani?

Dolgan confirmou.

— Foi o que pensei também. É melhor regressarmos a Caldara o quanto antes.

Partiram e pouco depois caminhavam por túneis que Dolgan conhecia bem e que os levariam à superfície e para casa.

Cinco dias depois, quando chegaram a Caldara, estavam ambos exaustos. A neve nas montanhas era espessa e o avanço, lento. Ao se

aproximarem da aldeia, foram avistados por guardas, e não tardou para que todos os aldeões viessem cumprimentá-los.

Foram levados para o amplo salão da aldeia e deram um quarto para Tomas. Ele estava tão cansado que adormeceu na mesma hora — até mesmo o robusto anão estava fatigado. Os anões concordaram em convocar os anciões da aldeia para se reunirem em conselho no dia seguinte e discutirem as últimas notícias que tinham chegado ao vale.

Tomas accordou faminto. Levantou-se, espreguiçou-se e ficou admirado por não sentir qualquer rigidez. Adormecera vestindo a cota de malha dourada e devia ter acordado dolorido. Em vez disso, sentia-se descansado e em boa forma. Abriu a porta e entrou no salão. Não viu ninguém até chegar ao centro do vasto aposento. Ao longo da grande mesa, estavam sentados vários anões, com Dolgan à cabeceira. Tomas reparou que um deles era Weylin, filho de Dolgan, que indicou uma cadeira ao garoto e apresentou-o ao grupo.

Todos cumprimentaram Tomas, que respondeu com cortesia. Olhava principalmente para o grande banquete sobre a mesa.

Dolgan riu e disse:

— Sirva-se, rapazinho; não há razão para ficar aí cheio de fome com a mesa cheia.

Tomas encheu um prato com carne, queijo e pão e pegou uma caneca de cerveja, embora a sua cabeça não estivesse preparada para a bebida e ainda fosse cedo. Devorou tudo em um instante e voltou a servir-se, reparando se havia alguém desaprovando seu comportamento. Grande parte dos anões estava envolvida em uma discussão complicada cuja natureza Tomas desconhecia, pois se relacionava com a distribuição de provisões de inverno a diversas aldeias da região.

Dolgan pôs fim à discussão e disse:

— Agora que Tomas está presente, creio que seja apropriado falarmos desses tsurani.

Tomas aguçou os ouvidos ao ouvir aquelas palavras e voltou completamente sua atenção para o que estava sendo dito. Dolgan prosseguiu:

— Desde que saí em patrulha, recebemos mensageiros de Elvandar e da Montanha de Pedra. Tem havido muitos informes sobre a presença desses forasteiros nas proximidades da Passagem Norte. Eles montaram acampamentos nas colinas ao sul da Montanha de Pedra.

— Isso é assunto deles, a menos que nos chamem às fileiras — disse um dos anões.

— De fato, Orwin, mas também nos chegaram notícias de que foram vistos entrando e saindo do vale, logo ao sul da passagem — retorquiu Dolgan. — Entraram em terras que nos pertencem por tradição, e isso diz respeito às Torres Cinzentas.

O anão a quem chamavam Orwin assentiu com um aceno de cabeça.

— Sem dúvida, mas não poderemos fazer nada até a primavera.

Dolgan pôs os pés em cima da mesa e acendeu o cachimbo.

— E isso também é verdade. Mas devemos ficar gratos, pois os tsurani também nada poderão fazer até a primavera.

Tomas largou um pedaço de carne que tinha na mão.

— As nevascas já chegaram?

Dolgan olhou para ele.

— Sim, rapazinho, as passagens estão cobertas de neve, uma vez que a primeira nevasca deste inverno caiu sobre nós ontem à noite. Nada poderá se deslocar ali, muito menos um exército.

Tomas olhou para Dolgan.

— Quer dizer...

— Sim. Neste inverno você será nosso hóspede, visto que sequer o mensageiro mais audacioso conseguiria encontrar a saída destas montanhas e chegar a Crydee.

Tomas reclinou-se, pois, apesar do conforto do grande salão dos anões, ansiava por um ambiente mais familiar. Porém, não havia nada que pudesse ser feito. Conformou-se com a situação e concentrou-se em sua refeição.

A Ilha do Feiticeiro

O grupo exaurido chegou penosamente a Bordon. Em volta deles cavalgava uma companhia de patrulheiros nataleses, usando as tradicionais túnicas, calças e mantos cíncerados. Estavam de vigia quando encontraram os viajantes a cerca de um quilômetro e meio da vila e os escoltaram. Borric estava irritado, pois os patrulheiros não tinham se oferecido para levar os viajantes exaustos em seus cavalos, mas conseguia disfarçar bem. Não tinham muitas razões para reconhecer o grupo de maltrapilhos como o Duque de Crydee e o seu séquito, e, mesmo que tivessem chegado ali com grande pompa, era pouco o afeto que existia entre as Cidades Livres de Natal e o Reino.

Pug contemplou Bordon com admiração. Era uma cidade pequena pelos padrões do Reino, pouco mais do que uma vila de porto marítimo, mas bastante maior do que Crydee. Para onde quer que olhasse, via pessoas em serviços estranhos, atarefadas e preocupadas. Pouca atenção dispensaram aos viajantes, fora um olhar de relance ocasional de um comerciante ou de uma mulher no mercado. O garoto nunca vira tanta gente, tantos cavalos, mulas e carroças em um só lugar. Era uma balbúrdia de cores e sons que oprimia os sentidos. Cães corriam latindo atrás dos cavalos dos patrulheiros, evitando agilmente os coices das

montarias irritadas. Alguns meninos de rua gritaram obscenidades ao grupo, todos notoriamente estrangeiros, pela aparência, e provavelmente prisioneiros, pela escolta. Pug sentiu-se vagamente incomodado pela grosseria, mas se distraiu depressa com as novidades ao seu redor.

Bordon, tal como os outros povoados da região, não possuía um exército permanente; custeava uma guarnição de patrulheiros nataleses, descendentes dos lendários Guias Imperiais Keshianos e tidos como a melhor cavalaria e os melhores batedores do oeste. Tinham a capacidade de avisar com bastante antecedência a aproximação de perigo, dando tempo aos soldados locais para se reunirem. Independentes, os patrulheiros tinham a liberdade de liquidar os salteadores e renegados que encontrassem, mas, depois de ouvir a história do Duque e a referência ao nome de Martin do Arco — que conheciam muito bem —, o líder da patrulha decidiu que aquele assunto deveria ser levado aos líderes locais.

Foram levados ao gabinete do prefeito, localizado em um pequeno edifício próximo da praça da cidade. Os cavaleiros pareciam satisfeitos por livrarem-se dos prisioneiros e retornarem à patrulha, quando os deixaram sob a custódia do prefeito.

Ele era um homem baixo e moreno, que usava faixas de cores vivas em torno da ampla cintura e grandes anéis de ouro nos dedos. Alisava a barba escura e oleosa enquanto o capitão dos patrulheiros explicava o encontro da companhia com o grupo do Duque. Quando os cavaleiros partiram, o prefeito cumprimentou Borric friamente. Assim que o Duque deixou claro que eram aguardados por Talbott Kilrane, o maior corretor de navios da cidade e representante comercial de Borric nas Cidades Livres, os modos do prefeito mudaram abruptamente. Foram conduzidos do gabinete até os seus aposentos particulares e ofereceram-lhes café quente e escuro. O prefeito enviou um dos seus serviçais com uma mensagem à casa de Kilrane e aguardou calmamente, conversando trivialidades de vez em quando com o Duque.

Kulgan inclinou-se para Pug e explicou:

— O nosso anfitrião é do tipo que vê para onde sopra o vento antes de tomar uma decisão; por isso aguarda a resposta do mercador antes de decidir se somos prisioneiros ou hóspedes. — O mago soltou um riso abafado. — À medida que você for crescendo, será mais fácil perceber que funcionários de menor importância são iguais em qualquer lugar.

Pouco depois, uma tempestade furiosa na forma de Meecham entrou de rompante pela porta da casa do prefeito, com um dos funcionários principais de Kilrane ao seu lado. Rapidamente, o funcionário deixou bem claro que certamente aquele era o Duque de Crydee e que, sim, era verdade que Talbott Kilrane o aguardava. O prefeito desculpou-se servilmente, esperando que o Duque lhe perdoasse o incômodo; sob as condições em que se encontravam, naquela época conturbada, esperava que entendesse. Os seus modos eram aduladores, e o sorriso, falso.

Borric confirmou que, de fato, comprehendia muito bem. Sem mais delongas, deixaram o prefeito e saíram para a rua, onde um grupo de cavalariços os aguardava com cavalos. Montaram rapidamente, e Meecham e o funcionário os conduziram pela cidade, rumo a uma comunidade de mansões imponentes construídas na encosta.

A casa de Talbott Kilrane ficava no ponto mais elevado da colina mais alta, com vista para a cidade. Da estrada, Pug via navios ancorados. Dezenas deles não tinham os mastros, obviamente inativos durante o inverno rigoroso. Algumas embarcações costeiras que se dirigiam a Ylith, ao norte, ou a outras Cidades Livres entravam e saíam cautelosamente, mas de modo geral o porto estava calmo.

Chegaram à casa e passaram por um portão aberto em um muro baixo, enquanto surgiam serviçais para levar os cavalos. Quando desmontaram, o anfitrião saiu pela enorme entrada da casa.

— Bem-vindo, Lorde Borric, bem-vindo — disse, com um sorriso cordial no rosto esquelético. Talbott Kilrane lembrava um abutre reencarnado em forma humana, de cabeça calva, feições severas e olhos pequenos e escuros. As vestes caras pouco contribuíam para esconder a magreza, mas os seus modos transmitiam tranquilidade, e os olhos, uma

preocupação genuína, a ponto de amenizarem seu aspecto pouco atraente.

Apesar da aparência, Pug simpatizou com ele. Kilrane mandou os criados prepararem quartos e refeições quentes para o grupo. Não quis ouvir quando o Duque tentou explicar a missão. Erguendo uma mão, interrompeu-o:

— Depois, Vossa Graça. Poderemos falar demoradamente após o senhor repousar e comer. Aguardo-os hoje para o jantar, mas por ora há camas e banhos preparados para o seu séquito. Pedirei que levem refeições quentes aos seus aposentos. Boa comida, repouso e mudas de roupas limpas irão fazer vocês se sentirem novos. Então falaremos.

Bateu palmas e um guarda surgiu para lhes indicar os quartos. Ao Duque e ao filho foram designados aposentos separados, enquanto Pug e Kulgan dividiram um quarto. Gardan foi levado até o quarto de Meecham, e os soldados do Duque foram conduzidos aos aposentos dos serviciais.

Kulgan disse a Pug que tomasse banho primeiro, enquanto ele conversava um pouco com o seu serviçal. Meecham e Kulgan foram para o quarto do homem, e Pug despiu as roupas sujas. No centro do quarto encontrava-se uma grande banheira de metal, cheia de água perfumada, quente e fumegante. Ao entrar nela, tirou o pé de imediato. Após três dias caminhando na neve, parecia que a água estava fervendo. Devagar, voltou a colocar o pé na banheira e, quando se acostumou, entrou aos poucos.

Recostou-se na banheira, cuja parte de trás, inclinada, fornecia apoio. O interior era esmaltado, e Pug achou estranha a sensação lisa e macia em comparação com as banheiras de madeira a que estava habituado. Ensabouu-se com um sabão cheiroso e lavou a sujeira do cabelo, depois se ergueu e despejou um balde de água fria na cabeça para retirar a espuma.

Secou-se e vestiu o camisão de dormir lavado que tinham deixado para ele. Apesar de ser cedo, deitou-se na cama quentinha. Seu último

pensamento foi dirigido ao garoto ruivo e de sorriso fácil. Ao adormecer, pensou se Dolgan teria encontrado seu amigo.

Acordou uma vez durante o dia, ouvindo uma melodia desconhecida cantarolada enquanto Kulgan respingava água com grande entusiasmo ao ensaboar o imenso corpo. Pug fechou os olhos e voltou a adormecer.

Estava dormindo profundamente quando o mago o acordou para jantar. A túnica e as calças tinham sido lavadas e um pequeno rasgão na sua camisa havia sido remendado. As botas estavam polidas e reluziam com um brilho preto. Quando estava se olhando no espelho, reparou pela primeira vez em uma tênue sombra escura no rosto. Aproximou-se e reparou nos primeiros sinais de barba.

Observando-o, Kulgan disse:

— Bem, Pug, devo pedir que tragam uma lâmina para que mantenha o queixo liso assim como o do Príncipe Arutha? Ou pretende cultivar uma barba imponente? — Passou a mão com gestos exagerados na sua própria barba grisalha.

Pug sorriu pela primeira vez desde que deixara Mac Mordain Cadal.

— Acho que não preciso me preocupar por algum tempo com esse assunto.

Kulgan riu, satisfeito por ver o ânimo do garoto retornando. O mago ficara inquieto com a intensidade do luto de Pug por Tomas e sentiu-se aliviado por ver a natureza jovial do garoto impondo-se. Kulgan abriu a porta.

— Vamos?

Pug inclinou a cabeça, imitando uma mesura cortês, e disse:

— Com certeza, Mestre Mago. Depois do senhor. — E desatou a rir.

Dirigiram-se à sala de jantar, um ambiente imenso e profusamente iluminado, embora não se comparasse ao salão do castelo de Crydee. O Duque e o Príncipe Arutha já estavam sentados, e Kulgan e Pug tomaram de imediato os seus lugares à mesa.

Borric estava terminando o relato dos acontecimentos em Crydee e na grande floresta quando Pug e Kulgan se sentaram.

— E então — disse ele — optei por trazer pessoalmente estas notícias, tal é a importância que lhes confiro.

O mercador recostou-se na cadeira enquanto os criados traziam uma enorme variedade de pratos para o jantar.

— Lorde Borric — disse Talbott —, quando Meecham veio falar comigo, o pedido que trouxe em seu nome foi um tanto vago, devido, creio, à forma como as informações foram transmitidas. — Referia-se à magia empregada por Kulgan para contatar Belgan, que, por sua vez, enviara a mensagem a Meecham. — Jamais imaginei que o seu desejo de alcançar Krondor viesse a revelar-se tão vital para o meu povo como agora vejo. — Fez uma pausa e acrescentou: — É óbvio que estou alarmado com as notícias que traz. Estava disposto a ser não mais do que o corretor que iria lhe fornecer um navio, mas agora me comprometo a lhes entregar uma das minhas próprias embarcações.

Pegou uma sineta que se encontrava perto da sua mão e tocou-a. Pouco tempo depois, um criado encontrava-se ao seu lado.

— Envie uma mensagem ao Capitão Abram para que prepare o *Rainha das Tormentas*. Partirá com a maré da tarde de amanhã para Krondor. Depois enviarei instruções mais detalhadas.

O criado fez uma mesura e saiu.

— Sou-lhe grato, Mestre Kilrane — disse o Duque. — Esperava que compreendesse, mas não contava encontrar um navio tão depressa.

O mercador olhou diretamente para Borric.

— Duque Borric, permita-me a franqueza. As Cidades Livres e o Reino não morrem de amores entre si. E, para ser ainda mais franco, menos afeto ainda gera o nome conDoin. Foi o seu avô que devastou Walinor e cercou Natal. Ele foi contido apenas a dezesseis quilômetros desta cidade, e esta lembrança ainda provoca ressentimentos em muitos de nós. Descendemos de keshianos, mas somos homens livres por nascimento e nutrimos pouca simpatia por conquistadores. — Kilrane prosseguiu, enquanto o Duque sentava-se tenso em seu lugar: — Porém temos de admitir que mais tarde o seu pai, e o senhor agora, têm sido bons vizinhos, negociando honestamente com as Cidades Livres, por

vezes até de modo generoso. Acredito que o senhor é um homem honrado e imagino que esse povo tsurani deve ser tudo o que diz que são. O senhor não é dado a exageros, creio eu.

O Duque pareceu relaxar um pouco com aquelas palavras. Talbott bebeu um gole de vinho e recomeçou:

— Seríamos tolos se não reconhecessemos que os nossos melhores interesses coincidem com os do Reino, pois sozinhos não temos força. Quando partirem, convocarei uma reunião do Conselho de Guildas e Mercadores e demonstrarei a necessidade de apoiar o Reino nesta causa.

— Sorriu e todos na mesa perceberam que ali estava um homem tão confiante na sua influência e autoridade quanto o Duque. — Creio que não terei dificuldade em demonstrar a sensatez desse apoio ao conselho. Basta mencionar aquela galera de guerra dos tsurani e especular um pouco sobre o que aconteceria aos nossos navios contra uma frota de tais embarcações para convencê-los.

Borric riu e bateu com a mão na mesa.

— Mestre mercador, bem vejo que a sua riqueza não foi conseguida com um estalar de dedos afortunado do destino. A sua mente astuta iguala-se à mente do meu Padre Tully, assim como a sua sabedoria. Fico-lhe agradecido.

O Duque e o mercador continuaram a conversar noite adentro, mas Pug ainda estava cansado e voltou para a cama. Horas depois, quando Kulgan entrou no quarto, encontrou o garoto dormindo tranquilamente, com uma expressão serena no rosto.

O*Rainha das Tormentas* era levado pelo vento, com os mastaréus dos joanetes e os cutelos dos sobrejoanetes atirando-o de encontro ao mar revolto. A chuva em torvelinho, angustiante e gélida, tornava a noite tão escura que quem se encontrava no convés não conseguia ver os topes dos mastros altos na penumbra enevoada.

No tombadilho superior, amontoavam-se silhuetas debaixo de grandes mantos impermeáveis e forrados de pele, tentando se manter quentes e secas naquela umidade glacial. Nas últimas duas semanas, por

duas vezes haviam navegado em mares revoltos, mas aquelas eram certamente as piores condições com que tinham se deparado. Do cordame veio um grito e chegou ao capitão a notícia de que dois homens tinham tombado das vergas. O Duque Borric gritou para o Capitão Abram:

— Não há nada que se possa fazer?

— Não, meu senhor. São homens mortos e procurá-los seria uma tolice, mesmo que isso fosse possível, e não é — gritou também o capitão, erguendo a voz acima do ribombar da tempestade.

Toda uma equipe de vigília estava lá no alto, no cordame traiçoeiro, retirando o gelo que se formava nos mastros e vergas e que podia levá-los a quebrar sob o peso adicional, o que inutilizaria o navio. O Capitão Abram segurava-se à amurada com uma mão, prestando atenção a sinais de perigo, todo o corpo em sintonia com o navio. Ao seu lado estavam o Duque e Kulgan, meio desequilibrados no convés inclinado. De baixo, ouviram-se rangidos e estalos, e o capitão praguejou.

Pouco depois, um marinheiro surgiu junto deles.

— Capitão, uma tábua do casco rachou e está entrando água no barco.

O capitão acenou a um dos seus imediatos que se encontrava no convés principal.

— Leve um grupo para baixo e tapem os estragos, depois venha me colocar a par da situação.

O imediato logo escolheu quatro homens para acompanhá-lo. Kulgan pareceu entrar em uma espécie de transe por um minuto antes de dizer:

— Capitão, esta tempestade irá se prolongar por mais três dias.

O capitão amaldiçoou a sorte que os deuses lhe tinham reservado e disse ao Duque:

— Não posso navegar pela tempestade por três dias com água entrando no barco. Tenho que encontrar um local para fundear e reparar o casco.

O Duque assentiu, erguendo a voz acima do temporal:

— Vai virar para Queg?

O capitão sacudiu a cabeça, removendo a neve e a água que pingavam da barba negra.

— Não posso virar para Queg contra o vento. Teremos de lançar âncora na Ilha do Feiticeiro.

Kulgan sacudiu a cabeça, ainda que os outros não tivessem reparado no gesto. O mago perguntou:

— Não haverá outro local onde possamos nos abrigar?

O capitão olhou para o mago e para o Duque.

— Não, pelo menos não tão perto. Correríamos o risco de perder um mastro. Além disso, caso não naufragássemos e afundássemos, perderíamos seis dias em vez de três. As ondas estão cada vez maiores e temo perder mais homens. — Gritou ordens para cima e para o timoneiro e tomaram um rumo mais para o sul, a caminho da Ilha do Feiticeiro.

Kulgan desceu com o Duque. O movimento oscilante e agitado do navio tornava as escadas e os corredores estreitos difíceis de transpor, e o corpulento mago foi atirado de um lado para outro enquanto tentavam alcançar as cabines. O Duque entrou na sua, dividida com o filho, e Kulgan entrou na dele. Gardan, Meecham e Pug tentavam descansar nos respectivos beliches enquanto o barco era castigado. O garoto estava passando por momentos complicados, pois enjoara durante os primeiros dois dias. Conseguira encontrar certo equilíbrio, mas era incapaz de comer o porco e os biscoitos salgados que eram forçados a ingerir. Devido ao mar agitado, o cozinheiro do navio não tivera a oportunidade de desempenhar as suas funções habituais.

As tábuas do navio rangeram, protestando contra as ondas que as flagelavam, e mais à frente ouvia-se o som de martelos enquanto a tripulação tentava reparar a brecha no casco.

Pug virou-se para Kulgan.

— E quanto à tempestade?

Meecham apoiou-se em um cotovelo e olhou para o mestre. Gardan imitou-o. Kulgan respondeu:

— Vai durar mais três dias. Vamos ancorar no lado protegido de uma ilha e lá aguardaremos até que a tempestade diminua.

— Que ilha? — quis saber Pug.

— A Ilha do Feiticeiro.

Meecham saltou do beliche como um raio, batendo com a cabeça no teto baixo. Praguejando e massageando a cabeça, enquanto Gardan segurava uma gargalhada, exclamou:

— A ilha de Macros, o Negro?

Kulgan confirmou, ao mesmo tempo que usou uma das mãos para se equilibrar quando a embarcação passou no topo da crista de uma onda alta, caindo na depressão do mar.

— Esse mesmo. Não me agrada nada a ideia, mas o capitão teme pelo navio. — Como que para salientar esse argumento, o casco rangeu e chiou de forma alarmante por um instante.

— Quem é Macros? — perguntou Pug.

Kulgan ficou momentaneamente pensativo, tanto por estar escutando a tripulação trabalhando no porão quanto devido à pergunta do garoto. Em seguida disse:

— Macros é um grande feiticeiro, Pug. Talvez o maior que o mundo já conheceu.

— Sim — acrescentou Meecham —, e também é a cria de algum demônio do mais profundo círculo do inferno. As suas artes são as mais obscuras que existem e até os sanguinários Sacerdotes de Lims-Kragma temem pisar naquela ilha.

Gardan riu.

— Ainda estou para ver um feiticeiro que consiga intimidar os sacerdotes da Deusa da Morte. Deve ser um mago poderoso.

— Não passam de histórias, Pug — disse Kulgan. — O que sabemos sobre ele é que, quando a perseguição aos magos do Reino atingiu seu auge, Macros fugiu para essa ilha. Desde então, nunca mais ninguém viajou para lá ou de lá saiu.

Pug sentou-se no beliche, interessado no que estava ouvindo, alheio ao terrível ruído da tempestade. Observou o rosto de Kulgan banhado

pela meia-luz e pelas sombras trêmulas provocadas pela lamparina oscilante a cada solavanco.

— Macros é muito velho — prosseguiu Kulgan. — Só ele sabe as artes que usa para se manter vivo, mas vive ali há mais de trezentos anos.

— Ou viveram ali vários homens que utilizavam o mesmo nome — escarneceu Gardan.

Kulgan anuiu.

— Talvez. Seja como for, nada se sabe de concreto sobre ele, a não ser lendas terríveis contadas por marinheiros. Desconfio de que, mesmo que Macros pratique o lado mais obscuro da magia, a sua reputação deve estar muito exagerada, o que é, talvez, uma forma de garantir a privacidade.

Um rangido sonoro, como se outra tábua do casco tivesse estalado, silenciou-os. A cabine balançou com o temporal e Meecham disse aquilo que todos pensavam:

— E eu espero que consigamos pisar na Ilha do Feiticeiro.

O navio entrou vagarosamente na baía ao sul da ilha. Teriam de aguardar que a tormenta acalmasse antes que os mergulhadores pudessem inspecionar os danos no casco.

Kulgan, Pug, Gardan e Meecham subiram ao convés. O tempo parecia um pouco mais ameno, uma vez que os penhascos protegiam da fúria da tempestade. Pug aproximou-se do capitão e de Kulgan, que conversavam. Seguiu o olhar de ambos até o cume dos penhascos.

Muito acima da baía via-se um castelo de torres altas perfiladas no céu à luz pardacenta do dia. Era um lugar estranho, com campanários e torreões que se erguiam como se formassem uma mão com garras. Todo o castelo estava envolto em escuridão, com exceção de uma janela em uma das torres altas que irradiava uma luz azul e palpante, como se relâmpagos tivessem sido capturados e estivessem agora a serviço de quem lá morava.

Pug ouviu Meecham dizer:

— Ali, na falésia. Macros.

Passados três dias, os mergulhadores vieram à superfície e gritaram para o capitão relatando os danos. Pug encontrava-se no convés principal com Meecham, Gardan e Kulgan. O Príncipe Arutha e o pai estavam ao lado do capitão, aguardando o veredito sobre o estado do navio. Lá em cima, as aves marinhas voavam em círculos, à procura dos restos e do lixo que um navio naquelas águas prenunciava. Os temporais de inverno pouco ajudavam a suprir a parca alimentação das aves, e um navio era uma fonte bem-vinda de comida.

Arutha desceu até o convés principal, onde os outros aguardavam.

— Levaremos até o meio-dia de amanhã para reparar todos os danos, mas o capitão acha que o navio aguentará até Krondor. A partir daqui, não deveremos encontrar muitas dificuldades.

Meecham e Gardan trocaram olhares significativos. Sem querer deixar passar a oportunidade, Kulgan disse:

— Poderíamos desembarcar, Vossa Alteza?

Arutha massageou o queixo barbeado.

— Sim, embora não deva haver um único marinheiro que queira lançar um barco à água para nos levar.

— Nos levar? — perguntou o mago.

Arutha deu o seu sorriso torto.

— Já tive a minha dose de cabines, Kulgan. Sinto falta de esticar as pernas em terra firme. Além disso, sem supervisão, vocês passariam o dia percorrendo lugares que não deveriam.

Pug ergueu os olhos para o castelo, gesto que o mago notou.

— Não nos aproximaremos daquele castelo nem da estrada que leva até lá, com certeza. As histórias sobre esta ilha contam que o mal chega somente aos que tentam transpor as muralhas do feiticeiro.

Arutha fez sinal a um marujo. Um escaler foi preparado e os quatro homens e o garoto embarcaram. O bote foi içado por cima do costado e descido por uma equipe de homens que suavam, apesar do vento frio que ainda soprava no rastro da tempestade. Pelos olhares que lançavam ao topo da falésia, Pug sabia que não eram o trabalho nem o tempo que causavam aquela transpiração.

Como se tivesse lido os seus pensamentos, Arutha disse:

— Pode até haver gente mais supersticiosa em Midkemia do que os marinheiros, mas nunca me foi apresentada.

Quando o escaler chegou à água, Meecham e Gardan soltaram as amarras suspensas dos pinos. Os dois homens pegaram desajeitadamente os remos e começaram a remar para a praia. Iniciaram em ritmo irregular e hesitante, mas, diante dos olhares de reprovação do Príncipe, aos quais se juntaram comentários sobre como seria possível que homens que tinham passado a vida inteira em uma aldeia costeira não soubessem remar, eles finalmente conseguiram avançar de modo apropriado.

Chegaram a uma pequena enseada coberta de areia que separava as falésias da baía. Um caminho subia para o castelo e a ele juntava-se outro que percorria a ilha.

Pug saltou do escaler e ajudou a puxá-lo para terra. Quando já estava bem preso, os outros desembarcaram e esticaram as pernas.

O garoto sentiu que estavam sendo observados, mas sempre que olhava em volta não via nada além de rochedos e das escassas aves marinhas que passavam o inverno nas fendas da falésia.

Kulgan e o Príncipe examinaram os dois caminhos que saíam da praia. O mago olhou para o que se afastava do castelo do feiticeiro e disse:

— Não fará muito mal se explorarmos o outro caminho. Vamos?

Dias de aborrecimento e reclusão superaram qualquer vestígio de ansiedade que ainda sentissem. Com um aceno brusco de cabeça, Arutha seguiu à frente.

Pug era o último, atrás de Meecham. O homem livre de ombros largos estava armado com uma espada, na qual sua mão repousava. Pug manteve a funda pronta, pois ainda não se sentia confiante com a espada, embora Gardan lhe estivesse ensinando sempre que surgia uma oportunidade. O garoto tocou distraído na funda, absorvendo a vista diante deles.

Ao longo do caminho agitavam-se várias colônias de vira-pedras e batuíras, que levantavam voo quando o grupo se aproximava. As aves faziam ouvir os seus protestos e voavam próximo dos ninhos até que os andarilhos se afastassem, regressando depois ao parco conforto da encosta.

Subiram até a primeira de uma sucessão de colinas; o caminho que se afastava do castelo podia ser visto descendo atrás de outro cume.

— Deve levar a algum lugar — disse Kulgan. — Prosseguiremos?

Arutha assentiu e os outros ficaram calados. Continuaram a viagem até alcançarem um pequeno vale, um pouco maior que um desfiladeiro, entre duas cordilheiras de colinas baixas. No fundo do vale, viam-se algumas casas.

— O que acha, Kulgan? São habitadas? — perguntou Arutha em voz baixa.

Kulgan observou-as por um instante, virando-se em seguida para Meecham, que deu um passo à frente. O homem livre inspecionou a paisagem abaixo, o olhar percorrendo o fundo do vale até as colinas ao redor.

— Creio que não. Não vejo sinais de fumaça dos fogões das cozinhas, nem se ouve ninguém trabalhando.

Arutha retomou o caminho de descida até o fundo do vale e os outros o seguiram. Meecham virou-se para Pug por um momento e reparou que o garoto estava desarmado, exceto pela funda. O homem livre tirou uma comprida faca de caça do cinto e ofereceu-a ao garoto sem fazer comentários. Pug inclinou a cabeça uma única vez para agradecer-lhe e pegou a arma sem dizer uma palavra.

Chegaram a um planalto acima das casas e Pug reparou em uma de aspecto estranho, um edifício central rodeado por um pátio enorme e vários anexos. Toda a propriedade era circundada por um muro baixo, que não tinha mais que um metro e vinte de altura.

Desceram a colina pouco a pouco até chegarem a um portão no muro. No pátio, viam-se várias árvores frutíferas despidas de folhagem e uma área ajardinada coberta de ervas daninhas. Junto à fachada do edifício

central, podia ser vista uma fonte, decorada com uma estátua de três golfinhos. Aproximaram-se dela e viram que o interior do pequeno lago que rodeava a estátua estava coberto de azulejos azuis, desbotados e descoloridos pela passagem do tempo. Kulgan examinou a fonte.

— Foi construída de uma forma engenhosa. Creio que a água saía da boca dos golfinhos.

Arutha concordou.

— Já vi as fontes do Rei em Rillanon, e são parecidas, embora não sejam tão elegantes quanto esta.

Havia pouca neve no chão, pois parecia que nevava pouco, no vale e em toda a ilha, mesmo nos invernos mais rigorosos. Entretanto, ainda assim estava frio. Pug afastou-se um pouco e fitou a casa. Tinha apenas um andar, com janelas a cada três metros ao longo das paredes. Havia uma única abertura para uma porta dupla, na parede diante dele, ainda que as portas há muito tivessem sido arrancadas de suas dobradiças.

— Quem quer que vivesse aqui não esperava ter problemas. — Pug virou-se e viu Gardan atrás dele, também contemplando a casa. — Não tem torre de vigia — prosseguiu o sargento. — E o muro baixo parece que servia mais para afastar o gado dos jardins do que como defesa.

Meecham juntou-se aos dois, ouvindo o último comentário de Gardan.

— É, há pouca preocupação com defesa aqui. Este é o ponto mais baixo da ilha, exceto por aquele riacho que vocês puderam ver atrás da casa quando descemos a colina. — Ele virou-se para mirar o castelo, cujos campanários mais altos podiam ser vistos do vale. — É ali onde você constrói esperando conflitos. Este lugar — disse, indicando as casas baixas com um gesto — foi criado por alguém que pouco entendia de confrontos.

Afastando-se, Pug acenou com a cabeça concordando. Gardan e Meecham tomaram outra direção, rumo a um estábulo abandonado.

Pug continuou avançando até a parte de trás da casa e se deparou com várias outras casas menores. Agarrou a faca com a mão direita e entrou na que estava mais próxima. Dela, via-se o céu, pois o teto desabara.

Telhas vermelhas, estilhaçadas e desbotadas, jaziam pelo chão naquilo que parecia ter sido uma despensa, com grandes prateleiras de madeira junto a três paredes. Pug investigou os outros cômodos, percebendo que todos tinham uma configuração semelhante. Toda a casa fora uma espécie de área de armazenamento.

Foi até a casa seguinte e encontrou uma enorme cozinha. Em uma das paredes havia um fogão de pedra, tão grande que sobre ele poderiam ser colocadas várias frigideiras ao mesmo tempo; já o espeto que pendia de uma abertura traseira sobre o fogão era tão comprido que nele caberia metade de uma vaca ou um cordeiro inteiro. Uma gigantesca tábua de açougueiro no centro da cozinha apresentava marcas de incontáveis golpes de cutelo e faca.

Pug examinou um tacho de bronze de aspecto inusitado que estava em um canto, coberto de pó e teias de aranha. Virou-o ao contrário e encontrou uma colher de pau. Ao levantar os olhos, pensou ter visto alguém do lado de fora da cozinha.

— Meecham? Gardan? — chamou, enquanto avançava devagar até a porta. Quando saiu, não avistou ninguém, mas percebeu um movimento na porta de trás da casa principal.

Correu até lá, presumindo que os companheiros já teriam adentrado a construção. Ao entrar, notou algo se movendo no fundo de um corredor lateral. Parou por um instante para examinar aquela casa insólita.

A porta à sua frente estava aberta, uma porta de correr que caíra dos trilhos que a tinham segurado. Além da porta, viu um enorme pátio central a céu aberto. Na verdade, a casa era um quadrado oco, com pilares que sustentavam uma parte do telhado. Outra fonte e um pequeno jardim ocupavam o centro do pátio. Tal como a que se encontrava no lado de fora, aquela fonte mostrava avançado estado de degradação, e o jardim fora tomado por ervas daninhas.

Pug virou-se para o local onde vira movimento. Passou por uma porta lateral baixa e entrou em um corredor sombrio. O telhado perdera telhas em vários pontos e ocasionalmente deixava passar luz, facilitando a

orientação do garoto. Passou por dois cômodos vazios que supôs serem quartos.

Ao virar uma esquina, viu à sua frente a porta de um cômodo que lhe pareceu estranho e entrou. As paredes estavam cobertas de azulejos, revelando desenhos de criaturas marinhas brincando no mar com homens e mulheres seminus. O estilo daquela arte era novidade para Pug. As poucas tapeçarias e uma quantidade ainda menor de quadros que se encontravam nas paredes dos salões do Duque eram muito semelhantes à realidade, apresentando cores pálidas e uma execução detalhada nos acabamentos. Esses azulejos sugeriam pessoas e animais, mas não capturavam detalhes.

No chão havia um enorme buraco, como um tanque, com degraus que levavam para dentro. Da parede oposta saía uma cabeça de peixe de bronze, suspensa sobre a piscina. A natureza do cômodo estava além do entendimento de Pug.

Como se alguém tivesse lido os seus pensamentos, uma voz vinda de trás dele disse:

— É um tepidário.

Pug virou-se, deparando com um homem atrás dele. Tinha altura mediana, testa alta e olhos negros encovados. O cabelo era escuro, com mechas grisalhas nas têmporas, e a barba era negra como a noite. Vestia uma túnica castanha de tecido simples, com um cinto de corda trançada em volta da cintura. Na mão esquerda segurava um robusto cajado de carvalho. Pug assumiu uma posição defensiva, erguendo a comprida faca de caça à sua frente.

— Não, rapazinho. Guarde a sua lâmina, não lhe farei mal algum. — O sorriso do homem descontraiu o garoto.

Pug baixou a faca e disse:

— Do que chamou esta sala?

— De tepidário — respondeu o homem, aproximando-se. — Aqui, a água quente era levada por canos até o tanque, e os banhistas despiam-se e deitavam-se naqueles apoios. — Indicou uns degraus na parede ao

fundo. — Os serviçais lavavam e secavam a roupa dos convidados para o jantar enquanto eles se banhavam.

Pug achou estranha a ideia de convidados tomando banho em grupo na casa de alguém, mas se manteve calado. O homem prosseguiu:

— Por aquela porta — indicou uma porta ao lado do tanque —, chegava-se a outro tanque com água muito quente, em uma sala chamada caldário. Mais à frente, havia ainda outro tanque, este com água fria, a que chamavam frigidário. Havia uma quarta sala chamada untório, onde serviçais massageavam os banhistas com óleos perfumados e esfregavam-lhes a pele com bastões de madeira. Naquela época, não usavam sabão.

Pug estava confuso com todas aquelas salas de banhos.

— Parece que passavam uma eternidade ficando limpos. Isto tudo é muito estranho.

O homem apoiou-se no cajado.

— É o que lhe deve parecer, Pug. Todavia, creio que aqueles que construíram esta casa também haveriam de considerar insólitos os salões do seu castelo.

Pug assustou-se.

— Como sabe o meu nome?

O homem voltou a sorrir.

— Ouvi o soldado alto chamá-lo quando você se aproximava da construção. Estive observando-os, escondido, até ter certeza de que não se tratavam de piratas à procura de antiguidades para saquear. São raros piratas tão jovens, então achei que seria seguro falar com você.

Pug estudou o homem. Havia algo nele que sugeria significados ocultos em suas palavras.

— Por que iria querer falar comigo?

O homem sentou-se à beira do tanque vazio. A bainha da túnica recuou, revelando sandálias de tiras cruzadas de aspecto durável.

— Estou quase sempre sozinho e a oportunidade de conversar com estranhos é um acontecimento raro. Por isso pensei em lhe perguntar se

gostaria de conversar comigo, nem que fosse por breves instantes, antes de voltar ao navio.

Pug também se sentou, mantendo uma distância confortável em relação ao desconhecido.

— Você vive aqui?

O homem olhou ao redor da sala.

— Não, embora tenha vivido, há muito tempo.

Pug percebeu um tom contemplativo na sua voz, como se o reconhecimento evocasse memórias há muito enterradas.

— Quem é você?

O homem voltou a sorrir e o nervosismo de Pug desapareceu por completo. Os modos do estranho o tranquilizavam e Pug podia ver que ele não tinha más intenções.

— Na maioria das vezes, sou chamado de viajante, pois conheci muitas terras. Aqui, por vezes chamam-me de eremita, pois é esta a minha forma de vida. Pode me chamar do que quiser. Não faz diferença.

Pug olhou-o com atenção.

— Não tem um nome propriamente dito?

— Muitos, tantos que já esqueci alguns. Quando nasci, deram-me um nome, tal como a você, mas o costume da minha tribo é que esse nome seja conhecido somente pelo pai e pelo sacerdote-mago.

Pug ponderou aquelas palavras.

— É tudo muito estranho, assim como esta casa. Qual é o seu povo?

O homem que era chamado de viajante riu, soltando uma gargalhada afável.

— Você possui uma mente curiosa, Pug, repleta de questões. Isso é bom. — Fez uma breve pausa e prosseguiu: — De onde você e seus companheiros vêm? O navio na enseada traz hasteado o estandarte natalês de Bordon, mas seu sotaque e seus trajes pertencem ao Reino.

— Somos de Crydee — disse Pug, que fez um breve relato da viagem. O homem fez algumas perguntas simples e, sem se dar conta, Pug viu que fizera um relato completo dos acontecimentos que os tinham levado à ilha e dos planos para o que se seguiria.

Quando Pug terminou, o viajante disse:

— É, sem dúvida, uma história espantosa. Creio que presenciarão muitas outras surpresas antes do término desse inusitado encontro de mundos.

Pug interrogou-o com o olhar.

— Não entendo.

O viajante sacudiu a cabeça.

— Não esperava que entendesse, Pug. Digamos apenas que estão presenciando acontecimentos que só poderão ser entendidos depois de analisados os fatos, a uma distância temporal que dê uma nova perspectiva àqueles que deles participaram.

Pug coçou o joelho.

— Parece Kulgan tentando explicar o funcionamento da magia.

O viajante concordou.

— Uma comparação apropriada. Embora, por vezes, a única forma de se entender a magia seja fazendo uso dela.

Pug animou-se:

— Você também é um mago?

O viajante afagou a longa barba preta.

— Já houve quem me chamassem assim, mas duvido que eu e Kulgan partilhemos a mesma interpretação quanto a tais assuntos.

A expressão de Pug indicava que aquela explicação não o contentara, ainda que não tivesse falado nada. O viajante inclinou-se para a frente.

— Consigo realizar um ou dois feitiços, se isso responde à sua pergunta, jovem Pug.

Pug ouviu chamarem o seu nome no pátio.

— Venha — disse o viajante. — Os seus amigos o chamam. É melhor irmos tranquilizá-los.

Saíram da sala de banho e atravessaram o jardim interior. Uma enorme antecâmara separava o jardim da parte da frente da casa que os dois atravessaram, saindo para o exterior. Quando viram Pug acompanhado pelo viajante, todos olharam em volta, as armas a postos. Kulgan e o Príncipe atravessaram o pátio até chegarem junto deles. O

viajante ergueu as mãos, fazendo o sinal universal de que estava desarmado.

O Príncipe falou primeiro.

— Quem o acompanha, Pug?

Pug apresentou o viajante:

— Não tem más intenções. Escondeu-se até perceber que não éramos piratas. — Entregou a faca a Meecham.

Mesmo que tivesse considerado a explicação insatisfatória, Arutha não o demonstrou.

— Que assuntos o trazem aqui?

O viajante afastou as mãos, com o cajado na dobra do braço esquerdo.

— Moro aqui, Príncipe de Crydee. Creio que esta pergunta caberia a mim.

O Príncipe ficou tenso diante do tratamento, mas, após um momento de nervosismo, acalmou-se.

— Se é assim, tem razão, pois somos nós os intrusos. Viemos nos aliviar do espaço exíguo e solitário do navio. Nada mais.

O viajante acenou com a cabeça.

— Assim sendo, são bem-vindos a Villa Beata.

— O que é Villa Beata? — perguntou Kulgan.

O viajante fez um gesto abrangente com a mão direita.

— Esta casa é a Villa Beata. No idioma de quem a construiu, significa “casa abençoada”, e assim ela foi durante muitos anos. Como podem ver, ela já viu dias melhores.

Todos pareceram ficar mais descontraídos na presença do viajante, pois também sentiam que seus modos afáveis e seu sorriso amistoso os acalmavam.

— O que aconteceu com quem construiu este inusitado lugar? — quis saber Kulgan.

— Morreram... Ou partiram. Acharam que este lugar era a Insula Beata, ou Ilha Abençoada, quando aqui chegaram. Fugiam de uma terrível guerra que alterou a história do mundo onde viviam. — Ficou com os olhos turvos de lágrimas, como se a dor da lembrança fosse

grande. — Um ilustre rei morreu... Ou se julga que morreu, pois há quem diga que ele ainda poderá regressar. Foram tempos terríveis e infelizes. Aqui procuravam uma vida em paz.

— O que lhes aconteceu? — perguntou Pug.

O viajante encolheu os ombros.

— Piratas ou goblins? Enfermidade ou loucura? Quem poderá saber? Encontrei a casa tal como vocês a veem agora, e aqueles que aqui habitavam já tinham partido.

— Fala de coisas estranhas, amigo viajante — disse Arutha. — Pouco sei destes assuntos, mas me parece que este lugar está abandonado há muito tempo. Como é possível que tenha conhecido quem aqui habitava?

O viajante sorriu.

— Não foi assim há tanto tempo como possa pensar, Príncipe de Crydee. E sou mais velho do que pareço. Tem a ver com uma boa alimentação e banhos assíduos.

Meecham estivera estudando o desconhecido o tempo todo, pois, dos que tinham desembarcado, era o que possuía a natureza mais desconfiada.

— E quanto àquele a quem chamam de o Negro? Ele não o incomoda?

O viajante olhou por cima do ombro para o alto do castelo.

— Macros, o Negro? Eu e o mago não temos motivos para brigar. Ele me permite livre acesso à ilha, desde que eu não interfira em seu trabalho.

Uma breve desconfiança passou pela cabeça de Pug, que nada disse. O viajante prosseguiu:

— Certamente concordarão que um feiticeiro tão poderoso e terrível pouco terá a temer de um simples eremita. — Inclinou-se e acrescentou, em tom de conspiração: — Além disso, creio que sua fama seja exagerada e engrandecida demais, para manter os intrusos afastados. Duvido que consiga realizar os feitos que a ele atribuem.

— Sendo assim, talvez devêssemos visitar esse feiticeiro — disse Arutha.

O eremita olhou para o Príncipe.

— Creio que não seriam bem recebidos no castelo. Muitas vezes o feiticeiro está absorto no seu trabalho e não tolera interrupções. Pode não ser o autor mítico de todos os males do mundo, como alguns imaginam, mas ainda assim consegue causar mais problemas do que valeria a visita. De modo geral, não é uma boa companhia. — Em suas palavras, sobressaía um vestígio irônico de humor.

Arutha olhou ao redor e disse:

— Creio que já vimos tudo o que possa interessar por aqui. Talvez devêssemos voltar ao navio.

Não ouvindo ninguém em desacordo, o Príncipe prosseguiu:

— E quanto a você, amigo viajante?

O desconhecido abriu as mãos num gesto abrangente.

— Prossigo a minha rotina de solidão, Vossa Alteza. Apreciei esta breve visita e as notícias que o garoto me contou acerca das ocorrências do mundo exterior, mas duvido que voltariam a me encontrar amanhã caso viessem me procurar.

Era óbvio que ele não forneceria mais informações, e Arutha começou a ficar irritado com as respostas obscuras do homem.

— Sendo assim, nós nos despedimos, viajante. Que os deuses o protejam.

— E a vocês também, Príncipe de Crydee.

Quando se viraram para partir, Pug sentiu algo lhe prender o tornozelo e esbarrou em Kulgan. Ambos tombaram emaranhados e o viajante ajudou o garoto a levantar-se. Meecham e Gardan auxiliaram o corpulento mago a pôr-se de pé. Kulgan apoiou o pé no chão e desequilibrou-se. Arutha e Meecham seguraram-no.

— Parece que torceu o tornozelo, amigo mago — disse o viajante. — Tome. — Ofereceu-lhe o cajado. — O meu cajado é feito de carvalho resistente e suportará o seu peso na volta ao navio.

Kulgan aceitou o cajado e apoiou-se. Deu um passo experimental e descobriu que conseguia superar o caminho com o auxílio do cajado.

— Sou-lhe grato, mas e você?

O desconhecido encolheu os ombros.

— Não passa de um simples cajado, facilmente substituível, amigo mago. Talvez um dia tenha a oportunidade de recuperá-lo.

— Irei guardá-lo até esse dia chegar.

O viajante virou-se, dizendo:

— Ainda bem. Até esse dia, então. Novamente me despeço de vocês.

Ficaram observando enquanto ele entrava na construção e depois se viraram uns para os outros, a surpresa estampada em seus rostos. Arutha foi o primeiro a falar:

— Um homem estranho, este viajante.

Kulgan assentiu.

— Mais estranho do que parece, Príncipe. Quando parti, senti que foi quebrado um feitiço qualquer, como se ele fosse acompanhado por algum encantamento, do tipo que leva credulidade a todos ao seu redor.

Pug dirigiu-se a Kulgan:

— Queria lhe perguntar tanta coisa, mas eu não conseguia me expressar.

— Sim, também senti isso — disse Meecham.

— Acaba de me ocorrer... — disse Gardan. — Acho que estivemos falando com o próprio feiticeiro.

— Também pensei nisso — concordou Pug.

Kulgan apoiou-se no cajado e disse:

— É provável. Se assim foi, ele tinha os seus motivos para ocultar a sua identidade. — Falaram sobre o assunto enquanto subiam devagar o caminho que saía da casa de campo.

Quando chegaram à enseada onde o escaler se encontrava, Pug sentiu algo no peito. Colocou a mão dentro da túnica e encontrou um pedaço de pergaminho dobrado. Apanhou-o, surpreso com o achado. Não havia posto nada ali, até onde conseguia lembrar. O viajante devia tê-lo colocado sorrateiramente quando ajudara Pug a se levantar.

Kulgan olhou para trás quando estava se aproximando do escaler e, reparando na expressão de Pug, perguntou:

— O que tem aí?

Pug entregou-lhe o pergaminho, enquanto os outros se reuniam em volta do mago. Kulgan desdobrou-o. Leu-o e o seu rosto mostrou uma expressão surpresa. Voltou a ler, em voz alta:

“Acolho de bom grado aqueles que chegam sem malícia nos corações. Em dias vindouros, saberão que o nosso encontro não foi fortuito. Até voltarmos a nos encontrar, guardem o cajado do eremita em sinal de amizade e boa vontade. Não me procurem até o momento marcado, pois este também está predestinado. Macros.”

Kulgan devolveu a mensagem a Pug.

— Quer dizer que o eremita era mesmo Macros!

Meecham cofiou a barba.

— Isso é algo além da minha compreensão.

Kulgan dirigiu o olhar para o castelo, onde ainda se viam luzes brilhando naquela única janela.

— E eu digo o mesmo, meu velho amigo. Mas, seja qual for o significado disso, creio que o feiticeiro deseja o nosso bem, o que é muito positivo.

Retornaram ao navio e recolheram-se às respectivas cabines. Após uma noite de descanso, encontraram a embarcação preparada para partir na maré do meio-dia. Ao içarem as velas, foram agraciados com leves brisas, incomuns para a época, que os levaram rumo a Krondor.

Reuniões

Pug sentia-se inquieto.

Estava sentado à janela do palácio do Príncipe em Krondor. Lá fora, nevava como nos três dias anteriores. O Duque e Arutha tinham reuniões diárias com o Príncipe de Krondor. No primeiro dia, Pug relatara a história da descoberta da embarcação tsurani, tendo sido dispensado em seguida. Recordava-se dessa conferência embaraçosa.

Ficara admirado ao ver que o Príncipe era jovem, na casa dos trinta anos, ainda que não fosse um homem forte e saudável. Durante a conferência, Pug sobressaltara-se sempre que os comentários do Príncipe eram interrompidos por um ataque violento de tosse. Seu rosto pálido, ensopado de suor, declarava que se encontrava em estado mais grave do que os seus modos deixavam transparecer.

Ele rejeitara a sugestão de Pug quando este disse que poderia voltar quando fosse mais conveniente. Erland de Krondor era uma pessoa pensativa, que escutara pacientemente o relato de Pug, aliviando o desconforto do garoto por estar diante do herdeiro do trono do Reino. Seus olhos observavam Pug com ânimo e compreensão, como se fosse habitual ter diante de si garotos acanhados. Depois de ouvir o relato, ainda falara um pouco com ele sobre amenidades, desde os seus estudos

até a fortuita ascensão à nobreza, como se tais assuntos fossem vitais para o Reino.

Pug decidiu que simpatizava com o Príncipe Erland. O segundo homem mais poderoso do Reino e o homem mais poderoso do Oeste era afável e cordial e importava-se com o conforto do seu hóspede mais insignificante.

Pug olhou ao redor, ainda estranhando a suntuosidade do palácio. Até aquele pequeno quarto era ricamente decorado, pois no lugar de um catre havia uma cama com dossel. Era a primeira vez que Pug dormia em uma cama e não foi fácil arranjar uma posição confortável no colchão de penas, alto e macio. No canto do quarto, havia um armário com mais roupas do que Pug achava que seria possível vestir em vida, todas de tecidos caros e cortes elegantes e, ao que parecia, todas do seu tamanho. Kulgan dissera que tinham sido um presente do Príncipe.

A serenidade do quarto lembrava a Pug quão pouco vira Kulgan e os outros. Gardan e os soldados tinham partido de manhã com um maço de comunicados oficiais destinados ao Príncipe Lyam da parte de seu pai e Meechan estava com a guarda do palácio. Na maior parte das vezes, Kulgan estava envolvido em reuniões, restando muito tempo livre para Pug. Desejava ter ali os seus livros, pois desta forma pelo menos passaria o tempo fazendo algo útil. Desde que chegara a Krondor, pouco fizera.

Por mais de uma vez, Pug se viu pensando em como Tomas teria apreciado as novidades daquele lugar — aparentemente feito com mais vidro e magia do que com pedra — e as pessoas que ali habitavam. Pensou em seu amigo perdido, com esperança de que Dolgan tivesse conseguido encontrá-lo, mas sem acreditar que isso tivesse acontecido. O suplício da perda era agora uma dor atenuada, mas ainda recente. Mesmo passado um mês, pegava-se olhando para os lados, na esperança de ver Tomas por perto.

Não querendo continuar sentado sem fazer nada, Pug abriu a porta e olhou o corredor que percorria a extensão da ala leste do palácio do Príncipe. Avançou depressa corredor afora, à procura de um rosto familiar que quebrasse a monotonia.

Um guarda passou por ele, em sentido contrário, e bateu continência. Pug ainda não se acostumara à ideia de sempre lhe baterem continência, mas, como membro do séquito do Duque, o pessoal do palácio conferia-lhe honras plenas devido à sua posição de Escudeiro.

Chegando a uma passagem mais curta, decidiu explorá-la. Tanto fazia virar para um lado como para outro, pensou. O Príncipe dissera-lhe pessoalmente que tinha acesso livre ao palácio, mas Pug hesitara, pois receava abusar. Contudo, o aborrecimento impelia-o à aventura, ou, pelo menos, a tanta quanto fosse possível naquelas circunstâncias.

Encontrou uma pequena alcova com uma janela que proporcionava uma vista diferente dos terrenos do palácio. Pug sentou-se no banco diante da janela. Além das muralhas do palácio, podia ver o porto de Krondor mais abaixo, parecendo uma aldeia de brinquedo coberta de branco. Via-se fumaça saindo de muitas casas, o único sinal de vida na cidade. As embarcações no porto pareciam miniaturas ancoradas, aguardando melhores condições para a navegação.

Uma voz baixa vinda de trás despertou Pug dos seus devaneios:

— Você é o Príncipe Arutha?

Atrás dele encontrava-se uma menina de cerca de seis ou sete anos, grandes olhos verdes e cabelos escuros de tons ruivo-acastanhados presos com uma rede prateada. O vestido era simples, mas de aspecto elegante, feito de tecido vermelho e renda branca nas mangas. Tinha um rosto encantador, embora sua expressão concentrada fosse de uma seriedade cômica.

Pug hesitou por um momento e em seguida disse:

— Não, sou Pug. Vim com o Príncipe.

A menina sequer tentou disfarçar sua desilusão. Encolhendo os ombros, avançou e sentou-se ao lado do garoto. Olhou-o com a mesma expressão séria e disse:

— Tinha tanta esperança de que você fosse o Príncipe, pois queria vê-lo antes de partirem para Salador.

— Salador — disse Pug, sem muita convicção. Esperava que a viagem terminasse com a visita ao Príncipe. Nos últimos tempos, vinha

pensando muito em Carline.

— Sim, meu pai disse que vocês vão partir imediatamente para Salador e de lá seguirão de navio até Rillanon para se encontrarem com o Rei.

— Quem é o seu pai?

— O Príncipe, tonto. Você não sabe de nada?

— Acho que não. — Pug olhou para a menina, vendo uma Carline em potencial. — Você deve ser a Princesa Anita.

— Claro. E sou uma princesa de verdade. Não sou filha de um duque, sou filha de um príncipe. O meu pai podia ter sido Rei se quisesse, mas não quis. Se ele quisesse, um dia eu poderia ser a Rainha. Mas não vou ser. Qual é a sua ocupação?

A pergunta, tão repentina e sem rodeios, pegou Pug desprevenido. Ainda que a tagarelice da criança não fosse enfadonha, não a acompanhava com atenção, estando mais concentrado na vista. Ele hesitou, dizendo em seguida:

— Sou o aprendiz do mago do Duque.

A Princesa arregalou os olhos e disse:

— Um mago de verdade?

— Sim, de verdade.

O rosto da Princesa iluminou-se de alegria.

— Ele consegue transformar pessoas em sapos? Mamãe disse que os magos transformam as pessoas em sapos quando se comportam mal.

— Não sei. Perguntarei a ele quando o vir... Se voltar avê-lo — acrescentou em voz baixa.

— Ah, pode perguntar? Gostaria tanto de saber. — Parecia absolutamente fascinada pela perspectiva de descobrir se a lenda era verdadeira. — E poderia me dizer onde posso ver o Príncipe Arutha, por favor?

— Não sei. Há dois dias que não o vejo. Para que quervê-lo?

— Mamãe diz que eu talvez venha a casar com ele um dia. Queria ver se ele é um bom homem.

A possibilidade de aquela criança vir a se casar com o filho mais novo do Duque desconcertou Pug por um momento. O acordo entre nobres para casarem os filhos quando atingissem a maioridade não era uma prática incomum. Dali a dez anos, ela seria uma mulher, e o Príncipe ainda seria jovem, Conde de uma pequena fortaleza no Reino. Ainda assim, Pug achou essa possibilidade fascinante.

— Será que você gostaria de viver com um Conde? — perguntou Pug, percebendo de imediato que fora uma pergunta estúpida. A Princesa confirmou essa opinião com um olhar que não ficava nada a dever aos do Padre Tully.

— Tonto! — exclamou. — Como posso saber, se nem sequer sei com quem mamãe e papai vão querer que eu case?

A criança levantou-se de um salto.

— Bom, tenho de voltar. Não devia estar aqui. Se descobrirem que saí dos meus aposentos, vão me colocar de castigo. Desejo-lhe uma boa viagem a Salador e Rillanon.

— Obrigado.

Com uma súbita expressão de preocupação, ela perguntou:

— Você não vai dizer a ninguém que estive aqui, vai?

Pug sorriu com ar de conspiração.

— Não. O seu segredo está a salvo. — Aliviada, a Princesa sorriu e olhou para ambos os lados do corredor. Quando ela se preparava para partir, Pug disse:

— É um homem bom.

A Princesa parou.

— Quem?

— O Príncipe. É um homem bom. Pensativo e dado a mudanças de humor, mas de modo geral é boa pessoa.

A Princesa franziu a testa enquanto assimilava a informação. Até que, com um sorriso animado, disse:

— Ainda bem. Não gostaria de me casar com um homem que não é bom. — Dando uma risadinha, dobrou a esquina e desapareceu.

Pug ficou ali sentado mais um pouco, contemplando a neve que caía, pensando sobre crianças que se preocupavam com assuntos de Estado e sobre uma criança de grandes e sérios olhos verdes.

Naquela noite, todo o séquito foi homenageado com uma festa dada pelo Príncipe. Todos os nobres da corte e grande parte dos plebeus ricos de Krondor estavam presentes. Mais de quatrocentas pessoas sentaram-se para jantar e na mesa de Pug só havia desconhecidos, que, por respeito à qualidade dos seus trajes e pelo simples fato de o garoto já se encontrar à mesa quando chegaram, ignoraram-no educadamente. O Duque e o Príncipe Arutha estavam sentados à cabeceira da mesa com o Príncipe Erland e a sua esposa, a Princesa Alicia, assim como o Duque Dulanic, Chanceler do Principado e Marechal da Corte. Devido à frágil saúde de Erland, era Dulanic que se ocupava do exército de Krondor, e o homem com quem estava animadamente conversando, Lorde Barry, era o Lorde-Almirante da armada krondoriana de Erland. Por perto, encontravam-se outros ministros reais, enquanto os outros convidados estavam espalhados por mesas menores. Pug estava sentado no ponto mais afastado da mesa principal.

Era grande a movimentação de serviçais que entravam e saíam do salão, carregando grandes travessas de comida e jarros de vinho. Menestréis andavam pelo salão, entoando as baladas e cantigas mais recentes. Malabaristas e acrobatas atuavam por entre as mesas, praticamente ignorados pelos convidados, mas dando o melhor de si, pois o Mestre de Cerimônias não voltaria a chamá-los caso achasse que não se esforçavam.

As paredes estavam decoradas com estandartes gigantes e tapeçarias opulentas. Os estandartes pertenciam a cada uma das principais casas do Reino, desde o dourado e marrom de Crydee no extremo oeste até o branco e verde da longínqua Ran, a leste. Atrás da mesa real pendia o estandarte do Reino, um leão dourado de patas dianteiras erguidas segurando uma espada e com uma coroa sobre a cabeça em uma bandeira roxa, o timbre antigo dos reis conDoin. Ao lado dele estava

pendurado o estandarte de Krondor, uma águia sobrevoando o pico de uma montanha, prateada sobre a púrpura real. Somente ao Príncipe e ao Rei em Rillanon era permitido o uso da cor régia. Borric e Arutha trajavam mantos escarlate por cima das túnicas, o que significava que eram príncipes do reino, parentes da família real. Era a primeira vez que Pug os via trajados com os sinais distintivos e formais das suas posições.

Por todo lado abundavam visões e sons de divertimento, mas, mesmo do outro lado do salão, Pug conseguia perceber que a conversa à mesa do Príncipe era mantida em voz baixa. Borric e Erland passaram grande parte do jantar com as cabeças juntas, em uma conversa particular.

Pug assustou-se ao sentir um toque no ombro; virando-se, deu com um rosto de boneca olhando através dos enormes cortinados a pouco mais de meio metro. A Princesa Anita levou um dedo aos lábios e fez-lhe sinal para que fosse até ela. Pug reparou que os outros ocupantes da mesa estavam olhando para os notáveis e seminotáveis que se encontravam no salão e dificilmente reparariam que o garoto anônimo desaparecera. Levantou-se e atravessou o cortinado, entrando em um pequeno cômodo de serviços. Diante dele encontrava-se outro cortinado que levava à cozinha, assim supôs, através do qual espreitava a pequena fugitiva da cama. Pug deslocou-se até onde Anita aguardava, descobrindo que aquele era, de fato, um longo corredor que ligava a cozinha ao salão principal. Uma mesa comprida cheia de louça e taças estendia-se pelo corredor.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Pug a Anita.

— Psiu! — ela disse, em um sussurro audível. — Eu não devia estar aqui.

Pug sorriu para a criança.

— Acho que não precisa se preocupar que nos ouçam, tem muito barulho.

— Vim ver o Príncipe. Quem é ele?

Pug acenou-lhe para que entrasse em um pequeno nicho e afastou ligeiramente o cortinado. Apontando para a cabeceira da mesa principal, disse:

— É o segundo a contar do seu pai, de túnica preta e prateada e manto escarlate.

A criança ficou na ponta dos pés e disse:

— Não consigo ver.

Pug pegou a menina e ergueu-a por um momento. Ela sorriu para ele, dizendo:

— Estou em dúvida com você.

— De modo algum — disse Pug com uma sobriedade zombeteira.

Ambos riram.

A Princesa assustou-se quando ouviu uma voz perto do cortinado.

— Preciso ir! — Precipitou-se pelo nicho, passou pelo segundo cortinado e desapareceu de vista, rumo à cozinha e à fuga.

O cortinado que dava para o banquete abriu-se e um criado surpreso ficou olhando para Pug. Sem saber o que dizer, o homem fez um aceno com a cabeça. O garoto não devia estar ali, mas o seu traje indicava que devia ser alguém importante.

Pug olhou ao redor e, sem grande convicção, acabou dizendo:

— Procurava o caminho para o meu quarto. Não deve ser por aqui.

— O acesso à ala dos hóspedes é pela primeira porta à esquerda na sala de jantar, jovem senhor. Ah... Este caminho leva à cozinha. Gostaria que eu o acompanhasse? — Era óbvio que o serviçal não tinha vontade de fazê-lo e Pug também não desejava um guia.

— Não, obrigado, posso encontrar o caminho — respondeu.

Pug voltou para a sua mesa, passando despercebido aos outros convidados. A refeição decorreu sem incidentes, tirando um eventual e estranho olhar de relance de um criado.

Pug passou o tempo depois do jantar conversando com o filho de um mercador. Os dois jovens encontraram-se no salão cheio onde estava ocorrendo a recepção do Príncipe após o jantar. Passaram cerca de uma hora em uma demonstração de cortesia um com o outro até o pai do garoto chegar e levá-lo embora. Pug ficou por ali, sendo ignorado pelos outros convidados do Príncipe até decidir que podia voltar despercebido

aos seus aposentos sem ofender ninguém — não dariam pela sua falta. Além do mais, não vira o Príncipe, Lorde Borric nem Kulgan desde que tinham se levantado da mesa. Grande parte da recepção parecia estar sob a supervisão de uma vintena de funcionários do palácio e da Princesa Alicia, uma mulher encantadora que fora muito amável na breve conversa que tivera com Pug quando ele passou pela fila de cumprimentos.

Pug encontrou Kulgan à sua espera quando entrou no seu quarto. O mago disse-lhe, sem rodeios:

— Partiremos ao amanhecer, Pug. O Príncipe Erland vai nos enviar a Rillanon para falarmos com o Rei.

— Mas por que o Príncipe tem de nos enviar? — perguntou Pug. O tom foi zangado, pois sentia muitas saudades de casa.

Antes que Kulgan pudesse responder, a porta abriu-se em um rompante e o Príncipe Arutha entrou enfurecido. Pug ficou admirado com a expressão de raiva intensa no rosto de Arutha.

— Kulgan! Aí está você — disse Arutha, batendo a porta. — Sabe o que o nosso real primo está fazendo quanto à invasão dos tsurani?

Antes que Kulgan conseguisse responder, o Príncipe deu a resposta:

— Nada! Não vai levantar um dedo para enviar ajuda a Crydee até que o meu pai fale com o Rei. Isso demorará pelo menos mais dois meses.

Kulgan ergueu a mão. No lugar de um conselheiro do Duque, Arutha viu um dos seus instrutores da adolescência. Kulgan, tal como Tully, ainda tinha a capacidade de dominar ambos os filhos do Duque sempre que precisasse.

— Mais discrição, Arutha.

Arutha sacudiu a cabeça e puxou uma cadeira.

— Perdão, Kulgan. Deveria ter controlado a minha fúria. — Reparou no ar perplexo de Pug. — Também peço que me desculpe, Pug. Isto envolve muito mais do que aquilo que você sabe. Talvez... — Olhou para Kulgan com uma expressão interrogativa.

Kulgan apanhou seu cachimbo.

— Pode contar, ele vai nos acompanhar na viagem. Não demorará a descobrir.

Por alguns instantes, Arutha tamborilou os dedos no braço da cadeira, até que chegou mais para a frente e disse:

— O meu pai e Erland há dias andam deliberando sobre qual seria a melhor forma de enfrentar esses seres de outro mundo, caso eles cheguem mesmo. O Príncipe até concorda que é provável que cheguem.

— Fez uma pausa. — Mas não fará nada para reunir os Exércitos do Oeste até obter a permissão do Rei.

— Não comprehendo — disse Pug. — Os Exércitos do Oeste não estão sujeitos à vontade do Príncipe?

— Não mais — esclareceu Arutha, esboçando uma careta. — O Rei enviou uma mensagem, há menos de um ano, dizendo que os exércitos não devem ser convocados sem a sua permissão. — Arutha recostou-se na cadeira, enquanto Kulgan lançava uma baforada de fumaça. — É uma quebra da tradição. Nunca antes os Exércitos do Oeste possuíram outro comandante além do Príncipe de Krondor, assim como os Exércitos do Leste sempre responderam ao Rei.

Pug continuava sem entender o significado de tudo aquilo. Kulgan explicou:

— O Príncipe é o Lorde-Marechal do Oeste, o único homem além do Rei que pode dar ordens ao Duque Borric e aos outros Generais da Corte. Caso os convocasse, todos os Duques, desde a Cruz de Malac até Crydee, teriam de responder, com as suas guarnições e soldados. O Rei Rodric, por razões que só ele deve saber, decidiu que ninguém pode reunir os exércitos sem a sua autorização.

— De qualquer forma, meu pai responderia sempre ao chamado do Príncipe, assim como os outros Duques — disse Arutha.

Kulgan confirmou.

— Pode estar aí a preocupação do Rei, pois os Exércitos do Oeste há muito pertencem mais ao Príncipe do que ao Rei. Se o seu pai os convocasse, a maioria acudiria, pois o veneram quase tanto quanto veneram Erland. E se o Rei se negasse... — Deixou a frase se perder.

Arutha aquiesceu.

— Resultaria em um conflito dentro do próprio Reino.

Kulgan olhou para o cachimbo.

— Quem sabe até a ponto de desencadear uma guerra civil.

Pug estava incomodado com a discussão. Era apenas um garoto da torre, apesar do título que recentemente recebera.

— Mesmo que fosse em defesa do Reino?

Kulgan balançou a cabeça devagar.

— Mesmo nessas condições. Alguns homens, incluindo reis, dão tanta importância à forma como as coisas são realizadas como à própria concretização delas. — Kulgan fez uma pausa. — O Duque Borric não entra nesse assunto, mas há muito existem problemas entre ele e determinados duques do leste, em especial com o seu primo, Guy du Bas-Tyra. Esses desentendimentos entre o Príncipe e o Rei só contribuirão para aumentar a tensão entre o Oeste e o Leste.

Pug recostou-se. Sabia que tudo aquilo era mais importante do que a sua compreensão do assunto, mas havia espaços em branco nas imagens que ele tinha de como era o mundo. Como poderia o Rei ficar melindrado pela convocação dos exércitos realizada pelo Príncipe em defesa do Reino? Não fazia sentido para Pug, apesar da explicação de Kulgan. E de que tipo seriam os problemas no Leste de que o Duque Borric não queria falar?

O mago levantou-se.

— Amanhã teremos de nos levantar cedo, por isso o melhor é irmos dormir. A viagem até Salador será demorada, e a ela se seguirá outra longa travessia de barco até Rillanon. Quando alcançarmos o Rei, Crydee já terá assistido ao primeiro degelo.

O Príncipe Erland desejou boa viagem ao grupo que montava os cavalos no pátio do palácio. Estava empalidecido e profundamente inquieto ao lhes desejar boa sorte.

A Princesinha estava à janela do piso de cima e acenou para Pug com um lencinho. Ele se lembrou de outra Princesa, perguntando-se se Anita iria se tornar semelhante a Carline ou se seria mais serena.

Saíram do pátio, onde uma escolta de Lanceiros Reais de Krondor estava a postos para acompanhá-los até Salador. A viagem demoraria três semanas pelas montanhas e pântanos do Charco Negro, passando pela Cruz de Malac — a divisão entre os domínios do oeste e do leste — e seguindo até Salador. Lá embarcariam e depois de mais duas semanas alcançariam Rillanon.

Os lanceiros estavam protegidos por pesadas capas cinzentas, entrevendo-se por baixo os tabardos púrpura e prateados do Príncipe de Krondor, e os seus escudos ostentavam a divisa da casa real krondoriana. O Duque fora agraciado com uma escolta da guarda pessoal do Príncipe em vez de um destacamento da guarnição da cidade.

Ao saírem da cidade, a neve voltou a cair, e Pug cogitou se alguma vez voltaria a ver a primavera em Crydee. Seguiu calado enquanto o cavalo avançava penosamente pela estrada leste, tentando organizar as impressões das últimas semanas, até que desistiu e acabou por se resignar ao que quer que estivesse destinado.

A viagem até Salador demorou quatro semanas e não três, pois as montanhas a oeste do Charco Negro tinham sofrido com uma tempestade de intensidade fora do comum. Viram-se forçados a procurar abrigo em uma estalagem na periferia da aldeia que devia seu nome aos pântanos. A estalagem era pequena, e ao longo de vários dias foram forçados a ficar todos juntos, independentemente de classes. A comida era simples e a cerveja medíocre, e, quando a tempestade passou, todos ficaram satisfeitos por deixarem Charco Negro.

Perderam outro dia quando passaram por acaso por uma aldeia que estava sendo atormentada por bandidos. Ao verem a cavalaria se aproximar, os salteadores puseram-se em fuga, mas o Duque ordenara que a região fosse esquadrinhada para se assegurarem de que não regressariam assim que os soldados partissem. Os aldeões receberam o

séquito do Duque calorosamente, oferecendo-lhes a melhor comida que tinham e as melhores camas. Parcas ofertas, segundo os padrões do Duque, que, ainda assim, recebeu a hospitalidade com gentileza, pois sabia que era tudo o que possuíam. Pug apreciou a comida simples e a companhia, já que foi o momento que mais lhe lembrou a sua casa desde que saíra de Crydee.

Quando estavam a meio dia de Salador, encontraram uma patrulha de guardas da cidade. O capitão avançou. Parando o cavalo, gritou:

— Que assuntos trazem a guarda do Príncipe às terras de Salador? — Era pouco o afeto que existia entre as duas cidades e os krondorianos viajavam sem o estandarte heráldico. O tom que o homem usou não deixou dúvida de que considerava a presença daquele grupo uma violação de seu território.

O Duque Borric afastou o manto, revelando o tabardo.

— Leve mensagem ao seu senhor de que Borric, Duque de Crydee, está chegando à cidade e gostaria de valer-se da hospitalidade de Lorde Kerus.

O capitão da guarda ficou surpreso.

— Minhas desculpas, Vossa Graça. Não fazia ideia... Não trazem nenhum estandarte — balbuciou.

— Nós o perdemos em uma floresta já há algum tempo — disse Arutha secamente.

O capitão parecia confuso.

— Senhor?

— Não importa, Capitão — interveio Borric. — Envie a mensagem ao seu senhor.

O capitão bateu continência.

— Imediatamente, Vossa Graça. — Virou o cavalo e fez sinal para que um cavaleiro avançasse. Deu-lhe instruções e o soldado esposeou o cavalo rumo à cidade, galopando até se perder de vista.

O capitão voltou para perto do Duque.

— Se Vossa Graça permitir, os meus homens estão ao vosso dispor.

O Duque olhou para os krondorianos fatigados pela viagem, e todos, sem exceção, pareciam apreciar o desconforto do capitão.

— Creio que bastam trinta soldados, Capitão. A guarda da cidade de Salador é famosa por manter os salteadores afastados das redondezas.

O capitão, sem perceber que estava sendo ridicularizado, pareceu inchar ao ouvir aquelas palavras.

— Obrigado, Vossa Graça.

— Pode prosseguir a sua ronda — disse o Duque.

O capitão voltou a bater continência e voltou para junto dos seus homens. Gritou ordens de retirada e a coluna da guarda passou pelo séquito do Duque. Ao cruzarem por eles, o capitão ordenou continência e as lanças foram inclinadas na direção do Duque. Borric devolveu a continência, acenando com a mão de modo indolente, e, quando os guardas se foram, disse:

— Chega de disparates, sigamos para Salador.

— Pai, precisamos de homens assim no Oeste — comentou Arutha, rindo.

Borric virou-se, questionando:

— Ah? E para quê?

Os cavalos avançaram e Arutha respondeu:

— Para polir escudos e botas.

O Duque sorriu e os krondorianos gargalharam. Os soldados ocidentais tinham pouca estima pelos orientais. O Leste fora pacificado muito antes de o Oeste ter se aberto à expansão do Reino. Havia poucos problemas no reino do Leste, por isso pouco precisavam de habilidades guerreiras. Os guardas do Príncipe de Krondor eram veteranos de guerra experientes que consideravam os soldados de Salador melhores em desfiles do que no desempenho do ofício.

Pouco depois, viram sinais de que a cidade estava próxima: terras cultivadas, aldeias, tabernas à beira da estrada e carroças carregadas de bens comercializáveis. Ao pôr do sol, avistaram as muralhas da distante Salador.

Quando entraram na cidade, uma companhia completa da guarda pessoal do Duque Kerus estava alinhada nas ruas até o palácio. Assim como em Krondor, lá não existia castelo, pois a necessidade de uma torre de menagem pequena e de fácil defesa desaparecera à medida que as terras em volta haviam sido urbanizadas.

Ao atravessar a cidade, Pug percebeu como Crydee era um pequeno povoado fronteiriço. Apesar do poder político do Duque Borric, ele não deixava de ser o Lorde de uma província da fronteira.

Nas ruas, os cidadãos abriam a boca de espanto perante o Duque ocidental da fronteira selvagem da Costa Extrema. Alguns davam vivas, pois parecia um desfile militar, mas a maior parte ficava em silêncio, desiludidos por verem que o Duque e o séquito que o acompanhava eram iguais aos outros homens, e não bárbaros cobertos de sangue.

Quando chegaram ao pátio do palácio, serviços correram para tomar conta dos cavalos. Um guarda do palácio indicou aos soldados de Krondor a localização dos quartéis, onde descansariam antes de retornarem à cidade do Príncipe. Outro, com a insígnia de capitão na túnica, levou o séquito de Borric à escadaria do edifício.

Pug olhava pasmo, pois este palácio era ainda maior do que o do Príncipe em Krondor. Passaram por várias salas exteriores e chegaram a um pátio interior. Ali, fontes e árvores decoravam um jardim, para além do qual se podia ver o palácio central. Pug percebeu que a construção por onde tinham passado era somente um dos edifícios ao redor da residência do Duque. Perguntou-se o que poderia Lorde Kerus fazer com tantas construções e tanta gente.

Atravessaram o pátio do jardim e subiram outra escadaria até chegarem a um comitê de recepção que se encontrava à porta do palácio central. Outrora, esse edifício talvez fosse uma cidadela que protegia a cidade circundante, mas Pug não conseguia imaginar como ela poderia ter sido, pois diversas restaurações ao longo dos anos tinham transformado uma fortaleza antiga em um objeto reluzente de vidro e mármore.

O mordomo de Lorde Kerus, um homem idoso que parecia uma vara seca com olhar perspicaz, conhecia de vista todos os nobres importantes — desde as fronteiras de Kesh, ao sul, até Tyr-Sog, ao norte. Sua memória para rostos e fatos tinha pougado muitos embaraços ao Duque Kerus. Quando Borric chegou ao topo da grande escadaria que subia do pátio, o mordomo já fornecera a Kerus alguns fatos pessoais e uma rápida avaliação da quantidade adequada de lisonja que teria de empregar.

O Duque Kerus apertou a mão de Borric.

— Ah, Lorde Borric, honra-me com esta visita inesperada. Se tivesse me avisado de antemão, eu teria preparado uma recepção mais adequada.

Entraram na antecâmara do palácio, os Duques à frente.

— Lamento incomodá-lo, Lorde Kerus, mas infelizmente a nossa missão depende da rapidez, e as cortesias formais terão de ser postas de lado — disse Borric. — Levo mensagens para o Rei e tenho de me lançar ao mar rumo a Rillanon o quanto antes.

— Claro, Lorde Borric, mas certamente poderá ficar aqui por uma curta estadia, digamos, uma ou duas semanas?

— Lamento, mas não será possível. Se pudesse, eu me lançaria ao mar ainda esta noite.

— São notícias lamentáveis, de fato. Tinha esperança de que pudesse ser nosso hóspede por algum tempo.

O grupo chegou ao salão de audiências do Duque e ali o mordomo deu ordens a uma companhia de serviços do palácio, que partiram com a tarefa de prepararem os quartos para os hóspedes. Ao entrar no amplo salão, de teto abobadado, lustres gigantescos e enormes janelas arqueadas em vidro, Pug sentiu-se pequeno. O salão era o maior que já vira, ainda maior que o do Príncipe de Krondor.

Uma enorme mesa estava posta com frutas e vinho e os viajantes atacaram-na com vigor. Pug sentou-se de qualquer jeito, uma vez que todo o seu corpo era um aglomerado de dores. Estava tornando-se um

excelente cavaleiro devido às longas horas na sela, mas esse fato não aliviava os músculos cansados.

Lorde Kerus insistiu para que o Duque lhe contasse a causa da viagem apressada e, entre bocados de fruta e vinho, Borric o colocou a par dos acontecimentos dos últimos três meses. Quando terminou, Kerus parecia preocupado.

— São notícias da maior importância, Lorde Borric. O Reino está abalado. Certamente o Príncipe lhe contou acerca de alguns dos problemas que ocorreram desde a última vez que visitou o Leste.

— Sim, contou, embora de forma relutante e muito superficial. Lembre-se de que se passaram treze anos desde que viajei até a capital, quando fui renovar a minha vassalagem por ocasião da coroação de Rodric. Naquela época, parecia um jovem bastante promissor, capaz de aprender a governar. Porém, tendo em conta o que ouvi em Krondor, parece que houve mudanças.

Kerus olhou ao redor e acenou para que os serviços saíssem. Olhando diretamente para os companheiros de Borric, ergueu uma sobrancelha à guisa de interrogação.

— São da minha inteira confiança e não revelarão nenhuma confidênci — esclareceu Lorde Borric.

Kerus anuiu. Em voz alta, disse:

— Caso lhes agrade esticar as pernas antes de se retirarem, talvez queiram ver o meu jardim.

Borric franziu o cenho e estava prestes a falar quando Arutha colocou a mão no braço do pai, assentindo com um aceno de cabeça.

— Parece interessante — respondeu Borric. — Apesar do frio, um passeio faria bem.

O Duque gesticulou para que Kulgan, Meecham e Gardan ali ficassem, mas Lorde Kerus fez sinal a Pug para que os acompanhasse. Borric pareceu surpreso, mas concordou acenando com a cabeça. Saíram por portas pequenas que levavam ao jardim e, quando já estavam fora, Kerus segredou:

— Dará um ar menos suspeito se o jovem nos acompanhar. Já não posso confiar nem em meus próprios criados. O Rei possui agentes por todo lado.

Borric ficou enfurecido.

— O Rei colocou agentes em sua casa?

— Sim, Lorde Borric, o nosso Rei mudou muito. Sei que Erland não lhe contou a história toda, mas precisa sabê-la.

Borric e seus companheiros observaram o Duque Kerus, que parecia constrangido. Pigarreou ao olhar ao redor do jardim coberto de neve. Entre a luz que chegava das janelas do palácio e a enorme lua no céu, o jardim apresentava uma paisagem de inverno coberta de cristais brancos e azuis, sem que pegadas a perturbassem.

Kerus apontou para as marcas na neve e disse:

— Eu deixei aquelas pegadas esta tarde, quando vim para pensar sobre o que poderia lhe dizer sem correr riscos. — Voltou a olhar em volta, assegurando-se de que ninguém conseguiria ouvir a conversa, para em seguida prosseguir: — Quando Rodric III morreu, todos achavam que Erland seria coroado. Após o luto oficial, os Sacerdotes de Ishap convocaram todos os possíveis herdeiros para que apresentassem suas respectivas pretensões. Esperava-se que você fosse um deles.

Borric anuiu.

— Estou ciente do costume. Atrasei-me para chegar à cidade. Seja como for, teria renunciado a esse direito, por isso a minha ausência não foi grave.

Kerus assentiu.

— A história poderia ter tomado outro rumo se você estivesse presente, Borric. — Baixou a voz: — Arrisco o meu pescoço ao dizê-lo, mas muitos de nós, até aqui no Leste, teríamos insistido para que aceitasse a coroa.

A expressão de Borric deixava visível o desagrado com o que estava ouvindo, mas Kerus prosseguiu:

— Quando chegou aqui, toda a política de corredores já havia sido feita. Os lordes, em sua maioria, mostraram-se dispostos a atribuir a

coroa a Erland; foi um dia e meio de tensão enquanto a questão permaneceu incerta. Não sei o que teria levado o velho Rodric a não designar um herdeiro. Porém, quando os sacerdotes afugentaram todos os parentes distantes sem verdadeiras pretensões, restaram três homens: Erland, o jovem Rodric e Guy du Bas-Tyra. Os sacerdotes pediram que apresentassem suas declarações, um após outro. Rodric e Erland possuíam fortes pretensões, enquanto Guy estava presente por uma questão formal, como teria acontecido com você se tivesse chegado a tempo.

Arutha interrompeu de maneira abrupta e fria:

— O período de luto garante que nenhum Lorde do Oeste possa se tornar Rei.

Borric olhou o filho com ar de desaprovação, mas Kerus contrapôs:

— Não é bem assim. Se restasse alguma dúvida quanto aos direitos de sucessão, os sacerdotes teriam adiado a cerimônia até a chegada do seu pai, Arutha. Já aconteceu. — Olhou para Borric e baixou a voz: — Como eu disse, esperava-se que fosse Erland a receber a coroa. Contudo, quando a coroa lhe foi apresentada, recusou-a, cedendo o direito a Rodric. Naquela época, ninguém tinha conhecimento da saúde frágil de Erland, por isso a maior parte dos lordes considerou a decisão como uma declaração magnânima em favor de Rodric, como único filho do Rei. Com Guy du Bas-Tyra apoiando o garoto, o Congresso de Lordes reunido ratificou a sucessão. Foi então que começaram os verdadeiros conflitos internos, até que, por fim, o tio da sua falecida esposa foi nomeado Regente do Reino.

Borric assentiu. Recordava-se da batalha que levara à nomeação de Regente do Reino, já que o Rei ainda era criança naquela época. O seu desprezível primo Guy por pouco não conseguira essa posição, mas a chegada oportuna de Borric e seu apoio a Caldric de Rillanon, juntamente com o do Duque Brucal de Yabon e do Príncipe Erland, retirara de Guy a maioria dos votos no congresso.

— Nos cinco anos que se seguiram, aconteceram apenas confrontos fronteiriços ocasionais com Kesh. Estava tudo calmo e sereno. Há oito

anos — Kerus voltou a parar e olhar em redor — Rodric iniciou um plano de modernização pública, como o chama, melhorando estradas e pontes, construindo represas e estruturas do tipo. A princípio, a sobrecarga não foi muito notada, mas os impostos têm aumentado todos os anos e, hoje em dia, os camponeses, os homens livres e até os nobres de menor importância estão perdendo tudo o que possuem. O Rei expandiu os planos a ponto de se encontrar atualmente reconstruindo toda a capital para torná-la a maior cidade que a história da humanidade já viu, segundo ele.

“Há dois anos, uma pequena delegação de nobres confrontou o Rei, solicitando que renunciasse aos gastos excessivos e que aliviasse o fardo do povo. O Rei teve um ataque de fúria, acusou os nobres de traição e executou-os sumariamente.”

Borric arregalou os olhos. A neve sob os seus pés fez um ruído seco quando ele se virou de repente.

— Não ouvimos nada sobre esse isso no Oeste!

— Quando Erland ouviu o que se passara, foi ao encontro do Rei e exigiu resarcimento para as famílias dos nobres que tinham sido executados e uma diminuição dos impostos. O Rei, pelo que consta, esteve prestes a prender o tio, mas foi impedido por alguns conselheiros nos quais ainda confiava. Convenceram Sua Majestade de que tal ato, inaudito na história do Reino, certamente levaria a um levantamento dos lordes ocidentais contra o Rei.

A expressão de Borric toldou-se.

— Estavam certos. Se o garoto tivesse enforcado Erland, o Reino ficaria irremediavelmente dividido.

— Desde essa época, o Príncipe não voltou a Rillanon e os assuntos do Reino são tratados por assessores, pois os dois homens não se falam.

O Duque olhou para o céu e sua voz ficou perturbada:

— A situação é muito mais grave do que o que me chegou aos ouvidos. Erland me falou dos impostos e da sua recusa em aplicá-los no Oeste. Disse que o Rei consentira, pois compreendia ser indispensável manter as guarnições do Norte e do Oeste.

Kerus sacudiu a cabeça devagar, negando.

— O Rei concordou somente quando os assessores pintaram um quadro de exércitos de goblins lançando-se sobre as Terras do Norte e pilhando os povoados de seu Reino.

— Erland mencionou a tensão entre ele e o sobrinho, mas, mesmo depois de ouvir as notícias de que sou portador, não falou mais nada sobre as ações de Sua Majestade.

Kerus respirou fundo e retomou a caminhada.

— Borric, é tanto o tempo que passo com os parasitas da corte do Reino que chego a me esquecer de que vocês, do Oeste, primam pelo discurso claro. — Ficou em silêncio por um momento, para depois prosseguir: — O nosso Rei não é o homem de outrora. Às vezes, parece voltar a ser como era, risonho e franco, cheio de grandiosos planos para o Reino; noutras ocasiões é... outra pessoa, como se um espírito tenebroso tivesse se apossado do seu coração.

“Tenha cuidado, Borric, pois Erland é o único que se encontra mais próximo do trono do que de você. O nosso Rei está bem ciente desse fato — mesmo que nunca esteja nos seus pensamentos — e vê punhais e veneno onde não existem.”

O silêncio apoderou-se do grupo e Pug reparou que Borric estava visivelmente inquieto. Kerus prosseguiu:

— Rodric teme que outros cobicem a sua coroa. É provável, mas não aqueles de quem o rei desconfia. Existem apenas quatro outros condoin além do Rei, todos honrados. — Borric inclinou a cabeça ao ouvir o elogio. — Porém, talvez existam dúzias de outros que podem reivindicar ligações com o trono através da mãe do Rei e de sua família. São todos lordes orientais e muitos não hesitariam se lhes fosse dada a oportunidade de reivindicarem o trono perante a Assembleia de Lordes.

Borric inflamou-se:

— Fala de traição.

— Traição no coração dos homens, e não nas ações... Por enquanto.

— A situação atingiu esse estado sem que chegasse ao nosso conhecimento no Oeste?

Kerus confirmou com um aceno de cabeça ao chegarem à extremidade do jardim.

— Erland é um homem honrado e, como tal, não abordaria rumores infundados com os seus súditos, nem mesmo com você. Como disse, passaram-se treze anos desde a sua última visita a Rillanon. Todos os decretos e correspondências do Rei continuam passando pela corte do Príncipe. Como você poderia saber?

“Temo que seja só uma questão de tempo antes que algum dos conselheiros do Rei se posicione acima das cabeças caídas daqueles que entre nós mantêm a crença de que a nobreza vela pelo bem-estar de uma nação.”

— Assim sendo, arrisca-se muito ao falar com tanta franqueza — disse Borric.

O Duque Kerus encolheu os ombros, indicando que deveriam voltar ao palácio.

— Nem sempre fui homem de dizer o que me vem à cabeça, Lorde Borric, mas vivemos tempos difíceis. Se outros tivessem passado por aqui, haveria apenas conversas cordiais. Você é único, pois, estando o Príncipe de relações cortadas com o sobrinho, só você em todo o Reino possui o poder e a posição capazes de exercer influência sobre o Rei. Não invejo a sua importante posição, meu amigo.

“Quando Rodric III estava vivo, eu era um dos nobres mais poderosos do Leste, mas, se eu fosse pirata sem terra, teria a mesma influência que tenho atualmente na corte de Rodric IV.”

Kerus fez uma pausa.

— Seu primo de coração sombrio, Guy, está agora mais próximo do Rei, e eu e o Duque de Bas-Tyra não morremos de amores um pelo outro. As razões para essa antipatia não são tão pessoais quanto as suas. Mas, à medida que o seu prestígio sobe, o meu cai ainda mais. — Kerus bateu as mãos, pois o frio começava a aumentar. — Contudo, também há boas notícias. Guy está passando o inverno em sua propriedade próxima de Ponta da Flecha, por isso o Rei encontra-se livre de suas maquinações. — Kerus agarrou Borric pelo braço. — Faça uso de toda a

influência que conseguir reunir, Lorde Borric, pois diante dessa invasão de que nos avisou, temos de nos manter unidos. Uma guerra prolongada iria esgotar as poucas reservas que possuímos e, caso o Reino seja posto à prova, duvido que consiga resistir.

Borric não respondeu, pois até os seus piores medos desde que deixara o Príncipe tinham sido suplantados pelos comentários de Kerus. O Duque de Salador disse:

— Resta-me dizer-lhe uma coisa, Borric. Como há trinta anos Erland recusou a coroa, e com os rumores sobre sua saúde cada vez mais debilitada, muitos dos membros da Assembleia de Lordes irão contar com a sua orientação. Seja para onde for, muitos o seguirão, até alguns de nós, aqui do Leste.

— Está se referindo a uma guerra civil? — perguntou Borric com frieza.

Kerus fez um aceno com a mão, ao mesmo tempo que o seu rosto expressava angústia. Os seus olhos pareciam úmidos, como se estivesse à beira das lágrimas.

— Sou fiel à coroa, Borric, mas, caso cheguemos a esse ponto, o Reino deve prevalecer. Não há homem mais importante do que o Reino.

— O Rei é o Reino — disse Borric, de dentes cerrados.

— Não seria o homem que é se dissesse o contrário — contrapôs Kerus. — Espero que tenha a capacidade de orientar as energias do Rei para os problemas no Oeste, pois se o Reino estiver em perigo, outros não se prenderão a crenças tão nobres.

O tom de Borric suavizou-se ligeiramente enquanto subiam a escadaria do jardim:

— Sei que tem boas intenções, Lorde Kerus, e que no seu coração existe somente estima pelo Reino. Tenha fé e ore, pois farei tudo ao meu alcance para garantir a continuidade do Reino.

Kerus parou em frente à porta que levava ao interior do palácio.

— Temo que em breve nós todos nos encontremos em maus lençóis, meu caro Lorde Borric. Espero sinceramente que esta invasão de que fala não venha a ser a onda que irá afogar todos nós. Seja da forma que for, se

eu puder ajudá-lo, assim o farei. — Virou-se para a porta que um criado abriu. Em voz alta, disse: — Desejo-lhes boa-noite, pois vejo que estão todos cansados.

A tensão no salão era grande quando Borric, Arutha e Pug voltaram; o estado de espírito do Duque era de reflexão sombria. Acorreram serviçais que indicaram aos hóspedes os respectivos aposentos e Pug seguiu um garoto que devia ter a sua idade, trajando a libré do Duque. Pug olhou por cima do ombro quando saíam do salão, conseguindo ver o Duque e o filho juntos, falando em voz baixa com Kulgan.

Pug foi levado a um pequeno quarto elegante e, ignorando a suntuosidade da roupa, deixou-se cair em cima da cama ainda vestido.

— Precisa de ajuda para se despir, Escudeiro? — perguntou o garoto serviçal.

Pug sentou-se, olhando para ele com uma expressão tão sincera de espanto que o criado deu um passo atrás.

— Precisa de mais alguma coisa, Escudeiro? — perguntou, visivelmente constrangido.

Pug limitou-se a rir. O serviçal ficou parado e indeciso por um instante, até que fez uma medida e saiu apressadamente do quarto. Pug despiu-se, pensando nos nobres orientais e nos serviçais que tinham de ajudá-lo a se despirem. Estava cansado demais para dobrar a roupa, que formou uma pilha ao cair no chão.

Depois de apagar a vela da mesinha de cabeceira, Pug ficou deitado algum tempo às escuras, incomodado pela discussão daquela noite. Não estava a par das intrigas da corte, mas sabia que Kerus devia estar verdadeiramente preocupado para falar como o fez na frente de estranhos, apesar da reputação de Borric como homem muito honrado.

Pug pensou em tudo o que acontecera nos últimos meses e percebeu que os seus sonhos, nos quais via o Rei responder ao chamamento de Crydee com estandartes ao vento, eram mais uma fantasia de garoto estilhaçada na dura rocha da realidade.

Rillanon

O navio entrou no porto. O clima do Mar do Reino era mais clemente que o do Mar Amargo, e a viagem de Salador decorreu sem incidentes. Foram obrigados a seguir em zigue-zague grande parte do percurso, navegando contra um vento constante vindo do nordeste, de modo que demoraram três semanas, e não duas.

Pug encontrava-se na coberta da proa, com o manto bem junto ao corpo. O frio cortante do inverno dera lugar a um frescor mais moderado, como se a primavera estivesse para chegar.

Rillanon era conhecida como a Joia do Reino, e Pug considerou o nome bem merecido. Diversamente das povoações humildes do Oeste, Rillanon era um aglomerado de torres altas, pontes graciosamente arqueadas e estradas de curvas delicadas, espalhadas por colinas ondulantes, formando uma confusão encantadora. No alto de torres arrojadas, estandartes e pendões esvoaçavam ao vento, como se a cidade celebrasse o simples fato de existir. Para Pug, até os barqueiros que iam e vinham dos navios ancorados no porto pareciam mais animados por se encontrarem ao alcance do encantamento de Rillanon.

O Duque de Salador ordenara que fosse bordado um estandarte ducal para Borric, que esvoaçava no alto do mastro principal do navio,

informando aos oficiais da cidade real a chegada do Duque de Crydee. À entrada das docas, o prático do porto da cidade deu prioridade à embarcação de Borric, e em pouco tempo o navio prendia suas amarras no cais real. O séquito desembarcou, sendo recebido por uma companhia da Guarda da Casa Real. À frente dos guardas, encontrava-se um homem idoso e grisalho que ainda caminhava ereto e que cumprimentou Borric de modo caloroso.

Os dois homens abraçaram-se e o mais velho, trajando a púrpura e o dourado real da guarda, com uma insígnia ducal sobre o coração, disse:

— Borric, é bomvê-lo mais uma vez. Já se vão quantos anos? Dez... onze?

— Caldric, velho amigo, já se passaram treze anos. — Borric olhava-o com carinho. O homem tinha olhos azul-claros e uma curta barba grisalha.

Caldric sacudiu a cabeça e sorriu.

— Já se passou muito tempo. — Olhou para os outros. Observando Pug, disse: — É o seu mais novo?

Borric riu.

— Não, ainda que não me envergonhasse se fosse. — Indicou a figura alta e magra de Arutha. — Este é o meu filho. Arutha, cumprimente o seu tio-avô.

Arutha avançou, e os dois se abraçaram. O Duque Caldric, Lorde de Rillanon, General da Corte da Guarda da Casa Real e Chanceler Real, afastou Arutha e contemplou-o a curta distância.

— Não passava de um menino quando o vi pela última vez. Deveria tê-lo reconhecido, pois, embora seja parecido com o seu pai, também faz lembrar bastante o meu querido irmão, pai de sua mãe. Você honra a minha família.

— E então, velho cavalo guerreiro, como está a sua cidade? — perguntou Borric.

— Tenho muito para contar, mas não aqui — respondeu Caldric. — Vamos levá-los até o palácio do Rei e alojá-los com todo o conforto. Teremos muito tempo para conversar depois. O que os traz a Rillanon?

— Tenho assuntos urgentes para tratar com Sua Majestade, mas não é algo de que se possa falar na rua. Vamos para o palácio.

Foram trazidas montarias para todos e a escolta tratou de afastar a multidão enquanto atravessavam a cidade. Se Krondor e Salador tinham impressionado Pug com todo o seu esplendor, Rillanon deixou-o atônito.

A cidade-ilha fora edificada no topo de muitas colinas, com vários pequenos rios correndo até o mar. Parecia ser uma cidade de pontes e canais tanto quanto de torres e campanários. Muitas construções tinham aspecto novo e Pug achou que deviam fazer parte dos planos do Rei de reconstrução da cidade. Em vários locais, viu trabalhadores removendo pedras antigas de edifícios, ou construindo novas paredes e telhados. As construções mais recentes tinham fachadas de alvenaria colorida, grande parte em mármore e quartzo, o que lhes conferia uma suave coloração branca, azul ou cor-de-rosa. As pedras das calçadas estavam limpas e as sarjetas corriam sem obstruções nem detritos, como Pug vira nas outras cidades. O que quer que esteja tramando, pensou o garoto, o Rei mantém uma cidade maravilhosa.

Um rio corria à frente do palácio e chegava-se à entrada através de uma ponte alta, que formava um arco até o pátio principal. O palácio era constituído por vários edifícios ligados por longos corredores que se espalhavam pela encosta de uma colina no centro da cidade. A fachada era coberta por pedras de diversas cores, o que lhe conferia um aspecto de arco-íris.

Assim que entraram no pátio, ouviram trombetas que saíam das paredes, e os guardas ficaram em posição de sentido. Aproximaram-se serviçais para levar as montarias, enquanto um grupo de nobres e altos funcionários palacianos aguardava junto à entrada do palácio para recebê-los.

Ao se aproximarem, Pug reparou que o cumprimento desses homens era formal e carecia da cordialidade pessoal da recepção do Duque Caldric. Atrás de Kulgan e Meecham, ele ouviu a voz do Duque Caldric:

— Lorde Borric, Duque de Crydee, peço licença para apresentar o Barão Gray, Mordomo-Mor da Casa Real de Sua Majestade. — Era um

homem baixo e rechonchudo, vestindo uma túnica apertada de seda vermelha e calções cinza-claros que lhe batiam nos joelhos. — O Conde Selvec, Primeiro Lorde da Armada Real. — Um homem alto e magro, de bigode fino e brilhante, fez uma mesura rígida. Ele prosseguiu até o final do grupo. Todos fizeram uma pequena declaração de agrado pela chegada de Lorde Borric, embora Pug sentisse pouca sinceridade nos comentários.

Foram levados aos seus respectivos aposentos. Kulgan criou problemas para que Meecham ficasse próximo a ele, pois o Barão Gray queria levá-lo para a distante ala do palácio reservada aos serviços, acabando por ceder quando Caldric se impôs como Chanceler Real.

O quarto atribuído a Pug superava em esplendor tudo o que vira até então. O pavimento era de mármore polido e as paredes eram feitas do mesmo material, salpicadas com o que parecia ser ouro. Em uma das laterais do quarto de dormir havia um enorme espelho e uma pequena divisão onde se achava uma grande banheira dourada. Um mordomo colocou os poucos pertences do garoto — conseguidos durante a viagem, pois a bagagem que traziam perdera-se na floresta — em um armário gigantesco que podia guardar doze vezes todos os pertences de Pug. Quando terminou, o homem perguntou:

— Quer que lhe prepare um banho, senhor?

Pug balançou afirmativamente a cabeça, já que, após três semanas a bordo do navio, as roupas estavam colando em seu corpo. Preparado o banho, o mordomo disse:

— Lorde Caldric aguarda a comitiva do Duque para jantar em quatro horas, senhor. Deseja que eu volte a essa hora?

Pug disse que sim, impressionado com a diplomacia do homem. Sabia apenas que ele chegara com o Duque, deixando que o garoto decidisse se o convite para jantar o incluía.

Ao entrar na água quente, Pug soltou um suspiro de alívio. Quando era apenas um dos meninos do castelo, não gostava de banhos, preferindo lavar a sujeira no mar e nos riachos próximos. Agora, estava começando a sentir que era capaz de aprender a apreciá-los. Imaginou o

que Tomas teria pensado sobre o assunto. Deixou-se levar por uma névoa quente de lembranças, sendo uma delas muito agradável, de uma adorável princesa de cabelos negros, e outra triste, de um garoto de cabelos ruivos.

O jantar da noite anterior fora uma ocasião informal, em que o Duque Caldric recebera o séquito de Lorde Borric. Agora, encontravam-se na sala do trono para serem apresentados ao Rei. O salão era amplo, de abóbada alta, a parede sul toda feita de janelas do chão ao teto, com vista para a cidade. Centenas de nobres estavam presentes quando a comitiva do Duque foi conduzida pela nave central.

Pug nunca achou que seria possível considerar o Duque Borric malvestido, pois em Crydee sempre usara as roupas mais requintadas, assim como os filhos. Contudo, em meio aos adornos à vista no salão, Borric assemelhava-se a um corvo entre pavões. Aqui, um gibão cravejado de pérolas; ali, uma túnica bordada com fios de ouro — cada nobre parecia pretender superar o seguinte. As senhoras ostentavam as mais suntuosas sedas e brocados, suplantando ligeiramente os homens.

Detiveram-se diante do trono, e Caldric anunciou o Duque. O Rei sorriu, e Pug ficou espantando com a leve semelhança entre ele e Arutha, embora os modos do Rei fossem mais descontraídos. Inclinou-se para a frente no trono e disse:

— Bem-vindo à nossa cidade, primo. Como é bom ver Crydee neste salão depois de tantos anos.

Borric avançou e ajoelhou-se perante Rodric IV, Rei do Reino das Ilhas.

— Alegro-me por ver Vossa Majestade em boa saúde.

Uma tênue sombra atravessou o rosto do monarca, que logo voltou a sorrir.

— Apresente-nos os seus companheiros.

O Duque apresentou o filho, e o Rei disse:

— Bem, é verdade que um descendente da linhagem conDoin carrega o sangue dos parentes da nossa mãe, além de nós mesmos. — Arutha fez

uma medida e recuou. Seguiu-se Kulgan, como um dos conselheiros do Duque. Meecham, que não exercia qualquer posição na corte do Duque, permanecera no seu quarto. O Rei fez um comentário educado, e Pug foi apresentado:

— Escudeiro Pug de Crydee, Vossa Majestade, Senhor da Floresta Profunda e membro da minha corte.

O Rei bateu palmas e deu uma gargalhada.

— O matador de trolls! Que maravilha! A história foi trazida por viajantes das longínquas terras de Crydee, e quem diria que haveríamos de ouvi-la narrada pelo autor da corajosa façanha. Temos de nos reunir mais tarde para que nos possa contar tal prodígio.

Pug fez uma medida desajeitada, sentindo-se observado por mil olhos. Houve ocasiões em que desejara que a história dos trolls não houvesse se espalhado, mas nunca tanto como naquele momento.

Recuou, e o Rei disse:

— Esta noite haverá um baile em honra da chegada de nosso primo Borric.

Levantou-se, ajeitando o manto purpúreo, e tirou pela cabeça a corrente de ouro que representava o cargo. Um pajem colocou a corrente em uma almofada de veludo púrpura. Em seguida, o Rei retirou a coroa de ouro da cabeça com tranças pretas e entregou-a a outro pajem.

Todos os presentes fizeram uma medida quando saiu do trono.

— Vamos, primo — disse a Borric —, vamos para a minha varanda particular, onde poderemos falar sem a solenidade a que o cargo nos obriga. Toda esta pompa me deixa esgotado.

Borric concordou e começou a caminhar ao lado do Rei, gesticulando a Pug e aos outros para que o aguardassem. O Duque Caldric anunciou que a audiência diária havia terminado e que aqueles que quisessem dirigir petições ao Rei teriam de voltar no dia seguinte.

Aos poucos, a multidão saiu pelas duas grandes portas ao fundo do salão, enquanto Arutha, Kulgan e Pug aguardavam. Caldric aproximou-se, dizendo:

— Vou levá-los até uma sala onde poderão aguardar. É melhor ficarem por perto, caso Sua Majestade solicite a presença de vocês.

Um mordomo da corte levou-os por uma pequena porta próxima daquela por onde o Rei passara com Borric. Entraram em uma sala ampla e confortável, onde se via uma mesa comprida no centro com frutas, queijo, pão e vinho. À volta da mesa, encontravam-se muitas cadeiras, e, ao redor da sala, estavam dispostos vários divãs com enormes almofadas por cima.

Arutha atravessou a sala até as enormes portas de vidro e olhou por elas.

— Estou vendo meu pai e o Rei sentados na varanda real.

Kulgan e Pug juntaram-se a ele, olhando para onde Arutha indicava. Os dois homens estavam sentados à mesa com vista para a cidade e para o mar. O Rei expressava-se com gestos expansivos, e Borric acenava com a cabeça.

— Não esperava que Sua Majestade fosse parecida com o senhor, Vossa Alteza — disse Pug.

Arutha respondeu com um sorriso forçado:

— Não é assim tão surpreendente, se levarmos em conta o fato de que, assim como o meu pai é primo do pai dele, também a minha mãe era prima da mãe dele.

Kulgan colocou a mão no ombro de Pug.

— Muitas famílias da nobreza possuem mais do que um laço familiar entre elas, Pug. Primos em quarto ou quinto grau podem casar-se por razões políticas e voltam a aproximar as famílias. Duvido que exista uma única família nobre no Leste que não reivindique algum tipo de relação com a coroa, ainda que distante e por um caminho tortuoso.

Regressaram à mesa, e Pug mordiscou um pedaço de queijo.

— O Rei demonstrava estar bem-disposto — disse, abordando com cautela o assunto que todos tinham em mente.

Kulgan pareceu ficar satisfeito com o comentário discreto do garoto, pois, após a partida de Salador, Borric os advertira sobre os comentários

do Duque Kerus. Terminara a advertência com o antigo ditado: “Nos corredores do poder, não existem segredos, e até os surdos ouvem.”

— O nosso monarca é um homem instável. Esperemos que mantenha a boa disposição depois de ouvir as notícias trazidas por meu pai — disse Arutha.

A tarde arrastou-se enquanto aguardavam notícias do Duque. Quando as sombras lá fora já se alongavam, Borric apareceu de súbito à porta. Aproximou-se, parando em frente ao grupo com uma expressão inquieta no rosto.

— Sua Majestade passou grande parte da tarde explicando seus planos para o renascimento do Reino.

— Falou-lhe dos tsurani? — perguntou Arutha.

O Duque confirmou:

— Ouviu e me informou com toda a calma que iria pensar no assunto. Tudo o que disse foi que voltaremos a conversar daqui a um ou dois dias.

— Pelo menos parecia estar de bom humor — disse Kulgan.

Borric fitou o velho conselheiro.

— Temo que bom demais. Esperava algum sinal de alarme. Não atravesso o Reino por insignificâncias, mas ele permaneceu impassível com o que lhe transmiti.

Kulgan pareceu ficar preocupado.

— Esta viagem já se prolongou demais. Esperemos que Sua Majestade não demore a decidir como agir.

Borric deixou-se cair em uma cadeira e pegou um copo de vinho.

— Esperemos que não.

Pug atravessou a porta para os aposentos particulares do Rei, com a boca seca por antecipação. Estava prestes a ser recebido pelo Rei Rodric, e sentia-se nervoso por ficar a sós com o soberano do Reino. Sempre que estivera perto de outros nobres poderosos, escondera-se na sombra do Duque ou de seu filho, avançando somente para contar laconicamente o que sabia dos tsurani, podendo depois desaparecer e

voltar a ficar em segundo plano num instante. Mas, naquele momento, pouco faltava para ser o único convidado do homem mais poderoso ao norte do Império do Grande Kesh.

Um mordomo indicou-lhe uma porta que levava à varanda particular do Rei. Havia vários serviçais em pé, junto à beirada da enorme varanda aberta, e o Rei ocupava, solitário, a mesa, um objeto de mármore esculpido sob um grande dossel.

O dia estava límpido. A primavera antecipara-se, tal como acontecera com o inverno, e havia um indício de calor nas lufadas de vento. Abaixo da varanda, para lá das sebes e dos muros de pedra que assinalavam os limites do palácio, Pug via a cidade de Rillanon e o mar além dela. Os telhados coloridos cintilavam ao sol do meio-dia, uma vez que o último floco de neve tinha derretido por completo nos últimos quatro dias. Os navios entravam e saíam do porto, e as ruas fervilhavam de moradores. Os gritos indistintos dos mercadores e mascates, que se ouviam acima do burburinho, eram levados pelo ar até se tornarem um zumbido suave no lugar onde o Rei tomava a refeição do meio-dia.

Quando Pug chegou perto da mesa, um dos criados puxou uma cadeira. O Rei virou-se e exclamou:

— Ah! Escudeiro Pug, sente-se, por favor. — Pug iniciou uma mesura, e o Rei interrompeu-o: — Basta. Não aceito formalidades quando almoço com um amigo.

Pug hesitou, até que disse ao se sentar:

— É uma honra, Vossa Majestade.

Rodric fez um gesto minimizando a importância do comentário.

— Lembro bem do que é ser um garoto na companhia de homens. Quando era pouco mais velho do que você, aceitei a coroa. Até então, era apenas o filho de meu pai. — Os seus olhos ganharam, por um instante, uma expressão distante. — Era o Príncipe, sem dúvida, mas, ainda assim, uma criança. A minha opinião não tinha qualquer valor, e parecia nunca conseguir satisfazer às expectativas de meu pai, caçando, cavalgando, navegando ou esgrimindo. Levei muitas sovas dos meus tutores, inclusive de Caldric. Tudo mudou quando me tornei Rei, mas

ainda me recordo como era. — Virou-se para Pug, e a expressão distante desapareceu ao sorrir. — E desejo que nos tornemos amigos. — Desviou o olhar e novamente voltou à expressão distante. — Amigos nunca são de mais, não é? Como sou o Rei, muitos afirmam que são meus amigos, mas não o são. — Ficou calado por um instante, e logo voltou a sair dos seus devaneios: — O que acha da minha cidade?

— Nunca vi nada igual, Majestade. É maravilhosa — respondeu Pug.

Rodric olhou para a vista que se estendia à frente deles.

— Sim, é mesmo maravilhosa, não é? — Acenou e um criado serviu vinho em taças de cristal. Pug bebericou o dele; ainda não desenvolvera o gosto pelo vinho, mas achou aquele muito bom, leve e frutado, com vestígios de especiarias. Rodric disse: — Esforcei-me bastante para tornar Rillanon um lugar maravilhoso para aqueles que vivem aqui. Quem dera ver o dia em que todas as cidades do Reino se tornem tão belas quanto esta e, para onde quer que olhemos, exista beleza. Demoraria cem vidas para consegui-lo, por isso posso apenas definir o padrão, construindo um exemplo para que aqueles que vierem depois possam imitar. Ainda assim, onde encontro tijolo, deixo mármore. Aqueles que a isso testemunham reconhecerão o que representa: o meu legado.

O Rei divagava um pouco e Pug não conseguiu entender a totalidade do que dizia sobre as construções e jardins e sobre eliminar a feiura de vista. Bruscamente, o Rei mudou de tópico:

— Conte-me como matou os trolls.

Pug contou e o Rei parecia beber cada palavra. Quando terminou, o Rei comentou:

— Mas que bela história. É melhor do que as versões que chegaram à corte, pois, embora não seja tão heroica, é duas vezes mais impressionante por ser verdadeira. Tem um coração corajoso, Escudeiro Pug.

— Obrigado, Majestade — agradeceu Pug.

— Na história, mencionou a Princesa Carline — disse Rodric.

— Sim, Majestade.

— A última vez que a vi, era um bebê nos braços da mãe. Que tipo de mulher ela se tornou?

Pug ficou surpreso com a mudança de assunto, mas respondeu:

— Tornou-se uma linda mulher, Majestade, tal como a mãe dela. É inteligente e sagaz, ainda que temperamental.

O Rei acenou com a cabeça.

— A mãe dela era uma bela mulher. Se a filha tiver metade da sua beleza, será, sem dúvida, encantadora. Possui capacidade de argumentação?

Pug ficou confuso.

— Majestade?

— Tem boa cabeça para raciocinar, para a lógica? Sabe discutir?

Pug acenou a cabeça com força.

— Sim, Vossa Majestade. A Princesa é muito boa nisso tudo.

O Rei esfregou as mãos.

— Ainda bem. Tenho de solicitar a Borric a permissão para que ela nos faça uma visita. A maior parte dessas senhoras orientais é enfadonha, não tem substância. Tinha esperança de que Borric proporcionasse educação à filha. Gostaria de conhecer uma jovem que dominasse a lógica e a filosofia e que soubesse argumentar e declamar.

De repente, Pug percebeu que o significado que o Rei dera a “discutir” não fora o que pensara. Decidiu que seria melhor não mencionar a discrepância.

O Rei prosseguiu:

— Os meus ministros estão constantemente me importunando para que eu case e dê um herdeiro ao Reino. Tenho andado ocupado e, para ser franco, pouco interesse encontrei nas senhoras da corte. São muito boas para um passeio ao luar e... para outras coisas. Mas para mãe dos meus herdeiros? Não me parecem. Contudo, devia empenhar-me na procura de uma rainha. Talvez a única filha conDoin seja o ponto de partida lógico.

Pug estava prestes a mencionar outra filha conDoin, reprimindo o impulso ao recordar-se da tensão entre o Rei e o pai de Anita. Além

disso, a menina tinha apenas sete anos.

O Rei voltou a mudar de assunto:

— Há quatro dias que o primo Borric me delicia com histórias desses seres de outro mundo, esses tsurani. O que pensa de tudo isso?

Pug ficou surpreso. Não achara que o Rei fosse pedir sua opinião sobre o que quer que fosse, quanto mais sobre um assunto tão crucial como a segurança do Reino. Refletiu demoradamente, tentando organizar a resposta da melhor forma possível.

— De tudo o que vi e ouvi, Vossa Majestade, creio que esse povo tsurani não só planeja uma invasão como já se encontra por aqui.

O Rei ergueu uma sobrancelha.

— Mesmo? Gostaria de ouvir o seu raciocínio.

Pug mediou suas palavras com cautela.

— Se todos esses encontros de que temos ouvido falar de fato aconteceram, Majestade, levando em conta o modo furtivo como estão se deslocando, não seria lógico acreditar que existam muitas outras ocorrências das suas idas e vindas além daquelas de que temos conhecimento?

O Rei aquiesceu.

— Um bom raciocínio. Continue.

— Não será também verdade que, assim que as neves tiverem caído, as chances de se encontrar vestígios desse povo diminuirão, por estarem em zonas remotas? — Rodric fez um aceno com a cabeça, e Pug prosseguiu: — Se forem tão belicosos como o Duque e os outros dizem que são, creio que terão mapeado todo o Oeste, de modo a identificar um bom lugar para trazerem os soldados durante o inverno e depois lançarem a ofensiva na primavera.

O Rei bateu com a mão na mesa.

— Ótimo exercício de lógica, Pug. — Gesticulando para que os serviciais trouxessem comida, disse: — Agora, vamos comer.

Foi trazida comida de uma extraordinária variedade e quantidade somente para os dois, e Pug provou vários pratos, para não parecer indiferente à generosidade do Rei. Rodric fez-lhe algumas perguntas

durante a refeição, às quais Pug respondeu da melhor forma que conseguiu.

Quando Pug estava terminando a refeição, o Rei apoiou o cotovelo na mesa e afagou o queixo barbeado. Ficou olhando o vazio durante muito tempo, e Pug começou a sentir-se constrangido, desconhecendo a cortesia adequada a um rei quando ele se perde em seus pensamentos. Optou por ficar sentado e quieto.

Passado algum tempo, Rodric saiu de seus devaneios. A sua voz transparecia inquietação ao olhar para Pug e dizer:

— Por que essa gente vem atormentar-nos agora? Há tanto a fazer. Não posso deixar que uma guerra interfira em meus planos. — Levantou-se e caminhou durante algum tempo de um lado para outro, deixando Pug em pé, pois se levantara quando o Rei o fizera. Rodric dirigiu-se a Pug: — Tenho de solicitar a presença do Duque Guy. Ele me aconselhará. Tem uma cabeça excelente para esses assuntos.

O Rei voltou a andar de um lado para outro, olhando mais alguns minutos para a cidade, enquanto Pug permanecia junto à cadeira. Ouviu o monarca murmurar consigo mesmo acerca das grandiosas obras que não deveriam ser interrompidas, e sentiu um puxão na manga. Virou-se, deparando com um mordomo do palácio ao seu lado, em silêncio. Com um sorriso e um gesto na direção da porta, o mordomo indicou que o almoço terminara. Pug seguiu o homem até a porta, pensando na capacidade dos serviçais de reconhecerem os estados de espírito do Rei.

Pug foi conduzido de volta ao seu quarto, solicitando ao serviçal que transmitisse a Lorde Borric o recado de que gostaria de falar com ele, caso não estivesse ocupado.

Entrou no quarto e sentou-se para pensar. Foi arrancado de seus pensamentos quando bateram à porta, pouco depois. Deu permissão para entrar, e o mesmo mordomo que levara o recado ao Duque trouxe a mensagem de que Borric receberia Pug naquele instante.

Pug seguiu o homem até sair do quarto, e dispensou-o, dizendo que era capaz de encontrar o quarto do Duque sem precisar de orientação. Caminhou devagar, pensando no que iria dizer ao Duque. Dois assuntos

pareciam evidentes: o Rei não estava satisfeito por saber que os tsurani constituíam uma potencial ameaça ao seu reino, e Lorde Borric ficaria igualmente insatisfeito ao ouvir que Guy du Bas-Tyra ia ser chamado a Rillanon.

Assim como em todos os jantares anteriores, havia um ambiente sereno à mesa. Os cinco homens de Crydee faziam a refeição nos aposentos do Duque, com serviçais do palácio ao redor, ostentando a divisa púrpura e dourada do Rei nas túnicas escuras.

O Duque estava ficando impaciente, pois desejava deixar Rillanon e voltar para o Oeste. Já se haviam passado quase quatro meses desde que tinham saído de Crydee: todo o inverno. A primavera aproximava-se e, caso os tsurani iniciassem o ataque, como acreditavam, seria em questão de dias. A agitação de Arutha era comparável à do pai. Até Kulgan ressentia-se da espera. Meecham, que nada revelava dos seus sentimentos, era o único que parecia satisfeito.

Pug também tinha saudades de casa. No palácio, entediava-se. Desejava regressar à sua torre, prosseguir os seus estudos. Também desejava rever Carline, ainda que não falasse sobre o assunto com ninguém. Ultimamente, pegava-se lembrando dela sob uma luz mais suave, perdoando aqueles atributos que outrora o irritavam. Também sabia, com uma confusão de sentimentos, que logo iria descobrir o destino de Tomas. Não tardaria até que Dolgan enviasse uma mensagem a Crydee, caso o degelo chegasse cedo às montanhas.

Borric suportara, ao longo da última semana, várias outras reuniões com o Rei, que acabavam invariavelmente de modo pouco satisfatório para o Duque. A última ocorrera horas antes, mas ele nada diria sobre o que se passara até que todos os criados saíssem.

Quando estavam retirando os últimos pratos e os criados serviam o melhor conhaque keshiano do Rei, bateram à porta. O Duque Caldric entrou, gesticulando para que os serviçais saíssem. Quando ficaram a sós, virou-se para o Duque:

— Borric, perdoe a interrupção do jantar, mas trago notícias.

Borric levantou-se, assim como os restantes.

— Por favor, junte-se a nós. Aqui, tome um copo.

Caldric aceitou a oferta e sentou-se na cadeira de Pug, que puxou outra para ele. O Duque de Rillanon bebericou o conhaque e disse:

— Há menos de uma hora chegaram mensageiros do Duque de Bas-Tyra. Guy manifesta ter-se alarmado com a possibilidade de o Rei estar sendo “indevidamente” inquietado com esses “rumores” de problemas no Oeste.

Borric ergueu-se, lançando o copo pela sala e estilhaçando-o. O líquido âmbar escorreu pela parede, enquanto o Duque de Crydee quase urrava de raiva.

— O que Guy está tramando? Que conversa é essa?

Caldric ergueu uma mão, e Borric acalmou-se um pouco, voltando a sentar. O Duque mais velho disse:

— Eu mesmo redigi a convocação de Guy pelo Rei. Nela foi incluído tudo o que você contou, todas as informações e suposições. Só posso imaginar que Guy está se garantindo de que o Rei não irá tomar qualquer decisão até sua chegada ao palácio.

Borric tamborilou os dedos na mesa e lançou um olhar fulminante a Caldric.

— O que Bas-Tyra está fazendo? Se a guerra estourar, é a Crydee e Yabon que chegará. O meu povo irá sofrer. As minhas terras serão devastadas.

Caldric sacudiu a cabeça devagar.

— Vou falar com toda a franqueza, meu velho amigo. Desde a desavença entre o Rei e seu tio, Erland, Guy age de modo a promover o próprio estandarte até a supremacia no Reino. Acredito que, caso a saúde de Erland venha a traí-lo, Guy já se veja vestido com a púrpura de Krondor.

Com os dentes cerrados, Borric disse:

— Assim sendo, ouça-me bem, Caldric: jamais carregaria esse fardo ou deixaria que os meus o carregassem a não ser por um propósito de grande nobreza. Mas, se Erland está tão enfermo como penso, apesar de

não o admitir, será Anita que ocupará o trono em Krondor, e não Guy, o Negro. Nem que eu tenha de entrar com os Exércitos do Oeste em Krondor e assumir a regência, mesmo que Rodric deseje o contrário. Somente se o Rei tiver descendentes é que outro homem ocupará o trono.

Caldric olhou para Borric calmamente.

— E você será rotulado como traidor da coroa?

Borric deu um tapa na mesa.

— Maldito seja o dia em que aquele canalha nasceu. Lamento ter de reconhecê-lo como parente.

Caldric aguardou um minuto até Borric se acalmar, dizendo então:

— Conheço-o melhor do que você mesmo, Borric. Você não erguerá o estandarte de guerra do Oeste contra o Rei, ainda que acredite que estrangularia seu primo Guy de bom grado. Sempre me entristeceu ver os dois melhores Generais do Reino odiarem-se tanto.

— Sim, mas com razão. Sempre que surge um apelo de ajuda ao Oeste, é ele que se opõe. Sempre que surge uma intriga e alguém perde um título, é um dos favoritos de Guy que o conquista. Como é possível que você não perceba? Só porque você, Brucal de Yabon e eu insistimos para que a assembleia não nomeasse Guy regente nos primeiros três anos de Rodric. Diante de todos os Duques do Reino, chamou-o de velho cansado que não estava apto para reinar em nome do Rei. Como pode esquecer?

De fato, Caldric tinha um ar cansado e envelhecido, ali sentado na cadeira, com uma mão sobre os olhos, como se a luz do quarto o estivesse ofuscando. De modo afável, disse:

— Eu comprehendo e não me esqueci. Mas a verdade é que ele também é meu parente, e, se eu não estivesse aqui, qual seria o grau de influência que teria sobre Rodric? Quando menino, o Rei idolatrava-o, vendo nele um herói arrojado, um guerreiro de primeira categoria, um defensor do Reino.

Borric recostou-se na cadeira.

— Peço perdão, Caldric — desculpou-se, com a voz perdendo a rispidez. — Bem sei que os seus atos visam o bem de todos. Guy fez mesmo o papel de herói, levando o Exército Keshiano a bater em retirada em Taunton Profundo, tantos anos atrás. Não devia falar daquilo que não vi com os meus próprios olhos.

Arutha ficou impassível no decorrer da conversa, mas os seus olhos indicavam que sentia a mesma raiva que o pai. Inclinou-se para a frente na cadeira, e os duques olharam para ele.

— Tem algo para perguntar, meu filho? — perguntou Borric.

Arutha abriu as mãos à sua frente.

— Disso tudo, há algo que me incomoda: caso os tsurani cheguem, o que Guy ganharia com a hesitação do Rei?

Borric tamborilou os dedos na mesa.

— É aí que reside o enigma, pois, apesar de suas maquinações, Guy não iria pôr o Reino em perigo, muito menos por puro despeito por minha pessoa.

— Não seria muito conveniente para ele — prosseguiu Arutha — deixar o Oeste sofrer um pouco, até acharmos que não há saída, assumindo então a liderança dos Exércitos do Leste, como herói conquistador, tal como foi em Taunton Profundo?

Caldric ponderou aquela hipótese.

— Nem Guy seria capaz de ter esses forasteiros em tão baixa conta, espero.

Arutha começou a andar de um lado para outro.

— No entanto, pensem no que ele sabe. As divagações de um moribundo. Suposições acerca da natureza de uma embarcação que somente Pug, aqui presente, viu, e que eu não mais do que vislumbrei quando deslizava para o fundo do mar. Conjecturas de um sacerdote e de um mago, sendo que Guy pouca consideração tem por ambos os ofícios. Alguns Irmãos das Trevas em migração. Ele poderá fazer pouco caso de tais notícias.

— Mas está tudo à vista — protestou Borric.

Caldric observou o jovem Príncipe a percorrer a sala.

— Talvez tenha razão. Talvez o que falte seja a urgência das suas palavras, urgência que está ausente na mensagem fria de tinta e pergaminho. Quando chegar, teremos de convencê-lo.

Borric quase cuspiu as palavras:

— Cabe ao Rei decidir, e não a Guy!

— Mas o Rei dá grande importância ao conselho de Guy — contrapôs Caldric. — Se pretende comandar os Exércitos do Oeste, é a Guy que terá de convencer.

Borric ficou chocado.

— Eu? Não quero o estandarte dos exércitos. Desejo apenas que Erland tenha permissão para me auxiliar, caso seja necessário.

Caldric colocou ambas as mãos na mesa.

— Borric, apesar de sua sabedoria, você não deixa de ser um nobre rural. Erland não pode comandar os exércitos. Ele não está bem. Mesmo que fosse capaz, o Rei não o autorizaria. Nem daria permissão ao Marechal da Corte de Erland, Dulanic. Ultimamente, você tem visto Rodric no seu melhor. Quando os estados de espírito sombrios o dominam, teme por sua própria vida. Ninguém se atreve a dizê-lo, mas o Rei desconfia que seu tio conspire para lhe tomar a coroa.

— Ridículo! — exclamou Borric. — A coroa pertencia a Erland há treze anos. Não havia uma sucessão clara. O pai de Rodric ainda não o nomeara como herdeiro legítimo e a pretensão de Erland era tão clara quanto a do Rei, talvez até mais. Somente Guy e aqueles que pretendiam usar o garoto agiram em favor de Rodric. A maioria da assembleia teria aprovado Erland como Rei.

— Bem sei, mas os tempos são outros, e Rodric não é mais uma criança. Trata-se de um jovem amedrontado, doente de medo. Se isso vem da influência de Guy e dos outros ou de alguma enfermidade de sua mente, não sei dizer. O Rei não pensa como os outros homens. Nenhum rei o faz, e Rodric muito menos. Por mais ridículo que possa parecer, ele não cederá os Exércitos do Oeste ao tio. Temo igualmente que, assim que Guy dê o seu parecer, também não os ceda a você.

Borric abriu a boca para dizer algo, mas Kulgan interrompeu-o:

— Peço perdão, Vossas Graças, mas permitem que eu faça uma sugestão? — Caldric olhou para Borric, que assentiu. Kulgan pigarreou e continuou: — Será que o Rei cederia os Exércitos do Oeste ao Duque Brucal de Yabon?

O entendimento chegou devagar aos rostos de Borric e Caldric, até que o Duque de Crydee inclinou a cabeça para trás, rindo. Batendo com o punho na mesa, quase gritou:

— Kulgan! Ainda que não me tivesse servido bem durante todos esses anos, hoje não há dúvidas de que o fez. — Virou-se para Caldric: — O que acha?

Caldric sorriu pela primeira vez desde que entrara na sala.

— Brucal? O velho cão de guerra? Não existe homem mais honesto em todo o Reino. Além disso, não se encontra na linha de sucessão. Estaria afastado das tentativas de descrédito de Guy. Caso recebesse o comando dos exércitos...

— Poderia solicitar a meu pai que fosse seu conselheiro principal — concluiu Arutha. — Ele sabe que meu pai é o melhor comandante do Oeste.

Caldric endireitou-se na cadeira, a excitação estampada no rosto.

— Ficaria até com o comando dos exércitos de Yabon.

— Sim — confirmou Arutha — e de LaMut, de Zūn, de Ylith e dos outros.

Caldric levantou-se.

— Creio que funcionará. Amanhã, não diga nada ao Rei. Aguardarei pela oportunidade certa para fazer as “sugestões”. Rezem para que Sua Majestade aprove.

Caldric despediu-se, e Pug percebeu que, pela primeira vez, surgira uma esperança de que aquela viagem pudesse vir a ter um final promissor. Até Arutha, que passara a semana enfurecido como trovões ameaçadores, parecia próximo da felicidade.

Pug despertou ao ouvir baterem na porta. Sonolento, gritou a quem quer que fosse para que entrasse, e a porta se abriu. Um mordomo

real olhou para dentro.

— Senhor, o Rei ordena que todos os membros da comitiva do Duque se juntem a ele na sala do trono... Imediatamente. — Segurava uma lanterna para comodidade de Pug.

Pug disse que iria sem demora, e vestiu-se às pressas. Lá fora ainda era noite, o que o deixou ansioso para saber o que causara aquela convocação inesperada. A sensação de esperança da noite anterior, depois da saída de Caldric, foi substituída por uma preocupação aflitiva de que o imprevisível Rei teria, de alguma forma, ficado a par do plano para contornar a chegada do Duque de Bas-Tyra.

Ainda apertava o cinto quando saiu do quarto. Percorreu o corredor a passos largos, com o mordomo ao seu lado segurando a lanterna para iluminar o caminho, pois as tochas e as velas habitualmente acesas no início da noite já tinham todas se apagado.

Quando chegaram à sala do trono, o Duque, Arutha e Kulgan também estavam chegando, todos com o olhar apreensivo fixo em Rodric, que caminhava de um lado para outro junto ao trono, ainda em roupas de dormir. O Duque Caldric encontrava-se de um dos lados, mostrando uma expressão séria. A sala estava na penumbra, com exceção das lanternas que os mordomos seguravam.

Assim que todos se reuniram na frente do trono, Rodric teve um ataque de cólera.

— Primo! Sabe o que tenho aqui? — gritou, mostrando um maço de pergaminhos.

Borric disse que não sabia. A voz de Rodric baixou um pouco:

— É uma mensagem de Yabon! Brucal, aquele velho tonto, deixou que aqueles forasteiros tsurani atacassem e destruíssem uma de suas guarnições. Leia isto! — Quase guinchando, atirou os pergaminhos para onde estava Borric. Kulgan apanhou-os e entregou-os ao Duque. — Deixe — disse o Rei, com a voz perto do seu normal. — Eu digo o que está escrito aí:

“Esses invasores têm atacado as Cidades Livres, próximo a Walinor. Atacaram as florestas dos elfos. Atacaram a Montanha de Pedra.

Atacaram Crydee.”

Sem pensar, Borric perguntou:

— Quais são as notícias sobre Crydee?

O Rei parou de andar, mirou Borric e, por um segundo, Pug viu loucura naqueles olhos. Rodric fechou-os por um instante e, quando voltou a abri-los, Pug percebeu que o Rei voltara a si. Sacudiu ligeiramente a cabeça e levou a mão à têmpora.

— Disponho apenas de notícias em segunda mão de Brucal. Quando os mensageiros saíram de lá, há seis semanas, só havia ocorrido um ataque a Crydee. O seu filho Lyam relata que a vitória foi esmagadora, obrigando os forasteiros a baterem em retirada para as profundezas da floresta.

Caldric avançou.

— Todos os relatos são idênticos. Companhias de infantaria fortemente armadas atacaram durante a noite, antes do degelo, apanhando as guarnições de surpresa. Pouco se sabe, a não ser que uma guarnição LaMutiana próxima à Montanha de Pedra foi devastada. Todos os outros ataques parecem ter sido rechaçados. — Olhou para Borric expressivamente. — Não há notícia de que os tsurani usem cavalaria.

— Então talvez Tully estivesse certo e eles não tenham cavalos — disse Borric.

O Rei parecia estar com tonturas, pois deu um passo cambaleante para trás, sentando-se no trono. Voltou a levar a mão à têmpora, dizendo:

— Mas que conversa é essa de cavalos? O meu Reino está sendo invadido. Essas criaturas atreveram-se a atacar os meus soldados.

Borric olhou para o Rei.

— Vossa Majestade, o que deseja que eu faça?

O Rei levantou a voz:

— Fazer? Ia aguardar a chegada do meu leal Duque de Bas-Tyra antes de tomar uma decisão. Porém agora é preciso agir imediatamente.

Parou momentaneamente, e o seu rosto adquiriu uma expressão vulpina, os olhos escuros reluzindo à luz da lanterna.

— Pensei em entregar os Exércitos do Ocidente a Brucal, mas o velho idiota trêmulo nem sequer consegue proteger as suas guarnições.

Borric estava prestes a protestar em nome de Brucal, mas Arutha, conhecendo o pai, agarrou-o pelo braço, e o Duque ficou calado.

— Borric, deve deixar Crydee para o seu filho — disse o Rei. — Está à altura da tarefa, creio eu. Deu-nos a única vitória, até agora. — O seu olhar perdeu-se, e ele deu uma risadinha. Sacudiu a cabeça por algum tempo, e a voz perdeu a intensidade desvairada: — Oh, deuses, estas dores. Parece que a minha cabeça vai explodir. — Fechou os olhos por breves instantes. — Borric, deixe Crydee a cargo de Lyam e Arutha. Estou lhe concedendo o estandarte dos Exércitos do Oeste. Vá a Yabon. Brucal está sendo bastante pressionado, pois a maior parte do exército estrangeiro ataca pelos lados de LaMut e de Zūn. Quando chegar lá, solicite tudo de que precisar. Esses invasores devem ser expulsos de nossas terras.

O Rei ficou pálido, e gotas de suor brilhavam em sua testa.

— É uma hora desagradável para partir, mas já mandei recado ao porto para que preparem um navio. Você precisa partir de imediato. Vá.

O Duque fez uma mesura e virou-se.

— Acompanharei Vossa Majestade aos seus aposentos — disse Caldric. — Irei acompanhá-los às docas quando estiverem prontos.

O velho Chanceler auxiliou o Rei a se levantar do trono, e o séquito do Duque saiu da sala. Correram para os quartos, onde encontraram mordomos guardando os seus pertences. Pug estava extremamente agitado, pois ia, finalmente, voltar para casa.

Estavam todos na doca, despedindo-se de Caldric. Pug e Meecham aguardavam, e o alto homem livre disse:

— Bem, garoto. Não voltaremos a ver nossa terra tão cedo, agora que a guerra começou.

Pug ergueu o olhar para o rosto marcado do homem que o encontrara na tempestade, tanto tempo atrás.

— Por quê? Não estamos voltando para casa?

Meecham sacudiu a cabeça.

— O Príncipe irá navegar de Krondor, através dos Estreitos das Trevas, para se juntar ao irmão, mas o Duque viajará para Ylith, e de lá até o acampamento de Brucal, em algum lugar para os lados de LaMut. Para onde Lorde Borric for, Kulgan irá acompanhá-lo. E, para onde o meu amo for, eu vou. E você?

Pug sentiu um aperto no estômago. O homem livre estava certo. O seu lugar era junto de Kulgan, e não com a gente de Crydee, embora estivesse certo de que, se pedisse, permitiriam que regressasse para casa com o Príncipe. Conformou-se com mais um sinal de que a sua infância estava chegando ao fim.

— Para onde Kulgan for, eu também irei.

Meecham deu-lhe uma palmada no ombro e disse:

— Bom, pelo menos poderei ensinar-lhe a usar aquela maldita espada que você balança como a vassoura de uma peixeira.

Sentindo pouco entusiasmo diante da perspectiva, Pug sorriu debilmente. Pouco depois, embarcaram e zarparam para Salador, a primeira etapa da longa jornada rumo ao Oeste.

Invasão

Naquele ano, as chuvas da primavera caíam torrencialmente. As operações de guerra eram dificultadas pela lama permanente. O tempo iria permanecer úmido e frio por mais um mês antes da chegada do curto e quente verão.

O Duque Brucal de Yabon e Lorde Borric estavam debruçados sobre uma mesa coberta de mapas. Por cima deles, a chuva batia na tenda de comando. As laterais faziam ligação com outras, onde os dois pernoitavam. A tenda estava cheia de fumaça dos lampiões e do cachimbo de Kulgan. O mago revelara-se um hábil conselheiro dos duques, e a sua magia, uma ajuda proveitosa. Conseguia prever as tendências do tempo, e a sua visão de feiticeiro era capaz de detectar alguns movimentos das tropas tsurani, ainda que raras vezes. Ao longo dos anos, a leitura de todos os livros que encontrava, incluindo narrativas de guerra, tinha-o transformado em um bom conhecedor de táticas e estratégias.

Brucal apontou para o mapa mais recente na mesa.

— Tomaram esta área aqui, e outra aqui. Mantêm-se firmes nesta zona — indicou outro ponto no mapa — apesar de todos os nossos esforços para expulsá-los. Também parecem estar se deslocando ao longo de uma linha daqui para ali. — Com o dedo, traçou uma reta ao

longo da encosta oriental das Torres Cinzentas. — Temos aqui um padrão coordenado, mas demônios me levem se eu conseguir antecipar o passo seguinte. — O Duque mais velho parecia abatido. Os combates, de forma esporádica, já duravam dois meses, e não era possível saber qual o lado que estava em vantagem.

Borric estudou o mapa. Marcas vermelhas assinalavam os bastiões dos tsurani: parapeitos de barro escavados à mão, com um mínimo de duzentos homens a defendê-los. Havia também a suspeita da existência de companhias de reforço, cuja localização aproximada era assinalada por marcas amarelas. Sabia-se que qualquer posição que sofresse um ataque recebia reforços rapidamente, por vezes em questão de minutos. Marcas azuis indicavam a localização de tropas do Reino, embora grande parte das forças de Brucal estivesse aquartelada ao redor da colina onde se achava instalada a tenda de comando.

Até a chegada da infantaria pesada e dos engenheiros de Ylith e Tyr-Sog para reforçar a guarnição militar e criar fortificações permanentes, o Reino batia-se numa guerra sobretudo móvel, pois grande parte das tropas reunidas pertencia à cavalaria.

O Duque de Crydee concordou com a análise do outro homem.

— Parece que as táticas deles permanecem iguais: lançam uma pequena força, abrem trincheiras e mantêm-se firmes. Impedem a entrada das nossas tropas, mas recusam-se a nos seguir quando batemos em retirada. Temos aqui um padrão. Porém, por minha vida que também não consigo entendê-los.

Entrou um guarda.

— Meus senhores, há um elfo lá fora, pedindo permissão para entrar.

— Que entre — disse Brucal.

O guarda afastou a aba da tenda e o elfo entrou. O cabelo ruivo estava colado à cabeça, e do manto escorria água no chão da tenda. Fez uma ligeira mesura aos duques.

— Que notícias traz de Elvandar? — perguntou Borric.

— A minha Rainha envia saudações. — Depressa se virou para o mapa. Apontou a passagem entre as Torres Cinzentas, ao sul, e a

Montanha de Pedra, ao norte, a mesma passagem que as forças de Borric cercavam na extremidade leste. — Os seres de outro mundo deslocam muitos soldados por esta passagem. Avançaram até a orla das florestas dos elfos, mas não tentam entrar. Talvez lhes seja difícil atravessá-las. — Sorriu ironicamente. — Guiei uma perseguição divertida com vários deles durante meio dia. Correm quase tão bem quanto os anões. Mas, na floresta, não conseguiram aguentar. — Voltou a dar atenção ao mapa. — De Crydee chegaram notícias de que as patrulhas a cavalo se envolveram em escaramuças; porém, perto do castelo nada aconteceu. Nas Torres Cinzentas, Carse e Tulan não há registros de atividade. Parecem satisfeitos por se entrincheirarem ao longo desta passagem. As suas forças no oeste não poderão se juntar a vocês, pois não conseguiram atravessar neste momento.

— Qual será o tamanho dessa força alienígena? — perguntou Brucal.

— Não sabemos, mas eu vi milhares neste percurso. — Com o dedo, indicou um trecho ao longo da orla norte da passagem, desde as florestas dos elfos até o acampamento do Reino. — Os anões da Montanha de Pedra não têm sido incomodados, desde que não se aventurem para o sul. Da mesma forma, os seres de outro mundo impedem a sua passagem.

— Há relatos da existência de cavalaria tsurani? — perguntou Borric ao elfo.

— Nada. Todos os relatórios mencionam somente infantaria.

— Parece confirmada a especulação do Padre Tully de que não possuem cavalos — disse Kulgan.

Brucal pegou um pincel e tinta e inseriu as informações no mapa. Kulgan ficou observando por cima do ombro do duque.

Borric dirigiu-se ao elfo:

— Depois de repousar, leve as minhas saudações à sua senhora, e os meus votos de saúde e prosperidade. Caso enviem mensageiros para leste, peço o favor de levarem a mesma mensagem aos meus filhos.

O elfo fez uma mesura.

— Os seus desejos são uma ordem. Regressarei de imediato a Elvandar. — Virou-se e saiu da tenda.

— Creio que comprehendo — disse Kulgan. Apontou para as novas marcas vermelhas no mapa. Formavam um grosseiro semicírculo através da passagem. — Os tsurani estão tentando defender esta área aqui. O vale é o centro do círculo. Eu diria que estão tentando fazer com que ninguém se aproxime.

Ambos os duques pareceram intrigados.

— Mas com que objetivo? — perguntou Borric. — Não existe nada ali que tenha valor militar. É como se estivessem nos convidando a cercá-los naquele vale.

De repente, Brucal arquejou.

— É como a ponta de uma ponte. Pense nisso em termos da travessia de um rio. Eles possuem uma base de operações deste lado do portal, como os magos o chamam. Dispõem unicamente dos mantimentos que seus homens conseguem trazer. Não têm controle suficiente da área para procurar comida, então precisam expandir a área que controlam e acumular mantimentos antes de lançarem uma ofensiva.

Brucal virou-se para o mago:

— Kulgan, o que acha? É mais da sua competência.

O mago contemplou o mapa como se estivesse tentando adivinhar informações ali escondidas.

— Ainda desconhecemos a magia envolvida. Não sabemos com que rapidez conseguem transportar mantimentos e homens, uma vez que até hoje ninguém testemunhou um aparecimento. Pode ser que precisem de uma área vasta, o que este vale proporciona. Ou podem estar sujeitos a um limite de tempo determinado para passar as tropas.

O Duque Borric ponderou sobre tudo o que fora dito.

— Assim sendo, só há uma coisa a fazer. Temos de enviar um grupo ao vale para ver o que andam fazendo.

Kulgan sorriu.

— Eu irei, se Vossa Graça autorizar. Os soldados podem não fazer a mais tênue ideia do que estarão vendo caso envolva magia.

Brucal começou a protestar, com um olhar que abrangia o avantajado corpo do mago. Borric cortou-lhe a palavra:

— Não deixe que as aparências o enganem. Ele monta como um soldado de cavalaria. — Virou-se para Kulgan. — É melhor que Pug o acompanhe, pois, se um cair, o outro poderá trazer notícias.

Kulgan pareceu entristecido, embora percebesse a sensatez da decisão.

— Se atacarmos na Passagem Norte, depois neste vale, e se atrairmos as forças deles para lá, uma companhia pequena e veloz poderá penetrar aqui — disse o Duque de Yabon. Indicou uma pequena passagem que entrava pela extremidade sul do vale, vinda do leste.

— É um plano ousado — afirmou Borric. — Temos dançado há tanto tempo com os tsurani, mantendo uma frente estável, que duvido que estejam à espera.

O mago sugeriu que se recolhessem, pois o dia seguinte seria longo. Fechou os olhos por breves instantes, informando aos dois líderes que a chuva iria cessar e no dia seguinte haveria sol.

Pug estava embrulhado em um cobertor, tentando cochilar, quando Kulgan entrou na tenda. Meecham estava diante do fogo, preparando a refeição da noite e tentando mantê-la afastada da goela voraz de Fantus, com alguma dificuldade. O dragonete tinha procurado o amo uma semana antes, desencadeando alarmes dos soldados ao passar voando por cima das tendas. Somente os gritos de ordem de Meecham evitaram que um arqueiro acertasse uma flecha comprida no dragonete brincalhão. Kulgan ficara satisfeito ao ver o animal de estimação, mas era incapaz de explicar como a criatura os encontrara. O dragonete entrara sem hesitar na tenda do mago, satisfeito por dormir ao lado de Pug e roubar comida sob o olhar vigilante de Meecham.

Pug sentou-se quando o mago despiu o manto encharcado.

— Partirei em uma expedição que se infiltrará em território dominado pelos tsurani, para quebrar o círculo que levantaram ao redor de um pequeno vale e descobrir o que andam tramando. Você e

Meecham irão me acompanhar nessa viagem, e assim terei amigos à retaguarda e a meu lado.

Pug ficou animado com as notícias. Meecham passara longas horas ensinando-lhe a usar a espada e o escudo, o que trouxe de volta o antigo sonho de se tornar soldado.

— Mantive minha lâmina afiada, Kulgan.

Meecham soltou um resfôlego que parecia uma gargalhada, e o mago lançou-lhe um olhar ameaçador.

— Ainda bem, Pug. Mas, com sorte, não teremos de lutar. Iremos junto com uma pequena força militar, que estará ligada a outra, maior, à qual caberá afastar os tsurani. Vamos nos esgueirar rapidamente pelo território deles de modo a descobrir o que estão escondendo. Depois, galoparemos a toda a velocidade para trazer notícias. Agradeço aos deuses que eles não possuam cavalos, senão nunca poderíamos fazer algo tão ousado. Passaremos por eles antes que se deem conta do que aconteceu.

— Quem sabe conseguimos trazer um prisioneiro — disse o garoto, esperançoso.

— Isso seria uma novidade — disse Meecham. Os tsurani tinham-se revelado guerreiros ferozes, preferindo morrer a se deixarem capturar.

— Assim talvez conseguíssemos saber o que os trouxe a Midkemia — arriscou Pug.

Kulgan ficou pensativo.

— Pouco sabemos acerca dos tsurani. Que lugar é esse de onde vêm? Como fazem a travessia entre o mundo deles e o nosso? E, como você mencionou, a questão mais incômoda de todas: por que vieram? O que os leva a invadir as nossas terras?

— Metal.

Kulgan e Pug olharam para Meecham, que estava servindo o ensopado, vigiando Fantus.

— Não possuem metal e querem o nosso. — Quando Kulgan e Pug o encararam inexpressivamente, sacudiu a cabeça. — Achei que a esta altura já tinham juntado as peças, por isso não disse nada. — Colocou de

lado as tigelas de ensopado, estendeu a mão para trás e retirou uma flecha de cor vermelho-viva de baixo da esteira. — Uma recordação — disse, estendendo-a à frente para observá-la. — Reparem na cabeça. É do mesmo material das lanças deles, uma espécie de madeira temperada como o aço. Apanhei muitos objetos recolhidos pelos soldados e não vi nada feito por esses tsurani que contenha metal.

Kulgan pareceu atordoado.

— É claro! E é tão simples. Encontraram uma forma de atravessar do mundo deles para o nosso, enviaram batedores e encontraram uma terra rica em metais que não possuem. Assim, destacaram um exército invasor. Também explica o motivo pelo qual estão mobilizados em um vale elevado das montanhas, e não nas florestas baixas. Dessa forma, têm acesso desimpedido às... minas dos anões! — Pôs-se em pé de um salto. — É melhor informar os duques de imediato. Temos de avisar os anões para que fiquem atentos a incursões nas minas.

Pug ficou sentado em profunda meditação quando Kulgan desapareceu pela entrada da tenda. Pouco depois, perguntou:

— Meecham, por que eles não tentam negociar?

Meecham sacudiu a cabeça.

— Os tsurani? Pelo que tenho visto, garoto, aposto que isso sequer lhes passou pela cabeça. É um povo muito belicoso. Aqueles sacanas combatem como seiscentas espécies de demônios. Se tivessem cavalaria, já teriam afugentado toda essa gente de volta a LaMut, para depois colocarem fogo na cidade. Mas, se conseguirmos vencê-los pelo cansaço, tal como fazem os buldogues, se esperarmos até ficarem exaustos, talvez consigamos resolver tudo isso em pouco tempo. Veja o que aconteceu a Kesh. Perdeu metade de Bosania para o Reino ao norte, porque a Confederação simplesmente desgastou o Império ao sul com rebelião atrás de rebelião.

Passado algum tempo, Pug abandonou a esperança de que Kulgan não demorasse, comeu sozinho e preparou-se para dormir. Meecham desistiu de tentar manter a refeição do mago afastada do dragonete e também foi se deitar.

Às escuras, Pug ficou contemplando o teto da tenda, escutando a chuva que caía e o mordiscar feliz de Fantus. Adormeceu depressa, sonhando com um túnel escuro e uma luz tremeluzente ao fundo que acabava por se extinguir.

O arvoredo era denso e o nevoeiro, cerrado, enquanto a coluna avançava devagar pela floresta. Batedores iam e vinham a intervalos de poucos minutos, em busca de sinais de que os tsurani preparavam uma emboscada. O sol perdera-se nas árvores que os cobriam, e o ambiente tinha uma cor verde-acinzentada que dificultava a visão além de alguns metros. À cabeça da coluna seguia um jovem capitão do exército LaMutiano, Vandros, filho do idoso Conde de LaMut. Era também um dos oficiais mais sensatos e competentes do exército de Brucal.

Avançavam aos pares, sendo que Pug tinha um soldado como companheiro, seguindo atrás de Kulgan e Meecham. A ordem para parar passou de boca em boca, e Pug puxou as rédeas do cavalo e desmontou. Por cima de um gibão leve, vestia uma cota de malha bem polida. Sobre ela, trajava um tabardo das forças LaMutianas, com a cabeça do lobo cinzento em um círculo azul ao centro. Pesadas calças de lã estavam enfiadas dentro das botas altas. No braço esquerdo, segurava um escudo, e a espada pendia do cinto; sentia-se um verdadeiro soldado. A única nota discordante era o elmo que, por ficar muito largo, deixava-o com um aspecto ligeiramente cômico.

O Capitão Vandros voltou atrás, até onde Kulgan aguardava, e desmontou.

— Os batedores detectaram um acampamento a menos de um quilômetro daqui. Estão certos de que não foram avistados pelas sentinelas. — O capitão pegou um mapa. — Estamos mais ou menos aqui. Conduzirei os meus homens em um ataque à posição inimiga. A cavalaria de Zūn providenciará apoio em ambos os flancos. O Tenente Garth comandará a coluna com a qual vocês seguirão. Ao passarem o acampamento inimigo, prossigam para as montanhas. Se conseguirmos,

tentaremos segui-los, mas, se não aparecermos até o pôr do sol, terão de seguir sozinhos.

“Continuem, nem que seja devagar. Instiguem os cavalos, mas tentem mantê-los vivos. A cavalo será sempre possível andar mais depressa do que os forasteiros, mas a pé não acho que vocês tenham grande chance de regressar. Eles correm como demônios.

“Quando chegarem às montanhas, transponham a passagem. Sigam para o vale uma hora após o raiar do sol. A Passagem Norte sofrerá um ataque de madrugada, por isso, se chegarem sãos e salvos ao vale, poucos serão os obstáculos, assim espero, que os separarão da Passagem Norte. Quando estiverem no vale, não parem por nada neste mundo. Se algum homem morrer, deixem-no para trás. A missão consiste em levar informações aos comandantes. Por ora, tentem descansar. Poderão não voltar a fazê-lo tão cedo. Atacaremos dentro de uma hora.”

Virou o cavalo e regressou à cabeça da coluna. Kulgan, Meecham e Pug sentaram-se e ficaram em silêncio. O mago não usava armadura, pois alegava que interferia em sua magia. Pug estava mais inclinado a acreditar que interferia no considerável perímetro de seu mestre. Meecham, tal como os restantes, trazia uma espada à cintura, mas levava um arco na mão. Preferia as flechas à luta corpo a corpo, ainda que Pug soubesse, pelas longas horas de instrução na sua companhia, que Meecham dominava a arte da esgrima.

A hora passou lenta e Pug estava cada vez mais ansioso, pois ainda era dominado por noções pueris de glória. Esquecera o terror da luta contra os Irmãos das Trevas antes de alcançarem as Torres Cinzentas.

Novamente ordens foram passadas, e voltaram a montar. De início, avançaram devagar, até avistarem os tsurani. À medida que as árvores iam rareando, começaram a ganhar velocidade e, quando chegaram à clareira, já galopavam. Volumosos parapeitos de terra tinham sido erguidos como defesa contra ataques de cavaleiros. Pug vislumbrou os elmos de cores vivas dos tsurani correndo em defesa do acampamento. Quando os cavaleiros investiram, ouviu-se nas árvores o eco dos sons de

combate no momento em que as tropas zūnesas atacavam outros acampamentos tsurani.

O chão tremeu debaixo dos cascos dos cavalos quando entraram diretamente no acampamento, lembrando uma onda ribombante de trovões. Os soldados tsurani mantiveram-se abrigados por trás dos parapeitos, disparando flechas que, na sua maioria, não chegavam aos alvos. Quando o primeiro componente da coluna chegou aos parapeitos, o segundo virou à esquerda, afastando-se e fazendo um ângulo que o levaria a passar pelo acampamento. Alguns soldados tsurani encontravam-se ali, longe dos parapeitos, sendo derrubados como trigo ceifado por uma foice. Dois deles quase atingiram os cavaleiros com as enormes espadas que brandiam com ambas as mãos, mas os golpes passaram longe dos alvos. Meecham, conduzindo o cavalo com as pernas, derrubou dois soldados com duas velozes flechas.

Pug ouviu o relincho de um cavalo entre os ruídos da luta que ficava para trás, então entrou repentinamente na floresta, batendo em arbustos. Cavalgaram tão depressa quanto possível, evitando as árvores, abaixando-se para fugir dos ramos baixos, a paisagem constituindo um caleidoscópio transitório de verde e marrom.

A coluna cavalcou durante quase meia hora, diminuindo o ritmo quando os cavalos começaram a dar sinais de cansaço. Kulgan chamou o Tenente Garth, e todos pararam para conferir no mapa o local em que se encontravam. Se avançassem devagar durante o dia e a noite, chegariam à boca da passagem quase ao raiar do dia.

Meecham olhou por cima das cabeças do tenente e de Kulgan, que estavam ajoelhados no chão.

— Conheço este lugar. Cacei aqui quando era menino e vivia perto de Hūsh.

Pug ficou surpreso. Era a primeira vez que Meecham fazia uma referência ao seu passado. Pug julgara que Meecham era originário de Crydee, ficando admirado ao descobrir que ele passara a juventude nas Cidades Livres. A verdade é que tinha dificuldades em imaginar Meecham como um garoto.

O homem livre prosseguiu:

— Há um caminho no alto das montanhas, uma trilha que passa entre dois picos menores. Não é muito melhor do que um caminho de cabras, mas, se levássemos os cavalos por ali durante a noite, poderíamos alcançar o vale ao raiar do dia. Esse caminho é difícil de encontrar deste lado se não se souber onde procurar. Do lado do vale, é quase impossível. Estou certo de que os tsurani não o conhecem.

O tenente fitou Kulgan com uma pergunta no olhar. O mago olhou para Meecham, dizendo:

— Vale a pena tentar. Podemos deixar marcas que indiquem o caminho a Vandros. Se formos devagar, talvez nos alcance antes de chegarmos ao vale.

— Muito bem — concordou o tenente. — A nossa maior vantagem é a mobilidade, por isso, prossigamos. Meecham, aonde iremos dar?

O homem corpulento inclinou-se por cima do ombro do tenente para indicar um ponto no mapa junto à extremidade sul do vale.

— Aqui. Se ao sairmos rumarmos logo para oeste ao longo de menos de um quilômetro e, em seguida, virarmos para o norte, podemos cortar pelo centro do vale. — Gesticulou com o dedo enquanto falava. — Grande parte deste vale é constituída por bosques ao norte e ao sul, com um prado enorme no centro. Devem encontrar-se aí, se for um acampamento de grandes dimensões. É quase tudo descampado, por isso, caso não tenham preparado nada surpreendente, acredito que conseguiremos passar por eles antes de conseguirem se organizar para nos deter. Mais arriscado será atravessar os bosques ao norte, caso tenham estabelecido ali guarnições militares. Mas, se conseguirmos passar por eles, teremos caminho livre até a Passagem Norte.

— Estão todos de acordo? — perguntou o tenente. Como ninguém se manifestou, deu ordens para que os homens levassem os cavalos a pé, e Meecham tomou a dianteira como guia.

Chegaram à entrada da passagem ou àquilo que Pug considerou justamente designado por Meecham como uma trilha de cabras, uma hora antes do ocaso. O tenente posicionou guardas e ordenou que

retirassem as selas dos cavalos. Pug esfregou o cavalo com mãos cheias de grama longa e depois o prendeu a uma estaca. Os trinta soldados ocupavam-se de tratar de cavalos e armaduras. Pug sentia a tensão no ar. A fuga ao redor do acampamento tsurani tinha deixado os soldados nervosos, ansiosos por entrar em combate.

Meecham mostrou a Pug como cobrir a espada e o escudo com trapos rasgados dos cobertores dos soldados.

— Não vamos usar estes rolos esta noite, e não há nada que ressoe pelas colinas como o som do metal no metal, garoto. Tirando talvez os cascos na rocha. — Pug ficou vendo-o cobrir os cascos dos cavalos com meias de couro confeccionadas para esse fim, que eram guardadas nos alforjes. Pug repousou quando o sol começou a se pôr. Ao longo do curto crepúsculo primaveril, aguardou até ouvir a ordem para que voltassem a selar os cavalos. Os soldados começavam a formar uma fileira com os cavalos quando o garoto terminou.

Meecham e o tenente começaram a percorrer a formação, repetindo instruções aos homens. Seguiriam em fila, Meecham na dianteira, seguido pelo tenente, e assim por diante até o último soldado. Ataram uma série de cordas ao estribo esquerdo de cada cavalo, e cada um dos homens agarrava-a com força, conduzindo o animal que lhe pertencia. Depois de estarem todos preparados, Meecham deu o sinal de partida.

Era uma subida íngreme, criando dificuldades para os cavalos em determinados pontos. Na penumbra, avançavam devagar, tomando cuidado para não se afastarem do caminho. De vez em quando, Meecham parava a fila e verificava mais adiante. Após várias paradas, o caminho subiu por uma passagem estreita e funda, começando depois a descer. Passada uma hora, ficou mais largo e o grupo parou para descansar. Foram enviados dois soldados com Meecham para fazerem o reconhecimento do caminho mais à frente, enquanto os outros membros da exausta fila caíam no chão para aliviar as cãibras nas pernas. Pug se deu conta de que o cansaço não só se devia à escalada como também à tensão criada pela passagem silenciosa, mas essa noção em nada lhe diminuiu as dores nas pernas.

Após o que lhes pareceu um momento de descanso breve demais, voltaram a andar. Pug caminhava aos tropeços, a fadiga lhe entorpecendo a mente a ponto de sentir que o mundo não passava de uma série interminável de gestos repetidos em que levantava um pé e o colocava à frente do outro. Por diversas vezes, o cavalo que seguia à sua frente levara-o a reboque, enquanto Pug agarrava a corda atada ao estribo.

De repente, Pug percebeu que a fila parara e reparou que se encontravam em uma abertura, entre duas pequenas colinas, que dava para o fundo do vale. Dali, bastariam alguns minutos para descer encosta abaixo.

Kulgan voltou até o local onde o garoto se encontrava junto ao seu animal. O robusto mago não parecia muito afetado pela subida, e Pug imaginou os músculos que deveriam estar escondidos sob as camadas de gordura.

— Como está se sentindo, Pug?

— Acho que vou sobreviver, mas da próxima vez acho que virei montado, se não se importar. — Mantinham as vozes baixas, mas o mago não evitou um riso abafado.

— Compreendo perfeitamente. Ficaremos aqui até começar a clarear, em pouco menos de duas horas. Sugiro que durma um pouco, pois uma árdua viagem a cavalo nos espera.

Pug assentiu e deitou-se sem mais uma palavra. Usou o escudo como almofada e, antes mesmo de o mago começar a afastar-se, já dormia profundamente. Nem se mexeu quando Meecham se aproximou e retirou as coberturas de pele das patas do seu cavalo.

Uma sacudida suave despertou Pug. Sentiu-se como se tivesse acabado de fechar os olhos. Meecham estava agachado à sua frente, com algo na mão.

— Tome, garoto. Coma isto.

Pug aceitou a comida oferecida. Era pão mole, com sabor de avelã. Depois de duas dentadas, começou a sentir-se melhor.

— Coma depressa, partimos daqui a poucos minutos — disse Meecham. Avançou até onde estavam o tenente e o mago com os cavalos. Pug terminou o pão e voltou a montar. As pernas já não lhe doíam e, assim que se viu na garupa do animal, ficou ansioso para partir.

O tenente virou o cavalo, ficando de frente para os homens.

— Avançaremos para oeste e depois para o norte, à minha ordem. Combatam apenas se forem atacados. A nossa missão consiste em regressar com informações acerca dos tsurani. Se algum homem tombar, não poderemos parar. Caso sejam separados do grupo, regressem conforme puderem. Recordem tanto quanto possível de tudo aquilo que virem, pois poderão ser os únicos a levar notícias aos duques. Que os deuses nos protejam.

Vários soldados murmuraram preces a várias divindades, sobretudo a Tith, o Deus da Guerra, e partiram. A coluna desceu pela encosta e chegou ao fundo do vale. Atrás, o sol aproximava-se do topo das colinas e um brilho rosado cobria a paisagem. Atravessaram um pequeno riacho no sopé das colinas e entraram em uma planície de vegetação alta. Mais à frente, avistava-se um arvoredo, e mais outro ao norte. Na extremidade norte do vale, a névoa de fumaça das fogueiras dos acampamentos pairava no ar. Não restava dúvida de que o inimigo estava ali, pensava Pug, e, pela quantidade de fumaça, em grande concentração. Esperava que Meecham estivesse certo, e que o inimigo estivesse parado a céu aberto, dando boas possibilidades de êxito aos soldados.

Passado algum tempo, o tenente deu a ordem, e a coluna virou para o norte. Prosseguiram a trote, poupando os cavalos para quando a urgência de velocidade fosse certa.

Pug julgou ver relances de cor nas árvores mais à frente, à medida que desciam para os bosques ao sul do vale, mas não teve certeza. Quando ali chegaram, ouviram um brado vindo das árvores.

— Muito bem, já nos avistaram — gritou o tenente. — A galope, e mantenham-se juntos. — Esporeou o cavalo e não demorou até que toda a companhia estivesse galopando a toda a velocidade através do bosque. Pug viu os cavalos na dianteira guinarem para a esquerda e levou o seu a

fazer o mesmo, avistando uma clareira. O som de vozes ficou mais claro quando as primeiras árvores passaram a grande velocidade e os seus olhos tentavam adaptar-se à penumbra do bosque. Esperava que o cavalo conseguisse ver com maior nitidez, caso contrário poderia acabar lançado contra uma árvore.

O cavalo, treinado para combate e veloz, precipitava-se entre as árvores, e Pug começava a ver lampejos de cor entre os galhos. Soldados tsurani corriam com o intuito de interceptar os cavaleiros, sendo forçados a ziguezaguear por entre as árvores, o que tornava a missão impraticável. A velocidade a que cavalgavam pela floresta impedia os tsurani de dar ordens e reagir. Pug estava ciente de que a vantagem da surpresa não iria durar muito mais; estavam fazendo tanto barulho que seria impossível que o inimigo não percebesse o que estava acontecendo.

Após uma corrida louca entre as árvores, chegaram a uma área aberta onde eram aguardados por alguns soldados tsurani. Os cavaleiros investiram, e quase todos os guerreiros saíram da frente para não serem atropelados. No entanto, um deles manteve-se firme, apesar do terror estampado no rosto, e girou a espada azul que empunhava com ambas as mãos. Ouviu-se o relincho de um cavalo, e o cavaleiro foi atirado ao chão quando a lâmina cortou a pata direita do animal debaixo dele. Pug deixou de ver a luta quando passou a galope.

Uma flecha passou por cima do ombro de Pug, zumbindo como uma abelha irritada. Encostou-se ao dorso da montaria, tentando diminuir a área de pontaria dos arqueiros que vinham atrás. Mais à frente, um soldado tombou para trás na sela com uma flecha vermelha atravessada no pescoço.

Não tardou para que ficassem longe do alcance das flechas, continuando a cavalgar em direção a um parapeito erguido em uma estrada velha das minas do sul. Era grande a agitação das centenas de silhuetas de cores vivas que se discerniam por detrás dele. O tenente fez sinal para que os cavaleiros contornassem o parapeito, virando para oeste.

Logo que se tornou evidente que o grupo iria contornar a fortificação em vez de atacá-la, vários arqueiros tsurani subiram o reduto e correram, com o intuito de interceptá-los. Assim que ficaram ao alcance das flechas, o ar encheu-se de hastes vermelhas e azuis. Pug ouviu um cavalo relinchar, mas não conseguiu ver o animal atingido ou o seu cavaleiro.

Cavalgando depressa, ficaram longe do alcance dos arqueiros e entraram em outro denso arvoredo. O tenente parou a montaria por um momento e gritou:

— A partir daqui, sigam direto para o norte. Estamos quase chegando ao descampado, onde não teremos abrigo e a velocidade será nossa única aliada. Assim que entrarem nos bosques ao norte, não parem. As nossas forças já devem ter conseguido penetrar ali, por isso, se conseguirmos atravessar, não teremos problemas. — Meecham descrevera os bosques como tendo cerca de três a cinco quilômetros de extensão. De lá, restariam perto de cinco quilômetros de descampado até alcançarem o início da Passagem Norte através das colinas.

Diminuíram o passo, tentando descansar os cavalos tanto quanto fosse possível. Conseguiam ver as ínfimas silhuetas dos tsurani lá atrás, mas jamais conseguiram alcançá-los antes que os cavalos retomassem o galope. Mais à frente, Pug via as árvores da floresta que se agigantavam a cada minuto transcorrido. Sentia os olhos que deviam estar ali, observando-os, aguardando-os.

— Assim que estivermos ao alcance das flechas, galopem a toda a velocidade — gritou o tenente. Pug reparou que os soldados desembainhavam as espadas e pegavam os arcos, e fez o mesmo com a sua espada. Ainda que sentisse algum desconforto tendo que segurar a arma com firmeza na mão direita, prosseguiu a trote rumo às árvores.

De súbito, o ar ficou repleto de flechas. Pug sentiu uma ricochetear no elmo, empurrando-lhe a cabeça para trás com o golpe e deixando-o com lágrimas nos olhos. Incitou o cavalo a avançar às cegas, enquanto piscava os olhos para ver com nitidez. Levava o escudo na mão esquerda e a espada na mão direita e, quando conseguiu enxergar novamente com

clareza, percebeu que estava no bosque. O seu cavalo de batalha reagia à pressão das pernas enquanto penetrava na floresta.

Um soldado vestido de amarelo saltou de trás de uma árvore e tentou atingir o garoto, que bloqueou o golpe de espada com o escudo, provocando um choque entorpecedor no braço esquerdo. Ergueu o braço acima do ombro e tentou atingir o soldado, que escapou com um salto, e o golpe errou o alvo. Pug esporeou o cavalo para que avançasse antes que ele voltasse à posição de ataque. Ao redor, a floresta ressoava com sons de batalha. Pug mal conseguia distinguir os outros cavaleiros entre as árvores.

Por diversas vezes derrubou soldados tsurani que tentavam impedir a passagem. Um deles tentou agarrar as rédeas do cavalo, mas Pug deixou-o tonto com uma pancada no elmo que mais parecia um pote. Pug tinha a sensação de estarem envolvidos em um lunático jogo de esconde-esconde, em que saltavam soldados de infantaria árvore sim, árvore não.

Sentiu uma dor lancinante na face direita. Tocando com as costas da mão que segurava a espada ao mesmo tempo que avançava pela floresta, sentiu umidade, e quando afastou a mão viu sangue nos nós dos dedos. Sentiu uma curiosidade indiferente. Sequer tinha ouvido a flecha que o ferira.

Por mais duas vezes foi de encontro a soldados que eram derrubados pelo cavalo de guerra. De repente, saiu da floresta e foi assaltado por um caleidoscópio de imagens. Parou momentaneamente para compreender a cena. A menos de cem metros a oeste do ponto de onde saíra da mata, podia-se ver um enorme dispositivo com cerca de trinta metros de extensão e postes de vinte metros de altura em cada extremidade. Homens estavam agrupados ao redor, os primeiros tsurani que Pug via sem armadura. Esses homens vestiam longos mantos pretos e estavam desarmados. Entre os postes, o ar estava preenchido por uma névoa acinzentada e reluzente, como a que tinham visto no quarto de Kulgan, impedindo a visão da área por detrás. Via-se uma carroça a ser puxada da névoa por duas bestas de seis pernas, cinzentas e atarracadas, incitadas por dois soldados de armadura escarlate. Várias outras carroças

estavam espalhadas já fora da máquina, e viam-se alguns daqueles animais estranhos pastando afastados das carroças.

Além do estranho dispositivo, estendia-se um enorme acampamento no prado, com mais tendas do que Pug conseguia contar. Estandartes de padrões desconhecidos e cores vibrantes esvoaçavam ao vento por cima das tendas, e a fumaça que subia das fogueiras e que era levada pela brisa feria-lhe o nariz com um odor acre.

Surgiam mais cavaleiros vindos das árvores e Pug incitou o cavalo para a frente, desviando-se do estranho dispositivo. As bestas de seis pernas ergueram as cabeças e saíram vagarosamente do caminho dos cavalos que se aproximavam, parecendo empregar pouco mais do que o esforço necessário para se afastarem do trajeto dos cavaleiros.

Um dos homens vestidos de negro correu em direção aos cavaleiros. Parou e afastou-se para o lado quando passaram a grande velocidade. O Escudeiro o viu de relance, rosto barbeado, lábios movendo-se e olhos fixos para além do garoto. Pug ouviu um grito e, olhando para trás, viu um cavaleiro caído e o cavalo immobilizado como uma estátua. Aproximavam-se vários guardas para dominar o homem quando o garoto se virou para a frente. Passando pelo estranho dispositivo, reparou em um conjunto de grandes tendas de cores vibrantes à esquerda. Mais à frente, o caminho estava desimpedido.

Pug avistou Kulgan e puxou as rédeas do cavalo para aproximar-se do mago. A trinta metros à sua direita viu outros cavaleiros. Enquanto fugiam, ouviu Kulgan gritar-lhe algo, mas não conseguiu entender. O mago apontou para o rosto e depois para Pug, e este se deu conta de que o mago queria saber se estava bem. Pug acenou com a espada e sorriu, e o mago devolveu-lhe o sorriso.

De repente, a cerca de cem metros, ouviu-se um zunido alto e surgiu um homem de manto negro, como se tivesse aparecido do nada. O cavalo de Kulgan avançou direto até ele, e o homem apontou para o mago um artefato de aspecto estranho que trazia na mão.

O ar crepitou de energia. O cavalo de Kulgan relinchou e caiu como se tivesse sido abatido com uma machadada. O mago corpulento foi

atirado por cima da cabeça do cavalo, caindo sobre o ombro. Com uma incrível demonstração de agilidade, rolou e levantou-se, lançando-se em direção ao homem de negro.

Pug parou, apesar da ordem para prosseguir. Fez o cavalo virar e voltou atrás, deparando-se com o mago montado no peito do homem menor, cada um agarrando o pulso esquerdo do outro com a mão direita. Pug percebeu que se olhavam nos olhos, em um embate de vontades. Kulgan já explicara a Pug esse estranho poder mental. Era uma forma de o mago tentar submeter a vontade de outro à sua. Exigia muita concentração e envolvia grande risco. Pug saltou do cavalo e correu para o local onde os dois homens se debatiam. Com a parte plana da espada, desferiu um golpe na têmpora da figura vestida de negro. O homem tombou, inconsciente.

Kulgan levantou-se, cambaleando.

— Obrigado, Pug. Estou certo de que não conseguia vencê-lo. Jamais enfrentei tamanha força mental. — Kulgan olhou para o local onde o cavalo estremecia no chão. — Já não serve. — Virando-se para Pug, disse: — Ouça com atenção, pois terá de levar o recado a Lorde Borric. Na velocidade com que a carroça estava passando pelo portal, calculo que consigam trazer várias centenas de homens por dia, talvez muito mais do que isso. Diga ao Duque que seria uma atitude suicida tentar tomar a máquina. Os magos deles são muito poderosos. Creio que não conseguiremos destruir a máquina que usam para manter o portal aberto. Se ao menos eu tivesse tempo para estudá-la... Ele precisa pedir reforços a Krondor, talvez até ao Leste.

Pug agarrou Kulgan pelo braço.

— Não vou conseguir me lembrar de tudo isso. Iremos juntos.

Kulgan começou a protestar, mas estava enfraquecido demais para impedir que o garoto o arrastasse até onde o cavalo aguardava. Ignorando os protestos de Kulgan, forçou o mestre a subir na sela. Pug hesitou por um instante ao reparar no cansaço do animal, logo chegando a uma conclusão.

— Não aguentará nós dois, Kulgan — gritou ao dar uma palmada no flanco do animal. — Eu arranjo outro.

Pug examinou a área enquanto o cavalo se afastava a galope. Uma montaria sem cavaleiro andava ali perto, a pouco mais de dez metros dele, mas, quando se aproximou, o animal fugiu. Praguejando, Pug virou-se e deparou-se com a visão do tsurani vestido de negro levantando-se. Só existia um pensamento na cabeça de Pug: capturar um prisioneiro que, ainda por cima e pelo aspecto, era um mago tsurani. Pug apanhou o mago de surpresa, derrubando-o.

O homem tentou recuar, alarmado ao ver Pug erguendo a espada ameaçadoramente. Estendeu a mão em um gesto que Pug supôs ser sinal de submissão, levando-o a hesitar. De súbito, foi tomado por uma onda de dor, tendo de se esforçar para não cair. Cambaleou e, em meio ao sofrimento atroz, viu uma figura familiar cavalgando na sua direção, gritando o seu nome.

Pug sacudiu a cabeça, e a dor desapareceu de um momento para outro. Meecham avançava a grande velocidade, e Pug estava certo de que o homem livre conseguiria levar o tsurani até o acampamento do Duque se Pug conseguisse impedir que fugisse. Então girou sobre os calcanhares, esquecendo a dor, e aproximou-se do tsurani ainda deitado de costas. Um olhar chocado atravessou o rosto do mago ao ver o garoto investindo mais uma vez. Pug ouviu a voz de Meecham chamando-o, mas não desviou o olhar do adversário.

Eram vários os soldados tsurani que corriam pelo prado, acudindo ao mago caído, mas Pug encontrava-se a poucos metros, e Meecham estava prestes a alcançá-lo.

O mago levantou-se de um salto e levou a mão ao interior do manto. Tirou um pequeno dispositivo e ativou-o. Ouviu-se um zumbido alto saindo do objeto. Pug lançou-se ao homem, decidido a derrubar, o que quer que aquilo fosse. O objeto zumbiu ainda mais alto, e Pug ainda ouvia Meecham gritando o seu nome ao atingir o mago, enterrando o ombro no estômago do homem.

Subitamente, o mundo explodiu em uma mescla de cores brancas e azuis, e Pug sentiu-se caindo por um arco-íris até um fosso de trevas.

Pug abriu os olhos. Por um momento, esforçou-se por focar a vista, pois tudo no seu campo de visão parecia tremeluzir. Então despertou por completo, percebendo que ainda era noite e que o tremeluzir vinha de fogueiras a curta distância do local onde estava deitado. Tentou se sentar e percebeu que tinha as mãos amarradas atrás das costas. Ouviu um gemido ao seu lado. Na luz tênue, conseguiu distinguir as feições de um soldado de cavalaria LaMutiano deitado a poucos metros dele. Também estava amarrado. Sua face transparecia cansaço e apresentava um ferimento de aspecto desagradável que vinha desde a raiz do cabelo até a maçã do rosto, totalmente coberto por uma crosta de sangue seco.

O som de conversa em voz baixa atrás dele desviou a atenção de Pug. Rolou e viu dois guardas tsurani de sentinela, com armaduras azuis. Vários outros prisioneiros amarrados jaziam no chão entre o garoto e os dois forasteiros, que conversavam na sua língua estranha e melodiosa. Um deles reparou no movimento de Pug, e disse algo ao outro, que acenou com a cabeça e foi embora a passo rápido.

Não demorou a voltar com outro soldado que, por sua vez, vestia uma armadura vermelha e amarela, com um enorme penacho no elmo, e que deu ordem aos dois guardas para erguerem Pug. O rapaz foi rudemente posto de pé, e o recém-chegado posicionou-se à sua frente, examinando-o com cuidado. O homem tinha cabelo escuro e possuía os olhos esbugalhados e muito separados que Pug vira anteriormente nos tsurani mortos no campo. À luz fraca da fogueira, a pele era quase dourada.

Não fosse a baixa estatura, grande parte dos soldados tsurani poderia passar por cidadãos de muitas das nações de Midkemia, mas esses homens dourados, como Pug os chamava em pensamento, assemelhavam-se aos mercadores keshianos que vira em Crydee anos atrás, vindos da distante cidade mercantil de Shing Lai.

O oficial inspecionou as roupas do garoto. Em seguida, ajoelhou-se e examinou as botas que calçava. Levantou-se e deu uma ordem ríspida ao soldado que fora chamá-lo, que bateu continência e se dirigiu a Pug. Agarrou o garoto amarrado e levou-o por um caminho sinuoso que atravessava o acampamento.

No centro do acampamento, enormes estandartes pendiam de colunas cruzadas, dispostas em círculo ao redor de uma enorme tenda. Todos exibiam estranhos desenhos, criaturas de configurações exóticas, representadas com cores fortes. Vários mostravam símbolos de um idioma desconhecido. Foi para aquele lugar que Pug foi sendo ora puxado, ora arrastado, em meio a centenas de soldados tsurani sentados calmamente polindo as armaduras de couro e reparando as armas. Foram vários os que olharam quando o garoto passou, mas no acampamento não se ouvia o ruído e o alvoroço a que Pug se habituara no acampamento de seu próprio exército. A sensação que o transportava para outro mundo não se limitava aos estranhos e coloridos estandartes. Pug tentou prestar atenção nos detalhes, pois, se conseguisse fugir e transmitir o relato, poderia dizer ao Duque algo que lhe fosse útil, mas os seus sentidos estavam sendo traídos por tantas imagens inusitadas. De tudo o que estava vendo, não sabia o que poderia ser importante.

À entrada da enorme tenda, o guarda que arrastava Pug foi questionado por outros dois que usavam armaduras pretas e cor de laranja. Uma breve troca de palavras resultou no afastamento da aba da tenda, e Pug foi empurrado para dentro. Caiu para a frente em uma volumosa pilha de peles e tapetes. De onde caíra, conseguia ver mais estandartes pendurados nas paredes da tenda, que era ricamente decorada, com tapeçarias aparentemente de seda, além de espessas almofadas.

Mãos levantaram-no com brutalidade, e Pug viu que vários homens o observavam. Todos usavam as armaduras vistosas e os elmos com penachos dos oficiais tsurani, com exceção de dois que estavam sentados em um estrado elevado coberto de almofadas. O primeiro vestia um simples manto preto com o capuz jogado para trás, deixando à vista um

rosto magro e pálido e uma cabeça calva: um mago tsurani. O outro vestia um manto cor de laranja, com acabamento preto, de aspecto opulento, cortado abaixo dos joelhos e cotovelos, de modo prático. Pela aparência hirsuta e musculosa, e levando em conta as diversas cicatrizes visíveis, Pug supôs que aquele homem era um guerreiro que retirara a armadura para passar a noite.

O homem de preto disse algo em tom estridente e cantarolado aos outros. Nenhum dos outros homens falou, mas o de manto laranja acenou com a cabeça. A enorme tenda era iluminada por um único braseiro que se encontrava próximo ao local onde os dois homens com mantos estavam sentados. O mais esguio, vestido de preto, inclinou-se para a frente, e a luz do braseiro que vinha de baixo iluminou-lhe o rosto, conferindo-lhe um ar inegavelmente demoníaco. As palavras chegaram hesitantes e com um sotaque carregado:

— Sei... pouco... da sua fala. Compreende?

Pug confirmou balançando a cabeça, com o coração aos pulos ao mesmo tempo que sua mente trabalhava rápido. O treinamento de Kulgan estava entrando em ação. Para começar, acalmou-se, desanuviando o nevoeiro que tomara conta dele. Em seguida, ampliou todos os sentidos, de forma automática, interiorizando todos os fragmentos disponíveis de informações, procurando algum pedaço útil de conhecimento que pudesse aumentar as probabilidades de sobrevivência. O soldado que se encontrava mais perto da entrada pareceu relaxar, deitando-se em uma pilha de almofadas e pondo o braço esquerdo atrás da cabeça, com somente parte da atenção dedicada ao prisioneiro. Contudo, Pug reparou que a outra mão nunca se afastava mais do que poucos centímetros do punho de uma adaga de aspecto perigoso que trazia à cintura. Uma breve cintilação de luz no material laqueado revelou a presença do punho de outra adaga, que sobressaía parcialmente de uma almofada junto ao cotovelo direito do homem vestido de laranja.

— Ouça, pois lhe digo algo — disse o homem de preto devagar. — Depois, perguntas pode fazer. Minta, morre. Devagar. Entende?

Pug assentiu. Não havia sombra de dúvida em sua mente.

— Este homem — disse o que estava vestido de preto, indicando o homem com o manto curto e laranja — é um... grande homem. Ele é... importante. Ele é... — Usou uma palavra que Pug não entendeu. Quando o garoto sacudiu a cabeça, o mago disse: — Família dele grande... Minwanabi. É segundo do... — Procurou o termo e traçou um círculo com as mãos, como se indicasse todos os homens da tenda, oficiais orgulhosos dos seus penachos. — ...homem que comanda.

Pug balançou a cabeça e disse em voz baixa:

— O seu senhor?

O mago apertou os olhos, como se estivesse prestes a levantar objeções por Pug falar sem ser sua vez, mas, em vez de fazê-lo, disse, após uma pausa:

— Sim. Senhor da Guerra. É por vontade dele que estamos aqui. Este homem é segundo em comando do Senhor da Guerra. — Indicou o homem de laranja, que assistia impassível e sereno. — Você não é nada para este homem. — Era óbvio que o mago estava se sentindo frustrado com a incapacidade de transmitir o que desejava. Era evidente que aquele Senhor era muito especial na concepção do seu povo, e o homem que fazia a tradução estava se esforçando para impressionar Pug.

O lorde interrompeu o tradutor e falou durante algum tempo, acenando depois para Pug. O mago calvo inclinou a cabeça em concordância e voltou a se concentrar em Pug.

— Você é lorde?

Pug ficou surpreso e balbuciou uma resposta negativa. O mago fez um aceno com a cabeça, traduziu e foram-lhe transmitidas instruções pelo seu senhor. Voltou-se mais uma vez para Pug:

— Veste roupas de lorde, certo?

Pug assentiu. A túnica que vestia era de um tecido mais requintado do que o tecido caseiro dos soldados comuns. Tentou explicar a posição que detinha como membro da corte do Duque. Após várias tentativas, conformou-se com a suposição de que seria uma espécie de serviçal com um cargo de grande importância.

O mago pegou um pequeno dispositivo e ofereceu-o a Pug. Após um momento de hesitação, o garoto estendeu a mão e pegou-o. Tratava-se de um cubo de material semelhante ao cristal, cortado por veios rosa. O homem de laranja deu uma ordem, e o mago traduziu:

— O lorde diz, quantos homens passam para... — Vacilou e apontou.

Pug não fazia ideia de onde estava ou qual a direção que estava sendo indicada.

— Não sei onde estou — disse. — Estava inconsciente quando me trouxeram aqui.

O mago ficou absorto em seus pensamentos por um momento, até que disse:

— Por ali — disse, apontando à direita de onde acabara de indicar —, está montanha alta, maior de todas. Por ali — deslocou a mão ligeiramente —, no céu, tem cinco fogos, assim. — Fez um desenho com a mão. Pouco depois, Pug entendeu. O homem apontara para a localização da Montanha de Pedra e para o ponto onde podia se ver no céu a constelação a que chamavam Cinco Joias. Encontrava-se no vale que tinham atacado de surpresa. A passagem indicada seria a que servira de percurso de fuga.

— Eu... não sei mesmo quantos eram.

O mago olhou atentamente para o cubo nas mãos de Pug, que não deixara de brilhar em tons cor-de-rosa suaves.

— Bom, fala verdade.

Foi então que Pug percebeu que segurava nas mãos uma espécie de dispositivo que os informaria caso tentasse enganá-los. Sentiu um desespero sombrio invadi-lo. Sabia que quaisquer esperanças de sobrevivência que tivesse deveriam envolver alguma forma de traição à sua pátria.

O mago fez várias perguntas sobre a natureza das forças além do vale. Uma vez que iam ficando sem resposta, já que Pug não assistira às reuniões que tratavam de assuntos de estratégia, o interrogatório passou para um campo mais genérico, acerca de assuntos triviais de Midkemia, mas que pareciam fascinar os tsurani.

A entrevista prosseguiu durante várias horas. Pug quase desmaiou em várias ocasiões devido à pressão da situação, combinada com a fadiga extrema. Em uma dessas ocasiões, serviram-lhe uma bebida forte que lhe restaurou as energias por algum tempo, embora o tivesse deixado atordoado.

Respondeu a tudo. Por várias vezes deu um jeito de evitar o dispositivo da verdade, revelando somente uma parte das informações solicitadas e não oferecendo nada demais. Em várias dessas ocasiões, era visível que o lorde e o mago ficavam exasperados pela incapacidade de lidar com as respostas incompletas ou complexas. Por fim, o lorde determinou o final do interrogatório, e Pug foi arrastado para fora. O mago foi atrás.

Fora da tenda, o mago encarou Pug.

— O meu amo diz: “Acho que este serviçal” — apontou para o peito de Pug — “ele é...” — procurou a palavra — “...ele é esperto”. O meu amo não se importa com serviços espertos, trabalham bem. Mas ele acha que você é esperto demais. Mandou que lhe dissesse que você precisa ter cuidado, pois agora é escravo. Escravo esperto pode viver mais tempo. Escravo muito esperto morre num instante se... — Novamente uma pausa. Depois, o mago deu um largo sorriso. — Se tiver sor... sorte. Sim, essa é a palavra. — Pronunciou a palavra mais uma vez com cuidado, como se estivesse sentindo o seu sabor. — Sorte.

Pug foi levado de volta à área onde estavam os prisioneiros e lá foi deixado com os seus pensamentos. Olhou em volta e reparou que eram poucos os cativos que estavam acordados. A maioria parecia confusa e desalentada. Um deles chorava abertamente. Pug ergueu o olhar para o céu e viu a orla rosada ao longo das montanhas a oeste, anunciando a aurora iminente.

Conflitos

Achuva caía incessante. Na entrada da caverna, estava um grupo de anões sentados ao redor de uma pequena fogueira com a escuridão do dia refletida em seus rostos. Dolgan fumava o seu cachimbo e os outros se ocupavam com as armaduras, reparando cortes e brechas no couro, polindo e lubrificando o metal. Um caldeirão de ensopado fervia no fogo.

Tomas encontrava-se ao fundo da caverna com a espada sobre os joelhos. Olhava inexpressivamente para além dos demais, o olhar fixo em um ponto muito distante.

Por sete vezes os anões das Torres Cinzentas tinham ousado atacar os invasores, e por sete vezes os tsurani tinham sofrido pesadas perdas. Porém, em todas as ocasiões ficava claro que o número de alienígenas permanecia inalterado. Já haviam desaparecido muitos anões por cujas vidas o inimigo pagara um preço elevado, mas ainda maior era o custo que essas perdas representavam para as famílias das Torres Cinzentas. Os anões, que gozavam de grande longevidade, tinham menos filhos e mais espaçadamente do que os humanos. Cada perda diminuía a espécie dos anões de um modo muito mais prejudicial do que os humanos seriam capazes de imaginar.

Todas as vezes que os anões se reuniram e atacaram passando pelas minas para o vale, Tomas estivera na frente de batalha. O elmo dourado servia de guia aos anões. A espada dourada erguia-se acima do tumulto e, ao cair, ceifava as vidas dos inimigos. Em combate, o jovem do castelo transformava-se em uma figura poderosa, um guerreiro heroico cuja presença no campo de batalha enchia os tsurani de respeito e pavor. Qualquer dúvida que Tomas pudesse ter quanto à natureza mágica das suas armas e armadura depois de ter afugentado o espectro dissipara-se na primeira vez que as usara em combate.

Tinham reunido trinta anões guerreiros em Caldara, seguindo depois pelas minas até uma entrada na parte sul do vale ocupado. Surpreenderam uma patrulha tsurani a curta distância das minas e a mataram. Contudo, durante o conflito, Tomas fora afastado dos anões por três guerreiros tsurani. Quando se aproximaram dele com as espadas erguidas acima da cabeça, sentiu que algo o estava possuindo. Precipitando-se entre dois deles, como um acrobata enlouquecido, matara ambos com um único golpe de um lado a outro. O terceiro foi cortado rapidamente por trás antes de conseguir se recuperar do movimento repentino.

Após a luta, Tomas fora invadido por uma exaltação que nunca antes conhecera, e que, de certa forma, também o assustou. No caminho de volta da batalha, sentira-se inundado por uma energia desconhecida.

Nas batalhas subsequentes, tivera o mesmo poder e a mesma perícia com as armas. Contudo, a exaltação tornara-se algo mais imediato, e nas duas últimas ocasiões teve visões. Agora, pela primeira vez, as visões chegavam de modo inesperado. Eram transparentes, como uma imagem colocada sobre outra.

Através delas, conseguia ver os anões e a floresta mais ao longe. Porém, surgia sobreposta uma cena de pessoas há muito mortas, e lugares que desapareceram da memória dos vivos. Salões enfeitados com ornamentos dourados eram iluminados por tochas que lançavam chamas dançantes nos cristais colocados nas mesas. Taças que jamais sentiram o toque humano eram levadas aos lábios curvados em sorrisos

estranhos. Senhores distintos de uma raça há muito extinta ceavam em um banquete diante dos olhos do garoto. Apesar da estranheza que tudo aquilo lhe provocava, reconhecia alguma familiaridade. Semelhantes aos humanos, mas com orelhas e olhos de elfos. Altos como o povo elfo, mas mais largos de ombros e com braços mais musculosos. As mulheres eram belas, ainda que de modo exótico.

O sonho ganhou forma e substância, mais nítido do que qualquer outra visão anterior. Tomas esforçou-se para conseguir ouvir o riso débil, o som da música estranha e as palavras que trocavam.

Foi arrancado dos seus desvarios pela voz de Dolgan:

— Quer comer alguma coisa, rapazinho?

Somente uma parte da sua consciência tinha capacidade para responder ao se levantar e atravessar o espaço entre ambos para aceitar a tigela de ensopado de carne que lhe era oferecida. Ao tocar na comida, a visão desvaneceu-se, e Tomas sacudiu a cabeça para desanuviá-la.

— Está bem, Tomas?

Sentando-se devagar, Tomas olhou para o amigo por um instante.

— Não sei bem — disse, hesitante. — Há alguma coisa. Eu... não sei bem. Deve ser cansaço.

Dolgan olhou para o garoto. A marca dos combates começava a revelar-se em seu jovem rosto. Sobrara pouco do garoto que era e ele lembrava cada vez mais um homem. Contudo, além do endurecimento normal do caráter que advinha das batalhas, algo mais estava acontecendo com Tomas. Dolgan ainda não concluíra se a alteração seria totalmente positiva ou nociva — ou se poderia sequer considerá-la nesses termos. Seis meses de observação não bastavam para chegar a alguma conclusão.

Desde que vestira a armadura oferecida pelo dragão, Tomas tornara-se um guerreiro de capacidades lendárias. Além disso, o garoto... não, o jovem, estava ganhando peso, ainda que a comida nem sempre fosse abundante. Era como se algo estivesse agindo para fazê-lo crescer de modo a ajustar-se à armadura. E as suas feições estavam adquirindo um aspecto estranho. O nariz ganhara uma forma ligeiramente mais angular,

esculpido de modo mais delicado do que antes. As sobrancelhas estavam agora mais arqueadas, e os olhos, mais fundos. Ainda era o mesmo, mas com uma tênue mudança no semblante, como se estivesse usando a expressão de outra pessoa.

Dolgan deu uma longa baforada no cachimbo e olhou para o tabardo branco que Tomas vestia. Sete vezes entrara em combate, e não tinha uma única mancha. Terra, sangue e todas as outras formas de sujeira eram rejeitados pelo tecido. A divisa do dragão dourado cintilava com o mesmo brilho do dia em que o tinham encontrado. O mesmo acontecia com o escudo que usava em batalha. Atingido tantas vezes e, ainda assim, desprovido de marcas. Os anões mantinham certa discrição em relação ao assunto, pois outrora essa raça recorrera à magia na fabricação de armas poderosas. Contudo, tratava-se de algo diferente. Aguardariam para ver no que resultaria antes de julgarem.

Estavam prestes a terminar a parca refeição quando um dos guardas na orla do acampamento se aproximou da clareira na frente da caverna.

— Alguém está vindo.

Os anões depressa pegaram as armas e ficaram alertas. Em vez dos soldados tsurani de armaduras peculiares, surgiu um homem sozinho trajando o manto e a túnica com os tons cinzentos-escuros da patrulha natalesa. Caminhou diretamente para o centro da clareira e anunciou numa voz enrouquecida pelos dias correndo através de florestas úmidas:

— Salve, Dolgan das Torres Cinzentas.

Dolgan avançou.

— Salve, Grimsworth de Natal.

Os patrulheiros estavam exercendo funções de batedores e mensageiros desde que os invasores haviam tomado a Cidade Livre de Walinor. O homem entrou na caverna e sentou-se. Foi-lhe oferecida uma tigela de ensopado, e Dolgan perguntou:

— Que novidades traz?

— Lamento dizer que não são boas — disse, entre bocados de guisado. — Os invasores mantêm uma frente de combate firme desde a saída do vale, a nordeste, em direção a LaMut. Reforçaram Walinor com

novas tropas vindas de seu mundo, que estão fincadas como um punhal entre as Cidades Livres e o Reino. Quando saí, há duas semanas, tinham atacado o acampamento principal das hostes do Reino por três vezes, e é provável que tenham voltado a atacar desde então. Assolam as patrulhas de Crydee. Venho transmitir-lhes a convicção de que, em breve, irão iniciar uma campanha na sua região.

Dolgan ficou perplexo.

— O que levou os duques a pensaram isso? Os nossos sentinelas não detectaram sinal de aumento de atividade dos forasteiros por aqui. Atacamos todas as patrulhas que eles têm enviado. Seria possível dizer até que parece que estão nos deixando em paz.

— Não tenho certeza. Ouvi dizer que o mago Kulgan pensa que os tsurani procuram os metais das suas minas, embora eu não saiba de nada. Seja como for, foi esta a mensagem que os duques transmitiram. Acham que será lançado um ataque às entradas das minas no vale. Fui incumbido de lhe avisar que poderão chegar novas tropas tsurani pela extremidade sul do vale, pois não têm ocorrido grandes ataques ao norte, somente pequenas incursões. Agora, vocês devem agir conforme acharem mais adequado.

Dito isso, dedicou toda a atenção à comida. Dolgan ficou pensando.

— Diga, Grimsworth, que notícias tem do povo elfo?

— Poucas. Desde que os forasteiros invadiram a região sul das florestas dos elfos, ficamos sem meios de comunicação. O último mensageiro dos elfos chegou mais de uma semana antes da minha partida. Segundo essas últimas informações, tinham detido os bárbaros nos vaus onde o rio Crydee atravessa a floresta.

“Também surgiram rumores de criaturas de outro mundo envolvidas em combates com os invasores. Até onde sei, somente alguns camponeses de aldeias incendiadas viram essas criaturas, então eu não daria grande importância ao que dizem.

“Todavia, há uma informação interessante. Ao que parece, uma patrulha de Yabon percorreu uma extensão excepcional até as margens do Lago do Céu. Nas margens encontraram o que restava de alguns

tsurani e um bando de goblins atacando ao sul vindo das Terras do Norte. Pelo menos, parece que não precisamos nos preocupar com as fronteiras ao norte. Talvez pudéssemos conseguir que se digladiassem por uns tempos e nos deixassem em paz.”

— Ou que se unissem contra nós — disse Dolgan. — Ainda assim, parece-me improvável, pois os goblins costumam matar primeiro e deixar as negociações para depois.

Grimsworth riu entredentes.

— De certa forma, parece adequado que esses dois povos sanguinários cruzem os caminhos um do outro.

Dolgan concordou. Esperava que Grimsworth estivesse certo, ainda que se sentisse inquieto com a ideia de que as Nações do Norte — como os anões denominavam as Terras do Norte — viesssem a se juntar à contendã.

Grimsworth limpou a boca com as costas da mão.

— Ficarei somente esta noite, pois para passar em segurança pelas posições tenho que me apressar. Eles reforçaram as patrulhas perto da costa, isolando Crydee por dias a fio. Passarei algum tempo lá para depois iniciar o longo percurso até o acampamento dos duques.

— Você voltará? — perguntou Dolgan.

O patrulheiro sorriu, e o riso rasgado brilhou em contraste com a pele escura.

— Talvez, se os deuses forem amáveis. Se não vier, um dos meus irmãos virá. É possível que se encontrem com Leon, o Alto, pois foi enviado a Elvandar, e, se tudo correr bem, talvez se dirija para cá com missivas de Lady Aglaranna. Seria bom saber como está passando o povo elfo. — A cabeça de Tomas ergueu-se, abandonando as suas divagações, ao ouvir o nome da Rainha dos Elfos.

Dolgan deu mais uma baforada no cachimbo e balançou a cabeça. Grimsworth virou-se para Tomas e dirigiu-lhe a palavra pela primeira vez:

— Trago-lhe uma mensagem de Lorde Borric, Tomas. — Fora Grimsworth que levara as primeiras mensagens dos anões, bem como a

indicação de que Tomas estava são e salvo. Tomas quisera regressar para junto das forças do Reino com Grimsworth, mas o patrulheiro natalês se recusara a levá-lo, justificando-se com a urgência de avançar depressa e com discrição. Grimsworth prosseguiu: — O Duque alegra-se com a sua boa sorte e saúde. Porém, também envia más notícias. O seu amigo Pug sucumbiu no primeiro ataque ao acampamento tsurani e foi capturado. Lorde Borric partilha a sua perda.

Tomas não disse uma única palavra e caminhou para o interior da caverna. Sentou-se no fundo, tão imóvel quanto as rochas ao seu redor, até que os ombros começaram a tremer. O tremor aumentou de intensidade até o descontrole, fazendo os dentes baterem como se estivesse congelando. De repente, caíram lágrimas inesperadas pelas faces, e Tomas sentiu uma dor cálida subindo das entradas até a garganta, apertando-lhe o peito. Sem emitir um único som, arquejou e foi sacudido por violentos soluços silenciosos. À medida que a dor se tornava quase insuportável, uma semente de fúria gélida ganhou forma no âmago do seu ser, impelindo e desalojando a profunda dor inflamada.

Dolgan, Grimsworth e os outros ergueram o olhar quando Tomas voltou a entrar na luz da fogueira.

— Pode transmitir ao Duque que agradeço por ter-se lembrado de mim? — perguntou ao patrulheiro.

Grimsworth assentiu.

— Assim o farei, rapaz. Creio que você poderia fazer o trajeto até Crydee, caso deseje voltar para casa. Estou certo de que a sua espada seria útil ao Príncipe Lyam.

Tomas ficou pensativo. Seria agradável voltar a ver a sua terra, mas no castelo não passaria de mais um aprendiz, ainda que empunhasse armas. Deixariam que combatesse se o castelo fosse atacado, mas certamente não o deixariam participar dos ataques.

— Agradeço, Grimsworth, mas ficarei. Ainda resta muito a fazer, e eu gostaria de participar. Queria lhe pedir que dissesse à minha mãe e ao meu pai que estou bem e que penso neles. — Sentando-se, acrescentou:

— Se o meu destino for regressar a Crydee, então retornarei.

Grimsworth olhou atentamente para Tomas, e parecia prestes a falar quando reparou que Dolgan sacudia discretamente a cabeça. Mais do que quaisquer outros humanos no Oeste, os patrulheiros de Natal entendiam os modos dos elfos e dos anões. Estava ocorrendo algo ali que, por ora, Dolgan achou por bem deixar quieto, e Grimsworth reconhecia a sabedoria do chefe dos anões.

Logo que a refeição terminou, foram colocadas sentinelas, e os outros se prepararam para dormir. Com o enfraquecimento do fogo, Tomas começou a ouvir os débeis sons de música que não pertencia à espécie humana e voltou a ver as sombras dançando. Antes de ser dominado pelo sono, viu com nitidez uma figura afastada das outras, um guerreiro alto, de rosto cruel e expressão poderosa, trajando um tabardo branco ornado com o brasão de um dragão dourado.

Tomas estava encostado na parede do túnel. Sorria, e o seu sorriso era cruel e terrível. Tinha os olhos arregalados, as córneas de um branco intenso ao redor das íris azul-claras. O seu corpo estava rígido devido à imobilidade. Os dedos abriam-se e fechavam-se em volta do punho da espada branca e dourada.

Tremeluziam imagens diante dos seus olhos: gente alta e elegante que montava dragões e vivia em grandes salões nas profundezas da Terra. À distância, ouvia música e idiomas estranhos dentro de sua mente. A raça há muito extinta o atraía, seres grandiosos responsáveis pela criação daquela armadura que não se destinava a humanos.

As visões eram cada vez mais frequentes. Na maioria das vezes, conseguia afastá-las da mente, mas quando sentia a ânsia da batalha se aproximar, como era o caso, as imagens ganhavam dimensão, cor e som. Esforçava-se para ouvir as palavras. Chegavam abafadas, e quase conseguia entendê-las.

Sacudiu a cabeça, regressando ao presente. Olhou ao redor da passagem obscura, não mais surpreso com a capacidade de enxergar no escuro. Fez sinal para Dolgan, que, a cerca de dez metros, aguardava em silêncio e a postos com os seus homens na outra passagem que

atravessava o túnel, e o anão sinalizou ter entendido, acenando com a mão. De cada lado do amplo túnel aguardavam sessenta anões preparados para lançar a armadilha. Esperavam pela meia dúzia de anões que fugia à frente de uma força tsurani, conduzindo o inimigo para a emboscada.

O som de passadas vindas do túnel alertou-os. Seguiu-se o barulho do encontro de armas. Tomas ficou tenso. Surgiram vários anões, que se deslocavam de costas, envolvidos em uma luta à retaguarda. Ao passarem pelos túneis laterais, os anões envolvidos na luta não deram sinais de que sabiam da presença dos irmãos nos dois lados.

Assim que passaram os primeiros tsurani, Tomas gritou:

— Agora! — E saltou para a frente. De súbito, o túnel encheu-se de corpos que se viravam e golpeavam. Quase todos os tsurani empunhavam as suas espadas, inadequadas a locais apertados, e os anões brandiam machados e martelos com habilidade. Tomas atacou com violência, e vários corpos tombaram. As tochas bruxuleantes dos tsurani lançavam sombras enlouquecidas que dançavam até o alto das paredes das passagens, confundindo os olhos.

Ouviu-se um grito à retaguarda da força tsurani, e os forasteiros começaram a recuar pelo túnel. Aqueles que carregavam escudos avançaram, formando uma barreira por cima da qual os outros golpeavam. Os anões não conseguiam atingi-los a ponto de causar danos. Sempre que um anão atacava, a barreira de escudos erguia-se, e o atacante recebia em resposta golpes de espada vindos de trás dos escudos. O inimigo ia se afastando em rápidos e curtos recuos.

Tomas avançou, pois conseguia golpear os portadores dos escudos. Derrubou dois, mas, logo que um caía, outro tomava o seu lugar. Ainda assim, os anões os acossavam, e os tsurani batiam em retirada.

Chegaram a uma gruta da glória, entrando pelo ponto mais baixo, e os tsurani logo tomaram posição no centro da grande caverna, formando um círculo irregular de escudos. Os anões pararam por instantes, para depois investirem contra a posição.

Tomas notou um ligeiro movimento e ergueu o olhar para uma das saliências mais acima. Na escuridão da caverna, era impossível ver o que quer que fosse com nitidez, mas uma sensação repentina alertou-o.

— Atenção à retaguarda! — gritou.

A maior parte dos anões já conseguira atravessar a barreira de escudos e estava demasiado ocupada para prestar atenção no que dizia, mas alguns dos que estavam próximos interromperam o ataque e olharam para cima. Um dos anões perto de Tomas gritou:

— Ali em cima!

Jorraram figuras negras lá do alto, parecendo rastejar pela superfície da rocha. Outras figuras, humanas, acorreram pelos túneis dos níveis mais altos. Surgiram luzes no alto quando os guerreiros tsurani dos níveis superiores abriram as portinholas das lanternas e acenderam tochas.

Tomas ficou petrificado, em estado de choque. Imediatamente atrás dos poucos tsurani sobreviventes no centro da caverna, surgiram criaturas de todas as aberturas acima, como formigas, com as quais eram muito parecidas. Porém, ao contrário das formigas, caminhavam eretas do meio do corpo para cima e empunhavam armas nos braços quase humanos. Os rostos das criaturas que lembravam insetos possuíam grandes olhos multifacetados, mas as bocas lembravam as dos homens. Deslocavam-se a uma velocidade incrível, esquivando-se à medida que avançavam para atacar os anões que, embora surpresos, reagiram sem hesitação, retomando a batalha.

A luta ganhou ainda mais intensidade e foram várias as vezes que Tomas se viu confrontado por dois adversários, tsurani ou monstros, ou ambos. As criaturas eram obviamente inteligentes, pois lutavam de forma organizada, e ouviam-se as suas vozes animalescas gritando no idioma tsurani.

Tomas olhou para cima depois de liquidar uma das criaturas e viu um novo afluxo de guerreiros vindos do alto.

— A mim! A mim! — gritou, e os anões começaram a combater na direção do garoto. Quando estavam quase todos perto dele, ouviram

Dolgan gritar:

— Para trás, batam em retirada! Eles são muitos.

Devagar, os anões começaram a se mover para o túnel de onde tinham saído e sua relativa segurança. Ali, poderiam enfrentar um número menor de criaturas e tsurani e, assim esperavam, despistá-los nas minas. Vendo que os anões batiam em retirada, os tsurani e seus aliados atacaram com mais vigor. Tomas viu um grande número de criaturas interpondo-se entre os anões e o caminho de fuga. Saltou para a frente e ouviu um estranho grito de guerra sair-lhe da boca, palavras que não compreendia. A sua espada dourada dardojou e, com um guincho, uma das estranhas criaturas tombou. Outra brandiu uma espada, e Tomas aparou o golpe com o escudo. O braço de um ser menor teria se partido, mas o golpe ressoou no escudo branco e a criatura recuou, logo voltando ao ataque.

Novamente a bloqueou e, balançando o braço acima do ombro com uma volta, trespassou-lhe o pescoço, decepando a sua cabeça. A criatura ficou rígida por um momento, acabando por sucumbir aos seus pés. Tomas saltou por cima do corpo caído, pousando diante de três guerreiros tsurani surpresos. Um deles segurava duas lanternas, e os outros estavam armados. Antes que o homem com as lanternas tivesse tempo de largá-las, Tomas deu um salto para a frente e abateu os outros dois homens. O terceiro morreu tentando desembainhar a espada.

Deixando o escudo pendurado no braço, Tomas abaixou-se e pegou uma lanterna. Virou-se e viu os anões subindo por cima dos corpos das criaturas que matara. Vários amparavam companheiros feridos. Meia dúzia de anões, com Dolgan a encabeçá-los, mantinha o inimigo afastado enquanto os outros escapavam. Os anões com os feridos passaram velozes por Tomas.

Um deles, que ficara no túnel durante a batalha, avançou ao ver que os companheiros batiam em retirada. Em vez de armas, carregava dois odres inchados cheios de líquido.

O soldado da retaguarda foi levado de volta ao túnel de fuga e por duas ocasiões surgiram soldados que tentaram cercá-los para isolá-los.

Em ambas as ocasiões, Tomas atacou, fazendo-os tombar. Quando Dolgan e os seus guerreiros subiram nos corpos dos monstros caídos, Tomas gritou:

— Preparem-se para saltar.

Pegou os dois odres pesados que o anão segurava.

— Agora! — gritou. Dolgan e os outros deram um salto para trás, deixando os tsurani do outro lado dos cadáveres. Sem hesitar, os anões correram pelo túnel enquanto Tomas atirava os odres nos corpos. Eles tinham sido transportados com cautela, pois eram feitos para se romperem com o impacto. Continham nafta, que os anões tinham recolhido de lagos negros nas profundezas das montanhas. Queimava sem pavio, ao contrário do óleo.

Tomas ergueu a lanterna e atirou-a para o meio das poças do líquido volátil. Os tsurani, hesitando momentaneamente, avançaram no preciso momento em que a nafta explodiu em chamas. Os anões, cegos, ouviam os gritos dos tsurani apanhados pelo fogo. Quando recuperaram a visão, avistaram uma única silhueta avançando pelo túnel a passos largos. Tomas surgiu enegrecido, delineado contra as labaredas embranquecidas.

Quando os alcançou, Dolgan disse:

— Virão atrás de nós assim que as labaredas se extinguirem.

Seguiram velozes por uma série de túneis e voltaram ao caminho que os levaria à saída do lado ocidental das montanhas. Depois de terem percorrido uma curta distância, Dolgan deu ordem para que o grupo parasse. Ele e muitos outros ficaram imóveis, escutando o silêncio dos túneis. Um dos anões deitou-se e logo que colocou a orelha no chão, pôs-se em pé de um salto.

— Estão vindo! Pelo som, são centenas e as criaturas os acompanham. Devem estar lançando uma grande ofensiva.

Dolgan examinou a situação. Dos cento e cinquenta anões que tinham dado início à emboscada, somente cerca de setenta se achavam diante dele, e doze estavam feridos. Esperavam que alguns tivessem conseguido fugir por outras passagens, mas naquele momento todos corriam perigo.

Dolgan agiu depressa:

— Temos que chegar à floresta. — Partiu a passos largos, com os outros atrás.

Tomas corria sem dificuldades, mas a sua mente era um turbilhão de imagens. Tinham-no assaltado no calor da batalha, com maior precisão e nitidez do que nas vezes anteriores. Via os corpos dos inimigos caídos, ainda que não fossem nada semelhantes aos tsurani. Sentia na boca o sabor dos vencidos, as energias mágicas que o acompanhavam ao beber das feridas abertas na cerimônia da vitória. Sacudiu a cabeça para afastar as imagens. Perguntou-se que cerimônia seria aquela.

Dolgan falou, e Tomas forçou-se a prestar atenção em suas palavras.

— Temos de encontrar outro refúgio — disse, enquanto corriam. — Talvez fosse melhor tentarmos a Montanha de Pedra. Aqui, as nossas aldeias estão a salvo, mas não dispomos de uma base onde combater, e estou certo de que não vai demorar até que os tsurani controlem estas minas. Aquelas criaturas não têm limitações nos combates no escuro e, se forem muitas, poderão nos expulsar das passagens mais profundas.

Tomas acenou com a cabeça, incapaz de falar. Fervilhava por dentro, um fogo gélido de ódio pelos tsurani. Tinham assolado a sua terra natal e aprisionado o seu irmão em tudo, exceto no nome, e naquele momento muitos de seus amigos anões jaziam mortos sob as montanhas por causa deles. Com uma expressão implacável, fez um voto silencioso de aniquilá-los, custasse o que custasse.

Deslocaram-se com cautela entre as árvores, atentos a sinais do inimigo. Por três vezes em seis dias tinha havido escaramuças e agora os anões eram apenas cinquenta e dois. Os feridos mais graves tinham sido levados para a segurança relativa das aldeias mais elevadas, onde seria improvável que os tsurani os seguissem.

Estavam se aproximando da parte sul das florestas dos elfos. De início, tinham tentado virar para leste na direção da passagem, em busca de um caminho para a Montanha de Pedra. O percurso estava tomado por acampamentos e patrulhas tsurani, e viram-se forçados a virar

constantemente para o norte. Por fim, decidiram tentar chegar a Elvandar, onde poderiam repousar dos constantes combates.

Um dos batedores regressou da posição a vinte metros à frente do grupo e disse, em voz baixa:

— Um acampamento, no vau.

Dolgan ponderou. Os anões não eram bons nadadores, e teriam de cruzar o rio a pé. Mas era provável que os tsurani controlassem todos os pontos de travessia naquele lado. Teriam de encontrar um lugar sem guardas, se esse lugar existisse.

Tomas olhou ao redor. Estava quase anoitecendo, e, caso pretendessem se esgueirar pelo rio tão perto das linhas tsurani, seria melhor fazê-lo à noite. Tomas sussurrou essa ideia a Dolgan, que concordou. Fez sinal ao guarda para que fosse para oeste do campo que avistara, de modo a encontrar um lugar capaz de ocultá-los.

Após pouco tempo de espera, o guia regressou com a notícia de um matagal defronte de uma rocha com uma cavidade, onde poderiam aguardar o cair da noite. Correram para lá e viram um pedregulho de granito que saía do chão, subindo a uma altura de quatro metros e com uma base que se alargava em uma extensão de cerca de sete a nove metros. Quando afastaram os arbustos, viram uma cavidade onde caberiam todos, bem aninhados. Tinha somente cerca de seis metros de lado a lado, mas sob a saliência da rocha estendia-se por mais de doze metros para baixo. Quando já estavam todos escondidos em segurança, Dolgan comentou:

— Em algumas épocas, este lugar deve ficar submerso. Vejam como está liso pelo desgaste na parte de baixo. É apertado, mas vai nos manter a salvo por algum tempo.

Tomas mal ouviu, pois estava novamente digladiando-se com as imagens, os sonhos despertos, como os chamava. Fechou os olhos e, uma vez mais, chegaram as visões e a tênue música.

A vitória fora rápida, mas Ashen-Shugar estava pensativo. Havia algo inquietando o Soberano dos Confins das Águias. O sangue de

Algon-Kokoon, Tirano do Vale do Vento, ainda permanecia salgado nos seus lábios, e as suas consortes pertenciam agora a Ashen-Shugar. Ainda assim, parecia faltar algo.

Examinou as bailarinas moredhel, dançando no ritmo certo da música para seu deleite. Como deveria ser. Não, a carência era sentida no mais profundo âmago de Ashen-Shugar.

Alengwan, a quem os elfos chamavam de sua Princesa, e a sua mais recente preferida, estava sentada no chão, junto ao trono, aguardando a sua vontade. Mal reparou no belo rosto da Princesa e no seu corpo flexível, vestido com trajes de seda que serviam para acentuar a sua beleza mais do que para escondê-la.

— Está inquieto, meu senhor? — perguntou em voz baixa, o pavor que sentia por ele tão pouco escondido como o seu corpo.

Ele desviou o olhar. Ela entrevira a dúvida que o assolava; isso significava a morte da Princesa, mas iria matá-la mais tarde. Ultimamente, os apetites da carne o tinham abandonado, tanto o prazer da cama como o prazer de matar. Estava ocupado com a sensação indefinível, aquela emoção misteriosa tão inusitada no seu âmago. Ashen-Shugar ergueu a mão, e as bailarinas prostraram-se no chão, com as testas encostadas na pedra. Os músicos tinham parado de tocar no meio de uma nota, e a caverna ficou em silêncio. Com um gesto, mandou-os embora, e todos saíram correndo do grande salão, passando pelo enorme dragão dourado, Shuruga, que aguardava pacientemente o seu amo...

— Tomas — disse uma voz.

Tomas abriu os olhos de repente. Dolgan agarrava seu braço.

— Está na hora. Anoiteceu. Estava dormindo, rapaz. — Tomas sacudiu a cabeça para desanuviá-la, e as imagens que persistiam dispersaram-se. Sentiu o estômago revirar quando se dissolveu a última imagem trêmula de um guerreiro de vestes brancas e douradas junto ao corpo ensanguentado de uma princesa dos elfos.

Junto com os outros, rastejou para fora da rocha saliente, e partiram, uma vez mais, rumo ao rio. A floresta estava em silêncio, e até as aves noturnas pareciam cautelosas para não revelarem o paradeiro do grupo.

Chegaram ao rio sem incidentes, a não ser quando tiveram de se deitar na terra para não serem vistos por uma patrulha tsurani que passava. Seguiram o rio, com um batedor à frente. Após poucos minutos, ele regressou, informando:

— Vi um banco de areia que atravessa o rio.

Dolgan assentiu e os anões avançaram sorrateiramente e entraram na água em fila. Tomas aguardou com Dolgan enquanto os outros atravessavam. Quando o último anão entrou no rio, ouviu-se um grito interrogativo mais acima, na margem. Os anões ficaram petrificados. Tomas avançou, surpreendendo um guarda tsurani que tentava enxergar em meio à escuridão. O homem gritou ao cair, e não muito longe dali irromperam brados. Tomas viu luzes de lanternas aproximando-se a grande velocidade, virou-se e correu. Deparou-se com Dolgan aguardando na margem e gritou:

— Corram! Estão no nosso encalço.

Vários anões ficaram parados sem saber o que fazer quando Tomas e Dolgan entraram chapinhando no rio. A água estava gelada, e a corrente deslocava-se depressa por cima do banco de areia. Tomas lutou para se equilibrar enquanto atravessava com dificuldade. A água só lhe chegava à cintura, mas quase alcançava o queixo dos anões. Jamais conseguiram lutar no rio.

Assim que os primeiros soldados tsurani saltaram para a água, Tomas virou-se para atrasá-los enquanto os anões fugiam até a outra margem. Foi atacado por dois tsurani e os abateu. Muitos outros saltaram para o rio, e o garoto dispôs somente de um breve instante para verificar a situação dos anões. Estavam quase atingindo a margem oposta; à luz das lanternas dos tsurani, conseguiu vislumbrar Dolgan e a frustração impotente que levava estampada no rosto.

Tomas voltou a investir contra os soldados tsurani. Quatro ou cinco tentavam cercá-lo, e o melhor que conseguia era mantê-los afastados.

Sempre que tentava golpear algum, deixava um ponto exposto.

O som de novas vozes fez com que percebesse que em questão de segundos seria dominado. Jurou que pagariam caro e atacou um homem, rachando-lhe o escudo e partindo-lhe o braço. O homem tombou com um grito.

Tomas por pouco não aparou um golpe de retaliação no escudo quando ouviu um som sibilante passar-lhe junto à orelha e, em seguida, um guarda tsurani caiu aos berros, com uma flecha comprida espetada no peito. De imediato, o ar ficou repleto de flechas. Vários tsurani caíram, e o restante fugiu. Todos os soldados que se encontravam no rio pereceram antes de alcançarem a margem.

Ouviram uma voz gritar:

— Depressa, homem. Responderão da mesma forma.

Como prova da veracidade da advertência, da outra direção veio uma flecha que passou perto do rosto de Tomas, que correu até a segurança da margem oposta. Uma flecha tsurani atingiu-o no elmo, fazendo-o tropeçar. Quando se endireitou, outra o atingiu na perna. Tombou para a frente e sentiu o chão arenoso da margem do rio debaixo dele. Mão estenderam-se para pegá-lo e arrastaram-no sem cerimônia.

Desnorteado e com a cabeça rodando, ouviu uma voz dizer:

— Eles envenenam as flechas. Temos de... — O resto da frase se perdeu na escuridão.

Tomas abriu os olhos. Por um instante, não soube onde estava. Sentia-se atordoado e tinha a boca seca. Um rosto pairava por cima dele, e uma mão ergueu-lhe a cabeça para fazer chegar água aos seus lábios. Bebeu sofregamente, sentindo-se melhor logo em seguida. Virou ligeiramente a cabeça e viu dois homens sentados perto dele. Momentaneamente, temeu ter sido capturado, mas logo viu que eles usavam túnicas de couro verde-escuro.

— Você esteve muito doente — disse aquele que lhe tinha dado água. Foi então que Tomas percebeu que eram elfos.

— Dolgan? — perguntou com a voz rouca.

— Os anões foram participar do conselho com a nossa senhora. Não podíamos arriscar deslocá-lo devido ao veneno. Os seres do outro mundo têm um veneno que nos é desconhecido e mata rapidamente. Tratamos o melhor possível, mas são tantos os que perecem quanto os que sobrevivem.

Sentiu que as forças voltavam aos poucos.

— Há quanto tempo?

— Há três dias. Você ficou à beira da morte desde que o retiramos do rio. Tivemos de carregá-lo tão longe quanto nos atrevemos.

Tomas olhou ao redor e viu que o tinham despidido e que se encontrava deitado debaixo de um abrigo feito de galhos de árvores, com um cobertor cobrindo-o. Sentiu cheiro de comida sendo feita e viu a panela de onde vinha o apetitoso aroma. O seu anfitrião reparou e gesticulou para que fosse trazida uma tigela.

Tomas sentou-se e sentiu a cabeça girar por um momento. Foi-lhe dado um grande pedaço de pão que usou como colher. A comida estava deliciosa, e cada mordida parecia enchê-lo com uma força crescente. Enquanto comia, examinava os outros que estavam sentados perto dele. Os dois elfos, calados, o contemplavam inexpressivamente. Somente o seu interlocutor mostrava sinais de hospitalidade.

Tomas olhou para ele e perguntou:

— E o inimigo?

O elfo sorriu.

— Os seres do outro mundo continuam com receio de atravessar o rio. Aqui, a nossa magia é poderosa e eles ficam perdidos e confusos. Nenhum ser do outro mundo chegou às nossas margens e regressou ao outro lado.

Tomas acenou com a cabeça. Depois de acabar a refeição, sentiu-se surpreendentemente bem. Tentou se levantar, percebendo que estava um pouco trêmulo. Depois de dar alguns passos, conseguiu sentir as forças regressarem aos membros, e sentiu que a perna já estava curada. Passou alguns minutos alongando-se e eliminando a rigidez de três dias dormindo no chão, e depois se vestiu.

— Você é o Príncipe Calin. Lembro-me de você na corte do Duque. Calin sorriu em resposta.

— E eu de você, Tomas de Crydee, embora tenha mudado muito nesse último ano. Estes são Galain e Algavins. Caso se sinta bem, podemos nos juntar aos seus amigos na corte da Rainha.

Tomas sorriu.

— Vamos.

Levantaram acampamento e partiram. De início, a marcha foi lenta, concedendo a Tomas o período necessário para se recuperar, mas, depois de pouco tempo, era evidente que o garoto estava extraordinariamente apto, à luz do recente encontro com a morte.

Não demorou até que as quatro figuras corressem por entre as árvores. Tomas, apesar da armadura, conseguiu acompanhar o ritmo. Os seus anfitriões lançavam olhares curiosos uns aos outros.

Correram grande parte da tarde antes de pararem. Tomas olhou ao redor e exclamou:

— Que lugar maravilhoso.

— A maioria das pessoas da sua raça discordaria, homem — disse Galain. — Acham a floresta assustadora, repleta de vultos estranhos e sons assustadores.

Tomas deu uma gargalhada.

— A maior parte dos homens não tem imaginação, ou tem em demasia. A floresta é calma e tranquila. É o lugar mais sereno que já conheci.

Os elfos não responderam, mas o rosto de Calin deixou entrever uma expressão de ligeira surpresa.

— É melhor prosseguirmos, se quisermos chegar a Elvandar antes que anoiteça.

Chegaram a uma vasta clareira quando a noite caía. Tomas parou e ficou petrificado diante da visão com que se deparara. Do outro lado da clareira, uma gigantesca cidade de árvores elevava-se do chão. Era um grupo de árvores colossais, que faziam os maiores carvalhos imagináveis parecerem pequenos. Estavam ligadas por graciosas pontes em arco

feitas de galhos e lisas em cima, por onde se viam elfos atravessando de um tronco para outro. Tomas olhou para cima e viu que os troncos subiam até se perderem de vista em um mar de folhas e galhos. As folhas eram verde-escuras, mas aqui e ali se via uma árvore reluzente de folhagem dourada, prateada e até branca. Um brilho suave atravessava toda a área, fazendo Tomas pensar se alguma vez a escuridão seria completa naquele lugar.

Calin colocou a mão no ombro de Tomas e disse simplesmente:

— Elvandar.

Atravessaram a clareira a passos largos, e Tomas percebeu que a cidade de árvores dos elfos era ainda maior do que imaginara quando a viu. Estendia-se para todos os lados, e devia ter uma extensão superior a um quilômetro e meio. Tomas sentiu-se arrebatado por aquele lugar mágico, em uma rara exaltação.

Chegaram a uma escada, esculpida em um dos lados de uma árvore, que subia em caracol até os galhos. Começaram a subir os degraus, e Tomas voltou a sentir uma sensação de alegria, como se o furor enlouquecido que o dominava durante a batalha ganhasse um aspecto harmonioso de natureza mais dócil.

Continuaram a subir e, ao passar os enormes galhos que serviam de ruas aos elfos, Tomas viu elfos e elfas por todo lado. Vários elfos vestiam roupas de combate de couro como os seus guias, mas muitos outros trajavam compridos e elegantes mantos ou túnica de cores claras e vivas. As elfas eram todas belas; usavam o cabelo comprido e solto, ao contrário das damas da corte do Duque. Muitas tinham, entrelaçadas nas madeixas, joias que cintilavam ao passar. Eram altas e elegantes.

Chegaram a um galho gigantesco e deixaram as escadas. Calin começou a advertir Tomas para que não olhasse para baixo, pois sabia que os humanos tinham dificuldade nos caminhos altos, mas o garoto se aproximou da beirada, olhando para baixo sem dar sinais de desconforto nem de vertigem.

— É um lugar maravilhoso — exclamou. Os três elfos trocaram olhares admirados, mas não proferiram qualquer palavra.

Voltaram a avançar e, ao chegarem a um cruzamento de galhos, os dois elfos viraram em outra direção, deixando Tomas e Calin prosseguir sozinhos. Entraram cada vez mais nas profundezas da cidade, com Tomas tão seguro de si no caminho de galhos quanto o elfo, até chegarem a uma enorme abertura. Ali, um círculo de árvores formava um pátio central para a Rainha dos Elfos. Uma centena de galhos encontrava-se naquele ponto, fundindo-se em uma enorme plataforma. Um único humano, envergando a cor cinzenta de um patrulheiro natalês, estava ao lado da Rainha, e a sua pele negra reluzia com o brilho noturno. Era o homem mais alto que Tomas já vira, e o jovem de Crydee soube que aquele devia ser Leon, o Alto, o patrulheiro que Grimsworth mencionara.

Calin conduziu Tomas até o centro da clareira, apresentando-o à Rainha Aglaranna. Ela demonstrou surpresa ao ver a figura do jovem vestido de branco e dourado, mas se recompondo depressa. Com sua voz profunda, deu as boas-vindas a Tomas, convidando-o a ficar pelo tempo que desejasse em Elvandar.

A corte suspendeu a sessão, e Dolgan aproximou-se de Tomas.

— Bem, rapaz, estou feliz em vê-lo recuperado. Quando o deixamos, a situação era incerta. Não gostei de fazê-lo, mas acho que comprehende. Era urgente trazer a notícia da luta perto da Montanha de Pedra.

Tomas balançou a cabeça.

— Eu entendo. Quais são as notícias?

Dolgan sacudiu a cabeça.

— Temo que sejam más. Fomos separados dos nossos irmãos. Acho que teremos de ficar com o povo elfo por uns tempos, e eu não aprecio nada as alturas.

Tomas gargalhou ao ouvir o anão. Dolgan sorriu, pois fora a primeira vez que ouvira aquele som desde que o garoto vestira a armadura do dragão.

Investida

As carroças gemiam sob o peso das cargas. Chicotes estalavam e rodas rangiam enquanto pesados bois puxavam os carregamentos ao longo da estrada que levava à praia. Arutha, Fanon e Lyam cavalgavam à frente dos soldados que protegiam as carroças no percurso entre o castelo e a praia. Atrás delas, seguia uma multidão esfarrapada de habitantes da cidade. Muitos carregavam trouxas ou puxavam carros, seguindo os filhos do Duque para os navios que os aguardavam.

Viraram no caminho que partia da estrada do povoado, e o olhar de Arutha perscrutou os sinais de destruição. A outrora próspera cidade de Crydee encontrava-se coberta por uma neblina acre e azulada. O som de martelos e serras ressoava no ar da manhã enquanto os trabalhadores se ocupavam em consertar o que conseguissem dos estragos.

Os tsurani tinham atacado ao pôr do sol dois dias antes, precipitando-se pela aldeia, subjugando os poucos guardas em seus postos antes de ser dado o alarme por mulheres, idosos e crianças aterrorizados. Os forasteiros causaram tumulto na cidade, só parando quando chegaram às docas, onde incendiaram três embarcações, danificando duas delas seriamente. Os navios avariados já avançavam lentamente para Carse, ao passo que as embarcações incólumes que restavam no porto tinham

mudado de posição, descendo pela costa até a localização atual, ao norte da Mágua dos Marinheiros.

Os tsurani tinham colocado fogo em quase todas as construções próximas ao cais; todavia, ainda podiam ser reconstruídas, apesar dos graves danos. O fogo espalhara-se até o centro de Crydee, onde provocou as maiores perdas. O Salão dos Mestres de Ofícios, as duas estalagens e dúzias de construções menores não passavam de ruínas fumegantes. Madeiras enegrecidas, telhas quebradas e pedras chamuscadas marcavam os lugares onde antes se encontravam. Um terço de Crydee ardera antes que o fogo fosse controlado.

Arutha ficara na muralha, contemplando o brilho infernal refletido nas nuvens por cima da cidade enquanto as chamas se alastravam. Ao primeiro raio de sol, conduzira a guarnição para fora da cidade, tendo verificado que os tsurani já tinham desaparecido nas florestas.

Arutha ainda ficava irritado quando se lembrava. Fannon aconselhara Lyam a não deixar a guarnição sair até o amanhecer — temendo que fosse um ardil para que abrissem os portões do castelo ou para atrair a guarnição até a floresta, onde seria aguardada por uma força ainda maior que preparara a emboscada — e Lyam atendera ao pedido do velho Mestre de Armas. Arutha estava certo de que conseguiria ter evitado muitas perdas caso o tivessem autorizado a destruir o inimigo naquela mesma hora.

Ao avançar pela estrada que levava à costa, Arutha ia absorto em seus pensamentos. No dia anterior, tinham chegado ordens para que Lyam deixasse Crydee. O ajudante de campo do Duque fora morto, e, com a guerra entrando no terceiro ano quando chegasse a primavera, o pai desejava que Lyam se juntasse a ele no acampamento em Yabon. Por razões que Arutha não entendia, o Duque Borric não lhe cedera o comando, como seria de esperar; em vez disso, Borric nomeara o Mestre de Armas comandante da guarnição. “Pelo menos assim”, pensava o Príncipe mais novo, “sem o apoio de Lyam, Fannon não se sentirá tão propenso a me dar ordens.” Sacudiu ligeiramente a cabeça, numa tentativa de expulsar a irritação. Amava o irmão, mas gostaria que Lyam

fosse mais disposto a se impor. Desde o início da guerra, fora Lyam quem havia comandado Crydee, mas as decisões eram tomadas por Fannon. Agora, Fannon tinha o cargo bem como a autoridade.

— Pensativo, irmão?

Lyam avançara com o cavalo e estava agora do lado de Arutha, que sacudiu a cabeça e esboçou um sorriso.

— Apenas inveja de você.

Lyam sorriu afetuosamente para o irmão mais novo.

— Eu bem sei que também queria ir, mas as ordens do nosso pai foram claras. Precisam de você aqui.

— Como podem precisar de mim se todas as sugestões que dou são ignoradas?

A expressão de Lyam era conciliatória.

— Ainda chateado com a decisão do nosso pai de nomear Fannon como comandante da guarnição.

Arutha olhou com firmeza para o irmão.

— Tenho a idade que você tinha quando nosso pai o nomeou comandante de Crydee. Nosso pai era comandante absoluto e Vice-General da Corte no Oeste quando tinha a minha idade, apenas a quatro anos de ser nomeado Administrador do Rei no Oeste. Nosso avô confiou nele a ponto de lhe dar o comando absoluto.

— Nosso pai não é o nosso avô, Arutha. Lembre-se de que o nosso avô cresceu em uma época em que ainda estávamos em guerra em Crydee, pacificando as novas terras conquistadas. Cresceu com a guerra. Nosso pai, não. Aprendeu a arte da guerra no Vale dos Sonhos, contra os Kesh, e não defendendo sua própria terra, como aconteceu com o nosso avô. Os tempos mudam.

— E o nosso tempo também é diferente, irmão — disse Arutha friamente. — Nosso avô, como seu pai antes dele, não teria ficado atrás de muralhas seguras. Em dois anos de guerra, não lançamos nenhuma grande ofensiva contra os tsurani. Não podemos permitir que continuem a ditar o rumo da guerra, ou certamente sairão triunfantes.

Lyam olhou o irmão com visível preocupação nos olhos.

— Arutha, bem sei que está impaciente para atormentar o inimigo, mas Fannon tem razão quando afirma que não podemos arriscar nossos soldados. Temos de aguentar e proteger o que ainda existe aqui.

Arutha olhou de relance para o povo maltrapilho que seguia atrás.

— Eu direi aos que nos seguem como estão sendo protegidos de modo tão eficaz.

Lyam viu rancor em Arutha.

— Eu sei que me culpa, meu irmão. Se tivesse seguido o seu conselho, e não o de Fannon...

Arutha perdeu o ar severo.

— Não é culpa sua — admitiu. — O velho Fannon está sendo cauteloso. Também acha que o mérito de um soldado é avaliado pelas barbas grisalhas. Continuo sendo o filho do Duque e temo que, a partir de agora, o que penso não receberá muita atenção.

— Controle a sua impaciência, jovem — disse Lyam, com ar sério e irônico. — Quem sabe se entre a sua valentia e a cautela de Fannon não venham a encontrar um meio-termo seguro que possam seguir — riu.

Arutha sempre considerara o riso do irmão contagioso, e não conseguiu evitar um sorriso.

— Quem sabe, Lyam — disse entre sorrisos.

Chegaram à praia onde os aguardavam os escaleres que levariam os refugiados até os navios ancorados. Os capitães só regressariam ao porto quando estivessem certos de que os navios não voltariam a ser alvo de ataque, o que obrigava as pessoas da aldeia a enfrentar a arrebentação para embarcar. Homens e mulheres começaram a avançar pela água com alguma dificuldade, erguendo trouxas de pertences e crianças pequenas acima da cabeça. As crianças mais velhas nadavam alegremente, transformando a situação em uma brincadeira. Eram muitas as despedidas chorosas, pois grande parte dos homens ficaria para reconstruir as casas queimadas e servir ao exército dos duques. As mulheres, crianças e idosos que partiam seriam levados ao longo da costa até Tulan, a cidade mais meridional do Ducado, que até então não

fora acossada pelos tsurani nem pelos violentos Irmãos das Trevas do Coração Verde.

Lyam e Arutha desmontaram, e um soldado segurou as rédeas dos cavalos de ambos. Os irmãos ficaram observando os soldados que carregavam com cuidado os engradados de pombos-correios para o único escaler trazido até a praia. As aves seriam transportadas pelos Estreitos das Trevas até o acampamento dos duques. Pombos treinados para voar até o acampamento estavam a caminho de Crydee, e com sua chegada seria retirada alguma responsabilidade dos batedores de Martin do Arco e dos patrulheiros nataleses pela transmissão de informações do e para o acampamento dos duques. Era o primeiro ano em que havia pombos adultos criados no acampamento — condição necessária para desenvolverem o instinto de retorno para o local.

Não demorou até toda a bagagem e os refugiados estarem a bordo, chegando a hora da partida de Lyam. A despedida de Fannon foi rígida e formal, mas era evidente, pelos seus modos controlados, que o idoso Mestre de Armas estava preocupado com o filho do Duque. Não possuindo família, Fannon fora uma espécie de tio dos meninos enquanto cresciam, instruindo-os pessoalmente no manejo da espada, na manutenção de armaduras e nas teorias da arte da guerra. Manteve a pose formal, mas ambos os irmãos podiam ver o carinho que ele sentia.

Quando Fannon se afastou, os irmãos abraçaram-se.

— Tome conta de Fannon — disse Lyam. Arutha ficou surpreso. Lyam sorriu, explicando: — Nem quero pensar no que aconteceria se o nosso pai preterisse você mais uma vez e nomeasse Algon comandante da guarnição.

Arutha resmungou, para logo rir com o irmão. Como Estribeiro-Mor, Algon era tecnicamente o segundo em comando, logo após Fannon. Todos os habitantes do castelo tinham afeto genuíno pelo homem e profundo respeito pelo vasto conhecimento que possuía sobre cavalos, mas, do mesmo modo, também reconheciam a ausência de conhecimentos sobre qualquer outro tema que não fosse cavalos. Após dois anos de guerra, Algon continuava resistindo à ideia de que os

invasores eram originários de outro mundo, uma atitude que irritava Tully constantemente.

Lyam entrou na água, onde dois marinheiros mantinham o escaler à espera dele. Por cima do ombro, gritou:

— Tome conta da nossa irmã, Arutha.

Arutha disse que assim faria. Lyam saltou para o escaler, ficando junto dos preciosos pombos, e o barco foi empurrado da praia. Arutha ficou vendo sua figura diminuir enquanto se afastava.

Caminhou devagar até onde o soldado segurava a montaria. Parou e voltou a olhar para a praia, lá embaixo. Ao sul, erguiam-se as altas escarpas dominadas pela Mágua dos Marinheiros, que parecia empurrar o céu matinal. Arutha amaldiçoou em silêncio o dia em que o navio tsurani batera naqueles rochedos.

Carline encontrava-se no alto da torre sul do castelo, contemplando o horizonte, segurando o manto ao seu redor para se proteger da brisa do mar. Permanecera no castelo, despedindo-se de Lyam mais cedo, pois não queria descer a cavalo até a praia. Preferia que os seus receios não anuviassem a felicidade de Lyam por se juntar ao pai no acampamento dos duques. Ao longo dos últimos dois anos, tinham sido frequentes as vezes em que se censurara por se sentir assim. Os homens dela eram soldados. Todos treinados desde tenra idade para a guerra. Porém, temia por eles desde que chegara a Crydee a notícia de que Pug fora capturado.

Um pigarro feminino levou Carline a virar-se. Lady Glynis, aia da princesa nos últimos quatro anos, esboçou um sorriso ao indicar com um aceno de cabeça o recém-chegado que surgira do alçapão de acesso à torre.

Roland subiu pela entrada no chão. Nos últimos dois anos, tinha crescido, e era agora tão alto quanto Arutha. Não deixara de ser magro, mas as feições de garoto estavam se transformando nas que viriam a ser de homem. Fez uma mesura e disse:

— Vossa Alteza.

Carline agradeceu o cumprimento com um aceno ligeiro de cabeça e com um gesto indicou a Lady Glynis que os deixasse a sós. Glynis desceu as escadas para a torre.

Em tom suave, Carline perguntou:

— Não foi até a praia com Lyam?

— Não, Alteza.

— Chegou a falar com ele antes de partir?

Roland dirigiu o olhar para o horizonte longínquo.

— Sim, Vossa Alteza, embora deva confessar que fiquei de mau humor com sua partida.

Carline acenou com a cabeça, compreendendo.

— Porque precisa ficar.

— Sim, Vossa Alteza — disse Roland com azedume.

— Para que tanta formalidade, Roland? — perguntou Carline com delicadeza.

Roland olhou para a Princesa, que havia completado dezessete anos no último Dia de Solstício de Verão. Já não era uma menina impertinente, dada a acessos de fúria, e estava se tornando uma bela e jovem mulher introspectiva e sensata. Eram poucos os habitantes do castelo que não tinham conhecimento do choro soluçante que se prolongou por várias noites vindo dos aposentos de Carline quando chegou ao castelo a notícia da captura de Pug. Após quase uma semana inteira de isolamento, ressurgira como uma pessoa mudada, mais controlada, menos autoritária. Por fora, Carline quase não demonstrava o que sentia, mas Roland sabia que a Princesa ficara marcada.

Passado um momento de silêncio, Roland disse:

— Vossa Alteza, quando... — Hesitou, para depois dizer: — Não tem importância.

Carline pousou a mão no braço do Escudeiro.

— Roland, apesar de tudo, sempre fomos amigos.

— Agrada-me pensar que sim.

— Sendo assim, diga, por que ergueu uma parede entre nós?

Roland suspirou, e a resposta não denotou o seu habitual humor jocoso:

— Se assim foi, Carline, não fui eu que a ergui.

Surgiu uma fagulha da personalidade antiga da garota, que, com uma intensidade irascível na voz, perguntou:

— Serei eu a responsável por esse distanciamento?

A raiva brotou na voz de Roland:

— Sim, Carline! — Passou a mão pelo cabelo castanho ondulado e prosseguiu: — Lembra-se do dia em que briguei com Pug? O dia antes da sua partida.

Ao ouvir o nome de Pug, Carline ficou nervosa.

— Sim, lembro — respondeu seca.

— Bem, foi uma idiotice, coisa de garotos, aquela briga. Disse-lhe que, se ele alguma vez a fizesse sofrer, eu lhe daria uma surra. Ele lhe contou isso?

Os olhos dela ficaram inesperadamente umedecidos. Em voz baixa, disse:

— Não, ele nunca me contou.

Roland olhou para o belo rosto que amava há anos e voltou a falar:

— Naquela época, ao menos eu sabia quem era o meu rival. — Baixou a voz, com a raiva se esvaindo. — Gosto de pensar que nos últimos momentos nos tornamos grandes amigos, eu e ele. Ainda assim, jurei que jamais deixaria de tentar mudar o que o seu coração sente.

Sentindo um arrepião, Carline ajeitou o manto em volta dela, ainda que o dia não estivesse muito frio. Por dentro, sentia emoções em conflito, confusas.

— Sendo assim, por que parou, Roland? — perguntou, tremendo.

Uma raiva repentina e cruel explodiu dentro do Escudeiro. Pela primeira vez, deixou cair a máscara de domínio e boas maneiras perante a Princesa.

— Porque não sou capaz de competir com uma memória, Carline. — A Princesa arregalou os olhos e deles brotaram lágrimas que lhe caíram pelas faces. — Consigo enfrentar outro homem de carne e osso, mas não

consigo lidar com uma sombra do passado. — A raiva ardente explodiu nas palavras. — Ele morreu, Carline. Quem me dera que assim não fosse; era meu amigo e sinto a sua falta, mas consegui superar. Pug morreu. Até que admita a verdade dessa afirmação, continuará a viver com uma falsa esperança.

A Princesa levou a mão à boca, a palma virada para fora, olhando-o com uma expressão de negação muda. De súbito, virou-se e correu escada abaixo.

Sozinho, Roland apoiou os cotovelos nas pedras frias da muralha da torre. Com as mãos na cabeça, disse:

— Ah, que idiota me tornei!

— Patrulha! — gritou a sentinela da muralha do castelo. Arutha e Roland deixaram o local de onde estavam observando os soldados que davam instrução aos homens recrutados nas aldeias dos arredores.

Chegaram ao portão, por onde a patrulha entrava devagar, uma dúzia de cavaleiros sujos e abatidos, acompanhados por Martin do Arco e outros dois batedores. Arutha cumprimentou o Mestre de Caça, perguntando em seguida:

— O que você tem aí?

Indicou os três homens de mantos curtos e cinzentos que vinham entre os cavaleiros.

— Prisioneiros, Vossa Alteza — respondeu o caçador, apoiado no arco.

Arutha dispensou os cavaleiros cansados enquanto outros guardas tomavam posição ao redor dos prisioneiros. Arutha avançou até eles e, quando ficou bastante próximo, os três caíram de joelhos e levaram as testas ao chão.

Arutha levantou as sobrancelhas de espanto perante o gesto.

— Nunca vi outros iguais.

Martin do Arco confirmou:

— Não usam armadura e não resistiram quando os encontramos no bosque. Fizeram o que estão fazendo agora, mas tagarelavam como vendedoras de peixe.

Arutha dirigiu-se a Roland:

— Vá chamar o Padre Tully. Talvez ele consiga entender algo do idioma deles. — Roland correu à procura do sacerdote. Martin do Arco dispensou os seus dois batedores, que rumaram para a cozinha. Foi enviado um guarda à procura de Fannon, o Mestre de Armas, para informá-lo da chegada de prisioneiros.

Pouco depois, Roland regressou, acompanhado pelo padre. O velho sacerdote de Astalon vestia um manto azul-escuro, quase preto, e, assim que o vislumbraram, os três prisioneiros começaram a sussurrar entre si. Quando Tully os encarou, ficaram em absoluto silêncio. Arutha olhou admirado para Martin do Arco.

— O que temos aqui? — perguntou Tully.

— Prisioneiros — disse Arutha. — Como é o único homem nestas partes que teve algum contato com o idioma deles, achei que você talvez conseguisse obter algo deles.

— Lembro pouco do contato mental com o tsurani Xomich, mas posso tentar. — O sacerdote proferiu algumas palavras hesitantes, que resultaram em confusão quando todos os prisioneiros falaram ao mesmo tempo. O do meio dirigiu palavras ríspidas aos companheiros, que se calaram. Era baixo, tal como os outros, mas de constituição robusta. Tinha o cabelo castanho e a pele morena, mas os olhos eram de um verde surpreendente. Falou espaçadamente para Tully, com modos de certa forma menos obsequiosos do que os dos companheiros.

Tully sacudiu a cabeça.

— Não tenho certeza, mas creio que pretende saber se sou o Grandioso deste mundo.

— O Grandioso? — perguntou Arutha.

— O soldado moribundo tinha um profundo respeito pelo homem que estava a bordo do navio, a quem chamava de “O Grandioso”. Creio que se trata de um título, mais do que a referência a um indivíduo

específico. Talvez a suspeita de Kulgan de que estas pessoas respeitem profundamente os magos ou sacerdotes esteja certa.

— Quem são estes homens? — perguntou o Príncipe.

Tully voltou a lhes falar com palavras hesitantes. O homem ao centro falou devagar, mas não demorou até Tully lhe cortar a palavra com um aceno de mão.

— São escravos — disse a Arutha.

— Escravos? — Até então não tinha havido contato com outros tsurani além dos guerreiros. Descobrir que recorriam à escravidão era uma espécie de revelação. Embora não sendo desconhecida no Reino, a escravidão não era comum, limitando-se a criminosos condenados. Ao longo da Costa Extrema, era quase inexistente. Arutha considerava o conceito estranho e repugnante. Ainda que nascido nas classes sociais mais baixas, até o servo mais humilde tinha direitos que a nobreza era obrigada a respeitar e proteger. Os escravos eram propriedade. Com uma aversão repentina, Arutha disse:

— Diga-lhes para se levantarem, por piedade.

Tully falou, e os homens levantaram-se aos poucos, sendo que os dois nos flancos pareciam crianças amedrontadas. O outro permanecia calmo, com os olhos ligeiramente baixos. Tully voltou a questionar o homem, verificando que sua compreensão daquele idioma estava voltando.

O homem ao centro falou durante muito tempo, e, quando cessou, Tully disse:

— Foram destacados para trabalhar nos enclaves perto do rio. Diz que o acampamento foi atacado pelo povo da floresta, refere-se aos elfos, creio, e pelos baixos.

— Anões, sem dúvida — acrescentou Martin do Arco, com um sorriso rasgado.

Tully fulminou-o com o olhar. O alto patrulheiro não deixou de sorrir. Martin era um dos poucos homens mais jovens do castelo que nunca se sentira intimidado pelo clérigo idoso, até mesmo antes de fazer parte da casa do Duque.

— Como dizia — prosseguiu o sacerdote —, os elfos e os anões atacaram o acampamento. Eles fugiram, temendo que os matassem. Vagaram pelos bosques durante dias, até a patrulha os encontrar esta manhã.

— Este sujeito no meio parece um pouco diferente dos outros — disse Arutha. — Pergunte por quê.

Tully falou devagar para o homem, que respondeu com uma voz quase desprovida de inflexões. Quando se calou, Tully explicou, com certo espanto:

— Diz que se chama Tchakachakalla. Ele já foi um oficial tsurani!

— Talvez tudo isso venha a ser favorável para nós — disse Arutha. — Se ele cooperar, talvez consigamos finalmente saber algo sobre o inimigo.

Fanon, o Mestre de Armas, surgiu da torre de menagem e correu até o lugar onde Arutha interrogava os prisioneiros.

— O que temos aqui? — quis saber o comandante da guarnição de Crydee.

Arutha explicou tudo o que sabia acerca dos prisioneiros e, quando terminou, Fanon disse:

— Muito bem, continue o interrogatório.

Arutha dirigiu-se a Tully:

— Pergunte-lhe como se tornou escravo.

Sem mostrar sinais de constrangimento, Tchakachakalla contou a sua história. Quando concluiu, Tully sacudiu a cabeça.

— Era um Líder de Ataques. Pode levar algum tempo até percebermos a que patente equivale nos nossos exércitos, mas acho que seria pelo menos Tenente da Corte. Diz que os seus homens fugiram em uma das primeiras batalhas, e que a sua “casa” caiu em desgraça. Não lhe foi dada permissão para se suicidar por alguém a quem chama Chefe de Guerra. Em vez disso, tornou-se escravo para expiar a vergonha do seu comando.

Roland assobiou baixinho.

— Os homens fugiram e ele foi responsabilizado.

Foi a vez de Martin do Arco falar:

— Por mais de uma vez já sucedeu a um Conde que tenha feito besteiras no comando ver-se compelido pelo seu Duque a servir um dos Barões fronteiriços ao longo das Fronteiras Militares Setentrionais.

Tully olhou, carrancudo, para Martin e Roland.

— Já terminaram? — Dirigiu-se a Arutha e a Fannon: — Pelo que disse, é óbvio que foi despojado de tudo. Poderá ser útil.

— Pode ser alguma armadilha — retorquiu Fannon. — Não gosto do modo como olha.

A cabeça do homem levantou-se, e ele fixou Fannon apertando os olhos. Martin ficou de queixo caído.

— Por Kilian! Acho que ele entendeu o que você disse.

Fannon colocou-se bem na frente de Tchakachakalla.

— Compreende o que digo?

— Pouco, meu amo. — A pronúncia era carregada, e falava com uma entonação cantada e lenta, estranha ao idioma do Rei. — Muitos escravos do Reino em Kelewan. Conhecer pouco do idioma do Rei.

— Por que não falou antes? — quis saber Fannon.

Novamente sem deixar transparecer qualquer emoção, o homem disse:

— Não mandar. Escravo obedecer. Não... — Virou-se para Tully e disse algumas palavras, e o sacerdote explicou:

— Diz que não cabe ao escravo tomar a iniciativa.

— Tully, acha que podemos confiar nele? — perguntou Arutha.

— Não sei. A história que conta é insólita, mas a verdade é que são um povo estranho segundo os nossos padrões. Ainda não consigo compreender muito do que vi durante o contato mental que mantive com o soldado moribundo. — Tully falou com o homem. Dirigindo-se a Arutha, o tsurani disse:

— Tchakachakalla contar. — Procurando as palavras com dificuldade, disse: — Eu, Wedewayo. Minha casa, família. Meu clã, Hunzan. Antigo, muita honra. Agora, escravo. Não tem casa, não tem clã, não tem Tsuranuanni. Não tem honra. Escravo obedecer.

— Creio ter entendido — disse Arutha. — Se regressar para os tsurani, o que lhe aconteceria?

Ao que Tchakachakalla respondeu:

— Ser escravo, talvez. Ser morto, talvez. Tudo o mesmo.

— E se ficar aqui?

— Ser escravo, ser morto? — Encolheu os ombros, não se mostrando muito preocupado.

— Não temos escravos — disse Arutha devagar. — Que faria se o libertássemos?

O vestígio de alguma emoção atravessou o rosto do escravo, que se virou para Tully e falou rapidamente. Tully traduziu:

— Diz que isso não seria possível no mundo dele. Pergunta se você pode fazê-lo.

Arutha assentiu. Tchakachakalla indicou os companheiros.

— Eles trabalham. Sempre escravos.

— E você? — perguntou Arutha.

Tchakachakalla olhou com firmeza para o Príncipe e falou para Tully, sem tirar os olhos de Arutha.

— Está relatando a sua linhagem — explicou Tully. — Diz que é Tchakachakalla, Líder de Ataques dos Wedewayo, do clã Hunzan. O seu pai era Líder de Forças Militares, e o seu bisavô, Chefe de Guerra do Clã Hunzan. Combateu honradamente, e só não cumpriu o seu dever uma única vez. Agora, não passa de um escravo, sem família, sem clã, sem nação e sem honra. Pergunta se você pretende realmente devolver-lhe a honra.

— Se os tsurani vierem, o que farão? — perguntou Arutha.

Tchakachakalla indicou os companheiros.

— Estes homens, escravos. Tsurani chegam, eles nada fazer. Esperam. Vão com... — Trocou breves comentários com Tully, que lhe forneceu a palavra desejada. — ...vencedores. Eles vão com vencedores. — Olhou para Arutha, e os seus olhos ganharam vida. — Libertar Tchakachakalla. Tchakachakalla ser seu homem, senhor. Sua honra é honra de

Tchakachakalla. Dar vida se senhor mandar. Lutar contra tsurani se senhor mandar.

— Essa é boa — disse Fannon. — Aposto que é um espião.

O tsurani de peito largo lançou um olhar para Fannon e, com um movimento repentino, avançou para o Mestre de Armas e, antes que alguém tivesse tempo de reagir, tirou o punhal que Fannon trazia preso no cinto.

No segundo seguinte, Martin do Arco já tinha o seu punhal na mão, e a espada de Arutha estava desembainhada. Roland e os outros soldados não tardaram a fazer o mesmo. O tsurani não fez qualquer gesto ameaçador; simplesmente girou o punhal, virando-o ao contrário e oferecendo o cabo a Fannon.

— Senhor achar Tchakachakalla inimigo? Senhor matar. Dar morte de guerreiro, devolver honra.

Arutha voltou a embainhar a espada e tirou o punhal da mão de Tchakachakalla. Devolvendo-o a Fannon, disse:

— Não, não o mataremos. — Dirigiu-se a Tully: — Creio que este homem nos poderá ser útil. Por enquanto, estou inclinado a acreditar nele.

Fannon não parecia nada satisfeito.

— Pode ser um espião de grande inteligência, mas você tem razão. Mal não fará se o mantivermos sob vigilância atenta. Padre Tully, pode levar estes homens à caserna e tentar saber o que podemos aprender com eles? Eu não demoro.

Tully falou para os três escravos, indicando que deviam segui-lo. Os dois tímidos escravos começaram logo a andar, mas Tchakachakalla levou um joelho ao chão perante Arutha. Falou depressa na língua tsurani, que Tully traduziu:

— Exige que o mate ou o torne um dos seus homens. Pergunta como pode um homem ser livre sem casa, clã nem honra. No seu mundo, tais homens são chamados de guerreiros cinzentos, e são desprovidos de honra.

— Os nossos costumes não são como os seus — disse Arutha. — Aqui, um homem pode ser livre sem ter família nem clã e mesmo assim continuar a ser honrado.

Tchakachakalla inclinou um pouco a cabeça enquanto ouvia, para depois fazer um aceno. Levantou-se e disse:

— Tchakachakalla compreender. — Depois, sorrindo, acrescentou: — Em breve, eu ser seu homem. Bom senhor precisar bom guerreiro. Tchakachakalla bom guerreiro.

— Tully, leve-os e tente descobrir o que Tchak... Tchakal... — Arutha riu. — Não consigo pronunciar esse nome tão grande. — Ao escravo, disse: — Se vier a servir aqui, precisará de um nome do Reino.

O escravo olhou em volta e fez um curto aceno com a cabeça.

— Chame-o de Charles — disse Martin do Arco. — É o nome mais parecido que consigo imaginar.

— É um nome tão bom como outro qualquer. A partir de agora, o seu nome é Charles — disse Arutha.

O escravo recém-batizado disse:

— Tcharles? — Encolheu os ombros e aceitou com um aceno de cabeça. Sem mais palavra, acompanhou o Padre Tully, que levou os escravos para a caserna dos soldados.

— O que pensam disso? — perguntou Roland quando os três escravos desapareceram ao virar uma esquina.

— O tempo dirá se fomos enganados — disse Fannon.

Martin do Arco riu.

— Eu fico de olho em Charles, Mestre de Armas. É um tipo durão. Viajou a boa velocidade quando os trouxemos para cá. Talvez faça dele um batedor.

— Vai demorar até eu deixá-lo sair das muralhas do castelo — interrompeu Arutha.

Fannon mudou de assunto:

— Onde os encontraram? — perguntou a Martin do Arco.

— Ao norte, às margens do Regato Cristalino, um afluente do rio; seguíamos os rastros de um grande grupo de guerreiros que se dirigia

para a costa.

Fannon ponderou aquelas informações.

— Gardan comanda outra patrulha perto desse local. Talvez venha a avistá-los, e assim conseguiremos saber o que os desgraçados andam preparando este ano. — Sem mais, voltou para a torre.

Martin riu. Arutha ficou surpreso ao ouvir a gargalhada.

— O que acha engraçado nisso tudo, Mestre de Caça?

Martin sacudiu a cabeça.

— Um detalhe, Alteza. É o Mestre de Armas. Não fala disso com ninguém, mas eu aposto que daria tudo o que possui para ter o seu pai de volta ao comando. É um bom soldado, mas não aprecia a responsabilidade.

Arutha contemplou as costas do Mestre de Armas enquanto este se afastava e então disse:

— Acho que você tem razão, Martin. — A voz denotava um tom pensativo. — Tenho tido tantas desavenças com Fannon nos últimos tempos que perdi de vista o fato de que nunca solicitou esta missão.

Baixando a voz, Martin disse:

— Permita que faça uma sugestão, Arutha?

Arutha assentiu. Martin apontou para Fannon:

— Se algo acontecer a Fannon, nomeie outro Mestre de Armas imediatamente; não aguarde o consentimento do seu pai. Pois, nesse caso, será Algon que assumirá o comando, e ele não passa de um tolo.

Arutha ficou tenso com o atrevimento do Mestre de Caça, enquanto Roland tentava calar Martin com um olhar de advertência.

— Achei que era amigo do Estribeiro-Mor — disse Arutha com frieza.

Martin sorriu, e os olhos insinuaram um humor insólito.

— E sou, assim como todos no castelo. Mas pergunte a quem quiser, e todos dirão o mesmo: tirem-lhe os cavalos e Algon é um pensador medíocre.

Irritado pelos modos de Martin, Arutha perguntou:

— E quem deveria assumir o seu lugar? O Mestre de Caça?

Martin riu, e o som emitido era de tal franqueza e diversão óbvia perante a ideia que Arutha ficou menos irritado com a sugestão.

— Eu? — exclamou o Mestre de Caça. — Que o céu não permita, Alteza. Sou um mero caçador, nada mais. Não, caso venha a ser necessário, nomeie Gardan. É, de longe, o soldado mais hábil em Crydee.

Arutha sabia que Martin tinha razão, mas cedeu à impaciência:

— Basta. Fannon está bem, e espero que assim permaneça.

Martin acenou com a cabeça.

— Que os deuses o protejam... e a todos nós. Perdoe-me, não passou de uma preocupação passageira. Agora, com a licença de Vossa Alteza, há uma semana que não como uma refeição quente.

Arutha fez sinal de que podia partir, e Martin afastou-se rumo à cozinha.

— Ele está errado em um ponto, Arutha — disse Roland.

Arutha estava de braços cruzados, vendo Martin do Arco afastar-se e desaparecer ao virar a esquina.

— Em quê, Roland?

— Ele é muito mais do que o simples caçador que aparenta ser.

Arutha ficou calado por uns momentos.

— É verdade. Há algo em Martin do Arco que sempre me deixou apreensivo, embora nunca tenha encontrado razão para queixa.

Roland riu, e Arutha perguntou:

— Agora é você que acha graça, Roland?

Roland encolheu os ombros, dizendo:

— Somente no fato de que muitos acham vocês dois parecidos.

Arutha olhou ameaçadoramente para Roland, que sacudiu a cabeça.

— Dizem por aí que nos ofendemos com o que vemos de nós nos outros. É verdade, Arutha. Ambos possuem a mesma mordacidade no seu senso de humor, quase zombeteiro, e nenhum de vocês suporta tolices. — A voz de Roland ganhou seriedade: — Não há mistério algum, creio. Você é muito parecido com o seu pai, e, como Martin não tem família, é natural que siga o exemplo do Duque.

Arutha ficou pensativo.

— Talvez você tenha razão. Porém, não é isso que me perturba naquele homem. — Deixou o pensamento inacabado e regressou à torre.

Roland seguiu ao lado do Príncipe, que se encontrava absorto, perguntando-se se não teria se excedido.

A noite era de trovoada. Relâmpagos irregulares estilhaçavam a escuridão à medida que as nuvens chegavam do oeste. Roland encontrava-se na torre sul contemplando o cenário. Desde o jantar, seu estado de espírito estava tão sombrio quanto o céu ocidental. O dia não correra bem. Para começar, sentira-se incomodado com a conversa que tivera com Arutha junto ao portão. Depois, Carline tratara-o com o mesmo silêncio glacial que suportara desde o encontro naquela torre, há duas semanas. Carline parecera mais contida do que era habitual, mas Roland sentia uma estocada de raiva sempre que arriscava um olhar na sua direção. Ele ainda percebia o sofrimento nos olhos da Princesa.

— Mas que idiota desmiolado eu sou — disse em voz alta.

— Não é idiota, Roland.

Carline encontrava-se a poucos passos, olhando para a tormenta iminente. Segurava um xale ao redor dos ombros, ainda que não estivesse frio. Os trovões tinham encoberto os seus passos e Roland disse:

— Não é uma noite agradável para se estar na torre, minha senhora.

Parando ao lado do Escudeiro, Carline disse:

— Vai chover? Estas noites quentes trazem trovões e relâmpagos, mas não costuma chover muito.

— Vai chover. Onde estão as suas aias?

Ela indicou a porta da torre.

— Nas escadas. Têm medo de relâmpagos, e, além do mais, eu queria falar a sós com você.

Roland não respondeu e Carline ficou em silêncio por algum tempo. A noite aclarava-se em violentas demonstrações de energia que rasgavam os céus, seguidas por violentos estrondos de trovões.

— Quando era pequena — disse a Princesa, por fim —, meu pai costumava dizer que em noites como esta os deuses estavam festejando nos céus.

Roland olhou para o rosto de Carline, iluminado pela única lanterna pendurada na muralha.

— O meu pai dizia que estavam guerreando entre eles.

A Princesa sorriu.

— Roland, o que você falou no dia da partida de Lyam estava correto. Tenho andado perdida na minha dor, incapaz de ver a verdade. Pug teria sido o primeiro a me dizer que nada é para sempre. Que viver no passado é besteira e que nos rouba o futuro. — Baixou a cabeça. — Talvez tenha algo a ver com o meu pai. Quando minha mãe morreu, ele nunca se recuperou por completo. Eu era muito pequena, mas ainda me lembro de como ele era. Costumava rir muito antes da morte dela. Nessa época, era mais parecido com Lyam. Depois... bem, tornou-se mais parecido com Arutha. Ria, mas o seu riso tinha um toque amargurado.

— Como se estivesse, de certa forma, debochando?

Ela balançou a cabeça com um ar pensativo.

— Sim, debochando. Por que diz isso?

— Foi algo em que reparei... algo que salientei ainda hoje ao seu irmão. Sobre Martin do Arco.

Carline suspirou.

— Sim, entendo. Martin do Arco também é assim.

Com delicadeza, Roland disse:

— Porém, você não veio aqui falar de seu irmão nem de Martin.

— Não, vim lhe dizer que lamento muito a forma como agi. Há duas semanas que estou irritada com você, mas eu não tinha esse direito. Você apenas disse a verdade. Eu o tratei mal.

Roland ficou admirado.

— Não me tratou mal, Carline. Eu fui grosseiro.

— Não, você só foi meu amigo, Roland, mais nada. Disse a verdade, ainda que eu não quisesse ouvi-la. Deve ter sido difícil... levando em

conta os seus sentimentos. — Olhou para o temporal que se aproximava.

— Quando soube da captura de Pug, achei que o mundo acabaria.

Tentando ser compreensivo, Roland citou:

— “O primeiro amor é o mais difícil.”

Carline sorriu ao ouvir o ditado.

— É o que dizem. E o que você diz?

Roland forçou uma atitude despreocupada:

— É o que parece, Princesa.

Carline colocou a mão no braço dele.

— Nenhum de nós tem a liberdade de sentir algo diferente daquilo que sentimos, Roland.

O sorriso do Escudeiro ficou ainda mais triste.

— Isso é verdade, Carline.

— Será sempre meu amigo?

A sua voz deixou transparecer uma nota de preocupação genuína que enterneceu o jovem Escudeiro. Estava tentando consertar a relação entre ambos, mas sem a astúcia a que recorria quando era mais nova. A tentativa sincera afastou a frustração que ainda existia por ela não retribuir por completo o seu amor.

— Sim, Carline. Serei sempre seu bom amigo.

Ela se jogou nos braços dele, e Roland abraçou-a com força, a cabeça dela encostada em seu peito. Com delicadeza, ele disse:

— O Padre Tully diz que há amores que chegam inesperadamente como as brisas do mar, e outros que crescem das sementes da amizade. Aguardarei esse fruto, Carline. Porém, se ele não chegar, permanecerei sendo seu amigo.

Ficaram em silêncio por algum tempo, consolando-se mutuamente por motivos diferentes, mas partilhando uma ternura que a ambos fora negada durante dois anos. Estavam ambos perdidos no conforto da proximidade um do outro, e nenhum dos dois viu aquilo que o clarão dos relâmpagos revelou por breves instantes. No horizonte, rumo ao porto, avistava-se um navio.

Os ventos fustigavam os estandartes nas muralhas do castelo quando a chuva começou a cair. À medida que a água ia formando pequenas poças, as lanternas lançavam reflexos amarelados que davam um aspecto sinistro aos dois homens que se encontravam na muralha.

Um clarão de relâmpago iluminou o mar, e um soldado disse:

— Ali! Vossa Alteza viu? Três pontos ao sul dos Rochedos Guardiões.
— Estendeu o braço, indicando o local.

Arutha perscrutou a penumbra, com a testa franzida para se concentrar.

— Não vejo nada nesta escuridão. Está mais escuro do que a alma de um sacerdote de Guiswan. — Quase sem se dar conta, o soldado fez um sinal de proteção ao ouvir o nome do deus assassino. — A torre do farol enviou algum sinal?

— Nenhum, Vossa Alteza. Nem por fogo nem por mensageiro.

Outro clarão iluminou a noite, e Arutha viu o navio delineado à distância. Praguejou.

— Precisará da fogueira de aviso na Ponta Longa para alcançar o porto em segurança. — Sem mais palavra, desceu correndo as escadas que levavam ao pátio. Junto ao portão, ordenou a um soldado que fosse buscar o seu cavalo e que dois cavaleiros o acompanhassem. Enquanto aguardava, a chuva cessou, ficando a noite com um ar límpido, ainda que cálido e úmido. Ao cabo de poucos minutos, Fannon surgiu, vindo da caserna dos soldados.

— O que se passa? Um passeio a cavalo?

— Há um barco rumando para o porto, e não há nenhuma fogueira de aviso acesa na Ponta Longa — respondeu Arutha.

Quando um cavaliço trouxe o cavalo de Arutha, seguido por dois soldados de cavalaria, Fannon disse:

— Sendo assim, parta de imediato. E diga àqueles preguiçosos cabeças-duras no farol que tenho umas palavrinhas para lhes dizer quando terminarem o serviço.

Arutha contara com a oposição de Fannon, e sentiu-se aliviado por isso não ter ocorrido. Montou, e os portões se abriram. Saíram e

dirigiram-se estrada abaixo rumo à cidade.

A chuva breve deixara a noite carregada de odores frescos: as flores ao longo da estrada e o aroma de sal vindo do mar, logo camuflado pelo cheiro acre da madeira queimada dos restos carbonizados das construções destroçadas quando se aproximaram do povoado.

Atravessaram velozmente o burgo tranquilo, seguindo a estrada ao longo do porto. Dois guardas destacados perto do cais fizeram uma rápida continência quando viram o Príncipe passar a toda a velocidade. Os edifícios de janelas fechadas próximos das docas eram testemunhas mudas daqueles que tinham fugido após o ataque.

Saíram da povoação e tomaram o caminho do farol após uma curva na estrada. Fora do burgo, vislumbraram o farol pela primeira vez, no alto de uma ilha de rocha natural que se unia a terra por uma passagem comprida de pedra, onde existia uma estrada de terra firme. Os cascos dos cavalos batiam com um som surdo na estrada enquanto que se aproximavam da torre altaneira. Um relâmpago iluminou o céu, e os três cavaleiros viram o navio dirigindo-se ao porto a todo o pano.

Gritando para os outros, Arutha disse:

— Vão bater nas rochas sem uma fogueira de aviso.

Um dos guardas gritou em resposta:

— Olhe, Alteza. Alguém está fazendo sinais!

Puxaram as rédeas dos cavalos e viram silhuetas na base da torre. Um homem vestido de preto balançava uma lanterna fechada para trás e para a frente. Quem estava no navio podia vê-la nitidamente, mas isso não era possível para alguém que se encontrasse na muralha do castelo. À luz fraca, Arutha viu as formas obscuras de soldados de Crydee. Quatro homens, também vestidos de preto e com capuzes que lhes cobriam os rostos, correram para os cavaleiros. Três desembainharam espadas que traziam às costas, enquanto o quarto fazia pontaria com um arco. O soldado à direita de Arutha gritou quando foi atingido por uma flecha no peito. Arutha investiu com o cavalo contra os três que se aproximavam, derrubando dois enquanto golpeava com a espada, acertando no rosto do outro. O homem tombou sem um som.

O Príncipe deu meia-volta e viu o seu outro companheiro também ocupado, investindo contra o arqueiro. Mais homens de preto precipitaram-se, vindos da torre, correndo em silêncio.

O cavalo relinchou alto e Arutha viu que uma flecha perfurara seu pescoço. Quando o animal começou a cair, o príncipe soltou os pés dos estribos e ergueu a perna esquerda sobre o pescoço da montaria moribunda, pulando para longe pouco antes de ela despencar no chão. Arutha bateu no chão e rolou, pondo-se em pé diante de uma pequena figura vestida de preto que trazia uma longa espada erguida com ambas as mãos. A lâmina comprida desceu veloz, e o príncipe pulou para a esquerda, golpeando com sua própria espada e acertando o homem no peito, para então libertá-la. Como outros anteriormente, o homem de preto caiu sem emitir som algum.

O clarão de outro relâmpago permitiu descortinar os homens que corriam para Arutha vindos da torre. O Príncipe virou-se para mandar o cavaleiro que restava de volta para advertir o castelo, mas a ordem bradada foi interrompida na metade quando viu o homem ser puxado da sela por um bando de silhuetas vestidas de preto. Arutha desviou-se de um golpe do primeiro homem que se aproximou e conseguiu passar por três figuras surpresas. Bateu com o punho da espada no rosto de um quarto homem, na tentativa de derrubá-lo. Só pensava em abrir caminho para conseguir fugir e avisar o castelo. O homem atingido cambaleou para trás, e Arutha tentou saltar para longe dele. O inimigo estendeu a mão e apanhou a perna de Arutha em pleno salto.

O Príncipe bateu na pedra dura e sentiu mãos agarrando freneticamente seu pé direito. Chutou com o pé esquerdo, atingindo o adversário na garganta com a bota. Ao som da traqueia do homem sendo esmagada seguiu-se um movimento convulsivo.

Arutha levantou-se no instante em que outro atacante o alcançava, com outros logo atrás. O Príncipe retrocedeu, tentando distanciar-se um pouco mais. O salto da bota ficou preso em uma rocha e, de súbito, o mundo inclinou-se loucamente. Ficou suspenso no ar por um instante até que os seus ombros foram de encontro à rocha ao esbarrar na borda

da passagem. Bateu em várias outras rochas até ser envolvido pela água gélida.

O choque da água evitou que perdesse os sentidos. Aturdido, prendeu a respiração por instinto, mas lhe restava pouco fôlego. Sem pensar, impeliu-se para cima e emergiu arquejando ruidosa e irregularmente. Apesar de zonzo, conseguiu ainda se controlar e mergulhar quando começaram a cair flechas por perto. Não enxergava nada na obscuridade turva do porto, mas se agarrou às rochas, arrastando-se mais do que nadando. Regressou à extremidade da passagem onde estava localizada a torre, esperando que os atacantes achassem que iria se dirigir para o lado oposto. Veio à superfície discretamente e piscou os olhos para afastar a água salgada. Espreitando ao abrigo do grande rochedo, viu silhuetas negras procurando na escuridão da água. Arutha deslocou-se em silêncio, encostando-se às rochas. Crispava-se com as dores nos músculos e nas articulações enquanto se movia, mas parecia não ter quebrado nada.

Outro clarão iluminou o porto. Arutha viu o navio entrando em segurança no porto de Crydee. Era um navio mercante, porém, aparelhado para ser mais veloz e equipado para a guerra. Quem quer que fosse o timoneiro do navio, era sem dúvida um gênio louco, pois passava pelas rochas com uma margem diminuta, avançando sem hesitação para o cais na curva da passagem. Arutha viu os homens no cordame em um frenesi, metendo a vela nos rizes. No convés, via-se uma companhia de guerreiros vestidos de preto com as armas em riste.

Arutha voltou a atenção para os homens na passagem e viu um deles gesticulando em silêncio para os restantes. Partiram correndo em direção à cidade. Ignorando as dores no corpo, Arutha ergueu-se, transpondo as rochas escorregadias e voltando a alcançar a estrada de terra batida da passagem. Cambaleando ligeiramente, pôs-se de pé e olhou para a cidade. Ainda não havia sinais de agitação, mas sabia que não deviam tardar.

Entre passos cambaleantes e corridos, dirigiu-se à torre do farol e forçou-se a subir as escadas. Por duas vezes, quase desmaiou, mas

chegou ao topo da torre. Viu o vigia morto junto à fogueira de aviso. A lenha embebida em óleo estava protegida das forças da natureza por uma cobertura logo acima. O vento frio soprava pelas janelas abertas de todos os lados do edifício.

Arutha procurou a bolsa da sentinela morta e retirou uma pederneira, um pedaço de ferro e uma mecha. Abriu a portinhola na lateral da cobertura de metal, recorrendo ao corpo para proteger a lenha do vento. A segunda faísca que conseguiu produzir pegou na lenha, e surgiu uma pequena labareda. Espalhou-se rapidamente e, quando o fogo estava bem aceso, Arutha puxou a corrente que erguia a cobertura. Com um ruído audível, as labaredas chegaram ao teto quando o vento atingiu o fogo.

Encostado em uma parede, encontrava-se um frasco de pó misturado por Kulgan para tais emergências. Arutha combateu as tonturas quando voltou a se agachar para tirar a faca do cinto do homem morto. Com ela, abriu a tampa do frasco e atirou todo o conteúdo no fogo.

De imediato, as labaredas ganharam um vivo tom escarlate, criando um sinal de advertência que ninguém iria confundir com uma fogueira normal. Arutha virou-se para o castelo, afastando-se da janela para não bloquear a luz. As labaredas ardiam cada vez mais brilhantes, e o Príncipe sentiu a mente uma vez mais se esvaziando. A noite permaneceu silenciosa durante muito tempo, mas, de súbito, soou o alarme no castelo. Arutha sentiu-se aliviado. A fogueira vermelha era sinal de salteadores no porto, e a guarnição do castelo estava bem instruída para enfrentar tais incursões. Fannon podia ser cauteloso no que dizia respeito a escorraçar os tsurani até a floresta à noite, mas não hesitaria em reagir a um navio pirata em seu porto.

Arutha desceu as escadas cambaleando, parando para se apoiar na porta. Todo o corpo lhe doía, e estava prestes a sucumbir às tonturas. Respirou fundo e tomou o caminho do povoado. Quando chegou perto do cavalo morto, procurou a espada, lembrando-se depois que a tinha levado com ele para o porto. Caminhou aos tropeços até onde um dos seus cavaleiros jazia, junto a um arqueiro vestido de preto. O Príncipe

abaixou-se para pegar a espada do soldado caído, quase desmaiando ao se levantar. Ficou em pé por um momento, receando perder os sentidos ao avançar, aguardando até que o zumbido diminuisse. Levantou a mão devagar e tocou a cabeça. Um ponto particularmente dolorido, onde estava se formando um grande galo, revelava que tinha batido violentamente com a cabeça pelo menos uma vez ao cair da passagem. Os dedos ficaram pegajosos com o sangue coagulado. Arutha começou a dirigir-se à cidade, mas mal dava um passo e o zunido recomeçava. Ainda cambaleou algum tempo, depois tentou forçar-se a correr, mas após três passadas instáveis retomou o andar desajeitado. Apresou o passo tanto quanto lhe era possível, fazendo a curva na estrada de onde já avistava o castelo. Ouviu sons de combates ao longe. À distância, via a luz escarlate dos incêndios que se erguiam em direção ao céu à medida que os edifícios pegavam fogo. Os gritos de homens e mulheres soavam inusitadamente distantes e abafados nos ouvidos de Arutha.

Forçou-se a andar rapidamente e, ao aproximar-se da cidade, a antecipação da batalha afastou à força muito do nevoeiro que lhe toldava a mente. Virou para seguir ao longo do porto; com os edifícios das docas ardendo, estava claro como se fosse dia, mas não se avistava ninguém. O barco dos salteadores estava atracado junto ao cais, com um portaló ligando-o à doca. Arutha aproximou-se sorrateiramente, temendo que guardas tivessem ficado protegendo a embarcação. Ao chegar ao portaló, não se ouvia nada. Os sons dos combates chegavam de longe, como se todos os salteadores tivessem entrado até os confins da cidade.

Ao se virar, ouviu uma voz vindia do navio:

— Pela misericórdia dos deuses! Há alguém aí? — A voz era grave e poderosa, embora com uma nota controlada de terror.

Arutha subiu o portaló às pressas, com a espada a postos. Parou ao chegar ao alto. Pela cobertura da escotilha da proa, via fogo ardendo no porão. Olhou em volta: por todo lado para onde olhasse, via marinheiros que jaziam mortos no seu próprio sangue. Da parte de trás do navio, veio uma voz:

— Você. Se for um homem do Reino temente aos deuses, venha me ajudar.

Arutha ziguezagueou pelo meio da carnificina e deu com um homem encostado na amurada de estibordo. Era grande, de ombros e peito largos. Podia ter entre vinte e quarenta anos. Segurava a lateral de sua grande barriga com a mão direita, e o sangue escorria pelos dedos. O cabelo preto e encaracolado estava afastado para trás a partir das entradas, e tinha uma barba preta e curta. Conseguiu esboçar um sorriso ao indicar uma figura vestida de preto que jazia por perto.

— Os malditos mataram a minha tripulação e botaram fogo no meu navio. Aquele cometeu o erro de não me matar de imediato. — Indicou uma parte de uma verga caída que estava prendendo suas pernas. — Não consigo deslocar aquela maldita verga e segurar as minhas entranhas ao mesmo tempo. Se conseguir erguê-la um pouco, acho que consigo me arrastar.

Arutha viu onde estava o problema: o homem se achava preso debaixo da extremidade mais curta da verga, enredado em um aglomerado de cordas e de poleames. Agarrou a extremidade mais comprida e ergueu-a com esforço, movendo-a somente alguns centímetros, que bastaram. Com um som que ficava entre o grunhido e o gemido, o homem ferido puxou as pernas.

— Creio que não estão quebradas, rapaz. Ajude-me a levantar e veremos.

Arutha estendeu-lhe a mão e quase perdeu o equilíbrio ao ajudar o homem troncudo a se levantar.

— Bem — disse o homem ferido. — Você também não está em grande forma para lutar, não é?

— Estou bem — disse Arutha, apoiando o homem enquanto combatia a vontade de vomitar.

O marujo apoiou-se em Arutha.

— Sendo assim, é melhor irmos depressa. O fogo está se alastrando.

— Com a ajuda de Arutha, o homem conseguiu transpor o portaló. Quando chegaram ao cais, ofegantes, o calor estava se intensificando.

— Não pare! — arquejou o homem ferido.

Arutha assentiu e passou o braço do homem por cima do ombro. Partiram pelo cais, cambaleando como dois marinheiros embriagados na cidade.

Subitamente, ouviu-se um ribombar, e ambos foram atirados ao chão. O Príncipe sacudiu a cabeça aturdida e virou-se. Atrás dele, uma enorme torre de chamas erguia-se até o céu. O navio não passava de uma tênue silhueta negra no centro de uma ofuscante coluna de fogo amarela e branca. Foram inundados por ondas de calor, como se estivessem à boca de uma fornalha gigantesca.

Arutha conseguiu dizer, com a voz enrouquecida:

— O que foi aquilo?

O seu companheiro deu uma resposta igualmente débil:

— Duzentos barris de óleo inflamável de Queg.

— Não mencionou que transportavam óleo inflamável no navio — disse Arutha, incrédulo.

— Não queria que ficasse nervoso. Já parece meio morto. Das duas uma: ou conseguíramos sair dali, ou ali ficaríamos.

Arutha tentou levantar-se, mas caiu para trás. De repente, sentiu-se muito confortável descansando na pedra fria do cais. Viu o incêndio começar a esmorecer perante os seus olhos até ficar tudo às escuras.

Arutha abriu os olhos e viu formas desfocadas por cima dele. Piscou, e as imagens ficaram mais nítidas. Carline rondava junto a seu catre, olhando com ansiedade enquanto o Padre Tully o examinava. Por detrás de Carline, Fannon observava, e ao seu lado estava um homem desconhecido. Foi então que Arutha se recordou dele.

— O homem do navio.

Ele sorriu.

— Amos Trask, até há pouco capitão do *Sidonie*, até aqueles bast... perdão, Princesa... até aquelas malditas ratazanas de terra lhe tocarem fogo. Aqui presente graças a Vossa Alteza.

— Como se sente? — interrompeu Tully.

Arutha sentou-se, percebendo que o corpo era uma massa de dores atenuadas. Carline colocou almofadas atrás do irmão.

— Cansado, mas vou sobreviver. — Sentiu a cabeça girar. — Estou com tontura.

Tully olhou de cima para a cabeça de Arutha.

— Não me admira. Fez um belo corte. É possível que se sinta zonzo nos próximos dias, mas não creio que seja grave.

Arutha olhou para o Mestre de Armas.

— Quanto tempo?

— Uma patrulha o trouxe ontem à noite. Já é manhã — respondeu Fannon.

— A investida?

Fannon sacudiu a cabeça com tristeza.

— O povoado foi destruído. Conseguimos matar todos, mas em Crydee não resta uma única construção em pé. A aldeia de pescadores na extremidade sul do porto está intacta, mas, fora isso, todo o resto foi assolado.

Carline não parava de andar em volta de Arutha, aconchegando a roupa de cama e ajeitando as almofadas.

— Deve repousar.

— Agora o que tenho é fome — disse Arutha.

A Princesa levou-lhe uma tigela de caldo de carne quente. Sujeitou-se ao caldo leve no lugar de comida sólida, mas não permitiu que a irmã lhe desse a comida na boca. Entre as colheradas, disse:

— Conte-me o que aconteceu.

Fannon mostrou-se perturbado:

— Foram os tsurani.

As mãos de Arutha detiveram-se, com a colher a meio caminho entre a tigela e a boca.

— Os tsurani? Achei que eram salteadores, das Ilhas do Ocaso.

— De início, também foi o que achamos, mas, depois de falarmos aqui com o Capitão Trask, e com os escravos tsurani que estão conosco, conseguimos reconstituir uma imagem daquilo que aconteceu.

Tully prosseguiu o relato:

— Pela história que os escravos contaram, esses homens foram escolhidos a dedo. Chamam de investida mortal. São enviados para entrar em uma cidade, destruir tudo o que conseguirem e morrer sem possibilidade de fuga. Incendiaram o navio não só como símbolo da sua dedicação como também para que ele e sua carga não chegassem a nós. Do que disseram, depreendo que seja considerado um ato de grande honra.

Arutha olhou para Amos Trask.

— Como conseguiram tomar o seu navio, Capitão?

— Ah, essa é uma história triste, Alteza. — Inclinou-se ligeiramente para a direita e Arutha recordou-se do ferimento do homem.

— Como está o seu flanco?

Trask deu um sorriso, a alegria visível nos olhos escuros.

— Um ferimento complicado, mas não foi grave. O bom padre me deixou novo, Alteza.

Tully emitiu um som irônico.

— Este homem devia estar em repouso. Os ferimentos dele são mais graves do que os seus. Não quis se ausentar até ver que você estava bem.

Trask ignorou o comentário:

— Já passei por coisas piores. Uma vez lutamos com uma galera de guerra de Queg que se transformara em um perigoso navio pirata e... bem, essa é outra história. Perguntou sobre o meu navio. — Mancou até o catre de Arutha. — Estábamos fazendo a viagem de ida, vindo de Palanque com um carregamento de armas e óleo inflamável. Considerando a situação, achei que iria vender tudo facilmente. Enfrentamos os estreitos logo no início da estação, para nos adiantarmos em relação aos outros navios, ou pelo menos assim esperávamos.

“Porém, ainda que tivéssemos atravessado cedo, pagamos o preço. Fomos assolados por uma gigantesca tempestade vindia do sul que nos fez desgarrar durante uma semana. Quando acalmou, navegamos para leste, rumo à costa. Pensei que não teríamos dificuldades em determinar a nossa posição a partir de pontos de referência em terra. Quando

avistamos terra, ninguém a bordo reconheceu coisa alguma. Como nenhum de nós tinha viajado ao norte de Crydee, calculamos corretamente que tínhamos nos afastado mais do que pensávamos.

“De dia, navegávamos junto à costa, ancorando durante a noite, pois eu temia bancos de areia e recifes desconhecidos. Na terceira noite, os tsurani chegaram da costa, a nado, como um grupo de golfinhos. Mergulharam por baixo do navio e surgiram de ambos os lados. Quando acordei com o alvoroço no convés, já havia uns tantos daqueles bast... perdão, Princesa... daqueles tsurani me prendendo as mãos e as pernas. Demoraram somente alguns minutos para tomarem o meu navio.”

Seus ombros caíram ligeiramente.

— É difícil perder um navio, Alteza.

Fez uma careta, e Tully levantou-se, levando Trask para se sentar no banco ao lado de Arutha. Trask prosseguiu o relato:

— Não entendíamos o que diziam; a língua deles combina melhor com macacos do que com homens; eu próprio falo cinco idiomas civilizados e consigo “falar por gestos” em outros doze. Como dizia, não conseguíamos entender aquela algazarra, mas deixaram bem claras as suas intenções.

“Estudaram atentamente meus mapas. — Fez uma careta ao lembrar-se. — Adquiri-os de modo legal e honesto com um capitão aposentado em Durbin. Havia cinquenta anos de experiência naqueles mapas, desde aqui de Crydee até a costa mais oriental da Confederação Keshiana, e eles os atiravam para o chão da minha cabine como lonas velhas, até encontrarem o que queriam. Entre eles, havia alguns marinheiros, pois, assim que identificaram os mapas, colocaram-me a par dos seus planos.

“Chamem-me de marinheiro de água doce, mas tínhamos lançado âncora somente a poucos quilômetros ao norte do promontório acima do farol. Se tivéssemos continuado a navegar mais um pouco, já estaríamos atracados em segurança no porto de Crydee há dois dias.”

Arutha e os outros nada disseram. Trask continuou:

— Foram até o porão de carga e começaram a atirar as mercadorias no mar, não importava o que fossem. Mais de quinhentas espadas

queguianas no mar. Piques, lanças, arcos, tudo, talvez para evitarem que alguma daquelas coisas chegasse a Crydee, de uma maneira ou de outra. Não sabiam o que fazer com o óleo inflamável de Queg, os barris precisariam de um guindaste da doca para retirá-los do porão, por isso, não mexeram neles. No entanto, certificaram-se de que não houvesse nenhuma arma a bordo, a não ser as que estavam nas mãos deles. Foi então que algumas daquelas ratazanas vestiram aqueles panos pretos, nadaram para terra e avançaram à beira-mar até o farol. Durante esse tempo, os que tinham ficado rezavam, de joelhos, balançando para trás e para a frente, exceto alguns, armados com arcos, que vigiavam a minha tripulação. De repente, cerca de três horas depois do pôr do sol, levantaram-se e começaram a chutar os meus homens, apontando no mapa para o porto. Nós içamos vela e seguimos costa abaixo. O resto você já sabe. Acho que devem ter pensado que aqui ninguém contaria com um ataque vindo do mar.

— E estavam certos — disse Fannon. — Desde a última vez que nos atacaram, reforçamos as patrulhas na floresta. Não conseguiriam se aproximar a um dia de caminhada de Crydee sem que soubéssemos. Dessa forma, apanharam-nos desprevenidos. — O idoso Mestre de Armas pareceu cansado e amargurado. — Agora a cidade está destruída, e temos o pátio do castelo tomado de gente atemorizada.

Trask também pareceu amargurado:

— Desembarcaram a maior parte dos homens deles rapidamente, mas deixaram duas dúzias para chacinar os meus homens. — Uma expressão de dor atravessou-lhe o rosto. — Era um grupo difícil, os meus rapazes, mas bons homens de modo geral. Não nos demos conta do que estava acontecendo até vermos os primeiros dos meus rapazes tombarem do mastro com flechas tsurani espetadas, esvoaçando como pequenas bandeiras ao caírem na água. Pensamos que iriam nos obrigar a levá-los dali. Acreditaram, meus rapazes lutaram com bravura. Mas começaram tarde demais. Varas e malaguetas não fazem frente a homens armados com espadas e arcos.

Trask suspirou profundamente, a dor causada, em igual medida pela história e pelo ferimento, estampada no rosto.

— Trinta e cinco homens. Ratazanas das docas, sanguinários e assassinos, mas eram a minha tripulação. Só eu tinha autorização para matá-los. Rachei o crânio do primeiro tsurani que me atacou, tirei-lhe a espada e matei outro. Mas o terceiro derrubou-a da minha mão e me trespassou. — Solto uma gargalhada curta e áspera. — Parti-lhe o pescoço. Desmaiei por algum tempo. Devem ter achado que eu estava morto. Quando recobrei a consciência, o navio já ardia e comecei a gritar. Então o vi subindo o portaló.

— É um homem ousado, Amos Trask — disse Arutha.

Uma expressão de profundo sofrimento atravessou o rosto do homem encorpado.

— Não ousado o suficiente para manter o meu navio, Alteza. Agora sou nada mais do que outro marujo encalhado.

— Basta por ora, Arutha — disse Tully. — Você precisa repousar. — Pôs a mão no ombro de Amos Trask. — Capitão, fará bem em seguir o exemplo do Príncipe. O seu ferimento é mais grave do que quer admitir. Vou conduzi-lo a um quarto onde poderá descansar.

O capitão levantou-se e Arutha chamou:

— Capitão Trask.

— Sim, Alteza?

— Aqui em Crydee precisamos de bons homens.

Um vislumbre de humor atravessou o rosto do marujo.

— Agradeço, Alteza. No entanto, sem navio, não sei que utilidade eu possa ter.

— Fannon e eu certamente conseguiremos encontrar muitas tarefas com as quais você poderá se entreter — respondeu Arutha.

O homem fez uma leve mesura, limitado pelo flanco ferido. Saiu com Tully. Carline beijou Arutha no rosto, dizendo:

— Agora, descanse. — Pegou a tigela, e Fannon acompanhou-a para fora do quarto. Arutha adormeceu antes de fecharem a porta.

Ataque

Carline atacou.

Manteve a ponta da espada baixa, dirigindo um golpe fatal ao estômago. Roland mal conseguiu esquivar-se da estocada, batendo violentamente com a lâmina da sua espada e afastando a dela. Deu um salto para trás e, por um instante, perdeu o equilíbrio. Carline percebeu a hesitação e voltou a investir. Roland riu ao se esquivar repentinamente com um pulo, desviando a espada dela uma vez mais e logo se afastando do alcance da Princesa. Atirando a espada com agilidade da mão direita para a esquerda, estendeu o braço e agarrou-lhe o pulso da mão que segurava a espada, desequilibrando-a. Fez com que rodasse, colocando-se atrás dela. Com o braço esquerdo, agarrou-a pela cintura, tendo cuidado com o gume da sua espada, e puxou-a para junto dele. A Princesa debateu-se contra a força superior do Escudeiro, mas, como ele estava atrás dela, pouco mais podia fazer para atingi-lo, a não ser rogar-lhe pragas ameaçadoras.

— Foi trapaça! Uma trapaça abominável — exclamou aborrecida.

Chutava em vão enquanto Roland dava gargalhadas.

— Não se esgote dessa forma, mesmo quando lhe pareça um golpe certeiro. Tem boa velocidade, mas insiste demais. Aprenda a ser paciente. Aguarde uma abertura, e então ataque. Se perder o equilíbrio

assim, é certo que morrerá. — Deu-lhe um beijo apressado no rosto e empurrou-a sem cerimônia.

Carline tropeçou para a frente, recuperou o equilíbrio e virou-se.

— Trapaceiro! Abusa de um membro da família real? — Avançou para ele, com a espada em riste, circundando devagar à esquerda. Com o pai ausente, Carline importunara Arutha para que autorizasse Roland a ensiná-la a esgrimir. O seu último argumento fora: “O que farei se os tsurani invadirem o castelo? Vou atacá-los com as agulhas de bordado?” Arutha cedera, mais por cansaço com o tormento constante do que pela convicção de que a irmã viesse efetivamente a usar a arma.

De súbito, Carline lançou um ataque furioso com a espada no alto, forçando Roland a recuar pelo pequeno pátio atrás da torre. Ele ficou encostado em um muro baixo e aguardou. A Princesa voltou a investir, Roland afastou-se agilmente para o lado, e a ponta acolchoada do florete de Carline atingiu o muro um instante depois de ele ter saído dali. Passou por ela com um salto, batendo-lhe no traseiro de modo brincalhão com o lado da lâmina, e assumiu posição de combate atrás dela.

— E não perca a compostura, sob pena de também perder a cabeça.

— Oh! — exclamou ela, girando para enfrentá-lo. A expressão da garota estava entre a raiva e a diversão. — Monstro!

Roland não se mexeu, com um olhar de falso arrependimento no rosto. Carline mediou a distância entre ambos e começou a avançar devagar. Vestia calças justas de homem — para desespero de Lady Marna — e uma túnica masculina apertada na cintura pelo cinto da espada. Ao longo do último ano, a sua figura ganhara formas, e o traje justo beirava o escandaloso. Aos dezoito anos de idade, Carline nada tinha de infantil. As botas pretas especialmente trabalhadas que usava até o tornozelo pisavam com cautela o chão ao percorrer a distância que os separava, e o seu longo e lustroso cabelo preto estava preso em uma única trança que balançava livre em torno dos ombros.

Roland apreciava essas sessões com a Princesa. Tinham redescoberto muito da diversão brincalhona de antigamente, e Roland mantinha a

esperança prudente de que os sentimentos que Carline nutria por ele pudessem estar se tornando algo mais do que amizade. No ano que passara desde a partida de Lyam, tinham treinado juntos ou feito passeios a cavalo, quando era considerado seguro, nos arredores do castelo. Esse tempo juntos tinha acalentado um sentido de companheirismo que antes não fora possível. Embora mais sensata do que antes, Carline recuperara o entusiasmo e o senso de humor.

Roland ficou absorto em seus pensamentos por um instante. A menininha mimada e caprichosa já não existia. A criança petulante e exigente devido ao aborrecimento que a sua posição social acarretava fazia parte do passado. O lugar agora era ocupado por uma jovem mulher convicta e determinada, moderada por duras lições.

Roland piscou e viu a ponta da espada junto à sua garganta. Atirou a arma para o chão com jeito de brincadeira, dizendo:

— Senhora, rendo-me!

Carline riu.

— Estava sonhando acordado com o quê, Roland?

Ele afastou com delicadeza a ponta da espada da Princesa.

— Estava me lembrando de como Lady Marna ficou perturbada quando você vestiu essa roupa pela primeira vez para montar e voltou toda suja e em um estado nada nobre.

Carline sorriu ao se recordar.

— Achei que Lady Marna iria ficar acamada uma semana inteira. — Embainhou a espada. — Quem me dera ter mais motivos para poder usar mais vezes estes trajes. São muito confortáveis.

Roland assentiu, com um sorriso de orelha a orelha.

— E também extremamente encantadores. — Lançou um olhar malicioso pelo modo como a roupa envolvia o corpo curvilíneo de Carline. — Embora eu esteja certo de que isso se deve a quem os veste.

A Princesa empinou o nariz em sinal de desaprovação.

— É um trapaceiro bajulador, senhor. Além de devasso.

Com uma risada abafada, Roland apanhou a espada.

— Acho que basta por hoje, Carline. Não suporto mais do que uma derrota esta tarde. Se voltasse a acontecer, teria de deixar o castelo por causa da vergonha.

Carline arregalou os olhos ao desembainhar a espada, e Roland percebeu que o gracejo surtira efeito.

— Ah! Humilhado por uma simples garota, é isso? — disse ela, avançando com a espada em riste.

Rindo, Roland colocou a sua espada em posição, recuando.

— Ora, mas que indecoroso.

Apontando a espada, fixou-o com um olhar irritado.

— Já me bastam as preocupações de Lady Marna com os meus modos, Roland. Não preciso de um bufão como você para me dar ordens.

— Bufão! — exclamou o Escudeiro, dando um salto para a frente. Ela aparou a lâmina e revidou, quase o atingindo. Roland deteve a investida com a sua lâmina, fazendo-a deslizar ao longo da dela até ficarem corpo a corpo. Agarrou-lhe o pulso da espada com a mão livre e sorriu.

— Não queira jamais se ver nesta posição. — Ela debateu-se para se libertar, mas ele a tinha bem segura. — A menos que os tsurani comecem a mandar as mulheres nos atacar, quase todos os seus adversários serão mais fortes do que você, e assim poderão dominá-la.
— Dito isso, puxou-a bruscamente e a beijou.

Ela recuou, com uma expressão admirada no rosto. De repente, a espada caiu-lhe dos dedos, e ela agarrou Roland. Puxando-o com uma força surpreendente, beijou-o com uma paixão que correspondeu à dele.

Quando ele se afastou, Carline contemplou-o com um olhar de surpresa misturada com desejo. O seu rosto abriu-se em um sorriso e os seus olhos brilharam. Em voz baixa, disse:

— Roland, eu...

Ouviu-se o sinal de alarme no castelo e das muralhas do outro lado da torre veio o grito:

— Ataque!

Roland praguejou em voz baixa e afastou-se.

— Que sorte inoportuna e amaldiçoada pelos deuses. — Dirigiu-se à passagem que levava ao pátio principal. Com um sorriso, virou-se e disse: — Não se esqueça do que ia dizer, Lady Carline. — A boa disposição desvaneceu-se quando a viu segui-lo, de espada na mão. — Aonde você vai? — perguntou com aspereza.

Em ar de desafio, Carline respondeu:

— Para as muralhas. Não quero ficar sentada nos porões.

Com firmeza, o Escudeiro disse:

— Não. Você nunca entrou em um combate real. Como esporte, maneja bem a espada, mas não arriscarei que fique petrificada quando cheirar sangue pela primeira vez. Vá para os porões com as outras senhoras e tranquem-se lá.

Roland nunca se dirigira a ela naquele tom, o que a deixou espantada. Sempre fora o malandro brincalhão ou o amigo gentil. De repente, tornara-se um homem diferente. Começou a protestar, mas ele a interrompeu. Agarrou-a pelo braço, conduzindo e arrastando-a em igual medida na direção das portas do porão.

— Roland! — gritou a Princesa. — Largue-me!

— Irá para onde foi mandada — disse ele com serenidade. — E eu irei para onde me mandaram. Não há lugar para discussões.

Carline puxou para se libertar, mas Roland não cedia.

— Roland! Largue-me imediatamente! — exigiu.

Ele continuou a ignorar os protestos da Princesa, arrastando-a pela passagem. Na porta do porão, um guarda espantado observava o casal que se aproximava. Roland deteve-se e impeliu Carline para a porta com um empurrão que pouco teve de delicado. De olhos arregalados de raiva, Carline dirigiu-se ao guarda:

— Prenda-o! Imediatamente! Ele... — A ira elevou sua voz, chegando a um volume nada apropriado para uma senhora — ...me agarrou!

O guarda hesitou, olhando para um e para outro, então começou a dirigir-se com medo para o Escudeiro. Roland levantou um dedo em advertência, apontando-o ao guarda a menos de dois centímetros do nariz do homem.

— Você irá acompanhar Sua Alteza até o lugar de abrigo que lhe foi destinado. Ignorará os seus protestos e, caso tente escapar, irá impedi-la. Compreende? — A sua voz não deixou dúvida de que falava muito a sério.

O guarda confirmou, embora continuasse a mostrar-se relutante em tocar na Princesa. Sem tirar os olhos do rosto do soldado, Roland empurrou Carline em direção à porta com delicadeza e disse:

— Caso eu venha a saber que a Princesa saiu do porão antes de soar o sinal de que o castelo está seguro, vou me certificar de que o Príncipe e o Mestre de Armas sejam informados de que você permitiu que ela corresse perigo.

Isso bastou para o guarda. Podia não entender quem tinha precedência entre uma Princesa e um Escudeiro quando estavam sendo alvo de um ataque, mas não tinha dúvida do que o Mestre de Armas faria em tais circunstâncias. Virou-se para a porta do porão antes que Carline tivesse oportunidade de se virar e disse:

— Alteza, por aqui — forçando-a a descer os degraus. Carline recuou pelas escadas, irritada. Roland fechou a porta atrás deles. A Princesa virou-se depois de mais um passo de costas e desceu com altivez. Quando chegaram ao local atribuído às mulheres do castelo e da cidade durante os ataques, Carline deparou-se com outras que já ali estavam, todas juntas e mortas de medo.

O guarda arriscou uma continênciam como desculpa, dizendo:

— Com o perdão da Princesa, mas o Escudeiro pareceu-me bastante determinado.

Subitamente, o semblante carrancudo da Princesa desapareceu e, no seu lugar, surgiu um leve sorriso.

— Sim, parecia muito determinado, não parecia? — perguntou ela.

...

Entraram cavaleiros a galope no pátio, e os pesados portões fecharam-se atrás deles. Arutha, que observava das muralhas, virou-se para Fannon, que disse:

— Que grande azar.

— A sorte e o azar nada têm a ver com tudo isto — retorquiu Arutha.

— Os tsurani certamente não irão atacar enquanto a vantagem estiver do nosso lado. — Parecia tudo tranquilo, excetuando a cidade queimada que servia de constante lembrança da guerra. Contudo, ele também sabia que além da cidade, nas florestas ao norte e nordeste, reunia-se um exército. Além disso, de acordo com todos os relatos que chegavam, cerca de dois mil tsurani marchavam rumo a Crydee.

— Volte para dentro, seu cão desmamado mordido por ratazanas.

Arutha olhou para o pátio abaixo e viu Amos Trask chutando a figura de um pescador em pânico, que voltou correndo para um dos muitos abrigos toscos levantados no interior das muralhas para instalar os últimos habitantes desalojados que não tinham partido para o sul. Grande parte das pessoas da cidade embarcara rumo a Carse após a investida mortal, mas algumas tinham permanecido durante o inverno. Tirando alguns pescadores que ficariam para darem a sua contribuição na alimentação da guarnição, estava previsto que os outros embarcassem para Carse e Tulan na primavera seguinte. Contudo, os primeiros navios da estação só eram esperados dali a várias semanas. Como a sua embarcação fora incendiada no ano anterior, Amos ficara encarregado dessa gente, impedindo que atrapalhassem e causassem grandes perturbações no castelo. O antigo capitão de mar revelara-se muito útil nas primeiras semanas após o incêndio que consumira a cidade. Amos possuía o talento natural para comandar e manteve os pescadores brutos, mal-educados e individualistas na linha. Arutha julgava-o um fanfarrão, um mentiroso e, certamente, um pirata, mas de modo geral era agradável.

Gardan subiu as escadas que vinham do pátio, com Roland atrás, e bateu continência ao Príncipe e ao Mestre de Armas, dizendo:

— Foi a última patrulha, senhor.

— Quer dizer que nos resta esperar por Martin do Arco — disse Fannon.

Gardan sacudiu a cabeça.

— Ninguém o avistou, senhor.

— Isso é porque Martin do Arco está certamente muito mais perto dos tsurani do que qualquer soldado de bom senso se atreveria a ir — arriscou Arutha. — Em sua opinião, quanto tempo demorará até que o resto dos tsurani chegue aqui?

Indicando o nordeste, Gardan respondeu:

— Menos de uma hora, se não pararem. — Olhou para o céu. — Eles têm menos de quatro horas de luz. Devemos esperar um ataque antes do anoitecer. O mais provável é que tomem posição, façam os homens descansar e ataquem ao amanhecer.

Arutha olhou de relance para Roland.

— As mulheres estão a salvo?

Roland fez uma careta.

— Todas, ainda que sua irmã deva ter umas palavras nada simpáticas a dizer sobre mim quando isto acabar.

Arutha também fez uma careta.

— Quando isto acabar, tratarei do assunto. — Olhou ao redor. — Agora aguardemos.

Os olhos do Mestre de Armas percorreram a paisagem ilusoriamente tranquila diante eles. A sua voz continha uma nota de preocupação misturada com determinação ao dizer:

— Sim, agora aguardemos.

Martin levantou a mão. Os três batedores detiveram-se. O bosque estava tranquilo, tanto quanto podiam dizer, mas os três sabiam que os sentidos de Martin eram muito mais aguçados do que os deles. Pouco depois, seguiu adiante, fazendo o reconhecimento.

Desde a madrugada, ao longo de dez horas, vinham observando a linha de marcha dos tsurani. Tanto quanto Martin conseguia perceber, os tsurani tinham sido rechaçados uma vez mais de Elvandar nos vaus

ao longo do rio e estavam agora concentrando a atenção no castelo de Crydee. Durante três anos, os tsurani tinham andado entretidos em quatro frentes: os exércitos do Duque no leste, os elfos e os anões ao norte, o forte de Crydee a oeste e, ao sul, a Irmandade da Senda das Trevas, juntamente com os goblins.

Os batedores tinham se mantido próximos dos soldados que abriam caminho, por vezes até perto demais. Por duas vezes, viram-se forçados a fugir de atacantes, guerreiros tsurani obstinados em seguir o Mestre de Caça de Crydee e seus homens. Conseguiram alcançá-los em uma dessas ocasiões, e Martin perdeu um de seus homens no combate.

Martin emitiu o grasnado rouco de um corvo e, passados poucos minutos, os três batedores que restavam juntaram-se a ele. Um deles, um jovem de expressão séria que se chamava Garret, disse:

— Estão se deslocando muito mais para oeste do local onde achei que fossem virar.

Martin refletiu.

— Sim, acho que devem estar planejando cercar todo o terreno ao redor do castelo. Ou podem apenas pretender atacar de um ponto imprevisto. — Depois, com um sorriso forçado, acrescentou: — Mas o mais provável é que estejam simplesmente esquadrinhando a área antes de darem início ao ataque, para assim se certificarem de que ninguém os atormentará na retaguarda.

— Certamente devem ter conhecimento de que reparamos por onde passam — disse outro batedor.

O sorriso contrafeito de Martin do Arco aumentou.

— Não tenho a menor dúvida. Suponho que não estão preocupados com as nossas idas e vindas. — Sacudiu a cabeça. — Esses tsurani são uma corja arrogante. — Apontando, disse: — Garret vem comigo. Vocês dois, sigam para o castelo. Informem o Mestre de Armas de que se dirigem a Crydee mais de dois mil tsurani. — Sem mais, os dois homens partiram velozes em direção ao castelo.

Ao companheiro que ficou, falou de modo descontraído:

— Venha, vamos voltar ao inimigo em marcha para ver o que andam tramando.

Garret sacudiu a cabeça.

— A sua boa disposição não ajuda em nada a acalmar minha mente preocupada, Mestre de Caça.

Voltando pelo caminho por onde tinham vindo, Martin do Arco disse:

— Para a morte, qualquer hora serve. Chegará quando tiver de chegar. Assim sendo, para que tanta inquietação?

— É verdade — concordou Garret, o ar sério revelando que não ficara convencido. — Para quê? Não é a chegada da morte quando lhe aprouver que me inquieta; é o convite que você faz que me dá arrepios.

Martin riu baixinho. Gesticulou para que Garret o acompanhasse. Prosseguiram velozmente, avançando a passos largos. A floresta estava iluminada pelo sol, mas eram muitos os lugares sombrios entre os troncos grossos onde um inimigo atento podia estar à espreita. Garret deixou que o discernimento competente de Martin do Arco decidisse quanto à segurança daqueles esconderijos. Foi então que, como se fossem um, os dois homens pararam ao ouvirem um ruído. Sorrateiramente, esconderam-se em um matagal sombrio. Um minuto se passou, vagaroso, sem que nenhum deles falasse. Por fim, ouviram um sussurro tênue, cujas palavras não entenderam.

Surgiram duas silhuetas no campo de visão dos dois homens, deslocando-se com cautela por um caminho de norte para sul que cruzava com aquele que Martin estava seguindo. Ambos trajavam compridos mantos cinzentos e traziam os arcos a postos. Pararam, e um deles ajoelhou-se para estudar as pistas deixadas por Martin do Arco e pelos batedores. Apontou para o caminho e dirigiu-se ao companheiro, que fez um aceno com a cabeça e regressou por onde viera.

Martin do Arco ouviu Garret assobiar ao inspirar. Era um batedor da Irmandade da Senda das Trevas que examinava aquela área. Após procurar por uns instantes, seguiu o companheiro.

Garret começou a se mexer, e Martin agarrou-o pelo braço.

— Ainda não — sussurrou, e Garret respondeu no mesmo tom:

— O que eles estão fazendo tão ao norte?

Martin sacudiu a cabeça.

— Avançaram discretamente atrás das nossas patrulhas ao longo dos sopés. Relaxamos no sul, Garret. Nunca pensamos que iriam avançar para o norte e que se afastariam tanto para oeste das montanhas. — Aguardou calado um instante, sussurrando em seguida: — Quem sabe tenham se cansado do Coração Verde e estejam tentando chegar às Terras do Norte para se juntarem aos irmãos.

Garret começou a falar, mas se calou quando outro Irmão das Trevas surgiu no ponto deixado livre pelos outros pouco tempo antes. Olhou ao redor e ergueu a mão fazendo sinal. Outras figuras surgiram ao longo do caminho que cruzava com aquele que os homens de Martin tinham percorrido. Sozinhos, dois a dois, três a três, os Irmãos das Trevas atravessaram o caminho, desaparecendo depois entre as árvores.

Garret prendia a respiração. Ouvia Martin contando em voz muito baixa à medida que as figuras atravessavam o seu campo de visão:

— ...dez, doze, quinze, dezesseis, dezoito...

A torrente de figuras de mantos escuros continuou, aparentemente interminável para Garret.

— ...trinta e um, trinta e dois, trinta e quatro...

Enquanto decorria a travessia, surgiam cada vez mais Irmãos, até que, passado algum tempo, Martin sussurrou:

— São mais de uma centena.

E continuavam passando, alguns carregando trouxas às costas e nos ombros. Muitos trajavam mantos cinzentos como as montanhas, mas outros vestiam roupas verdes, marrons ou pretas. Garret inclinou-se mais para Martin e sussurrou:

— Tem razão. É uma migração para o norte. Contei mais de duzentos. Martin assentiu.

— Continuam passando.

Durante muitos outros minutos, os Irmãos das Trevas atravessaram o caminho, até que a torrente de guerreiros deu lugar a mulheres e

crianças esfarrapadas. Por fim, atravessou uma companhia de vinte combatentes, e a área ficou silenciosa.

Aguardaram calados por um momento.

— São realmente parentes dos elfos para conseguirem deslocar tanta gente pela floresta durante tanto tempo sem serem detectados — disse Garret.

Martin sorriu.

— Aconselho-o a omitir esse fato de qualquer elfo que venha a encontrar. — Levantou-se devagar, alongando os músculos travados pela longa espera nos arbustos. Um som fraco chegou do leste, e Martin assumiu uma expressão pensativa.

— A que distância acha que estão os Irmãos das Trevas?

— A retaguarda do grupo está a cerca de cem metros. A vanguarda talvez esteja a uns quatrocentos metros ou menos — respondeu Garret.

— Por quê?

Martin deu um largo sorriso e Garret sentiu algum desconforto com o humor zombeteiro que viu nos olhos do outro.

— Ande, parece que descobri onde poderemos nos divertir um pouco.

Garret gemeu baixinho.

— Ah, Mestre, fico com coceiras sempre que fala em diversão.

Martin deu uma pancada amigável com as costas da mão no peito do homem.

— Venha, bravo amigo. — O Mestre de Caça abriu caminho, e Garret o seguiu. Avançaram a passos largos pelo bosque, evitando sem dificuldades os obstáculos que teriam retardado os frequentadores de florestas menos experientes.

Chegaram a uma abertura na trilha e estacaram. Ao fundo, no limite do campo de visão permitido pela obscuridade da floresta, avançava uma companhia tsurani que abria caminho. Martin e Garret camuflaram-se nas árvores, e o Mestre de Caça disse:

— A coluna principal vem logo atrás. Quando chegarem à encruzilhada onde os Irmãos das Trevas passaram, é possível que se

arrisquem a segui-los.

Garret sacudiu a cabeça.

— Ou talvez não, então temos de nos certificar de que o façam. — Respirando fundo, acrescentou: — Ah, bem — e dirigiu uma breve oração a Kilian, a Cantora dos Verdes Silêncios, Deusa dos Guarda-Caças, enquanto tiravam os arcos dos ombros.

Martin posicionou-se na trilha, fez pontaria e Garret seguiu o exemplo. Os soldados da vanguarda tsurani apareceram, cortando a densa vegetação ao longo da trilha para que a força principal pudesse prosseguir com maior facilidade. Martin aguardou até que os tsurani estivessem inquietantemente perto, soltando a corda do arco quando os primeiros batedores repararam neles. Acertou os dois primeiros homens, que ainda não tinham tombado no chão quando voaram mais duas flechas. Martin e Garret sacavam flechas das aljavas às costas com movimentos fluidos, as colocavam na corda do arco e a soltavam com uma rapidez e precisão notáveis. Não fora por bondade que Martin selecionara Garret cinco anos antes. No centro da tempestade, o jovem mantinha-se sereno, fazia o que lhe era pedido e concretizava-o com habilidade.

Caíram dez tsurani aturdidos antes de conseguirem dar o alarme. Com toda a calma, Martin e Garret colocaram os arcos no ombro e aguardaram. Ao longo da trilha, surgiu uma verdadeira muralha de armaduras coloridas. Os oficiais tsurani na dianteira detiveram-se em um silêncio chocado ao repararem nos homens caídos. Perceberam os dois caçadores parados ao fundo da trilha e gritaram algo. Toda a dianteira da coluna saltou para a frente, de armas em riste.

Martin pulou para o matagal do lado norte da trilha, e Garret fez o mesmo no segundo seguinte. Precipitaram-se por entre as árvores, com os tsurani em seu encalço.

A voz de Martin invadiu a floresta com um grito desvairado de caçador. Garret também gritou, tanto de uma satisfação indefinível e louca como de medo. O barulho que os seguia era impressionante devido à horda que os perseguia entre as árvores.

Martin conduziu-os para o norte, em paralelo ao rumo tomado pela Irmandade das Trevas. Pouco depois, parou e disse, ofegante:

— Mais devagar, não queremos perdê-los.

Garret olhou para trás e já não avistou os tsurani. Encostaram-se em uma árvore e aguardaram. Não demorou até que o primeiro tsurani surgisse, seguindo um caminho que virava para noroeste.

Expressando aversão, Martin disse:

— Devemos ter acabado com os únicos batedores capazes que existiam naquele mundo maldito. — Tirou a trompa de caça do cinto e a fez soar tão alto que o soldado tsurani estacou, com uma expressão de choque evidente no rosto, visível mesmo à distância em que Martin e Garret se encontravam.

O tsurani olhou ao redor e avistou os dois caçadores. Martin fez sinal com a mão para que o homem os seguisse, partindo logo depois com Garret. O tsurani gritou para os que vinham atrás e começou a perseguí-los. Ao longo de cerca de quatrocentos metros conduziram os tsurani pelo bosque, até que viraram para oeste. Garret gritou, ofegante:

— Os Irmãos das Trevas... saberão... que nos aproximamos.

— A menos que tenham... ficado todos... surdos — gritou Martin em resposta. Consegiu esboçar um sorriso. — Os tsurani... estão em vantagem de... seis para um. Acho que será... justo que... a Irmandade... se beneficie da... emboscada.

Garret conseguiu poupar fôlego para um demorado gemido e continuou seguindo o seu mestre. Saíram ruidosamente de um matagal, e Martin parou, agarrando Garret pela túnica. Inclinou a cabeça e disse:

— Estão ali na frente.

Ao que Garret respondeu:

— Não sei... como consegue ouvir o que... quer que seja com... toda aquela maldita algazarra... lá atrás? — Parecia que a maior parte da coluna tsurani os tinha seguido, embora a floresta amplificasse o ruído e confundisse a origem.

— Ainda usa aquela... ridícula camiseta vermelha? — perguntou Martin.

— Sim, por quê?

— Rasgue uma tira.

Garret puxou a faca sem questionar e levantou a túnica verde de caçador. Por baixo, via-se uma camiseta de algodão vermelho berrante. Cortou uma tira comprida da bainha e enfiou a camiseta nas calças depressa. Enquanto Garret se ajeitava, Martin atou a tira a uma flecha. Olhou para trás, para onde os tsurani avançavam pelos arbustos.

— Devem ser aquelas pernas atarracadas. Podem até ser capazes de correr o dia inteiro, mas não conseguem aguentar na floresta. — Entregou a flecha a Garret. — Está vendo aquele grande olmo do outro lado daquela pequena clareira? — Garret confirmou acenando com a cabeça. — E está vendo aquela bétula pequena atrás, à esquerda? — Garret voltou a fazer um aceno com a cabeça. — Acha que consegue acertá-la com esse trapo atado à flecha?

Garret deu um grande sorriso ao pegar o arco, firmando a flecha e soltando-a. A seta foi em linha reta, atingindo a árvore.

— Quando os nossos amiguinhos de pernas arqueadas chegarem aqui, repararão naquele tremular de cor lá, e será lá que investirão — disse Martin. — A menos que eu esteja profundamente enganado, os Irmãos encontram-se a cerca de quinze metros do lado oposto da sua flecha. — Pegou a trompa quando Garret voltou a colocar o arco no ombro. — E aqui vamos nós outra vez — disse, fazendo soar um longo e sonoro toque.

Os tsurani surgiram como vespas, mas Martin do Arco e Garret já seguiam para sudoeste antes de se deixar de ouvir a nota da trompa do caçador, que ficou no ar. Apresaram-se antes que os tsurani os avistassem, o que poria em risco o embuste. De repente, saíram de um matagal e depararam-se com um grupo de mulheres e crianças agitadas. Uma jovem mulher da Irmandade colocava uma trouxa no chão. Deteve-se ao ver os dois homens. Garret teve de deslizar até parar para evitar derrubá-la.

Os grandes olhos castanhos da mulher examinaram-no por um segundo enquanto Garret andava de lado para contorná-la.

— Com licença, minha senhora — disse ele sem pensar, e levou a mão à madeixa de cabelo que lhe caía sobre a testa. Partiu atrás do Mestre de Caça enquanto irrompiam gritos surpresos e enfurecidos atrás deles.

Martin parou depois de terem corrido mais outros quatrocentos metros e ficou à escuta. Do nordeste chegavam sons de combate, gritos e berros e o retinir de armas. Martin sorriu de orelha a orelha.

— Terão muito com que se divertir por um bom tempo.

Garret deixou-se cair penosamente no chão, dizendo:

— Da próxima vez, mande-me para o castelo, está bem, Mestre?

Martin ajoelhou-se ao lado do batedor.

— Isto deverá impedir que os tsurani alcancem Crydee até o pôr do sol, ou mesmo depois. Só amanhã conseguirão organizar um ataque. Não deixarão quatrocentos Irmãos das Trevas de bom grado na retaguarda. Vamos descansar um pouco e depois voltamos para Crydee.

Garret recostou-se em uma árvore.

— Notícias agradáveis. — Solto um longo suspiro de alívio. — Foi por um triz, Mestre.

Martin sorriu de modo enigmático.

— A vida é assim, Garret.

Garret sacudiu a cabeça devagar.

— Viu aquela garota?

Martin confirmou.

— O que tem ela?

Garret parecia atrapalhado.

— Era bonita... não, era quase bela, de uma forma estranha, quero dizer. Tinha cabelo preto comprido, e os olhos eram da cor do pelo da lontra. Os lábios eram cheios, e tinha um olhar petulante. O bastante para garantir que grande parte dos homens olhasse duas vezes para ela. Não era o que se esperaria da Irmandade.

Martin acenou com a cabeça.

— Na verdade, os moredhel são um povo bonito, assim como os elfos. Porém, Garret — disse, sorrindo —, caso venha a encontrar-se em uma

situação em que troque gracejos com uma mulher moredhel, ela iria preferir arrancar o seu coração a lhe dar um beijo.

Descansaram algum tempo enquanto ecoavam gritos e brados vindos do nordeste. Por fim, levantaram-se e iniciaram o caminho de volta a Crydee.

Desde o início da guerra, os tsurani tinham limitado suas atividades às áreas imediatamente contíguas ao vale das Torres Cinzentas. Relatos dos anões e dos elfos indicavam que estavam de fato ocorrendo atividades de extração de minério. Enclaves haviam sido montados fora do vale, de onde atacavam as posições do Reino. Uma ou duas vezes ao ano, montavam uma ofensiva contra os exércitos dos Duques do Oeste, contra os elfos em Elvandar ou contra Crydee, mas na maior parte do tempo pareciam satisfeitos em manter o que já tinham conquistado.

Todos os anos expandiam os seus domínios, erguendo mais enclaves, expandindo a área que controlavam e reforçando suas posições, de onde levavam a cabo a campanha do ano seguinte. Desde a queda de Walinor, a ofensiva aguardada até a costa do Mar Amargo não acontecera, nem os tsurani tinham voltado a tentar conquistar os fortes LaMutianos próximos à Montanha de Pedra. Walinor e a cidade de Crydee tinham sido saqueadas e abandonadas mais para impedir que servissem ao Reino e às Cidades Livres do que para benefício dos tsurani. Na primavera do terceiro ano de guerra, os líderes das forças do Reino estavam desesperados por realizar um grande ataque, um ataque que fosse capaz de acabar com o impasse. Esse momento chegara. E aconteceria onde seria lógico: na frente mais fraca dos aliados, a guarnição de Crydee.

Arutha olhou, além das muralhas, para onde se encontrava o exército tsurani. Estava ao lado de Gardan e Fannon, com Martin do Arco atrás.

— Quantos são? — perguntou, sem desviar os olhos das hostes reunidas.

— Mil e quinhentos, dois mil, é difícil precisar — disse Martin. — Ontem havia mais dois mil a caminho, menos aqueles de que a

Irmandade das Trevas deu cabo.

Da floresta distante, ouviu-se o som de trabalhadores cortando árvores. O Mestre de Armas e o Mestre de Caça supunham que os tsurani estavam derrubando árvores para a construção de escadas de assalto às muralhas.

— Nunca pensei que me ouviria dizer tal coisa, mas quem me dera que ontem, na floresta, estivessem quatro mil Irmãos das Trevas — prosseguiu Martin.

Gardan cuspiu por cima da muralha.

— Ainda assim, agiu bem, Mestre de Caça. É justo que briguem entre eles.

Martin soltou um riso abafado, ainda que não demonstrasse achar graça.

— Também é bom saber que os Irmãos das Trevas matam sem hesitação. Embora esteja certo de que não nutrem afeto por nós, a verdade é que defendem o nosso flanco sul.

— A não ser que o grupo de ontem não tenha sido um caso isolado — disse Arutha. — Se a Irmandade estiver deixando o Coração Verde, temos motivos para temer por Tulan, Jonril e Carse.

— Fico contente por não terem negociado — disse Fannon. — Se chegassem a declarar trégua...

Martin sacudiu a cabeça.

— Os moredhel só negociam com contrabandistas de armas e renegados que os satisfazem em troca de ouro. Caso contrário, de nada lhes servimos. Levando em conta todos os indícios, os tsurani estão determinados a conquistar. Os moredhel também os privam dessa ambição.

Fannon virou-se para olhar as crescentes forças tsurani. Estandartes de cores vibrantes, com símbolos e padrões estranhos, encontravam-se colocados em várias posições ao longo da linha de frente do exército. Centenas de guerreiros com armaduras de cores divergentes estavam reunidos em grupos sob cada insígnia. Ouviu-se uma trompa, e os soldados tsurani viraram-se para as muralhas. Cada estandarte avançou

doze passos e foi cravado no chão. Uma meia dúzia de soldados com elmos de penachos altos, os quais as forças do Reino julgavam ser oficiais, avançaram e pararam a meio caminho entre o exército e os porta-estandartes. Um deles, de armadura azul-clara, gritou algo e apontou para o castelo. Elevou-se um brado das hostes tsurani reunidas e foi então que outro oficial de armadura vermelho-viva começou a dirigir-se vagarosamente para o castelo.

Arutha e os restantes observaram em silêncio enquanto o homem percorria a distância até o portão. Não olhou para a esquerda nem para a direita, nem levantou o olhar para as pessoas que se encontravam nas muralhas, marchando com o olhar fixo em frente até chegar ao portão. Ali sacou um grande machado e bateu três vezes no portão com o cabo.

— O que ele está fazendo? — perguntou Roland, que tinha acabado de subir as escadas.

O tsurani bateu mais uma vez no portão do castelo.

— Creio — sugeriu Martin do Arco — que está nos mandando abrir os portões e entregar o castelo.

O tsurani recuou e lançou o machado no portão, deixando-o estremecendo na madeira. Sem pressa, voltou-se e começou a afastar-se ao som de aclamações dos tsurani que observavam.

— E agora? — perguntou Fannon.

— Acho que sei do que se trata — disse Martin, retirando o arco do ombro. Pegou uma flecha e ajustou-a na corda do arco. Com um puxão brusco, lançou-a. A haste caiu no chão, entre as pernas do oficial tsurani, e o homem estacou.

— Os montanheses Hadati de Yabon têm rituais idênticos — explicou Martin. — Dão muita importância a demonstrações de valentia diante do inimigo. Tocar em um inimigo e sobreviver é mais honroso do que matá-lo. — Apontou para o oficial, que não se mexera. — Se o matar, não sou honrado, pois ele está nos mostrando como é corajoso. Contudo, podemos deixar que saibam que também conhecemos as regras do jogo.

O oficial tsurani virou-se, pegou a flecha e a partiu em duas. De frente para o castelo, levantou a seta partida enquanto gritava em desafio aos que se encontravam nas muralhas. Martin apontou outra flecha e lançou-a. A segunda flecha ceifou a pluma no elmo do oficial. O tsurani calou-se, enquanto as penas caíam em volta do seu rosto.

Roland gritou, entusiasmado com a pontaria, e as muralhas do castelo explodiram com vivas. O tsurani tirou o elmo devagar.

— Agora está convidando um de nós a matá-lo, revelando que não possuímos honra alguma, ou a sair do castelo e enfrentá-lo — disse Martin.

— Não permitirei que abram os portões por causa de uma disputa infantil — disse Fannon.

Martin do Arco sorriu ironicamente ao dizer:

— Sendo assim, mudamos as regras. — Inclinou-se à beira da passagem e gritou para o pátio abaixo: — Garret, a flecha de caçar aves!

Garret, no pátio, tirou uma flecha para aves da aljava e atirou-a para Martin do Arco. Martin mostrou aos outros a pesada bola de ferro que servia como ponta, usada para atordoar aves de caça, uma vez que as flechas afiadas poderiam estraçalhá-las, e colocou-a no arco. Mirando no oficial, disparou-a.

A flecha atingiu o oficial tsurani no estômago, derrubando-o de costas. Todos os presentes na muralha imaginaram o som que teria sido produzido quando o homem ficou sem fôlego. Os soldados tsurani gritaram de indignação, calando-se quando o homem se levantou, visivelmente atordoado, mas não revelando qualquer outro ferimento. Em seguida, dobrou-se para a frente, de mãos nos joelhos, e vomitou.

— Lá se foi a dignidade de um oficial — disse Arutha com frieza.

— Bom — exprimiu Fannon —, acho que chegou o momento de lhes darmos outra lição sobre a arte da guerra do Reino. — Ergueu o braço acima da cabeça. — Catapultas! — bradou.

Em resposta, agitaram-se bandeiras no alto das torres ao longo da muralha e no alto da torre de menagem. Ele baixou o braço, e os possantes mecanismos foram acionados. Nas torres mais baixas, balistas

que lembravam corvos gigantes arremessavam projéteis semelhantes a lanças, enquanto no topo da torre enormes manganelas lançavam pedras pesadas. A chuva de pedras e projéteis caiu no meio dos tsurani, esmagando cabeças e membros, abrindo espaços irregulares nas linhas do inimigo. Os defensores ouviam os gritos dos homens feridos, enquanto a equipe encarregada das catapultas depressa as fez voltar para trás, carregando os mecanismos mortíferos.

Os tsurani agitavam-se em grande confusão e, quando foram atingidos pelo segundo arremesso de pedras e projéteis, separaram-se e fugiram. Irromperam gritos de alegria entre os defensores da muralha, que se extinguiram quando os tsurani voltaram a se agrupar além do alcance dos mecanismos.

— Mestre de Armas, acho que pretendem nos colocar sob cerco — disse Gardan.

— Deve estar enganado — disse Arutha, apontando. O outro olhou: um grande número de tsurani separou-se das forças principais, avançando até parar no perímetro do alcance dos projéteis.

— Parecem estar preparando um ataque — disse Fannon —, mas por que irão usar somente uma parte das forças?

Surgiu um soldado, que disse:

— Alteza, não há sinais de tsurani em nenhuma das outras posições.

Arutha olhou para Fannon.

— Por que haveriam de atacar uma só muralha? — Passados alguns minutos, Arutha acrescentou: — Calculo que sejam cerca de mil.

— Diria cerca de mil e duzentos — corrigiu Fannon. Viu escadas de assalto a muralhas surgirem à retaguarda dos atacantes, avançando. — A qualquer momento.

Mil defensores aguardavam no interior das muralhas. Permaneciam alguns homens de Crydee nas guarnições longínquas e nos postos de vigia, mas o grosso das forças do ducado estava ali.

— Conseguiremos resistir a essas forças desde que as muralhas não sejam transpostas — disse Fannon. — Somos capazes de lidar com uma vantagem abaixo dos dez para um.

Chegaram mais mensageiros das outras muralhas.

— Continuam sem preparar nada a leste, ao norte e ao sul, Mestre de Armas — relatou um deles.

— Parecem decididos a fazer da forma mais difícil. — Fannon ficou pensativo por uns instantes. — Pouco do que vimos deles é comprehensível. Investidas mortais, reúnem forças ao alcance das catapultas, perdem tempo com jogos de honra. Ainda assim, não são incompetentes e não podemos tomar nada como certo. — Dirigiu-se ao guarda: — Diga para que se mantenham atentos nas outras muralhas e estejam preparados para defendê-las caso não passe de distração.

Os mensageiros partiram, e a espera prosseguiu. O sol deslocou-se pelo céu até ficar a uma hora do ocaso, quando baixou à retaguarda dos atacantes. De súbito, ouviram-se trompas e o rufar de tambores e, em uma investida, os tsurani correram na direção das muralhas. As catapultas silvaram, provocando grandes aberturas nas linhas atacantes. Continuaram a avançar, até ficarem ao alcance das flechas dos defensores, que aguardavam pacientemente. Uma explosão de flechas tombou sobre os atacantes, e todos os soldados da fileira da frente sucumbiram, mas os que seguiam atrás avançaram imediatamente, com os grandes escudos de cores berrantes erguidos acima da cabeça enquanto afluíam à muralha. Por seis vezes caíram homens, deixando cair as escadas, para logo outros as agarrarem e prosseguirem.

Arqueiros tsurani respondiam aos arqueiros nas muralhas com sua própria chuva de flechas, e das ameias tombavam homens de Crydee. Arutha abaixou-se atrás das muralhas do castelo quando as flechas caíram do ar, arriscando-se depois a olhar pelos merlões entre as seteiras. Uma horda de atacantes invadiu seu campo de visão e o topo de uma escada apareceu subitamente à sua frente. Um soldado próximo do Príncipe agarrou a escada e a empurrou, auxiliado por outro, que usou um bastão. Arutha ouviu os gritos dos tsurani que tombavam da escada. O primeiro soldado que empurrara a escada tombou para trás, com uma flecha tsurani espetada no olho, e desapareceu ao cair para o pátio.

Ouviu-se um brado inesperado vindo de baixo, e Arutha pôs-se em pé de um salto, arriscando-se a ser atingido por uma flecha ao olhar. Ao longo da base da muralha, os guerreiros tsurani batiam em retirada e regressavam correndo à segurança das suas próprias posições.

— O que estão fazendo? — perguntou Fannon.

Os tsurani correram até ficarem a salvo das catapultas, e então pararam, viraram-se e formaram fileiras. À frente dos homens, oficiais caminhavam para cima e para baixo, exortando-os. Pouco depois, os tsurani reunidos deram vivas.

— Demônios me levem! — ouviu-se à esquerda de Arutha, que viu Amos Trask de relance por cima do ombro, com um cutelo de marinheiro na mão. — Os loucos estão se congratulando por serem chacinados.

A cena lá embaixo era macabra. Soldados tsurani jaziam espalhados como brinquedos atirados por uma criança gigante e bagunceira. Alguns se moviam com dificuldade, gemendo, mas a grande maioria estava morta.

— Aposto que perderam uma centena ou mais — disse Fannon. — Não faz sentido. — Dirigiu-se a Roland e Martin: — Verifiquem as outras muralhas. — Partiram ambos a passo rápido. — O que estão fazendo agora? — indagou, observando os tsurani. Sob o brilho escarlate do pôr do sol, conseguia ainda vislumbrá-los dispostos em fileiras, enquanto alguns acendiam tochas e as passavam a outros. — Será que tencionam atacar depois do ocaso? Tropeçarão uns nos outros às escuras.

— Quem sabe o que planejam fazer? — interveio Arutha. — Jamais ouvi falar de um ataque tão mal preparado.

— Com sua licença, Príncipe, mas sei uma ou duas coisas sobre a arte da guerra, dos meus dias de juventude, e também nunca ouvi falar de nada assim — disse Amos. — Até os keshianos, que desperdiçam soldados da mesma forma que um marujo bêbado desperdiça dinheiro, nem eles tentariam um ataque frontal como este. Se fosse eu, manteria os olhos abertos em busca de algum embuste.

— Sim — disse Arutha. — Mas de que tipo?

Durante toda a noite os tsurani atacaram, investindo contra a muralha e perecendo na base. Em uma ocasião, alguns conseguiram atingir o alto das muralhas, mas logo foram mortos, e as escadas empurradas para trás. Ao amanhecer, os tsurani bateram em retirada.

Arutha, Fannon e Gardan ficaram vendo os tsurani chegarem em segurança às suas posições, além do alcance das catapultas e das flechas. O nascer do sol revelou um mar de tendas coloridas, e os tsurani retiraram-se para o acampamento. Os defensores ficaram espantados com o número de tsurani mortos ao longo da base das muralhas do castelo.

Passadas algumas horas, o fedor dos mortos tornou-se avassalador. Fannon consultou um Arutha exausto quando o Príncipe se preparava para um sono tardio.

— Os tsurani não realizaram qualquer tentativa de recuperação das baixas.

— Não temos um idioma comum que nos permita negociar, a não ser que pretenda enviar Tully lá para fora com uma bandeira de trégua — disse Arutha.

— Não tenho dúvida de que Tully iria, mas não quero pô-lo em perigo — respondeu Fannon. — Ainda assim, os corpos podem tornar-se um grande problema daqui a um ou dois dias. Além do fedor e das moscas, os insepultos trazem enfermidades. É a forma que os deuses têm de mostrar desagrado por quem não honra os mortos.

— Mas então — disse Arutha, calçando a bota que acabara de descalçar — é melhor vermos o que podemos fazer.

Regressou ao portão e deparou-se com Gardan já fazendo planos para remover os corpos. Uma dúzia de voluntários aguardava junto ao portão para sair e reunir os cadáveres em uma pira funerária.

Arutha e Fannon chegaram às muralhas quando Gardan conduzia os homens pelo portão. Alinharam-se arqueiros ao longo das muralhas

para cobrir a retirada dos homens que tinham saído, caso fosse necessário, mas logo ficou evidente que os tsurani não iriam incomodar o grupo. Foram vários os que se aproximaram da orla das suas posições, sentando-se e observando os soldados do Reino dedicados à tarefa.

Decorrida meia hora, ficou claro que os homens de Crydee não conseguiriam completar o trabalho sem ficarem extenuados. Arutha considerou enviar mais homens para o exterior, mas Fannon recusou, julgando que seria exatamente o que os tsurani estavam esperando.

— Se tivermos de trazer de volta um grande grupo pelo portão, será desastroso. Se fecharmos o portão, perderemos homens lá fora, e, se o deixarmos aberto muito tempo, os tsurani invadirão o castelo. — Arutha foi forçado a concordar, e ficaram contemplando os homens de Gardan trabalhando debaixo do sol quente da manhã.

Então, perto do meio-dia, uma dúzia de guerreiros tsurani, desarmados, atravessou descontraidamente as próprias linhas e aproximou-se do grupo. Os que se encontravam na muralha observaram com nervosismo, mas, quando os tsurani chegaram ao local onde os homens de Crydee trabalhavam, começaram a pegar corpos sem proferirem uma única palavra, carregando-os até onde a pira estava sendo erigida.

Com a ajuda dos tsurani, os cadáveres foram amontoados na enorme pira. Acenderam-se tochas, e não tardou para que os corpos dos homens chacinados fossem consumidos pelo fogo. Os tsurani que tinham auxiliado a reunir os corpos na pira limitaram-se a contemplar enquanto o soldado que conduziu os voluntários se afastava das labaredas que ganhavam ímpeto. Foi então que um soldado tsurani proferiu uma palavra, e ele e os companheiros fizeram uma mesura em consideração àqueles que ardiam na fogueira. O soldado que comandava os homens de Crydee exclamou:

— Honremos os mortos! — Os doze homens de Crydee ficaram em sentido e bateram continência. Em seguida, os tsurani se voltaram para os soldados do Reino e tornaram a fazer uma mesura. O soldado que

comandava gritou a ordem: — Devolver continência! — E os doze homens de Crydee bateram continência aos tsurani.

Arutha sacudiu a cabeça, com os olhos postos em homens que tinham tentado se matar uns aos outros e que trabalhavam agora juntos, como se fosse a coisa mais natural do mundo, saudando-se com continências.

— Meu pai costumava dizer que, entre as atividades mais estranhas que o homem realiza, a guerra é sem dúvida a que vem em primeiro lugar.

Regressaram ao pôr do sol, onda após onda de atacantes investindo contra a muralha a oeste, onde acabavam perecendo na base. Foram quatro as vezes em que atacaram durante a noite, e foram quatro as vezes em que foram repelidos.

Voltavam naquele momento, e Arutha afastou a fadiga para lutar mais uma vez. Conseguiam ver que estavam se juntando mais tsurani àqueles diante do castelo, cobras compridas de luzes de tochas que vinham da floresta ao norte. Após o último ataque, era evidente que a situação estava mudando a favor dos tsurani. Os defensores estavam esgotados após duas noites de combates, e os tsurani continuavam a enviar tropas descansadas para a batalha.

— Pretendem nos esmagar a qualquer custo — falou um Fannon cansado. Começou a dizer algo a um guarda e, subitamente, uma expressão estranha lhe atravessou o rosto. Fechou os olhos e sucumbiu. Arutha amparou-o. Tinha uma flecha espetada nas costas. Um soldado tomado de pânico, ajoelhado do outro lado, olhava para Arutha, com uma pergunta estampada no rosto: “O que faremos?”

— Levem-no para a torre de menagem, ao Padre Tully! — gritou Arutha. O homem e outro soldado ergueram o Mestre de Armas inconsciente e o carregaram para baixo.

— Quais são as ordens, Alteza? — perguntou um terceiro soldado.

Arutha girou e, vendo os rostos preocupados dos soldados de Crydee que se encontravam por perto, disse:

— As mesmas. Defendam a muralha.

O combate foi duro. Por seis vezes Arutha teve de lutar com guerreiros tsurani que tinham alcançado o alto da muralha. Até que, após um combate infundável, os tsurani novamente bateram em retirada.

Arutha estava ofegante, tinha as roupas encharcadas de suor debaixo do peitoral. Gritou pedindo água, e veio até ele um carregador do castelo com um balde. Bebeu, assim como os outros ao redor, e virou-se para ver as hostes tsurani.

Estavam novamente além do alcance das catapultas, e as tochas pareciam em igual número.

— Príncipe Arutha — chegou uma voz de trás. Virou-se. Algon estava à sua frente. — Acabei de saber que Fannon foi ferido.

— Como está ele? — perguntou Arutha.

— Foi por pouco. O ferimento é grave, mas não é fatal, ainda. Tully diz que, se sobreviver um dia, poderá se recuperar. Mas não terá capacidade para comandar por várias semanas, talvez até mais.

Arutha sabia que Algon aguardava uma decisão sua. O Príncipe era Capitão da Corte do exército do Rei e, na ausência de Fannon, comandante da guarnição. Também era inexperiente, e poderia delegar o comando ao Estribeiro-Mor. Arutha olhou ao redor.

— Onde está Gardan?

— Aqui, Alteza — ouviu-se um grito um pouco mais à frente na muralha. Arutha ficou admirado ao ver o sargento. A sua pele escura quase ficara cinzenta devido à poeira grudada e ali mantida pelo brilho da transpiração. A túnica e o tabardo que vestia estavam ensopados de sangue, que também lhe cobria os braços até os cotovelos.

Arutha baixou os olhos para seus próprios braços e mãos e viu que estavam cobertos de forma semelhante.

— Mais água! — gritou. Dirigiu-se a Algon: — Gardan será o meu segundo em comando. Caso algo me aconteça, será ele que ficará comandando a guarnição. Gardan é o Mestre de Armas interino.

Algon hesitou, como se estivesse prestes a falar algo, mas depois o seu rosto foi atravessado por uma expressão de alívio.

— Sim, Alteza. Ordens?

Arutha olhou para trás na direção das linhas tsurani e depois para o leste. A primeira luz da falsa aurora estava chegando, e o sol se ergueria por cima das montanhas em menos de duas horas. Pareceu ponderar os fatos por algum tempo, enquanto lavava o sangue dos braços e do rosto.

— Chamem Martin do Arco — disse por fim.

O Mestre de Caça foi chamado, e chegou poucos minutos depois, seguido por Amos Trask, que trazia no rosto um sorriso rasgado.

— Demônios me levem, aquelas criaturas sabem lutar — disse o marujo.

Arutha ignorou o comentário.

— Está claro para mim que planejam sujeitar-nos a uma pressão constante. Considerando o pouco valor que dão às próprias vidas, poderão vencer-nos pelo cansaço em poucas semanas. É um fator com o qual não contávamos, esta solicitude dos tsurani em entregarem-se à morte certa. Desguardeçam as muralhas norte, sul e leste. Certifiquem-se de que lá fiquem homens suficientes para manter sentinelas e reagir a atacantes até que cheguem reforços. Tragam os homens das outras muralhas e digam aos que aqui se encontram que cedam os postos. Quero que façam turnos de seis horas, e que se revezem ao longo do dia. Martin, chegaram mais notícias da migração dos Irmãos das Trevas?

Martin do Arco encolheu os ombros.

— Temos andado ocupados, Alteza. Nas últimas semanas, todos os meus homens têm estado nas florestas ao norte.

— Conseguiria fazer passar alguns batedores pelas muralhas antes dos primeiros raios de sol? — perguntou Arutha.

Martin do Arco ponderou.

— Se saírem imediatamente, e se os tsurani não estiverem vigiando a muralha leste, consigo.

— Faça-o. Os Irmãos das Trevas não são idiotas a ponto de atacar uma força como esta, mas, se você conseguisse encontrar alguns grupos do tamanho daquele que encontrou há três dias e repetisse a cilada...

Martin sorriu abertamente.

— Eu mesmo os guiarei para o exterior. É melhor partirmos sem demora, antes que haja mais luz. — Arutha dispensou-o, e Martin correu escada abaixo. — Garret! — gritou. — Vamos, rapaz. Vamos nos divertir um pouco. — Os homens nas muralhas ouviram um lamento enquanto Martin reunia os batedores junto dele.

— Quero que sejam enviadas mensagens a Carse e a Tulan — disse Arutha a Gardan. — Usem cinco pombos para cada. Ordenem aos Barões Bellamy e Tolburst que tragam tropas de suas guarnições e que zarpem de imediato para Crydee.

— Alteza, dessa forma essas guarnições ficarão praticamente indefesas — disse Gardan.

Algon juntou-se à contestação:

— Caso a Irmandade das Trevas se desloque para as Terras do Norte, no ano que vem os tsurani terão o caminho livre até os castelos do sul.

— Assim será, caso os Irmãos das Trevas estejam se deslocando em massa, o que pode não estar acontecendo, e caso os tsurani fiquem sabendo que abandonaram o Coração Verde, o que pode não vir a acontecer — disse Arutha. — Preocupo-me com a ameaça presente e não com uma possível ameaça no ano que vem. Se mantiverem esta pressão constante, quanto tempo conseguiremos resistir?

— Algumas semanas, talvez um mês. Não mais do que isso — respondeu Gardan.

Mais uma vez, Arutha examinou o acampamento dos tsurani.

— Com toda a ousadia, armam as tendas junto à orla do povoado. Não há dúvida de que atravessam as nossas florestas, construindo escadas e mecanismos de cerco. Sabem bem que não podemos realizar uma investida com força. Porém, com mil e oitocentos soldados descansados dos castelos do sul atacando pela estrada da costa, vindos das praias, e com a guarnição realizando uma investida no exterior, conseguiremos escorraçá-los de Crydee. Assim que o cerco for levantado, terão de bater em retirada para os enclaves orientais. Poderemos assolá-los incessantemente com cavaleiros e evitar que se reagrupem. Então poderemos mandar de volta essas forças para os

castelos do sul, que ficarão preparados para os eventuais ataques dos tsurani a Carse ou a Tulan na primavera que vem.

— Um plano bastante ousado, Alteza — disse Gardan. Bateu continência e desceu da muralha, seguido por Algon.

Foi a vez de Amos Trask falar:

— Os seus comandantes são homens cautelosos, Alteza.

— Concorda com os meus planos? — perguntou Arutha.

— Se Crydee sucumbir, que importa quando irá acontecer o mesmo a Carse ou a Tulan? Se não for este ano, será certamente no próximo. Poderá acontecer em uma batalha como em duas ou três. Como disse o sargento, é um plano ousado. Ainda assim, nunca se conseguiu tomar um navio sem chegar perto para abordá-lo. Seria um belo corsário caso se cansasse de ser Príncipe, Alteza.

Arutha contemplou Amos Trask com um sorriso cético:

— Corsário, é? Achei que você tinha afirmado ser um mercador honesto.

Amos pareceu um pouco embaraçado. De súbito, deu uma calorosa gargalhada.

— Disse apenas que trazia um carregamento destinado a Crydee, Alteza. Nunca mencionei como o obtive.

— Bom, agora não temos tempo para o seu passado na pirataria.

Amos mostrou-se ofendido.

— Pirata não, Majestade. O *Sidonie* possuía cartas de corso do Grande Kesh, concedidas pelo governador de Durbin.

Arutha riu.

— Claro! E todos sabem que não existe gente mais cumpridora da lei em alto-mar do que os capitães da costa de Durbin.

Amos encolheu os ombros.

— É uma gente um tanto irritável, é verdade. Por vezes usam livremente o conceito de passagem livre em alto-mar, mas nós preferimos o termo *corsário*.

Soaram trompas e rufaram tambores, e, com gritos de guerra estridentes, os tsurani investiram. Os defensores aguardaram até que a

hoste atacante passasse a linha invisível que demarcava o alcance mais afastado das máquinas de guerra do castelo, e a morte desceu sobre os tsurani. Não obstante, a investida prosseguiu.

Os tsurani passaram a segunda linha invisível, que demarcava o alcance mais afastado dos arqueiros do castelo, e muitos mais pereceram. Ainda assim, a investida prosseguiu.

Os atacantes alcançaram as muralhas, e os defensores jogaram pedras e empurraram escadas de assalto, distribuindo a morte entre aqueles que subiam. Porém, a investida prosseguiu.

Arutha prontamente solicitou uma transferência das reservas, instruindo os soldados para que se preparassem junto aos pontos de ataques mais intensos. Homens apressaram-se a cumprir as suas ordens.

No topo da muralha oeste, o ponto mais encarniçado da batalha, Arutha respondia aos ataques com ataques, repelindo guerreiro após guerreiro quando alcançavam o alto da muralha. Mesmo no calor da batalha, Arutha estava ciente de tudo que o rodeava, gritando ordens, ouvindo respostas, vislumbrando o que os outros faziam. Viu Amos Trask, desarmado, socando um tsurani no rosto e derrubando-o da muralha. Em seguida, Trask abaixou-se e pegou o cutelo como se o tivesse deixado cair enquanto passeava pela muralha. Gardan deslocava-se entre os homens, exortando os defensores, estimulando espíritos que começavam a fraquejar e impelindo-os a transpor aquele limite que, em outras ocasiões, já os teria obrigado a ceder à exaustão.

Arutha ajudou dois soldados a empurrarem outra escada de assalto, ficando momentaneamente perplexo ao olhar para um dos homens, que se virou devagar e se sentou aos seus pés, com o espanto estampado no rosto ao ver a haste de uma flecha tsurani no peito. O homem recostou-se na muralha e fechou os olhos, como se tivesse decidido dormir um pouco.

Arutha ouviu alguém gritar o seu nome. Gardan estava a poucos metros, apontando para a seção norte da muralha oeste.

— Subiram até o alto da muralha!

Arutha passou por Gardan correndo e gritando:

— Ordene às reservas que sigam para lá! — Correu pela muralha até alcançar a brecha na defesa. Cada ponta de uma seção da muralha era mantida por uma dúzia de tsurani, avançando e abrindo caminho para que os companheiros seguissem. Arutha arremessou-se para a fileira da frente, passando pelos guardas fatigados e surpresos que estavam sendo forçados a recuar das ameias. Atingiu o primeiro escudo tsurani, trespassando o homem na garganta. O rosto do inimigo revelou o choque, e ele caiu no pátio abaixo. Arutha atacou o tsurani que se encontrava ao lado do primeiro e gritou:

— Por Crydee! Pelo Reino!

Subitamente, Gardan já estava entre eles, como um furioso gigante negro, golpeando todos os que lhe apareciam à frente. Inesperadamente, os homens de Crydee avançaram com vigor, numa onda de carne e aço ao longo do baluarte estreito. Os tsurani mantiveram-se firmes, recusando-se a ceder a brecha arduamente conquistada, e foram mortos até o último deles.

Arutha acertou um guerreiro tsurani com o guarda-mão do florete, fazendo-o cair no chão abaixo, e ao se virar, viu que a muralha estava novamente em posse dos defensores. Soaram trompas nas linhas tsurani, e os atacantes bateram em retirada.

Arutha reparou que o sol já se deslocara do leste, afastando-se das montanhas. Por fim, a manhã chegara. Ispacionou a cena abaixo e sentiu-se repentinamente mais cansado do que jamais tinha sentido. Virando-se devagar, reparou que todos os homens presentes na muralha o observavam. Nesse instante, um dos soldados bradou:

— Viva Arutha! Viva o Príncipe de Crydee!

Não tardou até o castelo ressoar com os brados dos homens que entoavam:

— Arutha! Arutha!

Arutha dirigiu a pergunta a Gardan:

— Por quê?

Com um ar satisfeito, o sargento respondeu:

— Viram que assumiu pessoalmente o confronto com os tsurani, Alteza, ou ouviram outros contar. São soldados, e esperam determinadas atitudes por parte de um comandante. Agora são efetivamente os seus homens, Alteza.

Arutha ficou calado enquanto os vivas invadiam o castelo. Ergueu a mão, e o pátio ficou em silêncio.

— Vocês se saíram bem. Crydee é servida de modo virtuoso pelos seus soldados. — Dirigiu-se a Gardan: — Troque as sentinelas nas muralhas. A comemoração da vitória deverá ser curta.

Como se as suas palavras fossem um presságio, ouviu-se um grito de um guarda no alto da torre mais próxima:

— Alteza, veja o campo.

Arutha percebeu que as linhas tsurani tinham voltado a se formar.

— Não terão limites? — disse cansado.

Em vez do ataque aguardado, um único homem avançou das fileiras tsurani, e, ao que tudo indicava, devia tratar-se de um oficial, a julgar pelo elmo com penacho. Apontou para as muralhas, e todas as fileiras tsurani irromperam em aclamações. Avançou mais um pouco, ficando ao alcance dos arqueiros, parando por várias vezes e apontando para a muralha. A armadura azul que usava reluzia ao sol matinal enquanto os atacantes davam vivas a cada gesto dirigido ao castelo.

— Estará nos desafiando? — indagou Gardan, observando a estranha exibição quando o homem lhes deu as costas, sem consideração pelo perigo pessoal que corria, e regressou às suas fileiras.

— Não — disse Amos Trask, que se posicionou ao lado de Gardan. — Creio que estão saudando um bravo inimigo. — Amos sacudiu ligeiramente a cabeça. — É um povo estranho.

— Será que algum dia chegaremos a compreendê-los? — perguntou Arutha.

Gardan colocou a mão no ombro do Príncipe.

— Duvido. Olhe, estão deixando o campo.

Os tsurani marchavam de volta às tendas erguidas diante das ruínas do povoado de Crydee. Ficaram alguns vigias observando o castelo, mas

era óbvio que a força principal recebera ordens para bater em retirada.

— Se fosse eu, teria ordenado um novo ataque — disse Gardan. A voz traiu a incredulidade. — Certamente sabem que estamos à beira da exaustão. Por que não insistem num ataque?

— Quem sabe? — disse Amos. — Talvez também estejam cansados.

— Esses ataques à noite têm um significado que não consigo compreender — disse Arutha. Sacudiu a cabeça. — Com o tempo, saberemos o que tramam. Deixe uma sentinelas nas muralhas, mas que os homens se reúnham no pátio. Está ficando claro que não apreciam atacar durante o dia. Ordene que tragam comida da cozinha e água para que se lavem. — As ordens foram transmitidas, e os homens deixaram os seus postos, sendo que alguns ficaram sentados nas passarelas debaixo da muralha, cansados demais para descer os degraus. Outros chegaram ao pátio e atiraram as armas no chão, sentando-se à sombra das ameias, enquanto os carregadores de água do castelo andavam entre eles com baldes de água fresca. Arutha encostou-se à muralha. Falou para si, em silêncio:

— Vão voltar.

Naquela noite, regressaram.

Cerco

Homens feridos gemiam ao nascer do sol.

Pela décima segunda noite consecutiva, os tsurani tinham atacado o castelo, batendo em retirada assim que o sol nasceu. Gardan não conseguia perceber qualquer razão óvia para os perigosos ataques noturnos. Enquanto observava os tsurani que, depois de recolherem os mortos, regressavam às tendas, disse:

— São muito estranhos. Os arqueiros deles não podem disparar para as muralhas assim que erguem as escadas, pois temem acertar os próprios companheiros. Não temos esse problema, pois sabemos que todos os que vêm de baixo são inimigos. Não entendo esse povo.

Arutha estava sentado, entorpecido, lavando o sangue e a poeira do rosto, abstraído do panorama que o rodeava. Estava cansado demais para conseguir sequer responder a Gardan.

— Tome — ofereceu uma voz perto dele, e ele afastou o pano úmido do rosto para ver a taça de bebida que lhe estava sendo oferecida. Pegou a taça e a esvaziou em um gole prolongado, deliciando-se com o sabor do vinho forte.

Carline estava diante dele, vestindo calças e uma túnica, com a espada de lado, pendurada à cintura.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Arutha, a voz soando rouca devido ao cansaço.

A resposta de Carline foi brusca:

— Alguém tem que levar água e comida. Já que todos os homens estão nas muralhas a noite toda, quem você acha que está em condições para assumir as funções pela manhã? Certamente não será aquela meia dúzia de carregadores velhos demais para combater.

Arutha olhou em volta e viu outras mulheres, senhoras do castelo, bem como criadas e vendedoras de peixe, andando entre os homens, que recebiam com gratidão a comida e a bebida oferecidas. Sorriu enigmaticamente, como era seu costume.

— Como você está?

— Bem. Ainda assim, acho que ficar sentada no porão é tão difícil, de certo modo, como estar na muralha. Todos os ruídos da batalha que nos chegam fazem uma ou outra senhora chorar. — A voz da Princesa deixava transparecer um tom de ligeira desaprovação. — Amontoam-se todas como coelhas. Ah, é tão cansativo. — Ficou calada por um momento, perguntando em seguida: — Viu Roland?

Arutha olhou ao redor.

— Ontem à noite, por pouco tempo. — Cobriu o rosto com a umidade calmante do tecido. Afastando-o pouco depois, acrescentou: — Ou talvez tenha sido há duas noites. Já não sei dizer. — Indicou a muralha mais próxima da torre. — Deve estar em algum lugar por ali. Incumbi-o do posto mais afastado. Está encarregado de manter a vigília contra um ataque pelo flanco.

Carline sorriu. Sabia que Roland estava ansioso para participar do combate, mas, com as responsabilidades que lhe tinham sido atribuídas, seria improvável que isso acontecesse, a menos que os tsurani atacassem de todos os lados.

— Obrigada, Arutha.

Arutha fingiu não entender.

— Por quê?

Carline ajoelhou-se e beijou sua face úmida.

— Por me conhecer melhor do que eu mesma em determinadas ocasiões. — Levantou-se e foi embora.

Roland percorria as ameias, olhando para a floresta distante além da extensa clareira que se estendia ao longo da muralha leste do castelo. Aproximou-se de um guarda que se encontrava perto de uma sineta de alarme e perguntou:

— Algo a comunicar?

— Nada, Escudeiro.

Roland assentiu.

— Mantenha-se alerta. Esta é a área aberta mais estreita na frente da muralha. Se vierem por um segundo flanco, é por aqui que acho que será feito o assalto.

— De fato, Escudeiro — disse o soldado. — Por que investem somente contra uma das muralhas, exatamente a mais forte?

Roland encolheu os ombros.

— Não fingirei que sei. Talvez como demonstração de desprezo ou de bravura. Ou por alguma razão que nos é estranha.

O guarda ficou em posição de sentido e bateu continência. Carline chegara silenciosamente por trás deles. Roland agarrou-a pelo braço e puxou-a precipitadamente.

— O que acha que está fazendo aqui em cima? — quis saber, em tom ríspido.

A expressão de alívio por vê-lo são e salvo deu lugar à fúria.

— Vim ver como estava — disse, com um ar de desafio.

Conduzindo-a pelas escadas até o pátio abaixo, Roland respondeu:

— A distância em que estamos da floresta não basta para evitar que um arqueiro tsurani atire em um membro da casa do Duque. Não serei eu a explicar ao seu pai e a seus irmãos as razões que me levaram a permitir que subisse até lá em cima.

— Ah! Essa é a única razão? Não quer encarar o meu pai.

Roland sorriu, e sua voz ficou mais terna:

— Não. Claro que não.

Carline devolveu o sorriso.

— Estava preocupada.

Roland sentou-se nos últimos degraus e puxou algumas folhas de grama que cresciam junto à base das pedras, arrancando-as e atirando-as para o lado.

— Não há motivo para isso. Arutha garantiu que eu não correria muitos riscos.

Com o intento de conciliar, Carline disse:

— Ainda assim, trata-se de um posto importante. Caso ataquem aqui, terá de aguentar com poucos soldados até chegarem os reforços.

— Caso ataquem. Gardan passou por aqui ontem e crê que não deve demorar para se aborrecerem com isso, para então se entrincheirarem e colocarem-nos sob cerco, aguardando que morramos de fome.

— Pois o azar está do lado deles — disse a Princesa. — Temos mantimentos para todo o inverno, e eles encontrarão pouco para comer quando a neve começar a cair.

De modo zombeteiro e brincalhão, Roland disse:

— O que temos aqui? Uma estudante de estratégia?

Carline contemplou-o como um professor impaciente confrontado com um aluno de raciocínio particularmente lento.

— Ouço e sou perspicaz. Acha que não faço mais nada além de ficar sentada, à espera de que vocês, homens, venham me dizer o que está acontecendo? Se fosse assim, nunca saberia de nada.

Roland ergueu as mãos em sinal de súplica.

— Lamento, Carline. Sem dúvida você não é nenhuma tola. — Levantou-se e pegou-lhe a mão. — Mas você me transforma em um.

A Princesa apertou a mão dele.

— Não, Roland, eu é que tenho sido tola. Demorei quase três anos para perceber o bom homem que você é. E que bom amigo. — Inclinou-se e beijou-o delicadamente. Roland devolveu o beijo com ternura. — E mais do que isso... — acrescentou Carline em voz baixa.

— Quando isso tudo terminar... — começou o Escudeiro.

A Princesa levou a mão livre aos lábios de Roland.

— Agora não, Roland. Agora não.

Ele sorriu, mostrando que entendia.

— É melhor eu voltar às muralhas, Carline.

Ela tornou a beijá-lo e partiu rumo ao pátio principal e ao trabalho que era preciso fazer. Ele voltou a subir até a muralha e retomou a vigília.

Atarde já estava acabando quando um guarda gritou:

— Escudeiro! Na floresta!

Roland olhou para a direção indicada e viu duas figuras atravessando velozmente o descampado. Das árvores, ouviram-se brados e o clamor da batalha.

Os arqueiros de Crydee apontaram as armas, mas Roland gritou:

— Esperem! É Martin do Arco! — Ao guarda ao seu lado ordenou: — Tragam cordas, depressa.

Martin do Arco e Garret alcançaram a muralha quando as cordas estavam sendo descidas e, logo que as agarraram, subiram até o topo. Assim que ficaram seguros do outro lado, deixaram-se cair exaustos por trás das ameias. Foram oferecidos odres aos dois caçadores, que beberam sofregamente.

— O que se passa agora? — perguntou Roland.

Martin do Arco deu um sorriso torto.

— Encontramos outro grupo de viajantes rumo ao norte cerca de cinquenta quilômetros a sudeste daqui e tratamos de levá-los para fazer uma visita aos tsurani.

Garret ergueu os olhos com olheiras de cansaço para Roland.

— Um grupo, diz ele. Quase quinhentos malditos moredhel deslocando-se em força. Devia haver quase uma centena deles nos perseguinto pela floresta nestes últimos dois dias.

— Arutha ficará contente — disse Roland. — Os tsurani têm investido todas as noites desde a sua partida. Seria bom se a atenção deles fosse desviada um pouco.

Martin do Arco assentiu.

— Onde está o Príncipe?

— Na muralha oeste, onde se têm concentrado as batalhas.

Martin levantou-se e ajudou o exausto Garret a pôr-se de pé.

— Vamos. Temos de transmitir o nosso relato.

Roland instruiu os homens para que se mantivessem atentos e seguiu os dois caçadores. Encontraram Arutha supervisionando a distribuição de armas para aqueles que precisavam substituir as que estavam quebradas ou cegas. Gardell, o ferreiro, e seus aprendizes, recolhiam as que podiam ser consertadas e colocavam-nas em um carrinho, regressando à forja para começarem a trabalhar.

— Alteza, encontramos outro grupo de moredhel a caminho do norte — disse Martin do Arco. — Conduzi-os até aqui, para que deem trabalho aos tsurani, de modo que não consigam nos atacar esta noite.

— Esta notícia é bem-vinda — disse Arutha. — Venha, beberemos uma taça de vinho enquanto me conta o que viu.

Martin do Arco mandou Garret para a cozinha e seguiu Arutha e Roland até a torre de menagem. O Príncipe enviou um recado a Gardan para que se juntasse a eles na sala do conselho e, quando estavam todos reunidos, pediu a Martin que relatasse a jornada.

Martin do Arco bebeu com vontade da taça que tinha à sua frente.

— Por um tempo, foi bastante arriscado. Os bosques estão repletos de tsurani e de moredhel. E há muitos sinais de que não morrem de amores uns pelos outros. Contamos pelo menos uma centena de mortos de ambos os lados.

Arutha olhou para os outros três homens.

— Sabemos pouco dos costumes deles, mas não me parece sensato viajarem tão perto de Crydee.

Martin do Arco sacudiu a cabeça.

— Não têm muita escolha, Alteza. O Coração Verde deve ter sido completamente pilhado, e não podem regressar às montanhas por causa dos tsurani. Os moredhel estão se dirigindo às Terras do Norte e não querem se arriscar a passar perto de Elvandar. Como o resto do caminho está bloqueado pelas forças tsurani, a opção que resta é através das florestas aqui perto, seguindo depois para oeste ao longo do rio, em

direção à costa. Assim que chegarem ao mar, poderão mais uma vez seguir para o norte. Eles devem alcançar a Grande Cordilheira Setentrional antes de chegarem sãos e salvos aos irmãos nas Terras do Norte. — Bebeu o que restava em sua taça e aguardou que um criado voltasse a servi-lo. — Pelo que pudemos verificar, praticamente todos os moredhel ao sul estão se dirigindo às Terras do Norte. Parece que mais de mil já passaram por aqui em segurança. Quantos mais irão passar ao longo do verão e do outono, não podemos prever. — Voltou a beber um gole. — Os tsurani terão de estar atentos ao flanco leste, e não faria mal se vigiassem também o sul. Os moredhel estão famintos e poderão arriscar um ataque surpresa ao acampamento tsurani quando a maior parte do exército estiver investindo contra as muralhas do castelo. Caso ocorra uma batalha a três, a situação poderá complicar-se.

— Para os tsurani — esclareceu Gardan.

Martin ergueu a taça em saudação.

— Para os tsurani.

— Bom trabalho, Mestre de Caça — disse Arutha.

— Obrigado, Alteza — riu. — Jamais imaginei que chegaria o dia em que gostaria de ver a Irmandade das Trevas nas florestas de Crydee.

Arutha tamborilou com os dedos na mesa.

— Só podemos contar com os reforços de Tulan e Carse daqui a duas ou três semanas. Caso os Irmãos das Trevas não deem sossego aos tsurani, talvez nos seja concedida uma pausa. — Olhou para Martin. — O que está acontecendo no leste?

Martin do Arco estendeu as mãos em cima da mesa.

— Não conseguimos nos aproximar a ponto de ver com exatidão enquanto passávamos correndo, mas planejam alguma coisa. Possuem um número considerável de homens espalhados pela floresta desde a orla da clareira até cerca de um quilômetro para trás. Não fossem os moredhel em nosso encalço, Garret e eu talvez não tivéssemos conseguido regressar às muralhas.

— Quem me dera saber o que eles andam fazendo lá fora — expressou Arutha. — Esses ataques noturnos certamente encobrem

algum plano.

— Temo que não tardaremos a saber — disse Gardan.

Arutha levantou-se, e os outros o imitaram.

— Seja como for, temos muito a fazer. Porém, caso esta noite eles não venham, devemos todos tirar proveito do repouso. Atribua postos de vigia e ordene que os homens regressem à caserna para dormir. Caso precisem de mim, estarei nos meus aposentos.

Os outros o seguiram para fora da sala do conselho, e Arutha dirigiu-se ao quarto devagar, a mente exausta tentando, em vão, compreender todos os assuntos importantes. Tirou a armadura às pressas e tombou completamente vestido no catre. Adormeceu depressa, ainda que o sono fosse agitado e repleto de sonhos.

Durante uma semana, não houve ataques, pois os tsurani estavam agindo com cautela por causa da migração da Irmandade da Senda das Trevas. Encorajados pela fome, os moredhel atacaram duas vezes o centro do acampamento tsurani, tal como Martin havia previsto.

Na oitava tarde após o primeiro ataque dos moredhel, os tsurani estavam mais uma vez se reunindo no campo em frente ao castelo, as fileiras novamente fortalecidas por reforços vindos do leste. As mensagens trocadas por meio de pombos entre Arutha e o pai falavam de um aumento dos combates também ao longo da frente oriental. Lorde Borric especulava que Crydee estava sendo atacada por tropas que tinham acabado de chegar do mundo dos tsurani, pois não haviam chegado relatos de movimentos de tropas em sua frente de batalha. Outras mensagens chegaram, com palavras de consolo de Carse e Tulan. Os soldados do Barão Tolbert tinham zarpado de Tulan dois dias após a chegada da mensagem de Arutha, e a frota se juntaria à do Barão Bellamy em Carse. Dependendo dos ventos predominantes, a força de auxílio chegaria dentro de uma ou duas semanas.

Arutha estava no seu lugar habitual no alto da muralha oeste, com Martin do Arco ao seu lado. Observavam os tsurani tomando posição enquanto o sol descia no oeste, como um farol vermelho que banhasse a paisagem de escarlate.

— Tudo indica que estão preparando um ataque para hoje à noite — disse Arutha.

— Ao que parece, conseguiram limpar a área de vizinhos incômodos, pelo menos durante algum tempo — disse Martin do Arco. — Ganhamos alguns dias devido aos moredhel, Alteza, mas o descanso parece ter acabado.

— Eu me pergunto quantos irão chegar às Terras do Norte.

Martin encolheu os ombros.

— Talvez um em cada cinco. A viagem do Coração Verde até as Terras do Norte é longa e árdua, mesmo em condições mais favoráveis. Agora...

— Deixou que as palavras se perdessem.

Gardan subiu as escadas do pátio.

— Alteza, a sentinela da torre informa que os tsurani estão em formação.

No momento em que falava, os tsurani fizeram ouvir os seus gritos de guerra e começaram a avançar. Arutha desembainhou a espada e deu ordem para que as catapultas iniciassem os lançamentos.

Seguiram-se os arqueiros, lançando uma explosão de flechas sobre os atacantes, e, ainda assim, os tsurani avançaram.

Ao longo da noite, onda após onda de alienígenas de armaduras brilhantes lançou-se contra a muralha oeste do Castelo de Crydee. A maioria pereceu no campo em frente à muralha ou na sua base, mas alguns conseguiram alcançar o topo das ameias. Onde também pereceram. Ainda assim, outros avançaram.

Por seis vezes os tsurani forçaram as defesas de Crydee, e estavam naquele momento preparando o sétimo ataque. Arutha, coberto de poeira e sangue, orientava a disposição das tropas que repousavam ao longo da muralha. Gardan olhou para o leste.

— Se conseguirmos aguentar mais uma vez, a alvorada chegará. Então poderemos descansar — disse, com a voz denotando exaustão.

— Vamos aguentar — respondeu Arutha, a voz soando tão cansada quanto a de Gardan.

— Arutha?

Arutha viu Roland e Amos subirem as escadas, seguidos por outro homem.

— Do que se trata? — quis saber o Príncipe, ao que Roland respondeu:

— Não detectamos qualquer atividade nas outras muralhas, mas há algo aqui que deveria ver — respondeu Roland.

Arutha reconheceu o homem, Lewis, o Caçador de Ratos do castelo. Tinha como responsabilidade manter as pragas afastadas. Segurava qualquer coisa nas mãos com delicadeza.

Arutha olhou com atenção: era um furão, contorcendo-se ligeiramente à luz das tochas.

— Alteza — começou Lewis, com a voz carregada de emoção —, é...

— O quê, homem? — disse Arutha, impaciente. Com um ataque prestes a se iniciar, não tinha tempo para lamentar a morte de um animal de estimação.

Roland falou por Lewis, que obviamente tentava superar a perda de seu furão:

— Os furões do Caçador de Ratos não retornaram nos últimos dois dias. Este aqui se arrastou para a despensa atrás da cozinha, Lewis o encontrou há alguns minutos.

Com um nó na garganta, Lewis explicou:

— São muito bem treinados, senhor. Se não voltam, é porque foram impedidos de fazê-lo. Este desgraçado foi pisado. Está com a espinha quebrada. Deve ter rastejado muitas horas para conseguir voltar.

— Não consigo ver a relevância de tudo isso — interrompeu Arutha.

Roland agarrou o Príncipe pelo braço.

— Arutha, eles percorrem os túneis dos ratos debaixo do castelo.

Tudo se tornou claro para Arutha. Virou-se para Gardan e disse:

— Escavadores! Os tsurani devem estar escavando debaixo da muralha leste.

— Isso explicaria os ataques constantes à muralha oeste, para nos afastar — comentou Gardan.

— Gardan, assuma o comando das muralhas. Amos, Roland, venham comigo — ordenou Arutha.

O Príncipe correu escada abaixo e atravessou o pátio. Gritou a um grupo de soldados para que o seguissem e levassem pás. Chegaram ao pequeno pátio por trás da torre e disse:

— Temos de encontrar o túnel e fazê-lo desabar.

— As suas muralhas estão inclinadas para fora na base — disse Amos.

— Eles vão perceber que não conseguirão pôr fogo nas madeiras dos túneis para as derrubarem e abrirem uma brecha. Tentarão colocar forças dentro do terreno do castelo ou da torre de menagem.

Roland ficou alarmado.

— Carline! Ela e as outras damas estão no porão.

— Vá até o porão com alguns homens — disse Arutha. Roland partiu apressadamente. Arutha ajoelhou-se e colocou um ouvido no chão. Os outros seguiram o exemplo, abaixando-se e tentando ouvir ruídos de escavação vindos de baixo.

Carline estava sentada ao lado de Lady Marna, mostrando-se irrequieta. A corpulenta antiga governanta parecia empenhada em seus bordados, demonstrando uma calma absoluta apesar da agitação e excitação das outras mulheres ali no porão. Os ruídos da batalha nas muralhas chegavam até elas como ecos tênues e distantes, abafados pelas grossas paredes da torre de menagem. Agora, a quietude que se sentia era igualmente enervante.

— Ah! Ficar presa aqui como um pássaro em uma gaiola — disse Carline.

— As muralhas não são adequadas à presença de damas — retrucou Lady Marna.

Carline levantou-se. Enquanto andava de um lado para outro, disse:

— Posso amarrar bandagens e carregar água. Todas nós poderíamos fazê-lo.

As outras senhoras da corte entreolharam-se como se a Princesa tivesse sido privada de suas capacidades mentais. Nenhuma conseguia

imaginar-se suportando tal provação.

— Alteza, por favor — disse Lady Marna —, deve aguardar pacientemente. Haverá muito a fazer quando a batalha terminar. Por ora, deve repousar.

Carline começou a retorquir, parando de imediato. Ergueu a mão.

— Ouvem alguma coisa?

As outras pararam de se mexer, e todas ficaram à escuta. Do chão, vinha uma batida leve. Carline ajoelhou-se na laje.

— Minha senhora, que atitude imprópria... — Lady Marna começou a dizer.

Carline interrompeu a queixa, acenando com a mão de modo autoritário.

— Silêncio! — Levou o ouvido à laje. — Há alguma coisa aqui...

Lady Glynis estremeceu.

— Devem ser ratos fugindo. Há centenas deles aqui embaixo. — A expressão no seu rosto indicou que essa revelação era um fato tão desagradável quanto seria possível imaginar.

— Caladas! — ordenou Carline.

Do chão, veio um som como se algo estivesse rachando, e Carline pôs-se em pé de um salto. A espada saiu da bainha quando surgiu uma fissura nas pedras do chão. A laje foi atravessada pela ponta de um cinzel, e logo em seguida a pedra virada para cima foi erguida e desviada.

As senhoras gritaram quando surgiu um orifício no chão. Um rosto surpreso e subitamente iluminado irrompeu do buraco, e um guerreiro tsurani, de cabelo imundo devido à sujeira do túnel, tentou subir. A espada de Carline atravessou-lhe a garganta ao mesmo tempo que a Princesa gritava:

— Siam! Chamem os guardas!

A maior parte das mulheres ficou petrificada de pavor, não conseguindo dar um único passo. Lady Marna ergueu a sólida e compacta corpulência do banco onde estava sentada e deu uma bofetada com as costas da mão em uma garota da cidade que não parava de

berrar. A garota olhou para Lady Marna com os olhos arregalados de pavor, desatando a correr pela escada. Como se aguardassem pelo sinal, as outras correram atrás dela, gritando por socorro.

Carline ficou vendo o tsurani sucumbir vagarosamente, bloqueando o buraco no chão. Surgiram outras fendas ao redor do orifício, e viu mãos que puxavam pedaços de lajes para a entrada cada vez mais ampla. Lady Marna estava no meio da escada quando viu Carline parada.

— Princesa! — gritou de modo esganiçado.

Surgiu outro homem, que subiu pelo buraco, e Carline golpeou-o mortalmente. Então foi forçada a recuar, pois as pedras junto aos seus pés cederam. Os tsurani tinham terminado o túnel em um grande buraco, e estavam agora alargando a abertura, retirando pedras de modo a permitir uma afluência em massa, dominando os oponentes que surgissem.

Um deles debateu-se ao subir, afastando Carline para um dos lados, de maneira a permitir que outro iniciasse a subida. Lady Marna virou-se e correu para junto de sua protegida, agarrando um grande pedaço de pedra que deixou cair no crânio desprovido de elmo do segundo tsurani. Grunhidos e palavras estranhas chegaram da entrada do túnel quando o invasor tombou, caindo em cima de outros que vinham subindo.

Carline trespassou o outro e chutou mais um outro no rosto.

— Princesa! — gritou Lady Marna. — Temos de fugir!

Carline não respondeu. Esquivou-se de um golpe nos pés desferido por um tsurani, que logo saltou com rapidez do buraco, Lady Marna soltou um guincho.

O primeiro invasor virou-se por reflexo ao ouvir o som, e Carline deu-lhe uma estocada no flanco. O segundo ergueu uma espada serrilhada com o intuito de atingir Lady Marna, e Carline deu um salto para golpeá-lo, cravando a ponta da espada no pescoço do atacante. Ele estremeceu e tombou, ao mesmo tempo que os dedos largavam a espada. Carline agarrou Lady Marna pelo braço e puxou-a para a escada.

Do buraco, saíam tsurani em grande número, e Carline virou-se no pé da escada. Lady Marna ficou atrás da Princesa, sem querer deixá-la. Os

tsurani aproximaram-se com cautela. Os companheiros que a garota matara bastaram para justificar o respeito e a cautela.

De repente, um corpo passou correndo pela Princesa, e Roland investiu contra os tsurani, seguido de perto por soldados da torre de menagem. O jovem Escudeiro vinha enfurecido na ânsia de proteger a Princesa, e derrubou três tsurani na primeira investida. Eles tombaram para trás e desapareceram pelo buraco, arrastando Roland.

Quando o Escudeiro desapareceu de vista, Carline gritou:

— Roland!

Outros guardas passaram com pressa pela Princesa, atacando os tsurani que ainda se encontravam no porão, e alguns saltaram destemidamente para dentro do buraco. Grunhidos e gritos, berros e imprecações chegavam do túnel.

Um guarda agarrou Carline pelo braço e começou a arrastá-la pela escada. Ela cedeu, impotente diante da mão firme do homem, gritando:

— Roland!

Gemidos de esforço enchiam o túnel escuro enquanto os soldados de Crydee escavavam furiosamente. Arutha encontrara o túnel dos tsurani e ordenara que fosse escavado um poço perto dele. Agora estavam escavando um contratúnel para interceptarem os tsurani, junto à muralha. Amos concordara com a decisão de Arutha de que precisavam forçar os tsurani a recuar para além da muralha antes de provocarem o desabamento do túnel, desse modo privando-os de qualquer acesso ao castelo.

Uma das pás atravessou para o outro lado, e os homens começaram a afastar a terra como loucos, abrindo passagem para o túnel dos tsurani. Foram colocadas tábuas às pressas, suportes improvisados, de modo a impedir que a terra caísse sobre eles.

Os homens de Crydee lançaram-se no túnel baixo e entraram em um terrível e desvairado combate. Guerreiros tsurani e o pelotão de Roland estavam envolvidos em uma luta corpo a corpo na penumbra. Os contendores lutavam e pereciam na escuridão debaixo da terra. Era

impossível organizar o tumulto, uma vez que lutavam confinados. Uma lanterna tombada tremeluzia debilmente, fornecendo uma iluminação fraca.

— Vá buscar mais homens! — disse Arutha ao soldado atrás dele.

— É para já, Alteza! — respondeu o soldado, voltando para o poço.

Arutha entrou no túnel dos tsurani. Como este tinha somente um metro e meio de altura, ele foi obrigado a avançar curvado. Era razoavelmente amplo, com espaço para a passagem de três homens. Arutha pisou algo mole que gemeu de dor. Passou pelo moribundo, em direção aos sons da luta.

Era uma cena saída de seus piores pesadelos, parcamente iluminada por tochas espaçadas. Sem espaço, somente os três homens da frente podiam atacar o inimigo em que ponto fosse. Arutha gritou:

— Punhais!

E largou o florete. Num espaço tão apertado, as armas mais curtas seriam mais eficazes.

Deparou-se com duas figuras que lutavam às escuras, e agarrou uma delas. Sentiu que a mão agarrara a armadura quitinosa e, sem demora, enterrou o punhal no pescoço desprotegido do tsurani. Afastando o corpo agora inanimado, viu um amontoado de corpos a poucos metros, onde soldados de Crydee e dos tsurani empurravam uns aos outros. Imprecações e gritos invadiam o túnel, e o cheiro de terra úmida misturava-se ao odor de sangue e excrementos.

Arutha lutou furiosamente, às cegas, atacando inimigos que mal vislumbrava. O seu próprio medo ameaçava dominá-lo, pois uma consciência primitiva gritava para que saísse do túnel e da ameaçadora terra que os cobria. Reprimiu o pânico e continuou a liderar o ataque aos escavadores.

Ouviu uma voz familiar resmungando e praguejando ao seu lado, e percebeu que Amos Trask estava por perto.

— Só mais dez metros, rapaz! — gritou o marinheiro.

Arutha confiou no homem, uma vez que perdera a noção de distância. Os homens de Crydee continuaram a forçar o inimigo a recuar

e foram muitos os que pereceram matando os resistentes tsurani. O tempo tornou-se um borrão, e a luta não passava de uma montagem de imagens indistintas.

Subitamente, Amos gritou:

— Palha! — E feixes de palha seca foram passados de mão em mão até a frente. — Tochas! — gritou, e foram passadas tochas flamejantes. Amontoou a palha junto a um gradeado de tábuas e lançou uma tocha para o monte. As labaredas começaram a subir, e Amos gritou: — Saiam do túnel!

O combate foi interrompido. Todos os combatentes, fossem de Crydee ou tsurani, viraram-se e fugiram das chamas. Os escavadores sabiam que o túnel estava perdido, sem meios de extinguir as labaredas, e correram para se salvar.

Uma fumaça sufocante invadiu o túnel, e os homens começaram a tossir enquanto tentavam sair do espaço exíguo. Arutha seguiu Amos, e erraram a curva para o contratúnel, acabando por sair no porão. Soldados da guarda, sujos e cobertos de sangue, tombavam ofegantes nas pedras do porão. Ouviu-se um ribombar abafado e, com um estrondo, saiu uma rajada de ar e fumaça do buraco. Amos sorriu de satisfação, o rosto marcado pela sujeira.

— As traves desabaram. O túnel está selado.

Arutha acenou com a cabeça, sem dizer uma palavra, exausto e ainda com a cabeça rodando devido à fumaça. Foi-lhe oferecido um copo d'água, que bebeu com vontade, acalmando a garganta inflamada.

Carline surgiu à frente do irmão.

— Você está bem? — perguntou, a preocupação estampada no rosto. Ele confirmou com um aceno de cabeça. Ela olhou ao redor. — Onde está Roland?

Arutha sacudiu a cabeça.

— Era impossível ver o que quer que fosse lá embaixo. Ele estava no túnel?

Carline mordeu o lábio inferior. Brotaram lágrimas de seus olhos azuis enquanto acenava com a cabeça, confirmando.

— É possível que tenha fugido do túnel e saído para o pátio — disse Arutha. — Vamos lá ver.

O Príncipe levantou-se e foi seguido por Amos e Carline pelas escadas. Saíram da torre e Arutha foi prontamente informado por um soldado de que o ataque à muralha fora rechaçado. Arutha tomou conhecimento do relatório e contornou a torre até chegarem ao poço que ordenara que fosse escavado. Viam-se soldados prostrados na grama do pátio, tossindo e cuspindo, tentando limpar os pulmões da fumaça sufocante. O ar estava pesado devido à bruma acre dos vapores que continuavam a emanar do poço. Ouviu-se outro som surdo e prolongado que Arutha sentiu pela sola das botas. Junto à muralha, surgira uma depressão de terreno no local em que o túnel cedera por baixo.

— Escudeiro Roland! — chamou Arutha.

— Aqui, Alteza — ouviu-se a resposta gritada por um soldado.

Carline passou correndo por Arutha, alcançando Roland antes do Príncipe. O Escudeiro jazia no chão e estava sendo tratado pelo soldado que respondera. Tinha os olhos fechados e a pele pálida, e via-se sangue escorrendo do flanco.

— Tive de arrastá-lo nos últimos metros, Alteza — disse o soldado. — Não conseguia manter-se em pé. Achei que se tratava da fumaça até ver o ferimento.

Carline segurou a cabeça de Roland com cuidado, enquanto Arutha cortava as correias de ligação do peitoral dele, rasgando de uma vez a túnica de baixo. Pouco depois, Arutha sentou-se nos calcanhares.

— É superficial. Vai ficar bem.

— Ah, Roland — exclamou Carline fricamente.

Roland abriu os olhos e esboçou um sorriso. A voz denotava cansaço, mas esforçou-se para falar em tom alegre:

— O que é isso? Até parece que você achava que eu estava morto.

— Monstro insensível — disse Carline. Sacudiu-o ligeiramente, mas não o largou, e sorriu. — Pregando peças numa hora dessas!

O Escudeiro crispou-se quando tentou se mexer.

— Ah, isso dói. — Ela levou uma mão ao ombro dele, impedindo que se mexesse.

— Não tente se mover. Temos de colocar uma bandagem no ferimento — disse Carline, mesclando sentimentos de alívio e de raiva.

Aninhando a cabeça no colo da Princesa, Roland sorriu.

— Não sairia daqui nem por metade do Ducado de seu pai.

Ela olhou para ele, irritada:

— O que achou que estava fazendo, atirando-se ao inimigo daquela forma?

Roland pareceu verdadeiramente envergonhado.

— Na verdade, tropecei ao descer as escadas e não consegui evitar.

Carline colocou a face na testa de Roland, enquanto Arutha e Amos gargalhavam.

— É um mentiroso. E eu amo você — disse Carline em voz baixa.

Arutha levantou-se, levando Amos junto e deixando Roland e Carline a sós. Ao chegar à esquina, encontraram o antigo escravo tsurani, Charles, levando água para os feridos. Arutha deteve-o.

Levava uma canga nos ombros, de onde pendiam dois grandes baldes de água. Sangrava por várias pequenas feridas e estava coberto de lama.

— O que lhe aconteceu? — perguntou Arutha.

Com um sorriso de orelha a orelha, Charles respondeu:

— Bom combate. Saltar para buraco. Charles bom guerreiro.

O antigo escravo tsurani estava pálido e balançava um pouco, ali parado. Arutha ficou calado, até indicar ao homem que devia prosseguir a sua tarefa. Feliz, Charles continuou apressado.

— O que acha disso? — perguntou Arutha a Amos.

Amos soltou um riso abafado.

— Muito lidei com embusteiros e patifes, Alteza. Pouco sei sobre esses tsurani, mas acho que se pode confiar nesse homem.

Arutha ficou vendo Charles distribuir água aos outros soldados, ignorando os seus próprios ferimentos e a fadiga.

— Não foi uma atitude trivial lançar-se ao poço sem que lhe tenha sido ordenado. Tenho de reconsiderar a proposta de Martin do Arco

para colocá-lo em serviço.

Prosseguiram o caminho, com Arutha supervisionando o tratamento dos feridos, enquanto Amos ficou responsável pela destruição total do túnel.

Quando a aurora chegou, o pátio estava tranquilo, e somente uma parcela de terra fresca, no local onde o poço fora preenchido, e uma enorme cova que ia da torre de menagem até a muralha exterior indicavam que algo inusitado ocorreu ali durante a noite.

Fannon mancou ao longo da muralha, apoiando-se no seu lado direito. O ferimento nas costas estava quase curado, mas ainda não conseguia caminhar sem auxílio. O Padre Tully amparava o Mestre de Armas, e os dois chegaram ao local onde os outros aguardavam.

Arutha sorriu para o Mestre de Armas e deu-lhe o outro braço, ajudando Tully a ampará-lo. Gardan, Amos Trask, Martin do Arco e um grupo de soldados encontravam-se por perto.

— O que se passa? — perguntou Fannon, e a sua demonstração de irritação impaciente foi acolhida com agrado por todos os que se encontravam na muralha. — Têm tanta dificuldade em chegar a um consenso a ponto de terem de me arrastar do meu repouso para tomar as rédeas da situação?

Arutha indicou o mar. No horizonte, viam-se dezenas de pequenos pontos no azul do mar e do céu, vislumbres de branco luminoso que reluziam sob o sol matinal e que refletiam até o castelo.

— A frota de Carse e Tulan aproxima-se das praias ao sul.

Indicou o acampamento tsurani à distância, num grande frenesi.

— Hoje, vamos expulsá-los daqui. Amanhã, a esta hora, toda esta área ficará livre de forasteiros. Iremos escorraçá-los para o leste e não lhes daremos trégua. Passará muito tempo até conseguirem reunir forças novamente.

— Espero que tenha razão, Arutha — disse Fannon serenamente. Ficou mudo por algum tempo, para depois dizer: — Ouvi relatos de seu

comando, Arutha. Saiu-se bem. É motivo de orgulho para o seu pai e para Crydee.

Comovendo-se com o elogio do Mestre de Armas, Arutha tentou disfarçar, mas foi interrompido por Fannon:

— Não, fez tudo o que era necessário e ainda mais. Estava certo. Com essa gente, não podemos ser cautelosos. Temos de levar a batalha até eles. — Suspirou. — Sou um velho, Arutha. Está na hora de me afastar e deixar que as guerras sejam travadas pelos jovens.

Tully emitiu um som de ironia.

— Você não é velho. Eu já era sacerdote quando você ainda andava de fralda.

Fannon riu com os outros perante a inexatidão óbvia da afirmação, e Arutha disse:

— Tenho de dizer que, se agi corretamente, foi sem dúvida devido aos seus ensinamentos.

Tully agarrou Fannon pelo cotovelo.

— Pode não ser velho, mas está enfermo. De volta à torre, é para onde você vai. Já passeou muito. Amanhã poderá começar a caminhar com regularidade. Daqui a poucas semanas, andará por aí mandando em tudo, berrando com todos, de volta ao que era.

Fannon conseguiu esboçar um sorriso e permitiu que Tully o conduzisse de volta às escadas. Depois de partir, Gardan disse:

— O Mestre de Armas tem razão, Alteza. Seu pai ficará orgulhoso.

Arutha contemplou os navios que se aproximavam, as feições ossudas firmadas em uma expressão de meditação serena.

— Se me saí bem, devo isso à ajuda de bons homens, muitos dos quais já não estão entre nós — disse em voz baixa. Respirou fundo, para depois prosseguir: — Você foi crucial na nossa resistência a este cerco, Gardan, assim como você, Martin.

Ambos sorriram e expressaram agradecimentos.

— E você, pirata. — Arutha sorriu abertamente. — Também desempenhou um papel importante. Estamos em dívida com você.

Amos Trask tentou parecer modesto, em vão:

— Bem, Alteza, estava só protegendo a minha pele e a dos outros. — Devolveu o sorriso aberto a Arutha. — Foi uma bela luta, muito estimulante.

Arutha voltou a olhar para o mar.

— Esperemos que estas belas e estimulantes lutas estejam prestes a acabar. — Deu as costas às muralhas e começou a descer as escadas. — Deem as ordens para que se preparem para o ataque.

Carline encontrava-se no alto da torre sul do castelo, com o braço ao redor da cintura de Roland. Fora o detalhe da palidez devido ao ferimento, o Escudeiro parecia animado.

— O cerco terminará, agora que a frota chegou — disse, abraçando a Princesa com firmeza.

— Tem sido um verdadeiro pesadelo.

Roland sorriu, baixando o olhar e contemplando os olhos azuis de Carline.

— Nem sempre. Houve algumas compensações.

Com delicadeza, a Princesa disse:

— Você é um tratante. — E o beijou. Quando se afastaram, prosseguiu: — Pergunto-me se sua valentia insensata não passou de um ardil para conquistar o meu afeto.

Fingindo crispar-se, Roland retorquiu:

— Senhora, magoa-me.

Ela agarrou-o com mais força.

— Fiquei tão preocupada, sem saber se estava morto no túnel. Eu... — A voz se perdeu quando o olhar correu até a torre norte do castelo, do lado oposto àquela onde se encontravam. Dali conseguia ver a janela no segundo andar, a janela do quarto de Pug. A bizarra chaminé de metal, que não parava de cuspir fumaça quando o garoto estava estudando, não passava de uma recordação muda do quão vazia a torre se encontrava.

Roland seguiu o olhar.

— Eu sei — disse. — Também tenho saudades dele. E de Tomas.
A Princesa suspirou.

— Parece que foi há tanto tempo, Roland. Naquela época, eu não passava de uma menininha, uma criança com a noção que as crianças têm do que é a vida e o amor. — Com ternura, continuou: — Há amores que chegam como a brisa do mar, enquanto outros crescem devagar das sementes da amizade e da bondade. Alguém disse essas palavras certa vez.

— O Padre Tully. Tinha razão. — Apertou-lhe a cintura. — Seja como for, desde que tenhamos sentimentos, continuamos vivos.

Carline observou os soldados da guarnição prepararem a investida iminente.

— Isso irá acabar aqui?

— Não, eles regressarão. Esta guerra está destinada a ser longa.

Ali ficaram, abraçados, consolando-se com o simples fato da existência um do outro.

Kasumi, dos Shinzawai, Líder da Força Militar dos Exércitos do Clã Kanazawai, da Facção da Roda Azul, observava o inimigo nas muralhas do castelo.

Mal conseguia discernir as silhuetas que caminhavam ao longo das ameias, mas as conhecia bem. Não sabia os nomes de ninguém, mas conhecia todos tão bem como aos seus próprios homens. O jovem esbelto que comandava e lutava como um demônio, que botava ordem na luta quando necessário, estava lá. O gigante negro não estaria muito afastado, aquele que parecia um pilar enfrentando os ataques às muralhas. E o outro que se trajava de verde e que conseguia correr pela floresta como um fantasma, debochando dos homens de Kasumi pela desenvoltura com que atravessava as fileiras, também ali estaria. Sem dúvida que por perto estaria aquele mais forte, o homem que soltava gargalhadas com a espada curva e um sorriso louco. Kasumi saudou-os

em silêncio como bravos inimigos, ainda que não passassem de bárbaros.

Chingari, dos Omechkel, Líder Principal de Ataques, aproximou-se e parou ao lado de Kasumi.

— Líder da Força Militar, a frota bárbara aproxima-se. Os homens desembarcarão em menos de uma hora.

Kasumi olhou para o pergaminho que segurava na mão. Fora lido uma dezena de vezes desde que chegara de madrugada. Olhou-o de relance uma vez mais, voltando a examinar a marca na parte de baixo, o brasão de seu pai, Kamatsu, Senhor dos Shinzawai. Aceitando tacitamente o destino pessoal, Kasumi disse:

— Ordem de marcha. Levante acampamento de imediato e comece a reunir os guerreiros. Ordenam que retornemos a Kelewan. Envie homens para abrir caminho.

A voz de Chingari traiu seu rancor:

— Agora que destruíram o túnel, desistimos submissos?

— Não é vergonha alguma, Chingari. O nosso clã retirou-se da Aliança pela Guerra, assim como fizeram os outros clãs da Facção da Roda Azul. A Facção Bélica está novamente sozinha na orientação desta invasão.

Suspirando, Chingari disse:

— Mais uma vez, a política interfere na conquista. Teria sido uma vitória gloriosa tomar castelo tão esplêndido.

Kasumi riu.

— Sem dúvida. — Observou as atividades no castelo. — São os melhores que já enfrentamos. Já aprendemos muito com eles. Muralhas do castelo inclinadas para fora na base, impedindo que escavadores as façam desabar, é uma novidade engenhosa. E aqueles quadrúpedes que montam. Sim, como se deslocam, lembram thiün percorrendo velocemente as tundras da nossa terra. Seja como for, obterei alguns daqueles animais. De fato, esse povo de bárbaro pouco tem.

Após um momento de reflexão, ordenou:

— Faça com que os nossos batedores e rastreadores fiquem atentos a sinais dos demônios da floresta.

Chingari cuspiu.

— Os imundos estão uma vez mais a caminho do norte em grande número. Assim como os bárbaros, são um punhal cravado no nosso flanco.

— Quando conquistarmos este mundo, teremos de tratar dessas criaturas — disse Kasumi. — Os bárbaros darão escravos fortes. Alguns podem até vir a se revelar valiosos a ponto de se tornarem vassalos livres que jurarão lealdade às nossas casas, mas esses imundos, esses terão de ser destruídos por completo. — Kasumi ficou calado por um instante, até dizer: — Deixe que os bárbaros achem que fugimos apavorados com a chegada da frota. Agora este lugar passou a ser problema dos clãs que permanecem na Facção Bélica. Deixe que Tasio, dos Minwanabi, se inquiete com uma guarnição à sua retaguarda caso se desloque para leste. Até que os Kanazawai voltem a se reorganizar no Conselho Supremo, esta guerra terminou para nós. Ordene a marcha.

Chingari bateu continência ao comandante e partiu, deixando Kasumi considerando as implicações da mensagem do pai. Sabia que a retirada de todas as forças da Facção da Roda Azul se revelaria um tremendo revés para o Senhor da Guerra e a sua facção. As repercussões desse ato iriam ser sentidas em todo o Império nos anos vindouros. Doravante, o Senhor da Guerra não teria vitórias esmagadoras, pois, com a partida das forças leais aos senhores Kanazawai e aos outros clãs da Roda Azul, os outros clãs iriam ponderar cuidadosamente antes de se juntarem a uma investida em massa. Não, pensava Kasumi, o seu pai e os demais senhores investiam em uma jogada ousada, ainda que perigosa. Aquela guerra iria se prolongar. O Senhor da Guerra fora despojado de uma conquista espetacular; estava agora à beira da exaustão, com poucos homens e ocupando muito terreno. Sem novos aliados, permaneceria incapaz de levar a guerra adiante com vigor. Restavam-lhe duas opções: retirar-se de Midkemia e arriscar a afronta perante o Conselho Supremo,

ou se sentar e aguardar, esperando nova mudança na política da sua terra.

Era uma jogada formidável da parte da Roda Azul. Contudo, o risco era grande. E o risco que advinha da sucessão de jogadas que se avizinhava no Jogo do Conselho seria ainda mais perigoso. Em silêncio, disse a si mesmo:

— Ó meu pai, agora o nosso empenho no Grande Jogo é inabalável. Arriscamos muito: a nossa família, o nosso clã, a nossa honra, talvez até o próprio Império.

Amassando o pergaminho, atirou-o em um braseiro próximo e, depois devê-lo completamente consumido pelo fogo, Kasumi afastou os pensamentos de perigo e regressou à sua tenda.

FIM DO LIVRO I

[CLIQUE AQUI PARA LER UM EXCERTO DO LIVRO II](#)

Agradecimentos

Foram muitos os que me deram uma ajuda incalculável para a concretização desta obra. Gostaria de apresentar os meus sinceros agradecimentos a: Friday Nighters (Grupo Noturno das Sextas-Feiras): April e Stephen Abrams; Steve Barett; David Brin; Anita e Jon Everson; Dave Guinasso; Conan LaMotte; Tim LeSelle; Ethan Munson; Bob Potter; Rich Spahl; Alan Springer e Lori e Jeff Velten, pelas críticas úteis, entusiasmo, apoio, crença, conselhos sábios, ideias maravilhosas e, acima de tudo, pela amizade. A Billie e Russ Blake e Lilian e Mike Fessier, pela constante determinação em ajudar.

A Harold Matson, o meu agente, por correr o risco comigo.

A Adrian Zackheim, o meu editor, por pedir em vez de exigir e por trabalhar com afinco na criação de um bom livro.

A Kate Cronin, assistente editorial, por ter senso de humor e por aturar com elegância todas as minhas tolices.

A Elaine Chubb, revisora, por seu toque delicado e por revelar um carinho tão grande pelas palavras.

E a Barbara A. Feist, minha mãe, pelo que foi dito acima e ainda mais.

Raymond E. Feist
San Diego, Califórnia,
Julho de 1982

Agradecimentos referentes à edição revisada

Por ocasião da publicação desta edição revisada pelo autor, gostaria de acrescentar os seguintes nomes à lista anterior; pessoas que, embora ainda não as conhecesse na época em que escrevi os primeiros agradecimentos, representaram uma ajuda inestimável na divulgação de *Mago* e contribuíram de modo relevante para o meu sucesso:

Mary Ellen Curley, que assumiu o cargo de Katie e nos manteve na linha.

Peter Schneider, cujo entusiasmo pelo trabalho me proporcionou um aliado valioso na Doubleday e um grande amigo na última década.

Lou Aronica, que comprou o livro mesmo não tendo interesse em fazer reedições e por ter-me dado a oportunidade de voltar à minha primeira obra e “reescrevê-la mais uma vez”.

Pat Lobrutto, que me ajudou antes mesmo de isso ser parte de suas funções, que assumiu a tarefa numa época difícil, e cuja amizade continua além de nossa relação profissional.

Janna Silverstein, que, apesar do seu breve mandato como minha editora, tem mostrado um sinistro dom de saber quando me deixar em paz e quando entrar em contato comigo.

Nick Austin, John Booth, Jonathan Lloyd, Malcolm Edwards e a todos da Granada, atualmente HarperCollins Books, que tornaram a obra um sucesso de vendas internacional.

Abner Stein, meu agente britânico, que vendeu a obra a Nick em primeiro lugar.

Janny Wurts, por ser minha amiga e que, por trabalhar comigo na *Empire Trilogy*, proporcionou-me uma perspectiva completamente diferente dos tsurani; ela ajudou a mudar O Jogo do Conselho, que de um conceito vago passou para uma verdadeira e cruel arena de conflitos humanos. A invenção de Kelewan e Tsuranuanni deve-se tanto a ela quanto a mim. Eu desenhei os esboços e ela os coloriu detalhadamente.

E Jonathan Matson, que recebeu o bastão das mãos de um grande homem e continuou sem hesitações, providenciando conselhos sábios e amizade. Tal pai, tal filho.

Acima de tudo, a minha mulher, Kathlyn S. Starbuck, que comprehende as minhas aflições e as minhas alegrias neste ofício, uma vez que também trabalha na mesma área, e que está sempre presente, mesmo quando eu não mereço que ela esteja, e que dá sentido a tudo com o seu amor.

Raymond E. Feist
San Diego, Califórnia,
Abril de 1991

EXCERTO DE

MAGO MESTRE

LIVRO DOIS DE A SAGA DO MAGO

O tempo esfriara nas últimas três semanas.

No entanto, ainda tinha um pouco do calor do verão. Naquela terra, o inverno — se podia ser chamado assim — durava apenas umas seis semanas, com breves chuvas frias vindas do norte. As árvores mantinham grande parte das folhas verde-azuladas e não havia como sentir a passagem do outono. Durante os quatro anos passados em Tsuranuanni, Pug não vira qualquer sinal da mudança das estações: as aves não migravam, não havia geada pela manhã, a chuva não se tornava granizo, não nevava e as flores campestres não floresciam. Aquela terra parecia viver no eterno âmbar suave do verão.

No começo da viagem, tinham seguido a estrada de Jamar em direção ao norte, rumo à cidade de Sulan-qu. O rio Gagajin estava cheio de barcos e barcaças, enquanto a via principal seguia igualmente atulhada com caravanas, carroças de agricultores e nobres que seguiam em liteiras.

No primeiro dia, o Lorde Shiznawai partira de barco rumo à Cidade Sagrada para assistir ao Conselho Supremo. O resto da família e do pessoal seguira num passo mais tranquilo. Hokanu parara à entrada da cidade de Sulan-qu para visitar a Senhora de Acoma, dando a Pug e Laurie a oportunidade de conversarem com outro escravo de Midkemia, capturado recentemente. As notícias da guerra eram desoladoras. Nada mudara desde que tinham tido notícias de sua terra natal; o conflito ainda não se resolvera.

Na Cidade Sagrada, o Lorde Shinzawai juntou-se ao filho e à comitiva na viagem até as propriedades dos Shinzawai, nos arredores da cidade de Silmani. Até ali, a caminhada para o norte prosseguira sem incidentes.

A caravana aproximava-se dos limites setentrionais das terras da família. Pelo caminho, Pug e Laurie tiveram pouco trabalho, além de tarefas ocasionais: despejar os caldeirões do cozinheiro, limpar os excrementos dos needra, carregar e descarregar mantimentos. Naquele momento, seguiam na parte de trás de uma carroça, com os pés balançando. Laurie mordia um pedaço de fruta jomach madura, semelhante a uma grande romã verde com a polpa de uma melancia. Cuspindo as sementes, perguntou:

— Como está sua mão?

Pug examinou a mão direita, observando a cicatriz enrugada que percorria a palma.

— Ainda está rígida. Acho que não vai ficar melhor do que isso.

Laurie também olhou.

— Parece que você nunca mais vai usar uma espada. — Sorriu.

Pug riu.

— Duvido que você volte a usar uma também. Não acho que venham a nomeá-lo Lanceiro da Cavalaria Imperial.

Laurie cuspiu mais sementes, que ricochetearam no focinho do needra que puxava a carroça atrás deles. O animal de seis patas resfolegou e o condutor, irritado, apontou-lhe a vara que servia para conduzir.

— Tirando o detalhe de que o Imperador não tem lanceiros, pois também não possui cavalos, não consigo pensar em alternativa melhor.

— Pug riu, debochando.

— Pois fique sabendo, companheiro — disse Laurie em tom aristocrático —, que nós, os trovadores, somos frequentemente abordados nas estradas por um tipo de cliente menos respeitável, salteadores e assassinos que buscam os nossos salários, parcós, mas ganhos com muito esforço. Se não desenvolvemos a capacidade de nos

defendermos, não ficamos muito tempo nessa atividade, se é que você me entende.

Pug sorriu. Sabia que, em uma cidade, os trovadores eram quase sacrossantos, pois, se fossem feridos ou assaltados, a notícia se espalharia e nenhum outro voltaria. Na estrada, tudo mudava de figura. Não duvidava da capacidade de Laurie de se defender, mas não ia permitir que o amigo usasse aquele tom afetado sem lhe dar uma resposta à altura. Porém, quando estava prestes a retrucar, foi interrompido por gritos vindos da dianteira da caravana. Guardas correram e Laurie virou-se para o companheiro mais baixo:

— O que será toda essa confusão?

Sem esperar resposta, saltou e correu para a frente. Pug o seguiu. Ao alcançarem a vanguarda da caravana, parando atrás da liteira do Lorde Shinzawai, viram silhuetas que avançavam pela estrada em direção a eles. Laurie puxou a manga de Pug.

— Cavaleiros!

Pug mal conseguia acreditar no que os seus olhos viam, pois realmente pareciam cavaleiros aproximando-se pela estrada que vinha do solar dos Shinzawai. À medida que se aproximavam, percebeu que era um único cavaleiro e três cho-ja de um esplêndido azul-escuro.

O cavaleiro, um jovem tsurani de cabelo castanho, mais alto do que a maioria, desmontou com um movimento desajeitado e Laurie comentou:

— Nunca serão uma verdadeira ameaça militar se não conseguirem montar melhor do que aquilo. Olhe, não tem sela nem rédeas, só um cabresto rudimentar feito de correias de couro. O pobre cavalo parece que não é escovado há um mês.

A cortina da liteira foi afastada quando o cavaleiro chegou mais perto. Os escravos pousaram a liteira e o Lorde Shinzawai desceu. Hokanu já se aproximara do pai, tendo avançado desde o seu lugar entre os guardas, na retaguarda da caravana, e abraçava o cavaleiro, trocando saudações. Em seguida, o cavaleiro abraçou o Lorde Shinzawai. Pug e Laurie ouviram-no dizer:

— Pai! Como é bomvê-lo!

— Kasumi! — exclamou o senhor dos Shinzawai. — Como é bom rever o meu primogênito. Quando voltou?

— Há menos de uma semana. Teria ido a Jamar, mas ouvi dizer que vinham para cá, por isso esperei.

— Fico feliz. Quem são seus companheiros? — Indicou as criaturas.

— Este — disse o filho, indicando o que estava mais à frente —, é o Líder de Ataques X'calak, que acabou de regressar de uma batalha contra os pequenos sob as montanhas de Midkemia.

A criatura avançou, ergueu a mão direita — de forma muito humana — batendo continência e, em tom estridente e sibilante, disse:

— Salve, Kamatsu, Senhor dos Shinzawai. Honra seja feita à sua casa.
O Lorde Shinzawai fez uma ligeira mesura.

— Saudações, X'calak. Honra seja feita à sua colmeia. Os cho-ja são sempre bem-vindos.

A criatura recuou e aguardou. O lorde voltou-se para contemplar o equino.

— Que criatura é essa, meu filho?

— É um cavalo, pai. Um animal montado pelos bárbaros nas batalhas. Já lhe falei sobre eles. É uma criatura realmente maravilhosa. Montado nela, consigo correr mais depressa do que o corredor cho-ja mais veloz.

— Como você consegue ficar aí em cima?

O filho mais velho de Shinzawai riu.

— Infelizmente, com extrema dificuldade. Os bárbaros têm truques que ainda preciso aprender.

Hokanu sorriu.

— Talvez possamos providenciar algumas aulas.

Kasumi deu-lhe um tapinha amigável nas costas.

— Pedi a vários bárbaros, mas, infelizmente, estavam todos mortos.

— Tenho dois que não estão.

Kasumi olhou para além do irmão e viu Laurie, cuja cabeça se destacava acima dos outros escravos que haviam se juntado em volta.

— Estou vendo. Bom, temos de pedir a ele. Pai, com a sua permissão, voltarei para casa para garantir que tudo esteja pronto para recebê-lo.

Kamatsu abraçou o filho, concordando. O primogênito agarrou a crina do animal e, com um salto atlético, voltou a montar. Acenando com a mão, partiu.

Pug e Laurie retornaram depressa aos seus lugares na carroça.

— Você já tinha visto aquelas coisas? — perguntou Laurie.

Pug confirmou.

— Sim, os tsurani os chamam de cho-ja. Vivem em colônias, em enormes montes de terra, como formigas. Os escravos tsurani com quem falei no acampamento disseram que estão por aqui desde sempre. São leais ao Império; apesar disso, se não me engano, creio ter ouvido que cada colônia tem a sua rainha.

Laurie olhou para a frente da carroça, agarrando-se com uma mão.

— Não gostaria de enfrentar um deles a pé. Olhe só como correm.

Pug não respondeu. O comentário do filho mais velho de Shinzawai sobre os pequenos sob as montanhas havia lhe trazido antigas memórias. “Se Tomas estiver vivo”, pensou, “já é um homem. Se estiver vivo”.

O solar dos Shinzawai era gigantesco: sem dúvida, a maior construção — sem mencionar os templos e palácios — que Pug já vira. Fora erguido no alto de uma colina, com vista para a paisagem campestre a quilômetros de distância. A casa era quadrada, tal como a de Jamar, mas várias vezes maior. A da cidade podia facilmente caber no jardim central daquele solar. Atrás, encontravam-se os anexos, a cozinha e os alojamentos dos escravos.

Pug esticou o pescoço para observar o jardim, pois o estavam atravessando depressa e o tempo era pouco para absorver tudo. Septiem, o hadonra, repreendeu-o:

— Não demore.

Pug apressou o passo e alcançou Laurie. Mesmo em uma breve observação, o jardim era impressionante. Várias árvores tinham sido plantadas para dar sombra ao lado de três lagos localizados entre árvores em miniatura e plantas floridas. Bancos de pedra estavam disponíveis para um repouso contemplativo e por toda parte serpenteavam

caminhos cobertos por seixos. Ao redor deste minúsculo parque, erguia-se o prédio de três andares. Os dois pisos superiores tinham varandas e várias escadas que os ligavam. Viam-se os serviços atarefados nos últimos andares, mas o jardim parecia estar vazio, pelo menos naquele trecho que tinham percorrido.

Chegaram a uma porta deslizante e Septiem virou-se para eles.

— Vocês, bárbaros, devem ser educados na frente dos senhores desta casa, caso contrário, juro pelos deuses que mandarei esfolar a pele de suas costas — advertiu em tom severo. — E vejam se conseguem fazer tudo o que lhes for ordenado, ou desejarão que o Senhor Hokanu os tivesse deixado apodrecendo nos pântanos.

Ele fez a porta correr para o lado e anunciou os escravos. Foi dada ordem para que entrassem e Septiem empurrou-os para dentro de casa. Perceberam que estavam em uma sala iluminada e colorida, a luz entrando por uma enorme porta translúcida coberta com uma pintura. As paredes eram decoradas com entalhes, tapeçarias e quadros, todos esplendidamente executados, detalhados e delicados. O tapete estava coberto, ao estilo dos tsurani, por várias almofadas. Kamatsu, Lorde dos Shinzawai, estava sentado em uma enorme almofada; do outro lado, encontravam-se seus dois filhos. Todos vestiam túnicas curtas de tecido caro em estilo mais informal. Pug e Laurie mantiveram o olhar baixo até que alguém lhes dirigisse a palavra.

Hokanu foi o primeiro a falar:

— O gigante louro chama-se Loh're e o de tamanho mais normal chama-se Poog.

Laurie começou a abrir a boca, mas uma rápida cotovelada de Pug silenciou-o antes que pudesse dizer algo.

O filho mais velho reparou no gesto e disse:

— Você queria falar alguma coisa?

Laurie ergueu os olhos para logo os baixar. As instruções tinham sido claras: não deveria falar até ser ordenado. Laurie não tinha certeza se podia considerar a pergunta como uma ordem.

— Fale — ordenou o senhor da casa.

Laurie olhou para Kasumi.

— Sou Laurie, amo. Lor-ee. E o meu amigo é Pug, não Poog.

Hokanu pareceu surpreso pela correção, mas o primogênito acenou com a cabeça e repetiu os nomes várias vezes até pronunciá-los da forma certa. Em seguida, perguntou:

— Já montaram a cavalo?

Os dois confirmaram.

— Ainda bem — disse Kasumi. — Assim poderão nos mostrar a melhor maneira de fazê-lo.

O olhar de Pug vagava tanto quanto sua cabeça baixa permitia, mas algo lhe chamou a atenção. Ao lado do Lorde dos Shinzawai estava um tabuleiro de jogo com figuras que pareciam familiares. Kamatsu reparou e disse:

— Conhece esse jogo? — Estendeu o braço e puxou o tabuleiro para a sua frente, deixando-o diante dele. Pug respondeu:

— Amo, eu conheço esse jogo. Em minha terra chama-se xadrez.

Hokanu olhou para o irmão, que se inclinou para a frente.

— Muitos já disseram, meu pai, que houve contato com os bárbaros antes.

O pai fez um gesto com a mão, minimizando a importância do comentário.

— É uma teoria. — Dirigiu-se a Pug: — Sente-se aqui e mostre-me como as peças se movem.

Pug sentou-se, tentando se lembrar do que Kulgan lhe ensinara. Fora um aluno indiferente ao jogo, mas sabia algumas aberturas básicas. Deslocou um peão para a frente e disse:

— Esta peça só pode mover-se para a frente uma única casa, exceto na primeira jogada, amo. Nesse caso, pode avançar duas casas. — O senhor daquelas terras acenou com a cabeça, indicando a Pug que continuasse.

— Esta peça é um cavalo e se desloca assim.

Após ter demonstrado os movimentos de cada peça, o Lorde dos Shinzawai disse:

— Chamamos este jogo de shāh. As peças têm nomes diferentes, mas dá no mesmo. Vamos jogar.

Kamatsu deu as peças brancas a Pug. O rapaz começou o jogo com um movimento convencional do peão do rei e Kamatsu contra-atacou. Pug jogou mal e foi vencido depressa. Os restantes assistiram ao jogo sem dizer uma única palavra. Quando acabou, o senhor disse:

— O seu povo o considera um bom jogador?

— Não, amo. Jogo muito mal.

O tsurani mais velho sorriu e os seus olhos enrugararam-se nos cantos.

— Eu diria que o seu povo não é tão bárbaro como costumamos pensar. Iremos jogar de novo em breve.

Fez um aceno com a cabeça ao filho mais velho e Kasumi levantou-se. Fazendo uma mesura ao pai, ordenou a Pug e Laurie:

— Venham.

Os escravos fizeram uma reverência ao senhor da casa e seguiram Kasumi. Foram levados pela casa até chegarem a um quarto menor, com catres e almofadas.

— É aqui que vão dormir. O meu quarto fica ao lado. Quero tê-los por perto.

Corajoso, Laurie perguntou o que lhe passava na cabeça:

— O que o meu amo deseja de nós?

Kasumi fitou-o por um instante.

— Vocês, bárbaros, nunca darão bons escravos. Sempre se esquecem de seu lugar.

Laurie começou a balbuciar um pedido de desculpas, mas foi interrompido:

— Pouco importa. Estão aqui para me ensinar, Laurie. Irão me ensinar a montar a cavalo e a falar o seu idioma. Os dois. Irei aprender o que esses — fez uma pausa para logo emitir um som monótono e nasalado como ua-ua-ua — ruídos querem dizer quando falam um com o outro.

A conversa foi interrompida pelo som de um único toque de sino que reverberou pela casa.

— Um dos Grandes está chegando — explicou Kasumi. — Fiquem no quarto. Tenho de dar-lhe as boas-vindas com o meu pai. — Foi embora apressado, deixando os dois midkemianos sentados nos novos aposentos, pensando na nova reviravolta que a vida dera.

[...]

O vento trazia uma leve promessa de chuva e Pug apreciou o frescor que sentia na pele. Laurie estava montado no cavalo de Kasumi, enquanto o jovem oficial o observava. O cantor ensinara artesãos tsurani a fazer uma sela e uma rédea para a montaria e estava mostrando como eram usadas.

— Este cavalo foi treinado para batalhas — gritou Laurie. — Ele pode ser guiado pela rédea — demonstrou, puxando-a para um dos lados do pescoço do animal e depois para o outro —, ou pode ser manobrado usando as pernas. — Ergueu as mãos e mostrou ao primogênito da casa como devia fazer.

Passara três semanas ensinando o jovem nobre, que demonstrara um talento natural para montar. Laurie saltou do cavalo e Kasumi tomou o lugar. O tsurani começou cavalgando sem jeito, desacostumado com a sela. Quando Kasumi passou na sua frente, Pug gritou:

— Meu amo, prenda-o bem com as pernas! — O cavalo sentiu a pressão e passou ao trote. Em vez de ficar aflito com o aumento de velocidade, Kasumi parecia extasiado. — Mantenha os calcanhares para baixo! — gritou Pug. Foi então que, sem que tivesse sido instruído por nenhum dos escravos, Kasumi bateu os calcanhares com força nos flancos do animal e o cavalo desatou a correr pelos campos.

Laurie observou-o desaparecer e disse:

— Ou ele é um cavaleiro nato, ou vai se matar.

Pug concordou:

— Acho que leva jeito. Coragem não lhe falta.

Laurie arrancou uma haste de erva do chão e mordeu-a. Abaixou-se e afagou a orelha de uma cadela que estava deitada a seus pés, não só para

distraí-la e evitar que fosse correndo atrás do cavalo, como também para divertir o animal. A cadela rolou e mordiscou-lhe a mão, brincando.

Laurie virou-se para Pug:

— Qual será o jogo do nosso jovem amigo?

Pug deu de ombros.

— Como assim?

— Lembra de quando chegamos aqui? Ouvi dizer que Kasumi estava prestes a partir com os seus companheiros cho-ja. Bem, os três soldados cho-ja partiram hoje de manhã, por isso a Bethel está fora da jaula, e ouvi rumores de que as ordens do primogênito dos Shinzawai tinham mudado de repente. Junte tudo isso com aulas de equitação e de língua e o que temos?

Pug espreguiçou-se.

— Não sei.

— Nem eu. — Laurie estava indignado. — Mas são assuntos de importância crucial. — Olhou para a planície e disse: — Tudo o que eu queria era viajar e contar histórias, cantar minhas músicas, e um dia encontrar uma viúva que fosse dona de uma estalagem.

Pug riu.

— Tenho certeza de que você acharia a vida de taberneiro entediante depois desta grande aventura.

— E que bela aventura. Eu estava com com um grupo de uma milícia provinciana e dei de cara com o exército inteiro dos tsurani. Desde então fui espancado várias vezes, passei mais de quatro meses no meio daquela porcaria de pântanos, corri meio mundo a pé...

— Viemos de carroça, se bem me lembro.

— Bom, percorri meio mundo e agora dou aulas de equitação a Kasumi Shinzawai, primogênito de um lorde de Tsuranuanni. Não me parece ser tema para grandes baladas.

Pug sorriu com tristeza.

— Podiam ter sido quatro *anos* nos pântanos. Você deve se considerar com sorte. Pelo menos você sabe que estará aqui amanhã. Ao menos enquanto Septiem não apanhá-lo rondando a cozinha no meio da noite.

Laurie observou Pug com atenção.

— Eu sei que você está brincando. Quero dizer, sobre Septiem. Já pensei várias vezes em lhe perguntar, Pug. Por que você nunca fala da sua vida antes de ser capturado?

Pug desviou o olhar de modo vago.

— Deve ser um hábito que ganhei no acampamento do pântano. Não vale a pena lembrar daquilo que éramos antes. Vi homens corajosos morrerem por não conseguirem se esquecer de que nasceram livres.

Laurie puxou a orelha do cão.

— Mas aqui a situação é diferente.

— Será? Lembre-se do que me disse em Jamar sobre alguém querer algo de você. Eu acho que quanto mais confortável você estiver aqui, mais fácil fica de eles conseguirem o que querem de você. O senhor Shinzawai não é nenhum tolo. — Parecendo ter mudado de assunto, perguntou: — É melhor treinar um cão ou um cavalo com chicote ou com carinho?

Laurie levantou a cabeça.

— O quê? Ora, com carinho, mas também é preciso disciplina.

Pug acenou afirmativamente com a cabeça.

— Acho que estão nos tratando com a mesma consideração que demonstram com Bethel e os outros cães. Mas não deixamos de ser escravos. Nunca se esqueça disso.

Laurie ficou muito tempo olhando para o campo sem dizer nada.

Os dois foram despertados de seus pensamentos pelos gritos do filho mais velho da casa, que voltava montado no cavalo. Parou o animal quando chegou junto a eles e desmontou com um salto.

— Ele voa — disse em seu Idioma do Rei macarrônico. Kasumi era um aluno brilhante e estava aprendendo depressa. Complementava as aulas de língua com uma enxurrada constante de perguntas sobre a terra e a gente de Midkemia. Pelo visto, não existia um único aspecto da vida no Reino que não lhe interessasse. Pedira exemplos cotidianos, como a forma de pechinchar com vendedores e as formas de tratamento adequadas para falar com pessoas de hierarquias diferentes.

Kasumi levou o cavalo de volta ao barracão que tinham construído para o animal e Pug examinou-o em busca de sinais de patas machucadas. Por tentativa e erro, fizeram farraduras em madeira tratada de resina, mas estas pareciam estar aguentando. No caminho, Kasumi disse:

— Tenho pensado numa coisa. Não entendo como o Rei de vocês governa, com tudo o que me contaram sobre essa Assembleia de Lordes. Podem me explicar?

Laurie olhou para Pug com as sobrancelhas erguidas. Embora não soubesse mais do que Laurie acerca das políticas do Reino, Pug parecia mais habilitado a explicar.

— A assembleia elege o Rei, embora seja mais um aspecto formal — disse Pug.

— Formal?

— Uma tradição. É sempre eleito o herdeiro ao trono, exceto quando não há um sucessor óbvio. É considerada a melhor forma de conter as guerras civis, pois as decisões da assembleia são definitivas. — Explicou, então, como o Príncipe de Krondor tinha abdicado a favor do sobrinho e como a assembleia acatara esse desejo. — Como se faz no Império?

Kasumi refletiu e disse:

— Talvez não seja assim tão diferente. Cada Imperador é um escolhido dos deuses, mas, pelo que me disseram, não se parece com o seu Rei. Ele governa na Cidade Sagrada, contudo sua liderança é espiritual. Protege-nos da ira dos deuses.

— Sendo assim, quem governa? — perguntou Laurie.

Chegaram ao abrigo e Kasumi tirou a sela e a rédea do cavalo, começando a escová-lo.

— Aqui é diferente da sua terra. — Pareceu estar com dificuldade com a língua e mudou para tsurani: — O Lorde Governante de uma família representa a autoridade absoluta na sua propriedade. Cada família pertence a um clã e o senhor mais influente do clã é o Líder de Guerra. No clã, cada senhor de uma família detém alguns poderes, dependendo da influência que possui. Os Shinzawai pertencem ao Clã Kanazawai.

Somos a segunda família mais poderosa nesse clã, depois dos Keda. Quando jovem, meu pai foi comandante dos exércitos do clã, um Líder de Guerra, o que vocês chamariam de general. A posição das famílias muda de geração para geração, por isso é improvável que eu consiga uma posição tão alta. Os dirigentes de cada clã têm assento no Conselho Supremo. Aconselham o Senhor da Guerra, que governa em nome do Imperador, embora o Imperador tenha mais poder do que ele.

— Alguma vez o Imperador contrariou o Senhor da Guerra? — Laurie quis saber.

— Nunca.

— Como escolhem o Senhor da Guerra? — indagou Pug.

— É difícil explicar. Quando o velho Senhor da Guerra morre, os clãs reúnem-se. É gigantesca a reunião de nobres, pois, além dos membros do conselho, todos os chefes de família também comparecem. Juntam-se e tramam, às vezes acontecem lutas sangrentas, mas ao fim é eleito um novo Senhor da Guerra.

Pug afastou o cabelo dos olhos.

— Mas então o que impede o clã do antigo Senhor da Guerra de reivindicar essa posição, se é o mais poderoso?

Kasumi ficou incomodado.

— Não é fácil de explicar. Talvez só os tsurani consigam entender. Existem leis, mas, acima de tudo, existem costumes. Não importa quão poderoso o clã venha a se tornar, ou uma família dentro dele, somente o lorde de uma de cinco famílias poderá ser escolhido como Senhor da Guerra. São os Keda, os Tonmargu, os Minwanabi, os Oaxatucan e os Xacateca. Assim, só cinco lordes poderão ser levados em consideração. O atual Senhor da Guerra é Oaxatucan, e por isso a chama do clã Kanazawai é fraca. O clã dele, os Omechan, é que está agora em ascensão. Somente os Minwanabi estão à sua altura, e, no momento, estão unidos no esforço de guerra. É assim que funciona.

Laurie sacudiu a cabeça.

— Esses assuntos de famílias e clãs fazem a nossa política parecer simples.

Kasumi riu.

— Não se trata de política. A política é terreno das facções.

— Facções? — inquiriu Laurie, obviamente perdido na conversa.

— Existem muitas facções: a Facção da Roda Azul, a da Flor Áurea, a do Olho de Jade, a Facção pelo Progresso, a Facção Bélica e outras. As famílias podem pertencer a facções diferentes, em que cada uma tenta defender as suas próprias necessidades. Por vezes, famílias do mesmo clã pertencem a facções diferentes. Outras vezes, fazem alianças para conseguirem o que precisam naquele momento. Há ainda ocasiões em que podem até apoiar duas facções ao mesmo tempo, ou nenhuma.

— Parece um governo bastante instável — observou Laurie.

Kasumi riu.

— Dura há mais de dois mil anos. Temos um ditado: “No Conselho Supremo não há irmãos.” Lembre-se disso e talvez você consiga entender.

Pug ponderou com cuidado a pergunta seguinte:

— Meu amo, em tudo isso que nos explicou não falou nos Grandes. Por quê?

Kasumi parou de escovar o cavalo e olhou para Pug por um instante, para logo retomar os cuidados.

— Eles não tem nada a ver com política. Estão à margem da lei e não pertencem a nenhum clã. — Ele parou. — Por que a pergunta?

— Eles parecem inspirar grande respeito e, como um deles visitou esta casa há pouco tempo, achei que o senhor pudesse me explicar.

— São respeitados, pois detêm o destino do Império em suas mãos, sempre. É uma imensa responsabilidade. Renunciam a todos os laços e poucos têm vida pessoal fora da comunidade de magos onde vivem. Aqueles que têm família vivem separados e os seus filhos são levados para as antigas famílias quando atingem a maioridade. É uma vida difícil. Fazem muitos sacrifícios.

Pug prestou atenção em Kasumi. De certo modo, ele parecia perturbado com as próprias palavras.

— O Grande que visitou o meu pai fez parte desta família quando era criança. Era meu tio. É difícil para nós lidarmos com a situação, pois ele tem de cumprir as formalidades e não pode reivindicar parentesco. Creio que seria melhor se ele não nos visitasse. — As últimas palavras foram proferidas em voz baixa.

— Por quê, meu amo? — perguntou Laurie, sussurrando.

— Porque é muito difícil para Hokanu. Antes de se tornar meu irmão, ele era filho do Grande.

Terminaram de escovar o cavalo e saíram do barracão. Bethel correu na frente, pois sabia que era quase hora da refeição. Quando passaram pelo canil, Rachmad chamou e a cadelha juntou-se aos outros cães.

Não conversaram ao longo do caminho e Kasumi entrou no quarto sem mais comentários para os midkemianos. Pug sentou-se no catre, aguardando ser chamado para jantar, e pensou em tudo o que aprendera. Apesar dos costumes estranhos, os tsurani não eram muito diferentes de quaisquer outros homens. De certo modo, essa constatação pareceu-lhe tão reconfortante quanto perturbadora.

[...]

Passaram-se semanas, e Pug sentia que a sua vida entrava em uma rotina tranquilizadora. Algumas noites, ficava com o Lorde Shinzawai jogando xadrez — ou shāh, como chamavam ali — e as conversas que mantinham o ajudaram a entender a natureza dos tsurani. Já não pensava naquele povo como alienígena, pois seu cotidiano era muito semelhante ao que conhecera quando era criança. Havia diferenças surpreendentes, tal como a fidelidade rigorosa a um código de honra, mas as semelhanças excediam em muito as diferenças.

Toda a sua vida passou a girar em torno de Katala. Estavam juntos sempre que tinham chance: partilhavam refeições, trocavam palavras rapidamente e, todas as noites que conseguiam, passavam juntos. Pug tinha certeza de que os outros escravos da casa sabiam daqueles românticos encontros secretos, embora a proximidade das pessoas na

vida tsurani tivesse gerado uma certa cegueira quanto aos hábitos pessoais alheios. Ninguém se importava muito com as movimentações de dois escravos.

Várias semanas depois da primeira noite com Katala, Pug encontrava-se sozinho com Kasumi, enquanto Laurie estava envolvido em outra competição de gritos com o artesão que terminava o alaúde. O homem considerava Laurie um tanto insensato por se opor a que o instrumento tivesse acabamentos em amarelo claro com o rebordo roxo. Não via mérito algum em deixar os tons da madeira natural à vista. Pug e Kasumi deixaram o cantor explicando ao artesão os requisitos da madeira para obter uma ressonância adequada, parecendo determinado a convencê-lo tanto pelo volume da voz como pela lógica.

Caminharam para a área dos estábulos. Mais cavalos haviam sido capturados, adquiridos por representantes do Lorde dos Shinzawai e enviados para lá, em troca de uma pequena fortuna e de algumas manobras políticas. Sempre que estava sozinho com os escravos, Kasumi falava o Idioma do Rei e insistia que o tratassem pelo nome. Foi tão rápido em aprender o idioma quanto fora em aprender a montar.

— Nosso amigo Laurie — disse o filho mais velho da casa — jamais se tornará um bom escravo segundo o ponto de vista dos tsurani. Não aprecia as nossas artes.

Pug escutou a discussão que ainda conseguia ouvir vinda da oficina do artesão.

— Acho que está mais preocupado com a apreciação adequada da própria arte.

Chegaram aos estábulos e ficaram observando um garanhão cinzento, que recuou e relinchou quando se aproximaram. O cavalo fora trazido havia uma semana, bem preso a uma carroça, e tentara várias vezes atacar quem quer que se aproximasse.

— Por que este é tão problemático, Pug?

Pug observou o magnífico animal correr em círculos dentro do cercado, agrupando os outros animais e obrigando-os a se afastarem dos homens. Assim que as éguas e o outro garanhão, mais submisso, ficaram

a uma distância segura, o cinzento se virou e observou os dois homens cautelosamente.

— Não sei. Pode ser apenas um cavalo com temperamento ruim por ter sido maltratado ou então ele passou por um treinamento especial para combate. A maioria de nossas montarias de batalha é treinada para não se assustar em combate e para se manterem em silêncio quando as seguramos. Além de reagirem às ordens do cavaleiro em momentos de grande pressão. Algumas, sobretudo as que são montadas pelos senhores, são especialmente treinadas para obedecerem somente ao seu amo e são tanto armas como um meio de transporte, sendo adestradas para atacar. Pode ser esse o caso.

Kasumi reparou que o cavalo raspava a pata no chão e agitava a cabeça.

— Um dia, irei montá-lo — disse. — Seja como for, dará uma forte descendência. Temos agora cinco éguas e meu pai conseguiu outras cinco. Chegarão daqui a poucas semanas e estamos revirando todos os estados do Império em busca de mais. — Kasumi ficou com um ar distante e começou a devanear: — Quando fui ao seu mundo pela primeira vez, Pug, odiava cavalos só de vê-los. Cavalgaram sobre nós e nossos soldados morreram. Mas depois percebi as criaturas magníficas que são. Outros prisioneiros que fizemos, quando ainda estava em seu mundo, disseram que há famílias nobres que são conhecidas somente pela excelente criação de cavalos. Um dia, os melhores cavalos do Império serão os cavalos dos Shinzawai.

— Parece que começou bem, embora, pelo pouco que sei, sejam necessários muitos outros cavalos para ter uma criação.

— Teremos todos que precisarmos.

— Kasumi, como os seus líderes podem dispensar os animais capturados com o esforço na guerra? Você com certeza sabe da necessidade de organizar depressa unidades de cavalaria caso queiram avançar na conquista.

O rosto de Kasumi ganhou uma expressão pesarosa.

— Os nossos líderes são, majoritariamente, arraigados às tradições, Pug. Recusam-se a entender a sensatez de treinar uma cavalaria. Tolos. Os seus cavaleiros atropelam os nossos guerreiros e, ainda assim, eles fingem que não podemos aprender nada, chamando o seu povo de bárbaro. Uma vez sitiei um castelo em sua pátria, e aqueles que o defenderam me ensinaram bastante sobre a arte da guerra. Muitos me chamariam traidor, caso me ouvissem dizer isso, mas só aguentamos algum tempo devido à superioridade numérica. Na maior parte das vezes, os seus generais são mais habilidosos. Tentar manter seus soldados vivos, em vez de enviá-los para a morte certa, reflete certa astúcia. Não, a verdade é que somos dirigidos por homens que... — Calou-se, percebendo que falava de assuntos perigosos. — A verdade — disse por fim — é que somos um povo tão obstinado quanto vocês.

Examinou o rosto de Pug por algum tempo, até que sorriu.

— Tentamos capturar cavalos durante o primeiro ano para que os Grandes do Senhor da Guerra pudessem estudar os animais e tentassem perceber se seriam aliados inteligentes, como os nossos cho-ja, ou meros animais. Foi uma cena verdadeiramente cômica. O Senhor da Guerra insistiu em ser o primeiro a montar um cavalo. Desconfio que optou por um animal muito parecido com este nosso cinzento, pois, assim que se aproximou do animal, o cavalo atacou, quase o matando. Agora, sua honra não permite que mais ninguém tente, já que ele falhou. Além disso, acho que tem medo de tentar com outro animal. O nosso Senhor da Guerra, Almecho, é um homem bastante orgulhoso e tem um gênio terrível, mesmo para um tsurani.

— Sendo assim, como o seu pai consegue continuar adquirindo cavalos capturados? — questionou Pug. — Como você pode montar, sem desrespeitar as ordens do Senhor da Guerra?

O sorriso de Kasumi alargou-se.

— O meu pai tem uma certa influência no conselho. A nossa política é estranhamente intricada, e existem formas de contornar qualquer comando, mesmo que seja do Senhor da Guerra ou do Conselho Supremo, e qualquer outra ordem, excetuando as que venham da Luz do

Céu. Mas, acima de tudo, é porque os cavalos estão aqui e o Senhor da Guerra não está. — Sorriu. — O Senhor da Guerra é soberano somente no campo de batalha. Nesta propriedade, ninguém pode questionar a vontade de meu pai.

Desde que chegara à fazenda dos Shinzawai, Pug estava preocupado com o que Kasumi e o pai pareciam estar tramando. Não duvidava que andassem envolvidos em alguma intriga política tsurani, mas o que seria, ele não fazia ideia. Um senhor poderoso como Kamatsu não se esforçaria tanto só para satisfazer o capricho de um filho, mesmo que fosse o filho preferido, como era o caso. Porém, Pug sabia que não devia se envolver além do que as circunstâncias o obrigavam. Mudou de assunto:

— Kasumi, estava pensando em uma coisa.

— Sim?

— O que diz a lei sobre o casamento entre escravos?

Kasumi não pareceu surpreso com a pergunta.

— Os escravos podem se casar com a permissão do amo. Contudo, essa permissão raramente é concedida. Depois de casados, não se pode separar marido e mulher, nem vender os filhos enquanto os pais viverem. É essa a lei. Se um casal viver muito tempo, a propriedade poderá ficar sobrecarregada com três ou quatro gerações de escravos, muito mais do que pode suportar em termos econômicos. No entanto, às vezes a permissão é concedida. Por quê? Você quer Katala como esposa?

Pug ficou admirado.

— Você sabe?

— Nada se passa na propriedade de meu pai que ele não saiba e que depois não venha me contar — disse Kasumi modestamente. — É uma honra enorme.

Pug acenou a cabeça com um ar pensativo.

— Ainda não sei. Gosto muito dela, mas tem algo me impedindo. É como se... — Encolheu os ombros, não sabendo o que dizer.

Kasumi fitou-o atentamente por algum tempo, até que disse:

— Você está vivo porque meu pai quis assim, e leva sua vida de acordo com seus caprichos. — Kasumi parou por um instante e Pug deu-se conta, com tristeza, de que o abismo entre eles continuava imenso, sendo um deles o filho de um poderoso senhor e o outro, a propriedade de menor valor desse pai: um escravo. A falsa aparência de amizade rompera-se e Pug lembrou de novo o que aprendera no pântano: ali, a vida não tinha importância, e era somente o prazer deste homem, ou de seu pai, que se interpunha entre Pug e a destruição.

Como se lesse os pensamentos de Pug, Kasumi disse:

— Lembre-se, Pug, a lei é dura. Um escravo nunca poderá ser libertado. Ainda assim, existe o pântano e existe este lugar. E, para nós de Tsuranuanni, a gente do Reino é muito impaciente.

Pug sabia que Kasumi estava tentando dizer alguma coisa que talvez fosse de grande importância. Apesar da franqueza em algumas ocasiões, Kasumi conseguia voltar rapidamente ao modo tsurani que Pug só podia chamar de misterioso. Havia uma tensão escondida nas palavras de Kasumi e Pug achou melhor não pressionar. Voltando a mudar de assunto, perguntou:

— Como está a guerra, Kasumi?

Kasumi suspirou.

— Mal para os dois lados. — Observou o garanhão cinzento. — Continuamos a combater em frentes estáveis, inalteradas nos últimos três anos. As nossas duas últimas ofensivas foram contidas, mas o seu exército também não conseguiu nenhuma conquista. Atualmente, passam-se semanas sem uma única batalha. Então seus compatriotas atacam um dos nossos enclaves e nós devolvemos o cumprimento. Pouco se consegue, além de derramamento de sangue. É tudo bastante absurdo e pouca honra provém daí.

Pug ficou admirado. Tudo o que vira dos tsurani reforçava a observação que Meecham fizera anos antes: os tsurani eram uma raça bélica. Durante a viagem até ali, vira soldados por toda parte. Ambos os filhos da casa eram soldados, tal como fora o pai deles quando jovem. Hokanu era Primeiro Líder de Ataque da guarnição do pai, uma vez que

era o segundo filho do Lorde dos Shinzawai, e a forma como lidara com o feitor no acampamento do pântano revelava uma eficiência implacável que Pug sabia não se resumir a um capricho. Era tsurani, e o código tsurani era ensinado desde muito cedo e rigorosamente seguido.

Kasumi sentiu que estava sendo estudado e disse:

— Temo estar amolecendo por causa de seu jeito exótico, Pug. — Fez uma pausa. — Vamos, conte-me mais sobre o seu povo e o que... — Kasumi ficou paralisado. Agarrou o braço de Pug e inclinou a cabeça, escutando. Após um segundo, exclamou: — Não! Não pode ser! — De repente, girou e gritou: — Ataque! Os thūn!

Pug prestou atenção e ouviu ao longe um estrondo fraco, como se uma manada de cavalos galopasse pela planície. Subiu na cerca e olhou para longe. Um prado vasto estendia-se atrás dos estábulos e terminava na orla de uma área escassamente arborizada. Enquanto o alarme soava atrás dele, conseguiu vislumbrar formas saindo de entre as árvores.

Fascinado, Pug contemplava as criaturas chamadas de thūn correndo para o solar. Ficavam cada vez maiores conforme corriam furiosamente para o local onde Pug aguardava. Eram seres enormes, parecidos com centauros, que de longe lembravam cavaleiros sobre cavalos. No entanto, a parte inferior do corpo não parecia a de um equino, lembrava mais um enorme veado ou um alce, embora mais musculoso. Já a parte superior do corpo era completamente humana, ainda que o rosto parecesse imensamente com o de um macaco de focinho comprido. Todo o corpo, com exceção do rosto, era coberto por um pelo de tamanho médio, com manchas cinzentas e brancas. Todas as criaturas empunhavam um porrete ou um machado com a lâmina feita de pedra firmemente amarrada ao punho de madeira.

Hokanu e a guarda da fazenda chegaram correndo da caserna e tomaram posição perto dos estábulos. Os arqueiros aprontaram os arcos e os espadachins formaram fileiras, preparados para receber a investida.

De repente Pug viu Laurie a seu lado, com o alaúde quase terminado na mão.

— O que houve?

— Ataque dos thūn!

Laurie estava tão fascinado com o que via quanto Pug. De repente, pousou o alaúde e saltou para dentro do cercado.

— O que você está fazendo? — gritou Pug.

O trovador desviou-se de um coice defensivo do garanhão cinzento e saltou para a garupa de outro animal, a égua dominante da pequena manada.

— Estou levando os animais para um lugar seguro.

Pug assentiu e abriu o portão. Laurie saiu com a égua, mas o cinzento impedia os outros de a seguirem, fazendo-os recuar. Pug hesitou por um minuto, até que disse:

— Algon, espero que, quando me ensinou, soubesse o que estava fazendo. — Avançou calmamente até o garanhão, tentando transmitir uma sensação de comando. Quando o garanhão baixou as orelhas e resfolegou, Pug ordenou:

— Fique!

Ao ouvir a ordem, as orelhas do cavalo levantaram e ele pareceu estar se decidindo. Pug sabia que o tempo era crucial e não interrompeu o ritmo da aproximação. O cavalo examinou-o quando chegou do seu lado e Pug voltou a ordenar:

— Fique!

Antes que o animal fugisse, Pug agarrou uma madeixa da crina e saltou para a garupa do animal.

O cavalo de combate, por ter sido treinado assim ou por mera sorte, considerou Pug parecido o bastante com seu antigo dono para obedecer. Talvez fosse o clamor da batalha ao redor, mas, independente do motivo, o cinzento deu um salto para a frente em resposta às ordens dadas pelas pernas de Pug e saiu correndo pelo portão. Pug agarrou-se bem com as pernas, lutando pela vida. Quando o cavalo passou pelo portão e virou para a esquerda, Pug gritou:

— Laurie, pegue os outros! — Pug olhou de relance por cima do ombro e viu os outros animais atrás da líder da manada quando Laurie passou o portão com a égua.

Pug viu Kasumi correndo com a sela na mão e gritou:

— Ôa!

Ao mesmo tempo, tentava se manter o mais firme possível sem sela. O garanhão parou e Pug comandou:

— Fique! — O garanhão cinzento escavou o chão, antecipando o combate. Ao se aproximar, Kasumi gritou:

— Afastem os cavalos da luta. Trata-se de um Ataque Sangrento e os thūn não irão embora até cada um ter matado pelo menos uma vez. — Gritou a Laurie que parasse e, enquanto a pequena manada dava mostras de agitação, selou um dos animais rapidamente e afastou-o dos demais.

Pug esporeou o cavalo cinzento com as pernas, conduzindo a égua que Laurie montava e os outros para a lateral do solar. Mantiveram os animais agrupados fora da vista dos agressores thūn. Viram um soldado contornando a casa, carregado com armas. Ele se aproximou de Pug e Laurie e gritou:

— O meu senhor Kasumi ordenou que vocês defendam os cavalos com as próprias vidas. — Entregou uma espada e um escudo a cada escravo, virou-se e correu de volta ao combate.

Pug contemplou o estranho armamento, muito mais leve do que qualquer outro com o qual tivesse treinado. Um grito estridente interrompeu sua contemplação quando Kasumi contornou a casa cavalgando, lutando contra um guerreiro thūn. O primogênito dos Shinzawai montava bem e, mesmo sem muita prática no combate a cavalo, era um excelente espadachim. A sua inexperiência era compensada pelo desconcerto do thūn diante do cavalo, pois, embora aparentemente fosse o mesmo que lutar contra alguém de sua própria raça, o cavalo também estava atacando, mordendo o peito e o rosto da criatura.

Farejando os thūn, o animal cinzento de Pug empinou, quase derrubando-o, mas o rapaz conseguiu agarrar-se bem à crina e apertar as pernas com força. Os outros cavalos relincharam e Pug se debateu para impedir que o dele atacasse. Laurie gritou:

— Eles não gostam do cheiro daquelas coisas. Veja como o cavalo de Kasumi está se comportando.

Outra criatura apareceu e Laurie, com um grito, cavalgou para interceptá-la. Encontraram-se com um choque de armas e Laurie amparou com o escudo o golpe do bastão thūn. Com a espada, trespassou a criatura no peito. Ela gritou em um idioma estranho e gutural, cambaleando por um momento para depois tombar.

Pug ouviu gritos vindos de dentro da casa e se virou para ver uma das estreitas portas deslizantes explodir quando um corpo foi atirado violentamente para fora. Um escravo espantado levantou cambaleante e acabou caindo, o sangue jorrando de uma ferida na cabeça. Outras silhuetas saíram apressadas pela porta.

Pug viu Katala e Almorella fugindo da casa seguidas por outros serviciais, com um guerreiro thūn em seu encalço. A criatura se aproximou velozmente de Katala, o porrete erguido no ar.

Pug chamou-a e o cinzento sentiu a inquietação do cavaleiro. Sem ser ordenado, o enorme cavalo de guerra lançou-se para a frente, interceptando o thūn que se aproximava da escrava. O cavalo estava enfurecido devido aos sons do combate ou ao odor dos thūn. Chocou-se com força contra o invasor, mordendo e atacando com as fortes patas dianteiras; as patas do thūn cederam. Com o choque, Pug foi arremessado e caiu com violência. Ficou momentaneamente atordoado, até que conseguiu ficar em pé. Cambaleou até ao ponto onde Katala estava encolhida e puxou-a para longe do garanhão enraivecido.

O cavalo cinzento empinou-se por cima do thūn imóvel e escoiceou-o. Atacou várias vezes o thūn, até não restar a mínima dúvida de que não sobrara um único sopro de vida na criatura caída.

Pug ordenou ao cavalo que parasse e ficasse quieto até que, resfolegando de modo insolente, o animal interrompeu o ataque, mantendo as orelhas para trás, e estremeceu. Pug chegou perto e afagou-lhe o pescoço até que se acalmasse.

Então fez-se silêncio. Pug olhou em volta e viu Laurie reunindo os animais, que haviam se dispersado. Deixou a sua montaria e regressou

para perto de Katala, que estava sentada na grama, tremendo, com Almorella a seu lado.

Ajoelhando-se à sua frente, Pug perguntou:

— Você está bem?

Ela inspirou fundo e sorriu com um ar amedrontado.

— Sim, mas por um instante achei que ia ser pisoteada.

Pug olhou para a escrava que se tornara tão importante para ele e disse:

— Também pensei que isso fosse acontecer.

Logo estavam sorrindo um para o outro. Almorella se levantou, dizendo que ia ver como estavam os outros.

— Tive tanto medo que você estivesse ferida — continuou Pug. — Achei que fosse enlouquecer quando a vi fugindo daquela criatura.

Katala colocou a mão no rosto de Pug e percebeu que estava molhado de lágrimas.

— Tive tanto medo por você — disse ele.

— E eu por você. Achei que ia morrer, do jeito que você atacou o thün. — Começou a choramingar. Devagar, aninhou-se nos braços dele.

— Não sei o que faria se você morresse. — Pug abraçou-a com todas as suas forças. Por alguns minutos, ficaram sentados, até Katala se recompor. Afastando-se de Pug devagar, ela disse: — A fazenda está um caos. Septiem deve ter milhares de tarefas para nós. — Começou a se levantar e Pug agarrou-lhe a mão.

— Não sabia... antes, quero dizer — disse ele, levantando-se diante dela. — Eu amo você, Katala.

Ela sorriu, tocando-lhe o rosto.

— E eu amo você, Pug.

Aquele momento de revelação foi interrompido pelo surgimento do Lorde Shinzawai e de seu filho mais novo. Olhando ao redor, passou em revista os danos em sua casa, enquanto Kasumi surgia a cavalo, salpicado de sangue. Batendo continência ao pai, disse:

— Fugiram. Já enviei homens aos fortes de vigia ao norte. Devem ter dominado uma das guarnições para terem conseguido passar.

O Lorde Shinzawai acenou, mostrando que entendera, e se virou para entrar em casa, chamando o Primeiro Conselheiro e outros funcionários superiores para comunicarem os danos.

— Conversamos mais tarde — sussurrou Katala a Pug, e atendeu aos gritos roucos de Septiem, o hadonra. Pug juntou-se a Laurie, que avançara a cavalo até ficar ao lado de Kasumi.

O menestrel olhou para as criaturas mortas no chão e indagou:

— Que criaturas são essas?

— São thūn — Kasumi respondeu. — Criaturas nômades das tundras ao norte. Temos fortes ao longo das bases das montanhas que separam nossas terras das deles, em todas as passagens. Antes, eles vagueavam por estas cordilheiras, até que os afugentamos para o norte. Às vezes, tentam regressar para as terras mais quentes do sul. — Apontou para um talismã preso ao pelo de uma das criaturas. — Foi um Ataque Sangrento. São todos jovens machos, ainda não testados em seus bandos, sem parceiras. Falharam nos ritos de combate que ocorrem no verão e foram banidos do grupo por machos mais fortes. São obrigados a vir para o sul para matar pelo menos um tsurani antes de terem permissão de regressar ao bando. Cada um tem de voltar com a cabeça de um tsurani, ou não poderá retornar. É o costume deles. Aqueles que fugirem serão perseguidos, pois não poderão atravessar de volta para a cordilheira onde habitam.

Laurie balançou a cabeça.

— Isto acontece muitas vezes?

— Todos os anos — disse Hokanu com um sorriso forçado. — Normalmente, os fortes de vigia os detêm, mas este ano devia ser um grupo muito grande. Muitos já devem ter regressado para o norte, com as cabeças decepadas dos nossos homens nos fortes.

— Também devem ter destruído duas patrulhas — acrescentou Kasumi, e balançou a cabeça. — Perdemos entre sessenta e cem homens.

Hokanu pareceu refletir a infelicidade do irmão mais velho com aquela desgraça.

— Eu próprio comandarei uma patrulha para verificar os estragos.

Kasumi deu permissão e ele partiu. Então virou-se para Laurie:

— Os cavalos? — Laurie indicou o lugar onde o garanhão que Pug montara vigiava os outros.

— Kasumi, quero pedir permissão a seu pai para casar com Katala — disse Pug subitamente.

Kasumi semicerrou os olhos.

— Escute bem, Pug. Tentei ensinar-lhe, mas parece que você não entendeu o que eu quis dizer. O seu povo não é nada sutil. Então agora vou explicar de forma direta: você pode pedir, mas o pedido será recusado.

Pug começou a protestar, mas Kasumi o interrompeu:

— Como disse antes, vocês são impacientes. Existem motivos. Não posso falar mais que isso, mas temos nossos motivos, Pug.

A raiva brilhou nos olhos de Pug e Kasumi disse, no Idioma do Rei:

— Diga uma única palavra de ira que seja ouvida por qualquer soldado desta casa, especialmente pelo meu irmão, e será um escravo morto.

— Seja feita a sua vontade, meu amo — disse Pug de modo áspero.

Notando a amargura na expressão do rapaz, Kasumi repetiu com delicadeza:

— Existem razões para isso, Pug. — Por um momento, tentou ser mais do que o amo tsurani, mostrou-se um amigo que tentava aliviar a dor e o sofrimento. Fitou Pug nos olhos e um véu desceu sobre os seus: os dois voltaram a ser escravo e amo.

Pug baixou os olhos como era esperado de um escravo e Kasumi disse:

— Cuide dos cavalos. — Afastou-se a passos largos, deixando Pug sozinho.

Pug nunca mencionou o pedido a Katala. Ela sentiu que Pug estava profundamente incomodado com algo que parecia acrescentar uma nota amarga aos momentos felizes que passavam juntos. O escravo percebeu a intensidade do amor que sentia por ela e começou a explorar

a natureza complexa da jovem. Além de determinada, era bastante perspicaz. Só era preciso explicar algo uma vez para que ela entendesse. Aprendeu a amar o espírito sarcástico de Katala, uma qualidade própria de seu povo, os thuril, aguçado como o fio de uma navalha pelo cativeiro. Era uma observadora de tudo o que a rodeava, comentando implacavelmente as manias de todos que viviam naquela casa, em detrimento deles e para deleite de Pug. Insistiu em aprender um pouco de sua língua e ele começou a ensiná-la. Por sua vez, ela demonstrou ser uma excelente aluna.

Dois meses se passaram tranquilamente até que, uma noite, Pug e Laurie foram chamados à sala de jantar do senhor da casa. Laurie concluíra o trabalho no alaúde e, apesar de insatisfeita com uma centena de detalhes, considerou-o aceitável. Naquela noite, iria tocar para o Lorde dos Shinzawai.

Entraram na sala e viram que o lorde recebia uma visita, um homem vestido de negro, o Grande que tinham visto de relance meses antes. Pug ficou junto à porta, enquanto Laurie ocupou um lugar na cabeceira da mesa de jantar baixa. Ajeitando a almofada na qual estava sentado, começou a tocar.

Quando as primeiras notas pairavam no ar, começou a cantar uma melodia antiga que Pug conhecia bem. Celebrava as alegrias das colheitas e as riquezas da terra, uma das canções preferidas nas aldeias agrícolas por todo o Reino. Além de Pug, somente Kasumi entendia as palavras, embora o pai conseguisse compreender algumas que aprendera jogando xadrez com Pug.

Pug nunca ouvira Laurie cantar e ficou sinceramente impressionado. Com toda a fanfarronice do trovador, ele era melhor do que qualquer outro que ouvira. Sua voz era límpida, um verdadeiro instrumento, expressiva na letra e na melodia. Quando terminou, os presentes bateram delicadamente com as facas na mesa, em um gesto que Pug julgou equivalente a aplausos.

Laurie começou outra melodia, uma ária alegre tocada nos festivais por todo o Reino. Pug lembrou da última vez que a ouvira, no Festival de

Banapis do ano anterior à sua saída de Crydee rumo a Rillanon. Quase conseguiu ver, uma vez mais, as paisagens familiares de sua terra. Pela primeira vez em anos Pug sentiu uma tristeza profunda e uma saudade que quase o esmagaram.

Engoliu em seco, suavizando o aperto na garganta. Saudades de casa e uma frustração desesperada guerreavam em seu interior, levando-o a sentir o autocontrole arduamente adquirido se dissipar. Depressa usou um dos exercícios tranquilizadores que Kulgan lhe ensinara, sendo invadido por uma sensação de bem-estar que o fez relaxar. Enquanto Laurie tocava, Pug usou toda a sua concentração para afastar aquelas inquietantes memórias de sua terra. Suas capacidades criaram uma aura de serenidade na qual podia abrigar-se, um refúgio da raiva inútil, único legado daquelas reminiscências.

Durante a performance, Pug sentiu várias vezes o olhar do Grande sobre ele. O homem parecia estudá-lo com uma pergunta nos olhos. Quando Laurie terminou, o mago se inclinou e falou com o anfitrião.

O Lorde dos Shinzawai fez sinal para que Pug se aproximasse da mesa. Ao se sentar, o Grande disse a ele:

— Preciso lhe perguntar uma coisa. — A sua voz era límpida e forte, e o tom fazia-o lembrar Kulgan quando preparava Pug para as aulas. — Quem é você?

A pergunta simples e direta pegou de surpresa todos à mesa. O senhor da casa pareceu inseguro com a pergunta do mago e começou a responder:

— É um escravo...

Mas foi interrompido pela mão levantada do Grande.

— Meu nome é Pug, senhor.

Os olhos escuros do homem voltaram a examiná-lo.

— Quem é você?

Pug ficou nervoso. Jamais gostara de ser o centro das atenções e, desta vez, elas estavam centradas nele como nunca antes.

— Sou Pug, ex-membro da corte do Duque de Crydee.

— Quem é você, para irradiar poder? — Ao ouvir essas palavras, os três homens da casa dos Shizawai estremeceram e Laurie olhou confuso para Pug.

— Sou um escravo, senhor.

— Dê-me sua mão.

Pug estendeu a mão e o Grande a agarrou. Os lábios do homem se moveram e os seus olhos se nublaram. Pug sentiu uma onda de calor passando da mão para o corpo. A sala parecia brilhar em uma suave neblina branca. Até Pug não ver nada além dos olhos do mago. Sentiu a mente ficar ofuscada e o tempo parou. Percebeu, então, uma pressão dentro da cabeça, como se algo tentasse entrar. Debateu-se e a pressão se afastou.

Sua visão clareou e os dois olhos escuros pareceram se distanciar de seu rosto até que ele conseguiu voltar a ver a sala. O mago largou a mão dele.

— Quem é você? — Um breve bruxulear em seus olhos foi o único indício de sua grande preocupação.

— Sou Pug, aprendiz do mago Kulgan.

Ao ouvir isso, o Lorde dos Shizawai empalideceu, revelando confusão no rosto.

— Mas como...?

O Grande de vestes negras levantou-se e anunciou:

— Este escravo deixou de pertencer a esta casa. Está agora sob o domínio da Assembleia.

A sala ficou em silêncio. Pug não entendia o que estava acontecendo e ficou com medo.

O mago retirou um dispositivo do manto. Pug lembrava-se de ter visto um objeto daqueles durante o ataque ao acampamento tsurani, e sentiu ainda mais medo. O mago o ativou e o aparelho zumbiu como o outro. Colocou uma mão no ombro de Pug e a sala sumiu em uma névoa cinzenta.

SUMÁRIO

Manifesto da coleção bang!

Carta do Editor

Dedicatória do autor

Prefácio à edição revisada

Mapa de Midkemia

Livro 1 – Aprendiz: Pug e Tomas

 Capítulo 1 – Tempestade

 Capítulo 2 – Aprendiz

 Capítulo 3 – A Torre

 Capítulo 4 – Assalto

 Capítulo 5 – Naufrágio

 Capítulo 6 – Conselho dos Elfos

 Capítulo 7 – Compreensão

 Capítulo 8 – Viagem

 Capítulo 9 – Mac Mordain Cadal

 Capítulo 10 – Resgate

 Capítulo 11 – A Ilha do Feiticeiro

 Capítulo 12 – Reuniões

 Capítulo 13 – Rillanon

 Capítulo 14 – Invasão

 Capítulo 15 – Conflitos

 Capítulo 16 – Investida

 Capítulo 17 – Ataque

Capítulo 18 – Cerco

Agradecimentos

Agradecimentos referentes à edição revisada

Excerto de *Mago Mestre*